Jornal do EXÉRCITO

Academia Militar

publicação mensal
Ano LXII – JE705 – Jan21 – €2,00

EXÉRCITO PORTUGAL

EXÉRCITO
PORTUGAL

o Exército
nas redes sociais

exercito.pt

@ExercitoPortuguesPRT
@exercitoportugues_oficial
Exército Recrutamento
@Exercito_pt
800 20 12 74

no INSTAGRAM:

1119 publicações
49,3 mil seguidores

A 9.ª Força Nacional Destacada para a República Centro-Africana (9FND/RCA) treinou no Campo de Tiro de Alcochete - Tiro de Atirador Especial de Cobertura, a partir da plataforma aérea (helicóptero Leonardo AW119MKII "KOALA").

Esta Força constituirá a Força de Reação Rápida da Missão Multidimensional Integrada das Nações Unidas para a Estabilização da RCA (MINUSCA) no 2.º semestre de 2021.

no TWITTER

151 seguidores

No âmbito da defesa Nuclear, Biológica, Química e Radiológica (NBQR), os militares da 5.ª Força de Reação Rápida no Teatro de Operações do Afeganistão realizaram, recentemente, um treino conjunto com elementos essenciais na resposta a esta tipologia de incidentes. O exercício, para além de permitiu validar a capacidade de resposta dos militares portugueses a este tipo de ameaça.

no YOUTUBE:

No âmbito das comemorações do dia do Jornal do Exército, foi publicado, no canal de youtube do Exército Português, um vídeo promocional acerca da missão, valores e história do Jornal do Exército. Parabéns a todos militares e civis que prestam ou prestaram serviço no Jornal do Exército ao longos destes 61 anos, honrando a divisa "Informar Para Bem Servir".

1 855 visualizações

no FACEBOOK

152 474 seguidores
547 gostos

20 Equipas de Operadores da Plataforma Trace COVID-19 já realizaram mais de 150 mil rastreios de contactos de doentes com a COVID-19 e 70 mil inquéritos epidemiológicos. Uma reportagem disponível nas plataformas da SIC, que decorreu no Regimento de Cavalaria N.º 3, em Estremoz.

Major-General
Luís António M. Baptista

Comandante da Academia Militar

A Academia Militar é escola secular de formação de oficiais para o Exército, que formou oficiais para a Força Aérea e que desde o inicio dos anos noventa do século passado forma, igualmente, os oficiais para a Guarda Nacional Republicana. Desde 1838, com a criação da Escola do Exército e até aos dias de hoje, a Academia Militar formou 12 825 oficiais do Exército, 1066 da Força Aérea e 793 da Guarda Nacional Republicana, numa formação centrada em competências técnicas, comportamentais, físicas e humanas que habilitam estes oficiais ao desempenho da multiplicidade de funções e tarefas que lhes são atribuídas ao longo da carreira militar.

Os ciclos de estudos ministrados na Academia Militar são reconhecidos pela Agencia de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior, complementados com todas as atividades de investigação, desenvolvimento e inovação que promovemos, bem como pela crescente valorização da cooperação internacional, que envolve não apenas os alunos, mas igualmente os docentes.

Dispomos de um corpo docente qualificado e competente, de onde sobressaem um elevado número de docentes habilitados com o grau académico de Doutor, além dos instrutores, oficiais e sargentos, que asseguram a formação militar e física, bem como do pessoal que diariamente garante o adequado funcionamento do serviço de alimentação, o tratamento dos equídeos e a limpeza e conservação dos diferentes espaços, todos eles constituindo os elos de uma cadeia bem oleada, cujos empenho e dedicação foram colocados em maior evidencia, nos difíceis tempos que vivemos.

Mas o que diferencia a formação ministrada na Academia Militar do normal ensino superior universitário é a importância que damos aos valores, tais como a disciplina, a disponibilidade, a honra, a lealdade, a coragem, o patriotismo e a segurança, que estruturam o caráter de cada um dos nossos garbosos cadetes, homens e mulheres que tudo farão para honrar Portugal e servir os Portugueses, onde e quando for preciso.

INFORMAR PARA BEM SERVIR

Coronel de Cavalaria António Nuno Reis Carrapatoso **Marcos de Andrade**, Diretor do *Jornal do Exército*

A situação pandémica que atualmente o mundo vive, e que tem afetado os cidadãos e as Instituições nacionais, nomeadamente o Exército, assim como as Unidades, Estabelecimentos e Órgãos, que o constituem, tem obrigado a um esforço suplementar de todos os seus elementos desde o Funcionário Civil, passando pelos Oficiais, Sargentos e Praças, até aos Oficiais Generais da Comando Superior do Exército.

Apesar desta situação, o Exército tem continuado a cumprir a sua missão, nas suas várias vertentes, como seja a formação de novos quadros, o aprontamento de Forças Nacionais Destacadas, o apoio a entidades civis com algumas das capacidades técnicas específicas que tem, entre outras ações.

É neste sentido, de continuidade e de evolução, que a revista *Jornal do Exército*, neste seu primeiro número de 2021, apresenta um novo *layout* de capa, assim como uma nova estrutura interna, e pedimos colaboração para revelar aos nossos leitores como o Exército continua a cumprir e a lutar contra a Covid-19.

Neste número da revista temos um artigo do Comando da Academia Militar, que nos dá a conhecer como são atualmente formados os novos Oficiais do quadro permanente do Exército. Fomos até ao Regimento de Comandos, para fazer uma reportagem sobre o Curso de Comandos em situação de pandemia, e tivemos a colaboração do Centro de Informação Geoespacial do Exército para uma série de artigos, que iniciamos neste número. Também a Direção de Saúde, com um artigo do Sr. Major Médico Rui Fialho, descreve o Apoio Sanitário que o Exército tem dado na luta contra a pandemia.

Na nossa rubrica Cultura e Lazer, iniciamos, com este número, a divulgação de livros, uns recentes e outros mais antigos, relacionados com o último conflito no ex-ultramar português, que iremos manter ao longo de todo este ano, precisamente, porque, em 2021, perfaz 60 anos do início deste conflito.

Boas leituras.

Sumário

Palavras de Apresentação 03
Editorial 04

Figuras e Factos

Destaque 06
Território Nacional 08
Outras Notícias 13

Atualidades

... mais que mil palavras 14
Unidades
- Academia Militar 16
Capacidades
- O Apoio Sanitário do Exército no Combate à COVID-19 22
Capacidades
- Unidade de Apoio GeoEspacial - I Parte 26
Capacidades
- Ser Comando 30
Atualidades
- XXIX Colóquio de História Militar 36
Testemunho
- Cabo Adjunto Monteiro 39
Lá por Fora
- «Não partiria para o Mali sem os militares» 40
- Sistema ATLAS 41

Cultura e Lazer

Uma Visão da História
- Almeida Garret: Tempos que passam.... Figuras que ficam 42
Roteiros Militares 46
Livros & Revistas 48
Peças Icónicas 49
In Memoriam 50

Academia Militar 16
Fonte : CAVE

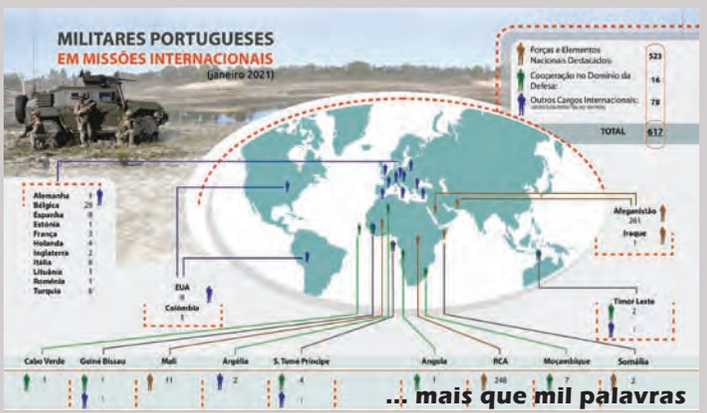


Imagem da sub-rubrica "... mais que mil palavras": Militares Portugueses em Missões Internacionais **(Montagem : JE)**

Imagem da Capa : .Academia Militar **(Foto : CAVE)**

Jornal do EXÉRCITO

Órgão de divulgação e preservação da cultura militar, nos termos da alínea *a)*, do artigo 75.º, do Decreto Regulamentar n.º 11/2015, de 31 de julho

PROPRIEDADE DO ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO – Rua do Museu da Artilharia, 1149-065 LISBOA, Contactos: Tel. Civil: 218 842 300; tel. militar – 423 000; Fax civil: 218 842 527; fax militar: 423 227; e-mail: eme@exercito.pt. **Sede da Direção, Redação, Edição e Administração**: Palácio dos Condes de Resende, Campo de Santa Clara, 34, 1100-469 Lisboa. **NIPC**: 600021610. **Contactos**: tel. civil: 213 567 795; tel. militar: 414 026; fax civil: 213 567 791; fax militar: 414 091; *e-mails*: jornal.do.exercito@exercito.pt; *site* oficial: www.exercito.pt. **Estatuto Editorial**: https://www.exercito.pt/pt/quem-somos/organizacao/ceme/gabeceme/je; **Direção – Diretor**: Cor Cav António Marcos de Andrade; **Subdiretor**: TCor Tm Carlos Pires de Sousa; **Secretária**: AssTec Joana Moita; **Condutor**: 1Cb RC Rui Pires; **Redação – Chefe**: TCor Tm Carlos Pires de Sousa; **Assistente de Redação**: SAj SGE David Custódio; 1Sarg PesSec Mónica Martins; **Colaboradores permanentes da Redação**: Alf RC Jaime Pereira; TSup João Moreira Tavares; TSup Tânia Espírito Santo; AssTec Guiomar Brito; **Serviços Administrativos – Chefe**: TCor Tm Carlos Pires de Sousa; **Secretaria e Distribuição**: SCh SGE Carlos Claudino, 1Cb RC Rui Pires; **Colaboração Fotográfica**: Centro de Audiovisuais do Exército; RCRPP/GabCEME; **Execução Gráfica**: Jorge Fernandes, Lda. – Rua Quinta Conde de Mascarenhas n.º 9, 2820-652 Charneca de Caparica, Tel: 212 548 320, *e-mail*: geral@jorgefernandes.pt; Tiragem: 4.000 exemplares. Depósito Legal n.º 1465/82 ISSN – 0871/8598. **Preço de Capa**: €2,00; **Assinatura anual** (11 números): **via superfície** – Continente, Açores e Madeira: €20,00; **via aérea** – países europeus: €45,00; restantes países: €65,00. Os artigos publicados com indicação de autor são da inteira responsabilidade dos mesmos, não refletindo, necessariamente, o pensamento da Chefia do Exército Português.

Mais de 300 pessoas infetadas, provenientes de 11 Hospitais, foram internadas nesta estrutura hospitalar de retaguarda gerida pelo Exército

Ministro da Defesa Nacional visita o Centro de Apoio Militar COVID-19

O Ministro da Defesa Nacional, Professor Doutor João Gomes Cravinho, visitou, no dia 21 de dezembro, o Centro de Apoio Militar (CAM) COVID-19, em Belém, estrutura hospitalar de retaguarda que se tem constituído como um importante recurso de apoio na complementaridade dos hospitais da Administração Regional de Saúde de Lisboa e Vale do Tejo (ARSLVT) no tratamento da COVID-19.

Desde 17 de junho, o Exército, com o apoio da ARSLVT, tem vindo a receber um número crescente de doentes no CAM COVID-19 – mais de 300 pessoas infetadas –, provenientes de 11 Hospitais: Santa Maria, São Francisco Xavier e Curry Cabral (Lisboa), Professor Doutor Fernando Fonseca (Amadora), Beatriz Ângelo (Loures), Cascais, Vila Franca de Xira, Torres Vedras, Santarém, Setúbal e Barreiro-Montijo.

Este apoio decorre no âmbito do esforço conjugado de combate ao novo Coronavírus (SARS-CoV-2), ao abrigo do Protocolo de Cooperação celebrado entre o Exército Português e a ARSLVT, contribuindo, deste modo, para o combate à pandemia que assola o País e o mundo.

CENTRO DE APOIO MILITAR
COVID-19

Cerimónia de encerramento dos Cursos de Operações Especiais e do Curso de *Sniper* de Operações Especiais

A 18 de dezembro, na Parada Interior do Quartel de Santa Cruz, do Centro de Tropas de Operações Especiais (CTOE), em Lamego, o Comandante, Coronel Raul Matias, presidiu à cerimónia de encerramento do Curso de Operações Especiais do Quadro Permanente, do 2.º Curso de Operações Especiais para Sargentos e Praças em Regime de Contrato de 2020 e do Curso *Sniper* de Operações Especiais.

Como já é tradição, realizou-se no mesmo local e na noite anterior, a cerimónia de receção das mochilas, seguindo-se a celebração de uma eucaristia, na Igreja de Santa Cruz, na qual o Capelão, Tenente-Coronel Seixeira, procedeu à bênção das boinas e das insígnias de Operações Especiais (OEsp).

A cerimónia militar integrou a Homenagem aos Mortos, a Leitura dos Mandamentos do Militar de OEsp, a imposição das insígnias e das boinas *verde seco* aos novos membros da família *Ranger* de Lamego. Por último, foi atribuída a insígnia Dourada de OEsp ao pai de um militar que concluiu neste dia o Curso de OEsp, também ele detentor desta especialidade.

Exército lança novo *website* institucional e passa a marcar presença no *Twitter*

O Exército Português, dando sequência às medidas que tem vindo a implementar no âmbito da comunicação digital, acabou de lançar o seu novo *website* institucional, que se pretende mais moderno, intuitivo e informativo. A atualização desta plataforma de comunicação, que se insere no objetivo estratégico de "Dinamizar a Comunicação do Exército", visa disponibilizar informação aos Portugueses, com maior acuidade e detalhe, sobre as diferentes dimensões em que se consubstancia a missão do seu Exército.

Tendo em vista consolidar a sua presença *online*, este *website* passa a disponibilizar novos conteúdos e produtos multimédia, numa lógica de complementaridade com a informação veiculada através das redes sociais onde o Exército marca presença, nomeadamente no *Facebook*, no *Instagram*, no *YouTube* e também, a partir de agora, no *Twitter*.

Brigadeiro-General Vale do Couto é o novo Comandante da Zona Militar da Madeira

Na Praça D´Armas do Forte de São Brás, no Quartel-General da Zona Militar dos Açores (ZMA), teve lugar a 6 de janeiro, a cerimónia de tomada de posse do novo Comandante da ZMA, Brigadeiro-General (BGen) Vale do Couto, que sucedeu no cargo ao BGen Meireles dos Santos.
Presidida pelo Chefe do Estado-Maior do Exército, General José Nunes da Fonseca, a cerimónia contou com a presença do Vice-Presidente da Câmara Municipal de Ponta Delgada, Dr. Pedro Furtado; do Comandante das Forças Terrestres, Tenente-General Martins Pereira; do Presidente da Junta de Freguesia de São José, Sr. Jorge Oliveira e do Comandante Operacional dos Açores, Vice-Almirante Edgar Ribeiro, entre outras entidades.
Após a leitura do despacho de nomeação e da assinatura do Termo de Posse de Comando, o BGen Vale do Couto recebeu das mãos do Tenente-General Martins Pereira o Estandarte Nacional confiado à guarda da ZMA, atos que simbolizaram a sua tomada de posse como Comandante.

Major-General Rodrigues Lopes toma posse como Diretor de Finanças do Exército

Na Sala de Honra da Direção de Finanças, em Lisboa, teve lugar no dia 8 de janeiro, a cerimónia de tomada de posse do novo Diretor de Finanças do Exército, Major-General (MGen) Rodrigues Lopes, que sucedeu no cargo ao MGen Oliveira Gomes.
A cerimónia, presidida pelo Chefe do Estado-Maior do Exército (CEME), General José Nunes da Fonseca, iniciou-se com a leitura do despacho de nomeação e da síntese curricular do MGen Rodrigues Lopes, a que se seguiu a assinatura do Termo de Posse de Comando e a imposição do escudo de peito ao novo Diretor de Finanças.
Na sua intervenção, o CEME desejou ao novo Diretor de Finanças votos de boa sorte e sucesso profissional para o desempenho do cargo de alta relevância que agora inicia, com direta responsabilidade pela administração dos recursos financeiros do Exército, destacando o facto do MGen Rodrigues Lopes já ter dado sobejas provas de determinação, sobriedade, rigor e capacidade de liderança, qualidades que soube sempre caldear com a sua ânsia permanente de valorização, capacidade de superação e procura da qualidade.

Dia do Jornal do Exército

O Jornal do Exército (JE) comemorou o seu 61.º aniversário numa cerimónia simples, no dia 11 de janeiro, data do seu aniversário, cumprindo todas as restrições devido à pandemia da COVID-19.

O JE continua a sua missão de divulgar a informação e imagem do Exército, contribuindo para o adequado conhecimento das suas Unidades, Estabelecimentos e Órgãos e das suas atividades junto das populações.

Esta publicação mensal do Exército tem como objetivos: veicular no meio militar a informação interna de que for incumbida; contribuir para o adequado conhecimento do Exército pela população em geral; divulgar assuntos relevantes do Exército e das Forças Armadas e colaborar com outros órgãos ou entidades, militares ou civis, nacionais ou estrangeiros, em atividades respeitantes à imprensa militar ou a eventos de natureza cultural.

No âmbito das comemorações do Dia do Jornal do Exército foi publicado, no dia 11 de janeiro, no canal do *YouTube* do Exército Português, um vídeo promocional acerca da missão, valores e história do JE. Nele aparecem todos os militares e civis que prestam serviço no JE, honrando a divisa "Informar Para Bem Servir".

Dia da Academia Militar

O Exército assinalou, a 12 de janeiro, o Dia da Academia Militar (AM), em Lisboa, tendo as comemorações sido presididas pelo Ministro da Defesa Nacional (MDN), Professor Doutor João Gomes Cravinho, e contado com a presença do Chefe do Estado-Maior do Exército, General José Nunes da Fonseca, do Comandante-Geral da Guarda Nacional Republicana, Tenente-General Carlos Clero, entre outras entidades militares e civis.

Após as honras militares, à chegada do MDN, com desfile da Guarda de Honra, decorreu a cerimónia de Homenagem aos Antigos Alunos Mortos ao Serviço da Pátria, tendo sido colocada uma coroa de flores junto ao busto do Patrono da AM, Marquês de Sá da Bandeira. Foi também realizada, na Capela do Palácio da Bemposta, uma missa de sufrágio em Homenagem aos Antigos Alunos e Servidores da AM já falecidos.

O MDN, na sua intervenção, felicitou todos os militares e civis que serviram e servem na AM, pela "superior dedicação e profissionalismo do serviço prestado em prol do ensino superior militar". Evidenciou a formação de excelência ministrada na AM, que tem permitido que "gerações de comandantes militares se entreguem de forma empenhada e generosa às suas funções, num desempenho enaltecido sobremaneira por responsáveis políticos e militares em países onde as Forças nacionais conduzem atualmente missões em prol da paz regional e mundial".

O programa das comemorações iniciou-se no dia 6 de janeiro, com a tradicional homenagem ao Marquês de Sá da Bandeira, na cidade de Santarém.

Novo Comandante da Brigada Mecanizada

A 15 de janeiro, no Quartel-General da Brigada Mecanizada (BrigMec), no Campo Militar de Santa Margarida, teve lugar a cerimónia de tomada de posse do novo Comandante da BrigMec, Brigadeiro-General (BGen) Valente Marques, que sucedeu no cargo ao Major-General Boga Ribeiro, recentemente promovido.

O Chefe do Estado-Maior do Exército (CEME), General José Nunes da Fonseca, presidiu à cerimónia, que contou com a presença do Presidente da Câmara Municipal de Constância, Dr. Sérgio Miguel Oliveira, e do Comandante das Forças Terrestres, Tenente-General (TGen) Martins Pereira, entre outras entidades.

Após a leitura do despacho de nomeação e da assinatura do Termo de Posse de Comando, o BGen Valente Marques recebeu das mãos do TGen Martins Pereira o Estandarte Nacional, atos que simbolizaram a sua tomada de posse como Comandante.

O Comandante das Forças Terrestres, na sua intervenção, enalteceu as qualidades pessoais e profissionais do BGen Valente Marques, assim como "a experiência e a maturidade operacional obtidas ao longo da sua notável carreira", factos que são garantia da confiança que o Exército em si deposita.

O CEME endereçou votos de boa sorte ao BGen Valente Marques para o desempenho do relevante cargo que agora inicia.

Diretor de Administração de Recursos Humanos e Diretor de Serviços de Pessoal tomam posse

A 18 de janeiro, no Quartel de Santo Ovídio, no Porto, teve lugar a cerimónia de tomada de posse do novo Diretor de Administração de Recursos Humanos, Major-General Barreiro Saramago, que sucedeu no cargo ao Major-General Rodrigues Lopes, e do novo Diretor de Serviços de Pessoal, Brigadeiro-General Bento Soares, que sucedeu no cargo ao Brigadeiro-General Pereira dos Santos.

A cerimónia, presidida pelo Chefe de Estado-Maior do Exército (CEME), General José Nunes da Fonseca, integrou a leitura do despacho de nomeação e síntese curricular dos novos Diretores, a que se seguiu as assinaturas do Termo de Posse de Comando e a entrega dos respetivos escudos de peito.

O CEME, na sua intervenção, enalteceu os objetivos alcançados pelos antecessores dos Oficiais Generais agora empossados, e exortou os novos Diretores a "prosseguir para cumprir melhor", frisando que este deve ser o mote para o período difícil que vivemos, fruto da pandemia de COVID-19.

Ministro da Defesa Nacional visita militares portugueses na República Centro–Africana

O Ministro da Defesa Nacional (MDN), Professor Doutor João Gomes Cravinho, visitou, no dia 19 de dezembro, os militares portugueses em missão no Teatro de Operações da República Centro-Africana, no âmbito das Nações Unidas e da União Europeia.

O MDN, acompanhado pelo Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, Almirante António Silva Ribeiro, visitou os 243 militares portugueses em missão na RCA: 188 empenhados na Missão Multidimensional Integrada das Nações Unidas para a Estabilização da RCA (MINUSCA), cujo 2.º Comandante é o Major-General Mendes Ferrão, e 55 na Missão de Treino da União Europeia (EUTM), comandada pelo Brigadeiro-General Neves de Abreu.

A República Centro-Africana vive desde 2012 em guerra civil, que foi desencadeada pela revolta armada de uma coligação de grupos de maioria muçulmana (Séléka) e pela reação, também armada, de milícias maioritariamente cristãs (Antibalaka).

O MDN salientou: "A Força de Reação Rápida portuguesa tem tido um papel ativo e reconhecido na proteção de civis e na prevenção de possíveis massacres, sendo repetidamente elogiada pela sua atuação."

O Exército no apoio às eleições legislativas na República Centro–Africana

"Sinto-me muito contente por poder expressar o meu dever cívico", expressou um cidadão centro-africano, que congratulou a Missão Multidimensional Integrada das Nações Unidas para a Estabilização da República Centro-Africana (MINUSCA) por ter conseguido a realização das eleições presidenciais, legislativas e locais, permitindo, deste modo, que a população pudesse escolher livremente quem irá representá-la.

O 2.º Comandante da MINUSCA, Major-General Eduardo Ferrão, na qualidade de supervisor do plano de defesa de Bangui, acompanhou este momento histórico na República Centro-Africana (RCA), que decorreu no dia 27 de dezembro, constatando a segurança nos vários locais de voto que permitiram a adesão massiva dos centro-africanos.

A MINUSCA, na qual está integrada a 8.ª Força Nacional Destacada para a RCA, as Autoridades Locais e a Comunidade Internacional não cederam às tentativas, levadas a cabo pelos grupos armados nas últimas semanas, para boicotar o ato eleitoral.

Mesmo depois dos combates que tiveram lugar na região de Dekoa, que custaram a vida a três Capacetes Azuis e dois militares das Forças Armadas da RCA, a MINUSCA conseguiu manter um dispositivo forte e coeso em todo o território, garantindo a existência das condições de segurança necessárias que permitiram à população escolher livremente o seu futuro.

Formação de 450 novos recrutas em Bangui

A Missão de Treino da União Europeia na República Centro-Africana (EUTM RCA), através do Pilar Treino Operacional, vai acompanhar todo o processo de formação de 450 novos recrutas, no Campo de Treino de Kassai, em Bangui, depois de ter assegurado a formação dos instrutores que irão agora ministrar a instrução básica desses novos recrutas.
Durante esta fase, irão receber formação, entre outras, nas seguintes áreas: treino individual de combate; armamento e tiro; educação física; socorrismo; transmissões; topografia; segurança militar e legislação.
As autoridades políticas da RCA têm realçado a importância que estes novos soldados representam para o cumprimento da missão das Forças Armadas da RCA e, consequentemente, para o reforço da autoridade do Estado neste país.
A EUTM RCA, comandada pelo Brigadeiro-General Paulo Neves de Abreu, formou nos últimos três meses cerca de 1700 recrutas das Forças Armadas da RCA.

Militares portugueses reconhecidos na República Centro-Africana

O Major-General Eduardo Ferrão, do Exército Português, foi condecorado pelas Nações Unidas e pelo Presidente da República Centro-Africana com a Medalha das Nações Unidas e com a Ordem de Mérito Centro-Africano – Grau de Comendador, respetivamente.
As cerimónias decorreram nos dias 7 e 10 de janeiro, tendo a Medalha das Nações Unidas sido imposta pelo Representante Especial do Secretário-Geral das Nações Unidas, Mankeur Ndiaye, e a Ordem de Mérito Centro-Africano – Grau de Comendador pela Ministra da Defesa, Marie-Noëlle Koyara, em representação do Presidente da República Centro-Africana.
Todos os Elementos Nacionais Destacados na Missão Multidimensional Integrada das Nações Unidas para a Estabilização da República Centro-Africana viram ser-lhes reconhecido a dedicação e empenho no cumprimento da missão, tendo sido agraciados com a Medalha das Nações Unidas e a Medalha da Missão de Treino da União Europeia destinada a parceiros.

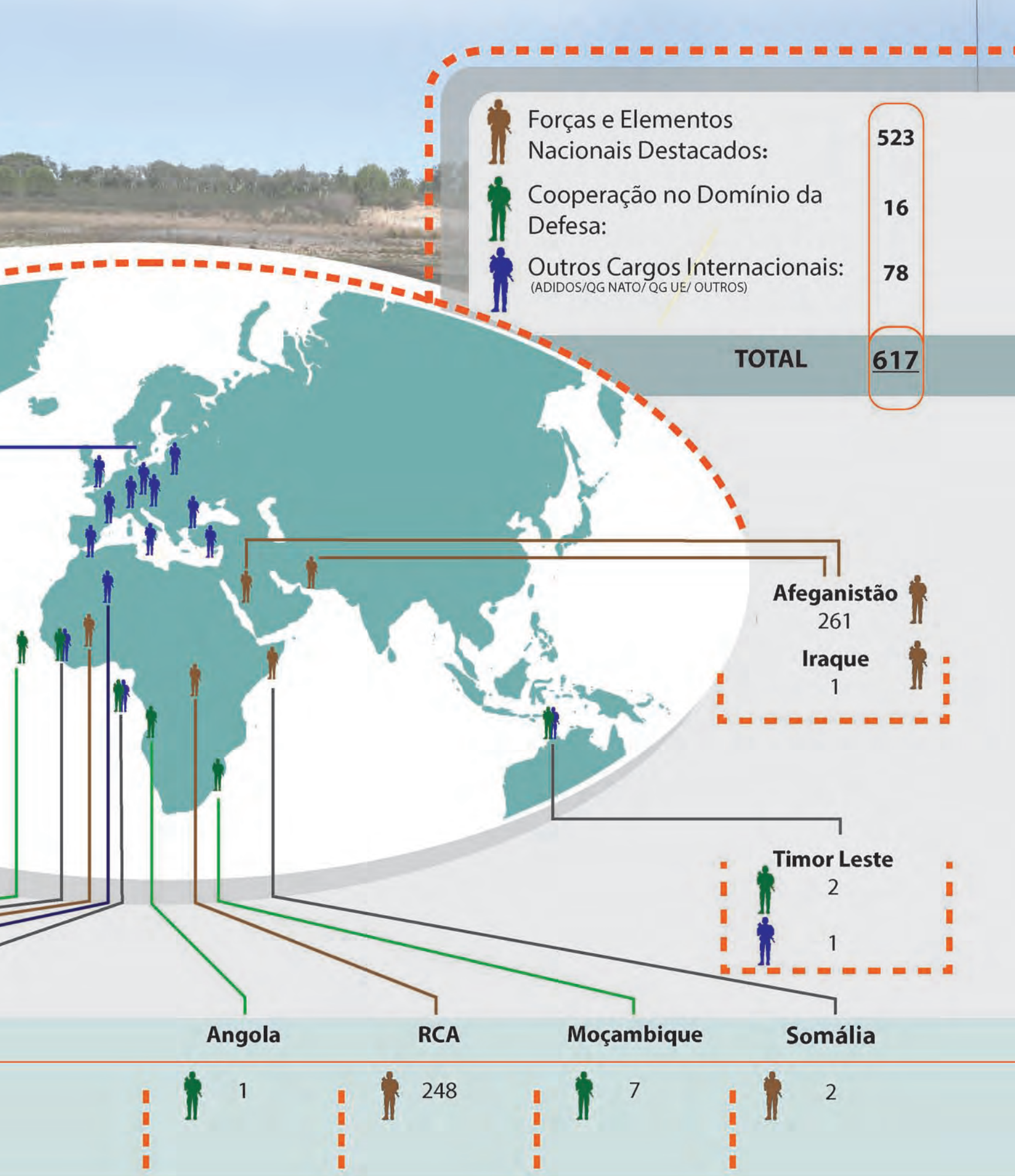
MILITARES PORTUGUESES
EM MISSÕES INTERNACIONAIS
(janeiro 2021)

Alemanha	1
Bélgica	29
Espanha	8
Estónia	1
França	3
Holanda	4
Inglaterra	2
Itália	8
Lituânia	1
Roménia	1
Turquia	6

EUA
8

Colômbia
1

Cabo Verde	Guiné Bissau	Mali	Argélia	S. Tomé Príncipe
1	1	11	2	4
	1			1


Forças e Elementos Nacionais Destacados:
523
Cooperação no Domínio da Defesa:
16
Outros Cargos Internacionais:
(ADIDOS/QG NATO/ QG UE/ OUTROS)
78
TOTAL
617
Afeganistão
261
Iraque
1
Timor Leste
2
1
Angola
1
RCA
248
Moçambique
7
Somália
2

“Atualmente, frequentam a Academia Militar 480 alunos, dos quais 466 em mestrados integrados, 13 no vestibular Países de Língua Oficial Portuguesa e um em Direção de Orquestra, sendo 60 do sexo feminino (14 %).”

[BGen Carlos Ribeiro]

[Amadora e Lisboa]

Academia Militar

Uma escola de excelência na formação dos comandantes

Uma instituição com uma já longa história e tradição no ensino superior, que tem sabido adaptar-se às diversas vicissitudes do presente e pretende consolidar o seu prestígio no âmbito universitário

Texto : BGen Carlos **Ribeiro** | 2.º Comandante da AM

380 Anos de História

A Academia Militar, criada, em 1959, como estabelecimento de ensino superior, em substituição da Escola do Exército, nesse ano extinta, forma oficiais para os quadros permanentes do Exército e da Guarda Nacional Republicana (GNR).

As suas origens remontam à *Lição de Artilharia e Esquadria* criada por decreto de D. João IV, a 13 de maio de 1641, mas enquanto instituição de ensino superior militar tem como antecessora a Academia Real de Fortificação, Artilharia e Desenho (ARFAD), criada por D. Maria I, a 2 de janeiro de 1790, e considerada a “primeira escola

de ensino superior militar de formação de oficiais do Exército Português". Instalada no Arsenal do Exército, lecionava matérias para oficiais de Artilharia e Engenharia (cursos de quatro anos), Infantaria e Cavalaria (três anos) e a alunos civis (*Os Paisanos*) para o curso de Engenharia[1].

Em 1837, o Visconde de Sá da Bandeira (Bernardo de Sá Nogueira de Figueiredo, mais tarde, Marquês de Sá da Bandeira, aluno da ARFAD, fundador da Escola do Exército e seu ilustre Comandante, entre 1851 e 1876) apresentou um relatório sobre a necessidade de reformar o ensino militar, que permitiu a transformação da ARFAD na Escola do Exército[2], que se instalou no Palácio da Bemposta, a partir de janeiro de 1851, e assumiu várias designações na sua evolução, nomeadamente, Escola de Guerra (1911-1919), Escola Militar (1919-1938) e Escola do Exército (1938-1959).

Em 1938 foi criado o curso de Aeronáutica Militar (três anos), para preparar os candidatos a oficial da arma de Aeronáutica, na Escola do Exército, onde permaneceu até à criação da Academia da Força Aérea, em 1978. A partir de 1991, a Academia Militar passou a formar os oficiais para os quadros permanentes da GNR.

Missão e Organização

A missão da Academia Militar é formar oficiais para os quadros permanentes do Exército e da GNR, habilitando-os para o exercício de funções

[1] https://academiamilitar.pt
[2] Decreto de 12 de janeiro da Rainha D. Maria II.

Marquês de Sá da Bandeira - fundador da Escola do Exército

de comando, direção e chefia que lhes são estatutariamente cometidas. Para o efeito, integra diversos órgãos, salientando-se: a Direção de Ensino, que planeia e executa a educação científica, técnica e cultural; o Centro de Investigação, Desenvolvimento e Inovação (CINAMIL), que promove a realização de projetos de Investigação, Desenvolvimento e Inovação (IDI) e divulga o conhecimento científico; o Corpo de Alunos, que enquadra os alunos dos cursos de formação de oficiais, planeia e executa a sua formação militar, comportamental e física e a Direção dos Serviços Gerais e de Administração, que garante o apoio administrativo-logístico, a segurança e defesa das instalações, com dois polos, um em Lisboa e outro na Amadora (ocupado a partir de 1951).

O Decreto-Lei n.º 42 151/59, que criou a Academia Militar, provocou uma profunda reorganização dos seus cursos refletindo a organização do Exército e os desenvolvimentos das tecnologias militares da altura, passando a lecionar os cursos de Infantaria, Artilharia, Cavalaria, Transmissões, Administração Militar e de Aeronáutica Militar (quatro anos), além das Engenharias Militar, Eletrotécnica Militar, Mecânica Militar e Aeronáutica Militar (sete anos) sendo os três últimos anos do curso frequentados no Instituto Superior Técnico.

Os seus planos curriculares e a duração dos cursos sofreram várias alterações, destacando-se a implementação do sistema de graus académicos decorrente da Declaração de Bolonha, que alterou os graus académicos conferidos pelas instituições de ensino superior universitário (tabela 1), da qual resultou a estrutura de mestrados integrados, licenciatura e mestrados que abaixo se descreve.

Contudo, a formação lecionada nesta Academia, no âmbito das Ciências Militares, não se limita a conferir um determinado grau académico, mas inclui diferentes vertentes:

- Formação científica de índole técnica e tecnológica, proporcionando qualificações profissionais indispensáveis ao exercício de funções dos futuros oficiais do Exército e da GNR;

Mestrados Integrados	Especialidade	Duração	Observações
Ciências Militares	Infantaria Artilharia Cavalaria Segurança (Inf e Cav)	5 anos	
Engenharia Militar Eng. Eletrotécnica Militar Eng. Mecânica Militar	Engenharia Transmissões e Material Material	7 anos (4 na AM + 2 no IST + 1 TPO)	A partir de 2021/22 passam a 2 ciclos: licenciatura e mestrado

Licenciatura	Ramo (Exército e GNR)	Duração	Observações
Ciências Militares	Administração	3 anos	Inicio em 2020/21

Mestrado	Especialidade	Duração	Observações
Ciências Militares	Administração Administração da GNR	2 anos	Inicio em 2020/21

Tabela 1 - Cursos lecionados na Academia Militar

- Formação comportamental centrada numa sólida educação militar, moral e cívica, para desenvolver nos alunos qualidades de comando, direção ou chefia inerentes à condição militar;
- Preparação física e formação militar adequada, conferindo aos alunos as aptidões física e psíquica imprescindíveis ao exercício das suas

funções como futuros oficiais.

Atualmente, frequentam a Academia Militar 480 alunos, dos quais 466 em mestrados integrados, 13 no vestibular (PLOP)[3] e um em Direção de Orquestra, sendo 60 do sexo feminino (14 %).

Pilares de Atividade

A Academia Militar desenvolve a sua atividade nos seguintes pilares estratégicos:

- Ensino de qualidade, através da implementação dos novos ciclos de estudo e do reforço do corpo docente próprio, qualificado e especializado, contando com 58 docentes habilitados com o grau académico de Doutor (12 militares e 46 civis), tendo atualmente 19 militares e uma professora civil a frequentar ciclos de estudos de doutoramento, entre eles cinco no Doutoramento em Ciências Militares, do Instituto Universitário Militar.

Em 2016, na sequência da aprovação do novo regime jurídico dos graus e diplomas do ensino superior[4], a Academia Militar submeteu à Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior (A3ES) nove ciclos de estudos para acreditação, dos quais sete foram já acreditados[5]. A sua oferta formativa dispõe, ainda, de diversos mestrados, pós-graduações, um doutoramento e diversos cursos de formação (tabela 2). Em 2020 implementou a Agenda para a Investigação, com o propósito de incrementar, potenciar e dinamizar a IDI, a produção científica e respetiva divulgação em revistas internacionais, contribuindo para a consolidação da cultura de segurança e de defesa nacional, valorizando a área científica *Ciências Militares*.

Ciclo de Estudos
Mestrado Guerra de Informação (AM)
Mestrado Liderança, Pessoas e Organizações (AM)
Mestrado em História Militar (FLUL, FLUC, UM, UA, IUM, EN, AM, AFA)
Doutoramento em História, Estudos de Segurança e Defesa (AM-ISCTE-IUL)
Outros Cursos
Pós-Graduação em Ciberdefesa e Cibersegurança
Pós-graduação em Direito, Ciberseg. e Ciberdefesa
Cursos de Liderança
Curso de Comandantes
Curso de Formação para Capelães
Curso de Promoção a Capitão para Capelães
Formação Complementar (Oficiais do Serviço de Saúde e Direção de Orquestra)
Vestibular (Alunos Lusófonos)

Tabela 2 - Oferta formativa da Academia Militar

- Formação militar e comportamental consolidada em exercícios, estágios e na Formação Geral Militar, Técnica e Tática das Armas/Serviços, focada no desenvolvimento de capacidades de liderança e na realização de diversas atividades para incutir nos alunos a cultura e o quadro de valores institucionais do Exército e da GNR.
- A investigação, desenvolvimento e inovação, centrada no CINAMIL e com parcerias que envolvem centros de investigação de universidades nacionais e estrangeiras. Neste âmbito, em 2020, foram financiados 21 projetos com verbas do Exército, 11 projetos pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, quatro projetos pelo programa *Portugal 2020* e nove projetos pela Agência Europeia de Defesa e pela OTAN.
- A consolidação da internacionalização, através dos programas *Erasmus Plus*, *Erasmus Militar* (West Point-EUA) e parcerias com universidades militares congéneres, garante a mobilidade dos nossos docentes e discentes. Salienta-se, ainda, a participação no *Erasmus Military English Week* (EMILEW) e EMILEW *for Students*, no *International Military Academic Forum* (IMAF), na

[3] Países de Língua Oficial Portuguesa.
[4] Os cursos passam a ter dois ciclos de estudos, licenciatura e mestrado, exceto Arquitetura e Urbanismo, Ciências Farmacêuticas, Medicina, Medicina Dentária e Medicina Veterinária que mantêm o mestrado integrado (Decreto-Lei n.º 65/2018 de 16 de agosto).
[5] Licenciaturas em: Ciências Militares ramo Administração; Engenharias Eletrotécnica Militar e Mecânica Militar (acreditadas por 6 anos). Mestrados em: Ciências Militares (especialidades Administração e Administração da GNR, acreditados por 3 anos); Engenharias Eletrotécnica Militar e Mecânica Militar (ambas acreditadas por 6 anos).

European Union Military Academies Commandants Seminar, que este ano se realiza na Academia Militar, e em diversas conferências internacionais.

- Cooperação no domínio da defesa, sendo responsável por dois projetos de apoio ao ensino nas academias militares do Exército de Angola e das Forças Armadas de Moçambique, onde possui quatro assessores residentes.
- Apoio à sociedade civil, permitindo a utilização de infraestruturas desportivas e auditórios, através de protocolos, às edilidades e a escolas, em Lisboa e na Amadora, e na divulgação e preservação do nosso património histórico através de visitas guiadas.

Adaptação à Pandemia da Covid-19

No dia 13 de março de 2020, devido à pandemia da COVID-19, o Comando da Academia Militar decidiu interromper o ensino presencial, enviando os alunos para os domicílios e garantindo, a partir de 16 de março, o ensino à distância por meios telemáticos. A adoção do ensino à distância exigiu aos docentes e discentes um enorme esforço de adaptação dos métodos de ensino, estudo e aprendizagem, mas também à estrutura de apoio para garantir a disponibilidade das diversas plataformas (*Moodle, Colibri-Zoom e Teams*).

Exercício Leão 2020

O ensino e avaliação nas áreas científicas, com algumas limitações ao nível laboratorial, decorreu com normalidade, tendo os exames sido realizados em julho, em modo presencial.

A formação militar e o desenvolvimento da componente física, onde a prática é essencial, foram particularmente afetadas, apesar da relevante capacidade de adaptação, destacando-se a realização dos exercícios finais LEÃO 2020 que sofreram sucessivas alterações, acabando por se realizar, com recurso a meios telemáticos, em formato Exercício de Postos de Comando conjugado com *Computer-Assisted Exercise*, simulando situações táticas adequadas às operações do Exército e da GNR.

O ano letivo 2020/21 foi devidamente preparado e alicerçado nas orientações das autoridades sanitárias, nas diretrizes do Comando do Exército e da Direção-Geral do Ensino Superior, traduzido num Plano de Contingência RETOMA, que elencou um conjunto de medidas profiláticas, de reorganização do ensino, das áreas de trabalho e das aulas, com recurso ao teletrabalho, que garantiram a continuidade do ensino, maioritariamente em formato presencial, mas também à distancia para os alunos infetados ou confinados pela COVID-19, durante a quase totalidade do 1.º semestre.

Este período foi igualmente intenso para o CINAMIL, que soube responder às solicitações apresentadas por diversas entidades do Exército, para abertura de novos projetos, alguns diretamente relacionados com a pandemia e com financiamentos externos à própria instituição.

No quadro da internacionalização foram interrompidos os programas de mobilidade de alunos e docentes, no âmbito do Erasmus+, tendo, contudo, sido possível, até março de 2020, que um aluno e nove docentes efetuassem mobilidades em diferentes países europeus, tendo a Academia Militar recebido, em mobilidade, cinco alunos e 16 docentes de outros estabelecimentos de ensino superior europeus. Mantemos as atividades de âmbito internacional, através da participação em projetos e na realização de seminários em formato *webinar*.

Apesar das restrições colocadas pela pandemia foi possível realizar, com as necessárias medidas de segurança, cerimónias de elevado significado, tais como o Juramento de Bandeira dos alunos do 1.º ano, bem como a Entrega das Cartas de Curso e das Espadas aos oficiais que concluíram a sua formação inicial.

Em suma, mesmo com as dificuldades colocadas pela pandemia, a Academia Militar ajustou as suas metodologias de ensino e formação, garantindo aquela que é a sua missão primária – formar oficiais de diferentes especialidades, com destino ao Exército e à GNR, afirmando-se, igualmente, enquanto instituição de ensino superior universitário, no âmbito da investigação e da cooperação internacional.

O Presente e o Futuro

A Academia Militar pretende consolidar o seu prestígio no âmbito universitário, através da excelência e especificidade do seu ensino, pelo apoio que garante à investigação, desenvolvimento e inovação, e por ser uma instituição que está próxima e apoia as comunidades em que se insere.

Importa continuar a melhorar a habitabilidade e funcionalidade das instalações, a reforçar a componente internacional da formação de alunos e docentes, bem como alargar a oferta formativa, tirando partido do seu Centro de Estudos de Desenvolvimento de Liderança, bem como das competências residentes nas áreas de Inteligência Competitiva e de Cibersegurança e Ciberdefesa.

Mas o centro da nossa ação continuará a ser a formação dos futuros oficiais do Exército e da GNR, dotados de saber, carácter e liderança, condições essenciais ao adequado desempenho das missões que lhes forem confiadas, ao serviço de Portugal e dos Portugueses. ⚔

> **"Em suma, mesmo com as dificuldades colocadas pela pandemia, a Academia Militar ajustou as suas metodologias de ensino e formação, garantindo aquela que é a sua missão primária – formar oficiais de diferentes especialidades, com destino ao Exército e à GNR, afirmando-se, igualmente, enquanto instituição de ensino superior universitário..."**
>
> [BGen Carlos Ribeiro]

O Apoio Sanitário do Exército na Resposta à COVID-19

Em diferentes frentes o Serviço de Saúde tem ajudado a combater, desde a primeira hora, a atual pandemia. Aqui é apresentado um resumo do seu incansável e multifacetado contributo

Texto : Maj Med Rui **Fialho** | Chefe da Repartição de Saúde da Direção de Saúde

A infeção por SARS-CoV-2 exigiu uma resposta nacional e, consequentemente, o Exército foi chamado a integrar esse combate. Inicialmente, as dúvidas eram várias o que influenciou o planeamento. Para mitigar essa nuvem de incertezas adotou-se uma coordenação centralizada com análise caso a caso. Para o efeito, a Célula de Resposta (CR) do Exército, a funcionar no Comando das Forças Terrestres, foi o centro de gravidade, rececionando as solicitações e coordenando a sua execução, mediante as capacidades existentes. Preocupações constantes foram a otimização do efetivo

"Desde cedo, os militares do SS foram chamados a colaborar com a *expertise* em estudos, pareceres e orientações, nomeadamente planos de contingências e ordens parcelares."

[Maj Med Rui Fialho]

do Serviço de Saúde (SS) do Exército, para o qual contribuiu a adoção de medidas para minimizar o risco de infeção desses militares, e a elevada adaptabilidade, assegurando a prontidão, a competência e a eficiência da resposta.

Desde cedo, os militares do SS foram chamados a colaborar com a *expertise* em estudos, pareceres e orientações, nomeadamente planos de contingências e ordens parcelares. Também participaram, desde logo, em atividades formativas, como manuseamento de Equipamentos de Proteção Individual (EPI), procedimentos de descontaminação e equipas de sensibilização. Integraram diversas equipas de trabalho, como a Célula Permanente de Crise (opera no Comando Conjunto para as Operações Militares, em Oeiras, e empenha um médico em escala rotativa de 15 dias entre os Ramos das Forças Armadas), a CR (que operava ininterruptamente e integrava dois médicos, dois veterinários e dois farmacêuticos) e a Célula de Acompanhamento (no Comando do Pessoal que, na área funcional tutelada e no âmbito dos meios disponíveis sob sua autoridade, recebia os pedidos da CR, coordenava sectorialmente, providenciava e supervisava a sua execução). Incorporaram, ainda, equipas de esclarecimento como a *Linha de Apoio Forças Armadas*, destinada a militares e civis dos Ramos e que visava o esclarecimento de dúvidas e a triagem dos casos.

Admissão de doentes no Centro Militar de Apoio COVID-19

Foi acautelado o quantitativo de pessoal para integrar o Plano de Apoio Militar de Emergência do Exército, que envolve até cinco médicos, cinco enfermeiros e 12 socorristas, e efetivo para uma eventual ativação da Força de Reação Imediata, que exige dois médicos, três enfermeiros e três socorristas.

Concomitantemente foram realizadas consultas aos casos suspeitos e confirmados de infeção, na modalidade presencial e de teleconsulta, esta última com importantes vantagens na diminuição do risco de contágio. No Centro de Saúde Militar de Tancos e Santa Margarida e na Unidade de Saúde Tipo II (USII) da Amadora foi assegurada a avaliação sanitária de militares em processo de retração das Forças Nacionais Destacadas (FND).

A operacionalização da *Linha Trace COVID Exército*, no Centro de Saúde Militar de Coimbra (CSMC), visa apoiar os militares e civis do Exército, orientando e monitorizando os casos validados. É realizada por médicos e enfermeiros, ininterruptamente,

e registou mais de 200 casos e recebeu mais de 600 chamadas[1].

Na Unidade Militar Laboratorial de Defesa Biológica Química e Radiológica (UMLDBQ), em Lisboa, foi criada a capacidade de testagem para o SARS-CoV-2, através do teste de diagnóstico laboratorial de referência, o rRT-PCR[2]. A sua realização careceu de validação prévia pelas autoridades e exigiu um esforço adaptativo de pessoal. Esta capacidade destina-se a apoiar as FND, os Ramos, o Centro de Epidemiologia e Intervenção Preventiva do Hospital das Forças Armadas (HFAR), o Instituto de Ação Social das Forças Armadas e as altas entidades. Esta Unidade Laboratorial desde 26 de março realizou mais de 6000 testes e colabora em ensaios interlaboratoriais internacionais para aferir a sua qualidade. A UMLDBQ destacou-se também pela produção de uma solução descontaminante, o Biodecon 20, compatível com os equipamentos do Exército.

O pessoal do SS do Exército andou no terreno com os elementos do Elemento de Defesa Biológica Química e Radiológica, empenhando dois médicos, dois enfermeiros e quatro socorristas, que realizaram a avaliação sanitária das equipas de descontaminação, e em termos materiais com a cedência de uma ambulância, de solução descontaminante e equipamento de descontaminação.

Cooperámos, ainda, muito significativamente com os dois polos do HFAR (Lisboa e Porto), em termos humanos com a cedência de cinco médicos, 25 enfermeiros, um técnico de radiologia e 13 socorristas. Relativamente a material cedeu uma tenda, um aparelho de ar condicionado portátil, uma viatura de radiologia e equipamento de descontaminação . O Agrupamento Sanitário colaborou através da montagem de uma estrutura *Role 1* modificada , com capacidade de internamento

[1] Os dados referem-se ao início da atividade, a 26 de abril, até 16 de outubro de 2020.
[2] Significa: reação em cadeia da polimerase em tempo real, precedida de transcrição reversa.

de 32 camas, e reforçou a capacidade de Cuidados Intensivos com a cedência de oito sistemas de ventilação e sete ventiladores de emergência.

Foram apoiadas várias instituições civis, em meios humanos, concretamente o reforço do Hospital de Beja com um médico e de equipas clínicas nos lares de Vila Real e Reguengos; em instalações, através da disponibilização no CSMC de 60 camas ao SNS e de espaços para a realização de juntas médicas da ADSE, e da USII de Évora através da cedência de 20 camas ao hospital local.

Um dos maiores desafios, resultante de uma parceria interministerial, foi a atribuição ao Exército, a 26 de março, da missão de edificação do Centro de Apoio Militar (CAM) COVID-19 . Para o efeito, foi firmado protocolo com a Administração Regional de Saúde de Lisboa e Vale do Tejo, em 15 de junho, com responsabilidades partilhadas. Ao Exército cumpre, entre outros, o fornecimento de medicamentos e material de consumo clínico. No CAM COVID-19 estão alocados sete médicos, 19 enfermeiros, dois fisioterapeutas, 14 socorristas, um farmacêutico, um técnico de farmácia e outros 16 militares responsáveis pela estrutura administrativa. Com uma capacidade de internamento de 30 doentes COVID-19, os primeiros doentes foram internados em 17 de junho. Em quatro meses, até ao dia 16 de outubro, atingiram um total de 157, com uma média de 16 dias de internamento por doente.

> **"Um dos maiores desafios, resultante de uma parceria interministerial, foi a atribuição ao Exército, a 26 de março, da missão de edificação do Centro de Apoio Militar (CAM) COVID-19 ."**
>
> **[Maj Med Rui Fialho]**

O conhecimento e a experiência adquiridos durante a primeira vaga permitiram uma melhor resposta à previsível segunda vaga que acabou por acontecer. A resiliência e o empenhamento permanente do pessoal do SS é uma obrigação assumida por todos. A aposta na telessaúde, com vantagens múltiplas, parece ser um rumo promissor. É vital manter a otimização de recursos humanos alocando os mais adaptados à função, mas acautelando eventuais rotações de pessoal.

Nunca será demais insistir no esforço da utilização correta dos EPI, fundamental para minimizar os contágios, e para a importância de sensibilizar reiteradamente todos e militares e civis do Exército.

Apoio Geoespacial As Operações - I Parte

A informação geoespacial precisa e exata, relevante e oportuna é fundamental em todo o espetro das atividades militares, contribuindo significativamente para o planeamento e desenrolar das operações

Texto : Maj Art Ricardo **Moreira** | Engenheiro Geógrafo do Centro de Informação Geoespacial do Exército

Apoio Geoespacial em Operações

A gestão da informação assume particular importância no desenvolvimento das operações militares e tem como principal desafio a disponibilização de informação coerente, precisa e oportuna de forma a apoiar o Processo de Decisão Militar (PDM).

A informação geoespacial é a base da imagem operacional nos vários escalões, permitindo através de análises complexas, obter superioridade da informação e adquirir uma noção da realidade envolvente das operações. A capacidade de com-

"O apoio geoespacial, através da aquisição, análise, contextualização, visualização e disseminação da informação georreferenciada, desempenha um papel essencial para compreender a área de operações de forma a melhorar e agilizar todo o processo de decisão."

[Major Art Ricardo Moreira, engenheiro geógrafo]

binar a localização geográfica, as características naturais existentes no terreno e as construções artificiais edificadas com a informação adicional relacionada com a operação é fundamental para visualizar e analisar a zona de operações e constitui-se como um elemento de informação essencial para todo o tipo e espetro de operações e um facilitador de todo o PDM.

Mapas, cartografia e imagens proporcionam informações detalhadas e um conhecimento importante acerca de uma área de missão e são intensivamente usados para o planeamento em todos os níveis de Comando, afetando todo o espetro de atividades militares nos níveis estratégico, operacional e tático. No entanto, no contexto militar, a capacidade geoespacial é muito mais do que isso e tem por objetivo providenciar uma visão multidimensional da área de operações, melhorando a consciência situacional (*Situational Awareness* - SA), o conhecimento e a compreensão do Teatro de Operações e o processo de decisão ao longo da estrutura de Comando e Controlo, reduzindo as incertezas e acelerando as decisões.

A *Common Operational Picture* (COP) é um requisito operacional de alta prioridade, que consiste numa imagem operacional comum, capaz de integrar dados georreferenciados, correlacionados e validados provenientes de diversas fontes e que deve ser disponibilizada a toda a estrutura de Comando com a finalidade de criar uma SA comum e facilitar o planeamento colaborativo.

Os especialistas geoespaciais adquirem, analisam, exploram, armazenam e disseminam informação geoespacial para alicerçar a COP e quando integrados no Estado-Maior em planeamento, facultam ao comandante uma visualização do terreno, através de análises específicas que permitem um entendimento e uma melhor perceção do ambiente operacional, fornecendo esclarecimentos sobre o ambiente físico e os seus efeitos operacionais.

O apoio geoespacial contribui para processos de monitorização, análises de risco e identificação de ameaças, através da sua capacidade de referenciar informação no espaço e no tempo, associada a uma elevada rapidez de análise e exploração dos dados. A inteligência geoespacial (*Geospatial Intelligence* - GEOINT) desempenha um papel fundamental devido à sua capacidade de integrar as restantes disciplinas das informações

Participação da Unidade de Apoio Geoespacial no exercício ORION 18

e, por essa razão, contribui e apoia as decisões políticas, estratégicas, operacionais e táticas.

A análise geoespacial é constituída por uma série de procedimentos para explorar informação e dados estruturados através de mapas. A partir de análises geoespaciais e geoprocessamentos de informação vetorial/matricial é possível disponibilizar informações para apoiar a tomada de decisão.

O apoio geoespacial melhora a eficiência do pessoal, o tempo de resposta e aumenta o controlo, gestão, adaptação e flexibilidade das operações; por outras palavras, providencia uma visão integrada e multidimensional da área de operações para reduzir incertezas, acelerar decisões e agilizar a intervenção militar de qualquer natureza.

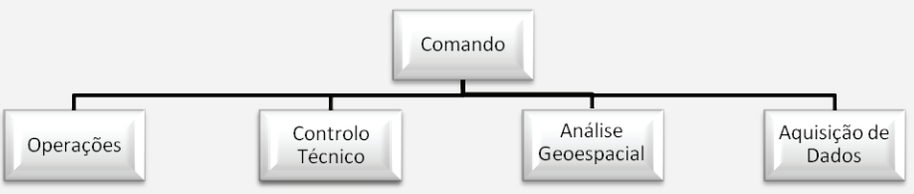
Unidade de Apoio Geoespacial (UnApGeo)

A UnApGeo teve a sua origem tendo em consideração a crescente integração da área geoespacial no processo de decisão, nomeadamente em termos da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). A ambição de alcançar superioridade de informação, juntamente com a crescente necessidade de apoio em outras missões de interesse público, designadamente no Apoio Militar de Emergência, e o apoio às Forças Nacionais Destacadas (FND), exigem uma utilização flexível da UnApGeo em diversas missões, quer de âmbito nacional quer internacional.

A UnApGeo é um elemento congregador do conhecimento e da aplicação operacional da informação geoespacial no Exército e nas Forças Armadas, potenciando a evolução dos sistemas de apoio ao PDM e do acompanhamento das Forças em todo o espetro das operações militares, no âmbito do emprego nacional e internacional, bem como da Proteção Civil em situações de emergência e catástrofe. O conhecimento do terreno e a sua caracterização resultam dos vários tipos de análise passíveis de realizar pela UnApGeo, tornando-a num elemento indispensável no Estado-Maior das Grandes Unidades operacionais, das FND e de quaisquer outras Forças conjuntas e/ou combinadas que venham a ser constituídas.

A UnApGeo tem por principal missão conduzir o apoio geoespacial dentro da área de operações de uma Unidade de escalão Brigada, garantindo a disponibilidade e interoperabilidade de todos os produtos georreferenciados. A sua organização modular permite à UnApGeo atuar de forma isolada em apoio de uma Brigada ou integrar o Agrupamento ISTAR (*Intelligence, Surveillance, Target Acquisition, and Reconnaissance*). Pode, ainda, destacar módulos para apoiar Unidades de escalão Batalhão quando projetadas como FND.

A UnApGeo é constituída pelos módulos de Operações, Controlo Técnico, Análise Geoespacial e Aquisição de Dados, articulando-se para complementar e interligar o conhecimento, os dados de fontes diversificadas, os sistemas de informação geográfica, os meios humanos com formação técnica específica, o *hardware* e *software*, de modo a garantir um funcionamento eficiente e pró-ativo.

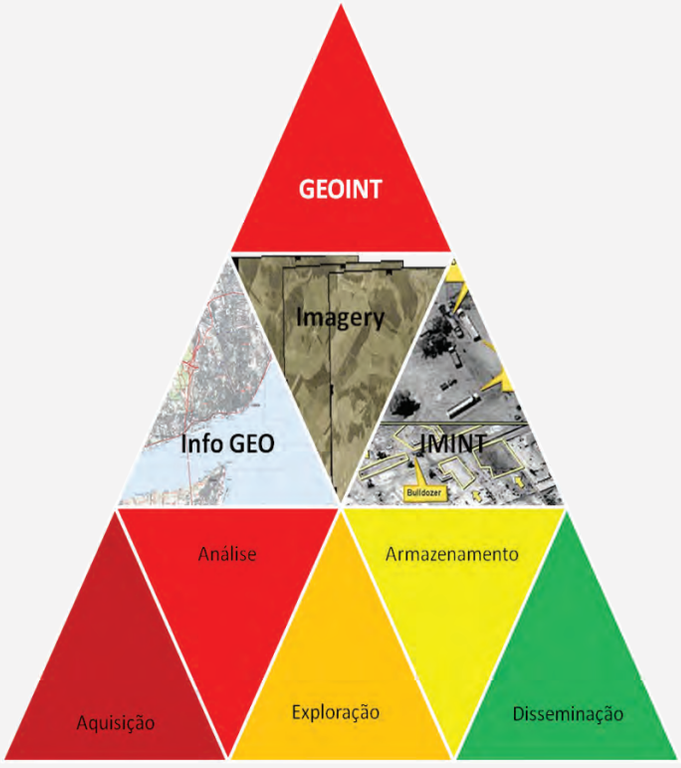


Organigrama da Unidade de Apoio Geoespacial

"A Unidade de Apoio Geoespacial materializa a combinação de tecnologia, meios, capacidades, procedimentos, treino, recursos humanos especializados e dados em que todos, de forma concertada, possibilitam criar, modelar, geoprocessar, analisar e visualizar produtos geoespaciais exatos, oportunos e úteis para o planeamento e condução das operações ofensivas, defensivas, estabilização e de apoio civil."

[Major Art Ricardo Moreira, engenheiro geógrafo]

Com a *Full Operation Capability* da UnApGeo, o Sistema de Forças Nacional e o Exército ficarão dotados com a capacidade de Aquisição, Análise, Exploração, Armazenamento e Disseminação de informação geoespacial, incluindo as capacidades de GEOINT e *Imagery Intelligence* (IMINT), sendo estas atividades enquadradas pelas normas em uso na OTAN.



Capacidades da UnApGeo

A UnApGeo colabora no planeamento e execução dos exercícios operacionais, através da geração e validação de cenários e do apoio ao desenvolvimento das operações militares com produtos, análises e serviços geoespaciais. Tem participado, a nível nacional e internacional, em diversos exercícios, sendo reconhecida como uma mais-valia para o planeamento e para a condução das operações nos escalões Brigada e Batalhão.

A UnApGeo fornece uma referência física da área de operações, essencial para avaliações, planeamento, manobra e ação coordenada, através da disponibilização de informação compósita de imagens satélite, fotografias aéreas, modelos digitais do terreno, cartografia (*raster* e vetor), geoprocessamento e análises geoespaciais.

Os dados geoespaciais em operações são processados pela UnApGeo, para disponibilizar mapas, produtos e análises, que integram e potenciam outras fontes de informação fundamentais às operações militares. A capacidade geoespacial melhora a gestão do conhecimento e a disponibilização de análises, produtos e serviços aos comandantes, estados-maiores em planeamento e Subunidades, possibilitando um conhecimento do espaço físico integrado para uma melhor execução de operações e atividades operacionais em conformidade com os procedimentos, doutrinas e padrões da OTAN.

A UnApGeo fornece o apoio geoespacial e assegura a eficácia do produto operacional para quando o seu emprego for solicitado, quer seja num ambiente autónomo, conjunto ou combinado.

[Carregueira]

Ser Comando

Em tempo de pandemia

Sucessivas gerações de jovens militares, de diferentes origens, continuam voluntariamente a frequentar um curso que de fácil não tem nada e de desconforto tem tudo

Texto : TCor Inf "CMD" Jorge **Pereira** | Comandante do Batalhão de Formação
Alf RC Jaime **Pereira** | Redator do JE

As Origens, Missões e Organização

Os Comandos remontam ao ano de 1962 quando o Coronel Bethencourt Rodrigues, então Chefe de Estado-Maior da Região Militar de Angola, sugeriu que fosse criado uma Força militar com características especiais a fim de enfrentar a insurreição armada, que se começava a viver nas antigas colónias portuguesas.

Para o efeito foi implementado o Centro de Instrução (CI) 21, em Angola, região de Zemba,

"Hoje, o Regimento de Comandos apronta o seu Batalhão de Comandos e ministra cursos e estágios na área formativa Comandos, continuando a contar com a generosidade de jovens que, nos tempos mais recentes, têm vindo a representar o Exército em cenários de grande perigosidade..."

que passou posteriormente para a Quibala, com a designação de Centro de Instrução CI 16, onde eram instruídos elementos selecionados pelos Batalhões que, após a instrução, voltavam às suas Unidades de origem com direito ao uso de um distintivo e à designação de *Comando*.

O Batalhão de Comandos tem como possibilidades a condução de operações aeromóveis; operações de ataque em profundidade na área da retaguarda do inimigo; operações de combate em condições de elevado risco e exigência, nomeadamente operações em condições especiais; operações como Força de intervenção no âmbito da segurança da área da retaguarda; operações de deceção, assim como operações de demonstração de força; operações em ambiente Nuclear, Biológico e Químico; operações como Força de intervenção em operações de contraguerrilha, em ambiente de contrainsurreição, e operações independentes até três dias.

Além das operações já referidas, os Comandos podem, ainda, participar em operações: de combate ao terrorismo, de apoio à paz, humanitárias e de evacuação de cidadãos nacionais a viverem fora do território nacional, em ambiente hostil.

A sua organização assenta no conceito de Equipa de Combate, comandada por um Sargento e com capacidade para atuar isoladamente ou integrada na estrutura de um Grupo de Combate, que é comandado por um Oficial e constituído por uma Equipa de Comando e por mais cinco Equipas. Por sua vez, o Grupo pode ser subdividido em dois ou três Subgrupos de Combate, cujas Equipas podem ser agrupadas de diferentes formas. Dois Subgrupos a três Equipas ou um com duas e o outro com quatro. Três Subgrupos, cada um com duas Equipas.

Uma Companhia de Comandos é constituída pelo Comando e por quatro Grupos de Combate, sendo comandada por um Capitão. No decorrer de operações, quando empenhada, pode receber capacidades de Comando e Controlo adicionais, em função da missão que lhe for atribuída. Todos os elementos que a integram têm a qualificação *Comando*.

Com emprego generalizado nas antigas colónias portuguesas de Angola, Moçambique e Gui-

né, a utilização deste tipo de Forças continua, na atualidade, presente nos compromissos assumidos por Portugal no âmbito das organizações nacionais a que pertence, nomeadamente, Nações Unidas e NATO.

Após diversas transformações que se viveram nas últimas décadas, nos tempos que correm, a casa-mãe dos Comandos é o seu Regimento – localizado no concelho de Sintra, na serra da Carregueira – que se integra, do ponto de vista operacional, na Brigada de Reação Rápida.

Desde a sua criação, muitas gerações de cidadãos portugueses, de uma forma voluntária, têm vindo a integrar este tipo de Força militar. Hoje, o Regimento de Comandos apronta o seu Batalhão de Comandos e ministra cursos e estágios na área formativa *Comandos*, continuando a contar com a generosidade de jovens que, nos tempos mais recentes, têm vindo a representar o Exército em cenários de grande perigosidade que vão desde as áridas terras do Afeganistão às verdejantes paisagens da República Centro-Africana.

A Formação dos Comandos em Tempo de Pandemia

A situação pandémica que se vive veio afetar a vida das pessoas e, por conseguinte, as organizações a que pertencem. As Forças Armadas Portuguesas não passaram incólumes e, além de apoiarem o combate a este flagelo, tiveram de adaptar-se a estes tempos para manterem as suas atividades e continuarem a ser um dos pilares fundamentais do Estado.

No Exército tomaram-se medidas que permitiram, dentro de certos condicionalismos e assegurando sempre a integridade dos militares, continuar a desenvolver atividades na área da formação e instrução e, ainda, conduzir exercícios militares no terreno.

O Regimento de Comandos não foi exceção e, desde o início, tomou as medidas necessárias que permitiram assegurar, dentro da possível normalidade, o conseguimento dos objetivos que foram planeados, nomeadamente ao nível da instrução, salientando-se os cursos de Formação Geral Comum de Praças, de Comandos e o de Atirador Especial.

No que se refere especificamente ao 134.º Curso de Comandos, iniciado em março de 2020, o mesmo teve de ser interrompido em virtude da primeira vaga de COVID-19 que afetou o País.

Embora o planeamento inicial do curso tenha sido feito de uma forma normal, o seu recomeço decorrente das circunstâncias pandémicas mere-

"A cerimónia teve como momento cimeiro a imposição dos crachás e das boinas vermelhas, aos 33 militares (quatro Oficiais, 11 Sargentos e 18 Praças) que concluíram o curso e, assim, se tornaram os mais recentes membros da família Comando."

ceu do Exército a adoção de um conjunto de medidas com vista a minimizar o impacto da pandemia e a assegurar os objetivos a atingir.

Sabendo de antemão que o isolamento profilático a que tivessem de ser sujeitos os militares, em caso de contágio pela COVID-19, comprometia seriamente a sua presença no curso, as medidas adotadas além de cumprirem as normas emanadas pela Direção-Geral de Saúde, respeitaram, ainda, as orientações rígidas emanados pelo Comando do Exército, relativas à forma como os instruendos deviam estar organizados durante a instrução.

Nesse sentido, os instruendos foram divididos e instalados em grupos de reduzida dimensão, criando-se regras específicas para utilização dos espaços destinados ao repouso, higiene diária, alimentação e instrução.

No acesso aos locais de instrução e sempre que foi necessário o uso de viaturas geriu-se a lotação das mesmas, para manter as distâncias físicas entre militares, sendo obrigatória a utilização de máscara a fim de minimizar o risco de contágio.

A interrupção forçada do curso, já referida, se por um lado permitiu que outros candidatos pudessem concorrer, por outro lado, criou alguma ansiedade nos militares que já estavam em instrução, pela incerteza de não se saber se o curso iria ser, ou não, definitivamente suspenso.

Durante o confinamento de março, a que a esmagadora maioria dos Portugueses esteve sujeita, aos militares que frequentavam o curso foi-lhes dado um plano de treino, para que, nas suas residências, pudessem manter a forma física e mental necessária ao retomar do curso.

Os Instruendos

Ser militar não se pode considerar uma profissão fácil, razão pela qual importa conhecer as motivações que levam jovens cidadãos, ano após ano, a voluntariarem-se para frequentarem um curso que de fácil não tem nada e de desconforto tem tudo.

Como historicamente tem vindo a acontecer, frequentaram o 134.º Curso de Comandos militares das categorias de Oficiais, Sargentos e Praças. De uma forma geral, a perceção que se tem sobre a motivação destes militares resulta de um conjunto de fatores, que vão desde a influência familiar ao desafio sentido em pertencer a um tipo de tropa ao alcance de poucos e, sobretudo, à ambição de se poder representar Portugal, onde quer que seja preciso.

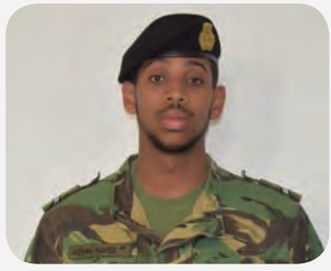
Rui Gouveia, Segundo Sargento de Infantaria; Quadro Permanente; Lamego

Do ponto de vista familiar tive a influência do meu pai, que também é Comando. Assim sendo, desde sempre, ambicionei em pertencer a uma tropa bem preparada, exigente e com elevado nível operacional como são os Comandos.

O curso que frequentei, relativamente à forma como esteve organizado, não constituiu para mim uma surpresa. Esteve muito bem estruturado e com instrutores atentos a todos os pormenores de instrução. Tudo correu bem, desde a fase inicial à fase final. Sabia que ia ser duro, mas estava confiante na minha preparação física e psicológica. As dificuldades sentidas, foram ultrapassadas individualmente e, também, em grupo, salientando neste caso, os fortes elos de camaradagem que foram estabelecidos entre todos os instruendos.

Após a conclusão do curso, gostaria de poder ser colocado no Regimento de Comandos, para nele servir o Exército e, por conseguinte, Portugal.

Kevin Alves, Segundo Cabo; Regime de Contrato; Amora



Há três anos quis vir para a vida militar e pretendi ingressar numa tropa especial. A escolha recaiu nos Comandos. Assim, concorri ao curso, mas nessa primeira tentativa, por razões de saúde, fui eliminado da sua frequência. Quando o curso foi interrompido, fiquei com receio de voltar a perder mais uma oportunidade de ser Comando. Felizmente que tudo correu bem. O curso foi retomado e aqui estou eu pronto a ser Comando.

Sobre o curso que agora frequento, em tempo de pandemia, senti um cuidado especial em toda a instrução para minimizar os riscos de contágio entre militares. Esta é a principal diferença entre este curso e o que frequentei sem ter concluído.

Ambiciono poder participar em missões no exterior e, mais tarde, ingressar no Quadro Permanente, como militar do Exército.

José Lameirão, Tenente de Engenharia; Quadro Permanente; Espinho

Em 2019 estive em Missão na República Centro-Africana com a Força Nacional Destacada aprontada pelo Regimento de Comandos. Desde essa altura fiquei a gostar da especialidade, vendo na mesma uma oportunidade única de conciliar o meu conhecimento, enquanto engenheiro militar, com uma componente operacional que me agrada, representando Portugal onde seja necessário.

Sobre o curso, achei que o mesmo foi exigente, sem facilitismos, ministrado por pessoal competente e em que a minha única apreensão aconteceu quando o mesmo foi interrompido por razões pandémicas. Nessa altura, temi que a instrução não viesse a ser retomado ou, ficando eu infetado, perder a oportunidade de frequentar o curso por incapacidade física.

Se me for possível, gostaria de colaborar de uma forma mais próxima com o Regimento de Comandos, admitindo mesmo que gostava, um dia, de ser colocado nesta Unidade.

Emanuel Carvalho, Soldado; Regime de Contrato; Caldas da Rainha

O desporto na minha vida sempre esteve presente, logo, sentindo-me confiante fisicamente e tendo, desde sempre, o sonho de entrar nos Comandos, a decisão foi muito fácil. Ofereci-me como voluntário! Em 21 de outubro de 2019 fui incorporado no Regimento dos Comandos, a fim de frequentar o Curso de Formação de Praças do Contingente Especial.

Achei o curso bem organizado e exigente do ponto de vista físico e psicológico. Foi uma oportunidade que aproveitei para estabelecer laços de amizade e companheirismo com os meus camaradas que ficarão para a vida.

A curto prazo pretendo participar em missões e, a médio prazo, gostaria de seguir a vida militar, concorrendo à Escola de Sargentos do Exército ou à Academia Militar.

Tony da Silva, Alferes de Infantaria; Quadro Permanente; Vila de Rei, Castelo Branco

A minha entrada nas fileiras aconteceu tarde pois fui estudante do ensino superior e só fui incorporado quando terminei o meu curso. Desde sempre, que desejei pertencer a uma força militar com características iguais às que se verificam nos Comandos. Quando a oportunidade surgiu, concorri ao Curso de Comandos.

Achei o curso bem estruturado, dividido por fases, que permitiu preparar os militares para a frequência do curso, tanto na parte individual como na parte coletiva (fase de grupos). Saliento a qualidade dos instrutores que souberam sempre liderar o grupo de uma forma exemplar e, ainda realço os laços de camaradagem que se estabeleceram entre os instruendos e a entreajuda que daí decorreu.

Na minha vida faço uma gestão por objetivos. Num futuro mais imediato quero investir tempo na melhoria da minha condição física a fim de melhor corresponder aos desafios que o Exército tem reservados para mim, não importando em que situação for.

Com o retomar do 134.º Curso de Comandos, em 2 de setembro, o seu encerramento deu-se em 18 de dezembro, no Regimento de Comandos, na Carregueira, tendo sido presidido pelo Comandante das Forças Terrestres, Tenente-General Martins Pereira.

A cerimónia teve como momento cimeiro a imposição dos crachás e das boinas vermelhas, aos 33 militares (quatro Oficiais, 11 Sargentos e 18 Praças) que concluíram o curso e, assim, se tornaram os mais recentes membros da família *Comando*.

Com origens geográficas e colocações diversas, alguns destes militares irão regressar às suas Unidades, disponíveis para o serviço e enriquecidos profissionalmente com os conhecimentos adquiridos no curso. Outros, a maioria, irão permanecer no Regimento de Comandos, prontos a servir em qualquer tipo de Teatro Operacional, sempre com a mesma divisa *Audaces Fortuna Juvat* – "A Sorte Protege os Audazes" – e, independentemente do perigo, a proferir *Mama Sumae* – "Aqui estamos!" ع

XXIX Colóquio de História Militar

Durante quatro dias, historiadores nacionais e internacionais abordaram a definição e defesa das fronteiras do Brasil, tendo no evento sido entregue o Prémio Defesa Nacional 2019

Texto : MGen João **Vieira Borges** | Comissão Portuguesa de História Militar

Sob a presidência do Ministro da Defesa Nacional, Professor Doutor João Gomes Cravinho, teve lugar na Sociedade Histórica da Independência de Portugal, no dia 9 de novembro de 2020, a abertura do XXIX Colóquio de História Militar da Comissão Portuguesa de História Militar (CPHM), subordinado ao tema *De Madrid a Santo Ildefonso: A definição das fronteiras do Brasil.*

Os constrangimentos decorrentes da COVID-19 levaram a um formato de cerimónia, com um número muito reduzido de convidados presentes, e à realização das diferentes sessões do colóquio, entre os dias 9 e 12, por via telemática.

"As comunicações foram de elevada qualidade, com partilha de novas teses, como a da influência e intervenção dos laços dinásticos nos Tratados de Madrid ou Santo Ildefonso ou a relacionada com a ocultação premeditada de informação aos espanhóis em termos da cartografia anexa ao Tratado de Madrid."

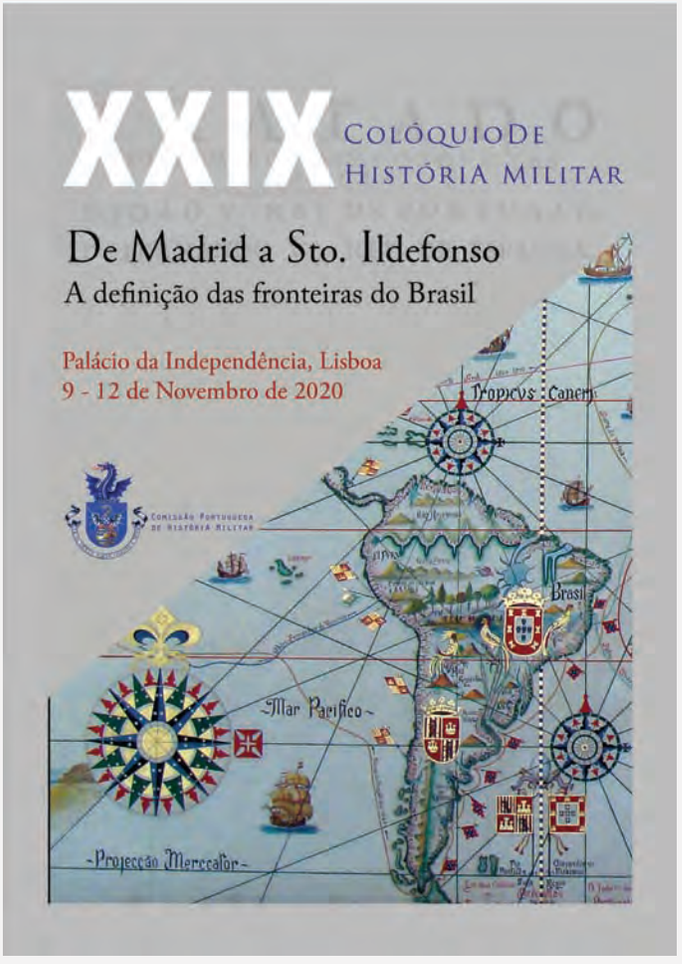
[MGen João Vieira Borges]

Após a sessão solene, que incluiu as intervenções do Ministro da Defesa Nacional e do Presidente da CPHM, Major-General João Vieira Borges, seguiu-se a entrega do Prémio Defesa Nacional 2019 ao Professor Pedro Filipe Fernandes Sebastião, autor da obra *Os Espingardeiros. Um Corpo Militar no Alvor da Modernidade (1437-1495)*.

A abertura do colóquio começou com a intervenção do General Márcio Bergo, Presidente do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, que abordou o tema *Brasil: Fronteiras e Desafios*, onde apresentou uma *ponte* importantíssima entre as fronteiras do passado e as fronteiras do futuro do Brasil. Seguiram-se, ao longo de quatro dias, sete sessões, que contemplaram temas muito diversificados, desde as ciências militares à diplomacia, passando pela arquitetura, engenharia, cartografia, turismo militar e filosofia. É de destacar a participação de cinco conferencistas brasileiros e a presença de historiadores da Comissão Espanhola de História Militar, o que tornou o evento num colóquio internacional, com elevada participação.

As comunicações foram de elevada qualidade, com partilha de novas teses, como a da influência e intervenção dos laços dinásticos nos Tratados de Madrid ou Santo Ildefonso ou a relacionada com a ocultação premeditada de informação aos espanhóis em termos da cartografia anexa ao Tratado de Madrid. Os participantes ficaram conscientes de que no século XVIII dominado pela luta entre a França e o Reino Unido – os tratados assinados por Portugal e Espanha, e o trabalho desenvolvido no terreno por homens como Pedro Teixeira, Luís de Albuquerque e Luís Garcia de Bivar, marcaram o mundo da época, com consequências e responsabilidades acrescidas para os dias de hoje.

Para mais informações sobre este evento e outras iniciativas da CPHM, designadamente o novo *Concurso História Militar e Juventude*, o *Prémio Defesa Nacional 2020*, as *Conferências da CPHM* e as novas *Conversas Prémio Defesa Nacional*, sugere-se a consulta do *site* da CPHM em: https://cphm.defesa.gov.pt.



Protocolo Santander Totta

Um acordo que vale vantagens

No Santander Totta queremos ter uma relação privilegiada com os nossos clientes através dos Protocolos Colectivos. Por isso, criámos condições muito vantajosas para si!

Santander Totta

santandertotta.pt

[Lamego]

Cabo-Adjunto Frederic Monteiro

> **"Em junho de 2018 tive a oportunidade que qualquer militar anseia na sua carreira: iniciei o aprontamento para a 2.ª Força Nacional Destacada no Afeganistão, no âmbito da *Resolute Support Mission*, numa missão de *Force Protection*."**
>
> [Cabo-Adjunto Monteiro]

O Cabo-Adjunto Frederic Monteiro contou-nos a sua experiência ao serviço do Exército Português

"A minha vida militar começou a 10 de novembro de 2014, em Lamego, no Centro de Tropas de Operações Especiais (CTOE). Após a recruta, ingressei no curso de Operações Especiais, que terminei a 20 de maio de 2015.

Colocado na Força de Operações Especiais, passados quatro meses frequentei a Escola de Cabos, uma das mais-valias de pertencer ao CTOE. Ao longo da minha carreira militar fiz vários cursos de especialização, internos e externos à Unidade. Destaco os cursos de Patrulhas de Reconhecimento de Longo Raio de Ação, *Sniper* e Paraquedismo Militar.

Em junho de 2018 tive a oportunidade que qualquer militar anseia na sua carreira: iniciei o aprontamento para a 2.ª Força Nacional Destacada no Afeganistão, no âmbito da *Resolute Support Mission*, numa missão de *Force Protection*. Fomos projetados em dezembro de 2018. Foram seis meses de muito suor e aprendizagem, mas um marco importante na minha vida, porque é sem dúvida uma experiência incrível, onde temos contato com militares de várias nacionalidades e outras culturas e através da qual enriquecemos a nossa capacidade militar, não só individualmente como também coletivamente, aproveitando o saber que os outros têm.

Após o regresso a Portugal, tirei a carta de condução de categoria C, algo que considero ser uma das melhores coisas que o Exército me deu. Trata-se de uma qualificação que me será extremamente útil no futuro, visto que é muito procurada fora das Forças Armadas, enquanto que os outros cursos que fiz, serviram mais para o meu enriquecimento pessoal e desempenho militar.

Agora que concluo esta minha curta carreira no CTOE, concretamente no Pelotão *Sniper* (uma das áreas mais interessantes para servir), despeço-me com o sentimento de missão cumprida. Foi um privilégio e uma honra servir o Exército numa Unidade moderna, atrativa, credível, eficiente e inclusiva. Desejo a todos os que ficam, que cumpram e honrem a farda que envergam todos os dias. Sempre um *Ranger*!"

[França]

«Não partiria para o Mali sem os militares»

Repórter de Guerra Dorothée Olliéric – Um Testemunho

Texto : Cor Cav **Marcos de Andrade**

Dorothée Olliéric, de 55 anos, é uma grande repórter do *France 2*, que há mais de vinte anos, cobre os conflitos militares. Esteve na Bósnia, na República Centro-Africana, no Mali... O seu principal objetivo: contar a guerra ao grande público. No terreno, partilha a vida quotidiana dos soldados. Experiências e encontros marcantes dos quais ela aceita falar à *TIM*, a revista oficial do exército francês.

"Quando comecei este trabalho, não se podia falar com os soldados. Hoje tudo é diferente, e as tropas integram-me facilmente na sua vida quotidiana. Gosto de momentos de partilha, como à noite, em torno das rações de combate. Há muito entusiasmo, entreajuda e fraternidade numa operação militar no exterior. Uma necessidade para se suportar a dificuldade das missões. Vivência e boas experiências onde quer que vá. Há uma coisa que me diferencia dos soldados no terreno: não ando com uma arma. Mas, tal como eles, estou familiarizada com os horrores da guerra. Passamos pelas mesmas provações e, por vezes, pelos mesmos dramas. Estas experiências comuns ajudam a tecer laços de confiança e, por vezes, as amizades perduram. Posso partilhar com eles memórias marcantes, porque nos compreendemos. Quero testemunhar o empenho destas mulheres e destes homens e chegar a um vasto público. Fiz a cobertura de muitos acontecimentos sobre militares feridos.

Fico comovida quando jovens soldados me dizem que estão dispostos a morrer pelo seu país. Esta entrega obriga-me a admirá-los, especialmente numa sociedade em que este valor não tem eco. Vejo-o em todas as minhas reportagens, como a que fiz na República Centro-Africana, onde tudo se complicou com o 8.º Regimento de Paraquedistas de Infantaria da Marinha. Enquanto estávamos em patrulha, fomos atacados numa encruzilhada. Sobressaltada pelo som dos tiros, ouvi gritar: «O Dudu está ferido.»

Num segundo, tomam conta do ferido e eu sou posta em segurança. Os militares respondem eficazmente, apesar da emoção, por saberem que um dos seus fora atingido. Estou grata pelo risco assumido para me protegerem.

Eu não partiria para certos países se o exército não estivesse aí presente. Não partiria para o Mali sem os militares, por exemplo. Estou consciente de que, para eles, represento um fardo suplementar. É, portanto, essencial que eu cumpra as normas de segurança impostas.

A sua coragem e a das suas famílias marcam-me." ج

Fonte : Excerto de um artigo publicado na revista *TIM* do Exército francês de fevereiro de 2021

[Estados Unidos da América]

Sistema ATLAS: Uma Plataforma Robótica

Alguns órgãos de comunicação social têm vindo a noticiar que o exército dos EUA está a desenvolver *máquinas de matar* de natureza robótica. Efetivamente, o que se está a passar nos centros de desenvolvimento de tecnologias militares é dar uso à Inteligência Artificial (IA) a fim de melhorar a eficiência e a eficácia dos sistemas de combate, nomeadamente, a aquisição de alvos e a sua neutralização.

O exército norte-americano tem agendado para breve a realização de testes a um sistema – denominado ATLAS - que recorre a algoritmos de IA a fim de selecionar potenciais alvos a eliminar e, por conseguinte, estabelecer as referidas miradas com vista à sua destruição. Importa referir que o grau de autonomia destes sistemas, da forma como neste momento está pensado, está limitado pela decisão do disparo competir ao militar que opera o sistema.

O *Combat Capabilities Development Command*, localizado em Aberdeen Proving Ground, Maryland, tem planeado efetuar sessões de tiro real apoiado no sistema ATLAS, após as quais, irá analisar os resultados e informar a estrutura militar da viabilidade da implementação deste sistema.

A *performance* do sistema ATLAS dependerá, naturalmente, do desempenho dos algoritmos utilizados e da qualidade dos dados que serão utilizados no treino das redes neuronais utilizadas para o efeito, sendo por isso alvo de avultados investimentos financeiros.

Canhão de 50 mm assistido por IA, em torre ALAS-MC instalada em chassi *General Dynamics Griffin*

Carros de combate M1 Abrams no exercício ATLANTIC RESOLVE

Fonte : https://breakingdefense.com/

Pintura a óleo representando o escritor portuense Almeida Garrett, de sentinela; Desenho do pintor portuense Joaquim Vitorino Ribeiro; Acervo do Museu Militar de Lisboa - sala dedicada as Lutas Liberais

Tempos Que Passam...Figuras Que Ficam

Uma singela homenagem à vida e obra de um patriota Liberal, Pai do Romantismo em Portugal

Texto: TSup Alexandra **Berhend** | Museu Militar do Porto

Por muitos anos que passem, a vida e obra dos grandes vultos da nossa História não se esfumam. Ficam relatos, depoimentos, livros, palavras, fica todo o percurso daqueles que fizeram este País ser grande.

Neste breve artigo iremos recordar a figura daquele que, ainda hoje, pode ser considerado um dos incomensuráveis patriotas, dedicando a sua vida e obra à defesa intransigente da liberdade, quiçá o bem mais precioso do género humano. João Baptista da Silva Leitão, mais

"The pen is mighter than the sword" – "A caneta é mais poderosa do que a espada"

[Edward George Bulwer-Lytton, 1839]

tarde, de Almeida Garrett foi, numa só palavra, um patriota.

Nascido a 4 de fevereiro de 1799, na cidade do Porto, no seio de uma família burguesa, considerou sempre a sua infância feliz, em especial nas estadas que passou nas quintas do Castelo e do Sardão, em Vila Nova de Gaia, e onde conviveu com duas criadas que o iniciaram na descoberta de histórias pueris que o faziam sonhar desde tenra idade.

Com a fuga da família para os Açores, aquando da Segunda Invasão Francesa liderada pelo General Nicolas Jean-de-Dieu Soult, abre-se uma grande oportunidade de formação de carácter e aquisição de cultura provenientes da instrução clássica e humanista, proporcionada pelo seu tio frei Dom Alexandre da Sagrada Família, 25.º Bispo de Angra.

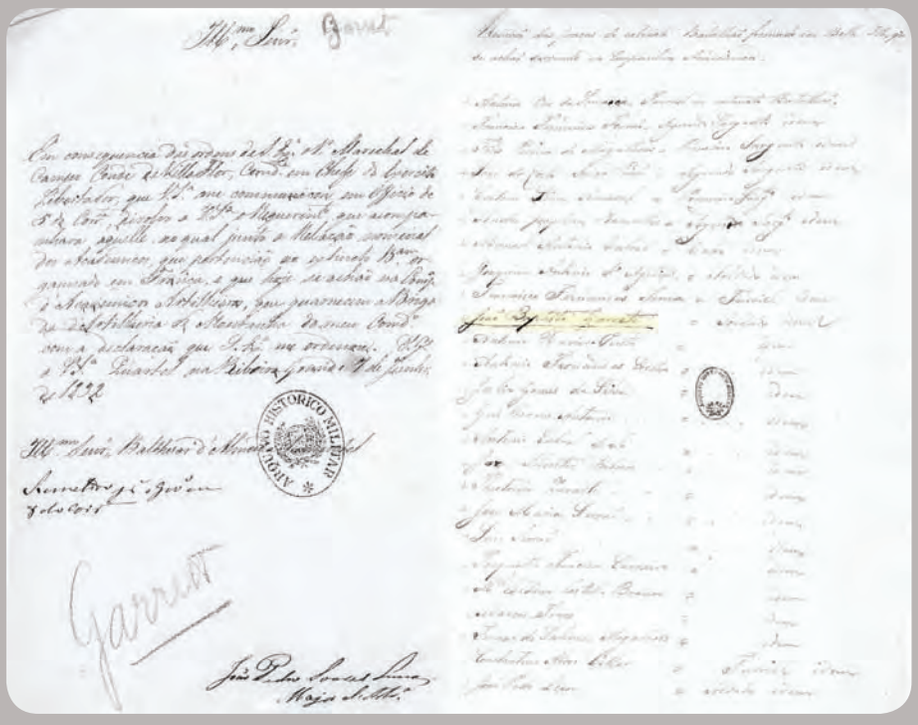
Regressa ao continente em 1816, ingressando na Universidade de Coimbra para estudar Leis. Aí começa a dedicar-se ao teatro, num meio académico fervilhante pelas novas ideias, sobretudo políticas, emergentes da recente Revolução Francesa e dos contributos políticos de Voltaire e Rosseau.

Será neste contexto que um grupo de homens liderado por Fernandes Tomás tem êxito na concretização de um movimento, no Porto, a 24 de agosto de 1820, que se traduzia na ânsia de liberdade esperada no País. Dava-se, assim, voz ao desejo de muitos portugueses, que ansiavam pelo regresso do rei D. João VI e pela instauração de um regime constitucional moderno, que afastasse definitivamente a gestão desastrosa, encabeçada pelo general inglês Beresford, que ao abrigo da aliança luso-britânica comandava os destinos nacionais.

Não admira, pois, que ao ter conhecimento desta Revolução na sua cidade natal, Garrett não hesitasse em montar no seu cavalo, deixando para trás os ensaios da peça de teatro Mérope e gritando aos quatro ventos, a quem lhe perguntava para onde ia, "Para o Porto, adeus, viva a liberdade, viva a liberdade".

Percorridas as dezoito léguas de uma só vez, à chegada à rua da Boavista, residência de suas tias, desgastado e cansado da viagem, ainda assim, não pára de exaltar o seu entusiasmo: "Viva a Pátria livre, viva a Constituição que prometeram os nossos libertadores, vivam as Cortes que vão eleger-se." É essa empolgação pela nova ordem que está a ser estabelecida que o leva, nessa mesma altura e em tom de elogio e apoio para com a Revolução, a escrever o *Hymno Patriótico*, que seus amigos iam copiando e distribuindo pela cidade do Porto.

Ofício de João Pedro Soares Luna para Baltasar de Almeida Pimentel sobre transferência de pessoal, do extinto Batalhão formado em França que passou a servir na Companhia Académica (AHM)



Litografia sobre papel de Almeida Garrett, Leiloeira São Domingos

A vida nem sempre ou quase nunca é o que se espera e a Garrett o destino reservou-lhe viver numa época instável da cena política nacional, que o levou a períodos intermitentes de exílio entre 1823 e 1832.

Por estes motivos a vida de Garrett irá oscilar entre honras e o afastamento da cena política, consoante as alterações governativas que culminarão com o restabelecimento do Absolutismo em 1826, pela mão de D. Miguel. Este cenário político origina o seu mais longo exílio que o leva a viver em Inglaterra e França, com necessidades decorrentes da falta de meios de subsistência, mas que nem por isso abalarão a sua grandeza criativa, fortalecendo, mais se possível, a inequívoca vontade de regressar um dia a uma pátria livre.

Defensor convicto dos ideais do Liberalismo, que abraçava de corpo e alma, Garrett não hesita, ainda em França, em colocar-se ao serviço de D. Pedro, agora Duque de Bragança em virtude de já ter abdicado do título de Imperador do Brasil e do trono português, alistando-se, então, no Batalhão de Caçadores n.º 5, que partirá rumo aos Açores na expedição liderada pelo próprio D. Pedro. Na ilha Terceira transfere-se para o Batalhão Académico ou Voluntários da Rainha, onde também figuravam, entre outros, Alexandre Herculano e António Augusto de Aguiar, que regressam ao continente, integrados num pequeno exército para dar corpo à vontade do líder de fazer vingar o Liberalismo.

O desembarque das tropas liberais ocorre no dia 8 de julho de 1832 na praia de Arnosa, Pampelido. Equipado com mochila e arma, Garrett caminha toda a noite ficando a aguardar pela reunião de todas as tropas no local hoje chamado Largo do Exército Libertador. Reunido o exército de D. Pedro este entra na cidade do Porto, iniciando-se uma das páginas mais negras desta cidade, fruto do cerco imposto pelo exército de D. Miguel. Após longos confrontos, que durariam sensivelmente um ano, os liberais conseguem finalmente ocupar o poder e Garrett será reintegrado como oficial na Secretaria de Estado do Reino, acumulando o trabalho na Comissão encarregada do projeto de criação do Código Criminal e Comercial.

Daí em diante e nos anos que se seguiram, a vida pública de Garrett não mais acalmou, preenchendo-se com as venturas e desventuras dos seus amores, os cargos políticos que ia ocupando, a sua vocação para a escrita em verso e prosa e com a descoberta de uma brilhante carreira como orador.

Almeida Garrett, falecido a 9 de dezembro de 1854, sepultado no Panteão Nacional, continua a ser uma figura ímpar do panorama nacional.

Esta breve homenagem ao Pai do Romantismo em Portugal e autor emblemático, fica aquém do muito mais que poderia ser contado, mas como o próprio poeta dizia, “A vida da carne é tão curta para o homem de letras!...a da glória não lhe põem termo os homens”.

Gratos ficamos a todos os que potenciaram

as qualidades inatas de Garrett para a palavra, para a redação de notáveis textos legislativos e a todos os outros que lhe permitiram dignificar Portugal, com orgulho, dignidade e mestria.

Neste sentido integramos neste artigo a dedicatória, no romance Arco de Sant´Ana que o autor dirige ao seu comandante, o Tenente-Coronel João Pedro Soares Luna, enquanto esteve aquartelado no Convento dos Grilos, na cidade do Porto, em 1832. Apesar de algum desencanto que Garrett vai expressando no texto, notório é o agradecimento e tributo que presta ao seu comandante por lhe ter permitido dedicar-se à escrita.

Afinal as palavras podem ferir mais do que as balas, as palavras perduram, perpetuam-se. JE

Carta de A. Garrett ao Ilustríssimo Coronel J.P.S. Luna, Comandante do Corpo Académico, durante o Cerco do Porto

Meu Comandante!

Faça V.S. Ideia que, do fundo desta província donde lhe escrevo, me perfilo devidamente e faço a continência militar, de que ainda não me esqueci, a-pesar de que as ordens do dia de hoje mandam esquecer todo o serviço daquele nosso tempo. Deixá-los! Eu cá não sou ingrato: e viva meu comandante que sempre nos tratou bem, e foi, e é, e há-de ser um honrado soldado da liberdade.

Animo, meu comandante! As preterições a quem desonram é a quem as faz por injustiça e parcialidade. Diz-se que, em certa promoção de Roma, sendo ministro da guerra ou não sei que autoridade grande um tal Calígula, saiu cônsul um cavalo do dito ministro. Cônsul quere-me parecer que não seria mais, nem teria mais estrelas nas dragonas, do que brigadeiro, ou marechal-de-campo quando muito. Mas fosse como fosse: Quem é que foi o preterido de-véras naquele acinte sem vergonha? Está claro que o autor da promoção.

Pois eu, meu comandante, a esses cônsules que aí andam aos coices por esta nossa terra de Portugal, que V. S., e os outros bravos libertaram para viver escravos nela, e senhores os tais meliantes que nada fizeram, senão forragear quanto puderam enquanto os mais se batiam – a esses não quero eu, nem quis nunca, por maiores que eles sejam, ou em tais se tenham, oferecer coisa minha... e mais, outro galo me cantara se o fizera.

Por isso dedico esta obra ao meu comandante: e a minha pena é que ela não seja tal que eternize o seu nome, e fique recordando a sua despremiada honra e modesta lealdade a todas as gerações que hão-de vir, para perpétuo labéu destes espertalhões que nos comeram a isca etc....

Eu já não sou tropa viva – nem morta sequer: tenho aqui umas couves galegas que vou depenando para o caldo de todos os dias com que Deus ainda acode à gente. Em a décima mo levando... a décima e o quinto, e o subsídio literário (oh meu comandante, subsídio literário para esta gente que aborrece e persegue as letras!) e a câmara municipal, e o administrador do concelho, e os enjeitados, e a côngrua do pároco, e o cruzado para as estradas... Paciência, morrerei aqui a um canto, mas não lhe hei-de pedir nada a eles: hei-de seguir o nobre exemplo do meu comandante.

Digo eu que já não sou tropa nem nada. E não sou; vivo aqui nesta aldeia do nosso Minho que V. S. sabe, e é milagre quando por cá aparece um periódico. Mas oiço dizer ao barbeiro da terra, homem curioso de novidades e barbas -do que o barbeiro dos Pobres do Pôrto, oiço-lhe contar que essa paisanada que tudo lo manda lá por Lisboa, diz que é que salvou a Carta, e que eles é que são os defensores da Carta, e que a Carta para aqui e a Carta para ali... Ainda bem que eu lá não estou para tal ouvir, meu comandante, que me devia perder de certo...

Leva rumor, e à primeira forma! Assim, que aqui está o livro, meu comandante. Escrevi-o estando às ordens de V.S., que tantas vezes me dispensou do serviço da peça e do fuzil para me deixar rabiscar com a pena. Dizia V. S. que não era menos útil o serviço que eu fazia...Creio que se enganou por bondade sua. Os que nem deste nem doutros serviços fizeram, ou os fizeram com os seus narizes, ou se pagaram logo deles por suas mãos, aí andam fartos e honrados... e eu cômo as minhas berças.

Pois o livro, não o oferecia a nenhum conde, nem duque, nem secretário de estado... Eu sim! Muito mais alto que isso me quiseram fazer pendurar uma dedicatória... E eu nada: meia volta à direita, e marcha para o caldo de unto da santa independência. Ofereço-lho, meu comandante, porque sou

De V. S.
Camarada e amigo,
Um fraco mas fiel soldado da pátria
O NÚMERO 72.

Linhas de Torres Vedras
*Non plus ultra** à Águia Napoleónica

Centro Interpretativo de Arruda dos Vinhos **Fonte :** RHLT

Entre o Atlântico e o Tejo, nos arredores a norte de Lisboa, estende-se um acidentado território, dominado por imponentes serras que entre si encerram desfiladeiros abruptos e vales verdejantes, por onde passam algumas linhas de água e os acessos à capital. Do alto dos cerros, onde ainda sobressaem os moinhos de vento de outrora, agora acompanhados por numerosos geradores eólicos, a panorâmica estende-se por largos quilómetros até ao mar e ao rio, abarcando vinhas e outros espaços agrícolas, pois a ruralidade por ali ainda hoje impera, apesar do profuso casario disperso pelos campos ou concentrado em urbes de média dimensão.

Os mesmos obstáculos naturais que caracterizam a região e lhe conferem uma beleza natural ímpar, ao condicionarem os acessos próximos à capital, deram-lhe também uma relevante importância estratégica no dealbar do século XIX, quando a ameaça napoleónica, pela terceira vez, se fez sentir em Portugal.

Wellington, comandante-chefe do exército anglo-luso, cedo percebeu que era nela que teria a melhor hipótese de suster e quebrar o ímpeto do invasor e foi nela que concentrou as suas forças; não sem antes ter construído, em absoluto sigilo, um engenhoso e vasto sistema defensivo, composto por três Linhas. Uma mais avançada e distante de Lisboa, entre a foz do rio Sizandro, junto ao mar, e Alhandra, à beira do Tejo, com uma extensão de cerca de 46 quilómetros; uma outra intermédia, não muito afastada da primeira, de Ribamar ao Forte da Casa, passando por Mafra e Bucelas, estendendo-se ao longo de 40 quilómetros e uma terceira, muito menor, com apenas três quilómetros, já nos arredores da capital, em Oeiras, exclusivamente para proteger a retirada do seu exército em caso de derrota.

Sob o comando britânico, coadjuvado por engenheiros militares nacionais e com mão-de-obra portuguesa, os fortes e redutos que compunham as linhas, bem como as restantes obras de defesa que os reforçavam, começaram a ser erguidos no início de novembro de 1809. Quando os trabalhos foram dados por terminados em 1812 os fortes e redutos atingiram o cômputo de 152, dos quais 126 estavam prontos quando, a 11 de outubro de 1810, os franceses chegaram às Linhas.

Nos dias seguintes, a tentativa destes para as ultrapassar foi frustrada em vários combates travados e, por fim, um mês depois, o exército invasor exausto e abatido, delas retirou para uma nova posição, em Santarém, onde aguardou a vinda de reforços para uma nova investida, que acabou por nunca vir a realizar-se.

Passados dois séculos, as memórias desta época foram

Forte de São Vicente, em Torres Vedras **Fonte :** RHLT

Texto : TSup João **Moreira Tavares**

Atividade de *Geocaching*, em Mafra **Fonte** : RHLT

resgatadas do esquecimento dos homens da voragem do tempo, com a colaboração do Exército, pelos seis municípios onde se encontra este sistema defensivo único na Europa. Arruda dos Vinhos, Loures, Mafra, Sobral de Monte Agraço, Torres Vedras e Vila Franca de Xira criaram uma plataforma intermunicipal para a recuperação e valorização turística-cultural deste património, disperso e dissimulado nos seus territórios. Nasceu, assim, a Rota Histórica das Linhas de Torres (RHLT), projeto e associação, que com um trabalho notável, reconhecido já internacionalmente, em 2014, com o Prémio Europa Nostra na categoria Conservação, nos dá a conhecer o período das Invasões Francesas (1807/11) e convida a visitar estas fortificações ímpares, que constituíram o ponto de partida da vitoriosa ofensiva Aliada que levaria à expulsão definitiva do exército napoleónico, primeiro do solo nacional, depois da Península Ibérica e, por fim, à sua derrota, em 1814, já no sul de França, pondo, assim, termo à Guerra Peninsular.

São seis os percursos sugeridos pela RHLT que, do Atlântico ao Tejo, por montes e vales, conjugando a história com a natureza, mas também com sugestões ao nível da gastronomia, da cultura e do desporto, nos impelem à descoberta de um valioso património, já classificado como Monumento Nacional em 2019 e, desde 2014, com um Dia Nacional a ele dedicado (20 de outubro), em homenagem ao labor e resistência do povo português e à estratégia e engenharia militares que tornaram possíveis a sua construção.

Todos os percursos (Torres Vedras na Primeira Linha, Wellington, A Defesa do Tejo, Grandes Desfiladeiros, O Nó da Linhas e Do Palácio ao Atlântico) são apoiados por uma rede de Centros de Interpretação, obedecem a uma temática e incidem numa determinada área geográfica, podendo ser realizados de forma autónoma, mas todos se complementam. Aliás, a sua versatilidade torna-os uma excelente escolha para toda a família, satisfazendo vários interesses. O gosto pela história, pela natureza, pelo desporto, pela cultura e tradições locais, ou, simplesmente, por um tranquilo passeio ao ar livre, tão apreciado no atual contexto vivido.

Além dos percursos, a RHLT oferece também diversos circuitos, incluindo visitas guiadas, atividades lúdico-culturais e desportivas, destinados às famílias e às escolas. Há, ainda, as recriações históricas, como o Mercado Oitocentista ou a Guerrilha de Montagraço.

Para saber mais sugere-se a consulta do sítio https://www.rhlt.pt/pt/ e/ou que nos acompanhe nos próximos números, onde descreveremos, com pormenor, os seis percursos.

Bons passeios!

Recriação histórica **Fonte** : RHLT

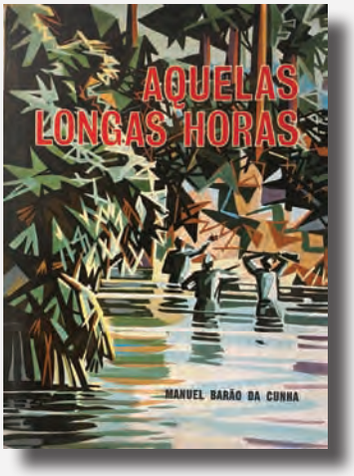
Nota :
* Locução latina que significa "não mais além". Aquilo que não pode ser excedido.

A queda da Índia Portuguesa – crónica da invasão e do cativeiro

O autor, nascido nestas terras a elas voltou, 30 anos depois para cumprir uma comissão de serviço, sendo colocado no Comando do Agrupamento Afonso de Albuquerque, onde foi protagonista e prisioneiro de guerra, durante a invasão pela União Indiana. Nas suas palavras afirma "Só o tempo permite que a análise dos factos se faça explicar serena e desapaixonadamente", o que justificará que só decorridos cerca de vinte anos tenha passado a escrito o que então viveu. Dedica o livro aos que "morreram pela Pátria em terras de Goa, Damão e Diu; às gentes da Índia Portuguesa e aos que lutaram contra a decisão ilegal e arbitrária do conhecido *Processo da Índia*".
O livro articula-se em oito capítulos, seguido de uma conclusão e dele fazem parte diversos anexos e mapas que melhor nos ajudam a entender a geografia e as ações ocorridas.

MORAIS, Carlos Alexandre de, *A Queda da Índia Portuguesa – crónica da invasão e do cativeiro*, Edições Intervenção, 1.ª edição, 1980

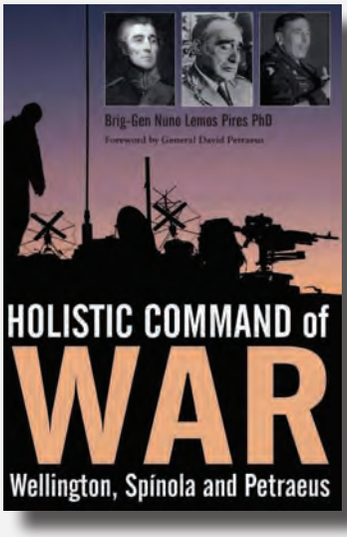
Aquelas Longas Horas



O autor escreveu este livro quando, após ter sido ferido em combate na Guiné, esteve longos meses hospitalizado em recuperação. Na Nota Prévia a esta 2.ª edição, foi o próprio que definiu, de forma eloquente, ao que vinha: "tive ocasião de afirmar algures que este livro foi escrito com dois objetivos: por um lado, fazer ver aos protagonistas dessas horas que não tinham sido esquecidos, isto é, que sobre eles não tinha caído a indiferença, pena humana que considero das mais dolorosas; e, por outro lado, contribuir para informar o público em geral de como são as horas vividas por aqueles que se batem longe dos seus lares."
Este terá sido um dos primos livros biográficos do nosso último conflito no Ultramar Português.

CUNHA, Manuel Barão da, *Aquelas Longas Horas*, 2.ª edição, 1970

Holistic Command of War – Wellington, Spínola and Petraeus



Esta obra é uma reedição, em língua inglesa, da tese de doutoramento que o Brigadeiro-General Nuno Lemos Pires defendeu, em dezembro de 2013, e publicou originalmente em 2014.
Esta edição é, todavia, enriquecida com uma introdução de David Petraeus, General do Exército dos EUA, um dos três militares referidos no livro. É o próprio que escreve: "Como Lemos Pires refere neste livro, são necessárias soluções holísticas e abordagens em que todos os elementos do poder nacional e de uma coligação, sejam utilizados para fazer face às complicadas e múltiplas situações de conflito em vários locais do mundo."

PIRES, Nuno Lemos, *Holistic Command of War – Wellington, Spínola and Petraeus*, Lime Tree Press, fevereiro de 2021

Forte de São Brás

Espólio dos *Calcetas*
Fonte: Museu Militar dos Açores

Espólio dos Calcetas

Museu Militar dos Açores

No contexto da Guerra Civil de 1828-1834, após a projeção das Forças liberais – os 7500 Bravos do Mindelo – em junho de 1832, a partir dos Açores, D. Pedro IV deixou uma Força residual de 40 elementos de tropa regular no forte de S. Brás, que funcionava como depósito de armamento e munições e prisão de desertores, presos políticos e sentenciados.

A fim de colmatar a insuficiência da Força militar foi criado o Corpo de Guardas Cívicos, Força paisana constituída por 400 efetivos, fortemente motivados pela ideologia liberal, que conduziram uma dura campanha contra os adeptos do regime absolutista.

Foi esta situação complexa e volátil, carregada de paixões e ódios políticos, que provocou um dos mais trágicos incidentes sucedidos no forte de S. Brás, conhecido pela Revolta dos Calcetas, ocorrido a 23 de abril de 1835. Cerca de 20 absolutistas, em regime de prisão e trabalhos forçados no calcetamento de ruas, liderados pelo Sargento desertor Sebastião Forjaca, com a conivência de um elemento da guarnição, tomaram o controlo do forte e bombardearam a cidade, contando com o levantamento e apoio dos absolutistas da ilha de S. Miguel, o que não aconteceu. Imediatamente cercados pela Guarda Cívica, militares e civis, tentaram a fuga ou renderam-se na noite de 23 para 24 de abril.

Sumariamente executados, mutilados e alguns enterrados vivos, foram sepultados numa vala comum na esplanada do forte de S. Brás, tendo os seus restos mortais e despojos sido postos a descoberto, em 1908, com o arrasamento da esplanada, entretanto cedida, em 1907, a título precário à Câmara Municipal de Ponta Delgada.

Este espólio, colocado à guarda do Museu Militar dos Açores e pertença do Museu Carlos Machado, é constituído por um canivete com cabo em osso trabalhado, moedas de cobre da época, uma lente, uma chave, balas de chumbo esféricas, botões e outros objetos não identificados.

50. In Memoriam

Tenente-General José Luís Almiro Canêlhas (1925-2021)

Natural de Águeda, onde nasceu a 2 de fevereiro de 1925, frequentou o Colégio Militar e a Escola do Exército. Nesta cursou Infantaria, que terminou em 1948.
Na Metrópole passou por várias Unidades e no Ultramar cumpriu três comissões, concretamente em Moçambique (1955/57 e 1969/71) e no Estado da Índia (1959/60).
Após a frequência dos cursos Geral de Estado-Maior e Complementar de Estado-Maior ingressou no Corpo de Estado-Maior, em 1965. Porém, foi a realização, na Argélia, do curso de Pacificação e Contraguerrilha, em 1959, que marcaria a sua carreira, tornando-o num pioneiro e especialista da Ação Psicológica em Portugal e no criador do primeiro órgão de Ação Psicológica do Exército, que chefiou.
Ascendeu a Oficial General, em 1976. Foi Chefe do Gabinete do Chefe do Estado-Maior do Exército, Comandante da 1.ª Brigada Mista Independente, Ajudante-General do Exército e Presidente do Conselho Superior de Disciplina do Exército.
Faleceu a 17 de janeiro.

Tenente-General Adérito Augusto Figueira (1932-2021)

Nasceu em Alijó, a 30 de julho de 1932. Entrou para a Escola do Exército em 1951, onde cursou Infantaria, que concluiu em 1955.
Na Metrópole passou por diversas Unidades do Exército, das quais se destaca a Academia Militar (AM), onde esteve mais tempo, e, ainda, serviu na Guarda Fiscal.
No Ultramar cumpriu quatro comissões, concretamente na Guiné (1962/64), onde recebeu a medalha da Cruz de Guerra de 2.ª classe; em Angola (1965/67 e 1971/73) e em Moçambique (1968/70).
Esteve ligado ao planeamento e execução do 25 de Abril, de 1974 e do 25 de Novembro, de 1975.
Ascendeu a Oficial General, em 1982. Foi 2.º Comandante da Região Militar Norte (da qual também veio a ser Comandante) e da AM, Diretor da Arma de Infantaria e, já na Reserva, Presidente dos Serviços Sociais das Forças Armadas.
Faleceu a 20 de janeiro.

Tenente-General Ricardo Fernando Ferreira Durão (1928-2021)

Nascido, em Setúbal, a 13 de junho de 1928, foi aluno do Colégio Militar e na Escola do Exército concluiu o curso de Cavalaria, em 1950.
Na Metrópole prestou serviço em diversas Unidades e no Ultramar cumpriu quatro comissões, concretamente em Angola (1961/63), na Guiné (1965/67 e 1968/70) e em S. Tomé e Príncipe (1971/74).
Frequentou diferentes cursos, como os de: Sapadores, Carros de Combate e Defesa Nacional e diversos associados ao desporto, ao qual esteve ligado como praticante de várias modalidades e instrutor, tendo sido, inclusive, campeão escolar, universitário e nacional e, ainda, recordista nacional. Participou nas seleções nacionais de atletismo e *rugby*, nos Jogos Olímpicos de Helsínquia e no Campeonato Europeu de França.
Ascendeu a Oficial General, em 1978. Comandou as Regiões Militares Sul e de Lisboa e foi Diretor do Serviço de Justiça e Disciplina e da Arma de Cavalaria. Já na Reserva foi Juiz Vogal do Supremo Tribunal Militar.
Faleceu a 22 de janeiro.

Às famílias enlutadas destes ilustres Oficiais Generais o *Jornal do Exército* endereça sentidos pêsames.

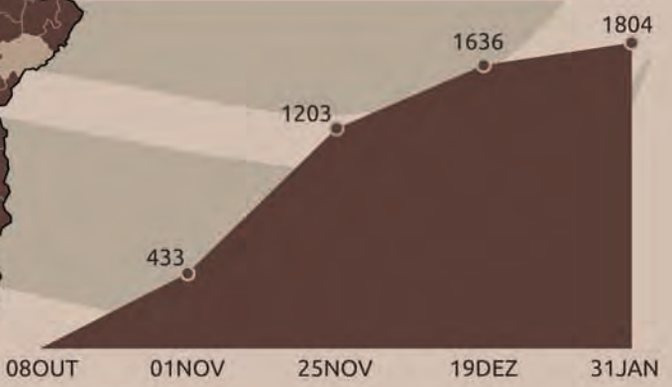
EXÉRCITO PORTUGAL
Ao serviço dos Portugueses

Ações de Sensibilização em Estruturas Residenciais para Idosos

em apoio ao Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social

COVID-19
31JAN21

EVOLUÇÃO DAS AÇÕES EXECUTADAS



DISTRIBUIÇÃO TERRITORIAL

571	Norte
756	Centro
190	Área Metropolitana de Lisboa
273	Alentejo
14	Algarve

EVOLUÇÃO | 2457 Ações planeadas

74% Executadas

- 25 628 Pessoas presentes nas ações
- 1804 Ações executadas
- 246 Municípios abrangidos
- 121 Equipas de sensibilização
- 27 Unidades empenhadas

CAM COVID-19

Centro de Apoio Militar COVID-19

DOENTES RECEBIDOS | PROVENIÊNCIA

Hospital Professor Doutor Fernando Fonseca	95
Hospital de Santa Maria	92
Hospital de São Francisco Xavier	88
Hospital Beatriz Ângelo	72
Hospital Curry Cabral	49
Centro Hospitalar Barreiro-Montijo	34
Hospital Distrital de Santarém	18
Hospital de Setúbal	17
Hospital de Cascais	14
Hospital de Vila Franca de Xira	7
Centro Hospitalar do Oeste	4
Hospital de São João	2

DOENTES RECEBIDOS ACUMULADO

SITUAÇÃO EM 31JAN21

- 74 Internados
- 492 Doentes recebidos
- 12 Centros e hospitais apoiados

exercito.pt

CONCURSO DE ADMISSÃO

PUPILOS DO EXÉRCITO

COLÉGIO MILITAR

ENCONTRAM-SE ABERTAS AS INSCRIÇÕES PARA ADMISSÃO AOS

ESTABELECIMENTOS MILITARES DE ENSINO

INSTITUTO DOS PUPILOS DO EXÉRCITO
QUERER É PODER

ANO LETIVO
2021 / 2022

COLÉGIO MILITAR
Fundado em 1803

Jornal do EXÉRCITO

Missão de Treino da União Europeia
República Centro-Africana

Ano LXII – JE706 – Fev21 - € 2,00

EXÉRCITO PORTUGAL

EXÉRCITO PORTUGAL

o Exército
nas redes sociais

exercito.pt

@ExercitoPortuguesPRT
@exercitoportugues_oficial
Exército Recrutamento
@Exercito_pt
800 20 12 74

1227 publicações
51,2 mil seguidores

no INSTAGRAM:

A Força de Reação Rápida da MINUSCA foi reconhecida pelo desempenho dos seus militares. "A coragem, o profissionalismo e a bravura" da 8.ª Força Nacional Destacada na República Centro-Africana, que no cumprimento da sua missão "contribuiu significativamente para a promoção da paz" neste país, foi reconhecida pelo Comandante da Missão Multidimensional Integrada das Nações Unidas para a Estabilização da República Centro-Africana.

1,1 mil gostos
156,2 mil seguidores

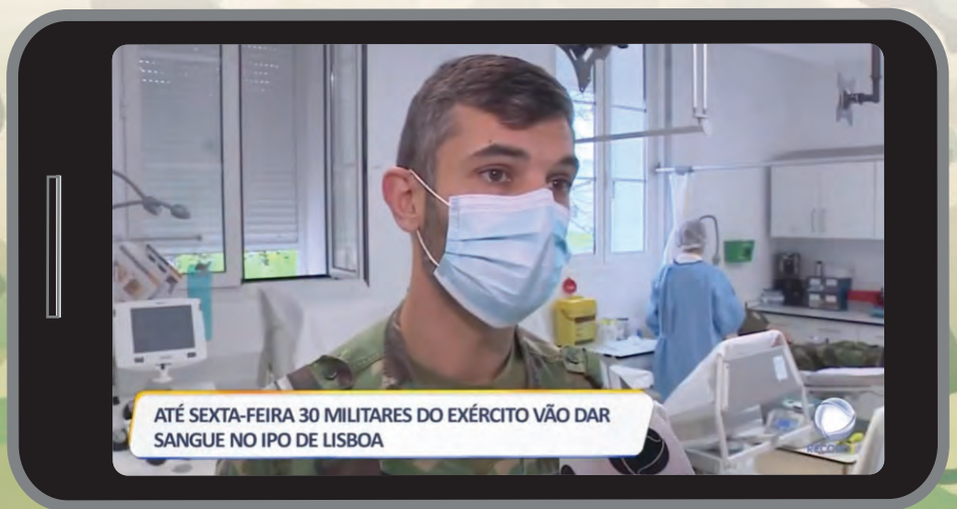
no FACEBOOK:

A Escola das Armas, através do Centro de Formação e Treino de Combate em Áreas Edificadas, passou a contar, desde o início deste mês, com mais cinco edifícios, materializando uma área de construção densa aleatória, disponível para a formação e o treino de Forças em combate em ambiente urbano.

no YOUTUBE:

O Exército, através do Comando das Forças Terrestres, Regimento de Artilharia Antiaérea N.º 1 (Queluz), do Regimento de Lanceiros N.º 2 (Amadora) e do Regimento de Comandos (Carregueira), respondeu uma vez mais ao pedido de apoio do Instituto Português de Oncologia de Lisboa Francisco Gentil, doando sangue naquelas instalações hospitalares.

225 visualizações



298 seguidores

no TWITTER:

O Centro de Apoio Militar (CAM) COVID-19 e as Estruturas de Apoio de Retaguarda (EAR) de Coimbra e de Évora já receberam 627 doentes COVID-19 e 194 doentes não COVID-19, desde que entraram em funcionamento. Ao serviço dos Portugueses!

Brigadeiro-General Paulo Neves de Abreu

Comandante da European Union Training Mission na República Centro–Africana

A missão de treino da União Europeia na República Centro-Africana (EUTM-RCA) contribui desde 2016 para a organização e para o treino das Forças Armadas deste país.

Numa região com carências que se revelam diariamente a todos os níveis, o sentimento de segurança é muito relevante para que as tarefas quotidianas da população centro-africana se realizem com alguma naturalidade. Neste sentido, constitui um bem maior, promover e melhorar no sentido mais lato a segurança deste território, sendo este o patamar no qual sobressai a missão da EUTM. A disseminação de boas práticas e o treino garantido pela missão têm sido um importante contributo da União Europeia e, em particular das 14 nações aqui representadas, para a reconstrução das Forças Armadas da RCA. Portugal tem tido uma presença permanente nesta missão que já comandou em duas ocasiões. Presentemente, o ambiente político e social, que se vive no país, associado aos efeitos da pandemia têm obrigado a diversas adaptações da missão com o objetivo permanente de cumprir, sempre, melhor.

Contribuir para a paz, segurança e estabilidade internacionais, satisfazendo os compromissos assumidos pelo nosso país, constitui uma responsabilidade que gostamos de assumir, pelo que estamos concentrados no contínuo aperfeiçoamento do nosso desempenho. JE

INFORMAR PARA BEM SERVIR

Coronel de Cavalaria António Nuno Reis Carrapatoso **Marcos de Andrade**, Diretor do *Jornal do Exército*

As missões das Nações Unidas (ONU) e da União Europeia (UE) em curso na República Centro Africana (RCA), são as que atualmente empenham o maior número de militares do Exército nos diferentes Teatros de Operações internacionais em que Portugal participa. Pedimos ao Brigadeiro-general Paulo Neves de Abreu, que desde setembro de 2020 comanda a missão da UE na RCA, designada EUTM-RCA (*European Union Training Mission in Central African Republic*), para que nos escrevesse algumas palavras sobre este importante e relevante apoio que a UE está a dar à criação das forças militares, deste país africano, um exército capaz e eficaz para lidar com as ameaças, das várias forças insurgentes que operam e devastam este país.

A complementar as palavras introdutórias do Brigadeiro-general Neves de Abreu, neste nosso número do *Jornal do Exército* publicamos também um interessante artigo onde podemos ficar a saber mais em pormenor da atividade dos nossos militares em missão na EUTM-RCA.

Fomos visitar o Centro de Apoio Militar ao Covid19, nas antigas instalações do Hospital Militar de Belém e falamos com o seu Diretor, o Coronel José Baltazar e com alguns dos protagonistas que estão na linha da frente nesta "guerra".

Uma questão que esta pandemia trouxe também para a ordem do dia foi as ameaças biológicas, dai trazermos aos nossos leitores o artigo do Major Médico Veterinário Pedro Silva sobre Bioterrorismo Alimentar.

Por último queria referir o artigo que publicamos na nossa rubrica Visão da História sobre os eventos que ocorreram em 4 de fevereiro de 1961, em Luanda, perfaz agora sessenta anos e que muitos historiadores consideram terem sido os factos que deram origem ao início do último conflito militar que o Exército Português travou nas suas ex-províncias ultramarinas.

Boas leituras. ع

Sumário .05

Editorial 03
Palavras do Diretor 04

Figuras e Factos
Destaque 06
Território Nacional 08
Outras Paragens 10

Atualidades
... mais que mil palavras 12
Cooperação
- Missão na RCA 14
Capacidades
- Centro de Apoio Militar COVID-19 20
Capacidades
- Planos de Defesa Alimentar no Exército Português 24
Capacidades
- Apoio Geoespacial às Operações - II parte 30
Testemunho
- Maj Med Sérgio Janeiro 37
Lá por Fora
- ZRPK Pantsir-SM 38
- Nova Doutrina do Exército Norte-Americano 39

Cultura e Lazer
Uma Visão da História
- Início da Guerra 40
Roteiros Militares 44
Livros & Revistas 46
Peças Icónicas 49
In Memoriam 50

Missão na EUTM–RCA 14

Fonte : EUTM RCA

... mais que mil palavras

Imagem da sub-rubrica "... mais que mil palavras": Viaturas MRAP-MaxxPro do Pelotão QRF ao serviço da NATO no NHKIA, Afeganistão **(Foto : QRF)**

Imagem da Capa : Cerimónia de encerramento, entrega de diplomas **(Foto : EUTM RCA)**

Retificação:
Contrariamente ao que foi indicado na edição JE705, página 35, o Alferes Tony da Silva não frequentou nenhum curso superior em instituições civis. Pelo lapso cometido apresentam-se as nossas desculpas.

Jornal do EXÉRCITO

Órgão de divulgação e preservação da cultura militar, nos termos da alínea *a)*, do artigo 75.º, do Decreto Regulamentar n.º 11/2015, de 31 de julho

PROPRIEDADE DO ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO – Rua do Museu da Artilharia, 1149-065 LISBOA, Contactos: Tel. Civil: 218 842 300; tel. militar – 423 000; Fax civil: 218 842 527; fax militar: 423 227; e-mail: eme@exercito.pt. **Sede da Direção, Redação, Edição e Administração:** Palácio dos Condes de Resende, Campo de Santa Clara, 34, 1100-469 Lisboa. **NIPC**: 600021610. **Contactos**: tel. civil: 213 567 795; tel. militar: 414 026; fax civil: 213 567 791; fax militar: 414 091; *e-mails*: jornal.do.exercito@exercito.pt; *site* oficial: www.exercito.pt. **Estatuto Editorial**: https://www.exercito.pt/pt/quem-somos/organizacao/ceme/gabeceme/je; **Direção – Diretor**: Cor Cav António Marcos de Andrade; **Subdiretor**: TCor Tm Carlos Pires de Sousa; **Secretária**: AssTec Joana Moita; **Condutor**: 1Cb RC Rui Pires; **Redação – Chefe**: TCor Tm Carlos Pires de Sousa; **Assistente de Redação**: SAj SGE David Custódio; 1Sarg PesSec Mónica Martins; **Colaboradores permanentes da Redação**: Alf RC Jaime Pereira; TSup João Moreira Tavares; TSup Tânia Espírito Santo; AssTec Guiomar Brito; **Serviços Administrativos – Chefe**: TCor Tm Carlos Pires de Sousa; **Secretaria e Distribuição**: SCh SGE Carlos Claudino, 1Cb RC Rui Pires; **Colaboração Fotográfica**: Centro de Audiovisuais do Exército; RCRPP/GabCEME; **Execução Gráfica**: Jorge Fernandes, Lda. – Rua Quinta Conde de Mascarenhas n.º 9, 2820-652 Charneca de Caparica, Tel: 212 548 320, *e-mail*: geral@jorgefernandes.pt; Tiragem: 4.000 exemplares. Depósito Legal n.º 1465/82 ISSN – 0871/8598. **Preço de Capa**: €2,00; **Assinatura anual** (11 números): **via superfície** – Continente, Açores e Madeira: €20,00; **via aérea** – países europeus: €45,00; restantes países: €65,00. Os artigos publicados com indicação de autor são da inteira responsabilidade dos mesmos, não refletindo, necessariamente, o pensamento do Comando do Exército Português.

Perante o atual contexto pandémico, o Chefe do Estado-Maior do Exército, General José Nunes da Fonseca, transmitiu a orientação geral que norteará as atividades do Exército no presente ano: "Prosseguir, cumprindo melhor"

Processo de revisão da Diretiva Estratégica do Exército

No dia 29 de janeiro decorreu, na Academia Militar, a reunião sobre o ponto de situação da Diretiva Intercalar 2020 e também para a apresentação da Diretiva Intercalar 2021.
Perante o atual contexto pandémico, o Chefe do Estado-Maior do Exército, General José Nunes da Fonseca, transmitiu a orientação geral que norteará as atividades do Exército no presente ano: "Prosseguir, cumprindo melhor."
A Diretiva Intercalar do Exército (de julho de 2020) estabeleceu os necessários ajustamentos à Diretiva Estratégica do Exército 19-21, atendendo ao inevitável impacto que a COVID-19 causou na prossecução da estratégia delineada. Atendendo a que não se assiste a uma alteração significativa das circunstâncias e dos pressupostos enunciados na Diretiva Intercalar vigente, entendeu-se elaborar esta nova Diretiva Intercalar, com foco de aplicabilidade no 1.º semestre de 2021, mantendo os pressupostos e as orientações da anterior. Desta forma, a nova Diretiva reveste-se de um maior nível de ambição, uma vez que quase duplica as tarefas prioritárias, em função da experiência e melhorias implantadas.
O Exército continuará, assim, a corresponder, cabal e afirmativamente, às solicitações em torno da segurança e bem-estar dos Portugueses.

RESERVADO
Reunião do Ponto de Situação da DI 2020
e de Apresentação da DI 2021
General José Nunes da Fonseca
RESERVADO
EXÉRCITO

EXÉRCITO

EXÉRCITO

Brigadeiro-General Camelo Duarte Santos toma posse como Diretor de Comunicações e Sistemas de Informação do Exército

Na Direção de Comunicações e Sistemas de Informação (DCSI) do Exército, em Lisboa, teve lugar no dia 12 de janeiro, a Cerimónia de Tomada de Posse do novo Diretor, Brigadeiro-General (BGen) Luís Filipe Camelo Duarte Santos, que sucedeu no cargo ao BGen Francisco Bento Soares.

A cerimónia, presidida pelo Chefe do Estado-Maior do Exército (CEME), General José Nunes da Fonseca, iniciou-se com a leitura do despacho de nomeação e da síntese curricular do BGen Camelo Duarte Santos, a que se seguiu a assinatura do Termo de Posse de Comando e a imposição do escudo de peito ao novo Diretor de Comunicações e Sistemas de Informação.

O CEME reiterou os votos de boa sorte e sucesso profissional ao novo Diretor, dirigindo-lhe palavras de incentivo e relembrando o importante trabalho que tem sido desenvolvido por todos aqueles que servem na DCSI, atualmente na vanguarda das Comunicações e Sistemas de Informação, contribuindo, deste modo, para que se cumpra um Exército credível, moderno, atrativo e de elevada competência.

Secretário de Estado Adjunto e da Saúde visita a Estrutura de Apoio de Retaguarda do Centro de Saúde Militar de Coimbra

O Secretário de Estado Adjunto e da Saúde (SEAS), Dr. Lacerda Sales, visitou a 27 de janeiro, a Estrutura de Apoio de Retaguarda (EAR) para utentes infetados com a COVID-19 do Centro de Saúde Militar de Coimbra (CSMC).

O Dr. Lacerda Sales visitou a EAR acompanhado pelo Secretário de Estado da Juventude e do Desporto, Dr. João Rebelo, atual Coordenador da Região Centro para as Medidas de Combate à COVID-19; pelo Presidente da Câmara Municipal de Coimbra, Dr. Manuel Machado; pelo Presidente da Cruz Vermelha Portuguesa, Dr. Francisco George; pelo Diretor de Saúde do Exército, Brigadeiro-General Eduardo Fazenda Branco e pelo Coordenador Nacional de Emergência da Cruz Vermelha Portuguesa, Dr. Gonçalo Órfão, entre outras entidades militares e civis.

Após a apresentação de boas-vindas pelo Diretor do CSMC, Tenente-Coronel Rafael Pombo, o SEAS agradeceu o contributo das Forças Armadas, neste caso em particular ao Exército, que têm sido parceiros imprescindíveis no combate a este inimigo invisível. Salientou, ainda, que esta EAR é fundamental para descongestionar a pressão que se faz sentir nos hospitais. O Coordenador da Região Centro para as Medidas de Combate à COVID-19 reiterou, na sua intervenção, o agradecimento a todas as entidades envolvidas neste projeto, tendo destacado a sua relação sinergética com o Exército, bem como as excelentes condições que o EAR oferece aos doentes internados.

Novo Diretor-Coordenador do Estado-Maior do Exército

No Estado-Maior do Exército (EME) teve lugar, a 2 de fevereiro, a cerimónia de tomada de posse do novo Diretor-Coordenador do EME, Major-General (MGen) Mendes Ferrão, que sucedeu no cargo ao MGen Maia Pereira.

A cerimónia, presidida pelo Chefe do Estado-Maior do Exército (CEME), General José Nunes da Fonseca, iniciou-se com a leitura do despacho de nomeação e da síntese curricular do MGen Mendes Ferrão, a que se seguiu a assinatura do Termo de Posse e a imposição do escudo de peito ao novo Diretor-Coordenador do EME.

O CEME, nas palavras que dirigiu alusivas ao evento, começou por reconhecer o trabalho de excelência e de qualidade que tem sido desenvolvido por todos aqueles que servem no EME, enquanto estrutura que procura sempre as melhores soluções. "Olhando para o currículo do MGEN Mendes Ferrão e a forma empática, dinâmica e até discreta como tem vindo a desempenhar, ao longo da sua carreira, todos os cargos onde foi investido, temos a certeza de que o EME vai continuar a produzir bons resultados, bons estudos e boas propostas para decisão", afirmou o CEME, expressando a sua total confiança no novo Diretor-Coordenador do EME.

Exército reforça capacidade logística de transporte terrestre

No dia 15 de fevereiro, o Comando da Logística, através da Unidade de Apoio Geral de Material do Exército (UAGME), entregou ao Regimento de Engenharia N.º 1 e ao Regimento de Engenharia N.º 3 cinco viaturas *Volvo*, da gama FMX, quatro modelos 420 e um modelo 540, destinadas a reforçar a capacidade logística de transporte terrestre destas Unidades, para utilização no âmbito das Frentes de Trabalho de Engenharia e do Plano de Atividade Operacional Militar.

Antes da sua entrega, as viaturas foram sujeitas a um processo de receção por parte da Repartição de Controlo da Qualidade, Alimentação e Messes do Gabinete do Comandante da Logística (RCQAM/GabCmdLog), apoiada por elementos da UAGME, do Regimento de Transportes e do Gestor de Contrato (da Direção de Material e Transportes), com vista ao controlo de qualidade e à sua aceitação final.

A receção das viaturas foi o culminar de diversos meses de trabalho colaborativo entre a RCQAM/GabCmdLog e o Gestor de Contrato, ao nível do acompanhamento do processo de fabrico destas viaturas, da verificação do cumprimento dos requisitos contratuais em fase de produção e do apoio ao fabricante na clarificação dos acabamentos finais, de âmbito personalizado.

Novo 2.º Comandante do Quartel-General da NATO, em Espanha

A 4 de fevereiro, decorreu em Valência, a cerimónia de tomada de posse do Major-General Boga Ribeiro, do Exército Português, como 2.º Comandante do NATO *Rapid Deployable Corps - Spain* (NRDC-ESP), sucedendo no cargo ao Major-General Viegas Pires.

O Major-General Boga Ribeiro cumpre um novo desafio na sua distinta carreira, com créditos prestados em todos os cargos de comando por onde já passou. Depois do Comando da *European Training Mission*, no Mali, e do Comando da Brigada Mecanizada, em Santa Margarida, surge este novo desafio, enquanto 2.º Comandante do Quartel-General da NATO, em Valência.

Neste Quartel-General, que integra a estrutura de Forças da NATO, prestam serviço 400 militares de 12 países, entre os quais quatro Oficiais do Exército Português.

A participação das Forças Armadas Portuguesas neste comando aliado enquadra-se no contributo de Portugal para o reforço da prontidão da NATO, para responder a crises que afetem a segurança da região Euro-Atlântica.

Major-General Maia Pereira é o novo 2.º Comandante da Missão Multidimensional Integrada das Nações Unidas para a Estabilização da República Centro–Africana

A tomada de posse do Major-General Maia Pereira como *Deputy Force Commander* da Missão Multidimensional Integrada das Nações Unidas para a Estabilização da República Centro-Africana decorreu a 8 de fevereiro, em Bangui.

Após receber as honras regulamentares no Quartel-General da Força, o Major-General Maia Pereira, na sua primeira intervenção, evidenciou a importância do espírito de equipa e apelou ao compromisso incondicional que caracteriza o Soldado, sendo o principal objetivo utilizar esta condição militar para ajudar a República Centro-Africana a alcançar a estabilidade, o desenvolvimento e a segurança da população.

Esta missão de manutenção da paz das Nações Unidas tem como prioridade a segurança e a proteção da população civil, o apoio na resolução da crise humanitária, a defesa dos direitos humanos, bem como o apoio ao processo de transição através do desarmamento, desmobilização e reintegração dos elementos dos diferentes grupos armados.

O Major-General Maia Pereira, ao longo da sua carreira, serviu em diversas Unidades, Estabelecimentos e Órgãos do Exército, no Estado-Maior-General das Forças Armadas e no Quartel-General do Comando Supremo das Forças Aliadas na Europa, bem como em Estados-Maiores nacionais e internacionais a diferentes níveis.

Comissão de Defesa Nacional realiza videoconferência com o Teatro de Operações da República Centro-Africana

No passado dia 10 de fevereiro, a partir da Assembleia da República, a Comissão de Defesa Nacional (CDN) realizou uma videoconferência com o Teatro de Operações (TO) da República Centro–Africana (RCA).

Esta sessão realizou-se com o propósito de proporcionar à CDN um contacto de proximidade com o relevante trabalho desenvolvido pelos nossos militares na Missão Multidimensional Integrada das Nações Unidas para a Estabilização da RCA (MINUSCA) e na Missão de Treino da União Europeia (EUTM) naquele país.

Após uma breve apresentação sobre cada uma das referidas missões, por parte do 2.º Comandante da MINUSCA, Major-General Maia Pereira, do Comandante da EUTM, Brigadeiro-General Neves de Abreu, e do Comandante da 8.ª Força Nacional Destacada, Tenente-Coronel Lee Chin, seguiu-se um período de questões colocadas pelos deputados da CDN.

Aulas de Português voltam a ser ministradas a militares de Timor-Leste, após período de ausência

Após um período de oito meses e meio de interregno, devido à pandemia da COVID-19, voltou a ser ministrado em Timor-Leste o curso de Português para Fins Específicos - nível B1, destinado a militares daquele país.

Durante a entrega dos manuais escolares foi notória a satisfação dos 12 militares timorenses que frequentam este curso, cientes de que vão obter mais ferramentas para poder dominar a Língua de Camões, que orgulhosamente escolheram como sua e que serve de ponte entre dois povos tão distantes geograficamente, mas inegavelmente tão próximos afetivamente.

A cerimónia que marcou o início do Curso contou com a presença do Tenente-Coronel Renilde Corte-Real e Silva, Comandante da Componente Terrestre das Forças de Defesa de Timor-Leste, e do Tenente-Coronel Fausto Campos, do Exército Português, atual Diretor Técnico do Projeto 4, no âmbito da Cooperação no Domínio da Defesa entre Portugal e Timor-Leste.

Deste projeto, sediado na região de Baucau, estiveram igualmente presentes o Assessor Técnico, Capitão José Cunha, e o docente do curso, Capitão Nelson Jesus, respetivamente do Exército e da Força Aérea.

12.

Aeroporto Hamid Karzai em Cabul, no Afeganistão
Viaturas MRAP-MaxxPRO utilizadas pelo Pelotão *Quick Reaction Force* constituído por militares do Exército Português, ao serviço da NATO

"A República Centro-Africana sofreu em 2013 um golpe de Estado que destituiu o, então, Presidente Francois Bozize e provocou o colapso dos principais pilares do Estado."

[República Centro-Africana]

Missão na República Centro-Africana

Portugal tem tido uma presença permanente nesta missão da União Europeia, que já comandou em duas ocasiões e para a qual já contribuiu com mais de duas centenas e meia de militares. Aqui se mostra a forma como ela tem decorrido

Texto : BGen Paulo **Neves de Abreu** | Comandante da EUTM RCA

Enquadramento Histórico

A região central do continente africano tem despertado ao longo dos últimos anos muito interesse por parte da comunidade internacional; interesse motivado, não só, pela instabilidade política vivida em diversos Estados daquela região, mas também, pela constatação do crescimento do terrorismo islâmico radical. A República Centro-Africana (RCA) é um dos Estados sobre os quais tem recaído alguma atenção, fomentada pela atuação de uma miríade de atores que proliferam no território com interesses diversos.

A RCA sofreu em 2013 um golpe de Estado que

destituiu o, então, Presidente Francois Bozize e provocou o colapso dos principais pilares do Estado. A insegurança vivida em muitas cidades do país, nas quais se cometiam todo o tipo de crimes, motivou a intervenção da França[1] e de uma Força multinacional da União Africana[2], com o objetivo de restabelecer a segurança no país. As Forças Armadas da RCA (FACA) deixaram de existir enquanto organização fundamental do Estado, razão pela qual, na sequência de um pedido das autoridades da RCA, a União Europeia legitimou, em 2016, o lançamento de uma missão não executiva[3], a *European Union Training Mission* na RCA (EUTM-RCA)[4], que em coordenação com as Nações Unidas e outras organizações internacionais presentes no território, passou a contribuir para o fortalecimento da autoridade do Estado em todo o país. A EUTM-RCA surgiu na sequência das condições de estabilidade garantidas pelas anteriores missões da União Europeia (EUFOR-RCA e EUMAM-RCA).

[1] Operação SANGARIS.
[2] MISCA - *African-led International Support Mission in Central Africa.*
[3] Operações não militares em países não pertencentes à União Europeia.
[4] Decisão (PESC) 2016/610, do Conselho da União Europeia, de 16 de julho de 2016.

Missão e Organização

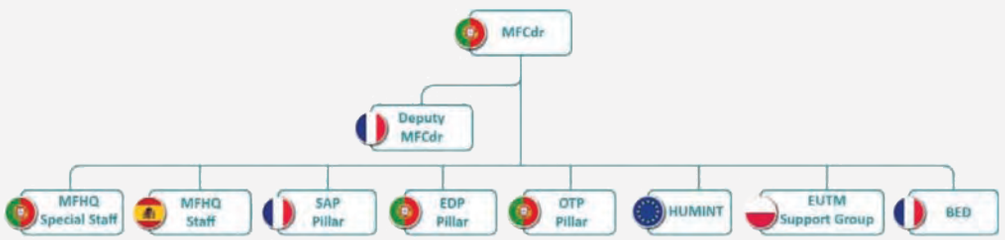
A EUTM-RCA tem como principal desígnio contribuir, com a sua ação de aconselhamento estratégico e de apoio militar, para conseguir umas FACA modernas, eficazes, etnicamente equilibradas e democraticamente responsáveis.

Pela segunda vez, desde o lançamento da missão em 2016, a EUTM-RCA é comandada por um

Oficial General português. O Brigadeiro-General Paulo Neves de Abreu que comanda esta missão desde 18 de setembro de 2020. O contingente português da missão integra 61 militares de um total de 220, sendo de destacar a presença de seis militares das Forças Armadas brasileiras, integrados no Contingente Nacional, legitimada na sequência de um acordo técnico assinado, em junho de 2018, entre os dois países. Desde 2016, Portugal já contribuiu para esta missão com um total de 257 militares.

Coincidente com o início do comando português, a EUTM-RCA iniciou o terceiro mandato em setembro de 2020, que vigorará até setembro de 2022. As atividades diárias da missão desenvolvem-se essencialmente em Bangui (capital da RCA) e em Bouar (segunda cidade da RCA), no entanto, o atual mandato prevê a expansão para as cidades de N'Dele e Bangassou, podendo o efetivo da missão crescer até aos 365 elementos.

A EUTM-RCA tem a estrutura apresentada na figura seguinte e concentra a sua atividade em três pilares fundamentais:



1. **Pilar Estratégico (SAP)** que garante o aconselhamento estratégico às FACA, em particular nas áreas da organização e emprego de Forças, formação e treino, sistemas de comunicação, gestão de recursos humanos, planeamento logístico e gestão financeira/orçamentação;

2. **Pilar de Educação (EDP)** responsável pelos cursos de formação de todos os Oficiais e Sargentos das FACA e pela formação especializada dos Oficiais, Sargentos e Praças, em áreas como as Transmissões, Liderança, Topografia, Logística, Socorrismo e Direito Humanitário Internacional, entre outras;

3. **Pilar de Treino Operacional (OTP)** responsável pela formação básica dos militares das FACA, treinando numa fase inicial os instrutores e numa segunda fase apoiando o desempenho destes. É igualmente responsável por ministrar e monitorizar o treino coletivo das Unidades constituídas das FACA.

Situação Atual Vivida no Teatro de Operações

O Plano Nacional de Defesa da RCA prevê que as Forças Armadas transitem de um conceito de *Projeção* para um conceito de *Guarnição*. Esta alteração determinará a distribuição dos militares das FACA por todo o território da RCA. Atualmente, apesar do esforço conjunto do Governo, da EUTM-RCA e de outras organizações internacionais presentes neste Teatro de Operações, ainda não foi possível concretizar na totalidade este projeto. Recentemente, na sequência das eleições presidenciais realizadas a 27 de dezembro de 2020, a situação política e securitária do país *mergulhou* numa nova crise. A decisão do Tribunal Constitucional, que impediu a candidatura do ex-Presidente Francois Bozize, levou a que este estivesse na origem da criação de uma

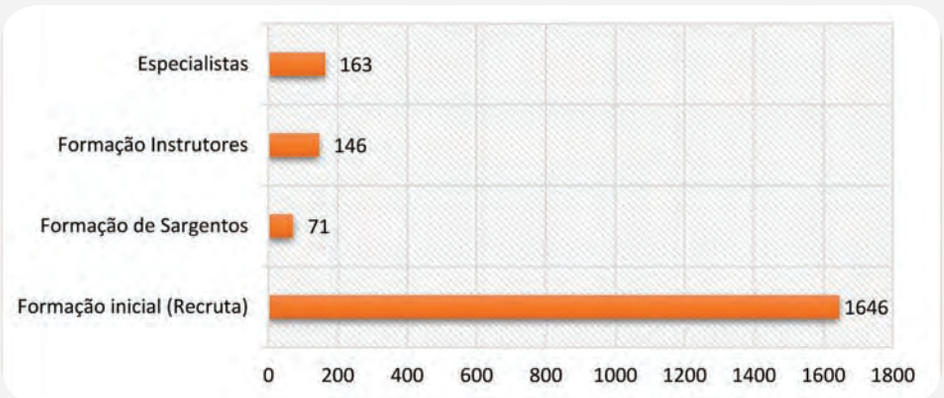
nova coligação, *Coalition des Patriotes pour le Changement* (CPC), que integra elementos dos grupos armados em atividade no território e que têm tentado tomar o poder pela força. Esta intenção não tem sido acompanhada por uma real capacidade operacional e tem sofrido uma forte oposição das FACA e dos seus aliados (Rússia e do Ruanda), bem como, da *United Nations Multidimensional Integrated Stabilization Mission in the Central African Republic* (MINUSCA).

A atual situação vivida no Teatro de Operações tem interferido com a missão da EUTM-RCA. Sendo uma missão não executiva, centrando a sua ação no aconselhamento e no treino das FACA, a EUTM necessita da colaboração e da presença dos militares das FACA nas atividades que diariamente desenvolve. Estando a ocorrer combates diários, entre as Forças governamentais e os elementos armados do CPC, tem sido difícil desenvolver com normalidade a atividade da missão. Apesar desta realidade, os resultados conseguidos até ao momento têm sido bastante animadores quanto ao cumprimento da missão.

Cumprimento da Missão

Desde a tomada de posse do atual Comando da EUTM-RCA foram formados mais de 2000 militares das FACA:

Militares das FACA formados pela EUTM desde setembro de 2020



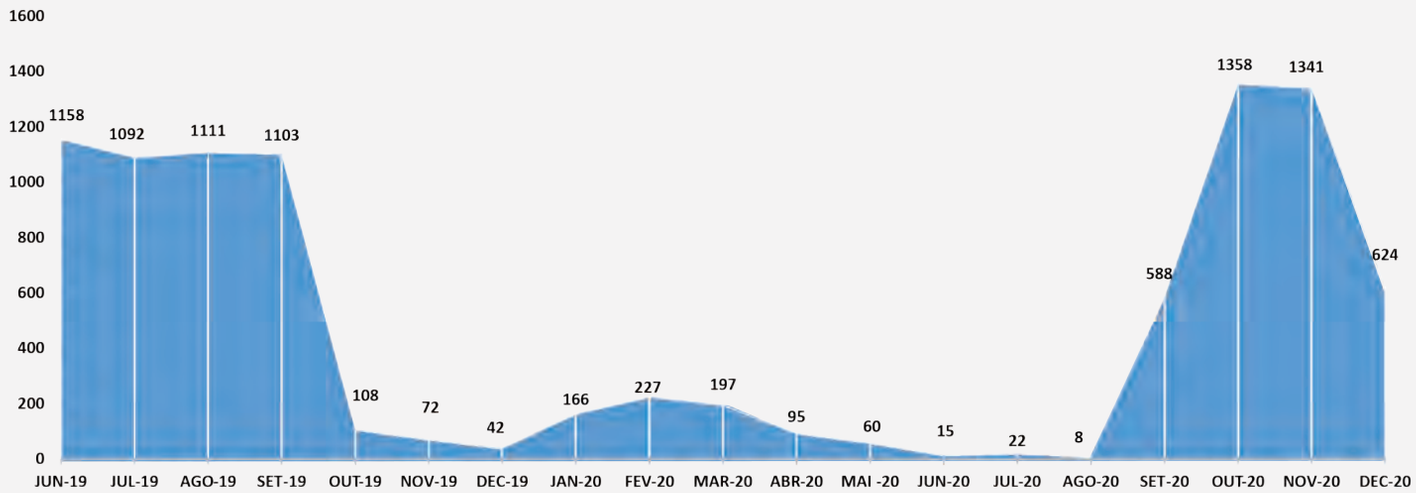
As especialidades ministradas incluem áreas como: *Combat First Aid Monitors*, *Certificat Administration et Secretariat*, *Certificat Technique 2ème degré Administration*, *Logistics Quick Impact Course*, *Certificat Technique 2ème degré Emploi Reseaux Mobiles*, entre outras. Ao nível do treino coletivo, a EUTM tem orientado a sua atenção para o treino do Batalhão Anfíbio das FACA; formação de extrema importância para garantir a segurança e a liberdade de movimentos nas áreas fluviais da RCA, que permitirá que os militares daquela Subunidade fiquem mais proficientes na execução de missões no âmbito do VBSS (*Visit, Board, Search and Seizure*), TCCC (*Tactical, Combat, Casualty Care*), Segurança Marítima, Defesa Pessoal, Operações Ribeirinhas e Manutenção de Embarcações. É, igualmente, importante referir que teve início no mês de março a formação de um novo Batalhão de Infantaria Territorial (BIT), o BIT 7, que integra cerca 600 militares das FACA.

Além das atividades desenvolvidas

pelos três Pilares, o Comandante da EUTM-RCA tem reuniões regulares com o Presidente da República da RCA, de quem é conselheiro; com a Ministra da Defesa; com o Chefe do Estado-Maior das FACA e com a Chefe da Delegação da União Europeia na RCA. A formação das FACA inclui, igualmente, a realização de palestras no âmbito dos direitos humanos e igualdade de género.

O gráfico apresenta os militares formados pela EUTM-RCA desde junho de 2019 até ao final de 2020.

de Segurança e Defesa, irá dispor brevemente de um novo instrumento financeiro, o *European Peace Facility*, que permitirá satisfazer algumas das necessidades anteriormente referidas no apoio às FACA. A finalidade deste instrumento será aumentar a eficácia das operações, apoiar as missões lideradas por parceiros internacionais e apoiar a construção de capacidades das Forças Armadas de países parceiros, que contribuam para a manutenção da paz, prevenção de conflitos e resolução de problemas de segurança.



Dados globais da EUTM RCA: formação inicial e especialidades

O Futuro

Como já foi referido, a EUTM-RCA trabalha diariamente com o objetivo de conseguir umas FACA modernas, eficazes, etnicamente equilibradas e democraticamente responsáveis. No entanto, existem vários fatores que não dependem da EUTM-RCA, nem do cumprimento da sua missão, que limitam o alcance daquele objetivo. A existência de determinados artigos de apoio à formação, como equipamento individual adequado, armamento específico para determinados treinos/operações e munições, são fundamentais para a execução de um treino adequado. A União Europeia, atualmente com uma capacidade limitada para intervir financeiramente nas operações e missões em curso, no âmbito da Política Comum

Para Terminar...

Os militares portugueses estão na EUTM-RCA com a mesma postura que sempre manifestam em todas as missões. Mostram diariamente o seu valor como pessoas, respeitando todos aqueles com quem têm que se relacionar, e apresentam de forma discreta e confiante o seu valor como militares, que é respeitado e admirado pelos seus pares e sempre concorreu para dignificar um país que os ensinou a fazer sempre bem.

Estamos na RCA a cumprir Portugal. ⚓

> "...trabalhamos diariamente com o objetivo de conseguir umas Forças Armadas da RCA modernas, eficazes, etnicamente equilibradas e democraticamente responsáveis."

[Lisboa]

Centro de Apoio Militar COVID-19

Exército na linha da frente no combate à pandemia

Uma demonstração de cooperação entre militares e civis que, desde 17 de junho de 2020 até 28 de fevereiro, acolheu um total de 624 doentes, encaminhados das várias unidades hospitalares da região de Lisboa e Vale do Tejo

Texto : Cor Cav José **Baltazar** | Diretor do CAM Covid-19
Alf RC Jaime **Pereira** | Redator do JE

O Centro de Apoio Militar COVID-19 (CAM COVID-19), localizado nas antigas instalações do Hospital Militar de Belém, em Lisboa, iniciou as suas atividades em abril de 2020, tendo recebido os primeiros doentes a 17 de junho. Este Centro surgiu no âmbito do apoio prestado pelo Exército no combate à pandemia de COVID-19 e está dotado de serviços clínicos, de enfermaria, de farmácia hospitalar, de serviços de apoio e administrativos e direção.

"Todo o nosso esforço e trabalho é compensado sempre que um doente sai daqui para se juntar à família. Isso é o que nos dá alento para continuar a dar o nosso melhor dia a dia."

[Diretor do CAM COVID-19, Cor Baltazar]

O CAM COVID-19 foi constituído para apoiar o Serviço Nacional de Saúde (SNS), mais concretamente a Administração Regional de Saúde de Lisboa e Vale do Tejo (ARSLVT) no tratamento de doentes infetados com COVID-19 e um quadro clínico de gravidade ligeira ou assintomática. Na realidade, o CAM COVID-19 tem recebido doentes de idade avançada e com diversas patologias clínicas, muito além do inicialmente previsto. A situação clínica de cada paciente que é proposto para este Centro é avaliada pelo diretor clínico do CAM COVID-19, discutida com o diretor clínico do hospital em que o paciente está internado e após a confirmação que existem condições de prestação dos cuidados necessários, é aprovada a transferência e o doente é recebido e tratado com todas as condições que o Centro dispõe.

A organização e implementação deste Centro foi efetuada de forma faseada. Inicialmente tinha apenas uma enfermaria ativa, com capacidade para até 30 camas, mas neste momento dispõe de três enfermarias, com capacidade para 90 camas, distribuídas por três pisos hospitalares.

A utilização desta capacidade disponível pelo Exército, desde o início, esteve dependente da evolução da pandemia, da decisão das entidades competentes na área da saúde e da disponibilidade de recursos humanos por parte da ARSLVT. Com a evolução da doença no País, a capacidade do CAM COVID-19 aumentou para as atuais 90 camas, na sequência do que ficou previsto na adenda ao protocolo de cooperação entre a Direção de Saúde do Exército Português e a ARSLVT, assinada a 30 de outubro.

"É uma Unidade reconstruída e reabilitada, entre março e abril, com grande esforço e celeridade. Alivia camas dos outros hospitais, com outras valências e especialidades, e há aqui um funcionamento em rede. Serve de complemento e verifica-se um trabalho extraordinário do Exército", citou aos órgãos de comunicação social o Ministro da Defesa Nacional, Professor Doutor João Gomes Cravinho, aquando da sua visita efetuada a 21 de dezembro de 2020.

O CAM COVID-19 acolheu os seus primeiros três utentes no dia 17 de junho, tendo recebido

até ao passado dia 28 de fevereiro um total acumulado de 624 doentes, encaminhados das várias unidades hospitalares da região de Lisboa e Vale do Tejo. Este Centro integrou, de forma notável, todos os profissionais de saúde, técnicos de farmácia, fisioterapeutas e assistentes operacionais que, sob tutela da ARSLVT, se têm apresentado no CAM COVID-19. O efetivo disponível que, permanentemente e em serviço de escala, o integra é:

Saúde	Militares	Civis
Médicos	9	6
Enfermeiros	19	50
Técnicos de farmácia	1	4
Fisioterapeutas	2	4
Socorristas/Assistentes Operacionais	14	40

Militares que desempenham atividades de Direção, Apoio Logístico e Administrativo:

Apoio	Efetivo
Oficiais	5
Sargentos	6
Praças	20

Outro aspeto a destacar é a integração de alunos das Escolas Superiores de Saúde de Setúbal e de Ribeiro Sanches que, no âmbito desta situação pandémica, têm vindo a estagiar no CAM COVID-19 com vantagens para todas as partes. Com a integração destes alunos do terceiro e quarto anos de enfermagem e de fisioterapia, deu-se a oportunidade a estes jovens estudantes de apren-

"O nosso objetivo é prestar os melhores cuidados e proporcionar as melhores condições aos doentes colocados à nossa responsabilidade."

[Diretor do CAM COVID-19, Cor Baltazar]

derem, em contexto de trabalho, de uma forma integrada, supervisionada por enfermeiros mais experientes, valorizando e aplicando os conhecimentos dos cursos de enfermagem e de fisioterapia e, desta forma, ganhar mais experiência profissional.

Nestes difíceis tempos que se vivem, a instituição militar tem demonstrado um préstimo social enorme a uma faixa da população carenciada, fragilizada por diversos fatores socioeconómicos, pela idade e, em muito, pela doença que as atingiu. O Exército, através do CAM COVID-19, reforça a sua razão de existir, estando ao serviço de Portugal e dos Portugueses.

Planos de Defesa Alimentar no Exército Português

Bioterrorismo Alimentar

Uma óbvia e perigosa ameaça e os cuidados a ter para a enfrentar e assegurar a proteção da cadeia alimentar

Texto : Maj Vet Pedro **Tomás Silva** | Direção de Saúde

Os ataques terroristas ao *World Trade Center*, a 11 de setembro de 2001, e a subsequente libertação deliberada de esporos de *Bacillus anthracis*, através do Serviço Postal nos Estados Unidos da América (EUA), fizeram com que os americanos reconhecessem a possibilidade real de um ataque de bioterrorismo ao seu sistema de alimentação. Em dezembro de 2004, numa conferência de impren-

"A alimentação é fundamental para a vida, mas a alimentação também está no topo da lista das principais ameaças de bioterrorismo. Hoje, mais do que nunca, a ameaça à cadeia alimentar parece ser uma realidade."

[Maj Vet Pedro Tomás Silva]

sa para anunciar a sua saída como responsável do *Department of Health and Human Services* nos EUA, Tommy Thompson questionou-se sobre o facto de os terroristas não terem atacado a cadeia alimentar nos EUA, "porque era tão fácil fazê-lo".

No contexto da ameaça biológica, o bioterrorismo de origem alimentar deve ser considerado uma ameaça credível, uma vez que a natureza nutritiva dos alimentos e as condições destes na cadeia alimentar proporcionam a conservação e a disseminação de agentes biológicos e o ato alimentar em si proporciona o meio de inoculação dos agentes biológicos. As doenças alimentares de origem biológica constituem uma das principais *raison d'être* dos sistemas de segurança alimentar, com importância crescente na saúde pública, tanto em países desenvolvidos como em vias de desenvolvimento. Nos países desenvolvidos as principais precauções estão focadas na rastreabilidade dos alimentos ao longo da cadeia alimentar do *prado ao prato*, nomeadamente na produção, na transformação e na distribuição dos alimentos, na sustentabilidade dos sistemas de segurança alimentar, de defesa alimentar, de qualidade alimentar e de fraude alimentar.

O *Food Safety and Inspection Service* (FSIS) do *United States Department of Agriculture* define defesa alimentar como o conjunto de esforços destinados a reduzir o risco de contaminação intencional de géneros alimentícios com agentes biológicos, químicos, físicos ou radiológicos na cadeia de fornecimento de géneros alimentícios, e a minimizar o impacto de eventuais incidentes, abrangendo todas as medidas e ações tomadas para prevenir e proteger os géneros alimentícios (incluindo a água), de contaminação intencional

Realização de auditoria técnica a alimentos conservados em câmara frigorífica

perpetrada por indivíduos ou grupos que queiram provocar danos. A defesa alimentar, por sua vez, abrange todas as medidas e ações tomadas para proteger os géneros alimentícios e prevenir ações de contaminação intencional, bem como preparar mecanismos e sistemas para detetar, investigar e reagir contra ações bem-sucedidas de contaminação intencional dos géneros alimentícios.

Sistemas de Defesa Alimentar no Exército Português

A alimentação é fundamental para a vida, mas a alimentação também está no topo da lista das principais ameaças de bioterrorismo. Hoje, mais do que nunca, a ameaça à cadeia alimentar parece ser uma realidade. Se um ataque ocorresse no seio de qualquer exército iria ter efeitos devastadores. De facto, o elevado número de indisponíveis, a perda da confiança das tropas na logística de sustentação das operações militares, a instabilidade e a diminuição da moral dos militares pode reduzir, de forma significativa, a capacidade das Forças militares.

Todos os dias são servidos no Exército Português cerca de 15 000 almoços e 3000 jantares nos 47 Setores de Alimentação das Unidades Militares do Exército (SAUME). O modelo de fornecimento de alimentação do Exército Português baseia-se no seguinte conceito: o Exército procede à aquisição centralizada a fornecedores externos de alimentos, com entrega descentralizada nos SAUME dos alimentos para confecionar por ementa pré-definida.

O Exército Português tem procurado garantir a segurança e defesa alimentar através da realização de auditorias de segurança e defesa alimentar aos SAUME com a colaboração da Unidade Militar de Medicina Veterinária (UMMV). Esta Unidade militar tem um Departamento de Segurança Alimentar e Vigilância Epidemiológica (DSAVE) com as seguintes competências: apoiar tecnicamente, no âmbito da segurança e defesa alimentar e vigilância epidemiológica, as Unidades militares e as Forças Nacionais Destacadas; colaborar na realização de auditorias técnicas aos fornecedores de géneros alimentícios do Exército e na elaboração das especificações técnicas relativas à qualidade e à segurança alimentar; colaborar na investigação de surtos de doenças de origem alimentar e no despiste de eventuais atos de contaminação intencional dos alimentos; e implementar sistemas de defesa alimentar nas Unidades militares. A principal referência dos procedimentos implementados pela UMMV relativos à segurança e defesa alimentar é a doutrina da NATO.

No âmbito da defesa alimentar, o Exército Português, através da UMMV, tem desenvolvido nos SAUME planos de defesa alimentar para garantir medidas e ações para prevenir e proteger os alimentos de contaminação intencional, perpetrada por indivíduos ou grupos que queiram provocar a adulteração das características dos alimentos. O cumprimento destas medidas e ações de prevenção de defesa alimentar é da responsabilidade de todos os níveis de comando e de controlo das Unidades militares e envolve o comando, o serviço de saúde, a logística, a segurança e as informações.

Perspetivas Futuras no Âmbito da Defesa Alimentar no Exército Português

A defesa alimentar consiste num sistema de ferramentas, informações e programas destinado a ajudar a proteger o fornecimento de géneros alimentícios, reduzindo o risco de atos criminosos, deliberados ou maliciosos, de adulteração ou contaminação. Este sistema pode ser implemen-

Verificação de amostras das refeições confecionadas

Medição da temperatura da refeição confecionada

tado por organizações, governo e indústria para melhorar a proteção das instalações, do pessoal, dos produtos e das operações. A contaminação intencional de géneros alimentícios pode ocorrer por meio de atos perniciosos de adulteração, sabotagem, contrafação, terrorismo e outras ações ilegais danosas, podendo ter efeitos devastadores para o Exército.

Os SAUME implementam procedimentos de defesa alimentar para evitar ações perniciosas sobre os géneros alimentícios e os seus colaboradores têm sido sensibilizados para esta ameaça e procuram contribuir, mantendo uma atitude vigilante e reportando qualquer atividade suspeita que envolva os géneros alimentícios. Apesar dos SAUME implementarem procedimentos de defesa alimentar, existe a necessidade de uma avaliação contínua dos seguintes fatores:

· **Políticas e procedimentos eficazes para prevenir, identificar e responder às violações dos géneros alimentícios**. É necessário desenvolver e implementar planos de defesa alimentar nos SAUME e ter uma estratégia de gestão de crises para se preparar para responder à adulteração de géneros e outro tipo de atividade criminosa.

· **Formação em defesa alimentar para os manipuladores**. A formação é um pré-requisito essencial, que poderá servir como ferramenta fundamental para que exista uma consciencialização de todos aqueles que trabalham nos SAUME relativamente à relevância da segurança e da defesa alimentar.

· **Controlo para pessoas estranhas ao serviço de alimentação**. É necessário desenvolver

sistemas de identificação e reconhecimento, implementar procedimentos de vigilância das instalações, limitar o acesso e identificar e controlar todos os visitantes para as diferentes áreas dos SAUME.

• **Transporte dos Géneros Alimentícios**. É necessário que o transporte tenha as condições necessárias para controlar toda a mercadoria, a sua localização, o seu percurso e que tenha um sistema de selagem para identificar qualquer tipo de violação. ⅄Ɛ

> **"No âmbito da defesa alimentar, o Exército Português, através da Unidade Militar de Medicina Veterinária (UMMV) tem desenvolvido planos de defesa alimentar para garantir medidas e ações para prevenir e proteger os alimentos de contaminação intencional..."**
>
> [Maj Vet Pedro Tomás Silva]

[Lisboa]

Apoio Geoespacial às Operações - II Parte

Dando continuidade à divulgação da importância da informação geoespacial, neste segundo artigo, é feita uma breve caracterização do apoio geoespacial em diferentes tipologias de operações

Texto : Maj Art Ricardo **Moreira** | Engenheiro Geógrafo do Centro de Informação Geoespacial do Exército

Para publicação no *Jornal do Exército*, o tema do Apoio Geoespacial em operações compreende dois artigos.

No primeiro artigo, já editado, foi efetuada uma caracterização da informação geoespacial, da sua crescente integração no Processo de Decisão Militar e da forma como é essencial em todo o tipo de operações militares, assumindo-se como um elemento integrador e potenciador de outras fontes de informação. Foram, ainda, apresentados os empenhamentos e as capacidades da Unidade de Apoio Geoespacial (UnApGeo) do Exército, subunidade do Centro

de Informação Geoespacial do Exército (CIGeoE) que pertence à Componente Operacional do Sistema de Forças.

Neste segundo artigo, relacionado com o Apoio Geoespacial em Operações, será efetuada a sua breve caracterização em operações: militares, de emergência, humanitárias e nas desenvolvidas pelas nossas Forças Nacionais Destacadas (FND).

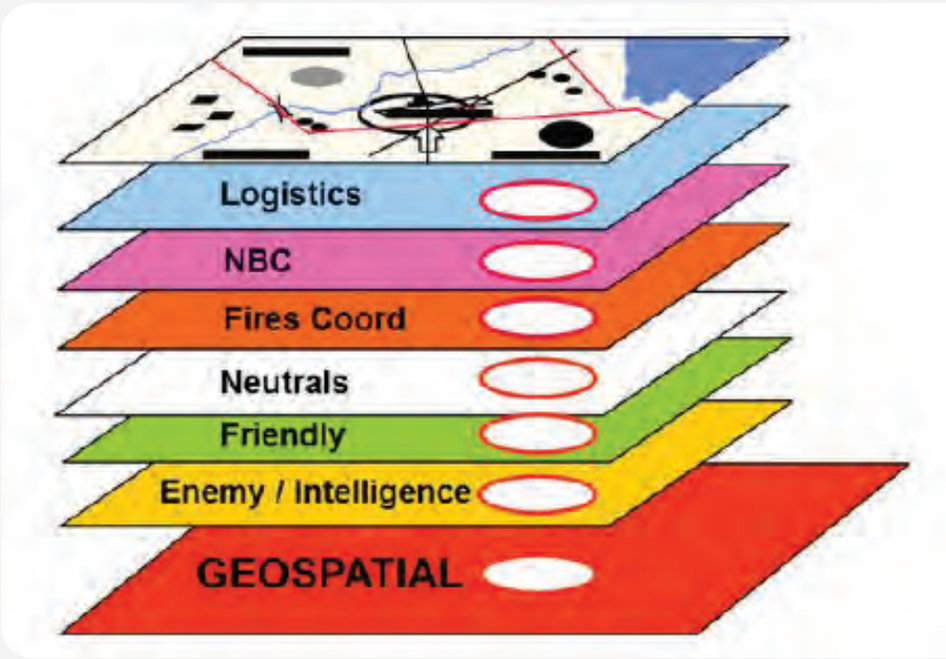
Apoio Geoespacial em Operações Militares

A informação geoespacial permite apoiar e sustentar operações militares nas diversas áreas de atividade, para explorar, planear, executar e auxiliar os comandantes nos seus processos de tomada de decisão nas áreas estratégica, operacional e tática. Na atualidade, o empenhamento militar pode ocorrer em múltiplas localizações geográficas e em ambientes complexos, em todos os espectros de empenhamento, desde ações de combate até à assistência humanitária, sendo essencial conhecer o ambiente físico, para aprimorar as informações, alcançar superioridade e eficácia nas operações e missões militares.

As informações geoespaciais constituem a base de qualquer imagem operacional e estabelecem a referência física do espaço de batalha. Toda a atividade operacional tem um contexto geoespacial e temporal, sendo por isso vital que as informações geoespaciais sejam efetivamente adquiridas, associadas e geridas tematicamente sem conflito e disseminadas para corresponder às necessidades operacionais de comandantes, estados-maiores e subunidades.

A evolução tecnológica dos sistemas de armas, a diversidade dos empenhamentos e a dispersão geográfica das áreas de operações, aumenta a necessidade de apoio geoespacial dedicado com uma cobertura global, com maior resolução espacial e temporal e melhor precisão, integrando informações novas, detalhadas e precisas sobre ambiente geoespacial, bem como facilitando a sua integração nos modernos sistemas de combate.

O apoio geoespacial deve estar disponível desde o início do processo de planeamento para apoiar o comandante e o seu estado-maior. As análises geoespaciais são cruciais para permitir antecipar e explorar a melhor oportunidade para executar e sustentar as operações, bem como para otimizar o emprego de sensores e armas, favorecer a logística, auxiliar na afetação de equipamentos e pessoal, para desenvolver operações eficazes, eficientes, seguras e bem-sucedidas.



Layers de informação combinadas para o apoio geoespacial (NATO, 2019)

O apoio geoespacial explora tecnologias que concertam informações adquiridas com diferentes requisitos, a fim de gerar produtos e análises que atendam às necessidades do planeamento operacional em que o objetivo é fornecer superioridade das informações de maneira contínua, precisa, relevante e integrada, com provisão coerente e oportuna.

As informações geoespaciais validadas são vitais para as operações e a sua exploração eficiente é fundamental para apoiar a decisão e, consequentemente, alcançar o êxito das missões. Quando se relaciona geograficamente informação geoespacial complexa com outras fontes de informação é possível, através de ferramentas de

> **"A mais-valia de um apoio geoespacial para as operações militares, recorrendo a tecnologias avançadas e operadores especializados, é já uma realidade no Exército Português..."**
>
> [Major Art Ricardo Moreira, engenheiro geógrafo]

análise geoespacial, fornecer produtos refinados e argumentos legítimos para uma melhor e mais rápida decisão.

Usando produtos, análises, modelos tridimensionais e simulações geoespaciais é possível avaliar de forma mais realista e factual as ameaças, os riscos e as vulnerabilidades, facilitando o planeamento e uma tomada de decisão mais bem fundamentada.

A informação geoespacial fornece os alicerces para a visualização da atividade operacional na sua dimensão física e quando combinada com informação não espacial, permite produzir produtos espacialmente precisos capazes de responder eficientemente às solicitações operacionais durante o planeamento e a condução das operações.

O apoio geoespacial, com base na geração de cenários, oferece recursos que permitem comparar, analisar, simular e apoiar diferentes modalidades de ação, fornecendo flexibilidade, adaptabilidade e respostas rápidas para suportar as decisões e desenvolver ações coordenadas.

Apoio Geoespacial no Apoio Militar de Emergência

O Exército colabora com os agentes de Proteção Civil, em todo o território nacional e, quando solicitado, empenha capacidades específicas, em missões de Apoio Militar de Emergência (AME), a fim de contribuir para a proteção e salvaguarda de pessoas e bens. O Exército cumpre a sua missão, empenhando criteriosamente, por capacidades e de forma especializada, os seus recursos previamente habilitados com equipamentos, formação e treino.

Existe uma confiança crescente nas informações geoespaciais dedicadas a situações de emergência, por parte das organizações não militares, ocasionada por uma lacuna de capacidade dos agentes de Proteção Civil. A informação georreferenciada integra e combina dados de múltiplas e heterogéneas fontes e reforça o apoio a toda a tipologia das operações, através do fornecimento de análises de terreno, previsões e mapas de risco ambientais. A capacidade de integrar as diferentes fontes de informação num mesmo sistema, e contribuir com conhecimento em apoio do processo de decisão, faz do apoio geoespacial uma importante valência no desenvolvimento das operações de socorro e assistência.

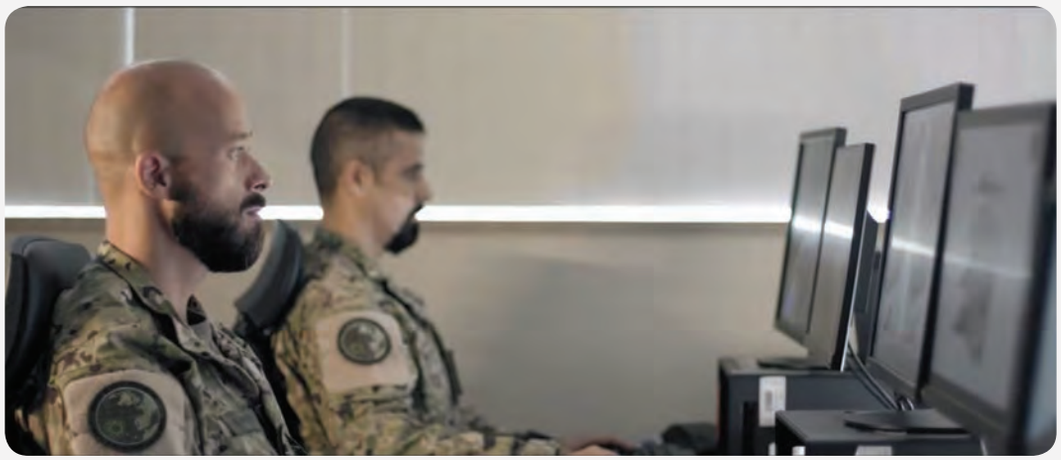
A produção de cartografia militar, a disponibilização de serviços e os recursos especializados tornam o CIGeoE um elemento essencial para a gestão de crises, apoio a entidades civis e colaboração com os agentes de Proteção Civil. A UnApGeo do CIGeoE constitui-se como o Módulo de Apoio Geoespacial em apoio do Posto de Comando Tático da Unidade de Apoio Militar Emergência (UAME) e desenvolve um treino especializado ao nível dos procedimentos técnicos orientados para as necessidades específicas do AME do Exército. No âmbito deste, a UnApGeo recolhe informação específica sobre as consequências dos eventos e fornece à UAME e aos diversos módulos a informação indispensável ao processo de decisão. Numa ótica de emprego dual, a UnApGeo, através das valências já implementadas, assegura o apoio geoespacial e apoia a decisão efetiva e a oportuna resposta às diversas situações de emergência, nomeadamente acidentes graves ou catástrofes naturais e no socorro e apoio às populações afetadas.

Apoio Geoespacial em Operações Humanitárias

As crises de natureza humanitária aumentaram significativamente em termos de complexidade e severidade, exigindo, por isso mesmo, um esforço permanente de adaptação e profissionalização, em termos do domínio da execução técnica que potencie os recursos materiais e humanos. Toda a informação associada a uma localização é fundamental para um planeamento eficaz, conduzindo a uma gestão otimizada de recursos e evitando a necessidade de reajustamentos inesperados, com o objetivo de diminuir tempos de assistência, melhorar critérios de empenhamento e orientar o esforço dos meios disponíveis.

As operações humanitárias de assistência e/ou evacuação são muito distintas das operações militares convencionais, assumindo características particulares dada a natureza política e relação estreita entre a diplomacia e o grau de empenhamento militar. Esta tipologia de operações de as-

Simulação de subida do nível da água a 30 metros, para o exercício CASCADE 19



sistência e/ou evacuação apresenta um objetivo militar condicionado politicamente com regras de empenhamento bem definidas, uma projeção rápida, um período de operação limitado no tempo e uma preocupação adicional com a segurança dos elementos que são assistidos. Este tipo de operações, com projeção de Forças militares para um estado soberano, envolve relações internacionais complexas e está sujeita ao direito internacional.

A UnApGeo, através das competências implementadas, colabora na preparação e resposta operacional nas diversas missões de assistência que são mobilizadas dentro e fora do território nacional, competindo-lhe assim a responsabilidade de fornecer o apoio geoespacial ao Exército em situações reais ou de treino operacional, no apoio às populações e na salvaguarda de pessoas e bens no âmbito do AME, no apoio às operações humanitárias e às FND.

Apoio Geoespacial em FND

O apoio geoespacial para uma operação terrestre de qualquer FND é da responsabilidade do Exército, que tem disponível na sua estrutura de Forças, na organização do CIGeoE, capacidades implementadas para fornecer cartografia, efetuar análises geoespaciais e produzir relatórios de *Imagery Intelligence* - IMINT e *Geospatial Intelligence* - GEOINT.

A mais-valia de um apoio geoespacial para as operações militares, recorrendo a tecnologias avançadas e operadores especializados, é já uma realidade no Exército Português e deve também ser implementado nas FND para garantir um apoio geoespacial dedicado e adaptado à evolução das necessidades da Força no Teatro de Operações (TO). É fundamental projetar com as FND especialistas em apoio geoespacial, que deverão contribuir para o apoio à decisão, integrando e contextualizando a informação geoespacial proveniente de diferentes fontes e em variados formatos. Os especialistas em apoio geoespacial possuem os conhecimentos necessários para responder às necessidades identificadas, efetuar a integração das imagens aéreas recolhidas pelos UAV (*Unmanned Aerial Vehicles*), elaborar produtos de IMINT, GEOINT, efetuar modelação 3D e outros produtos específicos para o TO.

Nas FND o apoio geoespacial deve explorar e integrar informação proveniente de diversas fontes, facultando informações atuais, detalhadas e precisas para o planeamento e para as operações planeadas e em curso.

Conclusões

No mundo atual, em que o sistema internacional é cada vez mais volátil, incerto, complexo e ambíguo, serão necessárias Forças Armadas flexíveis e ágeis para intervir e desenvolver operações em crises de natureza e intensidade muito distintas. As ameaças de variada natureza geram diferentes desafios militares que incitam à implementação de novas capacidades para tomar opções, decidir e conduzir as operações. A informação geoespacial é imprescindível ao Processo de Decisão Militar, colaborando para uma maior flexibilidade, cooperação, utilização de tecnologia moderna e desenvolvimento de conceitos operacionais inovadores, fundamentais para o planeamento e para o sucesso das operações militares.

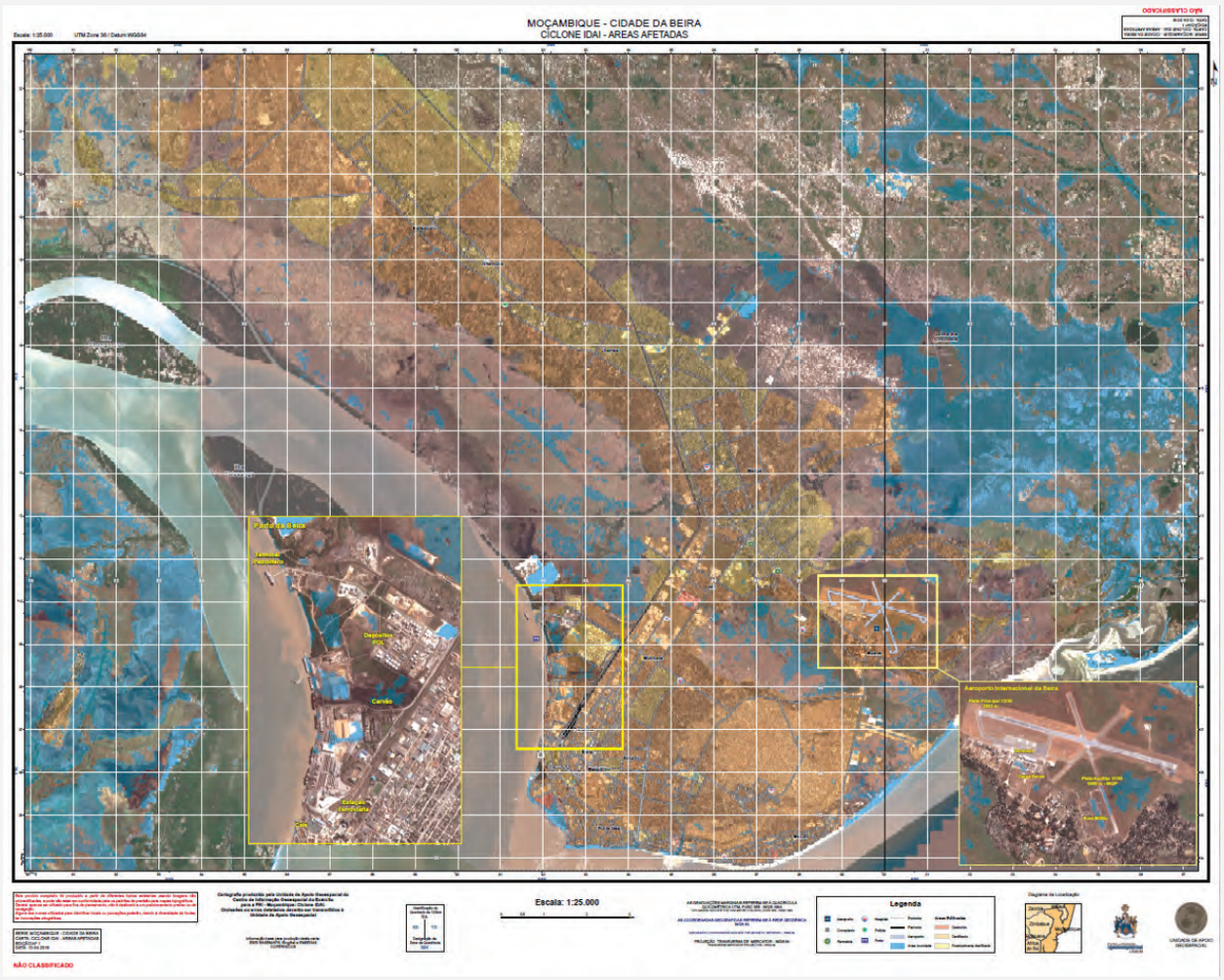
A UnApGeo é uma entidade operacional que fornece suporte adequado às operações, fazendo uso dos recursos e infraestrutura disponíveis, e contribui para o desenvolvimento das operações em estreita cooperação com entidades militares e civis, servindo como ponto focal para um apoio geoespacial às diferentes tipologias de operações.

O apoio geoespacial às operações militares beneficia o comando e controlo, a execução das tarefas de combate e manobra, as comunicações e a logística para maximizar o potencial de combate. Por outro lado, no apoio à segurança pública e a entidades civis, analisa vulnerabilidades, monitoriza atividades e avalia riscos para preparar o auxílio, a resposta e a assistência a situações de emergência e apoio humanitário.

"Usando produtos, análises, modelos tridimensionais e simulações geoespaciais é possível avaliar de forma mais realista e factual as ameaças, os riscos e as vulnerabilidades, facilitando o planeamento e uma tomada de decisão mais bem fundamentada."

[Major Art Ricardo Moreira, engenheiro geógrafo]

Mapa com as áreas afetadas pelo ciclone Adai em 2019



Protocolo Santander Totta

Um acordo que vale vantagens

No Santander Totta queremos ter uma relação privilegiada com os nossos clientes através dos Protocolos Colectivos. Por isso, criámos condições muito vantajosas para si!

Santander Totta

santandertotta.pt

[Lisboa]

Major Médico Sérgio Janeiro

"No Centro de Apoio Militar COVID-19 faço a articulação com os interlocutores dos diversos hospitais da Grande Lisboa e da Administração Regional de Saúde, assim com a triagem de doentes a admitir."

[Major Médico Sérgio Janeiro]

O Major Médico Sérgio Janeiro contou-nos a sua experiência ao serviço do Exército Português, dando destaque à sua missão atual no CAM COVID-19

Sou natural de Vale de Cambra, tenho 39 anos e ingressei na Academia Militar a 20 de setembro de 1999.

Após a conclusão da licenciatura em Medicina fui colocado no Hospital Militar Regional n.º 1 (2007-2009). Posteriormente, passei pelo Centro de Saúde Militar Tancos/Santa Margarida (2009-2010), pelo Hospital Militar Principal (2010-2012) e pelo Hospital das Forças Armadas – Polo de Lisboa (HFAR-PL), de 2012 a 2016. Ocupei, ainda, o cargo de Chefe da Secção de Medicina da Direção de Saúde do Exército (2016 a 2019), até à nomeação como Chefe da Unidade de Saúde tipo II, de Évora.

Entre 2009 e 2010 tive a oportunidade de integrar uma Força Nacional Destacada, como *Medical Advisor da Operational Mentoring and Liaison Team* da Kabul *Capital Division* do exército do Afeganistão. No ano de 2013 integrei a Ordem de Batalha do Elemento de Defesa Biológica, Química e Radiológica do Exército, enquanto Comandante do Módulo Sanitário. Neste período concluí o internato de Medicina Interna, tendo obtido o grau de Especialista, em outubro de 2014.

Sempre me interessei muito pelas áreas de Emergência e Trauma e Medicina de Catástrofes, e colaborei na certificação em Suporte Avançado de Vida e *Tactical Combat Casualty Care* dentro das Forças Armadas.

No contexto da pandemia COVID-19 fui colocado em diligência, inicialmente, no HFAR-PL e, depois, no Centro de Apoio Militar (CAM) COVID-19 do Exército, como Coordenador Médico e Diretor Clínico em suplência. Aqui faço a articulação com os interlocutores dos diversos hospitais da Grande Lisboa e da Administração Regional de Saúde, assim como a triagem de doentes a admitir no CAM. Em simultâneo, apoio o restante corpo clínico dentro da minha área de especialidade na gestão dos doentes. Este projeto está a ser desafiante a vários níveis, com o contributo das mais variadas competências existentes no Exército, mas preciso realçar o contributo extraordinário dos nossos socorristas, que foram formados para prestar apoio na parte operacional e foram desviados para esta vertente hospitalar, onde estão a demonstrar uma grande capacidade de adaptação, resiliência e humanismo.

Após concluir esta missão, ambiciono findar o meu ciclo na Chefia da Unidade de Saúde de Évora."

[Rússia]

ZRPK [1] Pantsir-SM

Sistema Antiaéreo Pantsir-S1, na *International Forum Engineering Technologies* em 2012

Fonte : https://www.wikiwand.com/en/Pantsir_missile_system

Sistema Antiaéreo Pantsir-SA Arctic

Texto : Cor Cav **Marcos de Andrade**

O novo sistema de defesa antiaérea de fabrico russo Pantsir-SM, para curtas e médias distâncias (SHORAD) [2], foi apresentado em fevereiro de 2019. Tem capacidade de deteção significativamente melhorada em relação ao seu antecessor, o Pantsir-S1, que má conta deu de si, tendo sido destruídos 23 sistemas nos conflitos da Líbia e da Síria (em 2017), e que foi designado pela terminologia NATO por SA-22 *Greyhound*.

É operado por uma guarnição de três militares e tem como armamento dois canhões antiaéreos 2A38M 30 mm e doze mísseis 57E6-E, prontos para disparar em contentores de lançamento direcionados, montados num chassi do camião KAMAZ 533958 8x8, com cabina blindada. Os canhões, com uma cadência de tiro combinada entre 3900 e 5000 tiros por minuto (1950 a 2500 rpm para cada arma), têm uma velocidade de cano de 960 m/s e entre 83 e 250 tiros são disparados conforme determinado pelo tipo de alvo, com um alcance entre os 200 e os 4000 metros e a uma altitude de cerca de três quilómetros. Está equipado com um novo sistema de deteção com radar AESA de fase ativa e identificação que se estende dos 40 aos 75 quilómetros.

Como o Pantsyr-S, o novo Pantsyr-SM deverá ser equipado com um radar de matriz de rotação bidirecional. O sistema antiaéreo pode ser montado num chassi de lagartas GM-352 e, ainda, na versão para o Teatro de Operações do Ártico, montado numa viatura de lagartas articulada Vityaz DT 30.

As componentes do novo sistema estão em fase de testes.

[1] Sigla em cirílico para designar Sistema Antiaéreo de Míssil Canhão.
[2] SHORAD: *Short Range Air Defense*.

[Estados Unidos da América]

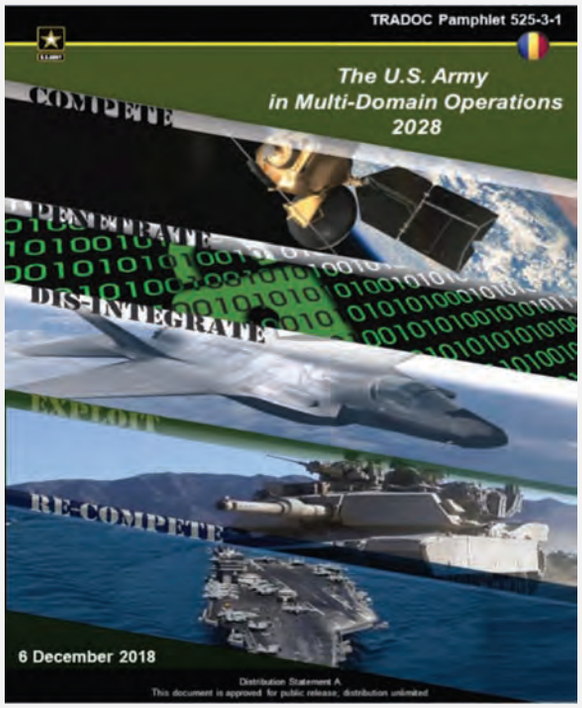
Nova Doutrina do Exército Norte-Americano

O exército norte-americano tem planeado divulgar no verão de 2022 a sua nova doutrina, onde descreve como as suas Forças irão operar nos domínios do ar, terra, mar, espaço e ciberespaço.

Esta nova doutrina pretende consolidar um conceito baseado em Operações Multidomínio*, onde é revisto o papel do exército em potenciais conflitos com Forças de países que atualmente disputam a supremacia mundial, nomeadamente, chinesas e russas.

A grande novidade desta doutrina, enquanto orientação para o emprego operacional de Forças militares terrestres, são os manuais de campo relativos ao emprego de Forças terrestres que irão tratar, pela primeira vez na história do exército norte-americano, as operações em todos os domínios, deixando de se circunscrever unicamente ao domínio terrestre.

Em declarações à imprensa o diretor do *Army Futures and Concepts Center*, Tenente-General D. Scott McKean, revelou que verter o conceito na forma de doutrina para, posteriormente, operacionalizar o mesmo pode levar anos, mas que é urgente não se perder tempo. JE



Publicação que descreve como o exército norte-americano contribui para a principal tarefa de uma Força Conjunta, conforme definido na Estratégia de Defesa Nacional Americana: deter e derrotar a agressão chinesa e russa, tanto na competição como no conflito.

Fonte : https://publicintelligence.net/usarmy-multidomain-ops-2028/

Mísseis *Stinger* identificam um *drone*, durante um exercício de treino realizado, no âmbito do apoio ao Programa Piloto da Força-Tarefa Multidomínio do exército norte-americano, em julho de 2018.

Fotografia : Sgt. 1st Class Claudio Tejada/US Army

Fonte : https://breakingdefense.com/
https://publicintelligence.net/usarmy-multidomain-ops-2028/

* Tradução do termo anglo-saxónico "*Multidomain Operations*".

Desembarque de tropas portuguesas em Luanda (1962)

Início da Guerra

Luanda, 4 de fevereiro de 1961*

Os acontecimentos de uma noite de fevereiro, em Angola, já com seis décadas, que marcaram, para sempre, a vida de muitos e também a História de dois países

Texto: Cor(Ref) Manuel **Barão da Cunha**

A última guerra, que vivemos, antes desta pandemia, começou em fevereiro de 1961, em Angola.

Nessa altura, vivia em Luanda e estava a acabar de mobilar um pequeno apartamento, com quarto, casa de banho e varanda, alugado, perto da avenida marginal, que partilhava com o amigo e camarada do curso a seguir da Escola do Exército, José Pedro Simões Caçorino Dias.

Na madrugada de 4 de fevereiro...

A noite tranquila penetrava no apartamento, envolvendo-os no seu bafo. Duas camas de ferro, um roupeiro improvisado com quatro tábuas, uma tosca mesa e uma cadeira com

"Luanda parecia indiferente ao drama que se estava a desenrolar nessa memorável noite de 3 para 4 de fevereiro de 1961."

[Coronel Barão da Cunha]

tampo de pele, originária de um soba do sudeste de Angola, constituíam o mobiliário da residência daqueles jovens. Nas paredes, troféus de caça, sob a incidência do luar, projetavam sombras bizarras.

Para lá da varanda, a cidade sonhava, espreguiçando-se na sua inseparável baía. A juventude dormia o sono pesado dos 20 e poucos anos.

De repente, um deles começou a agitar-se. Soergueu-se no leito e afastou o lençol. Passava-se qualquer coisa de estranho; ouvira como que um ranger de portas. Mas agora estava bem desperto. O ruído cadenciado fazia-se ouvir de novo.

Saltou da cama e foi até à varanda. Certamente enganara-se, a cidade dormia tranquila, nada poderia perturbar aquela calma...

Não, era a sério! Eram tiros! Eram rajadas de metralhadoras.

- Zé!... Acorda!

- Deixa-me dormir. Parece que és parvo!

- Acorda. Deve haver azar!

O companheiro, resmungando, pretendia virar-se para o outro lado e continuar o sono, mas, perante a insistência dos chamamentos e abanões, lá se sentou na cama.

- Não estás a ouvir?

- Não... Espera, oiço qualquer coisa.

- São tiros, Zé.

- São os malucos dos Caçadores Especiais que andam para aí a treinar.

- Não pode ser. Partiram para a Baixa de Cassanje.

Alferes Caçorino Dias, Policia Militar, Angola 1961

Perplexo, José Caçorino levantou-se e aproximou-se da varanda. Não podia haver dúvidas. Eram tiros que se ouviam, perturbando aquela tranquila noite.

- Vamos a isto!

Rapidamente, os dois jovens transformam-se em dois Alferes.

- Tens alguma arma, Zé?

- Tenho aqui uma 6.35... Cá está ela. E tu?

- Não tenho nada. Dá-me aí o teu pingalim...

Quando atingiram a rua, esta permanecia deserta.

Luanda parecia indiferente ao drama que se estava a desenrolar nessa memorável noite de 3 para 4 de fevereiro de 1961.

Começaram a andar e os passos ressoavam por entre os prédios enormes.

Nessa noite tudo se estava a modificar. Enquanto os passos dos Alferes iam martelando as pedras da calçada, os tiros continuavam longe, para as bandas do porto, no presídio que estava a ser assaltado.

Simultaneamente, o sangue corria, amalgamado com o cheiro da pólvora, junto à Circunscrição Administrativa e ao quartel da Polícia Móvel. Estes tinham sido os três primeiros alvos de

---

* Excerto de uma passagem do livro do autor, Longas Horas do Tempo Africano, 10.ª edição, 2019, Câmara Municipal de Oeiras

uma guerra que iria tomar proporções dramáticas e estender-se por várias frentes.

Nesse momento, eles desconheciam isso; tal como aquele guarda-noturno que, inseguro, com o seu antiquado sabre e os 70 anos de reformado, lhes titubeou as boas noites e os avisou da passagem de várias ambulâncias. Tão pouco o sabia o motorista de táxi que os levou lestamente à Messe de Oficiais e que ao fim da corrida lhes recusou o dinheiro...

- Não percam tempo! Cheguem-lhes...

"Não percam tempo... Cheguem-lhes...", quantas vezes os seus nervos terão sido acicatados por estas frases sonoras? Eles não perdiam tempo... Mas os dias não tinham mais de 24 horas, havia tanto que fazer e eles eram tão poucos...

Noite cerrada envolve os musseques de Luanda. O cinturão negro suburbano rodeia a capital de Angola que viveu, nestes fevereiro e março de 1961, sob o regime do terror.

As praias despovoam-se. Tão cedo, os luandenses não voltarão a banhar-se nas águas tépidas da baía; a ilha está deserta; os cinemas perdem a frequência.

Inicia-se o êxodo de mulheres e crianças. Aviões partem superlotados; gente que se refugia na Metrópole, abandonando a capital de Angola; será substituída pelos que escapam ao vandalismo que assolou o mato. Luanda está por um fio.

Num arruamento largo e iluminado, que atravessa aquele labirinto de casas e ruelas, rola um jipe do Exército. Um europeu – daqueles que vivem misturados com os indígenas, comendo fuba, e cujos filhos brincam seminus com os negritos do musseque – aproxima-se da viatura. É um lançado, um exemplo do espírito de adaptação e de desejo de comércio, bem patentes no nosso povo. É um português típico com as suas riquezas e misérias.

"O musseque inteiro está em pé de guerra" - conta o homem – "de um momento para o outro desatam a fazer barulho, a gritar."

Os comerciantes, intranquilos, reuniram-se na rua iluminada, munidos de armas do acaso, desde o velho sabre ao bacamarte, e esperam... Esperam que o Exército não perca tempo e lhes chegue...

E o Exército não perde tempo. O comerciante serve de guia e interna-se pelo dédalo do musseque, seguido pelos militares, em coluna por um. Os jovens, com as armas em riste, seguem a outra geração, aquela que viveu ali, mas que sabe que só poderá continuar com a ajuda da juventude. E a juventude, que nada ali possui, não hesita arriscar a vida para defender outras vidas e outros bens.

Na noite cerrada, o labirinto do musseque é angustiante. Uma sensação de impotência parece querer apoderar-se daqueles jovens; é que as ruas são tão estreitas que fácil é, de qualquer janela, estender-se arma agressora que liquide silenciosamente um deles, sem que os outros se apercebam. Além da incerteza da situação, a dúvida quanto à veracidade das informações começa a surgir.

- Vamos aguardar. Não podemos andar toda

Funerais dos elementos da PSP de Luanda mortos no ataque

à noite às voltas no musseque.

Os militares espalham-se pelo pequeno largo, de modo a protegerem mutuamente as costas. Vigiam as casas circunvizinhas que parecem abafá-los com o seu negrume e silêncio inquietantes. Em vão, os olhos procuram descobrir algo na escuridão. Os minutos vão-se escoando naquele silêncio sepulcral; apenas se ouvem as pulsações dos militares que parecem ressoar ao longo das armas...

De repente... Sensação esmagadora... O musseque inteiro, como uma só voz, começa a gritar. Aos gritos agudos das mulheres, sobrepõe-se o barulho de panelas percutidas. Os militares agitam-se e procuram manter o sangue-frio no meio de tal balbúrdia. Não se conseguem fazer ouvir...

- Calem-se! Calem-se! Vamos abrir fogo se não se calam imediatamente!

De repente... Tal como surgira, aquele barulho desaparece por completo. No ar apenas a vibração dos tiros. E os dois Alferes lançam-se sobre a casa; pontapé na porta, pistola-metralhadora em punho, penetram no interior. Escuridão absoluta, cheiro intenso de suor; apenas brilham olhos na escuridão; olhos, muitos olhos que os encaram espantados. Do outro lado, um olhar que ainda brilha; mais tarde eclipsar-se-á como tributo neste holocausto que massacrou parte da Nação. Até lá, porém, é um olhar combativo...

José Caçorino, na altura, era da 1.ª Companhia de Polícia Militar, tal como o José Saraiva, comandada pelo Capitão Martins Rodrigues. Frequentou o 1.º Curso de Comandos, com o Raul Folques. Caçorino, depois, em Moçambique, foi ferido e perdeu a visão...

Em Luanda, nessa época, as ações policiais eram da competência prioritária da PSP, mas, como os seus efetivos eram insuficientes, pediam apoio à Polícia Militar, onde estava o, então, Alferes Caçorino. Às vezes, nas minhas folgas, dava-lhes uma ajuda...

A patrulha contava com pequenos efetivos da Polícia Militar e dos Dragões de Angola, aos quais eu pertencia. Aprisionou alguns homens e, quando voltou à rua principal, foi confrontada por comerciantes que queriam bater nos prisioneiros, mas que não tinham tido a coragem de se internarem no musseque. Os militares impediram que houvesse agressões. JE

Diario de Lisboa de 4-fev-61

Diário de Lisboa 04-02-1961

Três grupos armados tentaram a noite passada libertar presos em Luanda

Por intermédio do S. N. I., recebemos um comunicado oficial do Governo-Geral de Angola, que a seguir publicamos:

«O Governo-Geral de Angola tem recebido, nestes últimos dias, informações vindas do estrangeiro dizendo que se preparava uma alteração da ordem publica em Angola.

«Nessas informações insistia-se em que se tratava de um plano de agitação organizado de fora para dentro e coincidindo com o assalto ao paquete «Santa Maria».

«Efectivamente, durante a noite passada, três grupos de indivíduos armados pretenderam assaltar a Casa de Reclusão Militar, o quartel da Companhia Móvel da Polícia de Segurança Publica e as Cadeias Civis de Luanda, tendo havido baixas, tanto nas guarnições destes estabelecimentos como entre os assaltantes, baixas cujo numero, embora pouco elevado, será publicado logo que esteja averiguado. A intenção, ao que se depreende, era libertar presos, o que não conseguiram. Os responsáveis estão já presos na maior parte e a ordem está restabelecida».

luta-armada jornal Angola O País

Linhas de Torres Vedras – Percursos

Torres Vedras na Primeira Linha (Parte I) e alguns conselhos úteis...

Fonte: RHLT

Como anunciado no último número, a partir deste, apresentamos, com detalhe, os seis percursos propostos pela Rota Histórica das Linhas de Torres (RHLT).

Para qualquer um deles recomenda-se a consulta prévia do sítio da RHLT (https://www.rhlt.pt/pt/), que dispõe de todas as informações úteis aos passeios, que podem depois ser completadas pelas recolhidas nos diversos Centros de Interpretação das Linhas de Torres (CILT), no próprio dia da visita.

O Guia da RHLT é também uma preciosa ferramenta para preparar a descoberta das Linhas. Poderá comprá-lo ou encontrá-lo, no formato digital, mediante uma simples pesquisa na internet. Poderá, por exemplo, fazer o seu download no sítio do CILT de Sobral de Monte Agraço, no seguinte endereço (https://www.cilt.pt/pt/rota-historica-das-linhas-de-torres) ou, ainda, no sítio Friends of the Lines of Torres Vedras (ver: https://fltv.weebly.com/trail-guides-and-leaflets.html), que para os mais interessados e entusiastas pela Linhas de Torres constitui uma fonte de informação histórica suplementar.

Texto : TSup João **Moreira Tavares**

Em todos eles encontrará uma contextualização do período das Invasões Francesas para compreender o porquê da construção das Linhas e a sua importância na época, mas também no presente e porque devem ser preservadas para as gerações vindouras. Há, porém, algumas características que os distinguem, mas que igualmente os complementam.

No sítio da RHLT tem ao dispor uma aplicação que lhe permite traçar a rota do percurso que pretende fazer. Na opção Mapa Interativo pode selecionar os pontos de interesse a visitar de todos os seis percursos ou de apenas um e construir o itinerário a calcorrear de duas formas: otimizando a rota (os pontos de interesse serão reordenados para corresponder à rota mais curta) ou escolhendo uma rota cíclica (o início será o final da rota). No fim do processo ficará a saber a distância a percorrer, o tempo estimado do percurso e as direções a seguir, podendo imprimir essas indicações.

Por sua vez, o Guia da RHLT dá-lhe caminhos definidos para cada um dos percursos, fazendo-lhe sugestões e fornecendo dados com interesse sobre os pontos a visitar.

A terminar a lista de conselhos úteis, apenas mais

alguns elementares. Os fortes, redutos, baterias e estradas militares que compõem as Linhas encontram-se dispersos e localizados maioritariamente em terrenos altos, rurais ou florestais e, por vezes, afastados de estradas, só se chegando até eles por meros trilhos de terra. No fim do passeio terá percorrido alguns quilómetros em solos irregulares e terão passado várias horas. Por isso, convém usar calçado confortável e adequado, levar água e um pequeno farnel, um chapéu ou boné e um abafo e/ou impermeável consoante a época do ano e as condições atmosféricas. Uma carta militar ou mapa da região e uma bússola ou GPS também serão úteis aos mais aventureiros que quiserem afastar-se dos caminhos indicados e explorar as redondezas. As distâncias mais curtas são facilmente, e idealmente, percorridas a pé. O uso de bicicleta (BTT) pode também ser uma boa opção. Para a deslocação entre os pontos mais afastados do percurso (vários quilómetros) é conveniente ter um automóvel à disposição. De preferência não vá só e disponha de tempo para desfrutar do passeio, pois haverá sempre muito que ver.

No caso do percurso Torres Vedras na Primeira Linha, sugerimos como ponto de partida o Forte de São Vicente, situado na colina, com o mesmo nome, fronteira à cidade; mas poderá fazê-lo a partir de outro ponto, tal como sucede nos outros percursos. Para lá chegar, suba pela Rua das Linhas de Torres, que encontrará logo a seguir ao Parque do Choupal, do lado direito, quando se circula na estrada nacional a caminho da Praia de Santa Cruz.

O CILT de Torres Vedras, na antiga Capela de São Vicente.
Fonte: RHLT

Forte de São Vicente, o recinto central com os seus traveses
Fonte: RHLT

É no forte que está o CILT e por isso faz todo o sentido começar por aqui. Além disso, a vista deste local para Torres Vedras e sua envolvência ajuda-nos a perceber melhor a escolha dos diversos locais para a defesa desta urbe e deste nó de estradas fulcral para o acesso a Lisboa. Aliás, foi da relevância desta povoação e suas fortificações que derivou o nome das Linhas.

O Forte de São Vicente não foi inicialmente idealizado tal como hoje o vemos. Na verdade, resultou da junção de três redutos distintos, mas próximos entre si, para melhoria e reforço desta posição avançada e crucial, cuja perda para o inimigo colocaria em causa todo o sistema defensivo. Isto porque estando Torres Vedras num plano inferior, incluindo o seu castelo e dois outros pequenos fortes próximos, era de São Vicente que se dominava toda a zona envolvente.

Com a junção dos três redutos foi criado um amplo recinto central fechado e alargado consideravelmente o perímetro deste forte, tornando-o no segundo maior das Linhas, com uma guarnição de 2000 a 2200 homens, mas capaz de albergar até 4000. Traveses, fosso, três dezenas de canhoneiras, três moinhos (usados na época como paióis) completam o cenário, bem como a Capela de São Vicente, onde hoje está instalado o CILT.

O passeio continua no próximo número...

A Última Missão

Ao longo de quase 650 páginas profusamente ilustradas, o autor, apoiado na missão de repatriamento dos restos mortais de um grupo de militares portugueses caídos em combate na, então, Guiné portuguesa, faz uma retrospetiva da sua vida enquanto oficial paraquedista combatente em Angola, em Moçambique e na Guiné.
Numa escrita de muito agradável leitura, pautada pela seriedade, pela sobriedade e por um profundo respeito pelos que combateram, em particular pelos seus paraquedistas, a narrativa oscila entre o tempo presente e o tempo passado das suas três comissões.

CALHEIROS, José de Moura, *A Última Missão*, Edição Caminhos Romanos, 1.ª edição, novembro de 2010

Shanghai Dream

Este livro é uma coletânea de dois álbuns de Banda Desenhada, publicados em 2020. A história é sobre um casal alemão, de origem judaica, que consegue fugir para Xangai, durante a 2.ª Guerra Mundial. O protagonista, produtor cinematográfico, vai passar todos os dissabores da guerra, quer inicialmente na Alemanha, quer depois na China controlada pelos japoneses.
Qual a razão de divulgarmos este livro? Além da sua temática histórica, mas ficcional, a excelente ilustração do livro é da autoria do português Jorge Miguel, um nome já consagrado no mercado da BD franco-belga.
Uma coedição portuguesa d`*A Seita C.R.L.* e da *Arte de Autor*, a partir do original em francês da *Les Humanoides Associés*.

THIRAULT, Philippe e MIGUEL, Jorge, *Shanghai Dream,* A Seita C.R.L. e Arte de Autor, 2020

Mapa das regiões de Portugal: mal se governa o país que não se conhece...

Esta obra, da autoria do prestigiado Professor Doutor Luís Moreira, da Universidade do Minho, mostra-nos, através de uma profunda investigação, rigor e saber científico, a evolução das delimitações das regiões e províncias de Portugal ao longo da história.
É possível verificar neste livro que as primeiras referências cartográficas e geográficas remontam ao início do séc. XVI, onde a leitura militar do território era preponderante. A partir desse período examina-se a evolução da cartografia nacional, com o passar dos anos, até à atualidade.

MOREIRA, Luís Miguel, *Mapa das regiões de Portugal,* Edição Centro de Informação Geoespecial do Exército, 2020

Revue d'Histoire Européenne
Le Putsch D'Argel, Avril 1961

Em 2021 completam-se 60 anos sobre o início do nosso ultimo conflito no Ultramar Português. Nesse mesmo ano de 1961 também a França iria viver um dos episódios mais significativos naquela que foi a sua colónia mais importante, a Argélia, onde viviam cerca de 1 milhão de cidadãos franceses não muçulmanos. A França parece lidar já muito bem com este assunto da sua História recente. Este número da Rd'HE traz-nos um dossier com vários artigos de diferentes autores sobre o "golpe de estado" realizado por altas patentes e comandantes militares da colónia francesa. Ainda a referir, nesta revista, um interessante artigo sobre os 30 anos passados sobre a primeira Guerra do Golfo.

RHE nº 6

Batailles & Blindés –
100 ans de Batailles de Chars

Este número especial da edição da *Batailles & Blindés* é de aquisição obrigatória para todos os militares carristas e claro, também, pelos amantes da história militar.

Além das novidades tecnológicas em viaturas blindadas, o dossier "100 anos de batalhas de carros", revela-nos os maiores confrontos entre carros de combate desde a 1.ª Guerra Mundial até a 1.ª Guerra do Golfo, passando claro pela 2.ª Guerra Mundial.

A revista termina com um artigo de evocação ao grande mestre da guerra blindada Heinz Guderian e ao seu famoso livro *Achtung Panzer*.

Batailles & Blindés, n.º 100, fevereiro/março de 2021

Ágil

Esta publicação trimestral, que recebemos e partilhamos com agrado, destina-se principalmente a informar os associados do Núcleo de Olhão da Liga dos Combatentes e todos os interessados nos assuntos nela contidos.

Estes conteúdos inserem-se numa linha informativa que dá a conhecer as atividades, locais e nacionais, da Liga dos Combatentes aos leitores, nomeadamente as cerimónias e outros eventos, convidando-os a participar nos mesmos.

Este 123.º número diz respeito ao período compreendido entre janeiro e março de 2021.

Ágil, n.º 123, fevereiro de 2021

Um Último Golpe

Tom (Liam Neeson) é conhecido como uma lenda entre os criminosos, mas tudo muda quando se apaixona por Annie (Kate Walsh) e decide deixar o seu legado de crime para trás.
Disposto a mudar de vida, Tom aceita entregar-se à polícia em troca de uma sentença reduzida, mas não imaginava que seria enganado por agentes corruptos do FBI, que o obrigarão a fazer justiça com as próprias mãos.
Um filme a que Liam Neeson já nos habituou, com a habitual narrativa e muitas cenas de ação que o vão deixar colado ao ecrã.

Ação, M/12

3 Caminos

A série televisiva *3 Caminos* conta a história de cinco amigos, de diferentes nacionalidades, mas ligados pelos Caminhos de Santiago, no qual se encontram, em três momentos importantes das suas vidas.
Ao longo deste caminho vamos poder acompanhar com o passar do tempo, os sonhos, os romances e as amizades dos protagonistas, e como tudo isto vai transformar as suas vidas.
2000, 2006 e 2021 são os anos em que estes caminhos se abrem e que representam três etapas da vida dos cinco amigos, nas quais enfrentam problemas, muitas tensões e conflitos pessoais.

Drama, M/12

Lupin

A primeira temporada de Lupin estreou, no dia 8 de janeiro, na *Netflix*. No primeiro fim de semana, a série francesa conquistou os espectadores e em Portugal alcançou o primeiro lugar do top diário da plataforma.
Os episódios da primeira temporada de Lupin acompanham o jovem Assane Diop. Há 25 anos, a vida do jovem Assane Diop sofreu uma profunda transformação quando o seu pai morreu, após ser acusado de um crime que não cometeu. Agora adulto, Assane vai inspirar-se em Arsène Lupin, o famoso "ladrão de casaca" para as suas aventuras.

Crime, M/12

Barretina para Oficial de Lanceiros (circa 1837)

Texto : Pedro **Soares Branco** – Médico; Director Clínico
do Centro Hospitalar Universitário de Lisboa Central, colaborador do *Jornal do Exército*

Esta raríssima barretina, conservada no Museu Militar do Porto, poderá ser a mais antiga cobertura de lanceiros portugueses ainda existente. Provavelmente de fabrico britânico, apresenta porção cimeira com topo quadrangular, em pano encarnado e cordão da mesma cor, delimitada inferiormente por um galão dourado. O laço nacional, em cordão azul e branco, apresenta ao centro um botão com as armas reais, do modelo oficialmente adoptado por Decreto de 25 de Outubro de 1834, mas que já poderia existir anteriormente. O penacho é de crina preta. A chapa apresenta as armas reais, muito decoradas, em prata, assentes sobre um resplendor dourado. As restantes aplicações metálicas são douradas. Da barretina partia um cordão, ausente neste exemplar, que se usava enrolado a tiracolo.

A classificação desta cobertura é muito difícil. É improvável que se trate duma barretina para oficial do regimento de lanceiros da Rainha (denominado "regimento de cavalaria nº 2" entre 18 de Julho de 1834 e 26 de Novembro de 1844) porque este regimento usaria chapas com as armas reais douradas. Assumindo que não se trata dum protótipo ou duma barretina não-regulamentar, entre outras hipóteses, poderá tratar-se duma barretina para oficial do regimento de cavalaria nº 1, organizado por Decreto de 4 de Janeiro de 1837. Se assim for, é possível que este modelo de barretina tenha sido usado em detrimento do modelo oficialmente adoptado por Decreto de 25 de Outubro de 1834, que nunca teria assim "saído do papel".

(Museu Militar do Porto)

Agradecimento: ao Museu Militar do Porto, e em especial à Sra. Dra. Alexandra Anjos, por todo o auxílio e disponibilidade.

Tenente–Coronel Comando Marcelino da Mata

Natural de Ponte Nova, distrito de Tite, na Guiné, onde nasceu a 7 de maio de 1940, foi incorporado no início de 1960 no Exército. Tirou a especialidade de condutor, mas foi, sobretudo, como intérprete, por falar sete dialetos da Guiné, que começou por servir.

Em 1963 voluntariou-se para os Comandos, fazendo o curso em Angola. No regresso à terra natal participou na Operação Tridente, executada entre 14 de janeiro e 24 de março de 1964, uma das grandes operações realizadas nos três Teatros de Operações. Aí logo se distinguiu, tal como sucedeu em muitas outras operações, que viria a realizar até ao fim da guerra, como as célebres Mar Verde, em 1970, e Ametista Real, em 1973.

Em todas elas demonstrou a sua bravura, heroísmo e grande espírito de missão, sendo disso testemunho as diversas condecorações com que foi agraciado, entre as quais a Ordem Militar da Torre Espada, do Valor, Lealdade e Mérito (a mais alta condecoração militar portuguesa) e cinco Cruzes de Guerra.

Faleceu a 11 de fevereiro, vítima de Covid-19.

À família enlutada deste bravo Oficial o *Jornal do Exército* endereça sentidos pêsames.

EXÉRCITO PORTUGAL
Ao serviço dos Portugueses

Centro de Apoio Militar COVID-19
Estruturas de Apoio de Retaguarda

COVID-19
15MAR21

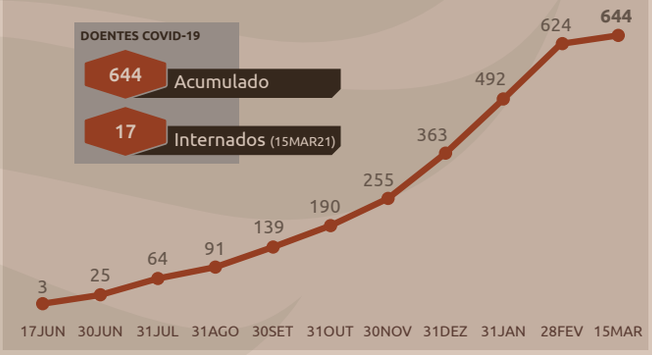
DOENTES RECEBIDOS | PROVENIÊNCIA

- Hospital de São Francisco Xavier
- Hospital de Santa Maria
- Hospital Professor Doutor Fernando Fonseca
- Hospital Beatriz Ângelo
- Hospital Curry Cabral
- Centro Hospitalar Barreiro-Montijo
- Hospital de Setúbal
- Hospital de Cascais
- Hospital Distrital de Santarém
- Hospital de Vila Franca de Xira
- Centro Hospitalar do Oeste
- Hospital de São João
- Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra
- Hospital Distrital Figueira da Foz
- Centro Hospitalar de Leiria
- Hospital do Espírito Santo de Évora

DOENTES RECEBIDOS
ACUMULADO | INTERNADOS

CAM COVID-19
LISBOA

DOENTES COVID-19
- 644 Acumulado
- 17 Internados (15MAR21)



EAR COIMBRA
CENTRO DE SAÚDE MILITAR DE COIMBRA

DOENTES COVID-19
- 43 Acumulado
- 0 Internados (15MAR21)

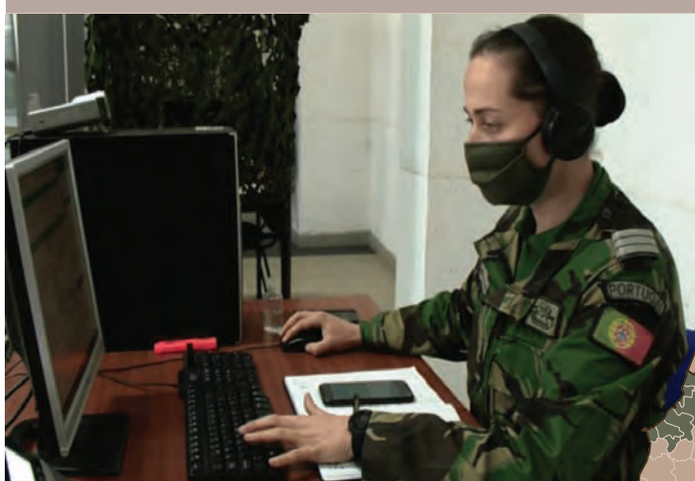
DOENTES NÃO COVID-19
- 215
- 13

EAR ÉVORA
UNIDADE DE SAÚDE DE ÉVORA

CAM - Centro de Apoio Militar
EAR - Estrutura de Apoio de Retaguarda

Fonte: Célula de Resposta do Exército | COVID-19

Rastreios Epidemiológicos

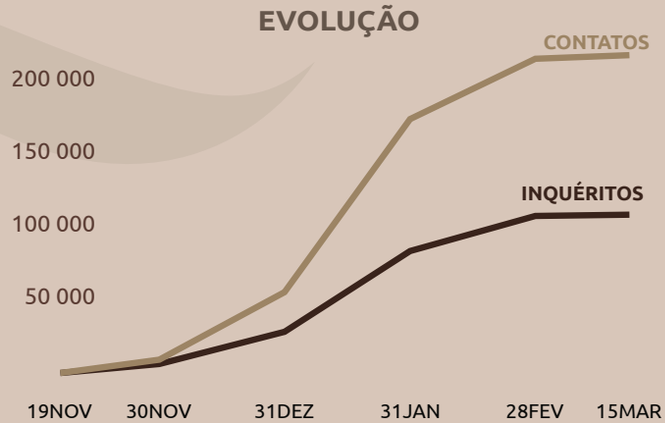


- 18 Entidades apoiadas (ACES+SRS)
- 80 Municípios abrangidos
- 21 Equipas empenhadas
- 330 Militares empenhados
- 20 Unidades militares empenhadas

DISTRIBUIÇÃO TERRITORIAL

INQUÉRITOS	CONTATOS	
64 908	125 198	ARS Norte
1 664	8 267	ARS Centro
35 688	75 892	ARS Lisboa e Vale do Tejo
1 355	4 044	SRS Açores
4 238	4 536	SRS Madeira
107 853	217 937	**Total Nacional**

EVOLUÇÃO



ARS - Administração Regional de Saúde
SRS - Secretaria Regional de Saúde
ACES - Agrupamento de Centros de Saúde

GabCEME | RCRPP | Célula de Comunicação de Crise

exercito.pt

EXÉRCITO
PORTUGAL
Ao serviço dos Portugueses
Use máscara e mantenha
o distanciamento social.
Proteja-se e proteja os outros.

Jornal do EXÉRCITO

Inspeção-Geral do Exército
110 Anos de Atividade

publicação mensal
Ano LXII – JE707 – Mar21 - € 2,00

EXÉRCITO PORTUGAL

EXÉRCITO
PORTUGAL

o Exército
nas redes sociais

exercito.pt

@ExercitoPortuguesPRT
@exercitoportugues_oficial
Exército Recrutamento
@Exercito_pt
800 20 12 74

475 gostos
158,4 mil seguidores

no FACEBOOK:

A 8.ª Força Nacional Destacada na RCA cumpriu a missão que lhe foi atribuída na região de Bossangoa, cerca de 300 km a norte de Bangui, tendo realizado patrulhas de segurança na cidade e nas proximidades, estabelecendo permanentemente contacto com a população local.

A presença da Força Portuguesa contribuiu para a segurança das populações locais e para o estabelecimento de um ambiente estável e seguro.

1 340 publicações
52,3 mil seguidores

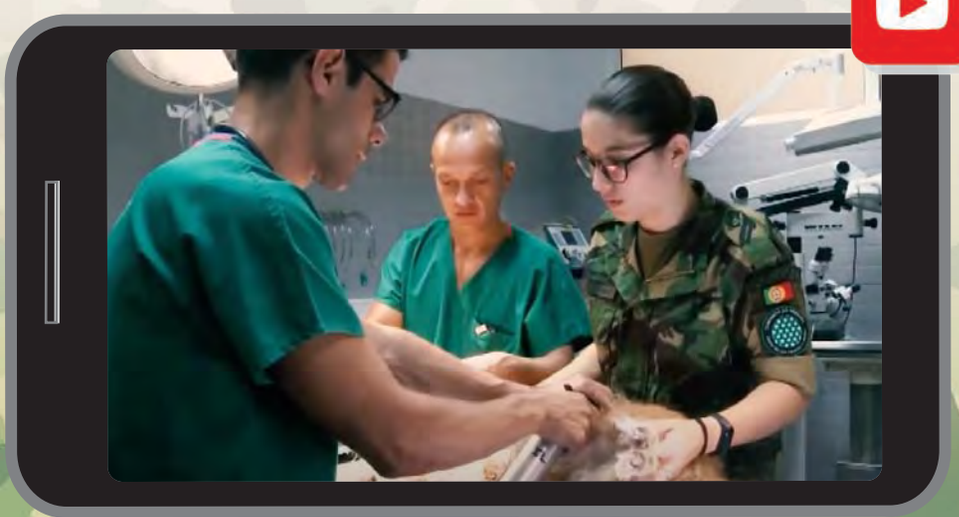
no INSTAGRAM:

O Regimento de Comandos iniciou uma edição extraordinária do 4.º Curso de Atirador Especial. O Curso de Atirador Especial destina-se a habilitar militares com os conhecimentos necessários para, como elemento integrante de uma força de escalão pelotão, secção ou esquadra, apoiar, através do fogo preciso até aos 600 metros, o cumprimento das tarefas normalmente cometidas a estes escalões.

no YOUTUBE:

Herdeira das tradições militares e do património histórico da extinta Escola Veterinária Militar, a Unidade Militar de Medicina Veterinária (UMMV) tem como missão garantir o apoio veterinário nas áreas da segurança e defesa alimentar, medicina e cirurgia veterinária e vigilância epidemiológica aos ramos das Forças Armadas e outras instituições do Estado.

99 visualizações



298 seguidores

no TWITTER:

O Centro de Apoio Militar (CAM) COVID-19 e as Estruturas de Apoio de Retaguarda (EAR) de Coimbra e de Évora já receberam 627 doentes COVID-19 e 194 doentes não COVID-19, desde que entraram em funcionamento. Ao serviço dos Portugueses!

MAJOR-GENERAL
INSPETOR-GERAL DO EXÉRCITO
LUÍS NUNES DA FONSECA

O Comando tempestivo e eficaz no atual contexto, complexo, imprevisível e sujeito ao escrutínio dos *media* e redes sociais, carece de um mecanismo de retroação fiável, que avalie o impacto e efeitos das ordens e diretrizes emanadas, a fim de viabilizar, oportunamente, a correção de eventuais desvios ou uma reorientação nos objetivos.

A Lei Orgânica do Exército sublinha a crucial importância do *controlo*, ao cometer à Inspeção-Geral do Exército (IGE) a missão de "(…) apoiar o CEME no exercício da função *controlo e avaliação* (…)". Mas, a par do conceito de controlo e avaliação, cuja relevância e utilidade são inquestionáveis, importa clarificar e atenuar a conotação negativa, por vezes associada ao termo *inspeção*.

À IGE incumbe, com efeito, a realização de *inspeções*, bem como tarefas de *fiscalização*, nomeadamente, do "(…) cumprimento das normas legais em vigor e determinações do CEME." Porém, a diferença substancial reside, justamente, na sua finalidade. Não é o objeto primário das inspeções identificar, propriamente, os responsáveis pela deficiente gestão, inoperância ou disfuncionamento de um dado organismo, equipamento ou infraestrutura, com o intuito de aplicação da correspondente sanção, mas, outrossim, conhecer o melhor possível a situação, os problemas e as insuficiências, na ótica da sua minimização ou erradicação. O *controlo* foca-se, assim, nas derivações face ao planeado, com vista à aplicação das melhores soluções ou medidas corretivas mais recomendáveis.

Fiel à sua divisa, a IGE pugna pelo cumprimento cabal da sua missão com distintiva qualidade e rigor, alicerçada no conhecimento, competência e inovação, cultivando os valores que lhe são caros, como a *Isenção* e a *Transparência*, procurando continuamente "acercar-se para melhor compreender e ajudar". ⚜

INFORMAR PARA BEM SERVIR

Coronel de Cavalaria António Nuno Reis Carrapatoso **Marcos de Andrade**, Diretor do *Jornal do Exército*

Convidámos o Major-General Luís Nunes da Fonseca, Inspetor-Geral do Exército, para fazer a abertura deste número da revista *Jornal do Exército*.

Apesar deste relevante Órgão do Exército comemorar apenas 58 anos de existência, as atividades inspetivas no Exército Português têm mais de 100 anos. Poderemos saber um pouco mais sobre a Inspeção-Geral do Exército, ao ler o artigo que publicamos nas páginas 14 a 19.

Tentamos sempre publicar artigos sobre o treino operacional das nossas Forças. Desta vez fomos até à região de Estremoz, para acompanhar o BANGUI 211, o exercício de certificação da 9.ª Força Nacional Destacada, que está a ser aprontada com base no 1.º Batalhão de Infantaria Paraquedista, sediado no Regimento de Infantaria n.º 15, em Tomar, e que se prepara para render, na República Centro-Africana, a Força do Regimento de Comandos.

Nos últimos anos temos sempre publicado um artigo sobre o exercício REAL THAW, da Força Aérea Portuguesa, que reúne Forças dos três Ramos e em que o Exército participa com militares da nossa Brigada de Reação Rápida. Este exercício, pelo número e diversidade de aeronaves envolvidas, constitui-se também como um dos mais importantes exercícios para os nossos militares Paraquedistas, Comandos e das Operações Especiais, que durante vários dias têm a oportunidade de treinar operações militares que envolvem o uso de aeronaves.

O Tenente-Coronel de Engenharia Gabriel Gomes, Doutorando em Engenharia Civil na FCT-UNL é um *expert* do Exército em assuntos relacionados com efeitos das explosões em infraestruturas, tendo no seu percurso profissional uma intensa atividade de cariz técnico, de aconselhamento e formativa relacionada com a análise e mitigação de efeitos das explosões, quer em termos nacionais quer internacionais. Publicamos também neste número da revista um interessante artigo sobre a proteção de infraestruturas contra explosões.

No dia 8 de março celebra-se o Dia da Mulher. A presença das mulheres no Exército já vem desde há muitos anos, mas o ano de 1992 foi um marco, com a entrada das primeiras militares na Academia Militar. A Major Fátima Costa é do curso de Cavalaria de 2003. Com uma interessante e variada carreira militar, partilha com todos os nossos leitores, como é ser oficial, mulher e mãe, no Exército Português.

Na nossa rubrica *Visão da História* trazemos uma entrevista feita com um talentoso modelista, o conhecido Vitalino Chitas, que nos desperta o gosto por esta arte de representação da realidade em diferentes escalas reduzidas, através de modelos ou maquetas, mostrando alguns exemplares de militares da nossa Guerra do Ultramar.

A terminar, chamo a atenção para a 2.ª parte do percurso *Torres Vedras na Primeira Linha*, nos nossos *Roteiros Militares – Linhas de Torres Vedras* e, ainda, para um interessantíssimo objeto existente no Museu Militar da Madeira.

Boas leituras!

Sumário .05

Editorial 03
Palavras do Diretor 04

Figuras e Factos

Destaque 06
Território Nacional 08
Outras Paragens 10

Atualidades

... mais que mil palavras 12
Capacidades
- 110 Anos de Inspeção no Exército 14
Exercícios
- BANGUI 211 20
Exercícios
- REAL THAW 2021 26
Capacidades
- A Proteção de Infraestruturas Contra Explosões 30
Opinião
- Oficial de Cavalaria, Mulher e Mãe 34
Testemunho
- Tenente Infantaria Duarte Sabino 39
Lá por Fora
- Projeto *Red Team* 40
- Sistema SWARM 41

Cultura e Lazer

Uma Visão da História
- Modelismo também É Arte 42
Roteiros Militares 46
Livros & Revistas 48
Filmes & Séries 49
Peças Icónicas 50

110 Anos de Inspeção no Exército 14
Fonte : IGE

... mais que mil palavras

Imagem da sub-rubrica "... mais que mil palavras": Operações Especiais, em exercício no âmbito das operações *Assurance Measures* da NATO (**Foto :** Bryan Ferreira)

Imagem da Capa : Palácio Vilalva (**Foto :** *Jornal do Exército*)

Jornal do EXÉRCITO

Órgão de divulgação e preservação da cultura militar, nos termos da alínea *a)*, do artigo 75.º, do Decreto Regulamentar n.º 11/2015, de 31 de julho

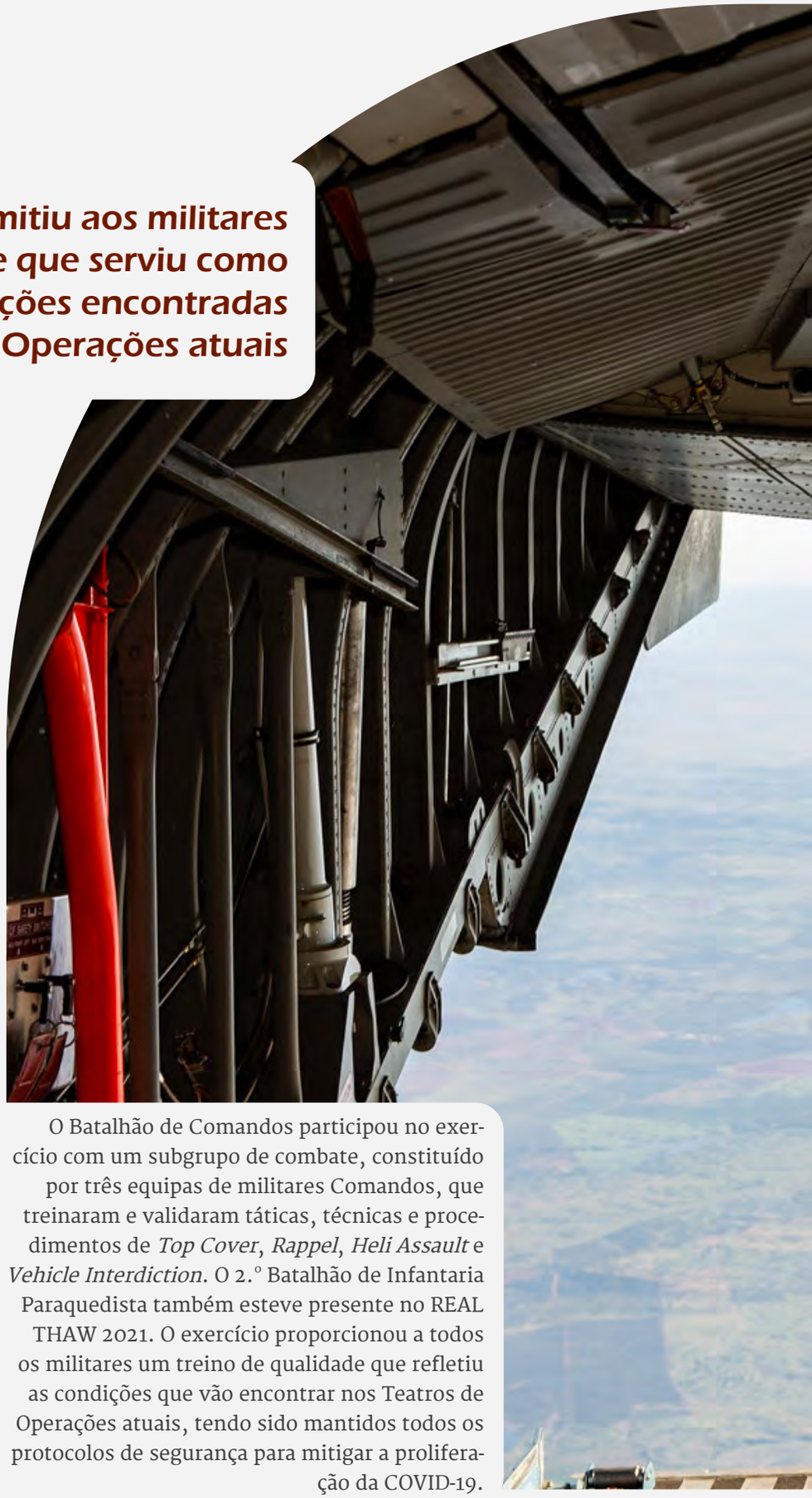
PROPRIEDADE DO ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO – Rua do Museu da Artilharia, 1149-065 LISBOA, Contactos: Tel. Civil: 218 842 300; tel. militar – 423 000; Fax civil: 218 842 527; fax militar: 423 227; e-mail: eme@exercito.pt. **Sede da Direção, Redação, Edição e Administração**: Palácio dos Condes de Resende, Campo de Santa Clara, 34, 1100-469 Lisboa. **NIPC**: 600021610. **Contactos**: tel. civil: 213 567 795; tel. militar: 414 026; fax civil: 213 567 791; fax militar: 414 091; *e-mails*: JE@exercito.pt; *site* oficial: www.exercito.pt. **Estatuto Editorial**: https://www.exercito.pt/pt/quem-somos/organizacao/ceme/gabeceme/je; **Direção – Diretor**: Cor Cav António Marcos de Andrade; **Subdiretor**: TCor Tm Carlos Pires de Sousa; **Secretária**: AssTec Joana Moita; **Condutor**: 1Cb RC Rui Pires; **Redação – Chefe**: TCor Tm Carlos Pires de Sousa; **Assistente de Redação**: SAj SGE David Custódio; 1Sarg PesSec Mónica Martins; **Colaboradores permanentes da Redação**: Alf RC Jaime Pereira; TSup João Moreira Tavares; TSup Tânia Espírito Santo; AssTec Guiomar Brito; **Serviços Administrativos – Chefe**: TCor Tm Carlos Pires de Sousa; **Secretaria e Distribuição**: SCh SGE Carlos Claudino, 1Cb RC Rui Pires; **Colaboração Fotográfica**: Centro de Audiovisuais do Exército; RCRPP/GabCEME; **Execução Gráfica**: Jorge Fernandes, Lda. – Rua Quinta Conde de Mascarenhas n.º 9, 2820-652 Charneca de Caparica, Tel: 212 548 320, *e-mail*: geral@jorgefernandes.pt; Tiragem: 4.000 exemplares. Depósito Legal n.º 1465/82 ISSN – 0871/8598. **Preço de Capa**: €2,00; **Assinatura anual** (11 números): **via superfície** – Continente, Açores e Madeira: €20,00; **via aérea** – países europeus: €45,00; restantes países: €65,00. Os artigos publicados com indicação de autor são da inteira responsabilidade dos mesmos, não refletindo, necessariamente, o pensamento do Comando do Exército Português.

O REAL THAW 2021 permitiu aos militares um treino de qualidade que serviu como preparação para as condições encontradas nos Teatros de Operações atuais

Exército participa no exercício REAL THAW 2021

O Exército participou no REAL THAW 2021, que decorreu entre 15 e 26 de março, com a presença de militares da Brigada de Reação Rápida, o que permitiu testar e validar diversas técnicas, táticas e procedimentos. Este exercício, organizado pela Força Aérea Portuguesa e apoiado na Base Aérea n.º 11, desenrolou-se em diferentes regiões do centro e sul do País: Alcochete, Beja, Campo Militar de Santa Margarida, Estremoz e Tancos. O Batalhão Operacional Aeroterrestre empenhou três destacamentos – um de percursores, um de operação de base de partida e um de abastecimento aéreo – que treinaram, respetivamente, as suas capacidades de infiltração, com paraquedas automáticos e manuais em altitudes fisiológicas e não fisiológicas; operações de bases de partida em aeródromos e lançamento de cargas de reabastecimento de diversas tipologias, assim como operação de zonas de lançamento de cargas e pessoal.

Da Força de Operações Especiais foram empenhadas uma Unidade Tática de Operações Especiais e uma equipa *Sniper*, que tiveram como objetivos de treino a validação de Técnicas, Táticas e Procedimentos de *Top Cover*, *Sniping Shooting* e *Tactical Air Landing Operation*.



O Batalhão de Comandos participou no exercício com um subgrupo de combate, constituído por três equipas de militares Comandos, que treinaram e validaram táticas, técnicas e procedimentos de *Top Cover*, *Rappel*, *Heli Assault* e *Vehicle Interdiction*. O 2.º Batalhão de Infantaria Paraquedista também esteve presente no REAL THAW 2021. O exercício proporcionou a todos os militares um treino de qualidade que refletiu as condições que vão encontrar nos Teatros de Operações atuais, tendo sido mantidos todos os protocolos de segurança para mitigar a proliferação da COVID-19.

Comandante das Forças Terrestres acompanha aprontamento da 9FND(Conj) para a RCA

O Tenente-General Martins Pereira, Comandante das Forças Terrestres deslocou-se, a 3 de março, ao Regimento de Infantaria n.º 15, em Tomar, a fim de visitar o exercício ZEUS 211, no âmbito do aprontamento da 9.ª Força Nacional Destacada Conjunta – 9FND (Conj) – para a República Centro-Africana (RCA).

O Tenente-General Martins Pereira, acompanhado pelo Comandante da Brigada de Reação Rápida, Brigadeiro-General Gonçalves Soares, e pelo seu Chefe de Gabinete, Coronel Fernando Albuquerque, inteirou-se do estado do aprontamento da 9FND (Conj).

Após o brífingue apresentado pelo Comandante da Força, Tenente-Coronel Rasteiro Fernandes, seguiu-se uma ação "Cerco e Busca", na qual foi possível verificar a proficiência da Unidade de manobra da Força no emprego das suas Táticas, Técnicas e Procedimentos.

O Exército no Dia Internacional da Mulher

No âmbito do 10.º aniversário da aprovação da Convenção do Conselho da Europa para a Prevenção e o Combate à Violência contra as Mulheres e a Violência Doméstica, o tema da Defesa Nacional para as comemorações do Dia Internacional da Mulher 2021 assenta no empoderamento das mulheres, desafiando perceções e desconstruindo estereótipos de género associados à profissão militar.

Esta campanha da Defesa Nacional, que conta com o contributo do Exército, decorre nas redes sociais e assenta em duas fases.

A primeira decorreu de 8 a 14 de março, tendo como objetivo mostrar, através de histórias reais, a diversidade e inclusão na Defesa Nacional, contrariando a ideia de que a força de trabalho da Defesa é dominada por homens e que as mulheres têm dificuldade em integrar-se.

Na 2.ª fase, que decorreu entre 15 e 21 de março, o objetivo foi desconstruir o estereótipo de mulher militar, dando a conhecer o exemplo de diferentes mulheres que prestam serviço nas Forças Armadas, evidenciando o contraste entre a sua imagem em serviço e a sua imagem na vida pessoal, mostrando que conseguem conciliar a vida pessoal, profissional e militar, bem como atingir cargos de chefia e de topo na organização.

Deste modo, o Exército contribuiu para a homenagem a todas as mulheres, em especial as militares, que, diariamente, desempenham as mais variadas funções, no País e no estrangeiro.

62.º Aniversário da Direção de História e Cultura Militar

Criada em 1959, no âmbito da reforma da organização geral do Ministério do Exército, a Direção de História e Cultura Militar (DHCM) é atualmente responsável pela recolha, proteção, conservação, investigação e divulgação do património histórico-militar do Exército.

Não podendo fazer presencialmente, a DHCM pretende homenagear todos aqueles, militares e civis, que serviram esta Direção e os seus Órgãos, e que com o seu empenho e dedicação contribuíram para o cumprimento da Missão que concorre para a divulgação do património do Exército Português.

Parabéns a todos os militares e civis que prestam ou prestaram serviço nesta Direção, que assinala o 62.º aniversário, honrando a sua divisa: "*Mais Çertidom Aver Nom Podemos*".

Para celebrar o aniversário foi lançado um vídeo comemorativo dos 62 anos da DHCM nas redes sociais do Exército.

Dia da Arma e do Regimento de Transmissões

No dia 24 de março assinalou-se o 51.º aniversário da Arma de Transmissões e o 56.º aniversário do Regimento de Transmissões (RTm), sediado no Porto.

Embora o RTm tenha sido criado a 1 de março de 1965, quis a tradição que festejasse o seu aniversário juntamente com o Dia da Arma de Transmissões, a 24 de março, data que na liturgia está associada ao Arcanjo São Gabriel, patrono da Arma de Transmissões.

Em virtude da situação pandémica, que se vive atualmente, não foram realizadas atividades comemorativas, tendo o evento sido assinalado simbolicamente com as cerimónias do Hastear da Bandeira Nacional e de Homenagem aos Mortos em Combate.

Muitos parabéns a todos os militares e civis que prestam e prestaram serviço na Arma e no Regimento de Transmissões e que "Por engenho e ciência" continuam a cumprir "Sempre melhor".

Para destacar esta Arma e o RTm foi lançado, nas redes sociais do Exército, um vídeo comemorativo dos aniversários da Arma e do Regimento e foi, também, lançado o Boletim Informativo do Regimento de Transmissões A Mensagem, a edição de 2021.

O Exército realiza sustentação Logística para o Teatro de Operações da República Centro-Africana

No âmbito da sustentação logística das Forças em missão no Teatro de Operações (TO) da República Centro-Africana (RCA), chegaram a Bangui 60 paletes, com cerca de 29 toneladas e uma volumetria de 132 metros cúbicos, de equipamentos militares e artigos diversos destinados a apoiar os militares portugueses.
Esta carga partiu do Regimento de Transportes (Lisboa), no dia 18 de fevereiro, em dois camiões de transporte internacional rodoviário, tendo como destino intermédio o Aeroporto Internacional de Liége (Bélgica). Após o transbordo das mercadorias militares para uma aeronave B747-F, estas foram transportadas em voo direto, em 24 de fevereiro, pelas 22 horas, para o Aeroporto Internacional de Bangui, onde chegaram no dia seguinte, pelas 8 horas.
Após a verificação da documentação e conclusão das formalidades aduaneiras, toda a carga foi distribuída às Forças portuguesas em missão neste TO, designadamente à 8.ª Força Nacional Destacada, aos militares da Missão de Treino da União Europeia, ao 2.º Comandante da Missão Multidimensional Integrada das Nações Unidas na RCA e aos Elementos Nacionais Destacados.

Embaixador de Portugal presidiu à cerimónia de encerramento do curso de Português em Timor-Leste

O Embaixador de Portugal em Timor-Leste, José Vieira, presidiu à cerimónia de encerramento do curso de Português para Fins Específicos que decorreu, no dia 9 de março, em Baucau.
A cerimónia contou igualmente com a presença do Adido de Defesa, Coronel Pereira Lopes, do Exército Português, dos Diretores dos Projetos 2, 3 e 4, Tenente-Coronel João Pimenta, Capitão de Mar e Guerra Sousa Dias e Tenente-Coronel Fausto Campos, respetivamente, e do Oficial de Operações da Componente Terrestre das Forças de Defesa de Timor-Leste (F-FDTL), Capitão Hélio Quintas.
Este curso decorreu no âmbito do Acordo de Cooperação no Domínio da Defesa, designadamente do seu Projeto 4 - Reforço do uso da Língua Portuguesa, sendo o Diretor do Projeto o Tenente-Coronel Fausto Campos, do Exército Português.
Os militares das F-FDTL estão agora habilitados com os conhecimentos linguísticos necessários para o correto entendimento dos assuntos de âmbito militar, assim como a produzir um discurso simples e coerente sobre esta temática e articular, explicar e justificar as suas opiniões corretamente.
O formando que obteve a melhor classificação foi distinguido com um prémio simbólico - o livro *Um Auto de Gil Vicente*, de Almeida Garrett -, seguindo-se a entrega do certificado a todos os militares que concluíram o curso.

2.º Comandante da MINUSCA participa na reunião do Comité de Apoio Estratégico ao Processo Eleitoral na RCA

O Major-General Maia Pereira, 2.º Comandante da Missão Multidimensional Integrada das Nações Unidas para a Estabilização da República Centro-Africana (MINUSCA), participou na reunião do Comité de Apoio Estratégico ao Processo Eleitoral, que teve por finalidade efetuar o ponto de situação do processo eleitoral da 2.ª volta das legislativas e da 1.ª volta das parciais, que decorreram no dia 14 de março, naquele país.

Nesta reunião, presidida pelo Primeiro-Ministro, Firmin Ngrebada, o Major-General Maia Pereira teve a responsabilidade de apresentar o Plano de Segurança Integrado, onde foi focado o comprometimento total da Força em todo o apoio necessário ao processo eleitoral, com enfoque especial na questão securitária das 63 subprefeituras onde decorreram as eleições.

Esta missão obrigou à projeção e emprego da quase totalidade das capacidades militares da Força, com a finalidade de assegurar a liberdade de movimentos e a criação de um ambiente seguro e estável para uma participação efetiva de toda a população.

Militares do Exército ministram Curso *Fusiliers Commandos* no Mali

Dois militares do Exército integram a equipa que se encontra a ministrar o Curso *Fusiliers Commandos* (FUSCO) a militares das Forças Armadas malianas (FaMA)

Esta formação é direcionada para a defesa de Unidades militares e de meios aéreos, assumindo atualmente uma importância fulcral no Mali. Técnicas de defesa pessoal, de revista a pessoas, buscas a viaturas, técnicas de combate e defesa próxima de aeronaves são alguns exemplos das matérias ministradas durante as 12 semanas de duração do curso.

Além dos instrutores nacionais, o curso conta com instrutores de outros países da União Europeia e com o apoio de 14 militares das FaMA. Estes últimos, recebem formação específica para apoiarem o curso, como auxiliares de formação, a ministrar aos restantes elementos, até perfazerem um total de 171 militares dotados com formação específica.

Os militares portugueses pertencem à Missão de Treino da União Europeia no Mali (EUTM Mali), onde neste momento estão em missão sete militares do Exército e três da Força Aérea.

12.

Task Unit de Operações Especiais, em exercício no âmbito das operações *Assurance Measures* da NATO, na Lituânia.
Os militares estão armados com Espingarda Automática HK 416.

[Lisboa]

110 Anos de Inspeção no Exército

A importância e a execução de uma atividade essencial para a ação de Comando no Exército

Texto : Cor Cav João **Amaral Brites** | Inspetor da IGE
Alf RC Jaime **Pereira** | Redator do JE

Enquadramento

Qualquer organização que implemente modelos de qualidade tem a necessidade de ter um processo inspetivo bem definido e que atue em toda a sua dimensão. O Exército não é exceção!

É a partir de 1911[1], que na organização geral do Exército se verifica a existência de uma disposição reguladora da atividade inspetiva que foi evoluindo em função dos contextos vividos e das reorganizações levadas a cabo no Exército.

Presentemente, a Inspeção-Geral do Exército (IGE), denominação que lhe foi dada em 1959[2], é a herdeira dessa centenária atividade. Dirigida por um Oficial General, designado por Inspetor-Geral do Exército, na dependência direta do Chefe do Estado-Maior do Exército (CEME), tem por missão[3] apoiar o CEME no exercício da função de controlo e avaliação, através da realização das atividades de inspeção e certificação de Forças. Assim, à IGE compete: fiscalizar o cumprimento das normas legais em vigor e determinações do CEME; avaliar o grau de eficiência e eficácia geral das Unidades, Estabelecimentos e Órgãos (U/E/O) do Exército; recomendar as medidas consideradas adequadas para a resolução das deficiências detetadas durante a realização das inspeções e acompanhar a sua implementação; avaliar e propor ao CEME a certificação de todas as Forças da componente operacional do Sistema de Forças, nomeadamente das Unidades e Órgãos a destacar do Exército; e desenvolver atividades relativas às ações inspetivas, podendo propor a nomeação de equipas multidisciplinares para o efeito; articular-se com entidades externas com competências no domínio da inspeção, designadamente, a Inspeção-Geral da Defesa Nacional (IGDN), com a qual a IGE coopera e partilha informação, nomeadamente no âmbito do planeamento e resultados, a fim de garantir a racionalidade, complementaridade e sinergia das intervenções.

> **"A atividade inspetiva desenvolve-se segundo os princípios da economia, complementaridade, criticidade, eficiência e eficácia. Tendo em consideração o seu âmbito e objetivos as atividades inspetivas, ordinárias ou extraordinárias, levadas a cabo pela IGE podem ser: gerais; técnicas; de processos de programas e sistemas; de avaliação operacional e, mais recentemente, auditorias de proteção de dados."**
>
> [Cor Cav João Amaral Brites]

A Atividade da Inspeção-Geral

O processo inspetivo é materializado através de um conjunto de atividades inspetivas, consagradas no Programa Anual de Inspeções do Exército (PAIE) superiormente aprovado, além de outras inopinadas, a determinar especificamente pelo CEME. As áreas de interesse abrangidas são diversas, tais como: recursos humanos, materiais e financeiros, avaliação da prontidão operacional, segurança militar, segurança e saúde no trabalho e proteção ambiental, formação, etc.

As inspeções visam, essencialmente, analisar globalmente os fatores que afetam ou comprometem o cumprimento da missão atribuída às U/E/O, às Forças e atividades do Exército, a fim de identificar as suas causas para posterior correção das deficiências detetadas. Adicionalmente, permitem verificar se as atividades desenvolvidas estão de acordo com as leis e normativos em vigor e as orientações dimanadas do Comando Superior do Exército.

Por outro lado, à IGE está cometida a tarefa de monitorização da execução do Plano de Prevenção de Riscos de Corrupção e Infrações Conexas (PPRCIC) do Exército, sendo responsável pela elaboração do Relatório Anual de Execução do PPRCIC do Exército, que constitui o instrumento de aferição da efetividade, utilidade e eficácia das medidas nele inscritas, através de indicadores estatísticos de gestão, que permitirão a eventual correção e atualização do referido plano.

A IGE avalia, ainda, no decurso das suas ações inspetivas, o estado e conformidade de implementação dos STANAG[4] ratificados pelo Exército, tarefa que é executada em estreita ligação com a Divisão de Doutrina, Normalização e Li-

ções Aprendidas, do Estado-Maior-Coordenador, do Estado-Maior do Exército.

O Inspetor-Geral do Exército, por despacho do CEME, de 22 de maio de 2018, é o Encarregado de Proteção de Dados do Exército, responsável por assegurar a aplicabilidade e cumprimento no seio do Exército (salvaguardadas as devidas exceções) das disposições contidas no Regulamento Geral de Proteção de Dados (RGPD) [Regulamento (UE) 2016/679, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 27 de abril de 2016], que consagra um reforço da proteção jurídica dos direitos dos titulares dos dados pessoais.

Por último, a IGE coordena e articula as suas ações de inspeção e avaliação com a atividade de Lições Aprendidas, por forma a contribuir para a consolidação e aperfeiçoamento desta capacidade no seio do Exército.

Caraterização da Atividade Inspetiva

A atividade inspetiva desenvolve-se segundo os princípios da economia, complementaridade, criticidade, eficiência e eficácia. Tendo em consideração o seu âmbito e objetivos as atividades inspetivas, ordinárias ou extraordinárias, levadas a cabo pela IGE podem ser: gerais; técnicas; de processos de programas e sistemas; de avaliação operacional e, mais recentemente, auditorias de proteção de dados.

Inspeções Gerais (IG) - Destinam-se a analisar globalmente os fatores que prejudicam a eficácia ou afetam a eficiência de qualquer U/E/O do Exército. Por norma, incidem sobre todas as suas áreas de atividade, visando verificar se as ações desenvolvidas estão de acordo com as normas e diretivas superiores, detetar os problemas, suas causas fundamentais e propor recomendações para a sua correção, bem como identificar as boas práticas e propor a sua difusão e implementação.

Inspeções Técnicas (IT) - Destinam-se a avaliar o detalhe técnico e/ou funcional no que se refere ao modo e forma como as U/E/O executam ações em determinada(s) área(s) decorrentes da sua missão. Incidem sobre uma ou mais áreas de atividade da U/E/O a inspecionar, visando verificar o cumprimento das normas técnicas e diretivas superiores, detetar os problemas, suas causas fundamentais e propor recomendações para a sua correção, bem como identificar as boas práticas e propor a sua difusão e implementação. Destacam-se as principais IT conduzidas pela IGE:

- Segurança Militar e das Comunicações e Sistemas de Informação;
- Segurança e Saúde no Trabalho e Proteção Ambiental.

Inspeções de Processos, Programas e Sistemas (IPPS) - Têm por objetivo analisar as práticas de gestão, controlo e utilização de determinado bem ou serviço, através da análise do funcionamento dos sistemas e processos implantados, da verificação da qualidade, eficácia e eficiência dos procedimentos internos e do papel dos intervenientes, não se limitando apenas à análise de factos históricos e/ou da respetiva legalidade e regularidade financeira, mas abrangendo, também, a deteção de pontos críticos e a identificação e avaliação dos riscos que sobre eles impendem.

Inspeções Operacionais (IO) - Visam avaliar a capacidade de reação das Unidades, na passagem duma situação de tempo de paz para uma situação de crise, conflito ou guerra. Avaliam, ainda, o estado de prontidão de elementos, de Forças ou de capacidades destinadas a empregos específicos, no âmbito operacional. Permitem determinar se estão *prontas para combate* (*Combat Ready*), detetar os problemas, as suas causas fundamentais e propor recomendações para a sua correção, bem como identificar as boas práticas e propor a sua difusão e implementação. Aplicam-se, especialmente, às Forças e elementos em aprontamento para emprego no âmbito das Forças Nacionais Destacadas e às Unidades e meios da componente operacional terrestre do Sistema de Forças.

Auditorias de Proteção de Dados (APD) - Visam verificar o funcionamento da Estrutura de Proteção de Dados edificada no Exército, bem como a conformidade da Arquitetura de Segurança das Redes e Sistemas de Informação com os requisitos técnicos especificados no diploma legal em vigor, das medidas técnicas e organizativas adotadas, das atividades desenvolvidas e dos procedimentos em vigor em matéria de proteção de dados de acordo com os preceitos contidos no RGPD e na legislação nacional.

No que diz respeito à periodicidade das atividades inspetivas, observa-se a regra geral de três a quatro anos entre a mesma tipologia de inspeção e/ou auditoria.

Organização da Atividade Inspetiva

A condução das inspeções assenta, fundamentalmente, na atuação das Equipas de Inspeção (EI), cujos elementos são nomeados para cada uma das áreas específicas e que são provenientes da estrutura da IGE e das U/E/O do Exército.

Estas EI, com um Oficial Superior (Coronel) como Chefe de Equipa, são constituídas, em geral, por um conjunto de Inspetores, militares e/ou civis nomeados *ad hoc* pelos diversos Órgãos Centrais de Administração e Direção (OCAD) e Comando das Forças Terrestres (CFT), cuja função é a de observar e examinar as áreas, para as quais a sua formação lhes deu as necessárias competências para o efeito.

Para efeito de planeamento a atividade inspetiva desenvolve-se em quatro etapas: preparação, execução, relato e seguimento.

Preparação - Decorrente da data, agendada em planeamento, a fim de se concretizar a inspeção é conduzida uma reunião preparatória, em modo presencial e/ou *online*, com o objetivo de se coordenarem as ações inspetivas a desenvol-

ver e elucidar os Inspetores designados sobre o funcionamento do sistema de avaliação (aplicação informática) disponibilizado para o efeito.

Execução - Uma inspeção tem, normalmente, a duração de um a três dias e inicia-se com a entrega de uma Credencial e a apresentação da EI ao Comando da U/E/O que é inspecionada. Após esta formalidade, segue-se um bríefingue ministrado pela U/E/O onde se expõem, dentre outros aspetos:

- A sua missão, organização e capacidades;
- Dados que habilitem a um conhecimento atualizado da situação geral e dos principais problemas e dificuldades da U/E/O nas diversas áreas a inspecionar.

Durante a inspeção surge, por vezes, a necessidade de se conduzirem reuniões de trabalho com elementos da U/E/O inspecionada, para se esclarecerem assuntos e, se necessário, darem-se orientações sobre os mesmos.

A identificação de não conformidades e a deteção de deficiências, lacunas e insuficiências durante as atividades inspetivas, determinará a aplicação ulterior de correções, a revisão de procedimentos, a criação de mecanismos que impeçam a recorrência de situações anómalas, assim como a sedimentação das boas práticas, a generalizar nas demais U/E/O do Exército.

Relato - Como produtos que resultam da atividade inspetiva, salientam-se, o Relatório Preliminar, que é enviado à U/E/O inspecionada, para exercício do Contraditório e, o Relatório Final, homologado pelo CEME, através do qual são transmitidas recomendações corretivas e sugestões de boas práticas para se resolverem ou se introduzirem melhorias nos aspetos observados.

Seguimento - O exercício da função controlo das deficiências e recomendações respeitantes a cada inspeção, avaliação ou auditoria é efetuado, de forma interativa (envolvendo a IGE, as U/E/O inspecionadas e a respetiva cadeia de comando), através da aplicação informática SIRCIGE (Sistema de Registo e Controlo da IGE), desenvolvida pela Direção de Comunicações e Sistemas de Informação (DCSI) do Exército, em 2015.

O *upgrade* realizado, em 2019, pela DCSI permitiu à IGE, aos OCAD e CFT e às U/E/O, através de permissões de acesso, visualizarem as deficiências e recomendações e anexarem documentos ou outros ficheiros comprovativos das ações corretivas.

É importante frisar que é através do *snapshot* proporcionado pelas inspeções, avaliações e auditorias, que o Comando do Exército tem um conhecimento mais pormenorizado da situação das U/E/O, Forças e atividades inspecionadas, da ação de comando exercida pelos respetivos comandantes, diretores e chefes, dos problemas, constrangimentos e preocupações que os afetam e, da forma como estão a cumprir a missão e tarefas atribuídas, afirmando-se, ainda, como um importante elemento catalisador da resolução das questões e problemas elencados.

Balanço 2020 e Conclusões

A eclosão da pandemia da COVID-19, em março de 2020, determinou a adoção, pelo Comando do Exército, de medidas excecionais de mitigação, de natureza preventiva, de isolamento, de contenção, de tratamento e de controlo da infeção, com o objetivo de salvaguardar os recursos humanos do Exército e de contribuir para a saúde

pública, tendo sido de imediato suspensas e/ou canceladas as inspeções previstas no PAIE 2020, as quais foram retomadas em junho de 2020, com as inevitáveis alterações decorrentes da interrupção ocorrida no período em apreço.

Não obstante os contratempos decorrentes da pandemia, relevam-se as seguintes atividades executadas pela IGE, em 2020, com a pronta colaboração dos OCAD e CFT:

- A realização de 38 atividades inspetivas (9 IG; 8 IO; 16 IT; 2 IPPS; e 3 inspeções extraordinárias), traduzindo-se numa taxa de execução global de 88,4 %, tendo sido empregues, na sua totalidade, 310 Oficiais, 16 Sargentos e 1 Civil.
- A elaboração e homologação das Listas de Verificação (LV) COVID-19, a aplicar no decurso das inspeções e, também, das LV das Inspeções Gerais no âmbito da Educação (aplicáveis ao Colégio Militar e Pupilos do Exército).
- A ligação, apoio e acompanhamento de 6 auditorias da IGDN ao Exército.
- A revisão da publicação administrativa PAD 225-01 – Inspeções do Exército, datada de 2015.
- A compilação, elaboração e homologação do Relatório Anual de Execução do PPRCIC do Exército 2019.

A IGE constitui-se um instrumento relevante para a ação do Comandante do Exército. Para os comandantes, diretores e chefes a atividade inspetiva deve ser encarada como um meio complementar à sua ação de comando, traduzida na disponibilidade de uma equipa funcional de aconselhamento e sensibilização junto do escalão superior, sendo, por isso, um instrumento de apoio, motivação e incentivo consubstanciado no seu lema "Acercarmo-nos para melhor podermos compreender e ajudar".

A IGE fortemente impulsionada pelo mote do Exército "Prosseguir, Cumprindo Melhor", contribui, através da sua atividade para um "Exército credível, moderno, atrativo, de elevada prontidão e competência" ao "serviço dos Portugueses". ⚓

---

[1] Decreto de 25 de maio de 1911.
[2] Decreto-Lei n.º 42 564, de 7 de outubro de 1959.
[3] Artigo 52.º do Decreto-Regulamentar n.º 11/2015, de 31 de julho.
[4] STANAG (*Standardization Agreement*): acrónimo da NATO que decorre da terminologia anglo-saxónica utilizada na Normalização.

[Estremoz]

BANGUI 211

O culminar de um aprontamento para a República Centro-Africana

Um olhar sobre a preparação e sustentação de mais uma Força Nacional Destacada Conjunta para um Teatro de Operações distante e exigente

Texto : TCor Cav Duarte **Caldeira** | Estado-Maior da BRR
TSup João **Moreira Tavares** | Redator do JE

Nas proximidades de Estremoz, no Monte da Igreja – um pequeníssimo aglomerado de edifícios, já em ruínas, onde sobressaem o templo que lhe dá o nome e o cemitério a ele anexo – um *grupo de populares* aguarda a chegada da coluna auto prevista.

Pouco passa das 11 horas quando ela surge, ainda distante, no caminho de terra batida. Entre a poeira que se levanta à sua passagem vão emergindo, uma após outra, as oito viaturas que a com-

"É a derradeira etapa de uma exigente e cuidada preparação, iniciada depois de difundida a Ordem de Aprontamento do Comando das Forças Terrestres, de 26 de agosto de 2020..."

põem. Quatro URO VAMTAC e duas PANDUR que asseguram a proteção das duas outras viaturas (uma IVECO e uma Panhard), que aqui representam veículos do Programa Alimentar Mundial.

À sua passagem pelo monte, os *populares* – cerca de uma dúzia – precipitam-se para a coluna, obrigando-a a interromper a marcha. Pedem auxílio médico, comida e água. A agitação é grande em torno das viaturas, enquanto parte delas assume posições defensivas e as outras se estendem e imobilizam ao longo do caminho e os militares se apeiam e montam um perímetro de segurança.

À presença dos militares é trazido um *popular* ferido, que é socorrido. Aos restantes é distribuída alimentação e água. Mas a pausa, ainda breve, é subitamente quebrada por disparos, vindos de algures muito para lá do caminho. Os militares da coluna ripostam à flagelação sofrida com fogo de armas ligeiras. Os agressores são praticamente impercetíveis, devido à distância a que se encontram e à vegetação onde se ocultam. Após um curto interregno na troca de tiros, uma nova flagelação começa. É então que um Veículo Aéreo Não Tripulado, mais conhecido por *Unmanned Aerial Vehicle* (UAV), é posto a voar e parte ao encontro dos atacantes, localizando-os. Através do aparelho, o operador que o manobra, junto de uma das viaturas, vê, agora, com precisão o inimigo e consegue orientar o fogo defensivo que, com sucesso, põe fim ao ataque. Não há baixas a registar, o UAV regressa à mala donde saiu, o auxílio prestado aos *populares* é concluído, os militares reembarcam e a marcha das viaturas é retomada.

O cenário e o incidente descritos inserem-se no BANGUI 211, o exercício final do aprontamento e de certificação da 9.ª Força Nacional Destacada Conjunta – 9FND (Conj) – para a República Centro-Africana (RCA), que neste país irá servir como Força de Reação Rápida, no âmbito da Missão Multidimensional Integrada das Nações Unidas (MINUSCA); e nele se procura recriar, tanto quanto é possível, a situação de conflitualidade existente na RCA e a crise humanitária dela decorrente, colocando aos militares da Força problemas e dilemas táticos, que têm de resolver, visando a sua familiarização com o Teatro de Operações (TO) onde irão operar.

É a derradeira etapa de uma exigente e cuidada preparação, iniciada depois de difundida a Ordem de Aprontamento do Comando das Forças Terres-

Popular ferido depois de socorrido, no Monte da Igreja

tres, de 26 de agosto de 2020, que incumbiu a Brigada de Reação Rápida (BrigRR) de organizar a Força e o Regimento de Infantaria n.º 15 de a mobilizar. Deste Regimento, concretamente do 1.º Batalhão de Infantaria Paraquedista, provém, assim, a maioria dos 180 militares, 177 do Exército e três da Força Aérea (equipa de Controlo Aéreo Tático) da 9FND (Conj), entre os quais há 12 mulheres.

Por sua vez, ao Regimento de Cavalaria n.º 3 (RC3), de Estremoz, coube, uma vez mais, o apoio logístico à realização do BANGUI – já o tinha feito durante o aprontamento da 7FND (Conj), há cerca de um ano[1] – através da cedência de homens, viaturas, alimentação, apoio sanitário e alojando nas suas instalações o Controlo do Exercício (*Exercise Control* – EXCON). É, pois, a partir do RC3 que são simuladas todas as interações ocorridas entre o Escalão Superior e a Força que executa as missões no terreno, e são as suas instalações que representam, no exercício, Bangui, a capital da RCA e onde se encontra o Campo M`Poko, futuro aquartelamento da 9FND (Conj).

Na verdade, por detrás de toda a manobra da Força durante o desenrolar do BANGUI 211, entre 22 e 26 de março, existe um alargado conjunto de militares, com diferentes especialidades, múltiplas funções e oriundo de várias Unidades, que dá um importante contributo para a devida preparação da 9FND (Conj), apesar de não a integrar. E entre aqueles que a integram, outros há, que no exercício e futuramente na RCA, têm a incumbência de prover e garantir a sustentação logística da Força e, desse modo, assegurar a sua capacidade e prontidão para o combate, quando e onde for preciso. Tarefas não de somenos importância, mas que frequentemente passam despercebidas e, por isso, aqui damos a conhecer.

No primeiro grupo estão os militares que compõem o EXCON, oriundos do Estado-Maior e da Companhia de Transmissões da BrigRR, que, enquanto Unidade organizadora, dirige todas as ati-

[1] Veja-se o *Jornal do Exército* n.º 696, de fevereiro de 2020, pp. 28 a 33.

A recolha do *Unmanned Aerial Vehicle*

"Agora que se aproxima o momento da partida para a RCA, a azáfama cresce. Recebem-se fardamentos, equipamentos e outros materiais e planeia-se a projeção da Força (militares e material, carga coletiva e individual) para o Teatro de Operações..."

vidades de planeamento e execução do BANGUI 211. Aos primeiros compete a direção e segurança do exercício e aos segundos assegurar as comunicações (rádio, telefónicas e via rede de dados do Exército).

A estes militares juntam-se outros do, já citado, RC3, que integram a SITFOR (*Situation Forces*), isto é, que participam no exercício, como figurantes e Forças oponentes, ajudando a simular no terreno o TO da RCA; do Regimento de Infantaria n.º 10 (RI10) e do Regimento de Comandos (RCmds) que, com a sua experiência adquirida na RCA, contribuem para a elaboração da lista de eventos e incidentes com que a 9FND (Conj) é confrontada e constituem Equipas de Controlo e Arbitragem; do Centro de Saúde Militar de Coimbra e do Centro de Psicologia Aplicada do Exército (CPAE), aos quais também compete colaborar na cenarização dos incidentes do exercício, respetivamente, nos domínios sanitário e psicológico.

Neste último campo, haverá também um acompanhamento no período em que a 9FND (Conj) estará na RCA e, mesmo, depois no que se segue ao retorno a Portugal. Durante os seis meses na RCA, o apoio do CPAE – discreto, mas omnipresente – será feito, sobretudo, à distância,

Apontador numa viatura PANDUR fazendo a proteção da Força

através de um número de telefone, disponível 24 horas. Do outro lado da linha estará o psicólogo da Força sempre pronto a responder questões, esclarecer dúvidas e solucionar problemas, atuando como uma espécie de um *porto seguro* para todos os militares que a ele se queiram dirigir em busca de conforto e tranquilidade. No último mês da missão, para preparar o regresso a casa dos militares, está prevista a deslocação do psicólogo à RCA e após o retorno o seguimento prossegue, para avaliar se eles estabilizaram e conseguiram voltar à normalidade pré-projeção.

Por fim, mas não menos importante, do alargado conjunto de militares que, embora não integre a 9FND (Conj), participa na sua preparação faz também parte uma equipa da Inspeção-Geral do Exército (IGE) – a entidade responsável pela avaliação da prontidão da Força, tendo em vista a sua posterior certificação pelo General Chefe de Estado-Maior do Exército –, cuja missão, denominada CREVAL (*Combat Readiness Evaluation*), decorre nos dias 24 e 25 de março.

A base da 9FND (Conj) no exercício

A entrada no objetivo da operação

Já entre os militares que integram a Força, no desempenho de funções logísticas, estão os militares afetos aos Recursos (humanos, sanitários, financeiros, materiais e manutenção) que no exercício simulam e anteveem as diferentes situações com as quais serão confrontados na RCA, preparando respostas, tanto para os problemas e necessidades mais simples, como para os mais complexos.

Parte das aquisições são feitas em Portugal, outras serão na RCA, nomeadamente os frescos, como os legumes, que não dão para transportar e acondicionar para os seis meses, mas também alguns artigos para a manutenção das viaturas e de equipamentos eletrónicos. Tudo o que seja mais específico, devido à sua tecnicidade ou grande valor, será adquirido em Portugal e projetado

para o TO em voos de sustentação.

A MINUSCA igualmente garantirá, em função do que está protocolado, o fornecimento, per capita, de alimentação aos militares e, ainda, um apoio financeiro à Força.

No que se refere à manutenção, sempre que exequível, será feita na RCA pelo respetivo Módulo e só em último caso se procederá à evacuação para Portugal da viatura ou equipamento a reparar.

Todo o processo de aquisições terá de decorrer dentro da legalidade exigida e da regularidade financeira prevista e é ao Oficial de Finanças a quem compete essa execução, bem como o processamento dos vencimentos, em estreita sintonia com o Oficial de Recursos que, como o próprio nome indicia, é o responsável máximo pela logística.

Agora que se aproxima o momento da partida para a RCA, a azáfama cresce. Recebem-se fardamentos, equipamentos e outros materiais e planeia-se a projeção da Força (militares e material, carga coletiva e individual) para o TO, em conjunto com a Direção de Material e Transportes e o Comando do Exército, de modo que tudo chegue à RCA no prazo e nas condições desejados.

O BANGUI 211 em números

Militares
- **9FND(Conj)**
  - Comando e Estado-Maior: 25
  - Módulo PANDUR: 10
  - Companhia Paraquedista: 91
  - Destacamento de Apoio: 51
  - Força Aérea (Equipa TACP): 3
  - **Total: 180**
- **Extra-9FND(Conj)**
  - BrigRR: 19
  - RC3: 29
  - RI10: 4
  - RCmds: 5
  - CPAE: 3
  - IGE: 10
  - Outras Unidades: 3
  - **Total: 73**

Total no Exercício: 253

Meios
- Viaturas: 51
- Atrelados: 10
- Empilhadores: 2
- Tendas: 35

A reação ao ataque à coluna

Em tempo de pandemia, também na projeção, como no exercício, houve que implantar medidas de prevenção e proteção dos militares para evitar o contágio por COVID-19, de que são exemplo: o uso de máscara; a frequente higienização de mãos, viaturas e outros equipamentos; a imposição de distanciamento, sempre que possível; mas também, a toma da vacina, a realização de teste e o cumprimento de dois períodos de quarentena, um antes da partida para a RCA e o outro logo após a chegada lá.

Em suma, o BANGUI 211 é o culminar de um exigente, longo e cuidado aprontamento para a Força que vai ser projetada, tanto ao nível do potencial de combate como do apoio logístico, mas que também requer o envolvimento e empenho de muitos outros militares e meios na preparação e acompanhamento dos que partem para a RCA. Boa missão! JE

Nota : O JE agradece a colaboração dos seguintes militares na elaboração desta reportagem: Tenente-Coronel Rasteiro Fernandes, Comandante da 9FND (Conj), Tenentes-Coronéis Caldeira e Neto, do Estado-Maior da BrigRR e Sargentos-Chefes Matias e Santos do Comando da BrigRR.

[Beja e Estremoz]

Militares dos Comandos no início do heliassalto

REAL THAW 2021

Um exercício relevante e fundamental para o treino de operações conjuntas, entre Forças da Brigada de Reação Rápida e as Esquadras de Voo da Força Área

Texto : Cap Inf PARA Paulo **Sousa** | G3AIROPS/BrigRR
SAj Tm Arsénio **Moço** | G3AIROPS/BrigRR

A Brigada de Reação Rápida (BrigRR) participou, no período de 15 a 31 de março de 2021, no exercício conjunto REAL THAW 2021 (RT21) – conduzido sob a égide do Comando Aéreo da Força Aérea Portuguesa (FAP), a partir da Base Aérea n.º 11 (BA11) sediada em Beja, que serviu como *Deployable Operating Base* – que teve como área de treino a Serra de Ossa, em Estremoz.

Este exercício revestiu-se de primordial importância para a FAP, dado que permitiu o reto-

mar da atividade operacional das respetivas Esquadras de Voo e, sobretudo, a certificação das futuras Forças Nacionais Destacadas deste Ramo, das quais se destaca a Esquadra 502 que irá ser projetada para o Mali, no âmbito da MINUSMA (Missão Multidimensional Integrada das Nações Unidas para a Estabilização do Mali), e para a qual a BrigRR, através do Batalhão Operacional Aeroterrestre (BOAT), contribuiu decisivamente criando as condições para a certificação das tripulações no transporte e lançamento de carga aérea.

Para o Exército, os exercícios REAL THAW da FAP são de primordial importância, pois proporcionam treino às Subunidades Operacionais da BrigRR, numa situação única em que esteve envolvido um grande volume de meios aéreos, através de todas as Esquadras de Voo da FAP. Esta

> **"Este exercício conjunto com os três Ramos das Forças Armadas, constitui-se de uma enorme valia para o treino operacional das Subunidades da Brigada de Reação Rápida..."**

Viaturas da Força de Operações Especiais

edição contou com a participação do BOAT, do 2.º Batalhão de Infantaria Paraquedista, do Batalhão de Comandos e da uma Força de Operações Especiais. Durante o RT21 estas Subunidades reiniciaram o seu ciclo anual de treino operacional, maximizando todas as oportunidades de utilização do vetor aéreo para a sua projeção, de forma a sublinhar as suas capacidades de intervenção num curto espaço de tempo, bem como realçar de forma perentória o âmbito das suas qualificações específicas, enquanto Elementos da Componente Operacional do Sistema de Forças do Exército, como Forças Ligeiras e de Operações Especiais integradas na Capacidade de Reação Rápida do Exército, em ambiente conjunto.

A atividade operacional neste exercício materializou-se através da utilização dos meios de asa fixa, nomeadamente através das Esquadras de Transporte Aéreo Tático 501 e 502, que executaram operações aeromóveis e aerotransportadas, onde se incluíram as seguintes tarefas: preparação, confeção e lançamento de cargas; planeamento, execução e condução de missões de infiltração; organização e execução do lançamento de Unidades paraquedistas em salto de abertura automática; execução do transporte de viaturas táticas ultraligeiras, através da integração de todos os procedimentos com a Esquadra 501 e a Força de Operações Especiais, para a execução de operações cirúrgicas num local específico.

A par dos meios de asa fixa foram também planeadas missões específicas com os meios de

asa rotativa (helicópteros), tendo sido executados heliassaltos por um Subgrupo de Combate de Forças *Comando* e tiro a bordo dos helicópteros, por elementos da Força de Operações Especiais.

A participação destes militares no exercício teve como objetivos de treino a validação de Técnicas, Táticas e Procedimentos de *Top Cover*, *Rappel*, *Heli Assault* e *Vehicle Interdiction*, tendo sido reforçados para o efeito com dois *Tactical Air Control Party*, duas aeronaves KOALA AW119MKII e o apoio de dois caças F-16.

Os treinos efetuados culminaram numa operação final, cujo objetivo era eliminar um líder terrorista que se encontrava refugiado numa casa. A Subunidade de Comandos foi mobilizada para o objetivo através das aeronaves de asa rotativa KOALA, mantendo em permanência o *Top Cover* a cobrir a área do objetivo. No desenrolar da ação, na tentativa de fuga de uma viatura com dois elementos terroristas, foi efetuado um *Vehicle Interdiction*, com a finalidade de imobilizar a mesma.

A pedido do comandante da manobra, foi efetuado um *Air Strike* pelos F-16 na viatura do inimigo, eliminando, assim, toda a ameaça na área do objetivo.

No âmbito do BOAT, o RT21 serviu como base para a concretização do seu exercício setorial GRIFO 21, que teve como finalidade criar condições para a materialização do leque, bastante abrangente, de tarefas operacionais passíveis de serem cumpridas por esta Subunidade da BrigRR, envolvendo todas as suas valências num espetro de missões o mais completo e realista possível, testando a componente operacional do apoio aeroterrestre na condução de operações aerotransportadas, através da execução das seguintes tarefas:

- Testar a estrutura de Comando e Controlo e a arquitetura de Comunicações e Sistemas de Informação de uma operação aerotransportada;
- Planear, preparar e conduzir missões de infiltração aérea com um Destacamento de Precursores Aeroterrestres, através de salto de abertura manual, utilizando para tal uma plataforma de desembarque aéreo de asa fixa e rotativa;

A aproximação ao objetivo do heliassalto

- Treinar a projeção e sobrevivência de um Destacamento de Precursores Aeroterrestres em área sob controlo das Forças opositoras com a finalidade de operar zonas de lançamento e de aterragem, de modo a permitir a abertura de uma Cabeça de Ponte Aérea para a execução de uma operação aerotransportada, utilizando para o efeito a infiltração por salto em paraquedas a altitudes fisiológicas e não fisiológicas;
- Testar a ativação e treino de um Destacamento de Apoio Aeroterrestre, nas suas componentes de operação de base de partida, execução de lançamentos e apoio à projeção inicial de uma Força e sua posterior sustentação ou reabastecimento, através da ativação da componente de

"A utilização de meios aéreos na execução de missões das Forças pertencentes à Brigada de Reação Rápida assumem um carácter fundamental, dado que se constituem como um multiplicador do potencial de combate..."

abastecimento aéreo deste Destacamento;

• Preparar e confeccionar cargas para lançamento no âmbito do abastecimento aéreo da tipologia *Plataform Delivery System*, *Container Deliver System* e *Door Bundle*;

• Treinar o emprego de terminologia, metodologia e procedimentos operacionais em vigor na NATO, seguindo os padrões dos STANAG do *Air Transport Panel*.

O fim do heliassalto: momento da partida

Finalmente, e também durante o período de treino do RT21, foi executado o exercício BANGUI 211, procurando desta forma rentabilizar as sinergias criadas no RT21 em proveito da certificação para combate da 9.ª Força Nacional Destacada Conjunta para a Missão Multidimensional Integrada das Nações Unidas para a estabilização da República Centro-Africana (MINUSCA), no âmbito técnico e tático, inerentes ao planeamento, controlo e execução das tarefas passíveis de lhe serem atribuídas como Força de Reação Rápida da MINUSCA, onde se inclui a integração de meios aéreos em apoio às operações, nomeadamente através de ações de reconhecimento aéreo, *Top Cover* em sobre apoio à manobra e evacuações médicas sob a forma de *Casevac*.

A participação das Subunidades da BrigRR nesta edição do RT21 revestiu-se de pleno sucesso, tendo sido atingidos todos os objetivos de treino propostos, cumprindo escrupulosamente todas as medidas de mitigação da COVID-19 superiormente determinadas, das quais se salienta a testagem prévia com testes rápidos antigénio de todos os militares.

O RT21, um exercício conjunto com os três Ramos das Forças Armadas, constitui-se de uma enorme valia para o treino operacional das Subunidades da BrigRR, e com os resultados obtidos confirmou a credibilidade, competência e aptidão das Forças desta Grande Unidade do Exército no âmbito do planeamento e execução de operações aerotransportadas.

A utilização de meios aéreos na execução de missões das Forças pertencentes à BrigRR assumem um carácter fundamental, dado que se constituem como um multiplicador do potencial de combate, permitindo concentrá-lo, de forma decisiva, num determinado local e tempo. A Capacidade de Reação Rápida tem intrinsecamente associada ao vetor aéreo, dado que é este que permite a projeção para o campo de batalha, o apoio à execução das operações e, finalmente, a necessária extração das Forças.

A Proteção de Infraestruturas Contra Explosões

Fonte : Ryan Campbell

Uma necessidade comum, a militares e civis, que levou ao estabelecimento de protocolos de colaboração entre o Exército e instituições académicas, que deram já resultados

Texto : TCor Eng Gabriel **Gomes** | Chefe da Repartição de Capacidades do EME
Doutorando em Engenharia Civil na FCT-UNL

Introdução

A necessidade de proteger infraestruturas contra ataques com explosivos nas operações militares, em contexto expedicionário, é consensual, mas o âmbito de aplicação civil é igualmente vasto, designadamente em indústrias extrativas ou transformadoras (química e petrolífera) e infraestruturas críticas.

Seja qual for o caso, militar ou civil, a necessidade de proteger pessoas e a continuidade das operações ou do negócio fazem com que seja necessário identificar ameaças e riscos plausíveis

e, com base nestas, avaliar as consequências de potenciais ataques ou incidentes e desenhar as medidas protetivas coerentes com o nível de proteção que se pretende endereçar.

A inexistência de tradição nacional no estudo destes fenómenos e a dimensão do desafio, levou a que, numa prática de *open inovation*, se estabelecessem protocolos de colaboração entre o Exército e a Academia (Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa e o Instituto Superior Técnico – Universidade de Lisboa) que permitissem a exploração das competências de cada instituição. Assim, desde o ano de 2013, tem vindo a ser sucessivamente aprofundado o conhecimento na área da proteção de infraestruturas, nos domínios concetual, de engenharia e desenvolvimento experimental.

O problema a endereçar

Através dos sucessivos projetos e estudos que vêm sendo desenvolvidos, colaborativamente, foi possível perceber que: a) numa explosão exterior, a ação é primeiramente local (*e.g.* pilar) que se pode traduzir num efeito global (colapso progressivo); b) Os elementos de fachada (alvenarias, envidraçados, caixilharias) exibem menor resistência que os elementos de suporte, resultando no seu colapso antes de ocorrerem consequências mais gravosas na estrutura principal; c) a projeção de elementos fragmentados das fachadas pode ser letal, necessitando de ser controladas. Assim, torna-se importante desenvolver soluções que enderecem essencialmente os seguintes problemas: 1) proteger os elementos diretamente expostos à explosão, 2) controlar a projeção de fragmentos de elementos frágeis; 3) incrementar a capacidade da estrutura ou sistema para reter fragmentos, protegendo os ocupantes.

Blast Assessment e desenho de medidas protetivas

Invariavelmente, seja em estruturas novas seja em existentes, o desenho de medidas protetivas inicia-se com o *blast assessment*. A figura 1 apresenta uma proposta metodológica desenvolvida para estruturas existentes em contexto operacional.

> **"...neste momento, existem dois processos de proteção de invenção, submetidos ao Instituto Nacional da Propriedade Industrial, respeitantes aos referidos conectores dissipadores."**

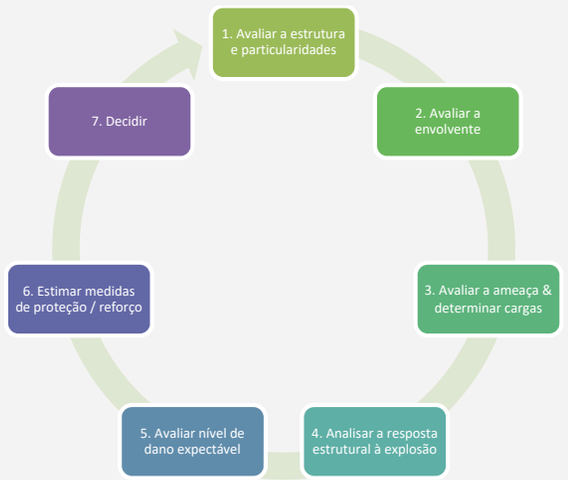
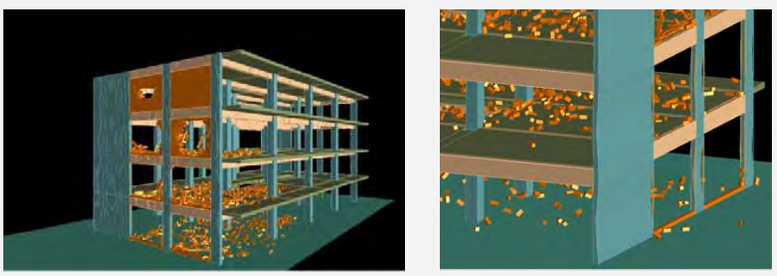


Figura 1 - *Blast Assessment* [1]

De uma forma concisa, este ciclo integra as caraterísticas da estrutura e da envolvente com os cenários de ameaça verosímeis, procurando de forma metódica analisar possíveis efeitos (figura 2) e desenhar as medidas de mitigação necessárias.



(a) (b)

Figura 2 - Simulação de efeitos de uma carga de 250 quilogramas de TNT; (a) dano global; (b) detalhe das deformações em paredes e pilares [1]

> *"...desde o ano de 2013, tem vindo a ser sucessivamente aprofundado o conhecimento na área da proteção de infraestruturas, nos domínios concetual, de engenharia e desenvolvimento experimental."*

As soluções de reforço de estruturas face a explosões podem ser feitas essencialmente segundo três abordagens, sendo de sublinhar que os estudos que vêm sendo conduzidos por elementos das instituições envolvidas abrangem todo o espetro:

1) através do reforço dos elementos estruturais e/ou ligações (*e.g.* betões especiais [2]) (figura 3)

Figura 3 - Reforço multicamada com betões especiais [2]

2) permitir que os elementos fraturem e sejam recolhidos por sistemas-cortina (*catching system*), protegendo os ocupantes da infraestrutura desses fragmentos. O uso de polímeros em sistemas-cortina aderidos e não aderidos tem-se apresentado como muito eficaz nos estudos que vêm sendo conduzidos (figura 4).

Figura 4 - Colapso de parede de alvenaria revestida com camada de poliureia após explosão

3) protegendo (*shielding*) os elementos estruturais de serem diretamente afetados pela explosão, através da adição de um elemento exterior com capacidade resistente a explosões, recorrendo, por vezes, a sistemas de dissipação de energia, por núcleos [3] [4], ou conectores dissipadores [5] [6] [7] (figuras 5 a 7)

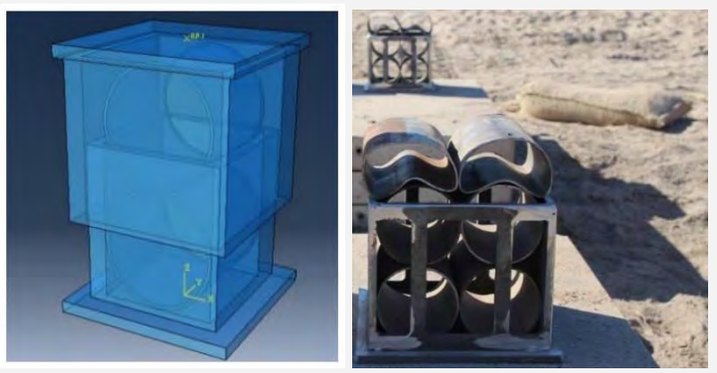


Figura 5 - Conector dissipador de energia [6]

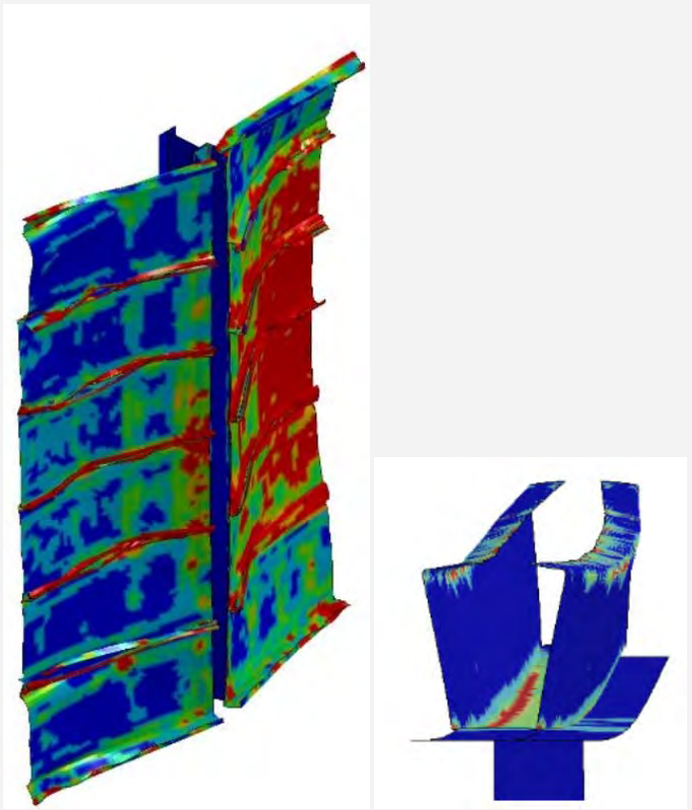


Figura 6– Mecanismo de absorção de energia [7]

Figura 7 – Sistema de fachada com conectores dissipadores (Gomes, 2020)

A este respeito importa sublinhar que, neste momento, existem dois processos de proteção de invenção, submetidos ao Instituto Nacional da Propriedade Industrial, respeitantes aos referidos conectores dissipadores.

Conclusões

O resultado da colaboração institucional, acima apresentado, parece demonstrar as virtudes do trabalho colaborativo na geração de massa crítica no seio do Exército e nessas instituições, e a certeza da existência de um pequeno *cluster* de conhecimento neste domínio. No entanto, mais do que isso, importa relevar que estão hoje disponíveis várias soluções protetivas de que o Exército, as Forças Armadas e a Sociedade Civil podem beneficiar e que podem salvar vidas.

Referências
[1] Gabriel Gomes, Reutilização de Edifícios correntes para fins operacionais - *Blast Assessment*. Lisboa: IUM, 2016.
[2] David Nabais, Luís Cardoso, Gabriel Gomes, and Eduardo Júlio, "Proteção de edifícios contra explosões através do reforço dos elementos estruturais com novas camadas de betões especiais" *in Encontro Nacional Betão Estrutural 2018*, Lisboa, 2018, pp. 221-231.
[3] T. João, "Comportamento de painéis sanduíche de betão armado sujeitos a ações de explosão," FCT-UNL, Monte da Caparica, 2016.
[4] Hugo Rebelo, "Development and study of a high performance protective solution against Blast loads," FCT-UNL, 2020.
[5] L. Cardoso, "Desenvolvimento de um sistema de proteção de estruturas de betão contra explosões - Painel sanduíche com núcleo dissipador," IST, Lisboa, 2017.
[6] V. Pereira, "Sistema Inovador de Protecção de Edifícios face a Explosões, composto por Painéis de Fachada em Betão Armado e Conectores em Aço de Parede Fina", IST, Lisboa, 2017.
[7] J., A. Pinto, "Comportamento de estruturas de aço sob a ação de explosões" Lisboa, 2018.

[Mafra]

Oficial de Cavalaria, Mulher e Mãe

Um percurso de vida narrado na primeira pessoa

Texto : Maj Cav Fátima **Costa** | Oficial Adjunto do Chefe do Departamento de Planeamento e Programação da Direção de Formação da Escola das Armas

Chamo-me Fátima Elisabete Vieira da Costa. Nasci em Marco de Canavezes a 13 de outubro de 1985, sou Oficial do Exército, Major da Arma de Cavalaria e fui promovida ao atual posto a 14 de dezembro de 2020 .

A minha vida militar iniciou-se com o concurso à Academia Militar (AM), em 2003. Ao contrário de muitos camaradas meus, não foi um sonho

> *"Sempre tive uma maneira simples e descomplexada de ver as coisas da vida e de alcançar os objetivos que me proponho atingir. É desta forma que estou a viver esta grande jornada nesta Instituição que me acolheu, que me formou e que constantemente me coloca grandes desafios pela frente."*
>
> **[Major de Cavalaria Fátima Costa]**

desde criança, até porque não tinha antecedentes familiares nesta honrosa profissão. À exceção do meu pai, que foi um ex-combatente da Guerra do Ultramar e que nunca me falou do período da sua vida em que cumpriu o serviço militar. Só o fez quando se convenceu que eu iria seguir a carreira de Oficial.

A minha curiosidade pela carreira militar foi espoletada pelo entusiasmo de dois amigos e colegas do Secundário, que me desafiaram a concorrer com eles à AM. Tendo feito uma pesquisa sobre como era a vida nesta Instituição e dada a minha apetência para a atividade física decidi avançar. O mais interessante neste início de história é que aqueles amigos, que tanto me entusiasmaram, acabaram por não concorrer e vi-me sozinha a entrar por aquela Porta de Armas e a abraçar o desconhecido. Era o meu destino!

Hoje fala-se muito das questões de género, no entanto não me recordo que o facto de ser mulher fosse um impedimento para mim de abraçar uma profissão em que os seus profissionais são, na sua maioria, homens. Sempre tive uma maneira simples e descomplexada de ver as coisas da vida e de alcançar os objetivos que me proponho atingir. É desta forma que estou a viver esta grande jornada nesta Instituição que me acolheu, que me formou e que constantemente me coloca grandes desafios pela frente.

O primeiro deles, durante o concurso de admissão à AM, foi sem dúvida a Prova de Aptidão Militar. Contra todas as probabilidades, a minha determinação fez com que me admitissem a esta derradeira prova. Dos vários Pelotões de formandos, o meu era só de candidatas do sexo feminino. O facto de termos todas a mesma condição fez-nos mais fortes, mais determinadas e o espírito de camaradagem subsiste até hoje. Infelizmente nem todas terminaram com êxito esta prova, tendo sido admitidas ao 1.º ano da AM, nesse já distante ano de 2003, apenas onze cadetes do sexo feminino.

O segundo desafio foi a escolha da Arma. Na época era feita no final do 1.º ano. Ela poderia ter sido influenciada pelo meu pai, que foi militar da Arma de Infantaria durante o seu serviço militar, mas não foi o caso. A decisão foi impulsionada por um *ser especial* que, ainda hoje, continua a ser uma das minhas grandes motivações, refiro-me ao Cavalo. A equitação no 1.º ano, inexplicavelmente, pois nunca tinha tido contacto até então com este animal, determinou a minha escolha pela Arma de Cavalaria. Os valores como a resiliência, a coragem, o animal (ou a viatura)

primeiro que o Homem, transmitidos tação militar, acabaram por moldar a minha personalidade como pessoa e como Oficial de Cavalaria. Assim se iniciaram cinco anos de formação cheios de histórias, aprendizagens e, agora, recordações, que me fazem olhar para trás com o sentimento de que valeu mesmo a pena.

Em 2008 concluí o Mestrado em Ciências Militares e, assim, chegou mais um desafio, a escolha da Unidade de Colocação. O chamamento da família e o estar perto de casa tem sempre um certo peso nestas decisões e sendo eu da região norte e tendo a possibilidade de escolha, dada a minha posição no Curso, escolhi o Regimento de Cavalaria n.º 6 (RC6), onde servi desde 2008 a 2013. A vivência e a aprendizagem nesta Unidade, quer a nível profissional, quer a nível pessoal, foram para mim inesquecíveis e motivadoras. A família do RC6 era inigualável, o espírito do Regimento *sentia-se no ar* e, por isso, o processo de enquadramento e adaptação foi extremamente enriquecedor. Muitos foram os desafios que aqui encontrei.

O primeiro, foi logo a minha nomeação para o Grupo de Autometralhadoras (GAM) como Comandante do 2.º Pelotão. Recordo-me da minha primeira apresentação perante os militares do Pelotão, muitos deles com alguma veterania, acabados de chegar do Kosovo pertencentes à *Task Force* MIKE/KTM/KFOR. A pressão era alguma, mas o Exército na sua sabedoria milenar tem uma estrutura bem montada e um Pelotão tem sempre o Sargento, que com o Oficial, fazem uma equipa coesa e essencial para exercer a ação de Comando. Eu tive sorte de ter no meu Pelotão o, então, Primeiro-Sargento de Cavalaria Domingos Tomé que, com a sua sabedoria, experiência e respeito, me facilitou a minha ação de Comando e, em muito, contribuiu para o meu crescimento enquanto profissional.

Quando tive a oportunidade de cumprir uma missão numa Força Nacional Destacada não a deixei fugir e ofereci-me, tendo sido nomeada Comandante do Pelotão de Reabastecimento e Serviços do GAM/KTM/TACRES/KFOR, no Kosovo. A experiência foi fantástica. Logo no aprontamento da Força, ainda em território nacional, deparei-me com militares de extrema competência e com um excecional espírito de missão que foram uma mais-valia para cumprir, e bem, o que nos foi exigido no Teatro de Operações do Kosovo. Comandar aqueles homens e mulheres foi extremamente satisfatório e enriquecedor.

Durante a minha colocação no RC6 tive a possibilidade de fazer alguns cursos de formação e enriquecer as minhas qualificações, tendo frequentado o Curso de Prevenção e Ameaças Terroristas, o Curso de Chefe de Viatura VBR PANDUR 8x8.

Em 2009 fui frequentar o Curso de Instrutores

de Equitação. Este foi mais um enorme desafio, transformado num grande objetivo que alcancei. Extremamente exigente a nível físico, intelectual e, também, emocional, fez de mim a primeira Oficial Instrutora de Equitação do Exército Português. Tenho muito que agradecer aos meus instrutores, mas, em especial, a todos os cavalos que tive oportunidade de montar, pois com todos eles formei sempre uma grande parelha.

Em 2013, após terminar o Curso de Promoção a Capitão, uma etapa obrigatória na nossa carreira de Oficial, decidi que deveria prestar serviço noutra Unidade e assim, a 2 de setembro de 2013, uma nova jornada se iniciou na minha carreira profissional, com a minha colocação na Escola das Armas, em Mafra, onde me encontro até hoje. Uma Escola é diferente de um Regimento e os cargos a desempenhar também. Entre outras funções fui Oficial Adjunto do Gabinete de Equitação, Comandante da Companhia de Comando e Serviços e Comandante da Coudelaria Militar. Em acumulação, fui também Diretora de vários cursos de Equitação, Adjunta da Direção do Curso de Promoção a Capitão, Coordenadora- Geral e Diretora de alguns Cursos de Promoção a Sargento-Ajudante. Como formadora fui instrutora de vários cursos de Equitação, do Curso de Promoção a Capitão, e do Curso de Promoção a Sargento-Ajudante. Desde a minha apresentação na Escola das Armas integro a *Reprise* da Escola de Mafra, à qual tenho a honra e o orgulho de pertencer.

> **"A equitação no 1.º ano, inexplicavelmente, pois nunca tinha tido contacto até então com este animal, determinou a minha escolha pela Arma de Cavalaria."**
>
> **[Major de Cavalaria Fátima Costa]**

Desde 3 de setembro de 2019 desempenho funções de Oficial Adjunto do Chefe do Departamento de Planeamento e Programação da Direção de Formação da Escola das Armas. Durante a minha colocação nesta Escola frequentei, ainda, o Curso de Oficial Superior.

Tendo sido a minha carreira como militar pautada por desafios, decidi mais uma vez desafiar-me com o Curso Avançado de Planeamento Militar Terrestre, o qual pretendo terminar com sucesso.

A par da minha vida profissional, sou casada e tenho um filho com cinco anos e uma filha com dez meses, que são, sem dúvida, a minha maior conquista.

Protocolo Santander Totta

Um acordo que vale vantagens

No Santander Totta queremos ter uma relação privilegiada com os nossos clientes através dos Protocolos Colectivos. Por isso, criámos condições muito vantajosas para si!

Santander Totta

santandertotta.pt

[Viseu]

Tenente de Infantaria Duarte Sabino

> "Neste, ainda, curto, mas intenso percurso militar, congratulo-me com as oportunidades que me foram surgindo e que soube agarrar. Tive muita sorte, às vezes é preciso estar no sítio certo, à hora certa."
>
> [Tenente de Infantaria Duarte Sabino]

O Tenente de Infantaria Paulo Manuel Duarte Sabino narrou-nos a sua experiência ao serviço do Exército Português, agora que acabou de chegar à República Centro-Africana, como Comandante do Módulo PANDUR da 9.ª Força Nacional Destacada Conjunta

"Sou natural de Portimão e ingressei na Academia Militar (AM), em 2013, onde frequentei Infantaria. Foi, ainda, durante o curso que participei no meu primeiro exercício no estrangeiro, que decorreu em Espanha, organizado pela Academia General Militar.

Após a conclusão do tirocínio, em Mafra, na Escola das Armas e da promoção a Alferes fui colocado, em outubro de 2018, no Regimento de Infantaria n.º 14 (RI14). Dentro das vagas que abriram na altura para o meu curso, uma vez que eramos só quatro, entre Vila Real, Santa Margarida e Viseu, não tive dúvidas em escolher Viseu.

No ano seguinte fiz o Curso de Comandos e depois do regresso ao RI14 tive a oportunidade de ir à Roménia fazer uns exercícios no âmbito da *Nato Response Force* (o Regimento estava a contribuir com uma Companhia).

Agora, em abril de 2021, acabei de chegar à República Centro-Africana (RCA), como Comandante do Módulo PANDUR da 9.ª Força Nacional Destacada Conjunta – 9FND (Conj) –, onde vou render um camarada do meu curso da AM, o Tenente Marrana.

No aprontamento para a RCA tivemos de trabalhar conjuntamente com a Companhia de manobra, proveniente da Brigada de Reação Rápida (BrigRR). Eles trabalham de forma diferente da Brigada de Intervenção, à qual o RI14 pertence, mas com este treino conjunto integrámos as viaturas URO VAMTAC da BrigRR com as nossas PANDUR, que têm uma blindagem e um poder de fogo superiores às primeiras e uma grande vantagem que é a *Remote Weapon Station* (RWS), que permite com o calibre .50 ter uma eficácia de tiro a grandes distâncias.

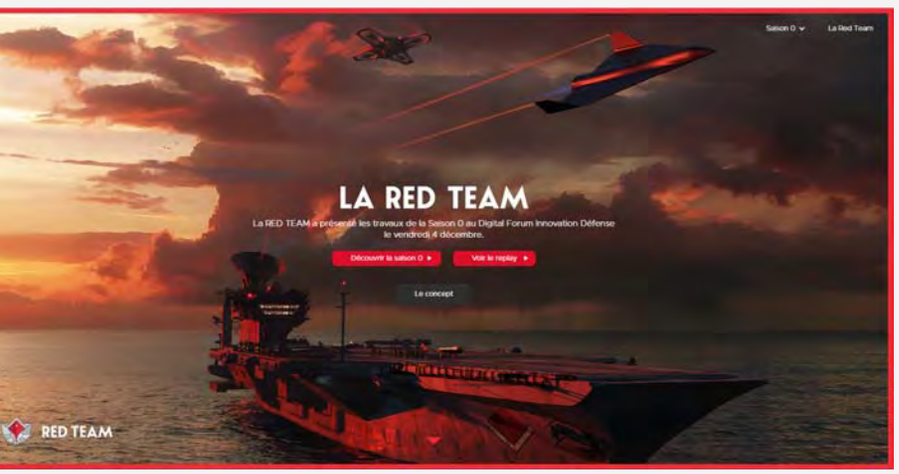
Também fizemos o treino integrado do Módulo, a nível interno, para que ele esteja preparado e capacitado para responder a todas as necessidades da Companhia de manobra, quer seja a recuperação de viaturas ou a proteção das que não são blindadas, por exemplo, numa escolta.

Das oito PANDUR existentes na RCA, o Módulo PANDUR possui seis viaturas, respetivamente, quatro RWS e duas na versão *Infantry Carrier Vehicle*, e é com elas que eu e os restantes nove militares que compõem o Módulo vamos operar.

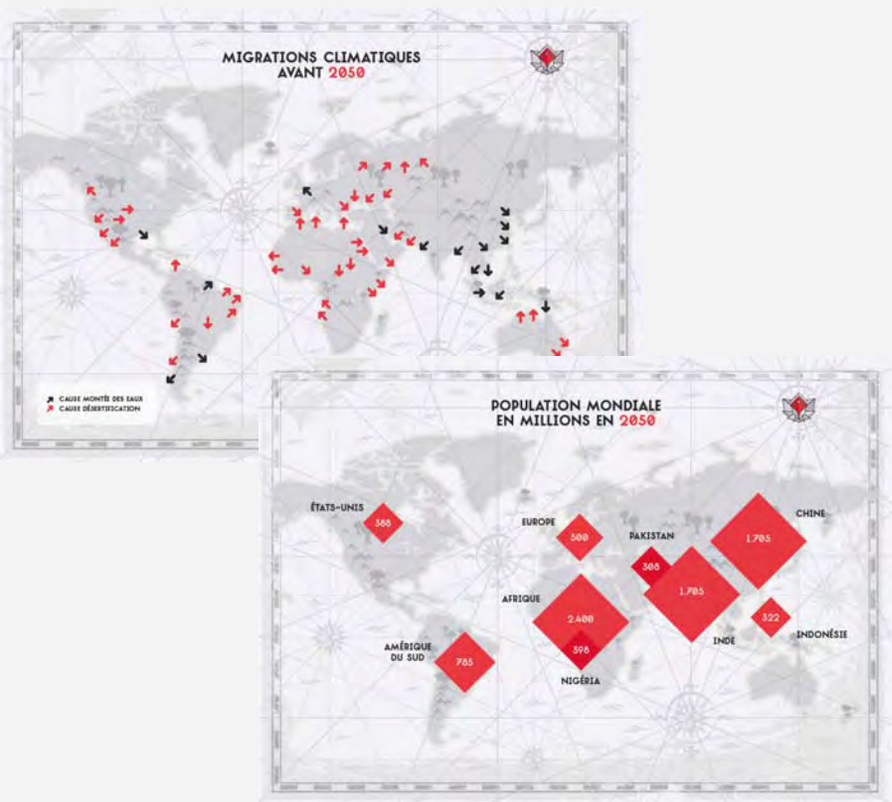
Neste, ainda, curto, mas intenso percurso militar, congratulo-me com as oportunidades que me foram surgindo e que soube agarrar. Tive muita sorte, às vezes é preciso estar no sítio certo, à hora certa."

[França]

Projeto *Red Team*



Página do *site* redteamdefense



Projeções para o ano 2050

Texto : Cor Cav **Marcos de Andrade**

O Ministério da Defesa francês (Ministère Des Armées - MDA), em 2020, apresentou um projeto inovador, designado *Red Team*, com vista à criação de cenários de potenciais ameaças, num futuro próximo, que possam pôr em perigo a França e os seus interesses e, desta forma, poder preparar as suas Forças Armadas, para fazer frente a estas potenciais ameaças.

Para isso, o MDA francês encarregou a Agence de l'ínnovation de Défense (AID) de, em cooperação com o Estado-Maior General das Forças Armadas francesas (État-major des Armées - EMA), com a Direção-Geral de Armamento (Direction général de l'armement – DGA), com a Direção de Estudos Estratégicos (Direction général des relations internationales et de la stratégie - DGRIS) e a *Red Team*, criar uma visão prospetiva a fim de antecipar os riscos tecnológicos, económicos, sociais e ambientais, suscetíveis de provocar conflitos, num horizonte de 2030 a 2060.

A equipa do *Red Team* é composta por uma dezena de profissionais, criadores de cenários de ficção científica, que trabalharam em conjunto com cientistas, oriundos dos meios universitários e académicos, e com militares.

O primeiro trabalho do *Red Team* ocorreu durante o Fórum de Inovação Digital da Defesa, realizado em dezembro do ano passado, com a apresentação de dois novos cenários de ameaças, que podem ser vistos na plataforma: https://www.redteamdefense.org/ .ع

[Polónia]

Sistema SWARM: O Emprego de Veículos Aéreos Não Tripulados

O sistema SWARM, fabricado pelo Grupo *WB* com ligações à indústria de defesa polaca, incorpora as mais recentes tecnologias utilizadas no comando e controlo de veículos aéreos não tripulados.

Este sistema destina-se a Unidades de Reconhecimento do Exército ou de Forças Especiais, sendo constituído por três subsistemas, dois dos quais incorporam veículos aéreos não tripulados[1] (UAV) – um de observação com capacidade de seleção de alvos e o outro destinado a realizar ataques – e um terceiro de comunicações.

No que diz respeito ao UAV que permite a observação, *mini* no tamanho, é designado por FLYEYE. Este meio aéreo possibilita a identificação e localização de uma variedade de alvos militares durante o dia e a noite. Lançado manualmente, não requer infraestrutura adicional na descolagem, podendo ser utilizado em áreas urbanas, florestas e montanhas. A sua recuperação faz-se mediante a utilização de um paraquedas, que minimiza, aquando do regresso ao solo, eventuais danos nos equipamentos que possui, nomeadamente, na dispendiosa câmara térmica que o equipa.

O UAV de combate, denominado por WARMATE 2, é lançado a partir de uma viatura tática especialmente configurada para o efeito através do uso de uma catapulta equipada com elastómero. Este meio assegura, num raio de 20 quilómetros, a capacidade de atacar os alvos identificados pelo mini UAV de observação, podendo para o efeito ser equipado com uma de três ogivas diferentes e permutáveis, com caraterísticas específicas em função da missão atribuída. Estas ogivas são equipadas com câmara de infravermelhos, permitindo uma avaliação constante da área de ataque e, se necessário, a alteração ou cancelamento da missão.

Por último, a interligação das duas plataformas aéreas com os meios terrestres é assegurada por um moderno e seguro subsistema de comunicações, designado por FONET, que fornece serviços de voz e dados em tempo real a todos os utilizadores deste sistema. ع

Veiculo tático equipado com UAV de ataque WARMATE 2

Fonte : https://www.wbgroup.pl/en/produkt/swarm-system/

[1] UAV: *Unmanned Aerial Vehicle*.

Modelismo também É arte

Fomos conversar com Vitalino Chitas, um artista plástico muito particular. A sua arte é fazer figurinos em minatura, que são, muitos deles, elementos representativos da nossa história militar. Não sendo a primeira vez que colabora conosco, nesta conversa que tivemos fala-nos de como cria as suas peças e da evocação que quis fazer do nosso último conflito militar em terras de África

Jornal do Exército (JE): O Vitalino há quanto tempo se dedica a fazer miniaturas?

Vitalino Chitas (VC): Há já mais de 25 anos que me dedico ao modelismo, com alguns interregnos pelo meio, mas nos últimos dez anos em full time.

Tenho muitas peças representativas de veículos militares (tanto na escala de 1/48 mm como na de 1/35 mm), a maioria do período da 2.ª Guerra Mundial, mas tenho também alguns da 1.ª Guerra Mundial.

Apesar destas incursões nesta vertente do modelismo estático, as figuras históricas são a minha verdadeira paixão.

JE: Que períodos da nossa história estão representados nas suas peças?

VC: Faço alguns trabalhos de construção e pintura de peças únicas para colecionadores, mas vou mantendo uma pequena marca própria, *ModelixStudio*, em que me foco na representação dos nossos militares que participaram na 1.ª Guerra Mundial, tanto no Corpo Expedicionário Português (CEP), que combateu no Teatro europeu; como no cenário africano, com figuras na escala de 54 mm. Ultimamente tenho-me dedicado a figuras militares do nosso último conflito em terras do ultramar português. Normalmente são figuras na escala 1/35 mm.

Estou atualmente a ponderar enveredar para figuras do Exército Português do período das Invasões Francesas, na escala de 28 mm, uma escala muito apreciada por quem faz jogos de guerra.

As referentes à Guerra do Ultramar são mais

para quem gosta de colecionar figuras portuguesas e, não encontrando nada no mercado, tinha de recorrer à modificação de figuras de outras marcas.

Já as do CEP, que têm uma escala um pouco maior (54 mm) servem para serem usadas em pequenos cenários, em bases individuais ou em pequenas vinhetas.

JE: Como apareceu a ideia de fazer figuras da nossa Guerra do Ultramar?

VC: Como em 2021 se assinala os 60 anos do início desta guerra, quis divulgar algumas peças que fiz relativas a este conflito e que fazem parte do catálogo da minha marca.

JE: Como não existem no mercado peças originais para construir ou pintar de militares portugueses na Guerra do Ultramar, como é que faz para criar essas peças?

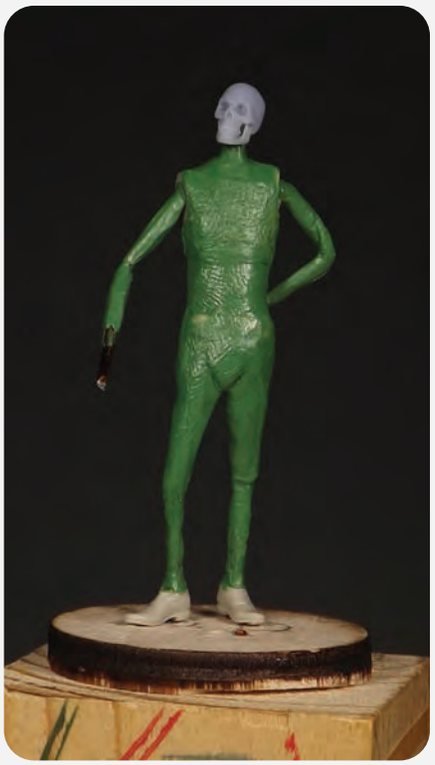
VC: É, precisamente, isso que vou explicar. A construção destas figuras designa-se *scratch*, que significa a sua total produção, desde a raiz até ao seu *terminus*.

Começo quase sempre por um esqueleto em arame, ou utilizando cópias, previamente feitas para o efeito, de peitos e pélvis, que abreviam muito tempo de trabalho. Depois, escolho uma pose em que vou trabalhar e seguidamente começo a selar com massa, geralmente com massa da marca *GreenStuff*, um produto bicomponente e bicolor, azul e amarelo, que depois de misturado fica com a cor que lhe dá o nome.

Muitas vezes uso cabeças comerciais (de miniaturas à venda no mercado), tanto na escala de 1/35 mm com na de 54 mm, que modifico previamente para as poder utilizar. Também costumo fazer cabeças de raiz, utilizando caveiras (também à venda no mercado), às quais adiciono massa de modelar para chegar ao efeito que pretendo.

As ferramentas e materiais usados vão desde o simples palito, passando pelos utensílios de dentista, até pincéis de ponta de borracha. Aplico também, para suavizar a massa, gordura de cavalo para sapatos.

JE: Criar uma figura parece-nos um pouco complicado. Dá muito trabalho?



VC: Sim! E muito mais. É preciso fazer muitas tentativas e corrigir os erros.

JE: É preciso ter talento?

VC: Sim, também! Algum e muito trabalho! Mas mais do que isso, é preciso rodearmo-nos de boas referências visuais, fotos, livros, ver outros trabalhos, aprender com os nossos erros, mas acima de tudo aprender com os que sabem mais e gostam de partilhar o seu conhecimento. Um conselho muito importante, tentar sempre melhorar e NUNCA, mas NUNCA DESISTIR!

JE: Continue, então, a explicar-nos como faz os seus modelos…

VC: Assim que a pose está escolhida e o manequim está pronto, vamos então preenche-lo com massa de modelar, no meu caso uso *Supersculpey*, muito parecida com a massa FIMO e que só seca depois de ir ao forno, o que nos dá uma liberdade de poder continuar, se tivermos de interromper o nosso trabalho.

Uma dica muito importante! Ao utilizar o forno, quando acabar a cozedura e depois de o desligar (normalmente deixo sempre à volta de 10/15 minutos, dependendo da quantidade de massa que utilizei), deixar a figura arrefecer dentro do forno, ao mesmo tempo que este arrefece, assim ao retirá-la, não vai ter o choque térmico que pode fazer com que a peça rache ou mesmo se deforme.

JE: Fala a experiência!

VC: É verdade! Aprender com os erros… (sorrisos)

Durante o processo de construçao da figura, e usando uma folha que foi previamente impressa sobre as proporções humanas, vou tentando fazer uma anatomia o mais real possível, para depois começar a vesti-la, adicionando mais massa, até conseguir o efeito desejado. Tenham em atenção que os tecidos não caem

da mesma forma no nosso corpo. Um tecido mais grosso faz rugas mais redondas e grossas e um tecido mais leve faz, naturalmente, rugas mais finas e direitas. Tenham também atenção à direção das mesmas, de onde elas partem, se é dos cotovelos, se é dos joelhos. Por tudo isto, o movimento do corpo faz sempre alterações nas rugas. Por isso é muito importante ter referências visuais. Se possível peçam a alguém em casa para pousar da mesma maneira que a figura e vejam como as rugas da roupa funcionam.

Geralmente uso fotos da época como referência para fazer a peça que quero. Faço muita pesquisa para ser o mais correto possível nos uniformes e acessórios reproduzidos. Tento sempre ser o mais fiel possível ao modelo original.

JE: Depois desta descrição pormenorizada e das dicas tão importantes que referiu, o que quer dizer aos nossos leitores que fazem ou que queiram começar a fazer modelos em miniatura?

VC: Que não tenham medo de errar no início e que têm de meter a mão na massa; experimentem, sem problemas; comecem com pequenas transformações e gradualmente vão aumentando a dificuldade e tenham sempre em atenção o equilíbrio do corpo da figura.

Quero com esta pequena conversa levá-los a entusiasmarem-se e a tentarem fazer as vossas próprias figuras, a melhorarem as que já têm e motivá-los a ter trabalhos onde apareçam figuras que não existem no mercado e que vão valorizar, ainda mais, o contexto onde elas figuram.

JE: Caro amigo Vitalino Chitas muito obrigado por esta conversa. Espero que nos possamos ver este ano na Exposição de Modelismo do Montijo.

VC: Obrigado e lembrem-se desistir NÃO é opção! JE

Utensílios de trabalho utilizados pelo artista para realização dos seus modelos

Linhas de Torres Vedras - Percursos

Torres Vedras na Primeira Linha (Parte II)

Forte de São Vicente **Fonte:** RHLT

Dando continuação ao percurso iniciado no último número, entre na Capela de São Vicente, para conhecer o espaço da antiga ermida medieval, que depois de inteiramente reconstruída, atualmente acolhe o Centro de Interpretação das Linhas de Torres (CILT). Nele ficará a conhecer, além da história das próprias Linhas, a telegrafia ótica e sua importância para a ligação entre as diferentes posições destas extensas Linhas, que, com boas condições atmosféricas, podia permitir a transmissão de uma mensagem do rio ao mar, isto é, de um extremo ao outro, em apenas sete minutos.

De regresso ao exterior, é junto ao CILT que tem a melhor vista sobre Torres Vedras. De lá observe o castelo, que sobressai no centro da cidade, e o Forte da Forca, bem menos percetível, num outeiro a nascente. Estas duas posições, juntamente com o Forte de São João – já desaparecido, mas que ficava no local da ermida com o mesmo nome –, em estreita articulação com o Forte de São Vicente, defendiam a povoação e controlavam os seus acessos a norte.

Não siga para Torres Vedras sem antes espreitar o Forte dos Olheiros (ou do Canudo), que ali próximo e apesar da sua pequenez protegia o flanco oeste do seu grande vizinho, que dele apenas dista cerca de duas centenas de metros. Tem a particularidade de ser a posição mais a norte da 1.ª Linha e apresenta a configuração de um heptágono irregular, que no interior tem um moinho, que serviu de paiol à guarnição do forte. Para o ver, ao sair de São Vicente, vire à direita e siga a estrada até encontrar, à esquerda, uma placa que lhe indica o caminho, daí em diante, de terra batida. Estará junto dele, quando avistar os dois depósitos de água municipais que o antecedem.

Terminada a visita, desça agora à cidade, que em 1810 fervilhava de atividade e acumulava gente. A urbe, então com cerca de 3500 habitantes, viu-se invadida por paisanos fugidos às depredações da guerra e pelos militares, nacionais e aliados, ali postados para os defender e conter o exército invasor. Muitos outros continuavam a trabalhar nas Linhas, melhorando-as e expandindo-as. Milhares de homens espalharam-se, assim, pela povoação e pelas redondezas, aboletados em casas, quintas, conventos e ocupando campos, moinhos e até igrejas. Só a Divisão do General Picton, que defendeu Torres Vedras, ascendia a 4500 homens de infantaria. Mas, muito mais milhares guarneciam este Distrito Militar, como, por exemplo, os 8000 espanhóis da Divisão de La Romana colocados na retaguarda de Torres, junto aos fortes das Enxaras.

Texto : TSup João **Moreira Tavares**

O CILT de Torres Vedras **Fonte:** RHLT

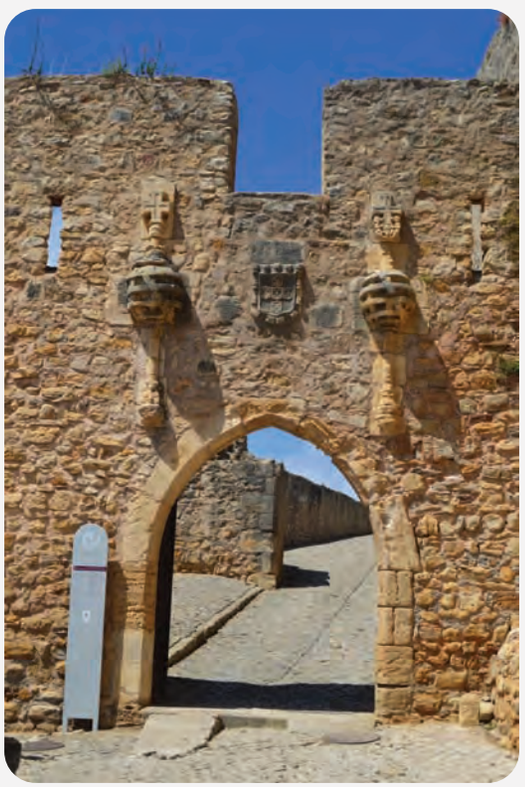
Na Praça 25 de Abril, lembrando as provações e homenageando as gentes daquela época, encontra-se o monumento evocativo da Guerra Peninsular (1807/14). Também ali estão a Igreja e o Convento de Nossa Senhora da Graça, que durante a 1.ª Invasão Francesa albergaram, respetivamente, um armazém do Comissariado britânico e um hospital de campanha, e hoje acolhem o Museu Municipal Leonel Trindade, um espaço dedicado à Arqueologia e à História do concelho de Torres Vedras e que conta entre as suas exposições uma dedicada à Guerra Peninsular.

Depois de os visitar siga em direção ao castelo, localizado no coração da antiga vila e não muito distante. Dele foi alcaide o célebre D. Fuas Roupinho e nele residiram diversos monarcas, entre os quais D. João I, que aqui reuniu o Conselho para decidir sobre a conquista de Ceuta. Tal como em muitos outros casos, da edificação medieval original já pouco resta. Apenas a cerca oval e alguns vestígios românicos na Igreja de Santa Maria, que fica intramuros. Ao chegar à porta do castelo é inevitável reparar nas duas esferas armilares que a encimam e decoram. Datam do reinado de D. Manuel I, precisamente, a época em que ocorreram as primeiras grandes obras que o adaptaram ao tiro de artilharia. Depois de três séculos passados, em que a ruína por lá se foi instalando, a edificação das Linhas deu-lhe nova vida, pela importância da posição que possuía os melhores ângulos de tiro da zona para a artilharia, constituindo-se como o Forte n.º 27, dotado de sete canhoneiras, uma bateria à barba e várias obras defensivas.

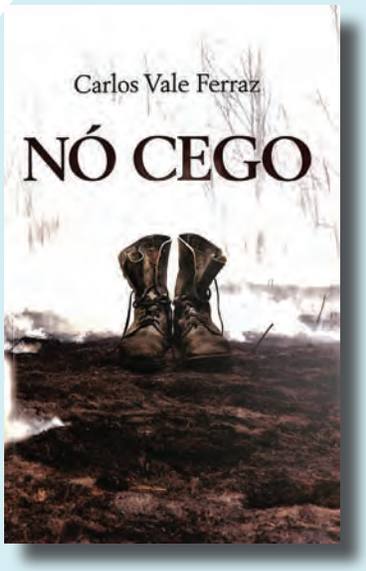
Restam, ainda, quatro fortes para visitar. A oeste, a caminho do mar, os fortes do Grilo e do Passo. Para sul, na direção de Lisboa, os da Feiteira e da Archeira. Está, pois, perante um dilema: por onde ir? Se o seu destino final é para oeste ou quer terminar o passeio a ver o pôr do sol no mar opte, primeiro, por ir aos fortes da Feiteira e da Archeira, para depois seguir para os do Grilo e do Passo. Se a opção é rumar a sul faça o inverso, visitando em primeiro lugar estes dois fortes.

O do Grilo está situado a sul de Ponte do Rol e defendia o vale do Sizandro e a estrada para Mafra. Tinha um posto telegráfico que o ligava a São Vicente. O Forte do Passo, perto de Bececarias, destaca-se pelo seu velho moinho, que lhe serviu de paiol. Os da Feiteira e da Archeira defendiam os vales de Runa e da Ribaldeira e surgiram como reforço ao traçado inicial das Linhas, para colmatar uma estratégica lacuna defensiva. Com o Forte de Catefica, seu vizinho, localizam-se na serra da Archeira. Todos acumulam já o desgaste de dois séculos de existência, mas a vista que deles se tem justifica a visita.

Bom passeio!



As duas esferas armilares na entrada do Castelo de Torres Vedras **Fonte** : RHLT

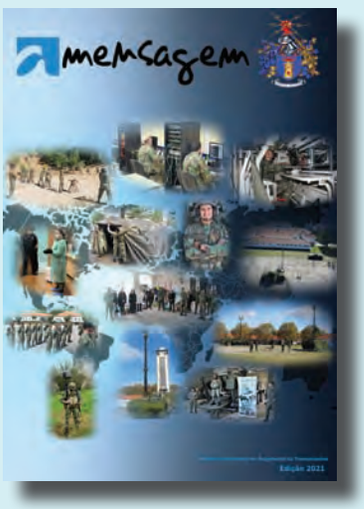


Nó Cego

Nó Cego, nome de código de uma operação militar, é uma obra ficcionada sobre a atividade de uma Companhia de Comandos, onde os limites entre a ficção e a representação da realidade são ténues, tal é a verosimilhança das situações, das descrições dos ambientes, das histórias, dos relatos e dos acontecimentos.
A narrativa tem o seu início em Moçambique, na vila de Mueda, em finais de 1969. O autor partilha connosco a rotina, dura e austera, de uma Unidade de Comandos, entrecruzando o desenrolar das operações militares com os períodos de descanso – na Ilha de Moçambique -, e a diversidade das histórias das personagens, nas quais o Capitão é uma figura sempre presente. Esta obra, considerada um clássico da literatura portuguesa, é de leitura obrigatória para quem tem interesse e curiosidade sobre a Guerra do Ultramar.

FERRAZ, Carlos Vale, *Nó Cego*, edição, 2018

A Mensagem



A revista *A Mensagem* mantém a sua função de órgão de partilha do conhecimento técnico e tático da Arma de Transmissões. Desta feita, não tem um tema de base para a revista. Em alternativa, foi deixado ao critério dos autores as temáticas a desenvolver.
Temos, assim, neste número um conjunto equilibrado de artigos, que compreendem tanto as áreas mais técnicas, como as áreas operacionais, englobando um amplo espectro de interesses, com artigos de reflexão no âmbito da Arma de Transmissões e, ainda, outros que transmitem as experiências pessoais vividas pelos seus autores em diversos contextos.

A Mensagem – Boletim Informativo do Regimento de Transmissões, Exército Português, 2021

Viriato - Terror de Roma

Já não é a primeira vez, nem a segunda, que divulgamos esta revista da excelente coleção *Desperta Ferro*, editada em Espanha e que está a venda no nosso País. Podemos, assim, desfrutar e enriquecer os nossos conhecimentos sobre história. Este número, já lançado há alguns meses (pode ser adquirido através do sítio (https://www.despertaferro-ediciones.com/catalogo/), fazemos questão de o divulgar, pois é um relato sobre uma mítica e relevante personagem histórica, muito cara aos dois países ibéricos – Viriato, o líder dos Lusitanos que, no século II a. c., se opôs durante vários anos ao domínio de Roma na Península Ibérica, na região habitada por este povo.

Desperta Ferro – Antigua y Medieval, n.º 61

O Protocolo de Auschwitz

Esta é a história de Freddy e Walter, dois jovens judeus eslovacos, que foram deportados para Auschwitz, em 1942.
No dia 10 de abril de 1944, após um planeamento meticuloso e com a ajuda e a resiliência dos seus amigos, conseguem escapar de Auschwitz. Com o auxílio de estranhos pelo caminho, eles cruzam a fronteira, encontram a resistência e a Cruz Vermelha e acabam por compilar um relatório detalhado sobre o genocídio sistemático nos campos de concentração. No entanto, com a propaganda nazi e o medo perpetuado por todo o lado, o relato dos jovens parece ser demasiado angustiante para acreditar.

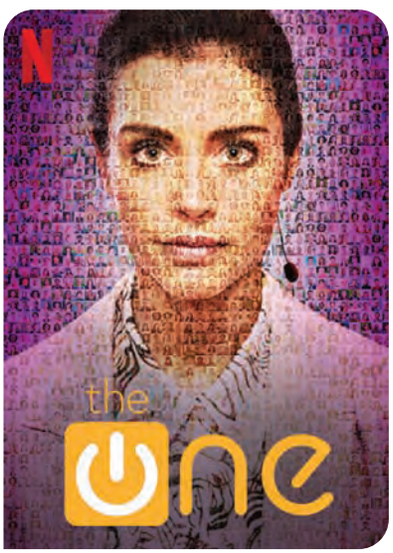
Drama, M/12

Godfather of Harlem

Esta série é um dos novos trunfos da *Star*, com o carimbo da *Disney+*. Conta a história real de *Bumpy* Johnson, um traficante de droga e *gangster* do Harlem, um bairro nova-iorquino, e uma figura icónica do submundo do crime, que já foi retratada em filmes como *Gangster Americano* e *Cotton Club*.
A narrativa da série começa no início dos anos 60, quando *Bumpy* Johnson termina uma pena de prisão de 11 anos em Alcatraz e regressa ao Harlem para encontrar um bairro diferente. *Bumpy* está determinado a reconquistar o poder e o respeito das ruas e é esta jornada que acompanhamos em *Godfather of Harlem*.

Crime, M/12

The One



Num universo pautado pelos avanços tecnológicos, o amor encontra-se através de uma amostra de ADN que, quando compatível, une pessoas para a vida. O conceito, para já apenas circunscrito à ficção, é o ponto de partida de *The One*, a nova série da *Netflix*, que conta com os portugueses Albano Jerónimo e Miguel Amorim no elenco.
Esta série vai acompanhar os esforços de uma investigadora na área da genética, que tem a proposta de tentar encontrar o par ideal para alguém, através da recolha e comparação de amostras de ADN, num serviço digital de encontros revolucionário.

Ficção Científica, M/12

50. *Peças Icónicas da Nossa História Militar*

Dinamómetro (ou Provador) de Pólvora
Museu Militar da Madeira

A aparência é estranha, mas, sobretudo, intrigante. Não é uma pistola embora se assemelhe a este tipo de arma, pois com ela partilha parte da forma. Tem punho, câmara, gatilho e cão. Porém, a parte restante da peça faz lembrar uma tesoura de poda, mas não tem lâminas, mas sim o que aparenta ser uma escala. E, depois, há aquele desproporcional V na extremidade que nos desconcerta quanto ao seu possível uso.

Na verdade, trata-se de um Provador de Pólvora da 2.ª metade do século XIX, provavelmente das décadas de 1860 a 1880, segundo o Dr. Jaime Regalado, investigador de armamento e gestor da Coleção de *Militaria* do Museu de Angra do Heroísmo, que também nos elucida sobre a sua possível origem e funcionamento.

Aparentemente, resulta da transformação de uma pistola *Box Lock*, na qual o cano foi substituído pelo sistema de mola e escala. Afastando o êmbolo por compressão da mola era colocada a quantidade de pólvora, rigorosamente medida, na câmara, voltando o êmbolo a encostar à câmara por ação da mola em V. Depois de posta a cápsula fulminante na chaminé e encostando o marcador de latão, (na escala) ao ramo anterior da mola, podia ser feita a prova, premindo o gatilho. Nessa altura, por ação dos gases da combustão, o êmbolo avançava e com ele a escala, que avançava dentro do marcador. Quando, por ação da mola, o êmbolo voltava a encostar à câmara, o marcador de latão ficava a marcar na escala a força da pólvora.

É uma peça rara, pois produziam-se muito poucas por comparação com as armas e tanto podia ser de uso civil como militar, embora o Arsenal do Exército tivesse instrumentos de medida mais precisos.

Pertenceu à sala de armas dos Marqueses da Graciosa, em Anadia e hoje integra a coleção particular do Professor Rui Carita, mas está exposta no Museu Militar da Madeira, no Funchal.

SISTEMA DE ENSINO NÃO SUPERIOR DE MATRIZ MILITAR

Colégio Militar
Pupilos do Exército
Camaradagem
Ensino de Qualidade
Internato
Ensino Regular
Amor à Pátria
Valores
Secundário
Património Histórico
Projetos educativos diferenciadores
Formação cívica
Formação de Matriz Militar
Ensino Misto
Ensino Básico
Solidariedade
Disciplina
Sistema Educativo Português
Educação moral, intelectual e física
Ensino Profissional
Princípios
3.º CEB
2.º CEB
1.º CEB

EXÉRCITO
PORTUGAL
Ao serviço dos Portugueses

MILITAR | MULHER
COMANDANTE DE COMPANHIA | MÃE

Jornal do EXÉRCITO

Brigada de Intervenção
Força Blindada de Rodas

publicação mensal
Ano LXII – JE708 – Abr21 - € 2,00

EXÉRCITO PORTUGAL

EXÉRCITO
PORTUGAL

App Mobile do Recrutamento

Descarregue »

Google Play

App Store

Brigadeiro-General
Comandante da Brigada de Intervenção
João Loureiro Magalhães

A Brigada de Intervenção foi criada, em 2006, no âmbito da organização prevista na Lei Orgânica do Exército, passando a constituir uma das Grandes Unidades do Sistema de Forças Nacional do Exército Português, sucedendo à Brigada Ligeira de Intervenção. Em 2009 recebeu as primeiras viaturas blindadas de rodas PANDUR II 8x8, que passaram a equipar as Subunidades operacionais da Brigada, nas diversas tipologias.

Ao longo destes 15 anos, a sua evolução tem sido progressiva e consistente, tanto pelos meios que têm sido facultados à Brigada, mas essencialmente, e acima de tudo, pelos Homens e Mulheres que aqui prestaram e prestam serviço, que, concorrendo com o seu labor para adaptar e aperfeiçoar os procedimentos mais adequados à realização das diversas atividades, nos permitem executar as múltiplas tarefas atribuídas de forma eficaz e proficiente, procurando honrar o legado daqueles que nos antecederam e contribuindo para o cumprimento da missão do Comando das Forças Terrestres e do Exército.

A dispersão territorial da Brigada, com os seus Regimentos implantados desde Chaves a Vendas Novas, permite uma ligação próxima às instituições e autoridades locais, cumprir o treino das suas Unidades operacionais de forma desconcentrada, reunindo-se para o treino de armas combinadas, e facilita a sua contribuição em atividades de divulgação, bem como de colaboração em ações de apoio ao desenvolvimento e bem-estar da população, conforme foi evidente no último ano no combate à pandemia da COVID-19.

Desta forma, a Brigada de Intervenção, Força Blindada de Rodas do Exército, centrada na Viatura PANDUR e alicerçada numa relevante proximidade à população, mantém em permanência como objetivos demonstrar uma elevada capacidade operacional, prontidão, competência e coesão, para contribuir, de forma profissional e credível, para a satisfação dos compromissos externos e missões de soberania, assumidos pelo Exército, na preservação dos nossos recursos e na defesa e segurança dos Portugueses, procurando dar sentido à sua divisa *Que Fama Ilustre Fique.* ⅀

Informar para bem servir

Coronel de Cavalaria António **Marcos de Andrade**, Diretor do *Jornal do Exército*

Este número do *Jornal do Exército* abre com um editorial do Brigadeiro-General João Carlos Loureiro Magalhães, Comandante da Brigada de Intervenção (BrigInt) e que tem o seu Quartel-General sediado na lindíssima cidade de Coimbra. A BrigInt tem como vetor mais significativo a viatura blindada de rodas PANDUR II 8X8. No artigo que publicamos, nas páginas 14 a 19, podemos ficar a conhecer melhor a missão e as capacidades desta grande Unidade do Exército Português.

O Comando das Forças Terrestres (CFT) tem nova casa. Com o encerramento da Escola de Saúde Militar que esteve sediada no quartel de Campo de Ourique, na rua Infantaria 16, durante vários anos, o Comando do Exército decidiu ocupar aquelas instalações, que tanta história encerram, fazendo deslocar o CFT do quartel do Regimento de Lanceiros n.º 2, na Amadora, para Campo de Ourique. Damos conta dessa passagem num dos artigos desta revista.

Não deve haver um militar do Quadro Permanente do Exército que não conheça a Tapada Militar de Mafra. Claro que os camaradas de Infantaria têm um conhecimento mais detalhado desta fantástica área de treino. Em boa hora, o Comando da Escola das Armas, que tem atualmente a responsabilidade de gestão destes 360 hectares, elaborou um artigo que agora publicamos, a elucidar-nos sobre o excelente trabalho que tem vindo a ser feito para a manutenção e recuperação deste magnífico espaço verde.

Não podemos esquecer que além dos nossos militares em missão, nas Forças Nacionais Destacadas ou como Elementos Nacionais Destacados, o Exército Português continua com vários projetos de Assessoria Militar em vários países de Língua Oficial Portuguesa. O Tenente-Coronel de Infantaria CMD Moutinho Fernandes traz-nos um artigo sobre o apoio que está a ser dado às Forças Especiais angolanas.

O dia 9 de abril de 1918 despertou violento para as tropas do Corpo Exército Português, entrincheiradas na região da Flandres, na 1.ª Guerra Mundial. Esta data é evocada desde 1923, ano em que foi criada a Liga dos Combatentes. Fomos conversar com o Tenente-General Chito Rodrigues, atual Presidente da Liga, para saber mais sobre esta relevantíssima Instituição.

Na rubrica *Visão da História* trazemos um interessante depoimento de um ex-combatente do ultramar, o Furriel José Fernandes Costa, que a propósito da dramática situação que se vive atualmente em Cabo Delgado, se recordou do seu serviço militar naquela região de Moçambique e de como a sua vida foi alterada, após ter ficado gravemente ferido. Um relato sem mágoas e sem ressentimentos de quem serviu a Pátria.

A finalizar recomendo que não deixem de ver as nossas sugestões de livros e filmes, assim como mais uma proposta dos *Roteiros Militares* e o sempre interessante artigo sobre as *Peças Icónicas da Nossa História Militar*. ع

Sumário .05

Editorial 03
Palavras do Diretor 04

Figuras e Factos

Destaque 06
Território Nacional 08
Outras Notícias 10

Atualidades

... mais que mil palavras 12
Unidades
- Comando das Forças Terrestres 14
Unidades
- Brigada de Intervenção 18
Unidades
- Tapada Militar de Mafra – Escola das Armas 24
Cooperação
- Assessoria Militar às Forças Especiais Angolanas 28
Entrevista
- Tenente-General Chito Rodrigues 32
Testemunho
- Assistente Operacional Sandra Azevedo 39
Lá por Fora
- Campos Magnéticos Terrestres 40
- Modernização da Viatura *Stryker* 41

Cultura e Lazer

Uma Visão da História
- Claro Que nunca Esquecerei Nangololo 42
Roteiros Militares 46
Livros & Revistas 48
Filmes & Séries 49
Peças Icónicas 50

Fonte : BrigInt

Imagem da sub-rubrica "... mais que mil palavras": Viaturas PANDUR no exercício ORION21 no Campo Militar de St.ª Margarida **(Foto : TCor Figueiredo)**

Imagem da Capa : Exercício do 2BIMecRodas - MARTE20 **(Foto :** 1Sarg Ricardo Gomes)

Jornal do EXÉRCITO

Órgão de divulgação e preservação da cultura militar, nos termos da alínea *a)*, do artigo 75.º, do Decreto Regulamentar n.º 11/2015, de 31 de julho

PROPRIEDADE DO ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO – Rua do Museu da Artilharia, 1149-065 LISBOA, Contactos: Tel. Civil: 218 842 300; tel. militar – 423 000; Fax civil: 218 842 527; fax militar: 423 227; e-mail: eme@exercito.pt. **Sede da Direção, Redação, Edição e Administração**: Palácio dos Condes de Resende, Campo de Santa Clara, 34, 1100-469 Lisboa. **NIPC**: 600021610. **Contactos**: tel. civil: 213 567 795; tel. militar: 414 026; fax civil: 213 567 791; fax militar: 414 091; *e-mails*: JE@exercito.pt; *site* oficial: www.exercito.pt. **Estatuto Editorial**: https://www.exercito.pt/pt/quem-somos/organizacao/ceme/gabeceme/je; **Direção – Diretor**: Cor Cav António Marcos de Andrade; **Subdiretor**: TCor Tm Carlos Pires de Sousa; **Secretária**: AssTec Joana Moita; **Condutor**: 1Cb RC Rui Pires; **Redação – Chefe**: TCor Tm Carlos Pires de Sousa; **Assistente de Redação**: SAj SGE David Custódio; 1Sarg PesSec Mónica Martins; **Colaboradores permanentes da Redação**: Alf RC Jaime Pereira; TSup João Moreira Tavares; TSup Tânia Espírito Santo; AssTec Guiomar Brito; **Serviços Administrativos – Chefe**: TCor Tm Carlos Pires de Sousa; **Secretaria e Distribuição**: SCh SGE Carlos Claudino, 1Cb RC Rui Pires; **Colaboração Fotográfica**: Centro de Audiovisuais do Exército; RCRPP/GabCEME; **Execução Gráfica**: Jorge Fernandes, Lda. – Rua Quinta Conde de Mascarenhas n.º 9, 2820-652 Charneca de Caparica, Tel: 212 548 320, *e-mail*: geral@jorgefernandes.pt; Tiragem: 4.000 exemplares. Depósito Legal n.º 1465/82 ISSN – 0871/8598. **Preço de Capa**: €2,00; **Assinatura anual** (11 números): **via superfície** – Continente, Açores e Madeira: €20,00; **via aérea** – países europeus: €45,00; restantes países: €65,00. Os artigos publicados com indicação de autor são da inteira responsabilidade dos mesmos, não refletindo, necessariamente, o pensamento do Comando do Exército Português.

O aniversário da BrigMec foi assinalado no dia 7 de abril, celebrado com o içar da Bandeira Nacional, seguida de um momento solene, onde foram homenageados os militares mortos em combate

43.º Aniversário da Brigada Mecanizada

O dia festivo da Brigada Mecanizada (BrigMec) é anualmente comemorado a 6 de abril, evocando a Batalha de Atoleiros, travada em 1384, na qual o Condestável D. Nuno Álvares Pereira enfrentou e derrotou uma Força castelhana.

Em virtude da situação pandémica que se vive atualmente, este ano, e à semelhança do ano 2020, não foram realizadas as tradicionais atividades comemorativas. Contudo, o 43.º aniversário da BrigMec foi comemorado no dia 7 de abril, com as cerimónias do Hastear da Bandeira Nacional e de Homenagem aos Militares Mortos em Combate.

O Comandante da BrigMec, Brigadeiro-General Valente Marques, que presidiu às comemorações alusivas à efeméride, no seu discurso, agradeceu a todos os militares e civis que "fizeram, fazem e farão parte dos 43 anos de história da Brigada Mecanizada" e exaltou as tradições, os valores e a cultura que tão bem caracterizam a BrigMec e que, ao longo da sua existência, têm constituído o sustentáculo das capacidades únicas desta Unidade no espetro de Forças do Exército Português e um exemplo de proximidade, solidariedade e prontidão ao serviço dos Portugueses.

Muitos parabéns a todos os que servem ou serviram nesta Grande Unidade do Exército Português, sediada no Campo Militar de Santa Margarida, fazendo jus à sua Divisa: "Feitos Farão Tão Dignos de Memória."

Visita da Secretária de Estado de Recursos Humanos e Antigos Combatentes e da Secretária de Estado Adjunta e do Património Cultural ao Museu Militar de Lisboa

O Exército recebeu, na manhã de 7 de abril, no Museu Militar de Lisboa (MML), a visita da Secretária de Estado de Recursos Humanos e Antigos Combatentes, Professora Doutora Catarina Sarmento e Castro, e da Secretária de Estado Adjunta e do Património Cultural, Arquiteta Ângela Ferreira.

O Chefe do Estado-Maior do Exército, General José Nunes da Fonseca, depois de apresentar as boas-vindas, destacou a singularidade do MML, onde é preservada a memória do Exército Português e é feito o reconhecimento dos nossos antecessores.

O programa da visita incluiu a apresentação *A Cultura no Exército Português*, pelo Diretor de História e Cultura Militar, Major-General Aníbal Alves Flambó, que abordou o conceito de cultura militar e enumerou as diversas atividades culturais do Exército Português, tendo sido apresentado o que se perspetiva para o futuro, nomeadamente no que se refere às novas tecnologias, no sentido de se assegurar a modernização da atividade cultural no Exército. Seguiu-se uma visita guiada ao MML e a assinatura do seu Livro de Honra, nas Caves Manuelinas.

Comemorações do 103.º Aniversário da Batalha de La Lys, do Dia do Combatente e do 100.º Aniversário da Fundação da Liga dos Combatentes

As cerimónias comemorativas do 103.º Aniversário da Batalha de La Lys, do Dia do Combatente e do 100.º Aniversário da Fundação da Liga dos Combatentes decorreram, no dia 9 de abril, na vila da Batalha e na cidade de Lisboa, tendo sido presididas pelo Presidente da República e Comandante Supremo das Forças Armadas.

O Chefe do Estado-Maior do Exército esteve presente, durante a manhã, nas cerimónias que decorreram na Batalha, que incluíram a Celebração Eucarística, a Cerimónia Militar, a Cerimónia de Homenagem aos Mortos junto ao Túmulo do Soldado Desconhecido e a inauguração do Memorial aos Combatentes Batalhenses, assim como, ao início da parte de tarde, na Cerimónia de Homenagem aos Mortos, junto ao Monumento aos Mortos da Grande Guerra, na Avenida da Liberdade, em Lisboa.

O Presidente da República condecorou a Liga dos Combatentes, que assinala este ano o seu centenário, como Membro Honorário da Ordem Militar da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito, na sessão solene comemorativa da instituição, que teve lugar em Lisboa.

Ministro da Defesa Nacional visita Unidade de Apoio Geral de Material do Exército

O Ministro da Defesa Nacional (MDN), Professor Doutor João Gomes Cravinho, visitou a Unidade de Apoio Geral de Material do Exército (UAGME), no dia 16 de abril, no âmbito do apoio prestado pelo Exército à Marinha, materializado na cedência de oito viaturas táticas blindadas HMMWV (*High Mobility Multipurpose Wheeled Vehicle*).

Depois de apresentar as boas-vindas, o Chefe do Estado-Maior do Exército destacou o papel central da UAGME na logística do Ramo, ao nível da manutenção e do reabastecimento.

No Centro de Manutenção da UAGME, o MDN agradeceu o trabalho desenvolvido pelo Exército na operação de manutenção das viaturas HMMWV, bem como a oportunidade de ter ficado a conhecer melhor o trabalho desenvolvido nesta Unidade, "fulcral para o sucesso do Exército Português".

Dia do Comando das Forças Terrestres

O Comando das Forças Terrestres (CFT) apoia o exercício do comando por parte do Chefe de Estado-Maior do Exército, tendo em vista o treino operacional, o aprontamento e a sustentação das Forças e meios da componente operacional do Sistema de Forças, tendo na sua dependência hierárquica a Zona Militar dos Açores, a Zona Militar da Madeira, a Brigada Mecanizada, a Brigada de Intervenção e a Brigada de Reação Rápida.

O Exército Português, a fim de constituir Forças Nacionais Destacadas (FND) para o cumprimento de missões internacionais, desenvolve as ações necessárias para organizar, treinar, projetar e manter quando em Teatro de Operações (TO) essas mesmas FND. Estas Forças têm cumprido missões nos mais diversos TO, de Timor-Leste à Bósnia e Herzegovina, passando pelo Kosovo, Iraque, Líbano, Afeganistão, República Centro-Africana, entre outros. Compete também ao CFT, em coordenação com os Órgãos Centrais de Administração e Direção do Exército, o desenvolvimento das tarefas necessárias ao cumprimento deste objetivo.

Esta é a missão do CFT, que celebra o seu Dia a 23 de abril. Para o assinalar foram colocados nas redes sociais do Exército Português dois vídeos: um que demonstra como as FND atuam nos TO e um outro que mostra as valências e o papel deste Comando, que honra a divisa "Um pedaço de terra defendido".

O Exército no apoio ao Ministério da Defesa da República Centro-Africana

O Chefe da Célula de Infraestruturas do Pilar de Aconselhamento Estratégico da Missão de Treino da União Europeia da República Centro-Africana (EUTM-RCA), Tenente-Coronel Jerónimo Santos, do Exército Português, participou na apresentação da proposta do Plano Diretor das Infraestruturas das Forças Armadas da RCA. O evento foi presidido pelo Diretor do Gabinete da Ministra da Defesa e da Reconstrução das Forças Armadas, Coronel Joachim Silla, e contou com a presença de diversas entidades militares e civis daquele país.

O Plano Diretor das Infraestruturas das Forças Armadas da RCA, desenvolvido pelo Ministério da Defesa, com a colaboração da EUTM-RCA, da Missão Multidimensional Integrada das Nações Unidas para a Estabilização da RCA e de outros ministérios do Governo deste país, é um documento de planificação estratégico, que inclui a construção de diversas infraestruturas em todo o território, com destaque para as regiões de Bangui, Bouar, Ndele e Bangassou.

O Tenente-Coronel Jerónimo Santos chefia a equipa que presta apoio ao Diretor dos Estudos e Infraestruturas do Ministério da Defesa da RCA e tem colaborado de forma ativa nos projetos de construção de novos edifícios.

Batalhão Operacional Aeroterrestre realiza exercício GRIFO 21

O exercício GRIFO 21, do Batalhão Operacional Aeroterrestre (BOAT) sediado no Regimento de Paraquedistas, decorreu entre os dias 15 e 31 de março, na Base Aérea n.º 11 (Beja) e no Aeródromo Militar de Tancos. Esta atividade de treino operacional coincidiu com o exercício REAL THAW 21, da Força Aérea Portuguesa, onde o BOAT treinou as suas várias capacidades operacionais, designadamente o planeamento de operações aerotransportadas; a operação de bases de partida em locais distintos; infiltrações por intermédio de paraquedas de abertura automática e manual a alturas fisiológicas e a operação de diversas zonas de lançamento de pessoal e de cargas aéreas de diversas tipologias.

A delegação do BOAT, constituída por 62 militares, realizou um total de 202 saltos de abertura automática, 324 saltos de abertura manual perfil *High Altitute Low Opening*, dois saltos Tandem e o lançamento de cargas aéreas de 47 *Container Delivery System*, quatro *Plataform Delivery System* e 17 *Door Bundle*, totalizando 40 100 quilogramas.

Workshop sobre a Função de Combate Informações

O Comando das Forças Terrestres, através do Centro de Segurança Militar e de Informações do Exército, realizou um *workshop* subordinado à *Função de Combate Informações – Estado da Arte e Prospetiva*, nos dias 13 e 14 de abril.

Este *workshop* insere-se numa série de iniciativas com vista a sensibilizar para a necessidade de revitalizar a Função de Combate Informações no Exército, avaliar o estado atual do desenvolvimento desta Função de Combate e dar os primeiros passos para que o Exército integre as várias ações que se desenvolvem neste quadro, orientando-as para a produção de informações e para a prática constante dos processos associados.

Após a sessão de abertura, presidida pelo Major-General Francisco Xavier Ferreira de Sousa, 2.º Comandante das Forças Terrestes, decorreram os trabalhos com os participantes organizados em três sindicatos, cada um deles orientado para os seguintes domínios de emprego das Informações: Teatros de Operações, Apoio Militar de Emergência e Segurança Militar.

Como resultado do trabalho desenvolvido, cada sindicato identificou o estado da arte da Função de Combate Informações no respetivo domínio de emprego e, perante as lacunas e problemas identificados, definiu um processo das Informações adequado à realidade e necessidades do Exército.

Os resultados e conclusões do *workshop* foram apresentados na sessão de encerramento, presidida pelo Tenente-General Martins Pereira, Comandante das Forças Terrestres.

Outorga do Estandarte Nacional à 9.ª Força Nacional Destacada Conjunta para a República Centro-Africana

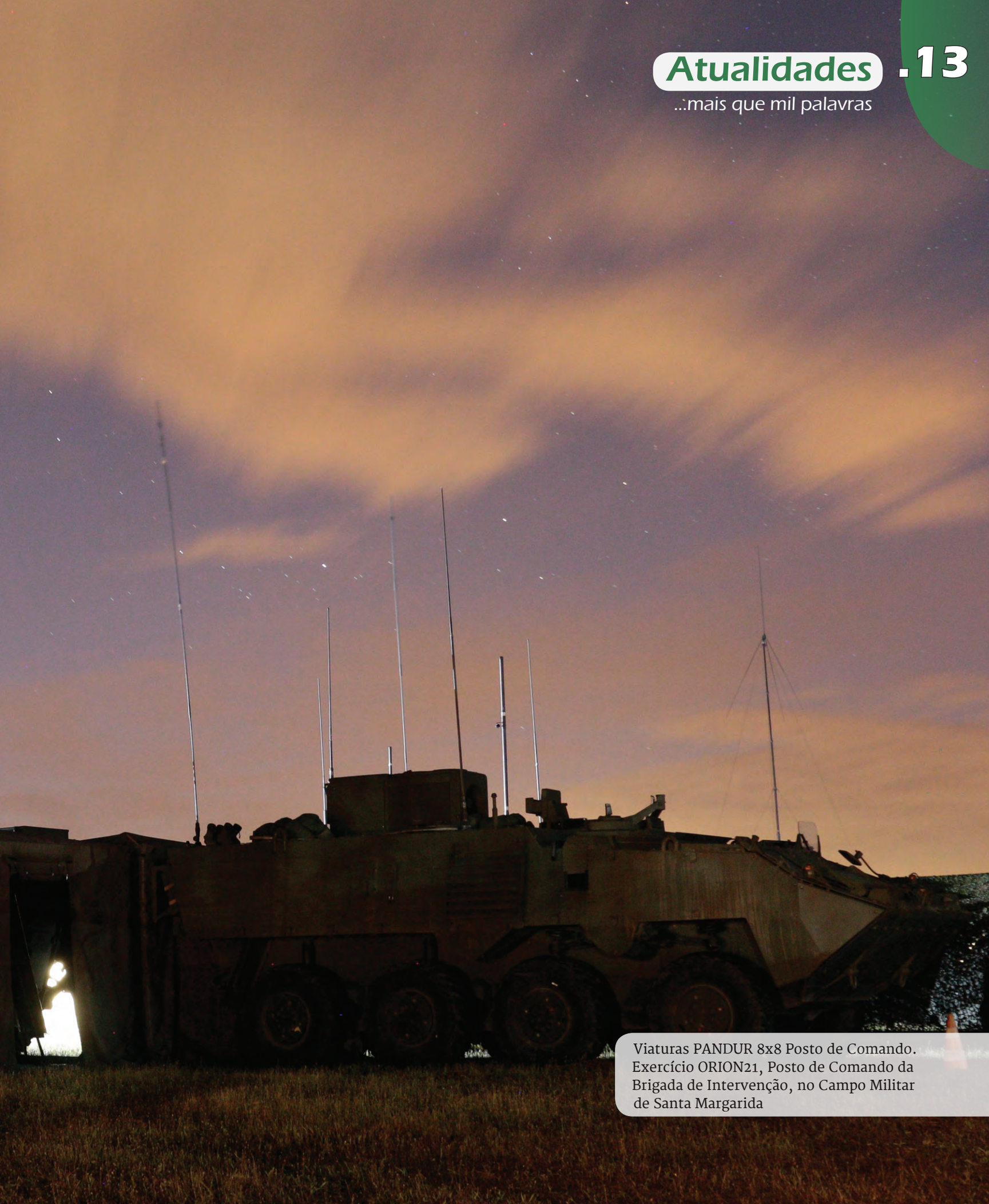
No dia 30 de março decorreu a cerimónia de outorga do Estandarte Nacional à 9.ª Força Nacional Destacada Conjunta – 9FND(Conj) – para o Teatro de Operações (TO) da República Centro-Africana (RCA), que será empenhada, a partir do mês de maio, no âmbito da Missão Multidimensional Integrada das Nações Unidas para a Estabilização da RCA.

A cerimónia, presidida pelo Chefe do Estado-Maior do Exército (CEME), General José Nunes da Fonseca, teve lugar no Regimento de Infantaria n.º 15, em Tomar, e contou com a presença da Presidente da Câmara Municipal desta cidade, Dr.ª Anabela Freitas, e do Comandante das Forças Terrestres, Tenente-General Martins Pereira, entre outras entidades.

O CEME, na sua alocução, evidenciou os elevados padrões de profissionalismo e prontidão atingidos pela Força durante o aprontamento, com expoente máximo no exercício final BANGUI 211, tendo destacado igualmente a atuação conjugada e o esforço desenvolvido por todos os comandos do Exército empenhados no aprontamento, em particular o Comando das Forças Terrestres, através da Brigada de Reação Rápida e do Regimento de Infantaria n.º 15.

No momento mais significativo e marcante da cerimónia, o CEME efetuou a outorga do Estandarte Nacional ao Comandante da Força, símbolo da Pátria que se constituirá como um elemento de motivação acrescida num TO de grande exigência e risco.

12.



Viaturas PANDUR 8x8 Posto de Comando. Exercício ORION21, Posto de Comando da Brigada de Intervenção, no Campo Militar de Santa Margarida

Comando das Forças Terrestres, em Campo de Ourique

Comando das Forças Terrestres

28 Anos de *um Pedaço de Terra Defendida*

O passado recente de um Comando com uma missão nobre e ancestral

Texto : TCor Rui Pais dos **Santos** | Comando das Forças Terrestres
Fotografia : CAVE

O Decreto-Lei n.º 949/76 definia que o Chefe do Estado-Maior do Exército tinha "na sua dependência cinco Oficiais Generais: o Ajudante-General, o diretor do Departamento de Operações, o Quartel-Mestre-General, o diretor do Departamento de Instrução e o diretor do Departamento de Finanças". Competindo ao **Departamento de Operações**, entre outras atribuições, "planear a organização e o emprego das Forças do Exército ou colaborar nessas atividades, de acordo com as missões atribuídas ao Exército".

"A partir do Forte do Alto do Duque, o Comando Operacional das Forças Terrestres planeou e conduziu diversas atividades de treino e operacionais, das quais se destaca o aprontamento de Forças para os Teatros de Operações dos Balcãs (Bósnia e Herzegovina, Kosovo)."

Até 1993, as Forças do Exército Português foram empregadas sobre o comando centralizado do Estado-Maior do Exército, tendo isto sido alterado pelo Decreto-Lei n.º 50/93, que, para incrementar a operacionalidade do Estado-Maior do Exército, estabeleceu a "separação das tarefas de planeamento das tarefas de direção e execução, passando estas últimas a estar cometidas aos Comandos funcionais e aos territoriais". Por este diploma foram criados os Órgãos Centrais de Administração e Direção e, nos "elementos da componente operacional do Sistema de Forças nacional", o **Comando Operacional das Forças Terrestres** (COFT).

O COFT era "em tempo de paz, o principal Comando da estrutura operacional do Exército", competindo-lhe, entre outras, a responsabilidade de "empregar Forças e meios em situações de calamidade pública e em missões de interesse público". Paralelamente, "em estados de exceção ou guerra", competia ao COFT exercer "o comando operacional das Forças e meios" que lhe fossem atribuídos.

Comando Operacional das Forças Terrestres. Vista no interior do Forte do Alto do Duque

Entrada principal do Forte do Alto do Duque

Havendo a necessidade de instalar o recém-criado COFT optou-se pelo **Forte do Alto do Duque**. Esta instalação, à data, era o local de eleição para o planeamento e condução do exercício ORION, que era o pináculo do treino operacional do Exército, em cada ano. A partir do Forte do Alto do Duque, o COFT planeou e conduziu diversas atividades de treino e operacionais, das quais se destaca o aprontamento de Forças para os Teatros de Operações dos Balcãs (Bósnia e Herzegovina, Kosovo).

Pese embora o Forte do Alto do Duque reunisse condições de segurança ímpares, não oferecia a funcionalidade exigível a um Posto de Comando de grande dimensão. Com vista a melhorar a funcionalidade foram efetuadas obras de bene-

ficiação, porém, tornou-se inviável transformar um *forte* num *quartel-general*, não só por falta de espaço, mas, principalmente, pelas restrições de ser um monumento nacional.

Para colmatar estas limitações, em junho de 1999, o COFT foi transferido para as instalações do extinto Regimento de Artilharia de Costa, no **Quartel da Medrosa, em Oeiras**. Neste aquartelamento foram efetuadas algumas obras consideradas essenciais, como a construção de um anfiteatro e do Centro de Operações Terrestres.

A publicação do Decreto-Lei n.º 61/2006 veio introduzir um novo capítulo na vida deste Comando, que abandonou a designação de COFT, para se designar **Comando Operacional**. Este manteve-se "em tempo de paz, o principal Comando da estrutura operacional do Exército", tendo, no entanto, perdido as atribuições "em estados de exceção ou guerra" que vinham do COFT. Com a restruturação, o Comando Operacional passou a integrar os Órgãos Centrais de Administração e Direção.

COFT no Quartel da Medrosa, em Oeiras

Porta de Armas do COFT no Quartel da Medrosa, em Oeiras

O Decreto-Lei n.º 231/2009 veio introduzir alterações no Exército Português tendentes a adotar "um conceito de emprego operacional como uma atividade permanente e não excecional", para isso foi reformulada a "cadeia de comando operacional, tornando-a mais ágil e pronta no acesso às Forças e meios". Levando a que o Comando Operacional passasse a designar-se **Comando das Forças Terrestres** (CFT), deixando, novamente, de integrar os Órgãos Centrais de Administração e Direção.

O CFT passou a ter por missão "apoiar o exercício do comando por parte do Chefe do Estado-Maior do Exército", entre outras, no "aprontamento e a sustentação das Forças e meios da componente operacional do Sistema de Forças"; no "cumprimento das missões particulares" e outras "de natureza operacional que sejam atribuídas ao Exército"; e na "administração e direção das Unidades e Órgãos da componente fixa colocados na sua direta dependência".

Dezasseis anos volvidos, em 2015, o CFT foi transferido para o aquartelamento do **Regimento de Lanceiros n.º 2 (RL2), na Amadora**. Neste

aquartelamento, o CFT além de partilhar instalações com o RL2, ocupou duas casernas que foram adaptadas para o funcionamento do Estado-Maior do CFT. Pese embora as adaptações no aquartelamento tenham criado as condições necessárias para o cumprimento da missão do CFT, esta situação não deixava de configurar um condicionalismo ao desenvolvimento da missão do CFT, pelo que importava encontrar uma solução para a relocalização deste Comando.

Para colmatar esta situação, o CFT, no seu vigésimo oitavo aniversário, em 23 de abril de 2021, aquartelou-se nas instalações da extinta Escola do Serviço de Saúde Militar, em **Campo de Ourique**, Lisboa. Presentemente, o CFT está a funcionar dividido, mantendo o Centro de Operações Táticas, no quartel do RL2, na Amadora e o Comando e Estado-Maior, em instalações provisórias, no quartel de Campo de Ourique. No futuro imediato, com a conclusão das obras de beneficiação em curso, o CFT voltará a estar reunido num mesmo aquartelamento, adequado às necessidades de um Comando de componente terrestre e a que poderá chamar de *seu*.

A jovialidade do CFT, conferida por vinte e oito anos de existência, é contraposta pelo peso histórico de estar instalado em Campo de Ourique, cujo nome evoca a batalha travada por Dom Afonso Henriques, que marcou o seu reconhecimento como *Rex Portugallensis*.

> **"A jovialidade do Comando das Forças Terrestres, conferida por vinte e oito anos de existência, é contraposta pelo peso histórico de estar instalado em Campo de Ourique, cujo nome evoca a batalha travada por Dom Afonso Henriques, que marcou o seu reconhecimento como *Rex Portugallensis*."**

Volvidos vinte e oito anos da criação do COFT, passando pelo período do Comando Operacional, quer ocupando as instalações do Forte do Alto do Duque, do Quartel da Medrosa, do RL 2 ou as suas novas instalações em Campo de Ourique, o CFT mantém o seu desígnio de um Comando operacional de relevante importância para o planeamento, organização e emprego das Forças do Exército de modo a assegurar que Portugal é "um pedaço de terra defendida." ع

Entrada do CFT, na Amadora

Brigada de Intervenção

Força Blindada de Rodas

Em 15 anos de existência, esta Brigada já aprontou e projetou Forças para variados Teatros de Operações e participou ativamente no âmbito do Plano de Apoio Militar de Emergência do Exército e no combate à COVID-19, o que continua a fazer, sem nunca esquecer a formação dos seus recursos humanos e a modernização dos seus meios

Texto : TCor Art Dias **da Costa** | Chefe Gabinete Cmdt BrigInt

A Brigada de Intervenção (BrigInt) organiza-se numa componente fixa, materializada pelos Órgãos de base, Regimentos e Unidade de Apoio, e numa componente operacional, materializada pelos elementos da componente operacional do Sistema de Forças, que está integrada nos Regimentos. Tem o seu centro de gravidade em Coimbra e as suas Unidades situadas em locais de média e elevada densidade populacional, com a sua Unidade mais a norte na cidade de Chaves e a sul em Vendas Novas, nomeadamente: Regimento de Infantaria n.º 13, em Vila Real; Regimento de Infantaria n.º 14, em Viseu; Regimento de Infantaria n.º 19, em Chaves; Regimento de Cavalaria n.º 6,

> **"A localização geográfica dos diferentes Regimentos da Brigada tem-se constituído uma mais-valia no sentido de recrutamento, retenção e fixação de militares na sua área de residência e proximidade à população em geral..."**

em Braga; Regimento de Artilharia n.º 5, em Vendas Novas; Regimento de Artilharia Antiaérea n.º 1, em Queluz; Regimento de Engenharia n.º 3, em Espinho; Regimento de Transmissões, no Porto e a Unidade de Apoio, em Coimbra.

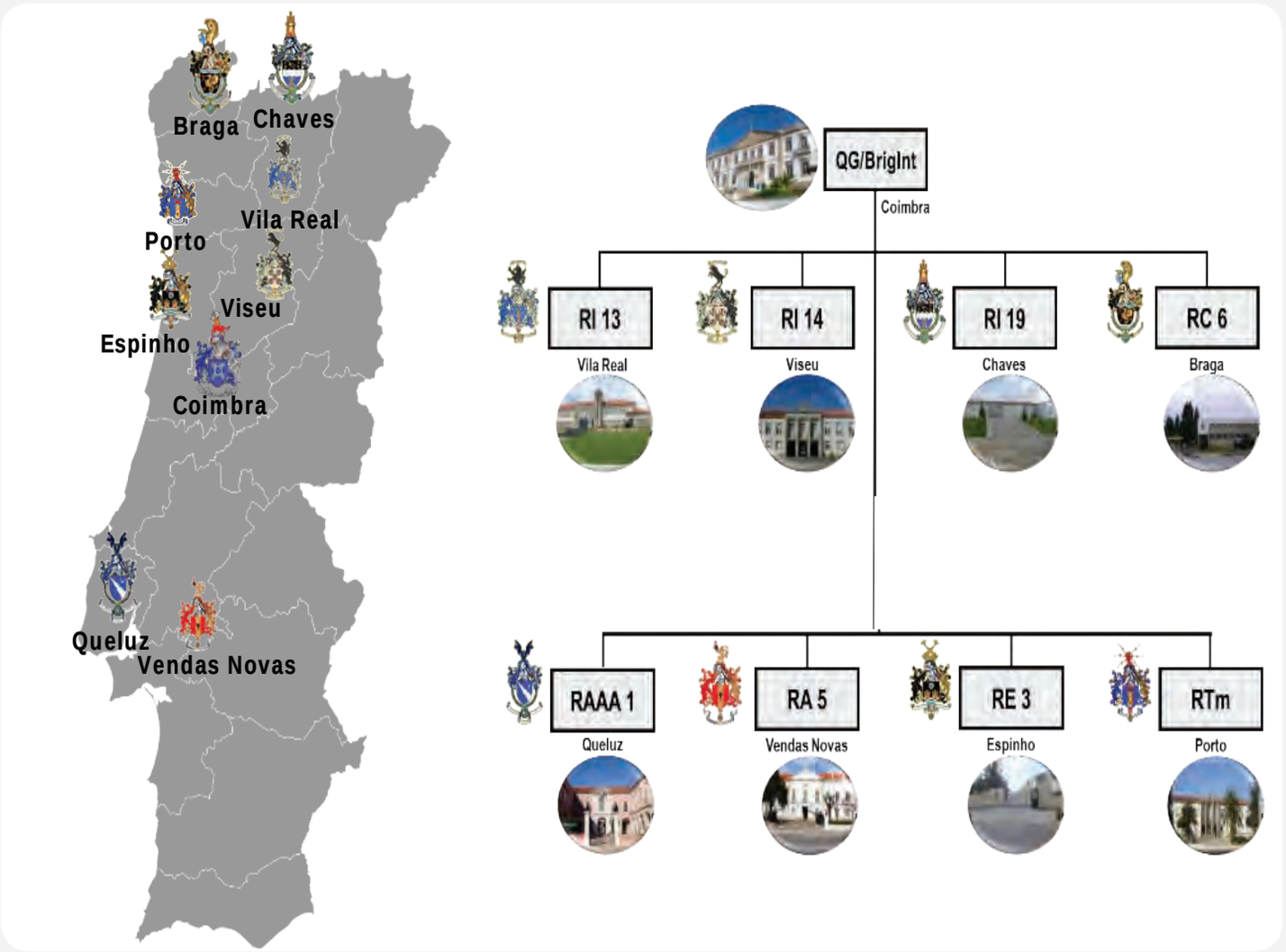
Desde 1998, inicialmente como Brigada Ligeira de Intervenção e posteriormente como BrigInt, aprontou e projetou militares, com Forças constituídas, para diversos Teatros de Operações (TO), dos quais se salientam a Bósnia-Herzegovina, Kosovo, Timor-Leste, Líbano, Iraque, Afeganistão e Lituânia.

O Estandarte Nacional da BrigInt ostenta a Medalha de Serviços Distintos, Grau Ouro, atribuída por despacho de 3 de junho de 2005, de Sua Excelência o Presidente da República. A BrigInt tem como legenda a divisa, retirada do terceiro verso, da estrofe XXXVII, do Canto VIII dos *Lusíadas*, no qual Luís Vaz de Camões se refere, honrosamente, ao Infante D. Pedro, Patrono da Brigada:

"Que fama ilustre fique!"

No presente ano, assinalam-se 15 anos de existência como BrigInt. Foram anos de árduo trabalho, de permanente desafio, suportados por uma forte componente e dimensão humana, onde as tradições e valores intrínsecos a esta Brigada, ao longo da sua existência, se constituíram nos pilares das capacidades únicas de uma Força Média. Os militares e civis, movidos por uma forte ligação, empenho e dedicação, conseguiram criar a sua própria cultura, a de *Força Blindada de Rodas*, disponibilizando uma Força capaz, credível e de elevada prontidão, mantendo também, uma elevada disponibilidade para as missões de apoio ao desenvolvimento e bem-estar dos Portugueses.

A BrigInt rege-se pela procura da garantia de elevados índices de eficácia e prontidão, e cujos ativos mais valiosos são os Homens e Mulheres que, no dia a dia, contribuem com o seu esforço para o cumprimento da missão desta Grande Unidade. Para tal salientam-se quatro linhas de ação, que pautam o esforço do quotidiano: a atividade operacional e satisfação dos compromissos assu-



midos por Portugal; as missões de apoio civil; a formação e a pertinência da modernização.

A **atividade operacional e compromissos assumidos pelo nosso País**, mais recentemente, através, do empenhamento, no último semestre de 2020, da 5.ª Força Nacional Destacada no Afeganistão, constituída pela *Quick Reaction Force* e *National Support Element*.

O empenhamento de Módulos PANDUR disponibilizados para a *Quick Reaction Force*/MINUSCA, na República Centro-Africana (RCA), bem como a participação de Elementos Nacionais Destacados nos TO do Afeganistão, Espanha (Rota), RCA, Roménia, Iraque, Somália e, ainda, na cooperação na área da Defesa em Timor-Leste, Moçambique e São Tomé e Príncipe.

O início do aprontamento do Agrupamento Mecanizado e do *National Support Element* disponibilizados para a *Very High Readiness Joint Task Force/enhanced* NATO *Response Force* 2022 (VJTF 22) da NATO, com o efetivo de 609 militares. Começou, no presente ano, o período de *stand-up* desta Força, sendo mobilizada a partir do Regimento de Infantaria n.º 13, integrando Forças, Módulos ou militares especializados de todos os restantes Regimentos da Brigada, bem como um Esquadrão de Carros de Combate da Brigada Mecanizada. Salienta-se, ainda, o apron-

tamento dos Módulos de Apoio de Combate, associados à VJTF 22, no âmbito da edificação de áreas de capacidade e de apoio ao treino em território nacional, em particular a mobilização nos Regimentos da BrigInt do Módulo de Engenharia de Combate Médio, no Regimento de Engenharia n.º 3; do Módulo de Defesa Antiaérea, no Regimento de Artilharia Antiaérea n.º 1; do Módulo de Guerra Eletrónica, no Regimento de Transmissões, entre outros.

Impera, também, o desafio da manutenção da prontidão da Companhia de Atiradores Mecanizada de Rodas VJTF 20/eNRF, em período de *stand down*, com uma prontidão de 30 dias, com um efetivo de 160 militares.

Igualmente de relevar, a manutenção da prontidão da Secção Radar de Localização de Armas (Radar AN/TPQ-36) para a NATO *Readiness Initiative*.

Ainda na atividade operacional, mais especificamente no quadro das relações bilaterais entre Portugal e Espanha, irá formalizar-se a 12 de maio, a geminação com a Brigada Galicia VII, dando início a um processo que se prevê que seja profícuo e desafiante nas atividades que se pretende desenvolver no futuro.

Mantém-se, desde 2018, a afiliação do 2.º Batalhão de Infantaria Mecanizado de Rodas à *Multinational Brigade South East*, no âmbito da *Tailored Forward Presence*, e preservada a prontidão dos encargos operacionais dos diversos Regimentos da BrigInt, de acordo com o Plano de Treino Operacional.

As **missões de apoio civil**, que se materializam, na sua essência, nas missões no âmbito do Plano de Apoio Militar de Emergência do Exército e nos apoios efetuados no combate à COVID-19.

A distribuição territorial dos Regimentos da BrigInt, estando implantados de Chaves a Vendas Novas, com a sua área de atuação a corresponder a cerca de 40 % da área territorial continental de Portugal e abrangendo cerca de 45 % da nossa população, releva a importância destes, que se constituem como elementos determinantes na proximidade às populações e autoridades locais, estabelecendo um relacionamento próximo e proporcionando os apoios necessários e solicitados.

No último ano, no quadro do Plano de Apoio Militar de Emergência do Exército, foram rea-

lizadas 1331 patrulhas, em apoio do Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, da Autoridade Nacional de Emergência e Proteção Civil e de diversos municípios, tendo ainda sido empregados quatro Destacamentos de Engenharia no apoio ao combate aos incêndios.

Vivem-se tempos diferentes, marcados pelo esforço do Exército no apoio ao combate à COVID-19, em que a BrigInt não foi alheia, que exigiu de todos uma entrega adicional, mas mantendo sempre as medidas necessárias para preservar o potencial humano e conservar a nossa capacidade de resposta, para cumprir as missões e tarefas atribuídas. A disciplina que carateriza a BrigInt e sua organização, através da plenitude da sua dispersão territorial e capacidade de adaptação às várias solicitações a que tem sido sujeita, surgem como prova da capacidade neste combate pandémico. Ainda no contexto da COVID-19 foram realizados 177 apoios de transporte, destacando a distribuição de equipamentos de proteção individual para diversas instituições; procedeu-se à descontaminação e desinfeção de instalações e viaturas, dos quais se relevam cinco lares e creches e 384 ambulâncias e respetivos tripulantes; foram efetuadas 1030 ações de sensibilização em lares sobre as medidas a adotar para minimizar a propagação da doença; foram constituídas quatro equipas para contribuir para o rastreamento de eventuais infetados, tendo efetuado 86 206 contactos; foram distribuídas mais de 105 500 refeições a pessoas carenciadas; foi prestado auxílio a instituições de solidariedade social e continuaram os apoios a diversas entidades e instituições com a cedência de materiais e equipamentos, incluindo 1174 camas e 48 tendas, empenhando um total de 5222 militares, dos quais 47 na área da saúde e 2041 viaturas. Presentemente, temos quatro equipas a efetuar o agendamento de vacinação da população em geral, já com 27 920 contactos feitos.

A **formação**, e não obstante as interrupções efetuadas por motivos de prevenção da pandemia, manteve a realização dos cursos de formação inicial de Praças, tão relevantes para a manutenção do efetivo das diversas Unidades, Estabelecimentos e Órgãos do Exército e, ainda, dos Cursos de Promoção a Cabo, bem como outros cursos de qualificação ministrados nas Unidades desta Brigada, que renovam e garantem as competências críticas à manutenção da prontidão das Forças e à qualificação dos nossos recursos humanos.

Dada a dispersão territorial da BrigInt existe a possibilidade de cativar a retenção e fixação de militares em diferentes Unidades, próximas das suas áreas de residência, constituindo um capital humano inestimável que permite valorizar e desenvolver um acumular de valor em conhecimento e experiência por maiores períodos de tempo.

A localização geográfica dos diferentes Regimentos da BrigInt tem-se constituído uma mais-valia no sentido de recrutamento, retenção e fixação de militares na sua área de residência e proximidade à população em geral, beneficiando o produto operacional da Brigada.

Embora num contexto diferente de formação, refere-se também a parceria entre a BrigInt e o *Ius Gentium Conimbrigae* (IGC)/Centro de Direitos Humanos da Universidade de Coimbra, materializada em mais uma edição do Curso de Operações de Paz e Ação Humanitária, com a 12.ª edição a se prever que decorra de setembro a novembro deste ano.

Por fim, a **pertinência da modernização** não se limita à moderna e, ainda, atual capacidade de Força Blindada de Rodas, sustentada pelo programa de aquisição da VBR PANDUR II, que permite dotar esta Brigada como uma Grande Unidade de enorme potencial para a componente operacional, provida de um conjunto de viaturas equipadas com tecnologia de vanguarda. Novos desafios se deparam com a continuação da implementação dos sistemas aéreos não tripulados, com a adoção e implementação do Sistema de Combate do Soldado, com a atribuição de novo armamento e Módulo de identificação de alvos, bem como na implementação do *Battle Management System*.

Importa salientar, em jeito de conclusão, que de tudo o que foi referido é nos recursos humanos que a BrigInt tem o seu ativo mais importante, através do qual tem mantido o culto das tradições, dos valores da instituição e do Espírito de Corpo.

As linhas orientadoras visam o incremento desde o apoio à formação até à efetivação do treino operacional.

A dispersão territorial das suas Unidades permite alimentar e manter, além do mencionado, uma excelente colaboração com entidades externas, harmonizando, sempre que possível, os interesses do Exército com as necessidades das instituições. ⅄Ε

> **"Foram anos de árduo trabalho, de permanente desafio, suportados por uma forte componente e dimensão humana, onde as tradições e valores intrínsecos a esta Brigada, ao longo da sua existência, se constituíram nos pilares das capacidades únicas de uma Força Média."**

Plataforma dos 600 metros do eixo da Carreira de Tiro n.º 1. Tiro de espingarda (início do século XX)

Tapada Militar de Mafra – Escola das Armas

A conjugação da natureza com a formação e o treino militar num espaço ímpar, pleno de significado histórico e castrense

Texto : Cor Tir Inf Mário **Álvares** | 2Cmdt da EA
Fotografia : Escola das Armas

A Tapada Militar de Mafra (TMM) integra o Real Edifício de Mafra, património mundial da UNESCO desde 7 de julho de 2019, constituído pelo Palácio, Basílica e Convento de Mafra, pelo Jardim do Cerco, pela Tapada Nacional de Mafra e pela TMM.

As Tapadas sempre tiveram interesses de exploração distintos. A TMM foi inicialmente destinada ao desenvolvimento agroflorestal, à produção cavalar e, a partir do século XIX, à formação e ao treino militar. Já a Tapada Nacional de Mafra foi projetada para a preservação do património

"A Tapada Militar de Mafra foi inicialmente destinada ao desenvolvimento agroflorestal, à produção cavalar e, a partir do século XIX, à formação e ao treino militar."

cinegético, tendo sido palco em 1750 das primeiras caçadas, tendência que se repetiu pelos reinados seguintes até à implantação da República em 1910[1].

A tendência de utilização para fins militares de partes do Real Edifício de Mafra, marcada entre 1807 e 1811 pelo contributo das duas Tapadas para o esforço defensivo das *Linhas de Torres* com cinco fortes/redutos defensivos, foi reforçada em 1809 com a criação do Depósito de Recrutas de Infantaria de Mafra nos espaços conventuais[2].

Embora, em 1840, a TMM tenha sido adaptada para *quinta modelo* pelo Rei Dom Fernando II, orientando-a para a experimentação e desenvolvimento de novas práticas agrícolas, silvícolas e de criação cavalar[3], a atribuição da administração da Tapada Militar, em 1847, ao Intendente das Cavalariças Reais marcaria em definitivo o interesse da sua utilização para fins militares, tendência que seria mais tarde reforçada com a passagem por Mafra do Real Colégio Militar, entre 1848 e 1859 e de 1870 a 1873, e com a criação da Escola Prática de Infantaria e Cavalaria, em 1877.

Na verdade, o final do século XIX e o início do século XX marcaram em definitivo a presença militar em Mafra, nomeadamente nos espaços conventuais e na TMM, tendência que se preserva atualmente com a Escola das Armas[4].

Mantendo os equilíbrios entre o interesse militar e agroflorestal, a TMM procura hoje reafirmar alargar essa ambivalência.

Com os seus 360 hectares e apesar de não possuir áreas florestais semelhantes à Tapada Nacional de Mafra, a TMM é um espaço único na Área Metropolitana de Lisboa.

Consciente desta importância, a Escola tem levado a efeito o lançamento de inúmeras iniciativas que concorrem para a preservação, rentabilização e divulgação deste importante património.

Dando continuidade ao Plano de Gestão Florestal para a TMM, aprovado em 2007, pelo Instituto de Conservação da Natureza e Florestas[5] para um período de vinte anos (2006 a 2026), centrado na subdivisão da mancha florestal da Tapada para a proteção e conservação do solo ou produção de bens transacionáveis, como madeira, cortiça ou pinhão, foi criado, em 2019, o **Plano de Manutenção e Limpeza da TMM**. Este plano, que será revisto no final do terceiro trimestre de 2022[6], está direcionado para a limpeza de áreas com um número excessivo de resinosas e matagais densos e de pontos de água (aquedutos, fontes, chafarizes, poços ou mães d´água), para a beneficiação da rede estradal, e para a criação de faixas de contenção enquanto parte das medidas de defesa da floresta contra incêndios.

Volvidos cerca de sete meses, desde a sua implementação, foram limpos cerca de 25 hectares de floresta (até final do ano está prevista a limpeza de mais 40 hectares), apropriados cerca de 10 quilómetros de itinerários e recuperados inúmeros pontos de água.

Vista panorâmica da Tapada Militar de Mafra

Percurso do Guia dos Caminhos da Tapada Militar

Já em 2020, relacionado com o plano de manutenção da Tapada, a Escola desenvolveu o **Plano de Gestão Silvícola orientado para espécies exóticas de crescimento rápido,** como o *Eucaliptus globulus*. O plano possibilitou a identificação de nove áreas de gestão, estando previsto até ao final de junho o corte de cerca de cinco hectares de eucaliptos, iniciativa que, além de se constituir como retorno financeiro, concorre para a gestão florestal da Tapada e para a diminuição dos riscos de incêndio florestal.

Entretanto, fruto das recomendações resultantes da classificação da Tapada como Património Mundial da Humanidade, a Escola lançou, ainda este ano, o **Plano de Demolições de infraestruturas espúrias ou devolutas** existentes na TMM. Na verdade, nas Recomendações da Decisão 43 COM 8B.30, de 7 de julho de 2019, do Comité do Património Mundial da UNESCO, é referida a necessidade de identificação de elementos que sejam considerados espúrios e passíveis de demolição por serem provisórios, de má qualidade ou que não correspondem a uma intervenção compatível com os elementos patrimoniais em presença. Este plano, que concorreu para essa identificação, permitiu reconhecer 23 infraestruturas que se enquadram nesta tipologia de edificações.

A par desta realidade e do esforço já colocado na modernização das infraestruturas de apoio à formação existentes na TMM, em alguns casos alvo também de planos dedicados - como o

Chafariz Novo, datado de 1835

"...desde o ano de 2013, tem vindo a ser sucessivamente aprofundado o conhecimento na área da proteção de infraestruturas, nos domínios concetual, de engenharia e desenvolvimento experimental."

Prova de Marcha-Corrida (MARCOR) no âmbito do Tirocínio para Oficial de Infantaria de 2021. Percurso dos Plátanos junto à *Horta dos Frades*

Plano para a Recuperação e Manutenção das Carreiras de Tiro, de março de 2021 ou o **Plano de Recuperação e Manutenção das Infraestruturas Desportivas**, que será concluído ainda no 1.º semestre de 2021 -, a Escola vem procurando rentabilizar a Tapada para a prática recorrente de atividades desportivas e de lazer, iniciativa que se traduziu na elaboração do ***Guia dos Caminhos da Tapada Militar***. Além de se constituir como base documental de alguns percursos para a realização de passeios e corridas pedestres, passeios em bicicleta, passeios a cavalo e prática de orientação pedestre, o guia, através de mapas e pequenas memórias descritivas, reúne informação sobre a riqueza florestal e histórica da TMM, como o Forte do Juncal, a sua flora ou o sistema de abastecimento de água ao Palácio de Mafra.

Este esforço de planificação e de gestão concorre para a afirmação de uma Escola moderna, com preocupações muito claras na preservação da floresta e da sua história, conjugando e rentabilizando habilmente as responsabilidades subjacentes à sua missão. Todavia, a manutenção da TMM e de todos os seus espaços de formação e lazer continuarão a exigir rigor e critério na concretização destes planos e dos que venham a ser desenvolvidos, fornecendo diretrizes claras, capazes de promover um verdadeiro conceito de manutenibilidade, reduzindo custos e melhorando a utilização dos equipamentos e recursos humanos que esta ambição comporta. ⅀

---

[1] Lopes, Luiz (2019). *Real Edifício de Mafra* (relatório do estado de aplicação das recomendações constantes na Decisão da UNESCO de 7 de julho de 2019). Mafra.
[2] Ribeiro, Pedro (2012). *Escola Prática de Infantaria. 125 Anos a Moldar o Futuro*. Mafra: Escola Prática de Infantaria, p. 29.
[3] Lopes, Luiz (2019).
[4] A Escola das Armas foi criada em 2013, agregando missões e valências da Escola Prática de Infantaria, do Centro Militar de Educação Física e Desportos, e das restantes Escolas das Armas de: Artilharia, de Vendas Novas; Cavalaria, de Abrantes; Engenharia, de Tancos e Transmissões, do Porto.
[5] O plano tem como principal objetivo a necessidade de compatibilizar objetivos e interesses ambientais, económicos e sociais, de modo a garantir a sustentabilidade da Tapada e a sua aplicação como área de instrução militar. Os principais objetivos do plano são a reflorestação da área ardida em 2003 e a beneficiação de áreas não ardidas, a manutenção das redes de pontos de água, a manutenção da rede viária florestal, a gestão sustentável da área florestal, e a sistematização da estratégia de defesa da floresta contra incêndios.
[6] Nessa revisão, além da avaliação relativa aos trabalhos de campo já realizados e da análise à consolidação de capacidades de limpeza/manutenção agroflorestal da Escola (recursos humanos, viaturas e equipamentos), dever-se-ão projetar os cronogramas de desenvolvimento de limpeza/manutenção e reflorestação para 2024, 2025 e 2026.

"...a contribuição do Exército Português para o esforço de defesa reveste-se da maior importância e encontra-se enraizado num dos Projetos mais antigos e significativos no seio da cooperação. Referimo-nos ao Projeto das Forças Especiais Angolanas."

[Angola]

A Assessoria Militar às Forças Especiais Angolanas

O contributo do Exército Português para a formação, acompanhamento e apoio à reestruturação, criação e implantação das estruturas necessárias ao enquadramento e operação destas Forças

Texto : TCor Inf Cmd Moutinho **Fernandes** | Projeto 1/OE5 - Forças Especiais - CDD Angola

O Contexto

A Cooperação no Domínio da Defesa (CDD), resultante das relações bilaterais com os países amigos e lusófonos, continua a afirmar-se e a assumir uma dimensão e uma dinâmica muito próprias no quadro das missões cometidas às Forças Armadas, no âmbito da política externa de defesa.

No que a Angola diz respeito, esta cooperação que firmamos assenta na execução técnica de Projetos, inseridos num Programa-Quadro, do Minis-

tério da Defesa Nacional atribuído aos Ramos, coordenado pela Direção-Geral de Política de Defesa Nacional, à qual compete o planeamento, acompanhamento e avaliação da sua execução. No âmbito da cooperação com Angola, a contribuição do Exército Português para o esforço de defesa reveste-se da maior importância e encontra-se enraizado num dos Projetos mais antigos e significativos no seio da cooperação. Referimo-nos ao Projeto das Forças Especiais Angolanas.

Este é um projeto que se desenvolve em campos distintos, que vão da formação aos mais diferentes níveis (quer em território angolano quer em Portugal), à assessoria, ao apoio à reestruturação, criação e implantação das estruturas necessárias ao enquadramento e atuação de uma Força deste tipo, garantindo a formação de especialistas nas diversas áreas e valências das Forças Especiais, de forma a manter um produto operacional qualificado para o cumprimento de missões reais, com elevada prontidão, apto a operar em todo o espectro de missões e cenários.

Cerimónia de abertura do ano de formação

Após a independência, as Forças Armadas de Angola sentiram a necessidade de criar Unidades de Tropas de Intervenção, resultando, a partir de 1983, na formação de Forças com a denominação de Comandos, que viriam, ao longo dos anos, a conhecer várias restruturações e designações na estrutura das Forças Armadas de Angola, culminando com a criação da Brigada de Forças Especiais, em Cabo Ledo, em novembro de 2004, tendo organicamente, na sua dependência, todas as tipologias de Forças Especiais.

A Assessoria às Forças Especiais angolanas, no âmbito da cooperação militar com Portugal, iniciou-se em maio de 1994 e, ao longo destes últimos 27 anos, tem vindo a exercer uma ação determinante no apoio à organização e planeamento do processo de formação e treino operacional destas Forças.

A operacionalização da missão de cooperação com as Forças Especiais assenta no cumprimento de um conjunto de atividades que visa assessorar as áreas organizacional, funcional e de normalização, e apoiar a planificação, programação do treino operacional e da formação ministrada, quer através da sua entidade primariamente responsável - Direção de Forças Especiais; quer das suas Subunidades operacionais, pertencentes à Brigada de Forças Especiais; quer na Escola de Formação de Forças Especiais. Ao longo dos anos, as Forças Especiais têm consolidado a sua formação e treino em determinadas valências, capacidades e áreas técnicas, comuns às exigências de especialização e flexibilidade deste tipo de Forças, fundamentais para a manutenção do produto operacional qualificado, numa perspetiva de longo prazo.

Paralelamente, têm tido um forte empenhamento em atividades de treino operacional e em exercícios, quer internamente, quer com Forças congéneres estrangeiras, nos quais a elevada eficiência demonstrada, através das diferentes capacidades que detêm, coloca-as ao nível das melhores Forças desta tipologia, creditando-as como Forças de referência no contexto regional, contribuindo para a afirmação do país.

Aproximando-se o termo da vigência do atual Programa-Quadro 2018-2021, importa fazer o balanço das atividades realizadas, tendo presente a cooperação como uma via de dois sentidos, com benefícios para ambas as partes, bem como os fatores exógenos que afetam o seu desejável desenvolvimento.

É determinante a continuidade na manutenção e fortalecimento dos laços criados entre as Forças Especiais dos dois países, que se traduz neste exemplo de sucesso. Importa valorizar e reforçar este relacionamento, que vai muito além da quantificação dos objetivos formulados.

É também importante que se verifique um re-

Insignias das Forças Especiais angolanas

força da execução das assessorias técnicas temporárias, afetadas pela situação de pandemia, assim como das vagas atribuídas no Programa de Ensino e Formação em Portugal, como vetor de atualização e desenvolvimento de valências e capacidades fundamentais no processo de transformação e consolidação.

Importa considerar que os Programas-Quadro futuros sejam concebidos para períodos mais reduzidos ou com mecanismos que possibilitem ajustamentos em função de condicionamentos e fatores externos que possam surgir, assim como tornem possível a criação das condições que permitam a participação conjunta das Forças Especiais de ambos os países em missões de paz e humanitárias, dando sequência ao previsto no Acordo de Cooperação no Domínio da Defesa, de outubro de 1996.

As Forças Especiais são ativos valiosos e únicos que levam tempo, esforço e investimento para desenvolver e manter.

Desta forma, e neste contexto de cooperação, é também indiscutível a afirmação da relevância desta assessoria e o contributo para o reforço da imagem do Exército, das nossas Forças Armadas e de Portugal. ⅀

Tukubama Tukala
(“estamos juntos e prontos para o dever”)

“A assessoria às Forças Especiais angolanas, no âmbito da cooperação militar com Portugal, iniciou-se em maio de 1994 e, ao longo destes últimos 27 anos, tem vindo a exercer uma ação determinante no apoio à organização e planeamento do processo de formação e treino operacional destas Forças.”

Treino de tiro

[Lisboa]

Tenente-General Chito Rodrigues

Presidente da Liga dos Combatentes

A Liga dos Combatentes, instituição sem fins lucrativos, fundada para apoiar, honrar e defender os combatentes da Grande Guerra e suas famílias está prestes a completar o seu primeiro centenário. Ao longo deste foi adaptando-se à mudança dos tempos, alargando o âmbito dos seus apoios e captando novos sócios, continuando, assim, a justificar a sua inegável utilidade pública e existência, presente e futura.

Nesta entrevista, o Tenente-General Chito Rodrigues, distinto e multifacetado militar, que nos últimos dezassete anos tem sido o Presidente da Liga, dá-nos a conhecer melhor esta instituição, apresentando uma síntese da sua atividade recente e falando-nos dos seus objetivos atuais, mas orientados para o futuro.

Texto : Cor Cav António **Marcos de Andrade** | Diretor do JE

Diretor do Jornal do Exército (JE): O meu Tenente-General tem uma longuíssima e extraordinária carreira militar. Poderia revelar-nos um pouco do seu percurso militar até esta sua função como Presidente da Liga dos Combatentes (LC)?

Tenente-General Chito Rodrigues (TGen C. Rodrigues): A pergunta que me faz suscita-me alguns momentos de reflexão. Começo por lhe dizer que não haverá vida militar que não seja influenciada pela vida civil e pela vida familiar de cada um. No que me diz respeito sinto-me realizado e feliz ao refletir sobre cada uma dessas minhas vivências. Assim, recordo que, ainda jovem Tenente, como instrutor da Academia Militar, onde, pela primeira vez, senti poder trabalhar com a máxima liberdade e a consequente máxima responsabilidade, acabei por produzir o meu primeiro livro, em 1961, início da guerra em Angola, intitulado *Combate Corpo a Corpo* e que serviria de apoio a muitas gerações de militares. Como Capitão, esse sentimento de *upgrade* surgiu-me em 1962, ao receber 200 homens, para escolher 150 e com eles formar uma Companhia de Caçadores Especiais, chegando ao fim com a certeza de que estavam bem diferentes e me obedeceriam e seguiriam.

Quando, já como Brigadeiro Diretor do Serviço de Informações Estratégicas de Defesa e Militares, contribui decisivamente para o sucesso dos processos de paz em Angola e Moçambique e para a libertação de vários cidadãos, portugueses e estrangeiros, detidos pelos movimentos em guerra civil naqueles países, senti que o Serviço tinha atingido objetivos militares, políticos e humanitários que lhe garantiram prestígio nacional e internacional.

Enfim quando, como General Comandante da Instrução, elaborei os Planos *Charlie* ou, como Diretor do Instituto de Altos Estudos Militares, reformulei os cursos e os planos de visitas ao estrangeiro, dando aos cursos de Estado-Maior a possibilidade de visitarem as Forças Armadas do Brasil e de Israel, em vez da tradicional visita a Bruxelas. Em termos militares e já na reforma, não posso deixar de assinalar a minha Presidência da LC, há dezassete anos, com eleições sucessivas, num trabalho voluntário do qual me orgulho, em permanência e sem qualquer retribuição que não seja o sentimento de um dever cumprido ao serviço dos combatentes e famílias, honrando os mortos e lutando pela dignidade dos vivos.

> **"O futuro constrói-se. Todas as ações a realizar pela Liga no presente têm de ter como objetivo contribuir para garantir o grande objetivo a longo prazo: a perenidade da Liga."**
>
> **[Tenente-General Chito Rodrigues, Presidente da LC]**

Como complemento da vida militar gostaria de assinalar as funções de Governador em exercício do território de Macau e a honra de ter sido convidado para Professor Convidado do Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica.

Igualmente, durante toda a minha vida dediquei muita atenção ao desporto, nomeadamente à esgrima, quer como atleta quer como dirigente, tendo sido atleta olímpico e Presidente da Federação Portuguesa de Esgrima e da Confederação Europeia de Esgrima.

A resposta que dou a mim mesmo é que se voltasse atrás voltaria a fazer tudo de forma idêntica. O enriquecimento moral obtido é extraordinariamente compensador.

JE: Como está estruturada a LC, Sede e Núcleos Regionais? Quantos são os Núcleos e no estrangeiro também há representações?

TGen C. Rodrigues: A LC é uma instituição centenária nascida no pós-Grande Guerra para apoio dos combatentes e famílias. É uma instituição de utilidade pública, sem fins lucrativos, de administração autónoma do Estado, sob tutela do Ministério da Defesa Nacional. A LC está organizada em Órgãos de Direção, Órgãos de Apoio e Núcleos. Nos Órgãos de Direção distinguimos a Assembleia Geral, o Conselho Supremo (CS), a Direção Central (DC) e as Direções dos Núcleos. Tem como Presidente de Honra do CS, Sua Excelência o Presidente da República e como Vogais de Honra o Ministro da Defesa Nacional e os Chefes de Estado-Maior dos Ramos das Forças Armadas, e é constituído, no máximo, por 17 elementos. A DC com um Presidente, apoiado por dez elementos, dirige e coordena a atividade de 106 Núcleos em território nacional e 14 no estrangeiro. A DC da Liga e as Direções dos Núcleos são eleitos para mandatos de três anos, em Assembleia Geral. Além dos Núcleos, a Liga dirige Estruturas Sociais, de Saúde e Culturais.

Somos grandes, mas podemos, ainda, ser maiores com a vossa adesão.

JE: Quais são as grandes áreas de intervenção da LC, do ponto de vista social e outros?

TGen C. Rodrigues: A LC tem como objetivos fundamentais a promoção da História e dos Símbolos Nacionais, principalmente junto dos jovens, a solidariedade e o apoio mútuo para com os combatentes carenciados e famílias, a cooperação com os órgãos de soberania para cumprimento dos seus objetivos e a criação de departamentos de ensino, culturais e de saúde.

Para cumprimento destes objetivos definimos seis Programas Estratégicos e Estruturantes (PEE) que sintetizam as atividades prioritárias

"A Liga dos Combatentes tem como objetivos fundamentais a promoção da História e dos Símbolos Nacionais, principalmente junto dos jovens, a solidariedade e o apoio mútuo para com os combatentes carenciados e famílias, a cooperação com os órgãos de soberania para cumprimento dos seus objetivos e a criação de departamentos de ensino, culturais e de saúde."

[Tenente-General Chito Rodrigues, Presidente da LC]

da LC, nomeadamente: Plano Liga Solidária; o Plano Cuidados de Saúde; o Plano Conservação das Memórias; O Plano Cultura, Cidadania e Defesa; o Plano Inovação e Modernização e o Plano Passagem de Testemunho. Estes programas estão devidamente identificados no livro recentemente publicado: *Visão Estratégica e Objetivos. Contributos para o Primeiro Quartel do Segundo Centenário* (2020).

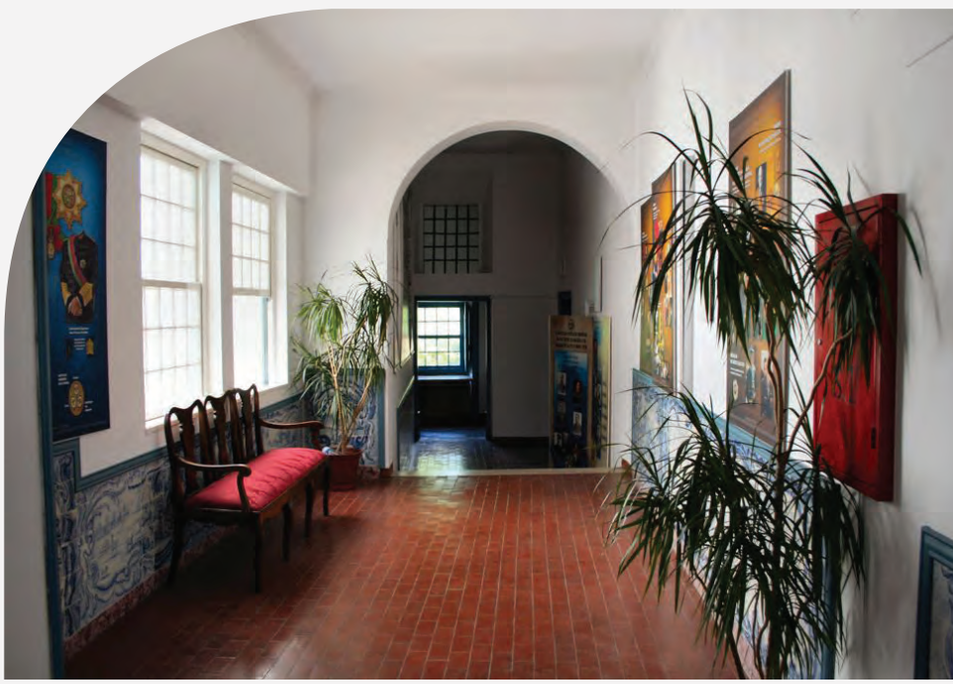
JE: Temos a perceção de que a LC está muito virada para o apoio aos antigos combatentes da última Guerra do Ultramar, mas não só. Os militares que, desde o ano 1993, participaram em missões de cooperação militar e nas operações de paz (Bósnia e Kosovo, entre outras) também têm o apoio da LC?

TGen C. Rodrigues: A LC está vivendo em 2020 o último ano do seu primeiro centenário. Durante toda a sua vida apoiou os militares e famílias que, como seus membros, serviram o País, nomeadamente no cumprimento de missões de Defesa Nacional fora do território nacional. Assim aconteceu na Grande Guerra, na 2.ª Guerra Mundial com as Forças Expedicionárias nos territórios ultramarinos, na Guerra do Ultramar e agora nas Operações de Paz.

Os nomes de vinte militares caídos nas Operações de Paz constam já de uma lápide no monumento em Belém, junto às lápides dos que caíram na Guerra do Ultramar. A LC já apoia militares das Operações de Paz com *stress* pós-traumático, além de outros tipos de apoio à saúde e apoio social.

JE: A LC tem feito um trabalho muitíssimo louvável no que respeita a obter campas condignas ou à transladação dos restos mortais de antigos combatentes caídos na defesa da Pátria, nos antigos territórios ultramarinos. O Sr. Tenente-General pode-nos falar um pouco sobre esta relevante missão da LC?

TGen C. Rodrigues: Como já referi anteriormente, a LC, tradicionalmente, sempre se dedicou a garantir a dignificação dos lugares onde se encontram inumados militares caídos ao serviço de Portugal, criando, mesmo, nos cemitérios nacionais os chamados Talhões da Liga dos Combatentes, primeiro com os combatentes da Grande Guerra e depois da Guerra do Ultramar. Com a criação em 2005 de um plano global de dignifi-



cação dos lugares no mundo onde se encontram inumados militares caídos ao serviço de Portugal, criamos para nós próprios, uma missão ciclópica que ninguém, ainda, havia levantado. Orgulhamo-nos do que já foi possível fazer em África, na Europa e na Ásia. Temos a plena consciência da dificuldade de manutenção do que já foi feito e do que falta fazer, bem como dos meios humanos e financeiros necessários.

Mereceu a pena o esforço já realizado o qual não só proporcionou dignificação de espaços, como possibilitou a trasladação de combatentes. Têm sido membros da DC que, pessoalmente, tem conduzido estas operações no terreno, com extraordinário voluntarismo, dedicação e sacrifício pessoal.

JE: A LC, durante o ano civil, tem três datas evocativas de grande relevo e em que tem um papel muito particular. Refiro-me ao 9 de Abril, da Batalha de La Lys na Flandres em 1918; o 10 de Junho, Dia de Portugal e o 11 de Novembro, data do Armistício da Guerra 1914-1918. Há mais alguma data que eu não esteja a referir e em que a LC tem uma participação ativa?

TGen C. Rodrigues: De facto, a LC tem as datas que referiu como datas formadoras e fundadoras da sua própria identidade. Somos a única instituição que há quase um século vem celebrando o Dia do Combatente, a 9 de abril e o Dia do Armistício e, desde há alguns anos, também o Dia do Fim da Guerra do Ultramar, a 11 de novembro.

Mas eu assinalo, ainda, mais duas datas igualmente importantes.

O dia 2 de novembro, Dia de Finados, em que a LC promove em todo o País e no estrangeiro cerimónias de homenagem aos combatentes caídos por Portugal, quer colocando flores nos monumentos que lhe são dedicados, quer na ida aos cemitérios onde os mesmos se encontram.

A outra data que, há já anos, ultimamente com o apoio das Forças Armadas e das Forças de Segurança, integrou os nossos dias festivos é o 29 de Maio. Dia que a ONU definiu como Dia dos Capacetes Azuis e que nós passamos a adotar, alargando para o Dia das Operações de Paz e Humanitárias. Acontece que há dois anos foi nesse dia inaugurado o monumento às Operações de Paz em Belém, junto ao monumento aos Combatentes do Ultramar.

JE: A LC tem uma revista oficial – *Combatente* – uma publicação similar ao nosso *Jornal do Exército*. Qual a importância desta revista e o seu alcance?

TGen C. Rodrigues: A revista *Combatente* é para nós um ponto importante de contacto com os nossos sócios. Estes têm características muito diferenciadas, cobrindo todas as camadas da sociedade portuguesa e é fundamental que interesse a todos. Não é tarefa fácil, mas procuramos produzir uma revista de interesse geral. Julgamos ser a revista com assuntos de interesse militar de maior divulgação (50 000 exemplares). Temos um *site* e três páginas no *Facebook*, mas a LC não prescinde da revista *Combatente*, meio de comunicação que considera estar ao alcance de todos e bem aceite por todos.

JE: E o futuro, meu Tenente-General, quais os grandes desafios para esta instituição tão relevante para todos os militares, antigos e atuais, e para Portugal?

TGen C. Rodrigues: O futuro constrói-se. To-

das as ações a realizar pela LC no presente têm de ter como objetivo contribuir para garantir o grande objetivo a longo prazo: a perenidade da LC.

O que penso está descrito no recente livro que publiquei intitulado *Visão Estratégica e Objetivos. Contributos para o Primeiro Quartel do Segundo Centenário*.

Os dirigentes de 350 passaram a 690 e os funcionários de 30 para 120; mais cerca de 40 000 novos sócios ; de 52 monumentos erguidos relativos à Guerra do Ultramar passámos para 402 monumentos; de zero centros de apoio à saúde para 11 centros de apoio médico, psicológico e social; de zero residências para a terceira idade para duas residências, uma creche e um jardim de infância; em Belém, foi criado o Museu do Combatente, erguida uma capela, um memorial ao Soldado Desconhecido do Ultramar, erguido o monumento às Missões de Paz e dado o nome do fundador da LC ao Passeio João Jaime de Faria Afonso, dando ao espaço um interesse histórico abrangente, o qual com a Torre de Belém, concentram em duzentos metros quinhentos anos de História.

O futuro, portanto, está nas nossas mãos e passa muito pelo apoio que as Forças Armadas e de Segurança derem à LC. Vivemos um período de novas características históricas. O universo dos membros da LC será encontrado, no futuro, nos combatentes das Forças Nacionais Destacadas, nos membros dos três Ramos das Forças Armadas, nas Forças de Segurança, nos familiares de todos eles e nos cidadãos que se revejam nos seus objetivos.

Desses objetivos, além da promoção da História e dos Símbolos Nacionais principalmente junto da juventude (como importante seria todos cadetes e alunos da Academia Militar e da Escola de Sargentos serem membros da LC e ser efetivo um delegado da LC em todas as Unidades) e continuar a promover a solidariedade e o apoio mútuo, em especial junto dos membros mais desfavorecidos, importa alargar a sua missão, como o tem feito, à luta pela erradicação da pobreza, ao apoio à manutenção da Paz e à Defesa dos Direitos Humanos, aliás na linha da Federação Mundial dos Antigos Combatentes. Objetivos tão perenes que garantem a justificação de pertença a uma instituição que pratica e defende os mesmos valores das Forças Armadas e são dela uma continuação natural.

Sublinho que o atual estatuto da LC (alínea d, n.º 2 art.º 5.º) estabelece que cidadãos que em território nacional desempenhem missões de segurança em estado de sítio ou de emergência são admitidos como sócios combatentes. Esta disposição abrange, entre outros, elementos dos serviços de saúde, Forças de Segurança, Proteção Civil e Forças Armadas. Novos heróis, novos sócios combatentes. É importante divulgar este aprofundamento da nossa abrangência.

Enfim, o sonho da LC é o sonho dos seus membros: a garantia da sua perenidade.

Não quero terminar sem agradecer profundamente ao *Jornal do Exército* e ao seu Diretor, em meu nome e da LC, a oportunidade que nos deu de transmitirmos aos militares de hoje, quem fomos, o que somos e queremos continuar a ser, pelo que os convido a tornarem-se membros da LC. Também agradeço ao Exército todo o apoio que sempre deu e vem dando à LC. JE

Protocolo Santander Totta

Um acordo que vale vantagens

No Santander Totta queremos ter uma relação privilegiada com os nossos clientes através dos Protocolos Colectivos. Por isso, criámos condições muito vantajosas para si!

Santander Totta

santandertotta.pt

[Lisboa]

Assistente Operacional Sandra Azevedo

"Além do apoio administrativo, colaboro com o Serviço das Coleções Digitais, efetuando a digitalização de livros e documentos [e] (...) preparo, igualmente, os conteúdos digitais necessários para responder a pedidos de pesquisa de leitores e investigadores."

[Assistente Operacional Sandra Azevedo]

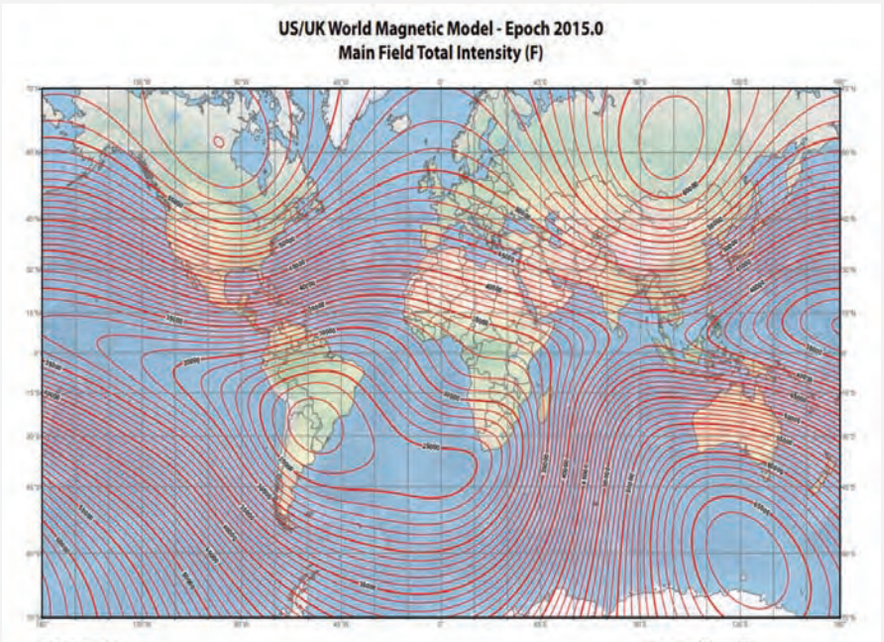
A Assistente Operacional Sandra Azevedo contou a sua experiência ao serviço do Exército Português, nos seus 27 anos de serviço

"Iniciei o meu percurso nas Oficinas Gerais de Fardamento e Equipamento (OGFE), em 1994. Comecei por exercer funções nos Serviços Sociais, no infantário, como Vigilante Infantil. Passados cinco anos passei a prestar serviço no bar dos funcionários - gerido pela Casa do Pessoal das OGFE - com a categoria de Ajudante de Caixeira. Em 2006, por necessidade do serviço, uma vez que já exercia funções na categoria de Caixeira, fui colocada no Centro Comercial das OGFE, no 4.º piso, nas secções de Confeção, Sapataria e *Lingerie*. De janeiro de 2014 até novembro 2016 estive colocada na Manutenção Militar como Assistente Operacional, voltando a desempenhar funções no infantário. Desde dezembro de 2016 estou na Biblioteca do Exército. Atualmente, além do apoio administrativo, colaboro com o Serviço das Coleções Digitais, efetuando a digitalização de livros e documentos, de que resultam as imagens para arquivo em Tiff a 300 DPI, a partir das quais se preparam os PDF, com OCR, para visualização na Biblioteca Digital do Exército e daí noutras plataformas de conteúdos digitais, como o Portal Europeu da Cultura (EUROPEANA) e a Biblioteca Digital Luso Brasileira. Preparo, igualmente, os conteúdos digitais necessários para responder a pedidos de pesquisa de leitores e investigadores. Sinto-me bastante realizada com o desempenho das funções que executo. Com o meu trabalho contribuo para a divulgação e valorização da História e da Cultura Militar do Exército, tornando-a acessível a pessoas que estejam em qualquer parte do mundo. Contudo, pretendo adquirir novas competências que me permitam progredir na carreia e desempenhar funções de maior relevância, designadamente na área das tecnologias da informação e que, ao meu nível, favoreçam o caminho para a transição digital, através da promoção do acesso à informação na *web*." JE

[Estados Unidos da América]

Campos Magnéticos Terrestres

Uma Alternativa aos Sistemas de Navegação Atuais



Mapeamento do campo magnético

Texto : Cor Cav **Marcos de Andrade**

Os sistemas de navegação são capazes de estabelecer as coordenadas de um dada posição no planeta terrestre.

No nosso quotidiano é familiar o termo GPS[1]. Trata-se de um sistema de navegação que foi desenvolvido pelos Estados Unidos durante a década de 70 e que permaneceu durante alguns anos como o único recurso fiável para o fornecimento de posições geográficas em redor do globo terrestre. Depois, outros sistemas surgiram, tais como: o GLONASS[2] da URSS; o Galileo da União Europeia; o BeiDou-2 da China e o IRNSS[3] da Índia.

Todos estes sistemas adotaram uma arquitetura baseada em constelações de satélites artificiais orbitando em redor do planeta, que – em maior ou menor número, com maior ou menor precisão – fornecem o posicionamento geoespacial de um objeto na superfície terrestre. Todos eles assentam no mesmo princípio de funcionamento, em que o processo de obtenção da posição é conseguido por triangulação, utilizando-se, no mínimo, três satélites, que disponibilizam sinais cujo processamento permite determinar a localização (longitude, latitude e altitude) com elevada precisão.

Atualmente, em alternativa a este conceito, fazem-se esforços para encontrar uma outra solução, que não passe pela utilização de satélites artificiais, com custos de lançamento e manutenção elevados e o funcionamento sujeito a interferências radioelétricas. Nesse sentido, pessoal do departamento de Inteligência Artificial da Força Aérea norte-americana, em parceria com o Instituto Tecnológico de Massachusetts, tem vindo a cartografar os campos magnéticos terrestres para efetuar o levantamento de mapas, cuja informação permitirá, quando devidamente processada, identificar a posição de pessoas e objetos no globo terrestre e no espaço que o envolve, sem os problemas anteriormente referidos e com uma precisão que se aproxima daquela que é fornecida pelos atuais sistemas. ع

Fonte : *The Air Force's Latest GPS Alternative: Earth's Magnetic Fields* (https://www.defenseone.com/technology/)

---

[1] *Global Positioning System* ou, em português, Sistema de Posicionamento Global.

[2] *Globalnaya Navigatsionnaya Sputnikovaya* Sistema ou, em português, Sistema de Navegação Global por Satélite.

[3] *Indian Regional Navigation Satellite System* ou, em português, Sistema de Navegação por Satélite Regional Indiano.

[Estados Unidos da América]

Modernização da Viatura *Stryker*

A viatura blindada de rodas com a denominação *Stryker*, em uso no exército dos Estados Unidos, teve o seu desenvolvimento baseado na viatura canadiana LAV III, no final da década de 90 do século passado.

No que diz respeito à sua designação (*Stryker*), esta deve-se ao apelido de dois militares que, a título póstumo, receberam a Medalha de Honra, tendo ambos, Stuart e Robert, falecido em combate, respetivamente na Segunda Guerra Mundial e na Guerra do Vietname.

Já com um longo historial de utilização em cenários de guerra, esta viatura tem vindo a ser utilizada desde 2003, ano em que 311 unidades foram empregadas no Iraque, em diferentes tipos de missões, nomeadamente de contrainsurgência.

Ao longo dos anos, em que tem estado ao serviço, este veículo blindado passou por vários processos de modernização, com base nas observações realizadas nos Teatros de Operações onde tem sido utilizada, nomeadamente Iraque e Afeganistão, na decorrência dos quais foram melhoradas as características relativas à sua proteção, mobilidade e poder de fogo.

Atualmente está em andamento mais um processo de modernização, desta vez relativo aos sistemas de armas que equipam as viaturas *Stryker* com tipologia *Infantry Carrier Vehicle*.

Para o efeito, o exército dos Estados Unidos da América escolheu a empresa *Oshkosh Defense* para atualizar o Sistema de Armas de Calibre Médio, integrando no veículo uma torre Rafael SAMSON equipada com um canhão de 30 mm, modelo XM813, de funcionamento automático.

Viatura Blindada de Rodas, *Stryker*

Fonte : www.defensenews.com/land/2021

A primeira entrega - 91 veículos até dezembro de 2023 – terá um custo aproximado de 130 milhões de dólares (USD) e insere-se num contrato de 942 milhões de dólares (USD), cuja execução a seis anos permitirá modernizar até seis Brigadas equipadas com este tipo de viatura.

Claro Que nunca Esquecerei Nangololo

Um relembrar de memórias doces e de outras muito amargas vividas em Moçambique, no tempo da guerra

Texto: José António **Fernandes Costa** | Ex-Combatente
Mocambique, Batalhão de Caçadores 1937

Em novembro do passado ano de 2020 fiquei muito triste por saber que a histórica missão católica de Nangololo, a segunda mais antiga da atual diocese de Pemba, onde passei cerca de quatro meses da minha vida, tinha sido destruída pelos jiadistas do bárbaro e primitivo movimento islâmico *Al-Shabaab*. E isto faz-me doer o coração, mas também recuperar memórias - umas doces, outras muito amargas – de um já longínquo passado.

"Ambos estivemos mesmo à beira de ir para o outro mundo... E, naquele dia, nasci de novo..."

[José António Fernandes Costa]

Enquanto estive em Nangololo praticamente não saía do aquartelamento. Apenas para ajudar a fazer a segurança a colunas que vinham de ou iam para Mueda. Participei, também, em duas ou três saídas noturnas para patrulhamentos direcionados a aldeias próximas.

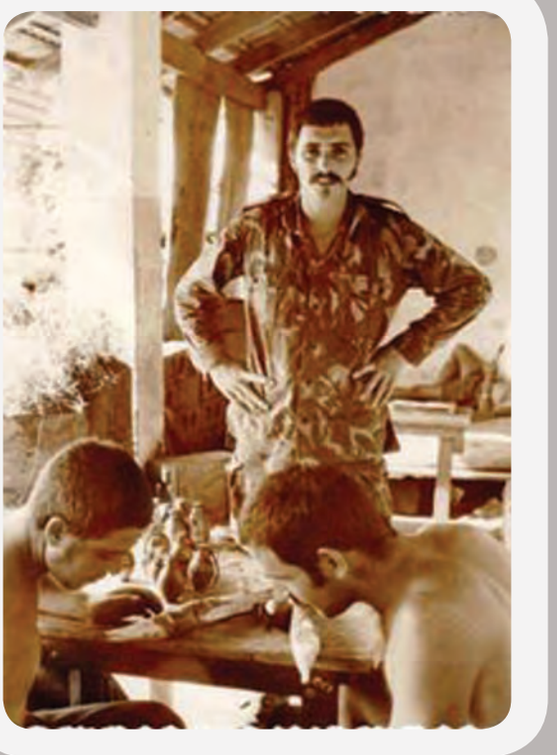
Connosco estavam imensos nativos da etnia maconde que colaboravam com a nossa tropa. Sempre verifiquei que todos eram amáveis e dedicados às suas ocupações.

A Companhia de Comando e Serviços (CCS) do Batalhão de Caçadores n.º 1937, a que eu pertencia, com a especialidade de Sapador de Infantaria, no âmbito das minas e armadilhas, também apoiou um rapazinho maconde, na altura de 7 ou 8 anos, o Tadeu Mandumbwe, que foi encontrado por paraquedistas nossos, sozinho, numa aldeia abandonada. Só se separaram quando o Batalhão deixou Lourenço Marques (Maputo), para regressar à metrópole.

O Tadeu conseguiu estudar e, hoje, é diretor do Departamento de Agricultura e Pescas, sediado em Nacala. De vez em quando, vem a Portugal, em serviço, e sempre que as suas vindas coincidem com os convívios anuais da CCS ele também participa neles. A última vez que nos vimos foi em maio de 2018.

A memória amarga, que muito mudou o meu decurso de vida dali em diante, remonta a 24 de março de 1968, um lindo domingo, cheio de sol. Na manhã desse dia, cerca das 10 horas, fui atirado ao ar com a força da explosão de uma granada-armadilha, que se encontrava no perímetro de segurança do aquartelamento de

Tadeu Mandumbwe com 7 ou 8 anos



O autor em Nangololo

Nangololo (que tinha sido uma missão católica até ao início da guerra, em 1964), no chamado planalto dos Macondes, a cerca de 38 quilómetros de Mueda, no norte de Moçambique

44.

A minha mão direita desapareceu logo. Só via os tendões brancos dos dedos a mexerem-se, pareciam os raios de um polvo, quando é apanhado. Sofri também fratura exposta da tíbia direita, esfacelamento parcial do pé direito, entre outras coisas. Fiquei completamente surdo do ouvido direito. Todo o corpo, dos pés à cabeça, ficou cheio de buracos – uns maiores, outros mais pequenos – provocados pelos imensos estilhaços da granada.

Comigo estava o meu camarada Carlos Couto que ficou imediatamente cego do olho direito, pois ele saltou da órbita, ficando pendurado quase junto à boca. Ficou, igualmente, cheio de estilhaços na zona do abdómen.

Com a explosão da granada, apenas a cerca de 60 centímetros de distância, foi um milagre não termos ficado com os corpos completamente desfeitos. Sorte no meio do azar!!!

Eu nada senti, se bem que não tenha perdido os sentidos. Via-me cheio de sangue e não me podia pôr de pé. Comecei a sentir dores apenas cerca de ¾ de hora a uma hora depois da explosão. Com a ajuda de injeções de morfina elas passaram e eu sentia-me muito bem, parecia até sonhar com coisas agradáveis.

Ambos estivemos mesmo à beira de ir para o outro mundo... E, naquele dia, nasci de novo...

Pouco depois, fomos evacuados de helicóptero para Mueda, num voo muito baixo, a

vista aérea de Nangololo

Primeira esposa do autor, enfermeira Paula Beier

fim de evitar ser abatido pelos guerrilheiros da FRELIMO.

Valeu-nos, no fundo, o apoio que tivemos no local, prestado por outros camaradas e pelo médico e enfermeiros da Companhia, bem como a competência de todo o pessoal de medicina e de enfermagem da clínica de campanha, em Mueda, e pelos médicos e enfermeiros do Hospital Militar de Nampula.

Depois, passei pelo Hospital Militar de Lourenço Marques (hoje Maputo) e pelo anexo em Campolide, do Hospital Militar de Lisboa.

Em agosto de 1968 fui enviado para o Bundeswehrlazarett, em Hamburgo, onde os tratamentos continuaram e iniciei a reabilitação, física e psíquica, a fim de me poder reintegrar na vida do dia a dia.

Devo a todo o pessoal médico e de enfermagem deste hospital militar alemão, hoje denominado *Bundeswehrkrankenhaus*, onde, nos anos de 1968 e 1969, passei – ao todo – cerca de 15 meses internado. Os meus agradecimentos pela grande competência, pelo grande carinho e pela estima e amizade sentidas. Lá salvaram a minha perna direita, que esteve para ser amputada abaixo do joelho, devido a uma grave inflamação no osso da tíbia. Estes aspetos foram decisivos para o reinício da minha vida.

E foi lá que conheci a minha primeira esposa, uma enfermeira daquele hospital militar, a Waltraud Paula Beier, que todos os pacientes portugueses chamavam Paulinha. Com ela vim a casar, em Hamburgo, no dia 24 de março de 1970, precisamente, dois anos depois de ter sido atirado ao ar! Chamamos a isto Ironia do destino.

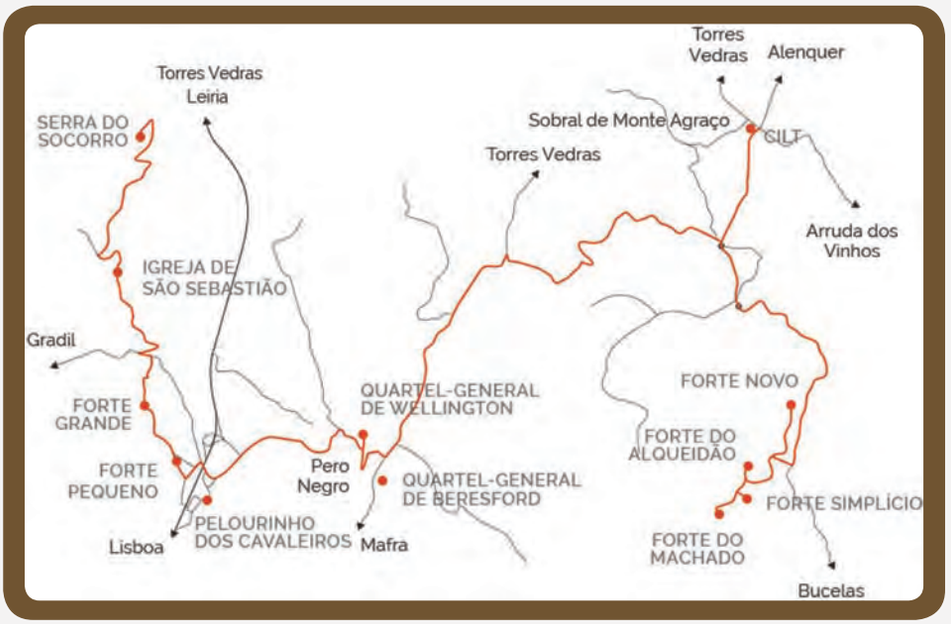
A Waltraud foi a mãe dos meus dois filhos, o Oliver (Wolfgang Oliver) e o Michael (Michael António).

Claro que nunca esquecerei Nangololo. O meu coração ficou, apesar de tudo, ligado também a Moçambique. Quem me dera poder lá voltar, em viagem turística, claro. ع

Evacuação de um ferido

Linhas de Torres Vedras - Percursos

Wellington (Parte I)



Fonte: RHLT

Este é, de todos os seis percursos da Rota Histórica das Linhas de Torres, aquele que nos aproxima mais de Arthur Wellesley (1769-1852), mais conhecido por Wellington, o carismático General, comandante-chefe do exército anglo-luso e mentor das Linhas, que depois de vencer sucessivos generais de Napoleão na Guerra Peninsular derrotou o próprio, em Waterloo, em 1815, pondo um fim definitivo às suas ambições políticas e glórias militares.

O percurso tem início no Centro de Interpretação das Linhas de Torres (CILT), situado na Praça Dr. Eugénio Dias, em pleno centro histórico de Sobral de Monte Agraço. Aqui, logo após a chegada das tropas napoleónicas à região, a 12 de outubro de 1810, teve lugar um dos mais importantes combates que ocorreram junto às Linhas, quando a guarda avançada do VIII Corpo, comandado por Junot, investiu sobre a vila e os postos avançados do exército Aliado aí postados, da 1.ª Divisão de Spencer, e os fez recuar, conquistando a povoação, após várias horas de confronto e uma centena de perdas para ambos os lados. Uma ocupação que só terminou com a retirada francesa das Linhas.

O CILT, dedicado à estratégia e pensamento militares e aos postos de comando e quartéis-generais das Linhas, transporta-nos para aquela época, elucidando sobre estas temáticas, sua aplicação e localização na região e, ao mesmo tempo, prepara-nos para a visita àqueles lugares nos dias de hoje.

Visto o CILT e já munido de todas as informações, que o vão orientar ao longo do percurso, é hora de se fazer à estrada e rumar ao Circuito do Alqueidão, o maior forte das Linhas e também conhecido, precisamente, pela sua dimensão, por Grande Reduto de Sobral ou Forte Grande da Serra e que é o ponto alto deste passeio.

No caminho passa-se pela aldeia de Seramena, também ela palco de outro combate, ocorrido a 14 de outubro de 1810, travado pelas mesmas Forças que se enfrentaram no Sobral, mas com um desfecho diferente. Aqui, os Aliados não cederam e os franceses não ocuparam o povoado.

Percorridos cerca de dois quilómetros após a aldeia, do lado direito da estrada nacional 115, junto de um gerador eólico, encontra uma placa sinalizando o Circuito do Alqueidão. Siga pelo caminho de terra batida e, novamente, virando à direita vai ao encontro do Forte Novo, cujo moinho, com apenas um século, provavelmente terá avistado momentos antes ao circular na estrada. Quanto ao forte, bem mais antigo, foi um dos últimos a ser construído nas Linhas, já depois até

Texto : TSup João **Moreira Tavares**

da retirada dos franceses, para ser um posto avançado e reforçar a defesa da serra de Monte Agraço.

Regresse ao caminho por onde veio e procure o Forte do Alqueidão, ali tão perto. Ao aproximar-se dele encontra o Núcleo de Apoio ao Circuito do Alqueidão, o local ideal para estacionar o carro, descansar um pouco e até para um piquenique.

Retemperadas as forças, avance para o forte pela estrada militar que o serve e aos que lhe são vizinhos e que os ligava à restante rede de itinerários das Linhas, permitindo não só o abastecimento das tropas como a sua rápida deslocação e concentração em qualquer posição ameaçada pelos invasores, conferindo a todo o sistema defensivo fluidez de manobra, vital para o êxito da estratégia Aliada.

A partir do Núcleo também poderá optar por fazer o troço concelhio de Sobral de Monte Agraço da Grande Rota 30 das Linhas de Torres. São cerca de 16 quilómetros que combinam o património histórico com o natural, perfeitos para os praticantes do pedestrianismo ou do BTT*. O mesmo sucede com a Rota dos Moinhos, com 14 quilómetros, que também passa pelo Forte do Alqueidão e zona envolvente.

O forte, com uma área de 32 000 metros quadrados, além de ser o maior das Linhas é também o que fica mais alto, erguendo-se a 442 metros de altitude e domina uma ampla região entre o Tejo e o oceano, que abarca os vales e as zonas de passagem por onde o exército francês poderia tentar penetrar na direção de Lisboa. Situado bem no centro da 1.ª Linha, mas com vista para a 2.ª, é o coração

O CILT de Sobral de Monte Agraço **Fonte:** RHLT

O Forte do Alqueidão **Fonte:** RHLT

deste sistema fortificado único na Europa e não admira, pois, que tenha sido o ponto escolhido por Wellington para o comandar.

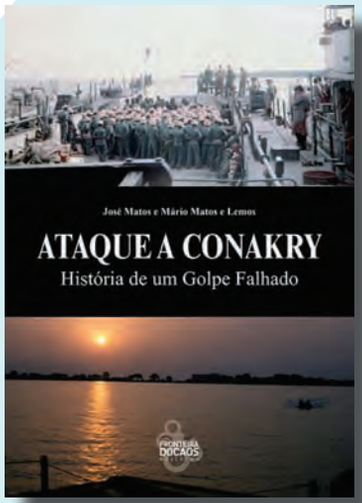
Outras características, nem todas já visíveis, também o diferenciam dos restantes fortes, nomeadamente a existência no seu interior de três redutos, da casa do governador, de cinco paióis, de um poço de água e de um posto semafórico para uso da telegrafia ótica. Era também o único forte guarnecido por tropa de linha, constituída pela Brigada Pack, e por duas Companhias de Artilharia da Vila de Sobral, de ordenanças, excecionalmente criadas para o efeito.

Não saia sem subir ao moderno observatório ali existente e sinta-se como Wellington, senhor das Linhas e de toda a região envolvente e guardião da capital.

Completam o circuito os fortes vizinhos do Machado e do Simplício, aos quais se chega através de pequenos trilhos de terra. Os fortes já referidos juntamente com o do Trinta constituíam o grande entrincheiramento que coroava a serra de Monte Agraço. Ao todo 2600 homens e 44 bocas de fogo defendiam esta importante posição.

Terminada a visita ao Circuito do Alqueidão talvez seja hora de repousar. Um novo circuito, o da Enxara, aguarda-o no próximo número para concluir o percurso de Wellington…

* Vertente do ciclismo que utiliza bicicletas todo-o-terreno



Ataque a Conakry

Na madrugada do dia 22 de novembro de 1970, seis navios de guerra portugueses cercaram Conakry, a capital da República da Guiné, na costa ocidental africana. O objetivo desta invasão era o de promover um golpe de Estado na antiga colónia francesa e derrubar o regime do presidente Sékou Touré, que apoiava os guerrilheiros do PAIGC, que lutavam pela independência da Guiné portuguesa e libertar prisioneiros portugueses que se encontravam detidos em Conakry.
O livro mostra uma nova abordagem, com dados interessantes que condensam alguma da informação mais dispersa que existe sobre este episódio da guerra do Ultramar.

MATOS, José, LEMOS, Mário Matos e, *Ataque a Conakry – História de um Golpe Falhado*, Fronteira do Caos, março de 2021

Ejército

A revista *Ejército*, que já mencionámos no nosso Jornal, continua a sua missão de facilitar o intercâmbio de ideias sobre temas militares e contribuir para a atualização de conhecimentos da cultura e da defesa.
Nesta 960.ª edição, a *Ejército* traz-nos artigos como o ensino da liderança na Academia Militar espanhola; o futuro da União Europeia perante a pandemia; o resultado do conflito afegão e as suas consequências na atualidade e os cinco anos da presença do exército espanhol na sua missão em Besmayah, ao lado das Forças portuguesas; entre outros interessantes artigos.

Ejército, n.º 960, abril de 2021

Soldier

A revista *Soldier* é uma publicação mensal oficial do exército britânico, produzida por este e publicada pelo Ministério da Defesa. Trata-se de um meio eficaz de comunicação, voltado principalmente para o recrutamento, mas tem também interesse para todas as fileiras do exército britânico e comunidade em geral, incluindo veteranos e civis, com gosto e curiosidade pela temática militar.
Nesta edição, o destaque é dado à homenagem ao Príncipe Filipe, recentemente falecido, através de um suplemento de 44 páginas. O Duque de Edimburgo prestou serviço no exército britânico, lutando inclusive na 2.ª Guerra Mundial.

Soldier, maio de 2021

Utmark

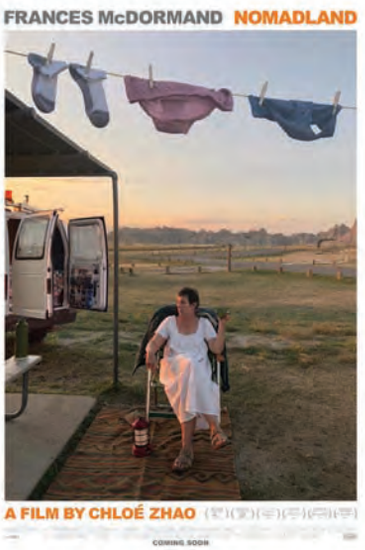
Esta série trata-se de uma comédia dramática de oito episódios e foi criada e escrita pelo dinamarquês Kim Fupz Aakeson e realizada pelo islandês Dagur Kári. A história começa quando uma nova professora, bastante otimista, se muda para Utmark com toda a esperança que um novo começo pode trazer. Contudo, rapidamente se apercebe de que a única pessoa que se comporta de forma relativamente madura em toda a cidade é uma rapariga de 12 anos. O enredo acompanha várias personagens que vivem em Utmark, como um xerife corrupto, um padre alcoólico ou um vendedor possuído. Figuras caricaturais, mas, ao mesmo, com características e comportamentos muito humanos.

Comédia, M/6

Nomadland

Após perder tudo na última grande recessão económica, Fern (Frances McDormand), uma mulher na casa dos sessenta anos, prepara a sua carrinha e parte pela estrada numa viagem pelo oeste americano, explorando uma vida fora da sociedade convencional, como uma nómada moderna.
A essência de *Nomadland* e a sua visão de um país e de pessoas à deriva é muito perspicaz, inteligente, por vezes, cómica e, em alguns momentos, emocionante. É um "vasto mundo" (como é referido no filme), no qual só a jornada é uma certeza, sendo o destino completamente secundário.

Drama, M/6



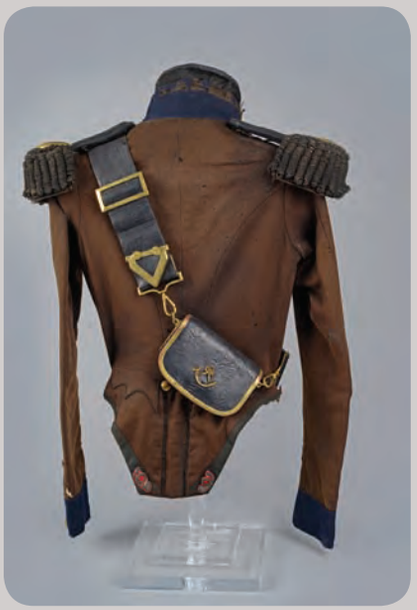
Without Remorse

Um esquadrão de soldados russos mata a família do militar dos SEAL John Kelly (Michael B. Jordan), em retaliação pelo seu papel numa operação ultrassecreta. Kelly persegue os assassinos a todo custo, unindo forças com um camarada dos SEAL (Jodie Turner-Smith) e com um sombrio agente da CIA (Jamie Bell).
Involuntariamente, Kelly expõe uma conspiração secreta que ameaça envolver os EUA e a Rússia. Dividido entre a honra pessoal e a lealdade ao seu país, Kelly luta sem remorsos e tenta evitar o desastre ao revelar as identidades dos poderosos conspiradores. Baseado nos livros de Tom Clancy.

Ação, M/12

Artigos de Uniforme para Alferes de Corpo de Caçadores Não Identificado, circa 1834 (?)

Museu Militar de Lisboa



Texto : Pedro **Soares Branco** | Médico; Diretor Clínico do Centro Hospitalar Universitário de Lisboa Central, colaborador do *Jornal do Exército*

O conjunto é constituído por uma casaca (designada na época como farda curta) com dragonas e bandoleira com cartucheira.

A farda curta, cor de saragoça, apresenta peitos (designação da época para peitilho) de cor preta, gola, canhões e carcelas azuis e cornetas bordadas sobre pano encarnado nas abas. As dragonas apresentam franjas de canotão, botões com armas reais do modelo de 1834 (este modelo, oficialmente adotado para os Oficiais de Caçadores por Decreto de 25 de outubro de 1834, poderia já existir anteriormente). Na dragona correspondente ao ombro esquerdo, apresenta uma corneta (na realidade uma trompa) distintiva do posto de Alferes, não visível nas imagens.

Embora todos os artigos correspondam genericamente a modelos adotados por Decreto de 25 de outubro de 1834 para os Oficiais de Caçadores do Exército, a farda apresenta botões com a inscrição "V D.M. II" ("Voluntários de Dona Maria II"), sob uma coroa real. Um dos botões (em cima, junto ao ombro direito) foi substituído por um botão com armas reais do modelo de 1834. É possível que isto tenha sucedido enquanto a farda estava a uso, por impossibilidade de encontrar botões do modelo original.

Estes artigos de uniforme poderão corresponder ao Batalhão de Voluntários da Senhora Dona Maria II, referido em Portaria de 18 de julho de 1832, mas esta hipótese não é provável, uma vez que o texto da referida Portaria sugere que os canhões da farda não teriam carcelas. No entanto, poderão corresponder ao Regimento de Voluntários da Senhora Dona Maria II, ativo em 1833 e 1834 e que teve origem, muito provavelmente, no referido Batalhão. Se assim foi, os uniformes do modelo adotado para os Caçadores do Exército por Decreto de 25 de outubro de 1834 já seriam, provavelmente, usados antes dessa data por Corpos do Exército Libertador de Dom Pedro.

Portal do Beneficiário

Registe-se no Portal do Beneficiário e aceda a informações no âmbito da Ação Social Complementar e na Assistência na Doença aos Militares

PASSO 01

Registo

Proceda ao registo inserindo o seu e-mail e a password para aceder ao Portal do Beneficiário.

PASSO 02

Verificação de E-mail

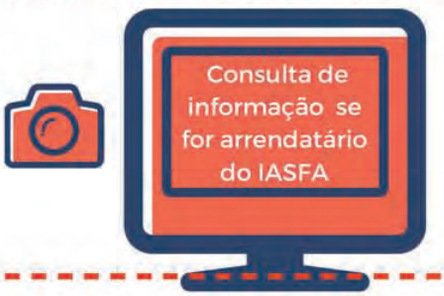
Irá receber na sua caixa de e-mail uma link para verificação da conta.

PASSO 03

Submeter Perfil

Proceda ao preenchimento dos seus dados no perfil para carregamento de informação pessoal no portal.

PASSO 04



Arrendamento

Aqui terá acesso a informação sobre concursos de arrendamento habitacional e candidaturas on-line, quando disponíveis.

PASSO 05

ADM

Insira os dados do cartão e aguarde validação da ADM.

Após validação terá acesso a:
- Elementos do agregado com cartão ativo;
- Informação sobre comparticipações;
- Meios de prova (entregues);
- Declaração despesas saúde para IRS;
- Tabelas de comparticipação.

PASSO 06

Tempos Livres

Tenha acesso a informação sobre férias nacionais e internacionais com preços especiais para beneficiários.

iasfa

Instituto de Ação Social das Forças Armadas

https://iasfa.defesa.gov.pt

ACADEMIA MILITAR

PELO NOSSO PAÍS, PELO TEU FUTURO

CONCURSO DE ADMISSÃO

Ano letivo 2021-2022

INSCRIÇÕES ONLINE

ATÉ 03 AGOSTO 2021

EXÉRCITO PORTUGAL

GNR

Linha Azul:	Telefone:	Whatsapp:	Email:
808 200 211	213 186 971	213 186 971	concurso@academiamilitar.pt

Jornal do EXÉRCITO

Formação
No Caminho da Afirmação

publicação mensal
Ano LXII – JE709 – Mai21 - €2,00

EXÉRCITO PORTUGAL

EXÉRCITO
PORTUGAL

o Exército
nas redes sociais

exercito.pt

@ExercitoPortuguesPRT
@exercitoportugues_oficial
Exército Recrutamento
@Exercito_pt
800 20 12 74

1,4 mil gostos
163,109 mil seguidores

no FACEBOOK:

Os Cadetes-alunos da Academia Militar (AM) participaram na Peregrinação Anual a Fátima, nos dias 12 e 13 de maio. Desde 1946, os Cadetes-Alunos da AM têm a nobre missão de transportar o andor de Nossa Senhora de Fátima, desde a Capelinha das Aparições até ao altar do Recinto de Oração, onde foi concretizada a celebração religiosa, fazendo-o com a maior devoção e espírito de missão.

1 497 publicações
54,5 mil seguidores

no INSTAGRAM:

A Cerimónia comemorativa do Dia das Operações de Paz e Humanitárias - "Capacetes Azuis" decorreu junto ao Forte do Bom Sucesso, em Belém, tendo sido presidida pelo Ministro da Defesa Nacional. Portugal participa em missões no âmbito da ONU desde 1958, tendo ao longo deste ano empenhado cerca de 13 mil militares. Atualmente, o Exército Português tem 187 militares na Missão Multidimensional Integrada das Nações Unidas para a Estabilização da República Centro-Africana.

no TWITTER:

584 seguidores

O Chefe do Estado-Maior do Exército Espanhol visitou, no dia 12 de maio, o Exercício ORION 21, tendo sido recebido pelo Chefe do Estado-Maior do Exército Português. A visita integrou a Cerimónia de Assinatura de Cartas de Geminação entre Unidades de ambos os países.

no YOUTUBE:

486 visualizações

O Exercício ROSA BRAVA 211 integrou uma sessão de fogos reais dos vários sistemas de armas que equipam a Brigada Mecanizada, treinando os meios das Forças Pesadas do Exército Português.

Major-General
Diretor de Formação
Carlos Manuel de Matos Alves

Desde sempre a Formação assume um papel essencial e estruturante nas organizações, constituindo igualmente uma componente indissociável da matriz militar, alvo de permanente aperfeiçoamento e adaptação às circunstâncias concretas de atuação, bem como aos contextos vigentes.

A componente Formação encontra-se hoje direcionada para a aquisição e desenvolvimento de competências que visam o desempenho de cargos e o exercício de funções, transversal às diferentes formas de prestação de serviço e à especificidade das diversas carreiras, sendo concretizada de modo progressivo e integrado. O Exército, enquanto entidade formadora certificada, detém um vasto acervo documental e um capital acumulado de experiência nas suas áreas específicas do saber militar, cabendo à Direção de Formação gerir essa atividade.

Ao novo desígnio da Formação, assente numa gestão eficiente das relações de trabalho entre esta Direção, as Unidades Formadoras e os Polos de Formação, bem como na garantia de uma sólida formação de cariz técnico e humano, impõe-se a realidade atual, em cujo contexto importa consolidar modelos pedagógicos baseados em plataformas de comunicação, incorporar metodologias formativas apelativas direcionadas para o público-alvo e, de forma especialmente premente, completar a organização da formação tendo em vista a sua certificação, de modo a satisfazer as necessidades do Exército e, simultaneamente, facilitar a reinserção no mercado de trabalho aos militares que servem a instituição, com particular foco nos regimes de contrato, provento do pleno alinhamento com o Sistema Nacional de Qualificações.

É tempo de vencer desafios neste domínio, assente na inovação, no pragmatismo e no rigor, desiderato que só será alcançado com a compreensão e colaboração de todos os que servem o Exército, independentemente do seu cargo ou posto.

INFORMAR PARA BEM SERVIR

Coronel de Cavalaria António **Marcos de Andrade**, Diretor do *Jornal do Exército*

Na edição de maio de 2021 da revista *Jornal do Exército* damos a palavra no Editorial ao Major-General Carlos Matos Alves, Diretor da Direção de Formação do Exército. Como refere o nosso General "o novo desígnio da Formação, assenta numa gestão eficiente das relações de trabalho entre esta Direção, as Unidades Formadoras e os Polos de Formação, bem como na garantia de uma sólida formação de cariz técnico e humano". Uma das Unidades Formadoras mais significativas do nosso Exército é precisamente a Escola das Armas. O artigo que publicamos, nas páginas 14 a 19, sobre a Formação nesta grande Escola do Exército mostra-nos como uma Unidade criada muito recentemente (2013) já ministrou centenas de cursos e formou milhares de militares nestes últimos oito anos, acompanhando as evoluções tecnológicas nas áreas da Formação e sempre focada na certificação e na qualidade da formação ministrada.

Temos neste número um artigo sobre o exercício APOLO 21, integrado no exercício TIGER MEET 2021 da Força Aérea, que tem tido sempre a participação de Forças da nossa Brigada de Reação Rápida do Exército, sendo uma oportunidade para estes dois Ramos das Forças Armadas cooperarem, treinarem e criarem sinergias.

Em fevereiro de 1996, Portugal integrava as Forças da IFOR (*Implementation Force*) que a NATO projetou para a Bósnia e Herzegovina, na tentativa de acabar com o conflito neste país da ex-Jugoslávia. Passaram 25 anos sobre essa data e ela deve ser relembrada. Pedimos ao Tenente-Coronel Paraquedista (reformado) Miguel Machado, colaborador de longa data do *Jornal do Exército* e protagonista nesta missão, que nos recordasse esses tempos de fevereiro de 96.

Publicamos, ainda, o último de uma série de artigos, que o Centro de Informação Geoespacial do Exército tem vindo a divulgar na nossa revista, revelando as capacidades e o trabalho que esta Unidade do Exército detém. Neste artigo pode o leitor verificar a importância que a NATO atribui a esta capacidade e como ela está amplamente presente na estrutura desta organização.

Por último, publicamos um artigo da autoria da Dr.ª Paula Costa, vogal do Conselho Diretivo do Instituto de Ação Social das Forças Armadas, sobre o apoio social que este Instituto dá á Família Militar. Uma ação de enorme relevância, mas que muitas vezes não é do conhecimento de quem tem direito a esses apoios.

Na parte da revista dedicada à Cultura e Lazer, as habituais sugestões cinéfilas e literárias, sendo de assinalar, neste mês, a excelente revista francesa *Geo-Histoire* dedicada ao 2.º centenário da morte de Napoleão. Trazemos-lhe, nos Roteiros Militares, mais um fantástico percurso pelas Linhas de Torres Vedras e na Visão da História o relato na primeira pessoa do Sargento Paraquedista Celso Feijão na Operação *Cilindragem*, em Moçambique (1966) – "*Não há família mais forte do que aquela que nasce na guerra pela honra e coragem*!"

Sumário .05

Editorial 03
Palavras do Diretor 04

Figuras e Factos

Destaque 06
Território Nacional 08
Outras Notícias 10

Atualidades

... mais que mil palavras 12
Formação
- A Formação da Escola das Armas 14
Exercícios
- APOLO21 20
FND
- Bósnia e Herzegovina 1996 24
Capacidades
- Apoio Geoespacial na OTAN 28
Apoio Social
- A Ação Social Complementar do IASFA 34
Testemunho
- Sargento-Chefe SAM João Fernandes 39
Lá por Fora
- O Exército da República Checa 40
- A Sesta Faz Parte do Manual 41

Cultura e Lazer

Uma Visão da História
- Operação CILINDRAGEM 42
Roteiros Militares 46
Livros & Revistas 48
Filmes & Séries 49
Peças Icónicas 50

Imagem da sub-rubrica "... mais que mil palavras": Exercício ORION 21 no Campo Militar de Santa Margarida **(Foto :** BrigMec**)**

Imagem da Capa : Formação em Áreas Edificadas na Escola das Armas **(Foto :** CAVE **)**

Jornal do EXÉRCITO

Órgão de divulgação e preservação da cultura militar, nos termos da alínea *a)*, do artigo 75.º, do Decreto Regulamentar n.º 11/2015, de 31 de julho

PROPRIEDADE DO ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO – Rua do Museu da Artilharia, 1149-065 LISBOA, Contactos: Tel. Civil: 218 842 300; tel. militar – 423 000; Fax civil: 218 842 527; fax militar: 423 227; e-mail: eme@exercito.pt. **Sede da Direção, Redação, Edição e Administração**: Palácio dos Condes de Resende, Campo de Santa Clara, 34, 1100-469 Lisboa. **NIPC**: 600021610. **Contactos**: tel. civil: 213 567 795; tel. militar: 414 026; fax civil: 213 567 791; fax militar: 414 091; *e-mails*: JE@exercito.pt; *site* oficial: www.exercito.pt. **Estatuto Editorial**: https://www.exercito.pt/pt/quem-somos/organizacao/ceme/gabeceme/je; **Direção – Diretor**: Cor Cav António Marcos de Andrade; **Subdiretor**: TCor Tm Carlos Pires de Sousa; **Secretária**: AssTec Joana Moita; **Condutor**: 1Cb RC Rui Pires; **Redação – Chefe**: TCor Tm Carlos Pires de Sousa; **Assistente de Redação**: SAj SGE David Custódio; 1Sarg PesSec Mónica Martins; **Colaboradores permanentes da Redação**: Alf RC Jaime Pereira; TSup João Moreira Tavares; TSup Tânia Espírito Santo; AssTec Guiomar Brito; **Serviços Administrativos – Chefe**: TCor Tm Carlos Pires de Sousa; **Secretaria e Distribuição**: SCh SGE Carlos Claudino, 1Cb RC Rui Pires; **Colaboração Fotográfica**: Centro de Audiovisuais do Exército; RCRPP/GabCEME; **Execução Gráfica**: Jorge Fernandes, Lda. – Rua Quinta Conde de Mascarenhas n.º 9, 2820-652 Charneca de Caparica, Tel: 212 548 320, *e-mail*: geral@jorgefernandes.pt; Tiragem: 4.000 exemplares. Depósito Legal n.º 1465/82 ISSN – 0871/8598. **Preço de Capa**: €2,00; **Assinatura anual** (11 números): **via superfície** – Continente, Açores e Madeira: €20,00; **via aérea** – países europeus: €45,00; restantes países: €65,00. Os artigos publicados com indicação de autor são da inteira responsabilidade dos mesmos, não refletindo, necessariamente, o pensamento do Comando do Exército Português.

Estiveram empenhados cerca de 1800 militares no ORION 21, o maior exercício anual planeado e executado pelo Exército, que decorreu entre 2 e 14 de maio

Exercício ORION 21

O ORION 21, o maior exercício anual planeado e executado pelo Exército, decorreu entre 2 e 14 de maio, nas regiões de Santa Margarida, Bemposta e Vendas Novas e teve como objetivos principais treinar, avaliar e certificar várias capacidades e meios do Exército Português.

No Campo Militar de Santa Margarida (CMSM) estiveram empenhados o Agrupamento Mecanizado *Very High Readiness Joint Task Force* 2022, a *Multinacional Task Force* e a *Special Operations Land Task Unit*. No Regimento de Artilharia n.º 5 esteve empenhada a Força de Reação Imediata e no Regimento de Apoio Militar de Emergência, em modo *Command Post Exercise*, o Módulo de Apoio Miliar de Emergência.

No dia 12, o Chefe do Estado-Maior do Exército espanhol, General Varela Salas, visitou o ORION 21, no CMSM, tendo sido recebido pelo Chefe do Estado-Maior do Exército, General José Nunes da Fonseca.

A Secretária de Estado de Recursos Humanos e Antigos Combatentes (SERHAC), Professora Doutora Catarina Sarmento e Castro, marcou presença no *Distinguished Visitors Day* do ORION 21, que decorreu no CMSC, a 14 de maio. A SERHAC felicitou todos os intervenientes no planeamento, organização e execução do exercício, tendo destacado que este é um bom exemplo de demonstração aos Portugueses da prontidão do Exército para o cumprimento das missões que lhe estão confiadas.

No total estiveram empenhados cerca de 1800 militares, sendo de destacar a participação de uma Força do exército espanhol e de observadores do exército francês.

Exercício ROSA BRAVA 211

Entre os dias 19 e 22 de abril, realizou-se o exercício ROSA BRAVA 211, da Brigada Mecanizada (BrigMec), na área do Campo Militar de Santa Margarida, com a realização de fogos reais dos diversos sistemas de armas que equipam esta Grande Unidade do Exército.

Este exercício tem como objetivos gerais treinar os postos de comando da Brigada e das suas Subunidades, bem como as suas capacidades de Manobra, de Apoio de Combate, de Apoio de Fogos e Apoio de Serviços.

A BrigMec e as suas Subunidades, com o exercício ROSA BRAVA 211, conseguiu integrar todas as Funções de Combate, nomeadamente Comando Missão, Movimento e Manobra, Informações, Fogos, Proteção e Apoio de Serviços, no contexto de uma Operação Defensiva.

O exercício dividiu-se num *Field Training Exercise*, entre 19 e 21 de abril, e num *Live Fire Exercise*, no dia 22, com a realização de fogos reais.

Ministro da Defesa Nacional visita o Regimento de Infantaria n.º 10

O Ministro da Defesa Nacional, Professor Doutor João Gomes Cravinho, visitou, no dia 27 de abril, o Regimento de Infantaria n.º 10 (RI10), sediado em São Jacinto - Aveiro.

Recebido pelo Chefe do Estado-Maior do Exército, General José Nunes da Fonseca, a visita incluiu uma apresentação sobre o Aprontamento de Forças e Elementos Nacionais Destacados, pelo Comandante das Forças Terrestres, seguindo-se uma demonstração dos meios e capacidades da Componente Terrestre da Força de Reação Imediata.

O Ministro da Defesa Nacional enalteceu "o trabalho de importância extraordinária" das Forças Nacionais Destacadas aprontadas no RI10, em particular, nos últimos tempos, para a República Centro-Africana, tendo finalizado a visita com a assinatura do Livro de Honra da Unidade, atualmente comandada pelo Coronel Joaquim Monteiro.

Presidente da República visitou o Regimento de Cavalaria n.º 6

O Presidente da República e Comandante Supremo das Forças Armadas, Professor Doutor Marcelo Rebelo de Sousa, visitou no dia 10 de maio, o Regimento de Cavalaria n.º 6 (RC6), em Braga, tendo sido recebido pela Secretária de Estado de Recursos Humanos e Antigos Combatentes, Professora Doutora Catarina Sarmento e Castro, e pelo Chefe do Estado-Maior do Exército (CEME), General José Nunes da Fonseca, tendo contado igualmente com a presença do Presidente da Câmara Municipal de Braga, Dr. Ricardo Rio, e do Comandante das Forças Terrestres, Tenente-General Martins Pereira, entre outras entidades.

Após prestadas as Honras Regulamentares, no exterior da Unidade, e dadas as boas-vindas pelo CEME, o Comandante do RC6, Coronel Miguel Freire, efetuou uma apresentação sobre a Unidade, orientada para a prontidão e empenhamento no combate à COVID-19 e para a componente operacional.

A visita prosseguiu, na Parada Mouzinho de Albuquerque, com a exposição de meios e capacidades do Grupo de Reconhecimento da Brigada de Intervenção e de equipamentos de apoio à contenção da COVID-19.

Depois de assinar o Livro de Honra da Unidade, que tem como divisa "Avante para a Glória", o Presidente da República e Comandante Supremo das Forças Armadas dirigiu palavras de apreço aos militares e civis presentes, tendo enaltecido o insubstituível contributo dos militares portugueses nas missões que lhe são confiadas.

Eucaristia do Exército: *Memória, Reconhecimento e Esperança – COVID-19*

Repleta de emoção e significado, a Eucaristia do Exército, que decorreu no dia 16 de maio, contou com a presença do Ministro da Defesa Nacional, Professor Doutor João Gomes Cravinho; do Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, Almirante Silva Ribeiro; do Chefe do Estado-Maior do Exército, General José Nunes da Fonseca e do Presidente da Câmara Municipal da Batalha, Dr. Paulo Santos, entre outras entidades militares e civis, assim como da comunidade paroquial da Batalha, que tão bem recebeu o Exército Português.

Na sua homilia, D. Rui Valério expressou gratidão pela forma como o Exército e as Forças Armadas têm atuado quer no País, no âmbito do combate à atual pandemia, quer externamente, nos diversos Teatros de Operações, na promoção da paz, enaltecendo a forma como os militares asseguram a aproximação à população, o apoio aos necessitados e a preservação de valores éticos.

Na Eucaristia do Exército deste ano foram homenageadas as vítimas da COVID-19, com a colocação de uma coroa de flores junto do altar, e enaltecido o trabalho de todos aqueles que, direta ou indiretamente, têm contribuído para a prevenção e o combate à pandemia. D. Rui Valério, antes de terminar, felicitou o Chefe do Estado-Maior do Exército e disse: "Evocámos com gratidão os que se esforçam, os que combatem. Na nossa memória tivemos presente aqueles que já partiram, mas sobretudo e a todos vós eu dou os parabéns."

Inspeção técnica da VAMTAC ST5 com configuração para a Equipa Médica de Emergência e Reanimação

No âmbito do Projeto de Capacidade Viaturas Táticas Ligeiras Blindadas decorreu, entre 12 e 15 de abril, na região de Valga (Galiza/Espanha), a inspeção técnica à primeira de cinco viaturas VAMTAC ST5, com a configuração Equipa Médica de Emergência e Reanimação (EMER), em fabrico pela empresa UROVESA.

A verificação da execução dos trabalhos, em conformidade com os requisitos descritos no *Statement of Work*, contou com a presença de um elemento da NATO *Support and Procurement Agency*, de vários elementos da UROVESA e dos elementos da Equipa de Projeto, constituída por militares dos Comandos da Logística, das Forças Terrestres e do Pessoal, bem como das Direções de Material e Transportes e de Comunicações e Sistemas de Informação.

A tarefa foi conduzida nos moldes planeados e com total cooperação dos elementos que nela participaram, tendo-se concluído que a viatura está conceptualmente de acordo com as especificações e cumpre os requisitos definidos pelo Exército Português.

Militares da Força de Operações Especiais participam no exercício LONG PRECISION 21

O Exército Português participou, através de um Oficial, um Sargento e uma Praça da Força de Operações Especiais, do Centro de Tropas Operações Especiais, no exercício LONG PRECISION 21, que decorreu em Espanha (Guadalajara e San Gregorio - Zaragoza), de 19 a 22 de abril.

O LONG PRECISION 21 é um exercício no âmbito da capacidade *Sniper* de Operações Especiais, tendo como foco a integração das lições aprendidas nos conflitos mais recentes, dando especial ênfase à utilização de *snipers* na *guerra de nova geração*, em cenários rurais e urbanos. Pretende-se, também, integrar meios e equipamentos eletrónicos, comprovando a utilidade e a eficácia da guerra eletrónica e dos veículos aéreos não tripulados no processo de aquisição e designação de alvos.

Este exercício assume-se como uma excelente oportunidade de treino, possibilitando aos militares do Exército Português a partilha de experiências com Forças congéneres de outros países.

Chegada da última Força Nacional Destacada no Afeganistão

No dia 24 de maio chegaram a Portugal os 162 militares que prestaram serviço no Teatro de Operações (TO) do Afeganistão no âmbito da NATO *Resolute Support Mission*, sendo 158 militares da 6.ª Força Nacional Destacada e quatro Elementos Nacionais Destacados, em funções de Estado-Maior.

O momento da chegada, ao Aeródromo de Trânsito n.º 1, no Figo Maduro, em Lisboa, foi presidido pelo Ministro da Defesa Nacional (MDN), Professor Doutor João Gomes Cravinho, acompanhado pelo Chefe do Estado-Maior do Exército, General José Nunes da Fonseca, pelo Comandante das Forças Terrestres, Tenente-General Martins Pereira, e pelo Chefe do Estado-Maior do Comando Conjunto para as Operações Militares, Tenente-General Marco Serronha, entre outras entidades.

O MDN dirigiu aos militares palavras de agradecimento, satisfação e orgulho pelo trabalho desenvolvido ao longo dos cinco meses em Cabul, onde foi deixada "a melhor imagem dos militares portugueses e de Portugal". Destacou, ainda, que este regresso marca um momento histórico, na medida em que põe fim a quase 20 anos do envolvimento de Portugal no Afeganistão, onde cerca de 4500 militares portugueses contribuíram para a estabilidade e segurança deste TO.

Transferência de Autoridade entre as 8.ª e 9.ª Forças Nacionais Destacadas na República Centro-Africana

A cerimónia de Transferência de Autoridade (TOA) entre as 8.ª e 9.ª Forças Nacionais Destacadas na República Centro-Africana (FND/RCA) decorreu no dia 13 de maio, no Campo M'Poko, em Bangui, tendo sido presidida pelo Major-General Paulo Maia Pereira, 2.º Comandante da Componente Militar da Missão Multidimensional Integrada das Nações Unidas para a Estabilização da RCA.

A TOA teve início com o arriar do guião do Batalhão de Comandos, dado que a 8FND/RCA é constituída maioritariamente por militares deste Batalhão; seguindo-se a passagem das bandeiras Nacional e das Nações Unidas à 9FND/RCA, que integra maioritariamente militares do 1.º Batalhão de Infantaria Paraquedista, e, a terminar, o hastear do guião deste Batalhão.

O Major-General Paulo Maia Pereira, na sua intervenção, elogiou o trabalho de excelência realizado pela 8FND/RCA, lembrando que este é reconhecido por todas as entidades no Teatro de Operações e incitou a 9FND/RCA a manter o profissionalismo e competência.

12.

Formatura final do exercício ORION 21, na area da Carreira de Tiro A-7, no Delta D. Pedro, no Campo Militar de Santa Margarida

[Mafra]

A Formação da Escola das Armas

Desde 2013 foram ministrados quase oitocentos cursos a mais de oito mil formandos. A pandemia, obviamente, veio alterar a atividade formativa, mas a rápida readaptação à nova realidade permitiu a continuidade da formação, sem perda de eficiência ou da capacidade de intervenção e de iniciativa

Texto : Cor Inf Pedro **Ferreira** | Diretor da Direção da Formação da EA
Cor Tm Joaquim **Ferreira** | Diretor da Direção de Avaliação e Qualidade
TCor Inf José **Leal** | Chefe Departamento Tecnologias Educativas
Fotografias : Escola das Armas

O ano de 2021 tem sido marcado pelos condicionalismos impostos pela pandemia COVID-19, afetando a atividade de inúmeras organizações em todo o mundo. A Escola das Armas (EA), como todo o Exército, não passou incólume a essa realidade. O teletrabalho, o trabalho em espelho e a formação em modalidade *à distância* foram uma realidade e só a adaptabilidade e a capacidade de resiliência dos Quadros que nela servem mitigaram o impacto da pandemia nos processos formativos ministrados.

Desde 2013, a EA já ministrou 369 cursos no âmbito da Formação Inicial e 428 cursos no âmbito da Formação Contínua, processos formativos que envolveram mais de 8000 formandos. Atu-

almente, reportando-nos ao primeiro semestre de 2021, a pandemia levou à suspensão de dez cursos, ao cancelamento de dois e à alteração de 14 dos mais de 80 cursos inicialmente previstos. Todavia, a introdução da teleformação e da formação presencial, com programas rigorosos de higienização e controlo sanitário, permitiu a realização de 22 cursos (dez destinados à Formação Inicial e 12 à Formação Contínua de especialização).

Na verdade, num curto espaço de tempo, colocando o ponto decisivo na continuidade da formação, foi possível readaptar os processos formativos e estabelecer as necessárias ferramentas de apoio informático para continuar a formação dos cursos na modalidade não presencial, vulgo teleformação. De enaltecer, particularmente, o esforço desenvolvido nos Tirocínios para Oficial, nos Cursos de Formação de Sargentos e no Curso de Promoção a Capitão, onde, através de salas virtuais, a par do uso da plataforma de Ensino à Distância (EaD) e de sistemas digitais de apoio à formação, como o apoio do Centro de Informação Geoespacial do Exército e da Direção de Comunicações e Sistemas de Informação, disponibilizando cartografia digital do Sistema de Informação Geográfica para Apoio às Operações para realização de ações formativas no domínio da tática, foi possível continuar a ministrar a formação programada.

Concorrentemente, a EA, em coordenação com o Centro Nacional de Qualificação de Formadores, adaptou o Curso de Formação Pedagógica Inicial de Formadores (CFPIF) para o formato de EaD, tendo ministrado, durante o período de confinamento, cinco CFPIF, dos oito inicialmente previstos no Plano de Formação Contínua de 2021. Ainda nesta área, releva-se a realização do Curso de Formação Pedagógica Contínua do Formador à Distância (e-Formador), integralmente na modalidade *e-Learning*, possibilitando a atribuição de Certificados de Competências Pedagógicas de Especialização de e-Formador a oito formadores.

No âmbito do Regime de Voluntariado e Regime de Contrato (RV/RC), embora tenham sido

Complexo de Formação e Treino para Combate em Áreas Edificadas

Tiro de Morteiro com simulação. Curso de Formação Inicial (Tirocínio para Oficial de Infantaria)

suspensos os 16 cursos de Formação Inicial para as categorias de Oficiais e Sargentos (destinados a 48 Oficiais e 33 Sargentos), a introdução da teleformação possibilitou o acompanhamento permanente dos formandos, tendo sido definidos programas personalizados no âmbito da educação física militar ajustados a cada formando, possibilitando a realização da atividade nas áreas de residência.

Além do necessário enriquecimento das competências técnicas dos recursos humanos e das melhorias nos processos, o tempo de pandemia e as ausências pontuais de formação presencial não condicionaram a capacidade de intervenção e de iniciativa da Escola noutros domínios da formação. A modernização das infraestruturas afetas à formação, nomeadamente as infraestruturas destinadas ao tiro com armas ligeiras e à formação e treino em áreas edificadas, a preparação e apropriação de salas de aula para receber o Núcleo de Simulação Construtiva e Postos de Comando, a modernização dos espaços de formação destinados à formação equestre ou a implementação de um circuito de formação específico em *Counter Improvised Explosive Devices* (C-IED) [1] são exemplos desse compromisso. Além disso, foram desenvolvidos planos e intervenções pontuais para recuperação e melhoramento de infraestruturas de âmbito desportivo, como os ginásios cobertos, as pistas de combate, os picadeiros, os campos de equitação, os itinerários de corrida e marcha ou os centros de simulação para tiro de armas ligeiras.

Entretanto, no âmbito da reorganização do Sistema da Formação do Exército e do indispensável alinhamento da formação com o Sistema Nacional de Qualificações, a EA, em estreita coordenação com a Direção de Formação do Comando do Pessoal, continuou a elaborar os Referenciais de Curso das especialidades das Armas para os regimes RV/RC de acordo com o novo formato de referencial, bem como a desenhar os respetivos Percursos Formativos Qualificantes.

Paralelamente, a Direção de Avaliação e Qua-

Treino Físico Militar. Combate Corpo-a-Corpo. Curso de Formação Inicial (Curso de Formação de Sargentos do Quadro Permanente)

[1] Itinerário de treino com 700 metros, destinado ao desenvolvimento de competências no âmbito da formação inicial, através do enquadramento da ameaça de IED e treino das Técnicas, Táticas e Procedimentos de C-IED.

"...num curto espaço de tempo, colocando o ponto decisivo na continuidade da formação, foi possível readaptar os processos formativos e estabelecer as necessárias ferramentas de apoio informático para continuar a formação dos cursos na modalidade não presencial, vulgo teleformação."

lidade da EA exerceu a sua principal atividade no âmbito da garantia da avaliação de todas as atividades formativas e na gestão do sistema de qualidade, quer da EA, quer dos polos de formação à sua responsabilidade. A avaliação da formação permitiu verificar e garantir a eficácia e a eficiência das ações de formação, assegurando o seu contínuo ajustamento ante as alterações do contexto em que se desenvolvem os cargos ou as funções.

Essa avaliação foi implementada ao nível interno e externo, tendo-se realizado 77 relatórios de avaliação, com o inerente processamento dos questionários de reação e satisfação (disponíveis na plataforma *moodle*), com validações de testes escritos e provas práticas, com a elaboração de pautas de avaliação, assim como o desenvolvimento permanente de ações de avaliação de desempenho de formadores.

Ao nível da qualidade do sistema de formação tutelado pela Escola – procurando-se verificar se a formação é necessária e importante, se os programas estão bem concebidos, se os cursos estão bem organizados e a formação bem implementada, se os formandos são bem-sucedidos na aprendizagem e aplicam o que aprenderam no desempenho dos seus cargos ou funções e se os benefícios para o Exército decorrentes da formação suplantam os custos – foram realizadas Visitas de Apoio Técnico (VAT) aos polos de formação. Essas VAT foram, ainda, importantes para garantir o apoio técnico-pedagógico e/ou recolher eventuais elementos que consubstanciem alterações de melhoria aos atuais Referenciais de Curso.

A emissão de certificados foi uma área que, apesar dos constrangimentos provocados pela pandemia no desenvolvimento dos cursos ao longo deste ano, foi plenamente cumprida, tendo sido emitidos cerca de 1020 Certificados de Qualificações do Sistema Integrado de Informação e Gestão da Oferta Educativa e Formativa. Destaca-se, ainda, a utilização regular do Portal para a Formação e Certificação de Formadores e outros profissionais (NETFORCE), permitindo gerir todo o Sistema de Formação e Certificação de Competências Pedagógicas dos formadores que desenvolvem a sua atividade no âmbito do Sistema Nacional de Qualificações, tendo resultado na emissão de 105 Certificados de Formação Profissional e o correspondente processamento para emissão dos Certificados de Competências Pedagógicas, solicitados pelos formandos na própria plataforma NETFORCE. Uma outra evidência da garantia de qualidade foi a verificação da execução dos Dossiês Técnico-Pedagógicos, processo essencial para a demonstração dos requisitos de organização e certificação da formação.

Tiro de Artilharia Antiaérea com simulação com Canhão Bitubo AA 20 mm.
Curso de Formação Inicial (Tirocínio para Oficial de Artilharia)

No âmbito da Investigação e do Desenvolvimento Tecnológico (IDT), a EA tem vindo a desenvolver atividades ao nível do treino físico militar através de uma estreita colaboração e apoio ao *Military Readiness Lab* (da Academia Militar), participando nos trabalhos de campo de controlo da resposta extrema ao exercício físico, recorrendo a equipamentos de monotorização permanente, da resposta cardíaca, variação de temperatura e resposta bioquímica ao esforço. Ainda no âmbito da IDT, a EA continua a apoiar o Centro Tecnológico CITEVE, organização de referência no panorama nacional e europeu na promoção da inovação e desenvolvimento da indústria têxtil e do vestuário. Este apoio tem-se verificado sobretudo na fase de testagem de equipamentos, potenciando a utilização de algumas áreas de formação e treino, como o Centro de Formação e Treino de Combate em Áreas Edificadas.

No âmbito da Cooperação no Domínio da Defesa, a EA tem vindo a apoiar a formação dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), nomeadamente nos cursos ministrados em Portugal. O quadro em baixo procura ilustrar essa disponibilidade de apoio.

Ao nível do Corpo de Formadores, apesar da motivação e empenhamento em parte refletido nos resultados alcançados, a Escola vem vivendo limitações em algumas categorias, tendência transversal a outras Unidades e Estabelecimentos com responsabilidades formativas. Por outro lado, nem sempre tem conseguido mitigar a rotatividade desses Quadros, imperativo essencial à consolidação do conhecimento e cabal domínio da doutrina de cada Arma.

Prova Prática de Artilharia com o Obus M119 Light Gun 105 mm.
Curso de Formação Inicial (Tirocínio para Oficial de Artilharia)

Na verdade, para alcançar este desiderato, deverão ser seguidos quatro vetores de atuação:

- Colocação na EA dos Oficiais e Sargentos do Quadro Permanente que terminam os respetivos cursos com referências académicas e de mérito pessoal distintivas;
- Reforçar a formação contínua dos Quadros da EA, destacando-se a formação no estrangeiro em centros de conhecimento reconhecidos internacionalmente, como é o caso da frequência de cursos NATO como o *Open Source Intelligence*, na NATO *School*, em Oberammergau; o NATO *Tactical Military Engineering Course* - NTMEC, no *Military Engineering CoE*, em Ingolstad, na Alemanha, e a frequência de cursos no âmbito das relações bilaterais, designadamente o curso *Mando y Control* na Academia de Artilharia, em Segóvia, Espanha, ou os cursos *Maneuver Captain Career Course* e *Signals Captains Career Course*, ambos nos Estados Unidos da América;

Participação de Oficiais dos PALOP em cursos ministrados na Escola das Armas

País	2016	2017	2018	2019	2020	2021
República de Angola	CIEFM – 3					
República de Cabo Verde		CPC – 2	CPC – 6	CPC – 6		CPC – 3
República da Guiné-Bissau			CPC – 4	CPC – 2		CPC – 2
República Democrática de São Tomé e Príncipe			CPC – 3	CPC – 2		CPC – 2

Legenda :
CIEFM - Curso de Instrutor de Educação Física Militar
CPC - Curso de Promoção a Capitão

• Identificar formadores externos à EA que pela sua formação militar, formação académica e experiência se constituam como uma mais-valia para a formação a ministrar;

• Valorizar a passagem pela Escola, devendo ser, como no passado recente, essencial para a apreciação curricular dos militares do Quadro Permanente.

Conscientes de que o futuro continuará a determinar a consolidação do saber e do saber-fazer de cada Arma, a Escola continuará disponível para crescer e afirmar a sua importância como a *Grande Escola* do Exército Português.

Nesse sentido, ao nível da formação, os desafios passarão pela aplicação definitiva de inúmeras lições apreendidas neste tempo de pandemia, como a implementação do EaD em alguns cursos, pela consolidação da simulação na vertente do tiro com armas ligeiras e pesadas, reforçando a sua importância na consolidação do saber-fazer nos cursos de Formação Inicial, pela dinamização da capacidade de simulação construtiva ao nível do ensino da tática, pela modernização e rentabilização das inúmeras áreas de formação e treino, pelo alargamento e consolidação do Corpo de Formadores, pelo alargamento e consolidação das sinergias com os polos de formação, pela dinamização dos portais de apoio à formação, sistematizando processos de desenho, de gestão, de desenvolvimento e de avaliação da formação, e pela procura incessante da qualidade, imperativo essencial para uma formação certificada e alinhada pelo Sistema Nacional de Qualificações. ⚔

"Conscientes de que o futuro continuará a determinar a consolidação do saber e do saber-fazer de cada Arma, a Escola continuará disponível para crescer e afirmar a sua importância como a Grande Escola do Exército Português."

Curso de Promoção a Capitão 2021, em aula, na modalidade de teleformação

[Alcochete, Beja, Estremoz e Odeceixe]

APOLO 21

A Brigada de Reação Rápida efetuou, entre 2 e 14 de maio, o seu exercício setorial, em conjugação com o exercício internacional NATO TIGER MEET, que decorreu este ano em Portugal

Texto : TCor Inf Nuno **Neto** | G3 da BRR
TSup João Moreira **Tavares** | Redator do JE

Apolo, um dos deuses mais venerados e temidos da mitologia greco-romana, aquele que ameaçava ou protegia desde o alto dos céus, serve também de inspiração para a denominação do exercício setorial da Brigada de Reação Rápida (BrigRR).

Este exercício, inserido no Plano Integrado de Treino Operacional do Exército, tem como principais objetivos planear, coordenar e supervisionar operações militares; planear, coordenar e executar operações ofensivas na forma de assalto aéreo para conquistar e reter terreno decisivo ou destruir Forças inimigas, explorando a elevada capacidade ofensiva, resposta rápida e facilidade de

"...uma excelente ocasião para Forças do Exército Português terem contacto e, sobretudo, operarem com diferentes aeronaves de asa rotativa, não só das esquadras 552 e 751 da FAP como também de Itália."

projeção das Unidades operacionais da BrigRR, tanto em ambiente diurno como noturno.

Este ano, o APOLO21 teve lugar nas regiões de Beja, Estremoz e Odeceixe e no Campo de Tiro de Alcochete e realizou-se, no período de 2 a 14 de maio, conjugado com o exercício NATO TIGER MEET 21 (NTM21), organizado pela Força Aérea Portuguesa (FAP) e que visa a preparação, qualificação e certificação das várias Unidades participantes, que nas suas esquadras de voo têm um Tiger (tigre) como símbolo, em missões de treino realistas e ajustadas aos Teatros de Operações (TO) atuais. No NTM21 estiveram presentes 56 aeronaves e cerca de 1000 militares, oriundos de oito países (Estados Unidos da América, França, Grécia, Holanda, Itália, Polónia, Portugal e Suíça), o que constituiu uma excelente ocasião para Forças do Exército Português terem contacto e, sobretudo, operarem com diferentes aeronaves de asa rotativa, não só das esquadras 552 e 751 da FAP como também de Itália.

As Unidades táticas da BrigRR que participaram no APOLO 21 provieram do Centro de Tropas de Operações Especiais (CTOE), do Regimento de Comandos (RCmds) e do Regimento de Cavalaria n.º 3 (RC3). No Posto de Comando Tático estiveram elementos do Estado-Maior da BrigRR, a Companhia de Transmissões (CTm) da BrigRR garantiu as comunicações e o Regimento de Infantaria n.º 1 (RI1) assegurou o apoio logístico ao exercício, bem como as Forças de cenário. O que significou, dada a dispersão do dispositivo territorial da BrigRR, o envolvimento de 115 militares e meios de Unidades do norte ao sul de Portugal, concretamente, por ordem de enumeração, de: Lamego, Carregueira, Estremoz, Tancos e Beja.

O CTOE participou com uma Unidade Tarefa de Operações Especiais da Força de Operações Especiais, reforçada com uma Equipa Sniper e apoiada com duas viaturas ultraligeiras TP1 e 4 POLARIS, que operou em Beja e Odeceixe, realizando tarefas que lhe são específicas, no âmbito do Reconhecimento Especial e Ação Direta, tais como: *Personnel Recovery*, *Vehicle Interdiction* e *Hostage Rescue Operations* [1].

Foi, precisamente, na execução destas tarefas que os helicópteros foram utilizados para a inserção e extração de Forças, por vezes com o recurso a técnicas de *Fast Rope* e *Rappel*, usadas para colocar militares do Exército no terreno em situações em que estas aeronaves não podem aterrar.

De referir, ainda, o uso de comunicações táticas via satélite, com transmissão de imagem, que possibilitaram, a longa distância, uma comunicação segura e permanente.

[1] Recuperação de pessoal, interdição de veículo e operações de resgate de reféns.
[2] Inteligência, vigilância, aquisição e reconhecimento de alvos.

Viatura PANHARD M11 do Esquadrão de Reconhecimento da BrigRR

Militares dos Comandos antes de embarcar no helicóptero da Força Aérea italiana

O Batalhão de Comandos do RCmds participou com um Grupo de Comandos, composto por cinco equipas e cinco viaturas URO VAMTAC, que executou um conjunto alargado de missões, na serra de Ossa, recorrendo também a helicópteros para inserção e extração de Forças, bem como para a execução de tiro real a partir destas aeronaves, o que foi realizado no Campo de Tiro de Alcochete. Com o apoio da Esquadra de Helicópteros italiana foram, ainda, executados heliassaltos noturnos.

O APOLO 21 em números

	Militares	Viaturas
CTOE	17	2
RCmds	25	5
RC3	30	6
EM/BrigRR	10	2
CTm/BrigRR	5	1
RI1	10	2
Apoio Diverso	18	5
Totais	115	23

Por sua vez, o Esquadrão de Reconhecimento/Agrupamento ISTAR (*Intelligence*, *Surveillance*, *Target Acquisition and Reconnaissance* [2]) do RC3 empenhou no APOLO 21 um Pelotão constituído por trinta militares e seis viaturas PANHARD M11, que realizou reconhecimentos de itinerário, de área e de zona; ações de vigilância e de avaliação da ameaça e, igualmente, de segurança da área da retaguarda e de segurança local, nas proximidades de Estremoz, concretamente na serra de Ossa e na freguesia de Arcos.

A realização do APOLO 21, conjugada com o NTM21, além de ter permitido praticar o planeamento e a condução de operações aeroterrestres no seio da BrigRR, assumiu também um papel fundamental na preparação e qualificação das suas Forças para atuarem em TO internacionais, pela promoção da interoperabilidade, reforço da cooperação e criação de sinergias com a FAP e Forças estrangeiras.

Descida em corda rápida

Nota : O JE agradece também a colaboração do Capitão de Infantaria Paulo Sousa, Oficial de Operações Aéreas da Brigada de Reação Rápida, na elaboração deste artigo.

APOLO 21 – As Viaturas

URO VAMTAC ST5

– Viatura tática ligeira blindada adequada para uso em condições extremas em todo o terreno e que garante proteção específica contra minas e engenhos explosivos improvisados.
– Origem: Espanha | Tripulação: 5
– Peso: 10 250 kg | Velocidade máxima: 100 km/h
– Armamento principal: metralhadora pesada Browning 12,7 mm

PANHARD Ultrav M11

– Viatura tática ligeira blindada anfíbia de reconhecimento que visa garantir mobilidade tática terrestre, conferindo flexibilidade, proteção e facilidade de projeção às Forças ligeiras.
– Origem: França | Tripulação: 2+1
– Peso: 3530 kg | Velocidade máxima: 90 km/h
– Armamento principal: metralhadora ligeira Browning 12,7 mm

TP4 SOF MRZR 4 (Polaris 4)

– Baseada numa viatura *Side by Side* é uma plataforma altamente móvel e projetável melhorada para as tarefas militares, cujas capacidades em todo o terreno são extremamente elevadas e que pode ser equipada com um reparo para metralhadora.
– Origem: Estados Unidos da América | Tripulação: 4+2
– Peso: 952 kg | Velocidade máxima: 80 km/h

TP1 SOF (Polaris 1)

– Baseada na moto 4 Polaris MV850 é uma plataforma altamente móvel e projetável melhorada para as tarefas militares, que pode ser configurada com grande tipologia de material, conforme a missão a desempenhar.
– Origem: Estados Unidos da América | Tripulação: 1+1
– Peso: 444 kg | Velocidade máxima: 80 km/h

[Bósnia e Herzegovina]

Fevereiro de 1996. Pela primeira vez em anos, uma coluna humanitária com pessoas de Sarajevo entra em Gorazde, o enclave muçulmano cercado. Foi a primeira de muitas escoltas que o 2.º BIAT executou permitindo a normalização da vida na cidade e um lento retorno à liberdade de movimentos.

Bósnia e Herzegovina 1996

O relato, a análise e evocação, quando se assinalam 25 anos da primeira missão expedicionária das Forças Armadas Portuguesas realizada na Europa, no pós-Grande Guerra (1914/18)

Texto : TCor Para (Ref) Miguel **Silva Machado** | Colaborador do JE
Fotografia : Autor do texto

Talvez seja interessante, 25 anos depois, voltar a esses tempos dos *pioneiros* das Missões de Paz e Humanitárias em que tudo era novidade... para o bem e para o mal.

Foi aqui que estas *novas campanhas*, verdadeiramente, começaram. O Exército e os seus militares entraram, depois, no século XXI bem integrados neste novo paradigma operacional, sobretudo do ponto de vista psicológico, mas também em termos doutrinários, técnicos e, em alguma medida, materiais, mesmo que alguns destes demorassem anos a ser adquiridos ou nunca o tenham sido.

Ponto de Viragem

Partilhamos a opinião de que houve no Exército Português, claramente, um antes e um depois da Bósnia, em 1996. Não se julgue que esta situação foi um exclusivo nacional. O Teatro de Operações da ex-Jugoslávia, quer com as operações da ONU quer da NATO, assim o determinou para vários países. Foi um autêntico *laboratório* para desenvolvimento de doutrina e serviria de modelo sempre aperfeiçoado nas operações que se seguiram. Também em Portugal, quer ao nível do Estado-Maior-General das Forças Armadas quer dos ramos e muito em especial no Exército, pelo volume de tarefas cumpridas e de efetivos empenhados.

Muito do que foi feito para empenhar Forças nas missões posteriores a 1996 nasceu nos meses que antecederam esta missão, depois no seu desenrolar e, sobretudo, no seu rescaldo. Do conselho militar e decisão política aos procedimentos administrativos e logísticos, da preparação da Força às orientações para lidar com os órgãos de comunicação social e a novos equipamentos e materiais, tudo temperado pelas experiências no terreno, quer dos êxitos quer dos falhanços, daqui nasceu um Exército diferente, que nas missões seguintes foi evoluindo, quase e sempre melhorando.

Hoje, um governo português quando decide sobre o empenhamento militar no estrangeiro pode ter dúvidas perante o custo financeiro e preocupa-se, naturalmente, com os riscos e potenciais baixas, mas não duvida das capacidades que os chefes militares lhes apresentam. Há um caminho percorrido que fala por eles.

Para a Bósnia e Herzegovina e em Força?

O envolvimento militar português na Bósnia foi muito discutido no espaço público. Simplificando, podemos dizer que à direita se defendia a prioridade do esforço militar português no estrangeiro na África lusófona; à esquerda olhava-se como uma possibilidade real a intervenção militar na Europa/Balcãs. Os comunistas adversários políticos da NATO e UE estavam e estão contra todas as missões militares neste âmbito.

“Hoje, um governo português quando decide sobre o empenhamento militar no estrangeiro pode ter dúvidas perante o custo financeiro e preocupa-se, naturalmente, com os riscos e potenciais baixas, mas não duvida das capacidades que os chefes militares lhes apresentam. Há um caminho percorrido que fala por eles.”

As sombras da Guerra do Ultramar, terminada então há 20 anos, com os seus mortos e estropiados, estavam vivas em largos sectores da população, no panorama político-partidário [1] e, mesmo, em meios militares.

A inércia própria de um Exército há 20 anos acomodado a rotinas desmotivadoras para o seu pessoal, de exercícios e planeamentos sem execução real, ia mesmo ser alterada.

A decisão política foi definitiva depois da tomada de posse, a 28 de outubro de 1995, do XIII Governo Constitucional.

Rumo à Bósnia, agora É a Sério!

Portugal participou nesta missão, a partir de janeiro de 1996, com uma Força assim constituída:

> Destacamento de Ligação (DL) às estruturas multinacionais: Brigada Multinacional Sarajevo-Norte; Divisão Multinacional Sudeste; Comando da *Implementation Force* (IFOR); com

[1] “*…Tratou-se de uma decisão particularmente difícil, na medida em que representou um regresso das Forças Armadas portuguesas a um Teatro de Operações europeu, donde havíamos estado ausentes desde a I Guerra Mundial e cuja memória coletiva não pode ser tida como muito favorável. Mas foi uma decisão propiciada pela consciência profunda de que a pertença a uma Aliança determina não apenas direitos de solidariedade, mas também deveres de partilha de responsabilidades e de riscos, uns e outros faces da mesma moeda…*”. Vitorino, António, “Nos Cinquenta Anos da NATO: Algumas Reflexões sobre a Operação de Paz na Bósnia-Herzegovina”, *Nação e Defesa*, n.º 92 – 2.ª Série, 2000, Lisboa.

14 Oficiais e um Sargento. Este destacamento foi comandando pelo Coronel Tirocinado Cristóvão Avelar de Sousa acumulando com as funções de *Senior National Representative*, de janeiro a abril de 1996, altura em que tendo sido reduzido o seu efetivo, o DL passou a depender diretamente do comandante do Batalhão. Este DL incluía dois Oficiais no Estado-Maior do Exército italiano, para coordenação e execução de "memorandos de entendimento"; dois Oficiais em estruturas de comando do *Allied Rapid Reaction Corps* que poucos contactos tiveram diretamente com a missão e o DL.

> Destacamento de Apoio de Serviços (DAS) com 225 militares, organizado em Comando, Destacamento de Pessoal, Destacamento de Logística, Destacamento de Comunicações, Destacamento de Reabastecimento e Transporte, Destacamento Sanitário e Destacamento de Manutenção. Foi inicialmente comandado pelo Tenente-Coronel Luís Augusto de Noronha Krug e, depois, de abril até dezembro, pelo Major José da Fonseca Barbosa. O DAS foi sendo reduzido, mas manteve-se na Bósnia até dezembro 1996, final da missão IFOR;

Ustipraca, reparação de uma viatura V-200 do 2BIAT por parte de equipa do Destacamento de Apoio de Serviços vinda de Sarajevo. O DAS tinha oficinas na sua base logística mas cumpria muitas missões directamente nos vários aquartelamentos portugueses.

Quer nas zonas de maioria muçulmana quer sérvia, como aqui em Sokolac, os paraquedistas portugueses mantiveram sempre boas relações com populações e autoridades. Foi um processo lento, delicado por vezes, mas conseguido.

> 2.º Batalhão de Infantaria Aerotransportado (BIAT), com 678 militares, organizado em Comando e Estado-Maior, três Companhias de Atiradores, uma Companhia de Apoio de Combate e uma Companhia de Comando e Serviços, sob o comando do Tenente-Coronel Pedro Manuel Moço Ferreira. Passados quatro meses parte do efetivo, *grosso modo* uma Companhia, foi substituída por efetivo semelhante do 3.º BIAT em agosto, que se manteve até ao final da missão IFOR e iniciou a *Stabilisation Force* (SFOR), já em 1997. Foi comandado pelo Tenente-Coronel Fernando Pires Saraiva, de agosto de 1996 a fevereiro de 1997, quando foi rendido, com os efetivos reduzidos a 320 militares e o dispositivo localizado apenas em Rogatica e Vitkovici, pelo 1.º Batalhão de Infantaria Motorizado da Brigada Mecanizada Independente.

> Destacamento C-212 AVIOCAR da Esquadra 502/Base Aérea n.º 1 da Força Aérea, operando a partir de Itália entre janeiro e abril, foi sucessivamente comandado pelos: Major José Carlos

Faria Antunes, Capitão Albano José Maia Gomes Ribeiro e Capitão Rui Mendes Maria.

> Destacamento de Controlo Aéreo-Tático mobilizado pelo Comando Operacional da Força Aérea, composto por oito militares, incluído dois controladores aéreos táticos e pessoal de comunicações, manteve-se de março a dezembro de 1996. Inicialmente sob o comando do Capitão Fernando Costa e depois do Capitão Dias da Silva.

A Força Aérea apoiou a Força portuguesa com aviões Hércules C-130 da Esquadra 501/Base Aérea n.º 6, quer na projeção do escalão avançado da Força para Split (16 de janeiro de 1996), quer depois em voos regulares de sustentação Lisboa/Sarajevo/Lisboa durante meses. Os Falcon 50, da Esquadra 504/Base Aérea n.º 6, foram empenhados quer para transporte de Altas Entidades em visita à missão, quer para evacuação de feridos desde Sarajevo.

A Marinha apoiou a missão com uma viagem, em maio, do NRP *Bérrio* para o porto de Ploce, no transporte de viaturas e cargas.

No total participaram na missão IFOR, de janeiro a dezembro de 1996, 1695 militares do Exército e 45 da Força Aérea.

Conclusão

A avaliação que cada um faz das missões expedicionárias pode ser discutida, mas a realidade é que nestes 25 anos todos têm cumprido, não desmerecendo por comparação com outros países, e não raras vezes mostrando até mais qualidade. Claro que em todas houve e há *casos desagradáveis*, internamente conhecidos. Uma ou outra notícia *negativa* com as Forças Nacionais Destacadas é hoje raríssimo acontecer. Sendo certo que o ramo terrestre foi aprendendo com as sucessivas missões, também é certo que a exposição mediática é mínima ou inexistente.

Olhando hoje, para o que se passou em 1995/96, podemos pensar que muita coisa podia ter sido mais bem planeada e executada, é certo, mas as circunstâncias em que esta missão foi preparada e cumprida foram únicas.

Na Bósnia, em 1996, os paraquedistas portugueses e todo o pessoal de outras Armas e Especialidades do Exército e da Força Aérea, que integraram a missão, não se pouparam a esforços e sacrifícios, mas deixaram a Bósnia e Herzegovina com todos os objetivos operacionais cumpridos e, mesmo, fora do contexto militar, Portugal ficou visto internacionalmente como até ali não tinha acontecido [2].

Contribuímos para a mudança do Exército, uma imagem diferente de Portugal no mundo e para o início da normalização da Bósnia e Herzegovina. ⚔

Dedico este artigo a todos os militares portugueses que serviram na Missão das Forças Armadas Portuguesas na IFOR (*Implementation Force*)/Bósnia 1996 e presto homenagem aos que neste país europeu morreram ao serviço de Portugal:

- Primeiro-Cabo Paraquedista **Alcino José Lázaro Mouta**, DAS/24Jan1996;
- Primeiro-Cabo Paraquedista **Rui Manuel Reis Tavares**, DAS/24Jan1996;
- Primeiro-Cabo Paraquedista **Francisco da Ressurreição Barradas**, 3BIAT/06Out1996;
- Soldado Paraquedista **Ricardo Manuel Borges Souto**, 3BIAT/06Out1996;
- Soldado Paraquedista **Ricardo Manuel Pombo Valério**, 3BIPara/16Jul2004.

E aos que gravemente feridos, ficaram com marcas para sempre:

- Primeiro-Cabo Paraquedista **Aquilino Rodrigues Oliveira**, DAS/24Jan96;
- Capitão Infantaria **Francisco Gustavo Ribeiro P. Leite Basto**, 2BIAT/17Mar96;
- Tenente Engenharia **Augusto José Pinto da Rocha Pinheiro**, DL/02Jun96.

[2] "Creio sinceramente que o profissionalismo e o elevado brio com que os militares portugueses assumiram este desafio e desempenharam a missão demonstra, acima de tudo, a grande maturidade das nossas Forças Armadas e representa um assinalável ponto de viragem na sua preparação, por forma a continuarem a dar um contributo inestimável à sustentação da posição de Portugal no Mundo. É minha convicção de que este específico posicionamento de Portugal no Mundo contribuiu, de forma relevante, para o largo apoio que foi dispensado à nossa candidatura a membro não-permanente do Conselho de Segurança das Nações Unidas, em 1997-1998". António Vitorino, *idem*.

Nota : Este texto baseou-se no artigo do autor "Bósnia e Herzegovina 1996, ponto de viragem no Exército Português", publicado na Revista Militar n.º 2629/2630 - fevereiro/março de 2021.

[NATO]

Apoio Geoespacial na NATO

A importância da informação geográfica e cartográfica para o Comando e Controlo, a sua estruturação na Aliança Atlântica e o envolvimento nacional neste domínio

Texto : Maj Art Ricardo **Moreira** | Engenheiro Geógrafo no CIGeoE

A política geoespacial da *North Atlantic Organization* (NATO) exige que a sua estrutura de Forças e todos os seus membros desenvolvam a sua atividade operacional usando um "mapa único" e responsabiliza cada nação por um "apoio geoespacial integral".

A NATO e os seus Aliados reconhecem a importância do apoio geoespacial no Processo de Decisão Militar e a necessidade de se adaptar a um complexo, dinâmico e imprevisível ambiente em rápida evolução. Reforçou por isso a sua

postura no apoio geoespacial, adotando medidas concretas para melhorar a *Situational Awareness* (SA), tendo em vista o contributo para o sucesso operacional. Este apoio deve incluir informações geoespaciais que contribuem para alcançar a superioridade das informações no espaço de batalha, gerando uma *Common Operational Picture* aprimorada, que integra informação georreferenciada e uma SA que melhor apoie a decisão.

Os dados geoespaciais utilizados pela NATO podem ser adquiridos, cedidos pelas nações ou produzidos pelas próprias células geoespaciais (*Geocells*) que integram a sua estrutura. Através do NATO *Standardization Office* (NSO), a Organização promove a normalização da informação geoespacial para melhorar a eficácia operacional da Aliança. Promovendo normas e *Standardisation Agreement* (STANAG) é fomentada a colaboração e a partilha de informação, ajustando sinergias para que todos os membros possam empregar a mesma informação geoespacial em diversos sistemas.

A NATO dispõe atualmente de um sistema denominado *Core Geographic Information System* (*CoreGIS*) com a finalidade de prover dados geoespaciais idênticos a todos os Aliados, garantindo o fornecimento de informação geoespacial exata, oportuna e validada, que melhor apoie os Sistemas de Comando e Controlo.

Todos os membros nos Comandos da NATO podem aceder à informação geoespacial, ter acesso à mesma estratégia de informações e produtos geoespaciais, quer estejam na estrutura de comando ou numa missão liderada pela NATO, para garantir que todos utilizam o mesmo mapa na perspetiva de "*operate off the same map*".

A organização da NATO está subdividida pelas estruturas civil e militar e pelas organizações e agências. A NATO *Command Structure* (NCS) está sob a autoridade do *Military Committee*, que é a mais alta autoridade militar da Aliança. Como se vê na figura 1, a NCS subdivide-se em dois Comandos estratégicos, o *Allied Command Transformation* (ACT) e o *Allied Command Operations* (ACO). O ACT está sob o comando do *Supreme Allied Commander Transformation* e está na vanguarda da transformação militar da NATO. O ACO, com sede no *Supreme Headquarters Allied Powers* (SHAPE), está sob o comando do *Supreme Allied Commander Europe* (SACEUR) e é o responsável pelo planeamento e execução de todas as operações militares da NATO.

"A interoperabilidade multinacional, na prática do Comando e Controlo e fluxo de informação geoespacial de acordo com a cultura e estrutura de Forças da NATO, deverá ser uma prioridade no desenvolvimento nacional da capacidade geoespacial."

Figura 1 - NATO *Military Committee*

O ACT tem por principais responsabilidades a formação, o treino e os exercícios de interoperabilidade entre os países da Aliança. Promove o vínculo transatlântico entre a Europa e a América do Norte e impulsiona a divisão equitativa de tarefas, riscos e responsabilidades entre os Aliados. Como se observa na figura 2, do ACT dependem o *Joint Analysis and Lessons Learned Centre*

(JALLC), o *Joint Force Training Centre* (JFTC) e o *Joint Warfare Centre* (JWC).

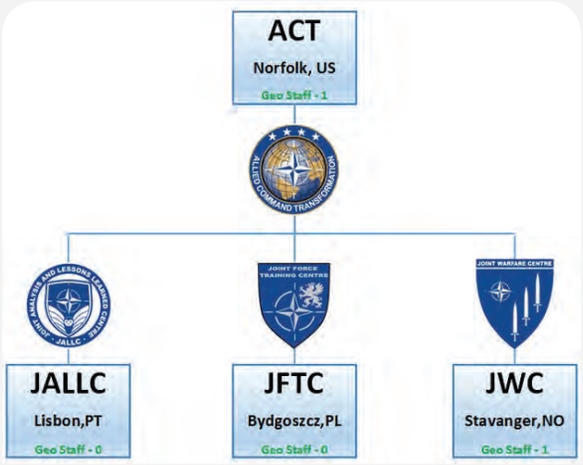


Figura 2 - NCS - *Allied Command Transformation*

O ACO encontra-se num nível estratégico e além dos Comandos das Forças conjuntas *(Joint Force Command Headquarters* – JFC HQ) está organizado em Comandos de nível tático dedicados, para as componentes marítimas, terrestres e aéreas. De acordo com a figura 3, o ACO comanda os JFC HQ de Brunssum, Naples e Norfolk; o *Joint Support and Enabling Command* (JSEC); o *Allied Maritime Command* (MARCOM); o *Allied Air Command* (AIRCOM); o *Allied Land Command* (LANDCOM) e o NATO *Communications & Information Systems Group* (NCISG).

Sob o comando do SACEUR, figura 4, na estrutura de Forças da NATO (NATO *Force Structure* – NFS) estão os *Rapid Deployable Corps* (RDC) da componente terrestre, que são Comandos de prontidão, preparados para rapidamente serem projetados para qualquer região e liderarem Forças militares da NATO numa ampla natureza de missões. A relação entre a NCS e a NFS deve garantir que todos os *HeadQuarters* (HQ) podem comandar as operações de Teatro sob o mesmo padrão comum e que os vínculos são semelhantes entre todos. Estes RDC fornecem os seus estados-maiores e agrupam Forças multinacionais com um elevado grau de flexibilidade e prontidão. Os RDC têm a disponibilidade de recursos e meios, permitindo operar no largo espectro de missões e ambientes operacionais. Cada um destes RDC, no seu processo de certificação, atravessa um intenso programa de avaliação operacional em várias áreas de capacitação. Estes RDC estão abertos aos contributos e participações de todas as NATO *Nations* (NN).

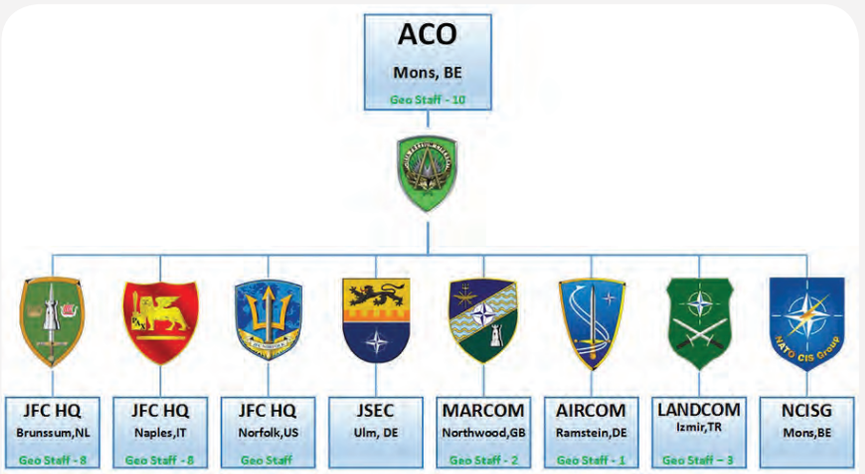


Figura 3 - NCS - *Allied Command Operations*

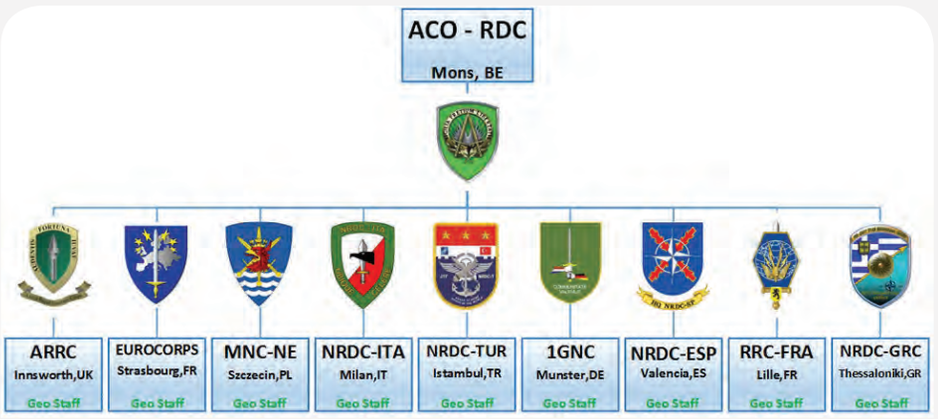


Figura 4 – NFS – *Rapid Deployable Corps*

Encontra-se identificado nas figuras 2 a 4, a presença dos *Geo Staff* (especialistas isolados ou *Geocells* constituídas). O ACT coordena as contribuições geoespaciais para o desenvolvimento de capacidades no contexto do processo de planeamento da Organização e promove a investigação e o desenvolvimento no apoio à transformação

"A NATO e os seus Aliados reconhecem a importância do apoio geoespacial no Processo de Decisão Militar e a necessidade de se adaptar a um complexo, dinâmico e imprevisível ambiente em rápida evolução."

na área do apoio geoespacial. Atua como um centralizador para a entrada de requisitos de capacidade geoespacial, coordenando as atividades de padronização e normalização da informação geoespacial. O ACT lidera a formação técnica e o treino específico para militares nomeados para desempenho de cargos e funções de apoio geoespacial na NATO. O ACT é o responsável por estabelecer a ligação com a indústria e com a comunidade geoespacial e é responsável por desenvolver e coordenar a visão geoespacial da Aliança. No âmbito geoespacial, o JWC ministra o treino no nível operacional em apoio às operações, conduz o treino coletivo de equipas conjuntas da NCS e NFS para operações conjuntas, apoia o desenvolvimento de novos conceitos, tecnologias, modelação e simulação e desenvolve as configurações de cenários em uso nos exercícios da NATO. O JALLC realiza análises conjuntas das operações e dos exercícios e apresenta lições aprendidas referentes ao apoio geoespacial na Aliança. O JFTC apoia o treino das Forças da NATO para melhorar a interoperabilidade tática conjunta e combinada e para preparar os elementos dos estados-maiores que apoiam os comandantes com análises geoespaciais no nível tático.

O ACO coordena, planeia e direciona o suporte geoespacial para as operações, gere os relatórios de aquisição de informação geoespacial, coordena os requisitos da informação geoespacial referentes aos critérios de estandardização e efetua a gestão das aprovações por parte das NN referente à cedência de informação geoespacial a entidades não NATO, tais como Organizações Não-Governamentais e outras Organizações Internacionais. A equipa geoespacial do ACO fornece todo o apoio, difundindo informação e partilha dos serviços de produção/análise geoespacial a todo o SHAPE. Para apoiar estes processos de gestão de dados, o ACO recorre aos contributos das NN, do *Multinational Geospatial Support Group* (MNGSG) e dos serviços geoespaciais da NATO *Communications and Information Agency* (NCIA).

Nos JFC HQ as tarefas e as responsabilidades geoespaciais são fornecer o apoio geoespacial a todo os elementos e células do HQ, apoiar a manutenção e disseminação da *Geospatial List* (GEOLIST - Lista com identificação das edições autorizadas de informação geoespacial), disseminação da informação geoespacial, coordenação com a NCIA e outras agências para adquirir e produzir informação que não pode ser obtida com os recursos disponíveis nos Teatros de Operações (TO), coordenar a introdução oportuna no TO dos produtos em formatos e padrões que são imediatamente utilizáveis e exploráveis por todas os especialistas geoespaciais e pelos sistemas em uso.

Na figura 5 é possível observar a distribuição geográfica das principais entidades da NCS, da

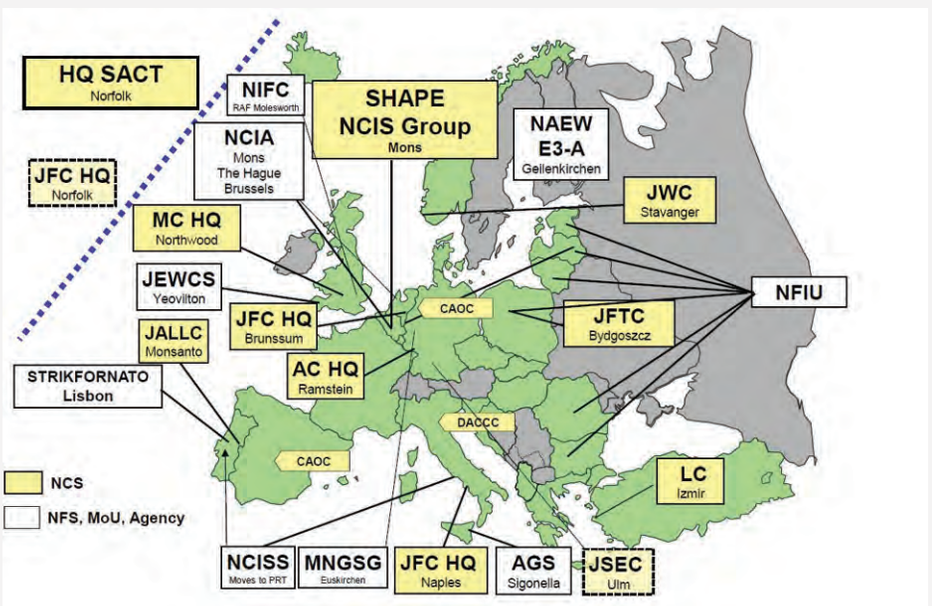


Figura 5 – Localização da NCS, NFS e agências da OTAN. **Fonte :** OTAN, 2019

NFS e agências da NATO.

De acordo com a figura 6, o apoio geoespacial e os seus especialistas, desempenhando funções em *Geocells* ou ocupando cargos na estrutura e agências da NATO, desenvolvem atividades aos vários níveis da Aliança.

Qualquer nação aliada pode contribuir para a organização geoespacial garantindo o desempenho técnico no ambiente multinacional das operações aliadas. A interoperabilidade multinacional, na prática do Comando e Controlo e fluxo de informação geoespacial de acordo com a cultura e estrutura de Forças da NATO, deverá ser uma prioridade no desenvolvimento nacional da capacidade geoespacial. A crescente importância da área geoespacial estimulou as NN a ocupar cargos internacionais específicos nesta área e a exemplo, na Tabela 1, apresenta-se a organização geoespacial do ACO, com identificação dos postos a que se destinam e quais os países aliados que atualmente são responsáveis por os guarnecer. De forma semelhante, Portugal deve identificar cargos e funções na Aliança para serem ocupados por especialistas geoespaciais do Exército.

O Exército Português – referindo apenas as participações em missões relacionadas com a área geoespacial, no âmbito da NATO, da União Europeia ou da Organização das Nações Unidas – já participou com Oficiais para o cargo de *Chief Geospatial Officer* da EUFOR (missão da União Europeia na Bósnia e Herzegovina) e de *Chief Geospatial Officer do Comando* OTAN em Oeiras (*Joint Force Command Lisbon* – JFC Lisbon), com Sargentos para o cargo RSA IIX - *Staff Assistant* (*Geospatial*), no Quartel-General da *Resolute Support Mission* no TO do Afeganistão e na atualidade com Sargentos para prover o cargo de *U2 Imagery Analyst*, no âmbito da MINUSCA (Missão Multidimensional Integrada das Nações Unidas), na República Centro-Africana. ⁂

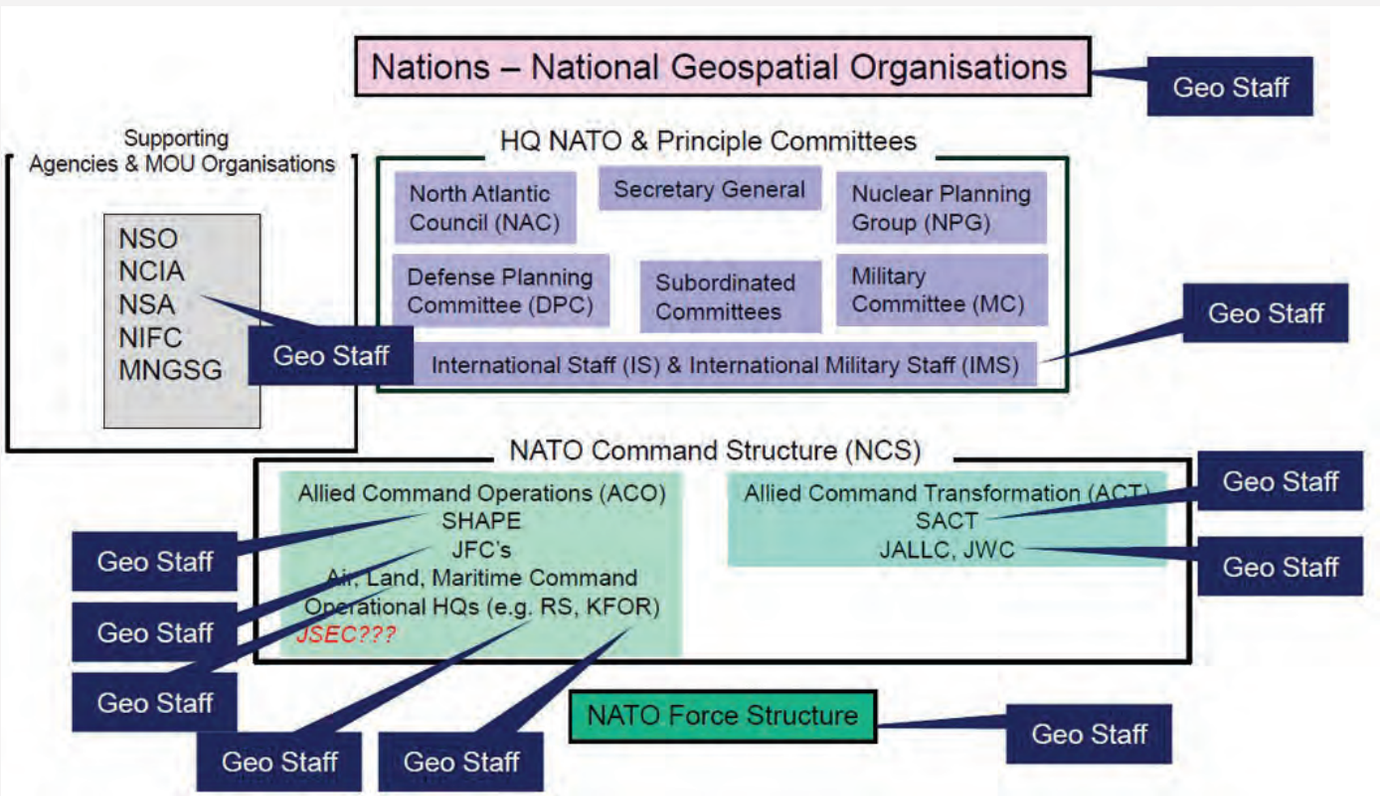


Figura 6 – Comunidade geoespacial (*Geo Staff*) da OTAN.

Fonte : OTAN, 2019

Tabela 1 : Organização geoespacial no *Allied Command Operations* **Fonte :** NATO

Estrutura de Comando OTAN		Cargo/Função	Posto	País
ACO	Shape Mons	Branch Head Geospatial Support	OF-5	ITA
		Section Head Geo Policy, Plans & Concepts	OF-4	GBR
		Staff Officer Geo Policy, Plans & Concepts	OF-3	USA
		Staff Officer Geo Policy, Plans & Concepts	OF-3	GBR
		Section Head Geo Support	OF-4	DEU
		Staff Officer Geo Support (GIS)	OF-3	CZE
		Staff Assistant Geo Support (GIS/Data Man & Analysis)	OR-8	FRA
		Staff Assistant Geo Support (GIS/Data Man & Analysis)	OR-7	DEU
		Staff Assistant Geo Support (GIS/Data Man & Analysis)	OR-7	NU
		Staff Assistant Geo Support (GIS/Data Man & Analysis)	CIV	NIC
	JFC Brunssum	Section Head (Geo Support)	OF-4	GBR
		Staff Officer (Geospatial)	OF-3	DEU
		Staff Officer (Geospatial/Hydro)	OF-3	POL
		Staff Assistant (Geo Technician)	OR-8	DEU
		Staff Assistant (Geo Technician)	OR-8	GBR
		Staff Assistant (Geo Technician)	OR-6	GBR
		Staff Assistant (Geo Technician)	OR-6	USA
		Staff Assistant (Geo Support Database)	CIV	
	JFC Naples	Section Head (Geo Support)	OF-4	GBR
		Staff Officer (Geospatial)	OF-3	USA
		Staff Officer (Geospatial/Hydro)	OF-3	POL
		Staff Assistant (Geo Technician)	OR-8	CAN
		Staff Assistant (Geo Technician)	OR-8	GBR
		Staff Assistant (Geo Technician)	OR-6	CAN
		Staff Assistant (Geo Technician)	OR-6	USA
		Staff Assistant (Geo Support Database)	CIV	
	MARCOM Northwood	Staff Officers Geo	OF-4	ITA
			OF-2	FRA
		Staff Assistant Geo	OR-7	ITA
	AIRCOM Ramstein	Staff Assistant Geo	OR-6	GBR
	LANDCOM Izmir	Section Head (Geospatial)	OF-3	USA
		Technician (Geospatial Analyst)	OF-2	GBR
		Technician (Geospatial Analyst)	OR-8	GBR

Legenda :
OR 6 - Segundo/Primeiro Sargento
OR 7 - Sargento-Ajudante
OR 8 - Sargento-Chefe
OF 2 - Capitão
OF 3 - Major
OF 4 - Tenente-Coronel
OF 5 - Coronel
CIV - Civil

Ação Social Complementar do Instituto de Ação Social das Forças Armadas

"Ao seu lado, hoje e sempre"

Um apoio, presente e multifacetado, a diferentes gerações da Família Militar que aqui se dá a conhecer

Texto : Dr.ª Paula **Costa** | Vogal do Conselho Diretivo do IASFA

O Instituto de Ação Social das Forças Armadas (IASFA) é um instituto público que tem por missão garantir e promover a Ação Social Complementar (ASC) dos seus beneficiários e gerir o sistema de Assistência na Doença aos Militares das Forças Armadas (ADM).

Os beneficiários da ASC são os militares dos quadros permanentes e o pessoal militarizado das Forças Armadas, bem como os seus familiares (cônjuges ou equiparados e descendentes a

cargo). São também beneficiários da ASC os deficientes das Forças Armadas que tenham requerido a sua inscrição e os civis beneficiários dos antigos Serviços Sociais das Forças Armadas.

As principais valências da ASC do IASFA são o apoio aos idosos, através das Estruturas Residenciais para Pessoas Idosas (ERPI); o apoio à habitação, através do arrendamento social; a concessão de subsídios e comparticipações financeiras; o apoio social; o apoio à infância e à juventude, através dos equipamentos sociais berçário, creche, jardim de infância e residências universitárias; o alojamento temporário, restauração e turismo e lazer.

O IASFA tem 12 Centros de Apoio Social (CAS) distribuídos pelo território continental e Regiões Autónomas da Madeira e dos Açores, e o Centro de Repouso de Porto Santo (CEREPOSA), vocacionado especificamente para o turismo.

Apoio aos Idosos - Estruturas Residenciais e Outros Apoios

As três ERPI do IASFA localizam-se nos Centros de Apoio Social de Oeiras, Porto e Runa e destinam-se a beneficiários com idades a partir dos 65 anos. Além de alojamento e alimentação, são prestados cuidados médicos e de enfermagem, apoio social e atividades lúdicas. As ERPI organizam-se em Unidades Funcionais (UF) 1 e 2, destinadas, respetivamente, a pessoas autónomas ou com dependência ligeira e a pessoas com dependência moderada a grave.

Já as Residências Assistidas (RA), no CAS de Oeiras, destinam-se a beneficiários autónomos, com idades a partir dos 70 anos, que arrendam uma residência e podem contratualizar serviços adicionais, como alimentação ou limpeza. Os residentes das RA podem também ingressar na UF1, a seu pedido, após um período de 36 meses.

O Centro de Convívio do CAS do Alfeite promove atividades recreativas e culturais, contribuindo para prevenir o isolamento e retardar ou evitar a institucionalização.

O IASFA tem vindo também a celebrar protocolos com entidades prestadoras de serviços, que asseguram aos beneficiários condições vantajosas para o acesso a valências como Apoio Domiciliário, Apoio na Saúde, Lares e Casas de Repouso,

Centro de Apoio Social de Oeiras, Serviço de Apoio Medico e Unidade Funcional 2

Centro de Repouso de Porto Santo

Educação, Creche e Jardim de Infância, Turismo e Lazer, Automóveis, Financeira, Funerária, Cabeleireiro e Estética no Domicílio e Restauração.

Há igualmente um protocolo entre o IASFA e os Serviços Sociais da Guarda Nacional Republicana, que permite aos beneficiários de cada uma das entidades o acesso às valências da outra entidade, em capacidade sobrante.

Serviço Social e Subsídios e Comparticipações

Os CAS disponibilizam atendimento social direcionado às necessidades específicas dos beneficiários e asseguram o encaminhamento para respostas sociais do IASFA ou para outros organismos.

Os Subsídios e Comparticipações da ASC são os seguintes:

- Subsídio Complementar de Nascimento;
- Subsídio de Transição Escolar;
- Comparticipação de Apoio Escolar;
- Comparticipação Especial para Apoio na Deficiência;
- Subsídio Complementar por Carência Económica;
- Subsídio Complementar Extraordinário;
- Subsídio Complementar de Apoio de 3.ª Pessoa;
- Subsídio Complementar para ERPI.

Os CAS de Oeiras, Lisboa, Alfeite, Runa, Tomar, Viseu, Porto e Ponta Delgada disponibilizam serviços de apoio médico.

Berçário, Creche e Jardim de Infância e Residências Universitárias

O berçário, creche e jardim de infância estão instalados no CAS Alfeite.

As residências universitárias localizam-se nos CAS de Oeiras, Porto e Coimbra.

Apoio à Habitação

O IASFA tem um parque habitacional de 1794 habitações, em várias localidades de Portugal continental e no arquipélago dos Açores.

As casas são arrendadas por concurso e a fór-

Residências Assistidas IASFA

"Para alojamento e férias no estrangeiro, os beneficiários podem, em Regime Livre, efetuar reserva (...) numa extensa lista de *resorts* e messes dos 11 países que, juntamente com Portugal, integram o *Liaison Committee of Social Military Organisations*..."

mula de cálculo das rendas é a do regime de renda apoiada, em função dos rendimentos do agregado familiar. Durante os anos de 2019 e 2020 foram realizados dois concursos para arrendamento de um total de 153 habitações. O próximo concurso deverá abrir no último trimestre de 2021.

Turismo e Lazer

No território nacional, os CAS de Runa, Oeiras e do Porto e o CEREPOSA proporcionam alojamento e alimentação aos beneficiários, existindo, ainda, um protocolo estabelecido com o Exército para a disponibilização de reservas nas Messes Militares de Lagos e Tavira, em capacidade sobrante. No CEREPOSA, as modalidades Regime de Turnos, Pacotes Promocionais Familiares e Regime Livre proporcionam estadias de duração variável a preços muito atrativos.

Para alojamento e férias no estrangeiro, os beneficiários podem, em Regime Livre, efetuar reserva, através do IASFA, numa extensa lista de *resorts* e messes dos 11 países que, juntamente com Portugal, integram o *Liaison Committee of Social Military Organisations* (CLIMS), a preços módicos, designadamente em França, Bélgica, Alemanha e Áustria, Grécia, Espanha, Itália, Roménia, República Checa, Polónia, Hungria e Bulgária.

O IASFA organiza igualmente viagens de grupo para os países do CLIMS, com programas diversificados, proporcionando visitas a locais de interesse cultural e natural, experiências gastronómicas e espetáculos, a preços convidativos. Também a nível nacional são organizadas viagens de grupo para diversos destinos.

Para os mais novos, o IASFA organiza campos de férias não residenciais para crianças e jovens dos 6 aos 14 anos, e promove a participação de filhos de beneficiários no *International CLIMS Camp*, que se realiza todos os anos num país pertencente ao CLIMS e é dirigido a jovens dos 15 aos 17 anos.

Os CAS de Oeiras, Lisboa, Porto, Runa e o CEREPOSA têm serviços de Restauração e aluguer de espaços para a realização de eventos sociais e de atividades formativas e culturais.

Os CAS organizam iniciativas de animação sociocultural, com visitas turísticas, bem como convívios entre os beneficiários.

A Ação Social Complementar à Distância de Um Clique

O IASFA disponibiliza informação completa e atualizada no seu *site* www.iasfa.pt. O registo na plataforma Portal do Beneficiário, em https://iasfa.defesa.gov.pt/ permite o acesso a inscrição nas diversas atividades. As páginas nas redes sociais *Facebook*, *Instagram* e *LinkedIn*, a *Newsletter* mensal e a revista eletrónica trimestral InfoIASFA completam a informação sempre disponível. Registe-se no Portal e subscreva as publicações, visite o seu Centro de Apoio Social. Em suma, venha conhecer as nossas respostas e valências. Queremos estar ao seu lado, hoje e sempre.

Protocolo Santander Totta

Um acordo que vale vantagens

No Santander Totta queremos ter uma relação privilegiada com os nossos clientes através dos Protocolos Colectivos. Por isso, criámos condições muito vantajosas para si!

Santander Totta

santandertotta.pt

[Lisboa]

Sargento-Chefe de Administração Militar João Fernandes

"...a experiência adquirida, permite-me encarar qualquer desafio, quer seja no âmbito do Serviço a que pertenço ou em qualquer outra área que o Exército necessite"

[Sargento -Chefe João Fernandes]

O Sargento-Chefe João Carlos Chaves Fernandes contou-nos a sua experiência de 34 anos ao serviço do Exército Português

"Incorporado no Exército em setembro de 1987 frequentei o Curso de Formação de Sargentos na ESE, de 1989 a 1991, tendo ingressado no Quadro Permanente do Serviço de Administração Militar em 1 de outubro de 1991.

A minha primeira colocação foi na Escola Prática de Administração Militar na Lumiar, onde desempenhei funções nas áreas da Instrução e das Finanças. Tive oportunidade de cumprir uma missão em Angola (UNAVEM III), de agosto de 1995 a fevereiro de 1996, integrado na Companhia de Logística 6, onde desempenhei as funções de Chefe da Secção de Alimentação do Destacamento do Lobito, em acumulação com as funções de Tesoureiro. Posteriormente no Huambo desempenhei as funções de Adjunto do Chefe da Subsecção de Materiais da Secção de Logística. Após o regresso da missão fui colocado no Centro de Finanças do Comando da Logística em abril de 1996, onde nos onze anos seguintes desempenhei várias funções na área das Finanças, nomeadamente nas tarefas desenvolvidas no âmbito no processamento de dados relacionados como os Registos Financeiros e na elaboração de contas de Gerências na Secção de Gestão Financeira e Contabilidade.

Em outubro de 2007 efetuei um deslocamento. Fui colocado na Messe Militar de Lagos como Adjunto do Gerente da Messe. Em setembro de 2009 regressei do deslocamento, e fui para a Direção de Finanças a desempenhar funções na Secção de Contabilidade da Repartição de Gestão Financeira e Contabilidade na área da Fiscalidade. Promovido ao posto de Sargento-Chefe em 1 de janeiro de 2016, passando desde essa altura a desempenhar funções na Secretaria de Apoio. Em 14 de fevereiro de 2018 fui nomeado como Chefe a Secretária de Apoio do Gabinete do Diretor de Finanças, funções que mantenho atualmente. O Chefe da Secretaria de Apoio, assiste diretamente o Chefe do Gabinete no âmbito das tarefas administrativas, coordenando a execução de todas as atividades relacionadas com as áreas de Secretaria, Pessoal, das Comunicações e dos Sistemas de Informação da Direção de Finanças. Uma carreira toda ela muito ligada á área da administração militar, mas em que a experiência adquirida, permite-me encarar qualquer desafio, quer seja no âmbito do Serviço a que pertenço ou em qualquer outra área que o Exército necessite."

[República Checa]

O Exército da República Checa

Pozemní síly Armády Ceske Republiky (PozS ACR)

Fonte : wallpaper Flare.com

Viatura PANDUR do exército checo

Fonte : military-today.com

Militar com espingarda automática CZ 806 Bren 2

Texto : Cor Cav **Marcos de Andrade**

Em 2013, após a publicação do Livro Branco da Defesa, o Governo da República Checa iniciou um processo de modernização e reequipamento do seu exército.

Atualmente, as Forças Terrestres checas totalizam 13 000 militares e têm como Forças de manobra duas Brigadas mecanizadas, a 7.ª *Mechanizovaná Brigáda* (Brigada Mecanizada) e a 4.ª *Brigáda Rychlého Nasazeni* (Brigada de Reação Rápida) e, ainda, um Regimento Aerotransportado (o 43.º *Výsadkový Pluk*).

A 7.ª Brigada Mecanizada está equipada com um Grupo de Carros modelo T-72M4 (modernizado) e três Batalhões de Infantaria Mecanizada, equipados com viaturas BVP-2, e meios de Artilharia autopropulsada (152 mm vz 77 *Dana*), de Engenharia, de Comunicações e de Apoio de Serviços.

A 4.ª Brigada, mais ligeira, tem como Unidades principais dois Batalhões de Infantaria, motorizados em viaturas 8X8 PANDUR II (modelo igual ao existente no Exército Português) e que estiveram em operações militares no Afeganistão.

O 43.º Regimento Aerotransportado, que ainda não está completo, é constituído por Forças Paraquedistas e de Operações Especiais. Na sua máxima força terá um efetivo na ordem dos 1000 militares.

O exército checo tem como armamento individual as pistolas CZ 82, as pistolas-metralhadoras *Scorpion* EVO 3 e as espingardas automáticas CZ 806 *Bren* 2, todas de fabrico checo.

[Estados Unidos da América]

A Sesta Faz Parte do Manual

O exército dos Estados Unidos da América apresentou um novo manual de campo. Este manual indica a sesta a meio do dia como algo saudável, para melhorar o desempenho, centrando-se no bem-estar individual dos Soldados e atualizando as últimas recomendações de saúde e condicionamento físico, publicadas em 2012.

O manual mostra as diferentes *preparações* que um Soldado precisa: físicas, nutricionais, mentais, espirituais e o sonho, ao qual dedica um capítulo inteiro. Além de incentivar a sesta à tarde, o exército norte-americano planeia mudar as suas sessões de treino matinal de uma hora para regimes de treino individual, adaptado às necessidades do indivíduo.

A atual abordagem militar aos aspetos de saúde e bem-estar é baseada em relatos de lesões e outros problemas que têm dificultado a prontidão e o desenvolvimento das atividades do Soldado. De acordo com as estatísticas, mais de 58 000 Soldados do exército norte-americano foram considerados temporariamente inaptos para atuarem em operações e cerca de 15 000 desses Soldados estão permanentemente inaptos.

Em 2018, mais de metade dos militares norte-americanos sofreram novas lesões e 71 % dessas lesões seriam evitáveis, uma vez que foram causadas essencialmente por sobrecargas físicas. ع‌ج

Créditos : https://www.nytimes.com/2020/10/01/us/army-naps.html

Fonte : MCCURDY, Christen, *New Army field manual recommends midday naps* www.spacewar.com

4.ª CCP num deslocamento em Moçambique

Operação CILINDRAGEM

Dia: D+15

Não há família mais forte do que aquela que nasce na guerra pela honra e coragem!

Texto: Sargento-Mor Paraquedista (Reforma) Celso **Feijão**
Fotos: Sargento-Mor Paraquedista (Reforma) Serrano **Rosa**

Nesta operação, os Paraquedistas, com pouca água e alimentados a conservas, sobreviveram dezasseis dias a longas marchas, sem muda de roupa, temperaturas acima de 40 ºC, humidade elevada; as excreções de suor retiradas do organismo diminuíam perigosamente as reservas de cloreto de sódio, o camuflado sujo e endurecido partia, sem banho, sem água para lavar as mãos, a cara e dentes, o mal-estar era proporcional ao cheiro do nosso corpo que tresandava a animais em decomposição.

"Vacinado por ato tão violento, sem nada temer, vesti a pele de lobo faminto, caçador ávido por sangue."

[SMor Celso Feijão]

15 de outubro de 1966, dia D+15, último dia de operação, o Batalhão de Paraquedistas terminou a missão em Mueda. A 1.ª Companhia vinda da Capoca fez a aproximação a Miteda, pelo caminho estreito através do mato, a 4.ª Companhia de Caçadores Paraquedistas (CCP) patrulhou a picada de Nangololo/Miteda; de Miteda a Mueda, o Batalhão deslocou-se em coluna auto militar.

Em estado lastimoso sujos de poeira e de prurido de feijão macaco o corpo transportava fungos de micose e outros agentes patogénicos. Ao décimo sexto dia da operação *Cilindragem*, os Paraquedistas de semblante carregado regressam tristes a Mueda; de olhar perdido no tempo carregam pesar. Quis o destino que na primeira operação assistissem à partida antecipada do Paraquedista 315/64, João Custódio Severino (em Nancatar, a 30 de setembro de 1966) e do Sargento Paraquedista José Maria Silva Ferreira (na picada Nangololo/Miteda, a 15 de outubro de 1966). A 4.ª CCP perdeu para sempre dois amigos/irmãos, outros tantos regressaram à Metrópole com ferimentos graves, o Clemente e o Alves. A dor deixa-os furiosos, mais conscientes dos riscos, mais bem preparados, hábeis e fortes, desejam regressar à zona de combate para aplicar ao inimigo um castigo exemplar.

Na madrugada de 15 de setembro de 1966, a 4.ª CCP entra na picada de Nangololo em direção a Miteda, percorre sem qualquer incidente cerca de dez quilómetros, um silêncio aterrador aproxima-a do fatídico trilho de Manjagula. O dia – em que a esposa e o filhote do Sargento Silva Ferreira chegaram ao aeroporto da Beira – ainda não aparecera, também não havia luar. Cento e dezoito militares passaram o engenho explosivo (fornilho) escondido na areia da picada; religiosamente as distâncias de segurança estavam a ser mantidas, todos trilhámos o caminho dos homens da frente e estávamos a meio do percurso do quartel de Miteda.

Ainda antes da chegada da claridade que precede o nascer do dia, a luz intensa, acompanhada do som forte da súbita libertação de energia, sai do sítio tocado pelos pés do Sargento Silva Ferreira. O tronco rasgado pela

Moçambique, rebentamento de mina na picada

Norte de Moçambique, Vale de Miteda, 1966

violência do fornilho (onda de choque) e crestado pelo fósforo, colocado por maldade, é afastado do grupo que funciona como um todo. Separado do resto a explosão desfez elementos que funcionam de forma integrada, também a mochila, a AR-10/*Armalite*, os carregadores e munições volatilizaram-se. Pedacinhos orgânicos em sangue, sujos de terra e de elementos químicos, são recolhidos para a minha capa impermeável (poncho, modelo USA). A nossa reserva de água é utilizada para lavar as feridas do Cabo Clemente e do Soldado Alves, feridos gravemente. Próximo do local prepara-se a zona de aterragem e aguarda-se a chegada do helicóptero proveniente de Porto Amélia. A evacuação dos feridos e dos restos do Sargento ocorre pelas nove horas e trinta minutos. O *Alouette* II em voo rasante toma o rumo do posto de socorros avançado de Mueda.

O adiantar da hora não é ignorado pelo apertado estômago, as mãos pintadas de sangue, escurecidas por componentes explosivos levam à boca faminta os pedacinhos de atum de conserva embrulhados em pão.

Este acontecimento funesto, ocorrido aos dezanove anos, tirou-me a inocência e colocou-me perante a real brutalidade da guerra, fez de mim uma pessoa intransigente para com os insurgentes, preparado para o combate, separado de humanidade e de algumas emoções. Vacinado por ato tão violento, sem nada temer, vesti a pele de lobo faminto, caçador ávido por sangue. Pondo em prática os conhecimentos passei a confiar essencialmente na sorte e transformei-me num ser frio capaz de aniquilar e de beber o plasma do inimigo.

O Sargento Silva Ferreira, meses antes meu instrutor de tática de combate e comandante da 1.ª Secção, em nosso entender, era um combatente sábio e inatingível. Sem ser simpático, o meu Sargento era um militar promissor, educado e respeitado, disciplinado e disciplinador. Homem brilhante carregava saber e perspetivava futuro na carreira das armas.

A chegada à Unidade do Exército de Miteda ocorreu pelas onze horas e trinta minutos. A 4.ª CCP fez patrulhamento apeado à picada desde Nangololo. A 1.ª CCP patrulhou a estrada da Capoca e a quatro quilómetros da nossa posição sofreu uma brutal emboscada. O som de muitos tiros e explosões chegou até nós e o Sr. Tenente Lousada colocou em estado de prontidão a 4.ª CCP. Via rádio (AN/PRC-10) ofereceu reforço à 1.ª CCP do Sr. Capitão Ruas, mas o apoio não foi considerado necessário.

Os Paraquedistas não saboreavam uma refeição quente desde 30 de setembro, a última acontecera em Nancatar. Sujos e esfarrapados, o aspeto exterior semelhante a bandidos terá impressionado o comando da Companhia de Miteda. O Sr. Capitão do Exército, preocupado com a nossa aparência causada por desidratação e nutrição deficiente, providenciou uma refeição quente (almoço) de bacalhau com batata regado a vinho.

Os ataques às Unidades da linha da frente eram frequentes, as nossas operações na área aliviavam a pressão inimiga; a alteração provocada pelos ataques das nossas Forças de intervenção a bases da Frelimo fazia pesa-

das baixas ao inimigo e durante algum tempo a tropa de quadrícula respirava de alívio. Por experiência direta apuramos que, desde o comandante ao Soldado mais moderno, todos gozavam de felicidade por ver os amigos Paraquedistas por perto. Estiveram ao melhor nível, foram bons colaboradores e em situações críticas ofereciam o que de melhor tinham!

Os barris *du rouge* permaneciam no exterior da cozinha. O acesso demasiado fácil permitiu que alguns militares do Exército e Paraquedistas não resistissem à tentação de subtrair parte do produto. Denunciada a situação, os comandantes das Companhias decidiram que todos os Paraquedistas descontariam determinado montante do pré, para repor o quíntuplo do valor do produto furtado. Todos consideramos a decisão justa!

Pelas quinze horas ocupámos lugar nas viaturas e entrámos na picada poeirenta. Hora e meia depois chegámos ao nosso destino – Mueda – sem incidentes.

A 17 de outubro, respeitando a regra da antiguidade, a 1.ª CCP regressou à Base Aérea n.º 10, na Beira, e a 4.ª CCP fez a viagem de regresso no dia seguinte. Mantendo a capacidade operacional a Força Aérea utilizou os mesmos aviões *Nord Atlas*, modelo 2502, para substituir as Unidades desgastadas pelas 2.ª e 3.ª Companhias de Paraquedistas. ✈

Nota• Artigo publicado originalmente no Boletim AFAP Nº 75

Mueda, 16 de outubro de1966 - Só tínhamos esta muda de roupa
De joelhos: Serrano Rosa, Mota e Folgado - De pé: Eu, Bexiga, Dias e Oliveira

Linhas de Torres Vedras – Percursos
Wellington (Parte II)

Quinta dos Freixos. Quartel-General de Wellington **Fonte:** RHLT

Para completar este percurso, depois de sair do Alqueidão, parta para Pero Negro, onde Wellington estabeleceu a sua residência e quartel-general, numa propriedade conhecida por Quinta dos Freixos, atualmente um jardim de infância, perto da linha do comboio.

Para lá chegar de carro tem vários caminhos. Aquele que lhe sugerimos, com cerca de dez quilómetros, permitir-lhe-á ver, no trajeto, o mais recente monumento evocativo das Linhas de Torres e de homenagem aos populares e militares que as construíram e defenderam, da autoria de Rogério Timóteo.

Siga, primeiro, pelo caminho municipal 1211 e, depois, pelas estradas municipal 530 e nacional 374. Passará por Casal Cochim, local onde Beresford, o comandante do Exército Português, fixou o seu quartel-general pela sua proximidade ao de Wellington, na Quinta Nova de Nossa Senhora. Logo depois, na rotunda que conduz a Pero Negro, encontra-se o monumento, que consiste numa escultura composta por 152 pilares, que simbolizam o total de fortes e redutos das Linhas e esboçam a silhueta de um soldado de infantaria e de um canhão.

A escolha desta localização para a sua implantação é também ela plena de simbolismo. Não dista muito do Forte do Alqueidão e da serra do Socorro – o centro nevrálgico da rede de comunicações estabelecida nas Linhas e onde este percurso irá terminar – e insere-se na zona onde se concentraram vários quartéis-generais do exército Aliado, pois além dos de Wellington e de Beresford, estavam, a curta distância, na Quinta da Póvoa, no sopé da serra do Socorro, o do General Spencer, 2.º comandante do exército britânico na Península e, na Enxara dos Cavaleiros, o do General espanhol marquês de La Romana.

E é para esta última localidade, já situada no concelho de Mafra, que deverá prosseguir, após visitar Pero Negro, indo ao encontro do Circuito da Enxara. Dois fortes o integram, situados entre as duas Enxaras (a dos Cavaleiros e a do Bispo) e foi neles e na região circundante que o Corpo espanhol, comandado por La Romana e composto por cerca de 8000 homens, se estabeleceu para impedir a penetração do exército francês, quer pelo vale do Sizandro, quer pela estrada de Torres Vedras para Montachique.

Assim que sai da localidade, logo após o viaduto sobre a autoestrada A8, vire à esquerda e percorra a estrada até encontrar, novamente, à sua esquerda a placa que sinaliza o circuito. Siga pelo caminho de terra batida e não demorará muito a chegar ao primeiro dos fortes, o Pequeno. Com um formato alongado, apresenta estrutura em terra, com fosso, cinco canhoneiras, um paiol com traves de proteção e traves interno. Tinha uma guarnição de 270 homens e três bocas de fogo.

O monumento evocativo das Linhas, da autoria de Rogério Timóteo **Fonte:** RHLT

Texto : TSup João **Moreira Tavares** | Redator do *JE*

Quinta da Póvoa. Quartel-General de Spencer **Fonte:** RHLT

Volte à estrada e percorra-a mais para diante até um novo caminho de terra batida à direita. São cerca de 500 metros até ao Forte Grande, que difere do primeiro, sobretudo, no seu formato, semelhante a uma estrela. Já quanto à sua guarnição e armamento a diferença é mínima, pois albergava uma guarnição de 280 homens e apenas mais uma boca de fogo que o Forte Pequeno. Ambos, porém, complementavam-se e tinham os mesmos propósitos: cobrir uma eventual retirada da 1.ª Linha pela Vila da Enxara, batendo os terrenos e as estradas adjacentes, nomeadamente a Estrada Real de Torres Vedras.

Rume, agora, pela Nacional 9-2, na direção da serra do Socorro, que completa o Circuito da Enxara e este percurso, um local de grande beleza e significado.

Mas antes de subir à serra espreite a Quinta da Póvoa, ali tão perto, que além de ter sido o quartel-general de Spencer, durante a 1.ª Invasão francesa de Portugal (1807/08) serviu de abrigo à resistência civil armada. Ainda hoje preserva memórias de há dois séculos, nomeadamente o quarto onde dormiu o General britânico, com vista direta para a serra do Socorro.

Lá do alto contemple a desafogada paisagem e se for já final de tarde aproveite para ver o pôr do sol. A serra foi estratégica e crucial para a comunicação nas Linhas, pelo amplo domínio do terreno conferido pela sua altitude e pela sua centralidade por se situar entre as 1.ª e 2.ª Linhas. Por isso foi escolhida para receber a estação central das comunicações das Linhas de Torres e, também, nos dias de hoje, para acolher o centro de interpretação dedicado a esta temática.

Três núcleos expositivos o compõem: a História e Património da Serra do Socorro, lembrando a ocupação humana do local já desde a Idade do Bronze e salientado o seu uso religioso, de que a ermida da Serra do Socorro ou das Neves é, também, ela um testemunho antigo, pois remonta à primeira metade do século XVI; as Comunicações Visuais na Guerra Peninsular, explicando o funcionamento e a importância destas comunicações e o Telégrafo da Serra do Socorro, do qual foi construída uma réplica usada nas recriações históricas feitas naquele espaço.

A melhor ocasião para visitar o ninho da águia, como também foi chamada a serra do Socorro, numa alusão ao tempo que Wellington ali passou, é, precisamente, aquando da realização de uma destas recriações. Para o efeito, junto do Centro de Interpretação das Linhas de Torres de Mafra, obtenha mais informações sobre esta atividade e outras associadas às Linhas.

Bom passeio!

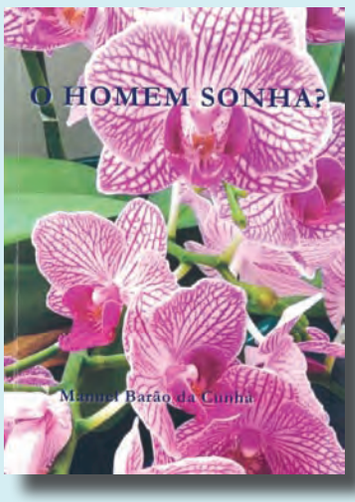
Recriação histórica do telégrafo de balões na serra do Socorro
Fonte: RHLT

Oficiais Milicianos Pára-Quedistas da Força Aérea Portuguesa

Este é um livro de factos. José da Fonseca Barbosa relata o que a investigação documental e as entrevistas narram: organização, tradições, rotinas, quer no quartel quer nas sessões de saltos ou operações, um manancial de informação sobre todos e cada um dos, menos de 200, Oficiais milicianos paraquedistas que fizeram a Guerra do Ultramar. Não sendo profissionais fizeram a guerra oferecendo-se para as tropas paraquedistas, a única Unidade das Forças Armadas portuguesas que durante a guerra sempre viveu apenas e só de voluntários, todos.

BARBOSA, José da Fonseca, *Oficiais Milicianos Pára-Quedistas da Força Aérea Portuguesa, Volume 1 "os que combateram em África" 1955 a 1974*, Fronteira do Caos, 2018

O Homem Sonha?



O Coronel Barão da Cunha deu este título – *O Homem Sonha?* - à sua última obra publicada, que tem uma pequena (ou grande) particularidade. O autor colocou um ponto de interrogação e não um ponto de exclamação, portanto faz uma pergunta e não uma exclamação. E bem! Porque o livro é precisamente uma resposta a essa pergunta. É um desfilar de memórias, de realizações, de lutas, de obras feitas e de projetos realizados pelo autor ao longo da sua vida. A obra tem um posfácio, a pedido do autor, feito pelo Coronel António Marcos de Andrade, Diretor do *Jornal do Exército*. Uma boa leitura para tempos de verão e férias.

CUNHA, Manuel Barão da, *O Homem sonha?*, Edição do Município de Oeiras, dezembro de 2020

Geo Histoire

Este número especial, de abril/maio, da revista francesa *Geo Histoire* é inteiramente dedicado a evocação da passagem do 2.º centenário da morte do Imperador Napoleão Bonaparte.
Ele é mais que uma simples revista, é um catálogo de uma exposição sobre a vida e obra de Napoleão, organizada em quatro partes: o destino; a estratégia, a queda e, por fim, a atualidade. Ao longo das suas 135 páginas são evocados os feitos não só militares, mas também políticos de um dos maiores da História da França, ilustrados por uma excelente seleção de fotografias e iconografia.

Geo Histoire, abril/maio de 2021

RAIDS

Esta é uma revista francesa especializada em assuntos militares, que aqui damos frequentemente destaque devido ao interesse que despertam os temas e assuntos que publica.
Este número traz-nos, entre outros, um artigo sobre a Academia Internacional de Luta Contra o Terrorismo, sediada em Jacqueville, uma cidade costeira nos arredores de Abidjan, capital da Costa do Marfim. Esta Academia, que funciona com um forte apoio da França, tem servido de centro de instrução para Forças Especiais de vários países africanos.
Destaque também para a notícia do apoio que Portugal está a dar ao conflito, na região de Cabo Delgado, no norte de Moçambique.

RAIDS, n.º 418, maio de 2021

Mundo em Caos

Mundo em Caos é um filme que se passa num futuro próximo, em que os humanos vivem num planeta marcado pela ausência total de mulheres, e no qual os homens são afetados pelo *ruído*, uma força que torna os pensamentos dos homens *audíveis* e expostos a todos.
Este é o lar de Todd Hewitt (Tom Holland), um rapaz que tem toda a sua perceção da realidade destruída, quando encontra uma mulher, Viola (Daisy Ridley), após a queda da nave dela. Logo aí, Todd percebe que precisa salvar a vida dela, ameaçada pelo prefeito Prentiss (Mads Mikkelsen), o seu filho Davy (Nick Jonas) e Aaron (David Oyelowo).

Ficção Científica, M/12

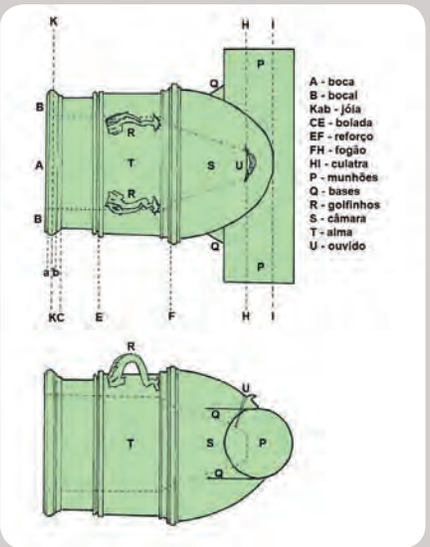
Bulletproof

Bulletproof trata-se de uma série que contém um conteúdo que interliga a comédia policial com o drama e segue uma linha de histórias empolgantes.
A produção televisiva carateriza-se por um humor particularmente britânico e recupera a tradição da *buddy cop comedy* (o subgénero de ação que explora as relações de amizade entre duplas policiais).
Bulletproof centra-se em casos criminais cativantes, mas, acima de tudo, molda esta representação em torno de uma história sobre amizade e como ultrapassar fantasmas e traumas do passado.

Comédia/Drama, M/12

Morteiro de Bronze do Reinado de D. Pedro II

Museu Militar da Madeira



Fonte: Museu Militar de Madeira
Fotografia: Carlos Pinto

Este tipo de morteiro, introduzido em Portugal a partir do final do século XVII, destinava-se à guerra de sítio, com o propósito de bater zonas desenfiadas ou entrincheiradas, provocando baixas e incêndios em locais impossíveis de atingir com as vulgares peças de artilharia.

Para o efeito era colocado num grosso reparo fixo, fortemente ancorado, e a pontaria era efetuada por intermédio de um quadrante colocado à boca. Utilizava diversos tipos de munições, como por exemplo: as bombas (balas de ferro ocas, carregadas de pólvora e munidas de uma espoleta que regulava o tempo de rebentamento), as balas incendiárias e de iluminação.

Este exemplar foi fundido, em 1704, por Luís Gomes de Oliveira, durante o reinado de D. Pedro II, no mesmo ano em que Filipe V de Espanha declarou guerra a Portugal e o nosso País se envolveu naquela que ficou conhecida por Guerra da Sucessão de Espanha. Embora se encontre exposto no Museu Militar da Madeira integra o acervo do seu congénere de Lisboa, onde, aliás, estão também expostos outros três exemplares idênticos. Assente num grosso reparo de madeira apresenta, todavia, na sua ornamentação alguns finos detalhes dignos de realce, como era uso nas bocas de fogo da época.

Na bolada tem duas asas em golfinho e no reforço as armas reais nacionais. A culatra, também é ornamentada, tendo um escudete, com forma elíptica, onde se lê "D. PEDRO II REI DE PORTVGAL, 1704" e o peso "22 * 3 * 0 *", isto é 22 quintais, 3 arrobas e 0 arráteis, ou seja 1236,608 quilogramas. Por baixo no ouvido tem uma carranca muito trabalhada. A câmara é esférica. No topo da culatra estão os munhões. Tem um comprimento total de 106 centímetros e o seu calibre é 34,2 centímetros.

EXÉRCITO
PORTUGAL
Ao serviço dos Portugueses
Use máscara e mantenha
o distanciamento social.
Proteja-se e proteja os outros.

EXÉRCITO
PORTUGAL
Ao serviço dos Portugueses

ORION 21

READY AND COMMITTED

19 abril a 13 maio 2021

SMARTER AND FASTER TO BETTER SUCCEED

Jornal do EXÉRCITO

Comemorações do DIA DE PORTUGAL

publicação mensal
Ano LXII – JE710 – Jun21 - €2,00

EXÉRCITO PORTUGAL

EXÉRCITO PORTUGAL

o Exército
nas redes sociais

exercito.pt

@ExercitoPortuguesPRT
@exercitoportugues_oficial
Exército Recrutamento
@Exercito_pt
800 20 12 74

1562 publicações
55 mil seguidores

no INSTAGRAM:

No âmbito das comemorações do dia de Portugal, teve lugar a cerimónia de homenagem aos antigos combatentes, em Belém, que contou com a presença do Exército Português.

1,2 mil gostos
163,6 mil seguidores

no FACEBOOK:

O Major Ivan Nunes sagrou-se campeão regional de Meia Maratona, do Campeonato Regional da Madeira, e a Primeiro-Sargento Belinda Rodrigues foi vice-campeã, nesta 1.ª edição da meia maratona da Calheta.

no YOUTUBE:

O Exército participou no Exercício NATO SCORPIONS LEGACY 21, na Roménia. Este exercício visou promover a interoperabilidade das Forças desta Brigada Multinacional na Roménia, entre 23 de maio e 10 de junho.

949 visualizações

584 seguidores

no TWITTER:

No passado dia 23 de junho, teve lugar na Academia Militar, em Lisboa, a tradicional Celebração da Bênção das Pastas e Fitas dos alunos finalistas.

Brigadeiro-General
Comandante da Zona Militar da Madeira
Pedro Sardinha

No início do século XIX, o Brigadeiro Oudinot foi chamado a esta região insular para superintender os trabalhos de reparação e construção das muralhas do Funchal, para garantir que as nefastas consequências da aluvião de 1803 não se voltassem a repetir. Esta deverá ter sido a primeira referência histórica, na Madeira, ao Apoio Militar de Emergência.

Passados 200 anos, o Exército Português continua a ser chamado nos momentos mais inóspitos, em que a expressão "Servir os Portugueses", tem um valor acrescido.

Apesar desta Zona Militar da Madeira já ter a experiência e as provas dadas de apoio militar oportuno, rápido e eficiente, esta região, não diferente do resto do mundo, foi assolada por uma pandemia que insiste em não dar tréguas. Mais uma vez fomos chamados a contribuir para a salvaguarda da vida humana, desta feita de forma constante e prolongada no tempo.

No entanto, apesar de tudo isto, adaptámo-nos e continuámos a desempenhar a nossa missão.

O contributo da Zona Militar da Madeira teve uma projeção regional, nacional e internacional.

Na região continuámos a efetuar o recrutamento, a classificação, a seleção e a formação para garantirmos a regeneração das nossas Forças.

Forças essas que empregámos numa campanha de combate à COVID-19.

Forças essas que continuam a assumir os compromissos regionais que o Exército tem com as instituições locais e com as populações.

Forças essas que projetámos nos últimos anos para a região do Algarve, contribuindo para o esforço do Exército no âmbito do seu Plano de Apoio Militar de Emergência.

Forças essas que projetámos, recentemente, para o Afeganistão, em cumprimento dos compromissos internacionais assumidos por Portugal.

Forças essas que honrosamente contribuíram para representar o Exército nas recentes comemorações oficiais do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, que este ano tiveram lugar na ilha da Madeira.

Forças essas movidas pelo lema "Pela Honra e pela Pátria" com o objetivo de prosseguir, cumprindo melhor. ⚜

INFORMAR PARA BEM SERVIR

Coronel de Cavalaria António **Marcos de Andrade**, Diretor do *Jornal do Exército*

A 10 de junho comemora-se o Dia de Portugal, de Camões, das Comunidades Portuguesas e também da Língua Portuguesa, do culto do Anjo Custódio de Portugal e, ainda, é a data em que o Estado Português pode comemorar, a par dos dias 9 de abril e 11 de novembro, o Dia do Combatente, lembrando os feitos dos Antigos Combatentes.

Este ano, as comemorações oficiais realizaram-se na ilha da Madeira, para onde o Exército (e os outros Ramos das Forças Armadas) enviou militares e alguns dos mais recentes equipamentos adquiridos, para que os madeirenses pudessem ter um contacto mais próximo com estes materiais em uso nas operações militares.

Tendo sido, como referimos, as comemorações do 10 de Junho realizadas na ilha da Madeira, pedimos ao Brigadeiro-General Pedro Sardinha, Comandante da Zona Militar da Madeira, que nos escrevesse algumas palavras sobre a presença e atividades do Exército nesta ilha, o que foi completado pelo artigo que apresentamos nas páginas 20 a 25 deste número do *Jornal do Exército* (JE).

O leitor depois poderá ler um artigo sobre a participação de Forças portuguesas, do 2.º Batalhão de Infantaria Mecanizado de Rodas, no exercício internacional SCORPIONS LEGACY 21.

No esforço para se equipar com armamento mais moderno, o Exército adquiriu um número significativo de caçadeiras. Num artigo que publicamos damos conta das características destas novas armas e da formação de formadores que foi ministrada aos nossos militares.

Da autoria do Coronel de Infantaria Pires Contramestre, Presidente da Comissão de Educação Física e Desporto Militar, chegou-nos um interessante artigo sobre o Linhas de Torres *Military Running Challenge 2021*, que através do desporto homenageou e enalteceu todos aqueles que construíram e defenderam o sistema defensivo de Lisboa, conhecido como Linhas de Torres.

A terminar exorto para que não deixem de ler a nossa rubrica de Cultura e Lazer, até porque publicamos um excelente artigo de um colaborador e amigo do JE, o professor Humberto Nuno de Oliveira, que faz uma evocativa e merecida homenagem ao militar do Exército Português mais condecorado, o Tenente-Coronel Marcelino da Mata, recentemente falecido e, ainda, temos as habituais sugestões literárias e cinéfilas e os roteiros militares.

Sumário .05

Editorial 03
Palavras do Diretor 04

Figuras e Factos

Destaque 06
Território Nacional 08
Outras Notícias 10

Atualidades

... mais que mil palavras 12
Comemorações
- 10 de Junho 14
Unidades
- Zona Militar da Madeira 20
Exercíc ios
- SCORPIONS LEGACY 21 26
Capacidades
- Caçadeira *Benelli* 30
Desporto
- Linhas de Torres *Military Running Challenge* 2021 34
Testemunho
- Tenente Técnico de Saúde Paulo Dias 39
Lá por Fora
- SISU GTP 4x4 40
– *Abrams* M1A2 SEPV3 41

Cultura e Lazer

Uma Visão da História
- Museu Municipal Martim Gonçalves de Macedo 42
Roteiros Militares 46
Livros & Revistas 48
Filmes & Séries 49
Peças Icónicas 50

Imagem da sub-rubrica "... mais que mil palavras": Equipa de Operações Especiais, transportada em VAMTAC URO SOF E1 **(Foto : CTOE)**

Imagem da Capa : Comemorações do dia 10 de junho, na ilha da Madeira **(Foto : CAVE)**

Jornal do EXÉRCITO

Órgão de divulgação e preservação da cultura militar, nos termos da alínea *a)*, do artigo 75.º, do Decreto Regulamentar n.º 11/2015, de 31 de julho

PROPRIEDADE DO ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO – Rua do Museu da Artilharia, 1149-065 LISBOA, Contactos: Tel. Civil: 218 842 300; tel. militar – 423 000; Fax civil: 218 842 527; fax militar: 423 227; e-mail: eme@exercito.pt. **Sede da Direção, Redação, Edição e Administração:** Palácio dos Condes de Resende, Campo de Santa Clara, 34, 1100-469 Lisboa. **NIPC**: 600021610. **Contactos**: tel. civil: 213 567 795; tel. militar: 414 026; fax civil: 213 567 791; fax militar: 414 091; *e-mails*: JE@exercito.pt; *site* oficial: www.exercito.pt. **Estatuto Editorial**: https://www.exercito.pt/pt/quem-somos/organizacao/ceme/gabeceme/je; **Direção – Diretor**: Cor Cav António Marcos de Andrade; **Subdiretor**: TCor Tm Carlos Pires de Sousa; **Secretária**: AssTec Joana Moita; **Condutor**: 1Cb RC Rui Pires; **Redação – Chefe**: TCor Tm Carlos Pires de Sousa; **Assistente de Redação**: SAj SGE David Custódio; 1Sarg PesSec Mónica Martins; **Colaboradores permanentes da Redação**: Alf RC Jaime Pereira; TSup João Moreira Tavares; TSup Tânia Espírito Santo; TSup Ana Rita Carvalho; AssTec Guiomar Brito; **Serviços Administrativos – Chefe**: TCor Tm Carlos Pires de Sousa; **Secretaria e Distribuição**: SCh SGE Carlos Claudino, 1Cb RC Rui Pires; **Colaboração Fotográfica**: Centro de Audiovisuais do Exército; RCRPP/GabCEME; **Execução Gráfica**: Jorge Fernandes, Lda. – Rua Quinta Conde de Mascarenhas n.º 9, 2820-652 Charneca de Caparica, Tel: 212 548 320, *e-mail*: geral@jorgefernandes.pt; Tiragem: 4.000 exemplares. Depósito Legal n.º 1465/82 ISSN – 0871/8598. **Preço de Capa**: €2,00; **Assinatura anual** (11 números): **via superfície** – Continente, Açores e Madeira: €20,00; **via aérea** – países europeus: €45,00; restantes países: €65,00. Os artigos publicados com indicação de autor são da inteira responsabilidade dos mesmos, não refletindo, necessariamente, o pensamento do Comando do Exército Português.

As comemorações do 10 de Junho, Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas tiveram este ano, lugar no Funchal, na ilha da Madeira

Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas

A cerimónia militar do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas foi presidida pelo Presidente da República e Comandante Supremo das Forças Armadas, Professor Doutor Marcelo Rebelo de Sousa, decorrendo este ano no Funchal, no dia 10 de junho.

Após a cerimónia de Homenagem aos Mortos em Campanha, o Presidente da República atribuiu as insígnias de membro honorário da Ordem Militar de Cristo aos Estandartes Nacionais do Estado-Maior-General das Forças Armadas e dos Estados-Maiores da Armada, do Exército e da Força Aérea. Na sua intervenção agradeceu às Forças Armadas portuguesas "pela intervenção que tiveram nos lares, pela preparação das escolas, pela garantia da vacinação em massa, por terem estado sempre, quando, onde e como era imprescindível".

A terminar decorreu o desfile das Forças em parada, que contou com a presença do Pelotão do Regimento de Guarnição n.º 3, da Zona Militar da Madeira, que regressou recentemente do Teatro de Operações do Afeganistão, onde, ao serviço de Portugal, integrou a Força de Reação Rápida e, através da sua ação, contribuiu de forma muito significativa para a missão de assegurar a segurança do Aeroporto Internacional Hamid Karzai, em Cabul.

As comemorações do 10 de Junho, Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas culminaram com a cerimónia do Arriar da Bandeira Nacional, que decorreu ao fim da tarde, na Praça do Município, no Funchal.

Centro de Tropas de Operações Especiais ministra Curso de Sobrevivência, Evasão, Resistência e Extração nível A

No âmbito do Treino Orientado para a Missão dos Elementos Nacionais Destacados indigitados para o Teatro de Operações do Mali decorreu, em 24 e 25 de maio, no Centro de Tropas de Operações Especiais (CTOE), o 4. º Curso de Sobrevivência, Evasão, Resistência e Extração nível A.

Esta formação tem como finalidade proporcionar aos militares as competências necessárias para a compreensão completa do conceito NATO *Joint Personnel Recovery*, sobreviver e escapar à perseguição de uma Força, resistir à exploração em situação de cativeiro e usar equipamento operacional de extração.

O CTOE ministra formação de Sobrevivência, Evasão, Resistência e Extração de três níveis (A, B e C) para apoiar o aprontamento das Forças e Elementos Nacionais Destacados a empenhar nos diferentes Teatros, tendo em conta que a referida formação é crucial para a sobrevivência no campo de batalha.

Seminário Anual de Comandantes das Academias Militares da União Europeia

A Academia Militar (AM) promoveu, nos dias 27 e 28 de maio, o Seminário Anual de Comandantes das Academias Militares da União Europeia (*European Union Military Academies Commandants Seminar* - EUMACS), com o objetivo de debater temas como *As Implicações da Pandemia no Treino dos Futuros Oficiais*, *Universidade Europeia* e o *Quadro de Qualificação Setorial para a Profissão de Oficial Militar*.

O seminário contou com a presença do Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas (CEMGFA), Almirante Silva Ribeiro, e do Chefe do Estado-Maior do Exército, General José Nunes da Fonseca, entre outras altas entidades civis e militares.

Na sessão de abertura, o Almirante CEMGFA destacou o seminário como uma excelente oportunidade para reforçar os laços e aprofundar a cooperação entre instituições que têm a missão de preparar os Oficiais para servirem, nas Forças Armadas, o seu País, tendo dirigido palavras de reconhecimento à AM pelo seu contributo neste programa e pelo estímulo que tem proporcionado no âmbito do envolvimento crescente das restantes escolas superiores militares portuguesas.

Este evento fomentou o contacto direto, o debate e a troca multilateral de pontos de vista e diferenças existentes entre sistemas de ensino superior militar, correspondentes aos 26 países, representados por 66 estabelecimentos de ensino superior universitário militar.

Chefe do Estado-Maior do Exército acompanhou os trabalhos de montagem de ponte militar

O Chefe do Estado-Maior do Exército, General José Nunes da Fonseca, visitou a instalação da ponte militar sobre o rio Velho, na povoação de Lavariz, freguesia da Carapinheira, no concelho de Montemor-o-Velho. No local estiveram igualmente presentes o Presidente da Câmara Municipal e o Comandante das Forças Terrestres, entre outras entidades.

A visita teve início com uma apresentação sobre a atividade de instalação da ponte militar MABEY COMPACT 200 DS, seguindo-se a observação dos trabalhos em curso, realizados pelos militares do Regimento de Engenharia n.º 1.

Esta ponte militar, com 27 metros de comprimento e 5,5 metros de largura, permite a circulação alternada e em segurança de viaturas até 60 toneladas, resultando este apoio do Exército de uma solicitação por parte da Câmara Municipal de Montemor-o-Velho e constituirá uma alternativa temporária até ser construída, no mesmo local, uma nova ponte sobre o rio Velho.

Zona Militar dos Açores realiza exercício CACHALOTE 21

De forma a validar a Segurança Militar e o Apoio Militar a Emergências Civis, o exercício CACHALOTE 21 integra o ciclo de treino operacional dos Elementos da Componente Operacional do Sistema de Forças da Zona Militar dos Açores, tendo decorrido nas ilhas de São Miguel e Terceira.

No que respeita à Segurança Militar, o exercício possibilitou a avaliação da adequabilidade dos Planos de Segurança Militar das Unidades, testando a segurança das suas instalações, para prevenir e reprimir ações contra os recursos humanos, informações, material e instalações, praticadas por Forças hostis.

No âmbito do Apoio Militar a Emergências Civis, o CACHALOTE 21 permitiu praticar a instalação e operação dos Postos de Reunião e Irradiação de Desalojados e, simultaneamente, testar os prazos de prontidão e de intervenção das equipas dos Agrupamentos Militares de Apoio Civil, de acordo com o Plano Solidário XXI.

Regimento de Engenharia n.º 1 participou nas comemorações da Engenharia Militar do Exército Espanhol

O Regimento de Engenharia n.º 1 participou no Dia de *San Fernando*, patrono da Engenharia Militar do Exército Espanhol, numa cerimónia que se realizou no aquartelamento *General Arroquia*, em Salamanca, a 30 de maio.

A participação nacional materializou o primeiro encontro entre o Regimento de Engenharia n.º 1 e o Regimento de Especialidades de Engenheiros n.º 11, desde que foi assinado o acordo de geminação entre estas duas Unidades, ocorrido em 2020.

O Regimento de Engenharia n.º 1 e o Regimento de Especialidades de Engenheiros n.º 11 consubstanciarão a ligação entre as Armas de Engenharia de ambos os países, num projeto de geminação com elevado potencial de desenvolvimento que favorecerá sinergias e experiencias mútuas entre ambos os exércitos na área da Engenharia Militar.

Juramento de Bandeira na Academia Militar

O Juramento de Bandeira de 77 Cadetes-Alunos, 61 do Exército e 16 da Guarda Nacional Republicana, do Curso General Adolfo Almeida Barbosa decorreu, a 5 de junho, na Academia Militar – Amadora.

A Secretária de Estado de Recursos Humanos e Antigos Combatentes, Professora Doutora Catarina Sarmento e Castro, presidiu à cerimónia, que contou com a presença do Chefe do Estado-Maior do Exército, General José Nunes da Fonseca, e do Comandante-Geral da Guarda Nacional Republicana, Tenente-General Rui Clero, entre outras entidades, tendo sido limitada a presença de familiares e amigos dos Cadetes-Alunos devido à atual situação pandémica.

Concluída a Leitura dos Deveres Militares seguiu-se o Ato Solene do Juramento de Bandeira, tendo os 77 Cadetes-Alunos (64 homens e 13 mulheres), perante o Estandarte Nacional, como portugueses e como militares, jurado estarem sempre prontos a lutar pela liberdade e independência da Pátria, mesmo com o sacrifício da própria vida.

Dulce et Decorum Est Pro Patria Mori

Missão de Treino da União Europeia na República Centro-Africana recebe a visita do Secretário-Geral Adjunto para a Política Comum de Segurança e Defesa da União Europeia

No âmbito de uma visita realizada à República Centro-Africana (RCA), o Secretário-Geral Adjunto para a Política Comum de Segurança e Defesa da União Europeia, Embaixador Charles Fries, foi recebido pelo Comandante da Missão de Treino da União Europeia na República Centro-Africana (EUTM-RCA), Brigadeiro-General Paulo Neves de Abreu, do Exército Português.

Esta visita contou, igualmente, com a presença da Embaixadora Rita Laranjinha, responsável pela Política Externa Europeia para África; da Embaixadora da União Europeia na RCA, Samuela Isopi, e do Embaixador da França na RCA, Jean-Marc Grosgurin.

Desde o início da EUTM-RCA, em 2016, Portugal já contribuiu com um total de 257 militares para esta Missão, nas diferentes funções de Comando, Estado-Maior e Pilares da sua Estrutura.

Delegações Portuguesa e Espanhola visitam trabalhos de campo da Comissão Internacional de Limites

Decorreu no dia 8 de junho, na região de Vilar Formoso, a visita das delegações de Portugal, através do Centro de Informação Geoespacial do Exército, e de Espanha, através do Centro Geográfico *del Ejército de Tierra*, à 1.ª fase da campanha de manutenção dos marcos que materializam a fronteira entre os dois países.

Após a apresentação de cumprimentos, os Coronéis Diretores de ambos os Centros, os Oficiais representantes dos Centros junto à Comissão Internacional de Limites do Ministério dos Negócios Estrangeiros e as equipas de campo deslocaram-se para o início do troço visitado, junto do marco de fronteira 504, onde o Chefe da Equipa de Portugal realizou um brífingue sobre a forma como está a decorrer a campanha e as dificuldades encontradas.

As delegações acompanharam, de seguida, os trabalhos de campo entre os marcos 504 e 516, assistindo e apoiando a respetiva manutenção. Este trabalho inclui a verificação das coordenadas que se encontram registadas na base de dados de acesso comum entre os dois países, a limpeza dos marcos e a desmatação da área circundante.

12.

Equipa da Força de Operações Especiais transportada em VAMTAC URO SOF E1, equipada com a metralhadora pesada BROWNING M2A2 QCB 12.7x99mm.

[Funchal]

10 de Junho

Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, na ilha da Madeira

A data nacional foi também comemorada um pouco por todo o mundo pelos portugueses que servem e vivem no exterior

Texto : TSup Ana Rita **Carvalho** | Redatora do JE

A Ilha da Madeira, o anfiteatro desenhado pela Baía do Funchal, foi um dos locais escolhidos para as Comemorações do 10 de Junho, um lugar, no meio do Atlântico, que é convergência de tempos e lugares, "terra feita por tantas e tantos que aqui chegaram e aqui viveram, ou vivem, desde há seiscentos anos onde tantas ou tantos aqui regressam, em busca do horizonte de vida que lhes faltou onde se fixaram, elas e eles ou seus antepassados", nas palavras de Sua Excelência o Presidente da República, que ali pre-

"O Dia de Portugal constituiu momento de homenagem (aos Mortos, desde logo, mas também aos que se destacaram na defesa da vida ameaçada) e também de reflexão sobre a nossa História e sobre o presente e o futuro, dimensões muito presentes nos discursos do Presidente da República e da presidente da Comissão Comemorativa do 10 de Junho."

sidiu às cerimónias comemorativas do Dia de Portugal. Mas também uma "terra" que se liga a outros horizontes e lugares, onde se cruzam "línguas, biografias e culturas", raiz e recomeço, simbolicamente inscrito no Oceano, espaço de memórias e "desafio nosso do futuro, mais ainda do que do passado e do presente", o do "Universalismo" que nos define como Nação. Terra e mar que descrevem Portugal, que nos convocam enquanto Portugueses a refazermos a nossa vida coletiva depois do tempo difícil da pandemia, que "surgiu e tudo, ou quase tudo, suspendeu, adiou, atropelou, atingiu", como também relembrou o Chefe de Estado.

Entre as iniciativas que decorreram na Ilha da Madeira, destaca-se a exposição estática de meios do Exército (designadamente de viaturas PANDUR 8X8, de viaturas VAMTAC ST5 e de viaturas POLARIS), a deposição de uma coroa de flores junto ao Monumento ao Emigrante Madeirense, as cerimónias do içar e do arriar da Bandeira Nacional, solenizadas pela Banda Militar da Madeira, e a iniciativa "Alista-te por um dia!", promovida pelo Regimento de Guarnição n.º3

(Funchal) e que visava a divulgação das Forças Armadas junto dos mais jovens.

As comemorações do 10 de Junho tiveram o seu ponto alto na cerimónia militar, presidida pelo Presidente da República e Comandante Supremo das Forças Armadas, na qual participaram os três ramos e onde marcaram presença, entre outras altas entidades, o Primeiro Ministro, o Presidente da Assembleia da República e o Presidente do Governo Regional da Madeira.

A cerimónia militar teve início com a execução do Hino Nacional pela Banda Militar da Madeira. A acompanhar o momento solene, a fragata *Álvares Cabral*, fundeada na Baía do Funchal, disparava uma salva de 21 tiros. Seguindo um formato tradicional, o Presidente da República, acompanhado pelo Comandante das Forças,

Tenente-Coronel Piloto Aviador José Dias, passou revista às Forças em Parada, após o que teve lugar a Cerimónia de Homenagem aos Mortos, solenizada pelo sobrevoo de uma esquadrilha de aeronaves F-16M da Força Aérea Portuguesa e as intervenções discursivas por parte da presidente da Comissão Comemorativa do Dia de Portugal e do Presidente da República, alusivas à data.

A imposição de condecorações, das insígnias da Ordem Militar de Cristo, ao Estado-Maior-General das Forças Armadas e aos Estados-Maiores dos três Ramos – Exército, Marinha e Força Aérea – pelos relevantes serviços prestados ao País, constituiu outro dos pontos culminantes desta cerimónia plena de sentido patriótico.

Integraram o desfile o Bloco de Estandartes Nacional, com Escolta de Honra, constituída por um Pelotão de Cadetes da Academia da Força Aérea, uma formação de Antigos Combatentes, um pelotão da Marinha constituído por militares do

Batalhão de Fuzileiros n.º 1, um pelotão do Exército, pertencente ao Regimento de Guarnição n.º 3, da Zona Militar da Madeira, e um Pelotão do Centro de Formação Militar e Técnica da Força Aérea.

O Dia de Portugal constituiu momento de homenagem (aos Mortos, desde logo, mas também aos que se destacaram na defesa da vida ameaçada) e também de reflexão sobre a nossa História e sobre o presente e o futuro, dimensões muito presentes nos discursos do Presidente da República e da presidente da Comissão Comemorativa do 10 de Junho.

A primeira intervenção discursiva coube à médica Dra. Maria do Carmo Caldeira, que se encontra em exercício de funções no Hospital Dr. Nélio Mendonça, na Ilha da Madeira, e cuja nomeação para a Comissão Comemorativa do Dia de Portugal, por parte do Chefe de Estado, neste ano 2021, constituiu em si uma homenagem a todos os profissionais de Saúde.

No seu discurso, a Dra. Maria do Carmo Caldeira revisitou a história da Ilha da Madeira, cuja descoberta, juntamente com a do Porto Santo, marcou o início dos Descobrimentos portugueses, que proporcionaram uma abertura ao Mundo, a novos ciclos económicos, à disseminação da língua portuguesa, a "intercâmbios genéticos" e a uma extensão da Portugalidade, mas também trouxeram "vírus e bactérias", contribuindo para um aumento das "doenças infeciosas tornadas epidemias". A Ilha da Madeira constituiu um ponto de partida mas também, mercê das suas próprias condições climatéricas, um destino de acolhimento, de expressão terapêutica, no contexto de diversas pestes que marcaram a História da Humanidade.

Da condição de insularidade, a ilha e o arquipélago estenderam-se ao mundo, mercê da vontade e do trabalho de um Povo "estóico". Camões, seu símbolo máximo, surge como personificação da "força e a vontade lusitana de enfrentar o desconhecido". E nesse horizonte se vislumbra também o "medo", um "grande medo coletivo", quando está em causa, como no momento presente, enfrentar a doença, exigindo novos com-

bates travados no campo da ciência, da educação, na dedicação à causa coletiva. As Forças Armadas assumem, nestes tempos e lugares, uma posição transversal e multifacetada. Nas palavras da médica:

"As pandemias desequilibram as sociedades, sendo precisos os cuidados médicos, evidentemente, mas também a coordenação, a logística, a comunicação. O importante contributo das Forças Armadas tem sido crucial em diversos cenários de crise".

Se a pandemia veio "interromper os sonhos" e suspender a vida coletiva, o esforço, dedicação e profissionalismo de todos – muito em especial dos militares e profissionais de saúde – representa a melhor face da comunidade portuguesa e do seu potencial para reinventar o futuro.

Na data nacional, que é também Dia das Comunidades e, por isso, de todos os que "criam Portugais", irmanados pela mesma nacionalidade e dispersos pelo mundo, ou comungando da mesma "humanidade", como é o caso dos que entre nós se acolhem, ambos evocados pelo Presidente da República, assumiu-se muito para além de uma dimensão celebrativa do passado, seus heróis e símbolos, uma dimensão reflexiva sobre o presente e o nosso lugar no mundo, e neste particular também o lugar das Forças Armadas na sociedade portuguesa. No contexto atual, evidencia-se a importância da sua mobilização para os mais variados sectores, desde a saúde ao apoio social, no âmbito da cooperação civil/militar, ou cooperação na área da Defesa, até à promoção da Paz e à ação humanitária, à promoção da cultura,

"Se a pandemia veio "interromper os sonhos" e suspender a vida coletiva, o esforço, dedicação e profissionalismo de todos – muito em especial dos militares e profissionais de saúde – representa a melhor face da comunidade portuguesa e do seu potencial para reinventar o futuro."

ao ensino e à divulgação da língua, cumprindo uma vocação universal que é a nossa forma de realizar Portugal.

Da Ilha da Madeira, do Atlântico, de onde saíram os navegadores portugueses do séc. XV para os Descobrimentos, em vagas e vagas sucessivas de partidas e de chegadas, de errância e enraizamento, entre terra e mar, uma vida recomeça e "reconstrói-se", no apelo do Presidente da República. E, reconstruindo-nos, negamos a nossa finitude, projetando o futuro, cumprindo um destino coletivo, hoje e desde há nove séculos "sob o signo da eternidade." ع

[Madeira]

Zona Militar da Madeira

185 Anos "Pela Honra e Pela Pátria"

Um Comando cuja ação se estende da Região Autónoma aos mais diversos e distantes Teatros de Operações

Texto : Maj Inf Paulo Freitas | Chefe Gabinete da Zona Militar da Madeira

Os Antecedentes

"Os capitães-donatários (1420-1580), os governadores-gerais (1580-1640) e os capitães-generais (1640-1834), que eram autoridades superiores do arquipélago, exerciam cumulativamente as funções civis e militares desde 1834 a serem dois cargos independentes e com atribuições inteiramente distintas, embora por vezes desempenhados pelo mesmo indivíduo, sendo então um dos cargos exercido com carácter de breve interinidade.

Pela organização actual (Decreto de 8 de abril

de 1940), o cargo de comandante militar da Madeira será exercido por um brigadeiro ou coronel, que dispõe como auxiliar directo um oficial às ordens e exerce a sua acção por intermédio duma secretaria, chefiada por um capitão de qualquer arma, de um adjunto e um arquivista e dois sargentos amanuenses."

In Elucidário Madeirense

Herdeira das tradições da presença militar na Madeira, a Zona Militar da Madeira (ZMM) comemora o seu aniversário a 12 de maio, sendo que esta referência remonta a 1509, data em que o Rei D. Manuel I enviou de Évora uma carta ao Senado do Funchal, com elevado significado para a criação de uma cultura de Defesa Nacional. A Carta recomendava aos fidalgos cavaleiros, escudeiros homens e povo da cidade para se "proverem com armas, como convém, não bastando somente a boa vontade".

Até 1834, as funções de Governador Militar e Civil eram feitas em acumulação, passando a partir desta data a serem cargos distintos, sendo que em 1836 foi efetuada a divisão por linha imaginária do monumento Palácio de São Lourenço, em área militar e civil, sendo esta última data, a referência do aniversário da ZMM, que este ano comemorou 185 anos.

Quartel-General da Zona Militar da Madeira, no Palácio São Lourenço, Funchal

Missão e Organização Atual

O Comando da ZMM assegura o comando e controlo terrestre na ZMM e a preparação, o treino e o emprego das Forças colocadas sob o seu comando.

A sua maior Unidade é o Regimento de Guarnição n.º 3 (RG3), que assegura a organização e treino do Batalhão de Infantaria (BI); a formação dos cursos de Promoção a Cabo, de Formação Geral Comum de Praças do Exército e de Condução Militar e o apoio médico-sanitário, através da Unidade de Saúde Tipo II.

Conta, igualmente, com a Unidade de Apoio, que garante todo o apoio administrativo-logístico ao Quartel-General e que tem na sua orgânica o Pelotão de Polícia do Exército e a Banda Militar da Madeira (BMM).

Através do Gabinete de Atendimento ao Público (GAP) efetua localmente a divulgação da prestação do serviço militar, o recrutamento, a classificação e a seleção para o curso de Praças e, pontualmente, para os cursos de formação de Oficiais e Sargentos RV/RC.

Na dependência do Comandante da ZMM, o Museu Militar da Madeira (MMM) contribui para a conservação e divulgação do acervo histórico militar.

O Contributo Operacional

No panorama internacional, desde o ano 2000, a ZMM contribui para a satisfação dos compromissos internacionais nos mais diversos Teatros de Operações, tais como a Bósnia-Herzegovina, Timor-Leste, Kosovo, Iraque, Mali e Somália. No último ano foi dada continuidade à satisfação dos compromissos internacionais em que Portugal participa, com a

Militar do RG3 na montagem de *Kits* de rastreio á COVID-19

projeção de um Pelotão constituído por 40 militares da ZMM para o Afeganistão, que contribuiu, durante o 1.º semestre de 2021, para o esforço subsidiário de Segurança e Defesa Internacional, no seio da NATO.

No panorama regional, a ZMM tem sido chamada a apoiar a população madeirense nos momentos mais marcantes da sua história: aluviões, incêndios e, mais recentemente, uma pandemia, que insistem em desfigurar os terrenos, as urbes e põem em risco a segurança das populações.

Em quatro séculos foram registadas cerca de três dezenas de aluviões que marcaram a história da Madeira, sendo que duas, ocorridas recentemente, em outubro de 1993 e em fevereiro de 2010, permanecem vivas na memória coletiva.

A última década foi igualmente marcada por incêndios que têm vindo a assolar a região, dizimando centenas de hectares de floresta, alguma da qual protegida.

As estórias da recuperação da ilha da Madeira confundem-se com a história do apoio militar de emergência, sendo que a primeira referência surge no século XIX, quando o Brigadeiro Oudinot melhorou a baixa funchalense para enfrentar aluviões, após a tragédia de 1803.

O apoio da ZMM e em particular do RG3 tem sido incondicional em todas as tragédias recentes, tendo sido referido "o seu mérito excecional" pelo Comandante Supremo da Forças Armadas, aquando da sua visita ao RG3, por ocasião das comemorações do Dia de Portugal, em 2021.

Para responder a estas tragédias e às eventuais solicitações pelas entidades competentes, a ZMM tem permanentemente ativo o Plano AUXÍLIO, com uma revisão de 2020, que organiza as Forças e meios em diversas capacidades, nomeadamente: Comando, Controlo e Comunicações; Apoio Sanitário e Intervenção Psicológica; Reabastecimento e Serviços; Manutenção e Transportes; Busca e Salvamento Terrestre; Segurança, Vigilância e Sensibilização e Apoio ao Combate de Incêndios.

O último ano foi marcado por uma pandemia à qual a Região e a ZMM não foram imunes.

Desde o primeiro dia em que esta pandemia *bateu à porta da Região* foram disponibilizadas duas tendas ao Hospital Nélio Mendonça, após o qual as solicitações das mais variadas entidades se foram materializando. Foi cedido um espaço ao Serviço Regional de Proteção Civil para esta-

Banda Militar da Madeira

"...desde o ano 2000, a ZMM contribui para a satisfação dos compromissos internacionais nos mais diversos Teatros de Operações, tais como a Bósnia-Herzegovina, Timor-Leste, Kosovo, Iraque, Mali e Somália."

cionamento de ambulâncias e disponibilizado espaço para a montagem de um Centro Logístico Conjunto, para apoiar qualquer manobra logística solicitada pelas entidades regionais.

À PSP foram cedidas tendas de apoio à cerca sanitária que foi estabelecida na cidade de Câmara de Lobos e apoiou-se a criação de um centro de acolhimento no RG3 e um centro de acolhimento para sem-abrigo.

Foram ministradas ações de sensibilização a 22 escolas secundárias, dos 11 concelhos da Madeira, abrangendo cerca de 800 pessoas, entre docentes e não docentes. Esta formação foi igualmente ministrada ao Estabelecimento Prisional do Funchal.

Desde 30 de dezembro de 2020, a ZMM participa na denominada *Operação Contacto Seguro*, em apoio à Unidade de Emergência de Saúde Pública, tendo elaborado milhares de inquéritos e contactos, montado mais de 100 000 *kits* de rastreio COVID-19 e tendo emitido Declarações de Isolamento Profilático.

Foi ainda ativado o Ponto de Vacinação do Funchal, onde foram garantidas as inoculações a militares dos três Ramos das Forças Armadas presentes no arquipélago da Madeira, incluindo os que prestam serviço na ilha do Porto Santo.

No âmbito do apoio ao desenvolvimento regional e proteção da natureza, o RG3 contri-

Juramento de Bandeira no RG3

bui semanalmente com tarefas diversificadas no Parque Natural da Madeira, num protocolo com o Instituto das Florestas e Conservação da Natureza, bem como no Parque Ecológico do Funchal, mediante protocolo com a Câmara Municipal do Funchal.

No Porto Santo, através do Destacamento de Segurança do Porto Santo do RG3, participa no projeto LIFE DUNAS, que tem por objetivo recuperar as dunas existentes na praia e decorre de uma candidatura realizada no âmbito da estratégia do Porto Santo para o combate às alterações climáticas, perante a elevada vulnerabilidade das regiões insulares.

Mas não só na Madeira, a ZMM contribui para o apoio militar de emergência. Inserido no âmbito do Plano de Apoio Militar de Emergência do Exército, o RG3 projeta, desde 2020, um Pelotão para o Destacamento de Tavira do Regimento de Infantaria n.º 1, contribuindo, através da realização de patrulhas, para a prevenção contra incêndios e defesa da floresta e a manutenção das condições de vida das populações locais.

Militares do RG3 em patrulha na prevenção contra incêndios em Tavira, no âmbito do Plano de Apoio Militar de Emergência do Exército

Prova de Classificação e Seleção, no Funchal

Para garantir o cumprimento das várias missões que são atribuídas à ZMM, referidas anteriormente, é justo ainda referir que o GAP Funchal contribui para o recrutamento local do nosso melhor ativo, o Soldado Português, sendo que, ao longo dos últimos anos, verificou-se um incremento de candidaturas e, consequentemente, um aumento de ingressos. Entre 2018 e 2020, o GAP recebeu várias candidaturas, de forma crescente, sendo que no primeiro semestre de 2021 já foram ultrapassadas as melhores expectativas. Esta é a prova que somos reconhecidos pelos jovens da Região Autónoma da Madeira (RAM) como um Exército credível, moderno e atrativo.

Contribuindo, igualmente, para a divulgação do serviço militar, o RG3 integra a rede dos centros de divulgação do Dia da Defesa Nacional.

"O apoio da ZMM e em particular do RG3 tem sido incondicional em todas as tragédias recentes, tendo sido referido 'o seu mérito excecional' pelo Comandante Supremo da Forças Armadas, aquando da sua visita ao RG3, por ocasião das comemorações do Dia de Portugal, em 2021."

O Contributo Cultural

A ZMM é um ator ativo na cena cultural no arquipélago da Madeira, através da Banda Militar da Madeira (BMM) e do Museu Militar da Madeira (MMM).

A BMM tem como principal missão um conjunto de atividades superiormente determinadas, não só de enquadramento musical a todo o cerimonial militar, como também de representação cultural do Exército Português junto da comunidade civil da RAM.

Ao longo de décadas foram estabelecidas diversas parcerias, que têm permitido que a BMM seja reconhecida publicamente com enorme regozijo e mérito, pelo trabalho músico-cultural desenvolvido junto de toda a comunidade madeirense.

O MMM tem as portas abertas à sociedade para partilhar um pouco do contributo do arquipélago da Madeira no contexto da expansão portuguesa, da história militar da Madeira, e das fortificações e infraestruturas militares da Região.

Tem ainda uma inovadora Sala de Efeitos Visuais, que através de um filme em 3D associado a sensações várias, disponibiliza ao público uma forma diferente de tomar contacto com os 600 anos de presença militar no arquipélago da Madeira.

O mais recente projeto do MMM foi a criação de uma *app* disponível em *IOS* e *Android*, que consiste num audioguia em quatro idiomas, que permite ao visitante percorrer as diversas salas, com uma explicação escrita e audível.

Sala do Museu Militar da Madeira

[Roménia]

SCORPIONS LEGACY 21

De 23 de maio a 10 de junho, o 2.º Batalhão de Infantaria Mecanizado de Rodas da Brigada de Intervenção participou neste exercício da NATO, que juntou, na Roménia, 1700 militares de vários países aliados

Texto : TCor Inf Vítor **Borges** | Cmdt do 2.º Batalhão de Infantaria Mecanizado de Rodas

Introdução

No âmbito da afiliação do 2.º Batalhão de Infantaria Mecanizado de Rodas (2BIMecRodas) à *Multinational Brigade South-East* (MNBde-SE), o Exército Português participou com 100 militares no exercício da NATO - SCORPIONS LEGACY 21 (SCLE 21), que decorreu na Roménia, de 23 de maio a 10 de junho, e que contou com a participação de 1700 militares de vários países aliados.

Antecedentes

Em dezembro de 2015 foi criada uma Força designada de NATO *Force Integration Unit* em

"A fase presencial do exercício SCLE 21 decorreu nos campos de treino de Cârțișoara e de Cincu e teve quatro atividades mais significativas."

Bucareste, na Roménia, e na mesma cidade foi instalado o Quartel-General (QG) da *Multinational Division South-East* (MND-SE). Em 2017 foram adotadas medidas como o posicionamento de quatro Batalhões multinacionais na Estónia, Letónia, Lituânia e Polónia, e o desenvolvimento de uma *tailored Forward Presence* (tFP) no flanco sudeste da Aliança. Foram, ainda, determinadas medidas específicas para a região do Mar Negro, que contribuíssem para reforçar a postura defensiva e dissuasiva da NATO, nas quais se enquadrou a iniciativa romena de estabelecer uma Brigada multinacional que facilitasse o treino e a integração de Unidades da Aliança. Sob o comando da MND-SE foi, assim, criada a *Multinational Brigade South-East* (MNBde-SE), com base na 2.ª Brigada de Infantaria *Rovine* romena, orientada para operações de combate, com o seu QG localizado em Craiova.

Em 2017, Portugal decidiu contribuir "afiliando um Batalhão de Infantaria Mecanizado de Rodas à Brigada Multinacional na Roménia" e atribuiu a responsabilidade ao Exército para aprontar um Batalhão de Infantaria Mecanizado de Rodas para afiliar à MNBde-SE - *tailored Forward Presence*. Foi definido que a Unidade escalão Batalhão seria o 2BIMecRodas da Brigada de Intervenção (BrigInt), encargo operacional do Regimento de Infantaria n.º 14, tendo esta Força iniciado o processo de preparação em 19 de fevereiro de 2018, com vista à sua eventual projeção e participação em exercícios combinados internacionais e nacionais.

Exercícios anteriores

Em novembro de 2018, no decorrer do exercício SCORPIONS FURY 18 (SCFY 18), a MNBde-SE foi certificada como estando pronta para combate (*Combat Ready*).

O 2BIMecRodas participou no exercício SCFY 18 com uma Companhia de Atiradores e militares do Comando e Estado-Maior (EM) do Batalhão e, em 2019, no exercício SCORPIONS LEGACY (SCLE) com o mesmo efetivo.

Devido à situação pandémica, apesar de estar prevista a participação e da presença nas conferências de planeamento, foi cancelada a participação no exercício SCLE 20.

Exercício SCORPIONS LEGACY 21

O ano de 2021 começou fortemente marcado pela pandemia em todo o mundo, pelo que foi determinado superiormente, pelo Tenente-General Comandante das Forças Terrestres, que a participação do 2BIMecRodas no exercício SCLE 21 ficaria com a salvaguarda de suspensão em função da situação pandémica.

Felizmente, a situação melhorou, permitindo a sua realização, embora com uma presença reduzida em algumas fases do exercício, tendo todos os militares participantes sido vacinados com as duas doses da vacina e submetidos a testes PCR, 72 horas antes da partida e imediatamente após a chegada.

O planeamento do exercício contemplou várias fases, tendo início em 23 março com uma fase académica e o *Key Leaders Training*, que ocorreram no QG da MNBde-SE, em Craiova, destinada aos comandantes das Forças afiliadas, na qual o 2BIMecRodas não participou. Seguiu-se a fase do *Crisis Response Planning*, na qual foi conduzido o Processo de Decisão Militar e que contou com a presença de um Oficial do EM do Batalhão.

De 19 a 23 de abril, quatro militares do 2BIMecRodas e do QG da BrigInt participaram na F*inal Coordination Conference* no *Military Circle*, em Craiova, com o objetivo de ultimar todos os detalhes conducentes à participação no exercício.

No período de 26 a 28 de maio, o 2BIMecRodas participou com quatro militares como célula de resposta do Batalhão na fase de *Command Post Exercise*, na área de treino de Cârțișoara e, no dia 27 de maio, foram projetados 95 militares.

Juntamente com os 99 militares do 2BIMecRodas também participou no exercício o Elemento Nacional Destacado do Exército na Roménia, Tenente-Coronel Siborro Alves, chefe da secção de treino (S7) da MNBde-SE, perfazendo um total de

100 militares portugueses.

A fase presencial do exercício SCLE 21 decorreu nos campos de treino de Cârțișoara e de Cincu e teve quatro atividades mais significativas.

De 28 de maio a 1 de junho, na área de treino de Cârțișoara, ocorreu um *Cross Training*, num esquema rotativo, com Forças de outras nações, nomeadamente da Bulgária, Itália, Polónia e Roménia, com vista à preparação para o *Field Training Exercise* (FTX).

De 2 a 4 de junho, na mesma região, realizaram-se ações de nível Companhia, treinando tarefas que concorrem para operações ofensivas de forma a contribuir para a integração nos Batalhões romenos.

De 5 a 7 de junho decorreu o FTX, no qual a 1.ª Companhia de Atiradores e uma Secção de Morteiros Pesados da Companhia de Apoio de Combate do 2BIMecRodas, integrados no 22.º Batalhão romeno, ocuparam uma Zona de Reunião, efetuaram uma passagem de linha e conduziram um ataque deliberado com vista à conquista de dois objetivos.

> "Esta foi uma excelente oportunidade para comprovar e demonstrar internacionalmente a qualidade do novo armamento ligeiro do Exército Português."

No dia 9 de junho realizou-se o *Live Fire Exercise*, no qual se efetuaram fogos de *Close Air Support* de aeronaves MIG 21, de *Close Combat Atack* de helicópteros IAR 330 PUMA, de Artilharia de Campanha 152 mm e várias armas de tiro tenso de 30 mm, 12,7 mm, 7,62 mm e 5,56 mm. Esta foi uma excelente oportunidade para comprovar e demonstrar internacionalmente a qualidade do novo armamento ligeiro do Exército Português. Ambas as atividades foram realizadas no *Joint National Training Centre*, em Cincu.

Em 10 de junho, os 99 militares do 2BIMecRodas regressaram a Portugal, através de voo fretado, para o Aeródromo de Trânsito n.º 1.

Conclusões

A participação no exercício SCLE 21 contribuiu de forma indelével para as relações militares bilaterais entre Portugal e a Roménia e cimentou os quatros anos de afiliação do 2BIMecRodas à MNBde-SE, sendo determinante para a colaboração nacional junto da NATO, em concreto para o contributo na tFP.

Apesar das dificuldades recentes resultantes da pandemia, a participação no exercício SCLE 21 possibilitou excelentes oportunidades de treino e de valorização técnico-tática para o Batalhão e para os seus militares, com provas dadas de grande entrosamento, tal como sucedeu nas anteriores participações nos exercícios que ocorreram em 2018 e 2019. ع

Caçadeira BENELLI

A BENELLI DEFENSE, através da NATO *Support and Procurement Agency*, forneceu 380 caçadeiras BENELLI SUPERNOVA e providenciou, ao Exército Português, uma série de cursos de formação de formadores sobre a manutenção e uso em combate destas novas armas

Texto : Major Inf "CMD" Pedro **Luís** | G2/CFT
Dr. Bryan **Ferreira** | Colaborador JE

A caçadeira BENELLI SUPERNOVA é a mais recente aquisição do Exército Português no que toca ao Projeto de Modernização do Armamento Ligeiro do Exército, do programa Sistema de Combate do Soldado. Esta nova arma tem um calibre 12 Gauge (designação anglo-saxónica), correspondente a 18,53 mm.

A BENELLI DEFENSE, situada em Urbino, Itália, é uma das maiores fabricantes de caçadeiras do mundo. Possui uma fábrica de ponta, dotada de maquinaria topo de gama e as suas caçadeiras equipam diversas forças militares de todo o mundo, incluindo diversos exércitos da NATO, onde

se destacam o norte-americano com as BENELLI M4 (uma arma semiautomática) e o francês (também com o modelo SUPERNOVA).

Esta arma, que ganhou o concurso do Exército Português, é uma das melhores caçadeiras de repetição da atualidade. Usa um sistema conhecido internacionalmente como *Pump Action*, onde o fuste da arma é usado como manobrador da culatra, em movimentos horizontais da frente para trás, voltando à mesma posição, o que faz com que retire um cartucho do tubo carregador, o coloque na câmara e, após o disparo, ejete esse mesmo cartucho vazio e coloque um novo na câmara, pelo mesmo processo. Este sistema *Pump* é o processo mecânico que a maioria das caçadeiras de repetição usam. No entanto, a BENELLI SUPERNOVA tem uma inovação única. Com o premir de um botão na parte inferior do fuste da arma, o tubo do carregador fica bloqueado, não colocando, assim, uma nova munição na câmara. Este processo tem duas grandes vantagens. Permite que o militar possa descarregar a arma permanecendo esta municiada[1], mas, mais importante, ainda permite que o militar coloque um cartucho, diferente do que está a usar, diretamente na câmara sem precisar de grandes manobras. Esta operação possibilita ao atirador, por exemplo, transitar de cartuchos de projéteis múltiplos (conhecidos como *buckshot* ou, em Português, zagalote), usados normalmente em combate a curta distância, para um cartucho de projétil único (conhecidos como *slug* ou, em Português, cartucho bala), o que lhe permitirá atingir alvos mais longe (até cerca de 100 metros) com alguma precisão.

A arma aloja quatro cartuchos no tubo carregador, mais um que poderá transportar na câmara. Foi escolhida a cor *coyote* para a arma, seguindo a atual doutrina do Exército, e no que toca ao tamanho do cano, a escolha recaiu nas 14 polegadas (35,56 mm), o que, em conjunto com a coronha telescópica com que vem equipada, permite uma balística otimizada para projéteis militares, numa arma muito compacta, leve, fácil de manejar e com uma ótima ergonomia, indiferentemente do tamanho do militar que a usa.

> "Esta arma, que ganhou o concurso do Exército Português, é uma das melhores caçadeiras de repetição da atualidade."

A SUPERNOVA, durante todos os cursos ministrados ao Exército, teve um excelente desem-

[1] Consideramos uma arma carregada quando tem munição na câmara e municiada quando tem munições no carregador. Muitas das vezes, há quem ande com as armas só municiadas e depois carrega-as só quando antevê a necessidade de usar a arma. Por exemplo, ter a arma na viatura com o carregador posto, mas sem munição na câmara. Nesta caçadeira BENELLI SUPERNOVA podemos retirar a munição da câmara (deixando assim de estar carregada), mas mantendo munições no tubo carregador.

penho e o seu tamanho compacto demonstrou ser extremamente versátil.

O uso de caçadeiras longas não se justifica para uso militar, uma vez que o operador desta arma é um especialista que consegue executar uma cadência de tiro elevada. Consoante o fabricante de cartuchos, que no caso dos *buckshots* (zagalotes) cada um com cerca de sete a nove chumbos, o militar dispara, em menos de quatro segundos, 40 a 50 projéteis de 8 a 9 mm, conseguindo de seguida recarregar a arma muito rapidamente.

Além das já referidas munições tipo zagalote e bala, esta arma pode, ainda, usar outras: salva; *aerial bang*, gás lacrimogénio, *door breacher flechette*, antidrone e chumbo tradicional (*birdshot*).

A caçadeira BENELLI SUPERNOVA é uma arma extremamente versátil, que pode ser usada em diversos Teatros de Operações e em diferentes ações táticas. Pode ser usada em campo aberto ou áreas entrincheiradas, túneis, ambiente de selva ou combate urbano. Neste último pode ser extremamente útil para abertura de portas e destruição de alguns obstáculos. Mesmo em ações de engenharia de combate pode ser usada contra engenhos explosivos (*Explosive Device*) quando instalada em UGV (*Unmanned Ground Vehicle*). É uma arma muito útil para defesa de instalações críticas devido à sua panóplia de diferentes munições. Pode também ser utilizada em controle de tumultos (CRC - *Croud Riot Control*), onde os militares poderão escolher entre munições letais ou menos letais. Pode, ainda, ser usada contra sistemas aéreos não tripulados (UAV - *Unmanned Aerial Vehicles*) ligeiros.

No programa de compra destas armas pelo Exército, através da NATO *Support and Procurement Agency*, foi contratualizado que o fabricante (BENELLI DEFENSE) ministraria ações de formação de formadores. Estas ações foram ministradas pelos instrutores J. Cortesão, P. Verdade e pelo próprio autor do artigo (Bryan Ferreira) e, ainda, pelo instrutor de mecânica e manutenção da SODARCA DEFENSE, P. Carinhas. Deste modo, ao longo dos últimos oito meses, foram ministrados vários cursos a diferentes grupos de militares.

A instrução foi repartida em componentes teórico-práticas de Mecânica e de Manutenção, onde se abordou as características da arma, montagem e desmontagem, peças da arma e suas funções, avarias e manutenção ao nível de utilizador. A componente prática do Tiro de Combate com caçadeira incluiu, entre outras, as seguintes ações de formação:

- Tipo de munições disponíveis;
- Trajetória balística dos vários projéteis e respetivos efeitos balísticos em máscaras e abrigos (viaturas, paredes, portas etc.);
- Emprego tático de caçadeira nas mais variadas situações de combate;
- Técnicas de tiro com caçadeira (seja com munições letais ou menos letais);
- Carregar e municiar em combate;
- Transição entre vários tipos de cartucho com a arma municiada;
- Tiro em movimento com municiamento rápido;
- Manobras de equipa e fogo de caçadeira em espaços confinados;

"A caçadeira BENELLI SUPERNOVA é uma arma extremamente versátil, que pode ser usada em diversos Teatros de Operações e em diferentes ações táticas."

- Resolução de interrupções de tiro.

Os formandos vieram de diferentes Unidades do Exército, sendo os cursos ministrados na Unidade de Apoio Geral de Material do Exército, na Escola da Armas, no Regimento de Comandos, na Brigada Mecanizada, no Regimento de Infantaria n.º 19 e, a militares do 1.º e 2.º Batalhões de Infantaria Paraquedista, no Regimento de Infantaria n.º 15, num total de cerca de 50 militares, que ficaram aptos a formar outros militares no uso da caçadeira BENELLI SUPERNOVA.

É notório o esforço que o Exército Português tem feito nos últimos anos no seu reequipamento com armas ligeiras. Depois da pistola GLOCK de 9 mm e da família de espingardas automáticas e metralhadoras FN HERSTAL acrescenta-se, agora, mais uma arma, a caçadeira BENELLI SUPERNOVA, essencial, como explicámos, para diversas ações militares.

Linhas de Torres *Military Running Challenge* 2021

Um evento desportivo que reuniu as Forças Armadas e de Segurança num salutar convívio desportivo, que foi também uma homenagem aos construtores e defensores de um sistema defensivo único na história militar e, ainda, um evento de cariz solidário

Texto : Cor Inf (Res) José **Pires Contramestre** | Presidente da Comissão de Educação Física e Desporto Militar

Realizou-se, a 22 de maio, o Linhas de Torres *Military Running Challenge* 2021 (www.running-challenge.com), prova desportiva cujo percurso, como o nome indica, recobre um trajeto histórico coincidente com o sistema defensivo das Linhas de Torres Vedras.

Este evento desportivo integrou as seleções da Marinha, Exército, Força Aérea, Guarda Nacional Republicana (GNR) e Polícia de Segurança Pública, tendo decorrido no âmbito do protocolo colaborativo estabelecido entre o Ministério da Defesa Nacional (através da Direção-Geral de

Recursos da Defesa Nacional); o Estado-Maior-General das Forças Armadas; a Associação dos Deficientes das Forças Armadas; a Rota Histórica das Linhas de Torres (RHLT); a Endurance Portugal, AREP - Associação de Resistência Equestre Portuguesa e a Xistarca, Promoções e Publicações Desportivas, Lda.

Esta competição nacional militar, de cariz desportivo e simultaneamente histórico, dado que tem como propósito evocar e homenagear o maior e mais eficaz sistema defensivo militar construído no País, compôs-se das provas dos **100 km Individual**, dos **100 km Equipas** e dos **42 km Individual**. Contou com a participação de 45 atletas (15 femininos e 30 masculinos) na Ultramaratona **100 km Equipas** e de 60 atletas (20 femininos e 40 masculinos) na ***Maratona Trail* 42 km Individual**. Participaram, ainda, quatro atletas (um do Exército e três da Polícia de Segurança Pública) na prova **Ultramaratona 100 km Individual**. Além destes 109 participantes, militares e polícias, no *Running Challenge* também participaram 50 atletas na **Ultramaratona 100 km Individual**, 12 equipas (60 atletas) na **Ultramaratona 100 km Equipa**, 50 atletas na ***Maratona Trail* 42 km Individual** e 106 atletas na

"Estas provas de corrida, maioritariamente de *trail* e com alguns percursos em estrada (...), são um contributo vivo, homenageando e enaltecendo todos aqueles que construíram e defenderam o sistema defensivo de Lisboa, património turístico-militar de Portugal, conhecido como Linhas de Torres..."

Corrida/Caminhada 10 km Individual, representando diversos clubes, muito especialmente da região de Lisboa e Vale do Tejo.

Estas provas de corrida, maioritariamente de *trail* e com alguns percursos em estrada (caminhos que eram percorridos em parte pelos correios militares), são um contributo vivo para homenagear e enaltecer todos aqueles que construíram e defenderam o sistema defensivo de Lisboa, património turístico-militar de Portugal, conhecido como Linhas de Torres, inserido nos concelhos de Vila Franca de Xira, Loures, Arruda dos Vinhos, Sobral de Monte Agraço, Torres Vedras e Mafra, com espaços museológicos e interpretativos desenvolvidos pela RHLT.

A prova dos **100 km Equipa**, constituída por cinco etapas, teve a sua partida (primeira etapa) na praia dos Pescadores (Vila Franca de Xira) às 6 horas do dia 22 de maio, passando por quatro pontos de controlo, situados em zonas fortificadas históricas, estrategicamente erguidas no topo de diferentes colinas: a segunda etapa, no Forte do Alqueidão (Sobral de Monte Agraço); a terceira etapa, na Ermida de Nossa Senhora do Socorro (Mafra); a quarta, no Castro do Zambujal (Torres Vedras) e a quinta etapa, na foz do Sizandro (Torres Vedras), com meta na Expotorres (Torres Vedras). O sinal de partida foi dado conjuntamente pelos impulsionadores deste evento, os engenheiros António Teixeira Duarte e Tomás Leiria Pinto.

A prova dos **42 km Individual**, com partida às 9 horas, no jardim do Cerco, junto ao Convento Nacional de Mafra e passagens pela Tapada Nacional de Mafra, Forte do Sonível, Forte da Enxara, Ermida de Nossa Senhora do Socorro e Castro do Zambujal, em percursos maioritariamente de trail, teve a sua meta, também, na Expotorres. O sinal de partida foi dado pela Vereadora com o pelouro do desporto da Câmara Municipal de

> "O evento desportivo deste ano, embrionário, mas significativo, se atendermos ao contexto em que se realizou do ponto de vista sanitário, foi a primeira edição de uma competição que se quer anual e, muito em breve, internacional..."

Mafra, Dr.ª Célia Maria Duarte Batalha Fernandes, acompanhada pelo representante do Estado-Maior-General das Forças Armadas, Tenente-General Joaquim Fernando Soares de Almeida e pelo Presidente da Comissão de Educação Física e Desporto Militar (CEFDM), Coronel José Manuel Pires Contramestre.

Os vencedores absolutos do *Military Running Challenge* nos 100 quilómetros foram, nas equipas mistas (três femininos e dois masculinos), a Polícia de Segurança Pública e, nas equipas masculinas, o Exército. Nos 42 quilómetros, os vencedores absolutos feminino e masculino foram a Guarda Marisa Vieira e o Cabo Carlos Lopes, ambos militares da GNR. O vencedor absoluto dos **100 km Individual** foi o Sargento-Ajudante Arsénio Santos, do Exército. Coletivamente, tendo em conta os resultados das duas provas (**100 km Equipas**, mista e masculina, e **42 km Individual**), a GNR conquistou os dois troféus CEFDM, respetivamente, o feminino e o masculino.

A adoção de medidas e implementação de boas práticas que sustentam a diminuição do risco de disseminação da COVID-19 levou a que não fosse realizada a habitual cerimónia protocolar de entrega de prémios, evitando, assim, a aglomeração de atletas, sendo os mesmos entregues desfasadamente, com a participação de várias entidades, especialmente do Ministro da Defesa Nacional, Dr. João Gomes Cravinho; da Presidente da Câmara Municipal de Torres Vedras, engenheira Laura Maria Jesus Rodrigues, e do Presidente da Associação dos Deficientes das Forças Armadas, Coronel Manuel Lopes Dias.

O evento desportivo deste ano, embrionário, mas significativo, se atendermos ao contexto em que se realizou do ponto de vista sanitário, foi a primeira edição de uma competição que se quer anual e, muito em breve, internacional, tendo associado um cariz solidário, já que os seus dividendos reverteram a favor da Associação dos Deficientes das Forças Armadas.

Protocolo Santander Totta

Um acordo que vale vantagens

No Santander Totta queremos ter uma relação privilegiada com os nossos clientes através dos Protocolos Colectivos. Por isso, criámos condições muito vantajosas para si!

Santander Totta

santandertotta.pt

[Lisboa]

Tenente Técnico de Saúde Paulo Dias

> "Um marco que considero importante, como Enfermeiro, foi a integração da Enfermagem na classe de Oficiais. Com orgulho fiz parte do primeiro curso de transição."
>
> [Tenente TS Paulo Dias]

O Tenente TS Paulo Dias, de 51 anos, nasceu em França e narrou-nos a sua experiência de 30 anos ao serviço do Exército Português

"Contactei pela primeira vez com a vida militar, quando ingressei como funcionário civil, na Força Aérea Portuguesa, em 1989. Depois fui chamado a cumprir o Serviço Militar Obrigatório, em 1991, como Soldado Instruendo, na Escola Prática de Cavalaria, em Santarém. Fui colocado no Regimento de Lanceiros n.º 2, na Polícia do Exército, e concorri à Escola de Sargentos do Exército, em 1992.

De 1993 a 1996 frequentei o bacharelato em Enfermagem na Escola do Serviço de Saúde Militar (ESSM). Após a sua conclusão fui colocado, já como militar do Quadro Permanente do Serviço de Saúde, no Centro de Saúde de Santa Margarida.

Acompanhei o 2.º Batalhão de Infantaria Mecanizado, numa Força Nacional Destacada, na Bósnia-Herzegovina, em Vitkovice, em 1997, numa missão de carácter humanitário que foi muito enriquecedora.

Fui colocado no Hospital Militar Principal (HMP), onde tive o privilégio de desempenhar funções ao longo de 15 anos, como Enfermeiro nos Cuidados Intensivos, no Serviço de Urgência e no Bloco Operatório. Já como Enfermeiro-Chefe estive na Aceitação de Utentes nas consultas de Cardiologia e de Ortopedia.

Em 2004 concluí a licenciatura em Enfermagem, na ESSM, o que me permitiu transitar para a carreira de Oficial.

Em 2013 acompanhei a junção dos serviços de Ortopedia dos outros Ramos no HMP, tendo transitado para o Hospital das Forças Armadas com a extinção do HMP.

Em 2015 abracei um novo projeto na minha atual casa, a Direção de Saúde, onde sou o Adjunto do Chefe da Secção de Enfermagem e colaboro na gestão dos Técnicos de Saúde e dos apoios sanitários. Quando necessário presto também estes apoios.

Neste período difícil de pandemia, além dos múltiplos apoios efetuados, incluindo a entidades civis, colaborei na campanha de vacinação contra a COVID-19, em Odemira, e tive o privilégio de integrar a equipa multidisciplinar do Centro de Apoio Militar-Belém, na prestação de cuidados aos doentes internados com COVID-19.

Um marco que considero importante, como Enfermeiro, foi a integração da Enfermagem na classe de Oficiais. Com orgulho fiz parte do primeiro curso de transição.

Porque são mais de 30 anos de serviço efetivo, em jeito de balanço, concluo que o Exército permitiu-me viver múltiplas experiências profissionais e, em simultâneo, sentir que efetivamente sirvo o nosso País."

[Finlândia]

SISU GTP 4x4

Veículos Ligeiros Blindados para o Exército Finlandês

Texto : Cor **Cav Marcos de Andrade**

Fonte : SISU Auto

A *Oy Sisu Auto Ab* entregou os primeiros veículos SISU GTP 4×4 encomendados pelas Forças de Defesa finlandesas, num âmbito de um processo de aquisição anunciado pelo Exército Finlandês no verão de 2020, cujo objetivo é recolher informações sobre a capacidade e operabilidade destes veículos tendo em vista a satisfação de necessidades futuras de mobilidade e o seu uso em tarefas de gestão de crises.

Esta entrega inclui duas configurações diferentes de veículos blindados, um veículo de uso geral de cinco lugares e um de transporte de pessoal de dez lugares.

A família de veículos SISU GTP é modular e, logo, facilmente variável para diferentes tarefas operacionais. Os veículos têm *backbones* congruentes e as estruturas do corpo da tripulação são intercambiáveis. Graças a este design verdadeiramente modular, a entrega de veículos com configurações para tarefas específicas é rápida e económica.

Com os veículos já entregues, o exército implementará um programa de testes, após o qual os outros quatro veículos da série de testes, juntamente com instruções de operação e manutenção em campanha e *kits* de peças de reposição, serão fornecidos, ainda, este ano.

[Polónia]

ABRAMS M1A2 SEPV3

Ao serviço do Exército Polaco

A Polónia anunciou recentemente (julho de 2021) a compra de 250 unidades da última versão atualizada do carro de combate ABRAMS M1A2 de fabrico norte-americano.

Numa conferência de imprensa o vice-primeiro-ministro Jaroslaw Kaczynski afirmou "O nosso exército será enriquecido por um grande número de carros de combate ABRAMS, os mais avançados do mundo" e acrescentou "se tudo correr bem, as entregas começarão no ano que vem".

O ministro da defesa polaco, Mariusz Blaszczak, confirmou que o pedido era para 250 carros de combate ABRAMS M1A2 SEPV3, com um custo aproximado de 6 milhões de dólares.

SPEV3 (*System Enhanced Package*) é uma configuração modernizada do carro de combate Abrams que está ao serviço do exército dos EUA. A nova versão oferece uma blindagem e sistemas de proteção mais modernos e eficientes, uma capacidade de fogo mais aprimorada (munições de elevada performance e uma torreta com uma metralhadora 12,7 mm de controlo remoto), bem como vários avanços tecnológicos nos sistemas de comunicações e uma maior eficiência no consumo de combustível.

Os EUA e a Polónia assinaram no ano passado um acordo de cooperação de defesa. A diplomacia de Washington disse que enviaria mais mil militares para a Polónia, além dos 4500 já lá destacados. Estas medidas fazem parte de uma resposta mais ampla da NATO às preocupações na região desencadeadas pela anexação de território da vizinha Ucrânia pela Rússia, em 2014. ع

Fonte : https://www.army-technology.com/projects/abrams-m1a2-sepv3-main-battle-tank/

Diorama que regista o momento exato em que Martim Gonçalves de Macedo, cavaleiro e escudeiro real, mata o castelhano Álvaro Sandoval e salva a vida a D. João I. Ação determinante para o desfecho a favor de Portugal do resultado da batalha e para que hoje se mantenha a nossa soberania.

Museu Municipal Martim Gonçalves de Macedo

Espadas Medievais, Nuno Álvares Pereira e Aljubarrota

Um espaço museológico que celebra a nacionalidade portuguesa e homenageia o feito heroico de um guerreiro medieval

Texto: Dr. Carlos **Mendes** | Presidente da Associação Terras Quentes, Colaborador do *Jornal do Exército*

A Associação Terras Quentes

A Associação de Defesa do Património de Macedo de Cavaleiros Terras Quentes foi fundada no ano de 2002. Sendo uma associação de direito privado e de utilidade pública. É a única instituição de defesa do património arqueológico e histórico existente no nordeste transmontano.

> **"Foi a mais terrível e devastadora arma da Idade Média e talvez, por isso, a preferida pelos cavaleiros."**
>
> **[Dr. Carlos Mendes]**

No seu *curriculum*, além das atividades arqueológicas (já realizou 52 campanhas no concelho), já procedeu à montagem de duas salas em museus de arqueologia e ao Museu de Arte Sacra (sendo a única associação privada a proceder à inventariação do espólio de uma diocese, neste caso a de Bragança-Miranda, com 11 250 peças inventariadas).

Além destas unidades museológicas, e fruto do trabalho arqueológico realizado, concebeu e montou o Museu Municipal de Arqueologia Coronel Albino Pereira Lopo, que conta a história de 50 séculos da existência de vida no concelho de Macedo de Cavaleiros.

Por fim, abriu as portas a outra unidade museológica única no País, o Museu Municipal Martim Gonçalves de Macedo, onde se expõem peças originais que relatam os acontecimentos na tarde de 14 de agosto de 1385, ou seja, a batalha de Aljubarrota. Esta unidade museológica foi concebida e montada pela Associação Terras Quentes, que

Réplica de estoque de Ármas de D. João I (representação feita a partir do original existente no Museu Militar de Lisboa)

À esquerda a réplica da espada atribuída a D. Nuno Álvares Pereira. À direita o modelo conjetural da espada de justiça de D. Nuno Álvares Pereira. Repare-se na diferença enre os dois punhos

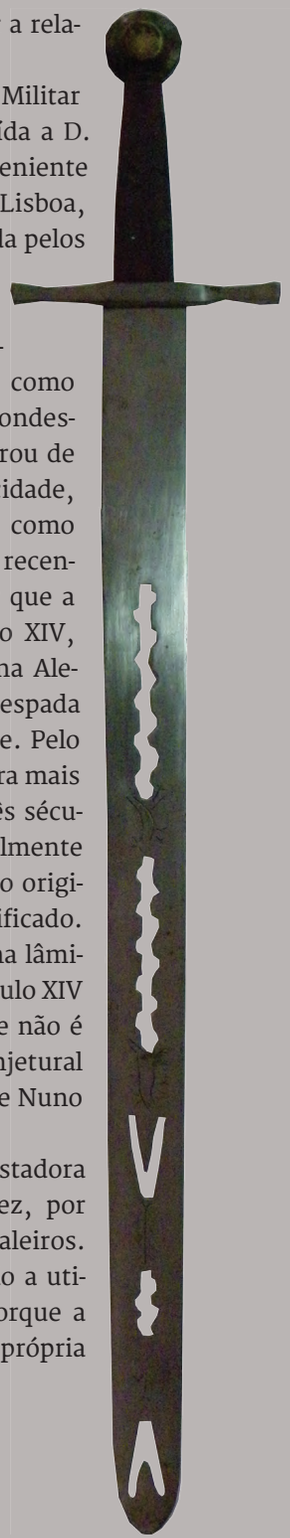
tem a sua direção técnica e científica, e a sua dinamização está a cargo dos serviços de turismo da Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros.

As peças e o museu

Das espadas de armas que os cavaleiros levavam presas ao arção da sela, do lado esquerdo, houve um modelo que se celebrizou, o estoque. Este apareceu inevitavelmente com o desenvolvimento das armaduras. Até então, a esgrima era toda feita de gume à custa de golpes desfechados à base da força, em que a ponta da espada não tinha qualquer influência, visto que esses golpes eram suficientes para quebrar a relativamente frágil loriga.

Encontra-se no Museu Militar de Lisboa uma espada atribuída a D. Nuno Álvares Pereira, proveniente do Convento do Carmo, em Lisboa, onde esteve até 1836. Venerada pelos monges carmelitas, esta espada integrava a imagem de Santo Isidro que saía regularmente em procissão. Havida como a genuína espada do Santo Condestável nunca ninguém se lembrou de pôr em causa a sua autenticidade, acabando por se constituir como símbolo nacional. Análises recentes acabaram por demonstrar que a lâmina era de facto do século XIV, tendo sido feita em Passau, na Alemanha, mas destinada a uma espada de execução e não de combate. Pelo que toca ao punho, esse não era mais que uma substituição feita três séculos mais tarde, muito provavelmente destinado a substituir o punho original já então degradado ou danificado. Temos assim (1.º modelo) uma lâmina de execução original do século XIV montada sobre um punho que não é dessa época. O 2.º modelo conjetural trata-se da espada de justiça de Nuno Álvares Pereira à época.

Foi a mais terrível e devastadora arma da Idade Média e talvez, por isso, a preferida pelos cavaleiros. Apesar de tudo a cavalaria não a utilizou antes do século XIII, porque a considerava como uma arma própria de vilão.



Modelo conjetural de como teria sido a espada de justiça de Dom Nuno Álvares Pereira, único exemplar existente

"*& como el Rey alçou a facha decendo para lhe dar, elle recebeo o golpe, & traouo por ella, & tirou taõ rijo, que lha levou das mãos, & fezeo ajoelhar dãbolos giolhos, & foy logo levantado muito azinha, pero sobreueio o nobre Martim Gonçalves de Macedo, homem fidalgo que bem seruia El Rey em estes trabalhos; & quando Aluaro Gonçalues Sandoval alçou da facha para lhe dar, El Rey esperou o golpe, & tornoulha a tomar per aquella guisa, & lhe quizera outra vez dar, já jazia morto...*" (In II parte da crónica de Fernão Lopes, página 108, ano de 1643)

Estas e muitas outras peças – umas originais, outras réplicas de qualidade insuperável – poderão ser encontradas no Museu Municipal Martim Gonçalves de Macedo. De notar a existência de um quadro explicativo de como se teria dado o encontro das tropas castelhanas e francesas com as tropas portuguesas e inglesas, nesse fim de tarde de 14 de agosto de 1385, sendo uma nova leitura dos acontecimentos.

Hall de entrada do museu

Exterior do Museu Martim Gonçalves de Macedo

Para mais informação, além de sugerirmos uma visita a esta unidade (como aos museus de Arqueologia e de Arte Sacra, de Macedo de Cavaleiros), recomendamos, ainda, a leitura do catálogo da exposição Caderno *Terras Quentes* n.º 11 e o último artigo publicado sobre a batalha de Aljubarrota publicado no nosso caderno n.º 15, que poderão encontrar em www.terrasquentes.pt – publicações.

Visite-nos.

Linhas de Torres Vedras – Percursos
A Defesa do Tejo (Parte I)

Fonte: RHLT

O percurso deste número tem o Tejo como mote e cenário e fio condutor a antiga Estrada Real (hoje, Nacional 10). Rio e rodovia correm lado a lado ao longo de cerca de doze quilómetros, a distância que separa o Forte da Casa de Vila Franca de Xira, os extremos deste percurso.

O primeiro local deve o seu nome, precisamente, a um dos muitos fortes das Linhas de Torres e é o eleito para o início do passeio. No entanto, se vier do norte do País na direção de Lisboa poderá, naturalmente, também optar por começar em Vila Franca de Xira, que em 1810 ficou fora do perímetro das Linhas, mas não muito distante delas. Se for esta a opção faça o inverso do caminho aqui descrito.

Texto : TSup João **Moreira Tavares** | Redator do *JE*

A paisagem a percorrer, nos dias de hoje, marcada por uma forte densidade da malha urbana, armazéns e alguma indústria, difere muito daquela que aqui existiu há dois séculos. À época, no terreno entre a estrada e o rio, predominavam os sapais e as marinhas para extração de sal e, junto à estrada e nas encostas que a dominam, olivais preenchiam os campos.

Foi nesses espaços que fortes e outras obras defensivas começaram a ser erguidos. Não foi, contudo, uma construção bem aceite pelos proprietários locais, que a contestaram pelo abate das oliveiras e doutras árvores e pela ocupação e inutilização parcial de campos agrícolas e de marinhas e consequente perda de rendimentos. Porém, a natureza estratégica do terreno entre o Tejo e o vale de Vialonga e da serra de Albueira, que domina as duas estradas que a contornam – a de Vialonga e a Real, do lado do rio –, levou à sobreposição do interesse militar ao económico e nesta região acabou por nascer a maior concentração de fortes das Linhas. Numa frente com 2400 metros foram construídos oito redutos, complementados pela construção de abatises* e de um entrincheiramento, pela inundação das salinas e corte das vias de comunicação.

Na margem do rio, no meio das marinhas, o n.º 33, também chamado do Salgado; na Estrada Real o n.º 34 e próximo deste o n.º 37 (o da Vinha ou da Abrunheira), que mutuamente se apoiavam e cruzavam fogos entre si. Nas alturas, acima da estrada, foram erguidos os fortes n.º 38 e 39 e, um pouco mais adiante, para norte, os fortes n.º 35 (o Quintela Pequeno) e 36 (o Quintela Grande). Este último, que batia as duas estradas, pela sua localização num ponto fulcral e dominante, encabeçava este sistema defensivo concentrado e nuclear para as Linhas que, já em outubro de 1810, foi reforçado com um novo forte, o n.º 126, no cume da serra da Albueira, vizinho do n.º 39.

Parte dos fortes desapareceu (os n.º 33, 34 e 37), sobretudo por ação do Homem, mas também dos elementos naturais. Dos cinco fortes ainda visíveis, o n.º

O Forte n.º 38 (ou da Casa na serra de Albueira), Fonte: RHLT

38 é o que se encontra mais bem preservado, depois de ter sido alvo de recuperação e de trabalhos arqueológicos, entre 2008 e 2010, para acolher o Centro Interpretativo das Linhas de Torres (CILT) do concelho de Vila Franca de Xira e, por isso, é o que nos serve de ponto de partida.

Para lá chegar entre na povoação (existem vários acessos a partir da Nacional 10) e dirija-se para o seu centro, procurando a escola secundária. O forte encontra-se muito próximo dela, no cume da serra da Albueira, impondo agora a sua presença aos edifícios que o cercam. Nele são percetíveis o seu traçado em formato de estrela, fosso, paiol e canhoneiras. Tinha uma guarnição de 340 homens e cinco peças de calibre 9 e integrava a 2.ª Linha, que começava neste local, junto ao rio, e se estendia até Ribamar, já no concelho de Mafra.

Não muito distante dele, do lado da escola, sobre o vale de Alfarrobeira – local da desditosa batalha travada, em 1449, entre as tropas de D. Afonso V e as do infante D. Pedro, seu tio, que ali morreu – também se vislumbram os resquícios dos fortes n.º 39 (o Reduto do Reentrante) e n.º 126.

No interior do CILT encontra uma exposição dedicada à construção das Linhas, à relação do Forte n.º 38 com as obras defensivas suas vizinhas e aos impactos locais das Invasões Francesas.

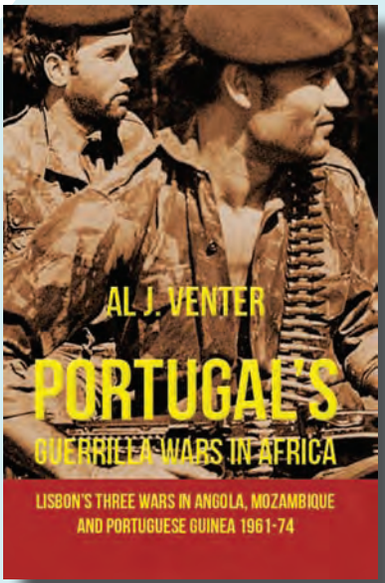
Após a visita volte à Nacional 10 e siga na direção de Vila Franca de Xira.

No caminho, pouco antes de chegar ao lugar da Verdelha de Baixo, se seguir com atenção, por detrás do posto de abastecimento, na encosta acima da estrada, conseguirá vislumbrar a localização dos dois restantes fortes, os do Quintela. E, logo depois, na própria estrada, já na Verdelha, encontrará os Padrões do Termo de Lisboa. São dois obeliscos ali postados desde 1782, no reinado de Maria I, promotora da sua edificação e das obras na Estrada Real e foram concebidos como marcas cenográficas, de inspiração neoclássica, para assinalar o termo do território da capital. Até há pouco tempo balizavam a estrada, que passava entre eles. Uma intervenção recente, rodoviária e paisagística, inverteu a situação, dando-lhes um lugar central de destaque e hoje é a estrada que os envolve e contorna por fora.

Por eles passaram, em 1807, aquando da 1.ª Invasão Francesa, Junot e o seu exército, na sua marcha sem oposição até Lisboa. Três anos depois outro exército francês não teve esse ensejo, bem pelo contrário, foi barrado a pouco mais de seis quilómetros para norte, em Alhandra, a etapa seguinte deste percurso e do próximo número.

O interior do CILT, no Forte n.º 38 Fonte: RHLT

* Obstáculos criados com árvores deitadas no solo, umas ao lado das outras, cujo tronco era fixado no terreno e os ramos mais grossos ficavam apontados na direção do adversário. Eram especialmente eficazes contra ataques da cavalaria inimiga.

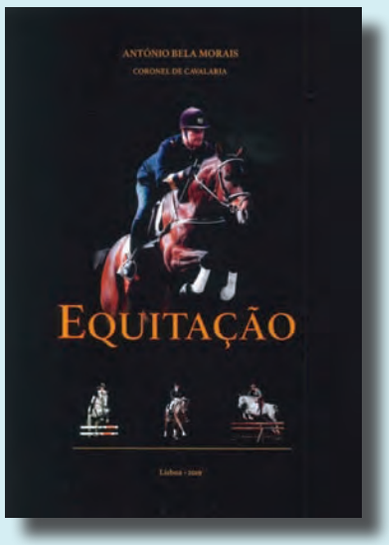


Portugal's Guerrilla Wars in Africa

Al J. Venter é um jornalista de guerra oriundo da África do Sul e um veterano na cobertura de conflitos na África e Oriente Médio. Escreveu vários livros sobre a história militar recente.
Esta obra trata-se de uma perspetiva jornalística única dos episódios militares ocorridos entre 1961 e 1974. Como correspondente de guerra, Al J. Venter cobriu as três frentes de batalha de Portugal em África, durante mais de uma década, passando extensos períodos nos territórios e acompanhando as operações do Exército, Marinha e Força Aérea.
Trata-se de um testemunho, vivido e independente, que inclui vários mapas e imagens inéditas, a maioria do autor, da sua coleção pessoal.

VENTER, Al J., *Portugal's Guerrilla Wars in Africa*: Lisbon's Three Wars in Angola, Mozambique and Portuguese Guinea 1961-74, Helion and Co Ltd, 2014

Equitação



Uma obra cujo autor é o Coronel de Cavalaria António Bela Morais, que refere "este livro começou a ser feito nos anos 80, depois de ter frequentado o Curso de Instrutores de Equitação no Centro Militar de Educação Física, Equitação e Desportos".
Segundo o autor, de início era uma série de apontamentos fáceis de ler, que eram distribuídos aos Cadetes dos Cursos de Cavalaria da Academia Militar, nas aulas de Equitação, com a finalidade de melhorarem os seus conhecimentos e desenvolverem o gosto pelos cavalos. Posteriormente, estes apontamentos foram sendo aumentados e melhorados, até que surgiu a ideia de publicar este livro.

MORAIS, António Bela, Equitação, Edição Lisboa, 2019

Lanceiro

Como já fizemos referência em outras edições do *Jornal do Exército*, a Associação de Lanceiros elabora esta publicação, de seu nome *Lanceiro*, onde apresenta diversos artigos, factos e depoimentos relativos a antigas Unidades de Cavalaria do passado.
Este número dá destaque a uma investigação sobre as Subunidades da Polícia Militar mobilizadas para os Teatros operacionais, principalmente para o de Angola. Uma revista muito relevante para quem se interessa pela história das Companhias da Polícia Militar e pela sua operacionalidade.

Lanceiro, n.º 4, março de 2021

Missão Inesperada

Jim Hanson, antigo atirador de elite do exército, vive isolado perto de uma remota fronteira entre os EUA e o México, mas tudo muda quando testemunha a morte de Rosa, uma emigrante em fuga de um perigoso cartel de droga com o seu filho, Miguel, de apenas 11 anos.
Antes de morrer, Rosa implora-lhe que proteja a criança e a deixe em segurança com a família. Para cumprir a promessa, Jim faz-se à estrada com Miguel, fugindo dos assassinos que os perseguem. Os dois conseguem lentamente ultrapassar as suas diferenças e entre ambos nasce uma amizade improvável.

Crime, M/12

O Espião Inglês

O empresário Greville Wynne e a calorosa dona de casa Sheila levam uma vida tranquila. Quando rumores de uma toupeira no Governo da União Soviética chegam a Dickie Franks, dos serviços secretos britânicos, e a Emily Donovan, da CIA, Greville é chamado a servir o seu país, devido ao seu aspeto banal.
Greville acaba por criar um vínculo inquebrável com o seu informador, Oleg, que é posto à prova. Pressionado pelas suspeitas de Sheila e com os Soviéticos cada vez mais próximos da trama, Greville prova que está longe de ser um cidadão comum.

Thriller, M/12

Sweet Tooth

Há dez anos, o Grande Colapso espalhou o caos no mundo inteiro e causou o aparecimento dos híbridos – bebés que nascem metade humanos e metade animais. Sem saberem se os híbridos são causa ou resultado do vírus, muitos humanos temem-nos e caçam-nos.
Após uma década a viver em segurança na sua recôndita casa na floresta, um rapaz-veado, chamado Gus, forma uma amizade inexplicável com o nómada solitário Jepperd. Juntos partem numa extraordinária aventura e percorrem o que resta dos EUA, em busca de um verdadeiro lar e de respostas sobre as origens de Gus e o passado de Jepperd. Uma série baseada na banda desenhada da DC Comics, da autoria de Jeff Lemire.

Fantasia, M/6

Barretina para Oficial de Caçadores da Guarda Nacional, Corpo não Identificado, circa 1836 a 1846

Museu Militar de Bragança

Texto : Pedro **Soares Branco** - Médico | Colaborador do *JE*

A chapa, típica dos Corpos de Caçadores deste período, apresenta as iniciais "G" e "N" relativas à Guarda Nacional, encimadas pela inicial "B". Esta pode designar "Batalhão" (indicando, assim, um Batalhão de Caçadores da Guarda Nacional). No entanto, poderá também indicar a localidade que dava nome ao Corpo (se assim for, poderá tratar-se de Bragança, atendendo a que a barretina se encontra no Museu Militar desta cidade). A estrela com as cores nacionais, em missangas, era por vezes usada neste período. A barretina perdeu o seu cordão original (que partia duma carranca junto ao tampo, oculta na imagem, prendendo no tronco do militar) e encontra-se exposta com um penacho de lã encarnada, que não lhe pertencia originalmente. O mesmo foi retirado para efeito desta publicação e deveria, na opinião do autor, ser retirado definitivamente.

Este raríssimo exemplar não é provavelmente anterior a 1836 (os Batalhões de Caçadores da Guarda Nacional só foram criados por Decreto de 1 de dezembro desse ano), nem posterior a 1846 (a maioria dos Corpos da Guarda Nacional terá sido dissolvida na sequência do Decreto de 7 de outubro de 1846, que suspendeu a execução do Decreto e Regulamento Provisório de 21 de junho do mesmo ano). De referir, porém, que alguns Corpos da Guarda Nacional terão servido com os Setembristas, em 1846 e 1847, durante a Patuleia.

Agradecimento: ao Sr. Tenente-Coronel Paulo Rodrigues, Diretor do Museu Militar de Bragança, pela colaboração prestada.

SISTEMA DE ENSINO NÃO SUPERIOR DE MATRIZ MILITAR

Colégio Militar
Pupilos do Exército
Camaradagem
Ensino de Qualidade
Internato
Ensino Regular
Amor à Pátria
Valores
Secundário
Património Histórico
Projetos educativos diferenciadores
Formação cívica
Formação de Matriz Militar
Ensino Misto
Ensino Básico
Solidariedade
Disciplina
Sistema Educativo Português
Educação moral, intelectual e física
Ensino Profissional
Princípios
3.º CEB
2.º CEB
1.º CEB

EXÉRCITO
PORTUGAL

SERVIÇO MILITAR

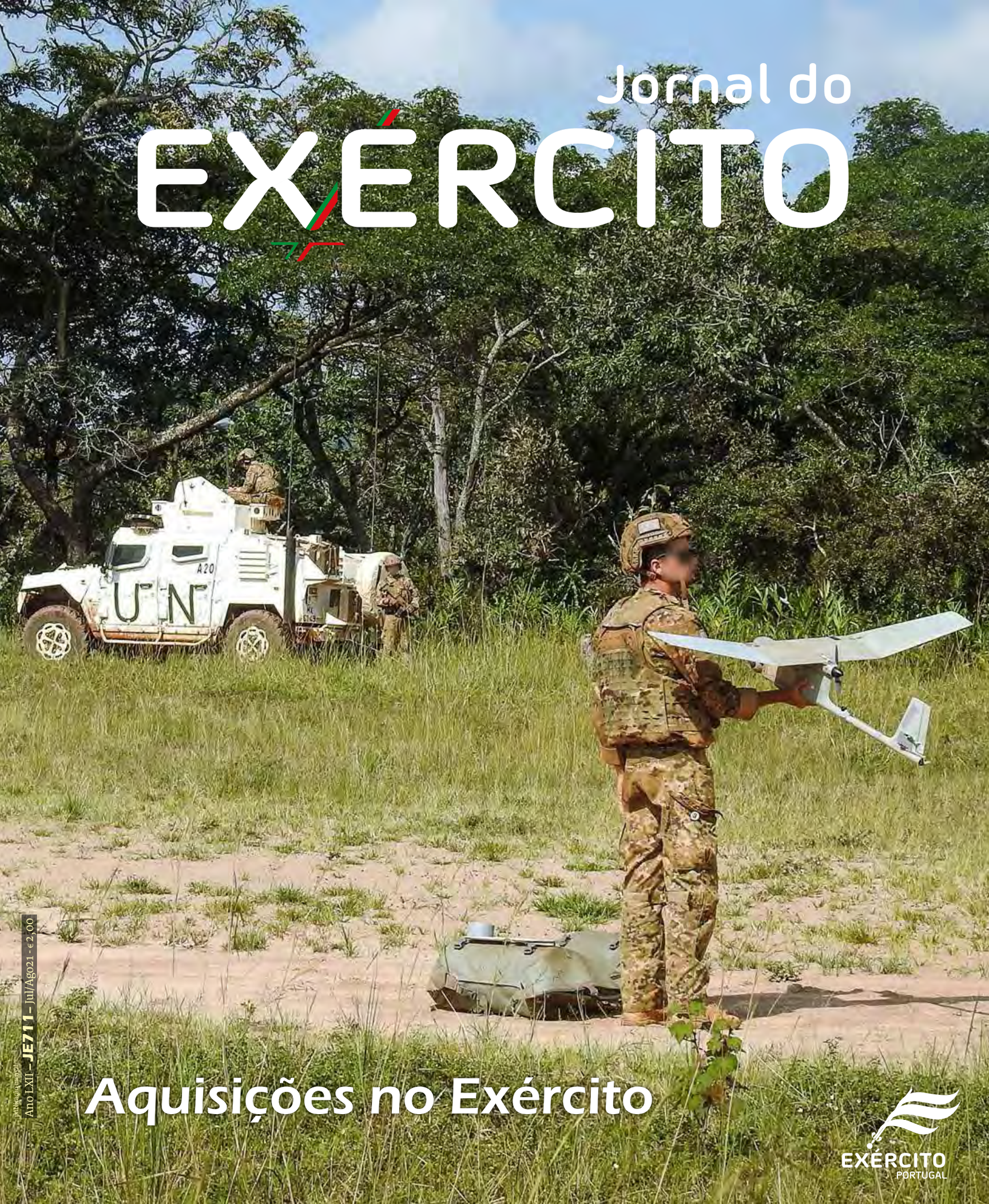
Consulta os incentivos

UMA EXPERIÊNCIA ÚNICA!

SEGUE-NOS NAS REDES SOCIAIS

800 201 274 (LINHA VERDE) | RECRUTAMENTO@MAIL.EXERCITO.PT | \EXERCITORECRUTAMENTO

Jornal do EXÉRCITO



Aquisições no Exército

publicação trimestral
Ano LXII – JE711 – jul/Ago21 - €2,00

EXÉRCITO PORTUGAL

EXÉRCITO PORTUGAL

o Exército
nas redes sociais

exercito.pt

@ExercitoPortuguesPRT
@exercitoportugues_oficial
Exército Recrutamento
@Exercito_pt
800 20 12 74

1,2 mil gostos
165,779 mil seguidores

no FACEBOOK:

Os militares portugueses na Missão de Treino da União Europeia no Mali (EUTM-Mali) realizaram treino com militares Espanhóis, Italianos, Húngaros, Checos e Eslovacos com o objetivo de se familiarizarem, enquanto formadores, com as técnicas e táticas malianas. A EUTM-Mali tem por missão colaborar na capacitação das Forças Armadas do Mali, tornando-as capazes de contribuir para a melhoria da situação de segurança, restauração do controlo e implementação do Estado de direito em todo o seu território.

no TWITTER:

A Academia Militar (AM) realizou o Exercício "LEÃO21", no Campo Militar de Santa Margarida, o qual iniciou em 28 de junho e terminou no dia 9 de julho. Os cadetes alunos dos diversos cursos da AM colocaram em prática os ensinamentos obtidos no ano letivo 2020/21, ao nível das técnicas e procedimentos em diferentes matérias, assim como do emprego tático das forças.

811 seguidores

1 727 publicações
55,9 mil seguidores

no INSTAGRAM:

A Força de Reação Rápida, em missão na República Centro-Africana (RCA) participou na operação de segurança da terceira ronda eleitoral. A presença da Força Portuguesa contribuiu para que o ato eleitoral, de 25 de julho, decorresse nas melhores condições de segurança, através de patrulhamentos de segurança e demonstração de presença na cidade e nos seus principais eixos, sem qualquer incidente e com uma elevada afluência da população.

no YOUTUBE:

669 visualizações

No dia 14 de agosto, evoca-se a Batalha de Aljubarrota, ocorrida no ano de 1385, em que a Infantaria foi consagrada como decisiva no combate e Rainha das Armas. Esta disputa, decisiva na história de Portugal, inovou a tática militar permitindo que os homens de armas apeados fossem capazes de vencer uma poderosa cavalaria adversária.

Brigadeiro-General
Diretor da Direção de Aquisições do Exército
João Luís de Sousa Pires

Decorrente do processo global de reestruturação do Exército, foi criada a Direção de Aquisições (DA), em 2006, na dependência hierárquica do Comando da Logística, num período que ficou marcado pela alteração da doutrina relativa ao apoio logístico do Exército, que passou de uma estrutura por serviços, para uma estrutura por funções logísticas.

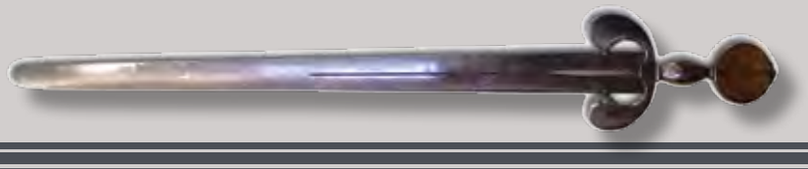
A partir dessa data, a DA passou a promover a aquisição de bens e serviços e a realização de empreitadas de obras públicas, necessárias à satisfação das necessidades do Exército, bem como a alienação de materiais e equipamentos incapazes.

A DA, para o cumprimento da sua missão, tem vindo a constituir-se como um órgão logístico moderno, dinâmico, versátil e multifacetado, características que lhe têm permitido ultrapassar os desafios com que diariamente se depara. Órgão que lidera a política e a metodologia aquisitiva do Exército, interage com múltiplas instituições, reforçando a credibilidade, o prestígio e o elevado profissionalismo dos seus membros, contribuindo para o sucesso do apoio logístico ao Exército, na sustentação do dispositivo no Território Nacional e no contexto das Forças Nacionais Destacadas (FND).

Rumo à eficiência, como prioridade essencial no cumprimento da missão, foi definida uma estratégia de ação, sustentada nos recursos humanos, na organização, nas tecnologias de informação e na sistematização dos processos. Neste domínio, foram estabelecidas linhas de ação, orientadas para a obtenção de respostas, em tempo oportuno, às solicitações das Unidades, Estabelecimentos e Órgãos do Exército e das FND, traduzidas no aumento da eficácia do apoio prestado. Contudo, será de evidenciar que sem uma adaptação constante da Organização, sem um nível ajustado de sistemas de informação, sem um programa de reajustamento e adaptação dos múltiplos processos, sem um elevado espírito de equipa e de bem servir, e sem a manutenção da motivação dos Recursos Humanos, seria de todo impossível cumprir a árdua missão atribuída a esta Direção.

Podemos afirmar que, ao longo dos quinze anos de existência, a DA tem cumprido exemplarmente a sua missão, constituindo-se como uma referência no âmbito da contratação pública e salvaguarda da satisfação das necessidades do Exército.

Embora cientes da multiplicidade e complexidade dos desafios que a DA continuará a ter de superar, estamos convictos que os irá vencer de forma plena, fazendo jus à divisa que a impele: "Vereis a Fortaleza Sustentar-se", que traduz o orgulho e a vontade de cumprir de todos os militares e funcionários civis que serviram, servem e servirão neste órgão logístico, ímpar do Exército. ع



INFORMAR PARA BEM SERVIR

Coronel de Cavalaria António **Marcos de Andrade**, Diretor do *Jornal do Exército*

A Direção de Aquisições do Comando da Logística é um órgão de importância relevante para o processo de aquisição de bens e serviços e a realização de empreitadas de obras públicas, tão necessário para a modernização e eficiente funcionamento do nosso Exército. Pedimos ao Brigadeiro-General Sousa Pires que nos escrevesse o editorial deste número e nos enviasse um artigo para elucidar os nossos leitores sobre o trabalho desempenhado por esta Direção, que poderão ler nas páginas 14 a 19, desta revista.

Na República Centro Africana (RCA) está aquela que é, atualmente, a maior Força Nacional Destacada do Exército Português. As operações desempenhadas pelos nossos militares têm-se revestido da maior consideração, tanto pelo Governo da RCA, como pela estrutura superior das Nações Unidas. As viaturas que constituem o designado Módulo PANDUR têm sido fundamentais para o cumprimento da missão. Neste artigo, o jovem Tenente, que foi comandante deste módulo, dá-nos o seu testemunho sobre o aprontamento, projeção e operação destas viaturas.

O exercício HOT BLADE à semelhança do que sucede com os exercícios REAL THAW e TIGER MEET, da responsabilidade da Força Aérea, são sempre motivo de artigos nas páginas do *Jornal do Exército*. Isto porque estes exercícios têm uma forte participação de Forças da nossa Brigada de Reação Rápida, proporcionando que militares das Operações Especiais, dos Comandos, dos Paraquedistas e de outras Unidades desta Brigada executem um treino, conjunto e combinado, com aeronaves e militares de outros Ramos e nações aliadas.

Não podemos esquecer uma capacidade muito relevante no Exército que é proporcionada pelos militares e civis que trabalham na Unidade Militar Laboratorial de Defesa Biológica e Química. O artigo com o título Projeto DAQUI revela-nos um interessante projeto, relevante para a simplificação dos processos de descontaminação e para a minimização do impacto socioeconómico decorrente de um incidente ou ataque de natureza química.

O último artigo da nossa rubrica Atualidades é sobre O Dia da Defesa Nacional. Um momento único e obrigatório para todos os jovens portugueses que completam 18 anos e que visa sensibilizá-los para a importância da Defesa Nacional e para o papel e missão das Forças Armadas portuguesas, neste contexto.

Neste número, no espaço Cultura e Lazer, publicamos um artigo sobre as Invasões Francesas (ou Guerra Peninsular) acerca do episódio desencadeado pela chegada de um Ajudante de Campo do General Wellington ao Convento dos Carmelitas Descalços, na mata do Buçaco, e, ainda, as habituais sugestões literárias e cinéfilas e os roteiros militares. ع

Sumário

Editorial 03
Palavras do Diretor 04

Figuras e Factos
Destaque 06
Território Nacional 08

Atualidades
... mais que mil palavras 12
Unidades
– Direção de Aquisições 14
Capacidades
– Módulo PANDUR FND/QRF/MINUSCA 20
Exercícios
– Exercício HOT BLADE 2021 26
Capacidades
– Projeto DAQUI 30
Recursos Humanos
– O Dia da Defesa Nacional 34
Testemunho
– Primeiro-Cabo Ana Cristovão 39
Lá por Fora
– Veículos Militares Elétricos 40
– *Tapanar III* 41

Cultura e Lazer
Uma Visão da História
– Quando a Guerra Chegou ao Convento 42
Roteiros Militares 46
Livros & Revistas 48
Filmes & Séries 49
Peças Icónicas 50

Imagem da sub-rubrica "... mais que mil palavras": Viaturas pesadas adquiridas pelo Exército, na Escola dos Serviços **(Foto : ES)**

Imagem da Capa : FND/MINUSCA/RCA
(Foto : Relações Públicas GabCEME)

Jornal do EXÉRCITO

Órgão de divulgação e preservação da cultura militar, nos termos da alínea *a)*, do artigo 75.º, do Decreto Regulamentar n.º 11/2015, de 31 de julho

PROPRIEDADE DO ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO – Rua do Museu da Artilharia, 1149-065 LISBOA, Contactos: Tel. Civil: 218 842 300; tel. militar – 423 000; Fax civil: 218 842 527; fax militar: 423 227; e-mail: eme@exercito.pt. **Sede da Direção, Redação, Edição e Administração**: Palácio dos Condes de Resende, Campo de Santa Clara, 34, 1100-469 Lisboa. **NIPC**: 600021610. **Contactos**: tel. civil: 213 567 795; tel. militar: 414 026; fax civil: 213 567 791; fax militar: 414 091; *e-mails*: JE@exercito.pt; *site* oficial: www.exercito.pt. **Estatuto Editorial**: https://www.exercito.pt/pt/quem-somos/organizacao/ceme/gabeceme/je; **Direção – Diretor**: Cor Cav António Marcos de Andrade; **Subdiretor**: TCor Tm Carlos Pires de Sousa; **Secretária**: AssTec Joana Moita; **Condutor**: 1Cb RC Rui Pires; **Redação – Chefe**: TCor Tm Carlos Pires de Sousa; **Assistente de Redação**: SAj SGE David Custódio; 1Sarg PesSec Mónica Martins; **Colaboradores permanentes da Redação**: Alf RC Jaime Pereira; TSup João Moreira Tavares; TSup Tânia Espírito Santo; AssTec Guiomar Brito; **Serviços Administrativos – Chefe**: TCor Tm Carlos Pires de Sousa; **Secretaria e Distribuição**: SCh SGE Carlos Claudino, 1Cb RC Rui Pires; **Colaboração Fotográfica**: Centro de Audiovisuais do Exército; RCRPP/GabCEME; **Execução Gráfica**: Jorge Fernandes, Lda. – Rua Quinta Conde de Mascarenhas n.º 9, 2820-652 Charneca de Caparica, Tel: 212 548 320, *e-mail*: geral@jorgefernandes.pt; Tiragem: 4.000 exemplares. Depósito Legal n.º 1465/82 ISSN – 0871/8598. **Preço de Capa**: €2,00; **Assinatura anual** (11 números): **via superfície** – Continente, Açores e Madeira: €20,00; **via aérea** – países europeus: €45,00; restantes países: €65,00. Os artigos publicados com indicação de autor são da inteira responsabilidade dos mesmos, não refletindo, necessariamente, o pensamento do Comando do Exército Português.

A reunião decorreu na Academia Militar, no dia 22 de julho, com o objetivo de apresentar o ponto de situação da Diretiva Intercalar 1.1 e as linhas de orientação da Diretiva Estratégica do Exército para o 2.º semestre de 2021 e para o ano de 2022

Reunião da Estrutura de Comando do Exército

Presidida pelo Chefe do Estado-Maior do Exército, General José Nunes da Fonseca, a Reunião da Estrutura de Comando do Exército decorreu no dia 22 de julho, na Academia Militar, no Destacamento da Amadora, com a finalidade de apresentar o ponto de situação da Diretiva Intercalar 1.1 e as linhas de orientação e processos críticos da Diretiva Estratégica do Exército para o 2.º semestre de 2021 e para o ano de 2022 (DEE 21-22).

A gestão estratégica constitui um instrumento crucial para capacitar as organizações, nomeadamente na forma como analisam o seu ambiente interno e externo, na forma como se estabelecem as direções estratégicas, bem como no modelo de implementação da sua estratégia. É uma ferramenta fundamental para que as organizações prosperem nos atuais ambientes caraterizados pela incerteza e volatilidade, sendo o processo de planeamento contínuo, de execução, de monitorização, de análise e de avaliação de tudo aquilo que é essencial para que o Exército alcance os seus objetivos.

A conjuntura resultante pela pandemia COVID-19, constituiu, para além de uma crise de saúde pública nacional e internacional, um problema securitário que criou condicionamentos com impacto no cumprimento da Missão do Exército, tendo sido implementada a Diretiva Intercalar 1.1.

Relativamente ao ponto de situação da mesma, constatou-se que das 76 tarefas prioritárias, 61 (80,2%) foram executadas. A atribuição de novas tarefas de prioridade mais elevada, as necessidades de apoio/coordenação por parte de entidades internas/externas e a situação pandémica foram os motivos identificados para não execução da totalidade das tarefas prioritárias.

A nova DEE 21-22 define a estratégia do Exército e estabelece a necessária articulação e transição com as diretivas anteriores, assegurando a continuidade através do alinhamento dos Objetivos Estratégicos (OE) constantes na DEE 19-21, com as Linhas de Orientação que constam na Diretiva Intercalar do Exército 1.1, e os novos OE constantes da DEE 21-22.

Fruto das alterações das circunstâncias que subsistiram até ao final do primeiro trimestre de 2021, a Diretiva Estratégica apresentada assenta nos pressupostos de um cenário de retoma progressiva da normalidade durante o segundo semestre de 2021, perspetivando-se que o ano de 2022 marcará, com elevada probabilidade, o reinício das atividades de forma normal e programada, sem condicionamentos ou constrangimentos sanitários.

A elaboração da DEE 21-22 constituiu uma oportunidade para definir novos desafios estratégicos, redefinir prioridades de atuação, bem como identificar oportunidades com vista à realização de novas ações, e novas iniciativas. Neste sentido, procedeu-se à redefinição do Mapa Estratégico associado à presente Diretiva Estratégica.

A DEE 21-22 resultou de uma reflexão estratégica alargada, cuja estratégia é concreta, detalhada, quantificada e estruturada por seis objetivos estratégicos correlacionados. Está articulada em 2 capítulos. O 1.º capítulo está focado no 2.º semestre de 2021, e materializa a transição entre a Diretiva Intercalar do Exército 1.1, e a Diretiva para o ano de 2022. Estão identificadas as Linhas de Orientação anteriormente definidas, e procedeu-se ao ajustamento das Tarefas e Entregáveis a conduzir pelas Entidades Setoriais. O 2.º capítulo da DEE 21-22 estabelece e define as Iniciativas Estratégicas que o Exército pretende conduzir em 2022, e que servem de base às Entidades Setoriais para a identificação de programas, tarefas e iniciativas que pretendem vir a conduzir.

Com esta Diretiva, pretende-se, igualmente, maximizar o acompanhamento e controlo do grau de execução das tarefas inscritas na DEE 21-22, mediante a identificação de indicadores estratégicos, de eficiência e de desempenho, onde os indicadores de eficiência, com foco nos resultados, visam apurar se os OE estão a ser alcançados, e os indicadores de desempenho, com foco nas ações/tarefas, visam aferir o cumprimento das atividades setoriais.

711_JUL&Ago_ I_II_TCORSousa.indd 7 02/11/2021 16:50:51

Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas de São Tomé e Príncipe visita o Exército Português

O Chefe do Estado-Maior do Exército (CEME), General José Nunes da Fonseca, recebeu, na manhã de 1 de julho, o Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas (CEMFA) de São Tomé e Príncipe, Brigadeiro-General Idalécio Pachire.

A receção do CEMFA santomense decorreu no Pátio dos Canhões, no Estado-Maior do Exército, onde lhe foram prestadas as honras militares regulamentares, tendo-se seguido uma reunião no Gabinete do CEME.

A visita ao Exército prosseguiu na Escola das Armas, em Mafra, cujo programa de atividades incluiu a cerimónia de Homenagem aos Mortos, uma apresentação sobre o Exército Português, a visita a algumas atividades de formação dos diferentes cursos que nele estão a decorrer, uma apresentação das capacidades do Centro de Simulação de Tiro, uma demonstração de atividades no Centro de Formação e Treino de Combate em Áreas Edificadas, na Tapada Militar, e uma demonstração da *Reprise* da Escola de Mafra, no Campo dos Plátanos.

Depois de assinar o Livro de Honra do Exército Português, o Brigadeiro-General Idalécio Pachire teve um encontro com seis alunos de São Tomé e Príncipe que estão a frequentar cursos no Exército (dois frequentam o Curso de Promoção a Capitão, na Escola das Armas, e quatro o Ano Vestibular, na Academia Militar).

Comemorações do 2.º Aniversário da nomeação do Real Edifício de Mafra para a Lista do Património Mundial - UNESCO

A Escola das Armas (EA), no dia 7 de julho, integrou o programa das comemorações do 2.º Aniversário da nomeação do Real Edifício de Mafra para a Lista do Património Mundial – UNESCO.

Estiveram presentes nesta iniciativa da Câmara Municipal de Mafra, a Secretária de Estado Adjunta e do Património Cultural, o Presidente da Câmara Municipal de Mafra, o Presidente da Assembleia Municipal, o Presidente da Comissão Nacional da UNESCO, o Diretor-Geral do Património Cultural e os representantes das entidades gestoras do Real Edifício de Mafra.

As comemorações apresentaram um programa diversificado, destacando-se a coordenação entre a EA e a Câmara Municipal de Mafra na visita ao *Palácio e Convento – o Monumento*, os percursos pedestres e BTT nos trilhos das tapadas Militar e Nacional, a apresentação da *Reprise* da Escola de Mafra e a assinatura do protocolo de colaboração entre o Município de Mafra e o Exército, que decorreu na Sala dos Atos Literários, integrada na cerimónia evocativa do 2.º aniversário.

O evento culminou com um concerto, pelo Coro e Orquestra Gulbenkian na Basílica do Real Edifício de Mafra.

Cerimónia de doação ao Exército da coleção General Espírito Santo

No dia 12 de julho, o Chefe do Estado-Maior do Exército, General José Nunes da Fonseca, presidiu à cerimónia de doação ao Exército da coleção General Espírito Santo, que decorreu no Palácio dos Marqueses do Lavradio, em Lisboa, tendo contado com a presença de familiares do General Espírito Santo e de outras entidades militares.

A coleção doada é constituída por um conjunto de obras que já se encontram na posse da Biblioteca do Exército, que terá a honrosa responsabilidade da sua preservação, promovendo a sua divulgação, estudo, investigação e valorização.

Na coleção sobressaem os livros sobre História Militar, Estratégia e Liderança, que se encontram disponíveis para pesquisa no catálogo digital da Biblioteca do Exército e para consulta presencial nas suas instalações.

374.º Aniversário da Arma de Engenharia Militar

A 13 de julho, evocou-se o 374.º Aniversário da Arma de Engenharia Militar Portuguesa, cuja origem remonta à criação da Aula de Fortificação e Arquitetura Militar, corolário do esforço do General Luís Serrão Pimentel, Cosmógrafo-Mor e mais tarde Engenheiro-Mor do Reino, na habilitação de Oficiais com o "Ofício de Engenheiros".

As atividades comemorativas, presididas pelo Diretor Honorário da Arma de Engenharia, Major-General Aníbal Alves Flambó, decorreram no Regimento de Engenharia n.º 1 (RE1), em Tancos.

Os principais eventos que marcaram o dia festivo da Engenharia Militar foram: a celebração de uma eucaristia na capela do RE1; a cerimónia de Homenagem aos Militares de Engenharia Mortos em Defesa da Pátria; a cerimónia militar, com um efetivo reduzido de escalão Companhia e a reabertura da renovada coleção visitável da Engenharia Militar.

Mesmo em ano de pandemia, caracterizado por múltiplas restrições, que se traduziram em novos desafios, os Soldados de Engenharia com muito labor cumpriram a sua missão, honrando os seus antecessores e perspetivando um futuro desafiante, que continuará a exigir extrema dedicação e sacrifício ao serviço de Portugal e dos Portugueses, honrando a sua divisa: "UBIQUE".

Dia da Arma de Cavalaria

A 21 de julho, comemora-se o Dia da Arma de Cavalaria, data em que se evoca a Batalha de Macontene, ocorrida em 1897, na qual as Forças expedicionárias portuguesas, sob o comando de Mouzinho de Albuquerque, derrotaram os Vátuas, chefiados por Maguiguana, no quadro das campanhas de pacificação de Moçambique.

Todos os anos, o Dia da Arma de Cavalaria é comemorado conjuntamente com o dia festivo de uma das Unidades da Arma, segundo um critério de rotação pré-definido. Este ano caberia ao Regimento de Lanceiros n.º 2 (RL2) a organização das comemorações do Dia da Arma de Cavalaria. No entanto, perante a atual situação epidemiológica, as comemorações foram canceladas, compelindo o RL2 a realizar uma cerimónia, simbólica e muito contida, respeitante apenas ao seu 188.º aniversário.

No dia 21 de julho, para assinalar a efeméride, o Diretor Honorário da Arma de Cavalaria, Major-General Luís Nunes da Fonseca, deixou uma mensagem de apreço e de esperança a todos os Oficiais, Sargentos, Praças e Funcionários Civis que servem na Arma de Cavalaria, "de que a normalidade possa regressar brevemente ao globo e, em particular, a este canto da Europa, devolvendo a serenidade às populações apoquentadas e permitindo o restabelecimento paulatino das nossas vidas".

Chefe do Estado-Maior do Exército acompanha ações de patrulhamento

O Chefe do Estado-Maior do Exército (CEME), General José Nunes da Fonseca acompanhou, durante o mês de julho, diversas ações de patrulhamento no território nacional.

O CEME acompanhou de perto e assistiu a *briefings* sobre as ações de patrulhamento que foram realizadas pelo Exército em todo o país, no âmbito da prevenção de fogos rurais.

Os militares, da Escola dos Serviços, do Regimento de Cavalaria n.º 6, do Regimento de Apoio Militar de Emergência, da Escola da Armas, entre outras Unidades, foram empenhados em funções de patrulha, vigilância terrestre e patrulhamento, permitindo deste modo detetar potenciais focos de incêndio e identificar situações irregulares.

Este apoio insere-se no Plano de Apoio Militar de Emergência do Exército, que visa estabelecer a forma de colaboração do Exército na resposta a emergências complexas, designadamente acidentes graves ou catástrofes, naturais ou provocadas, em especial nas áreas do socorro, apoio às populações afetadas, logística, comunicações de emergência, engenharia e apoio sanitário, em todo o território nacional.

A presença dos militares do Exército no terreno, de norte a sul do país, representa um significativo reforço da vigilância terrestre e do patrulhamento dissuasor, permitindo deste modo detetar prontamente alguns focos de incêndio que estejam no seu início e identificar situações anómalas indiciadoras da possibilidade de ocorrência de incêndios.

Cerimónia militar comemorativa da Batalha de Aljubarrota

O Exército, através da Direção de História e Cultura Militar, participou no dia 14 de agosto, na cerimónia comemorativa do 636.º aniversário da Batalha de Aljubarrota, que ocorreu junto ao monumento evocativo da batalha, no Campo de São Jorge, em Porto de Mós.
A Batalha de Aljubarrota, que teve lugar a 14 de agosto de 1385, foi travada entre as tropas luso-saxónicas, comandadas por D. João I de Portugal e o seu condestável D. Nuno Álvares Pereira, e o exército castelhano e seus aliados, liderados por D. João I de Castela, culminando na vitória portuguesa, que pôs término à Crise de 1383-1385.
A cerimónia militar foi presidida pelo Diretor da Direção de História e Cultura Militar, Major-General Aníbal Alves Flambó, contando com as presenças do Presidente da Câmara de Porto de Mós, Sr. Jorge Vala, e do Presidente da Fundação da Batalha de Aljubarrota, Dr. Alexandre Patrício Gouveia, entre outras entidades civis e militares.
As comemorações incluíram uma missa campal, celebrada pelo Tenente-Coronel Capelão Luís Ferreira; uma cerimónia de homenagem aos militares mortos, com a deposição de coroas de flores e uma prece pelo capelão militar; e uma palestra alusiva à Batalha de Aljubarrota, proferida pelo Coronel Américo Henriques.

213.º Aniversário da Batalha do Vimeiro

O Exército, através da Direção de História e Cultura Militar, participou no dia 21 de agosto, na cerimónia comemorativa do 213.º aniversário da Batalha do Vimeiro, que teve lugar junto ao monumento evocativo da batalha, diante do Centro de Interpretação da Batalha do Vimeiro.
A Batalha do Vimeiro foi travada a 21 de agosto de 1808 entre as Forças anglo-lusas e as tropas francesas, após Wellesley ter dirigido as suas Forças para as posições do Vimeiro, com a finalidade de proteger o desembarque de mais duas Brigadas na praia de Porto Novo, na foz do rio Alcabrichel. A Batalha do Vimeiro foi uma vitória inegável do exército anglo-luso sobre as Forças da França Imperial, pondo termo à Primeira Invasão Francesa.
A cerimónia militar foi presidida pelo Diretor da Direção de História e Cultura Militar, Major-General Aníbal Alves Flambó, contando com as presenças do Presidente da Câmara da Lourinhã e do Presidente do Centro de Interpretação da Batalha do Vimeiro, entre outras entidades civis e militares.
As comemorações incluíram o hastear da Bandeira Nacional e uma cerimónia de homenagem aos militares mortos em campanha, com a deposição de coroas de flores e a leitura de uma prece pelo capelão militar.

12.
IVECO

Viaturas pesadas, na Escola dos Serviços, na Póvoa de Varzim

Direção de Aquisições

O elo vital da cadeia logística no Exército

Com este artigo pretendemos dar a conhecer a atividade da Direção de Aquisições, um dos Órgãos fundamentais na ação Logística do Exército

Texto : TCor AdMil Leonel **Henriques** | Chefe da Repartição Gestão Financeira da DA

Introdução

A Direção de Aquisições (DA) é responsável pelo desenvolvimento e condução dos principais procedimentos contratuais do Exército.

O objeto de trabalho da atividade da DA, resulta do levantamento das necessidades do Exército, levado a cabo pelas Unidades, Estabelecimentos e Orgãos (U/E/O), e que é refletido no Plano de Aquisições Integrado (PAI), documento estruturante que é submetido à aprovação do Comandante da Logística – no Exército toma a designação de Quartel Mestre General – até 5 de novembro de cada ano civil. Este processo permite potenciar o equilíbrio entre as necessidades identificadas pelo Exército e o orçamento disponível para o efeito.

Resenha histórica

A DA teve a sua génese em 2003, data que marcou uma nova fase de transformação do Exército, que ficou consolidada em 2006, com a aprovação da nova organização (DL nº 61/2006, de 21Mar) e a adoção de um novo paradigma para a logística, que passou de uma lógica de serviços para uma de funções, em prol da prontidão operacional militar terrestre.

É neste contexto que é criada a DA, Órgão na dependência direta do Comando da Logística, absorvendo as atribuições relativas às áreas da Aquisição, Contratação e Alienação, das diferentes Direções Logísticas da anterior organização por serviços, que se constituem na sua atividade principal, de acordo com o Decreto Regulamentar nº 74/2006, de 02Jul.

Para cumprir a sua missão, a DA articula-se com diferentes entidades civis e militares, lidando com diversas matérias que concorrem para o seu *core business*: a contratação pública, sendo primordial que a sua base assente num sólido e atempado planeamento.

Contratação Pública

A Contratação Pública, área de excelência da DA, envolve um diversificado número de intervenientes, salientando-se pela sua importância, as Direções Logísticas (Direção de Material e Transportes e Direção de Infraestruturas do Exército), os fornecedores, o Conselho de Ministros e o Tribunal de Contas. No âmbito das diferentes fases dos procedimentos concursais, a DA fica assim obrigada a cumprir os prazos previstos na lei e a considerar o tempo como fator crítico. Tanto assim é, que a data limite para a receção na DA, das últimas Requisições de Compra das Direções Logísticas termina a 30 de junho, conforme imagem do quadro 1 (pág. 16), sob pena da sua execução contratual não se verificar, levando à perda de orçamento ou, a verificar-se, levar à concentração dos pagamentos nos últimos meses do ano.

No ano 2020, foram conduzidos 1.002 procedimentos, distribuídos pelas diferentes fontes de financiamento (FFin), conforme imagem do gráfico 1 (pág. 17). Este número tem vindo a reduzir, resultado de um esforço conjunto do Exército nas atividades de planeamento, centralização e plurianualidade dos processos de despesa, conduzindo a uma maior estabilidade no processo de fornecimento de bens e serviços ao longo do tempo. Decorrente do número de procedimentos anunciado, alcançaram-se em 2020 as seguintes taxas de execução orçamental: LPM - 75%; LIM - 74%; PIDDAC - 100%; OMDN - 92%; FND - 100% e DCCR - 100%, tendo sido obtida uma taxa de execução média de 83%, correspondente a 89M€, que se distribuem da seguinte forma:

> **"Para cumprir a sua Missão a DA, articula-se com diferentes entidades civis e militares, lidando com diversas matérias que concorrem para o seu *core business*: a contratação pública..."**

- Bens: 21,7M€, a que corresponderam 229 processos de despesa (NPD), de que se destacam, pelo valor, os seguintes:

– Alimentação em géneros para o exército	8,9M€ (20 NPD)
– Fardamento	3,2M€ (70 NPD)
– Combustível e lubrificantes	2,3M€ (20 NPD)
– Alimentação confecionada para o Exército	2,3M€ (37 NPD)
– Munições e explosivos	2,2M€ (05 NPD)
– Material de transporte peças	1,6M€ (21 NPD)

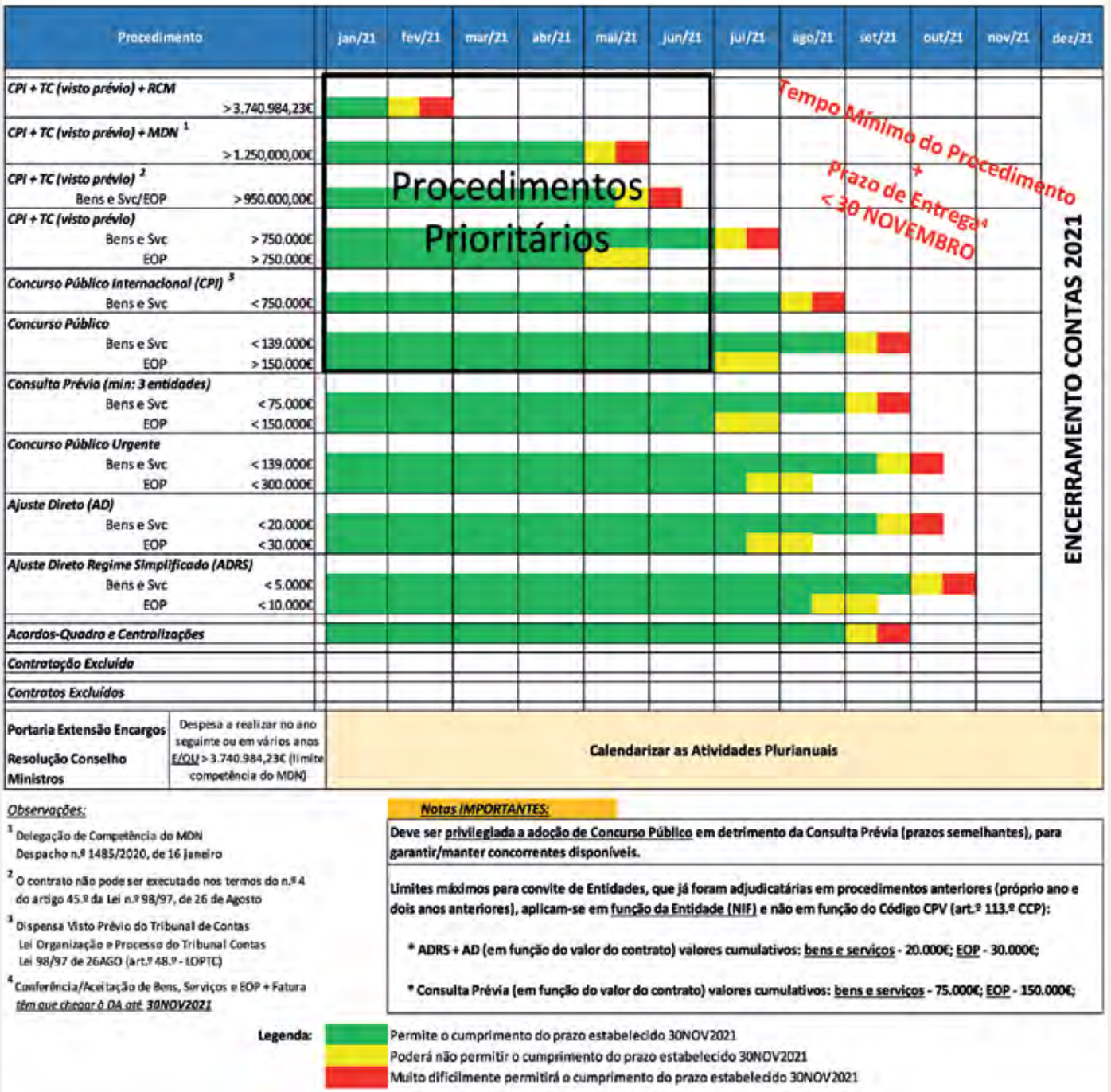
- Serviço: 12,3M€, a que corresponderam 363 NPD, de que se destacam, pelo valor, os seguintes:

– Outros serviços	5,4M€ (44 NPD)
– Transportes	4,0M€ (152 NPD)
– Conservação de bens	2,0M€ (57 NPD)

- Investimento: 55,0M€, a que corresponderam 385 NPD, de que se destacam, pelo valor, os seguintes:

– Investimentos militares	52,0M€ (227 NPD)
– Informática - Administração Central - Estado - Comunicações	1,6M€ (49 NPD)

Quadro 1 - Data limite para as Manifestações e Especificações Técnicas chegarem à DA



Sublinha-se, que a DA alcançou as taxas de execução mencionadas, à custa de um esforço conjunto levado a cabo com outras entidades do Exército, designadamente a Direção de Material e Transportes, a Direção de Infraestruturas do Exército, a RCQAM/CmdLog[1] e, em particular, os Gestores dos Contratos.

Gestor do Contrato

A figura do Gestor do Contrato foi introduzi-

"...continuará a assistir-se a uma progressiva diminuição do número de processos de despesa elaborados nas Unidades Estabelecimentos e Órgãos (U/E/O), o que, por sua vez, conduzirá a uma maior ligação daquelas(es) ao Comando da Logística, por via da figura do Gestor do Contrato."

da no ordenamento jurídico em 2017, por via da nona alteração ao Código dos Contrato Públicos (CCP).

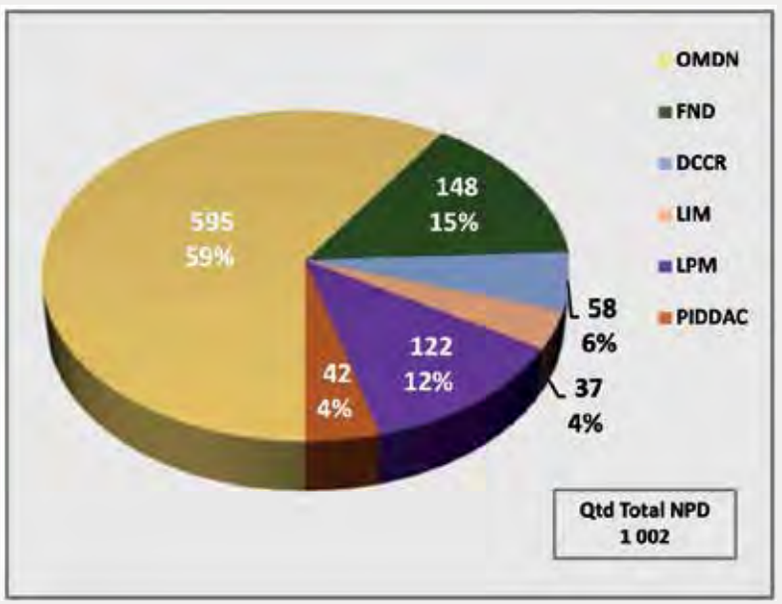
A institucionalização do Gestor do Contrato ficou a dever-se à necessidade de capitalizar melhorias na execução dos contratos públicos e de se "profissionalizar" a contratação pública[2], tendo em vista a resolução de eventuais problemas que surjam durante a execução contratual, evitando-se situações de incumprimento por parte dos cocontratantes. Este desiderato é conseguido através de um acompanhamento atento e permanente da execução contratual por parte do Gestor do Contrato, que tem a legitimidade para agir corretivamente, logo que verifique qualquer tipo de incumprimento, evitando consequências nefastas no futuro.

A implementação desta capacidade traz grandes vantagens a nível da segurança e da transparência, dando um "rosto" à Administração Pública e elegendo um interlocutor (tendencialmente único) que estabelece a "ponte" entre o fornecedor e a Administração Pública[3], e a garantia de que a atividade contratual pública "se pauta por critérios de eficiência e economicidade"[4].

Nesta conjuntura, e considerando a obrigatoriedade[5] da colocação do Gestor do Contrato nomeado pela Entidade com Competência para a Decisão de Contratar, no próprio clausulado contratual, sob pena de nulidade do respetivo contrato, a Instituição Castrense adaptou-se a esta nova realidade e tem vindo a explorar as mais-valias desta capacidade, quer a nível do rigor na utilização dos dinheiros públicos, quer a nível do acompanhamento da execução do contrato por parte da Entidade com Competência para Autorização da Despesa. Desta forma, é expectável assistir a uma redução dos desvios nos prazos de execução dos contratos e das situações de incumprimento das Especificações Técnicas e, em contraponto, assistir-se ao aumento da qualidade das aquisições.

Com a centralização da contratação do Exército na DA, continuará a assistir-se a uma progressiva diminuição do número de processos de despesa elaborados nas U/E/O, o que, por sua vez, conduzirá a uma maior ligação daquelas(es) ao

Gráfico 1 - Fontes de Financiamento



[1] RCQAM/CmdLog: Repartição de Controlo de Qualidade Alimentação e Messes do Comando da Logística (CmdLog)
[2] Recomendação (UE) 2017/1805 da Comissão, de 03Out17, disponível em: http://www.base.gov.pt/mediaRep/inci/files/recomendestuduee/UE20171805.pdf;
[3] MATOS, Sara Younis Augusto *in* "Comentários à revisão do Código dos Contratos Públicos, pp. 791-814;
[4] *Idem*
[5] Pese embora, com a redação dada pela Lei n.º 30/2021, de 21Mai, ao n.º 3 do Art.º 128 do CCP, o procedimento de Ajuste Direto esteja dispensado da designação de Gestor do Contrato;

Comando da Logística, por via da figura do Gestor do Contrato.

Considerando que a informação disponível sobre o tema, por ser muito generalista, necessita de ser adequada à realidade e estrutura da Instituição, o Comando da Logística encontra-se a elaborar um documento estruturante que visa contribuir para a difusão, sistematização e consolidação desta matéria no Exército e emanar as necessárias orientações às U/E/O e aos Gestores dos Contratos. Prevê-se ainda que o documento defina o âmbito da relação do Gestor do Contrato com a Entidade com competência para a realização da despesa, que o nomeia como seu representante junto do fornecedor, bem como as responsabilidades e competências desta nova figura.

A fatura eletrónica na modernização da administração pública

Se antes todos os processos aquisitivos eram fisicamente materializados em papel, com a ação da modernização administrativa, a tendência natural será avançar para a sua desmaterialização. Recentemente, e no que se considera ser o derradeiro passo para a desmaterialização total dos processos de despesa, a Entidade de Serviços Partilhados da Administração Pública (eSPap) disponibilizou o Portal da Fatura Eletrónica na Administração Pública (FE-AP), onde já é veiculada grande parte da faturação processada na DA. Para a maior agilização deste tráfego de faturas, contribui a decisiva intervenção de quem acompanha a execução contratual e de quem é responsável pelo ato de receção. Falamos do Gestor do Contrato, a quem cabe a validação da fatura no portal referido, após a sua confrontação com a Guia de Remessa/Transporte e com o estabelecido no Caderno de Encargos.

Plano de Aquisições Integrado

O Plano de Aquisições Integrado (PAI), agrega o planeamento de todas as necessidades de bens, serviços e empreitadas do Exército para um ciclo anual, identificadas nos diferentes escalões, consolidadas pelas Direções Logísticas e agregadas em PAI pela DA, que conduzirá a sua execução, com o contributo daquelas, logo a partir do mês de novembro do ano anterior (ano N).

Neste sentido e para se poderem cumprir as diferentes disposições legais, com destaque para o respeito dos princípios da economia, eficiência e eficácia, urge que nos envolvamos periodicamente, no levantamento rigoroso das necessidades do ano seguinte, com a antecedência que a lei obriga, para que o seu planeamento seja consequente. Para isso, é necessário que aquele seja efetuado (incluindo as prioridades) desde os mais baixos escalões[6], conforme imagem do esquema

[6] Contribui para isso os mapas de acompanhamento das manutenções periódicas e dos tempos de vida útil dos materiais, equipamentos e instalações em uso, bem como os mapas de dados históricos relativos a outras áreas

Quadro 2 - Ciclo de satisfação de necessidades

Os Cmdt/Dir/Ch têm um papel fundamental no levantamento atempado das necessidades logísticas sendo necessário que façam chegar os Planos de Satisfação de Necessidades (à DMT e DIE, até 31 Jan do ano N 1 para que no ano N sejam satisfeitas as necessidades logísticas identificadas no ano N 1

do ciclo de satisfação de necessidades (quadro 2), para que possa ser vertido até maio de N, pelas Direções Logísticas (DMT e DIE) no Plano de Atividades do Exército do ano N+1, constituindo-se este como a base dos contributos do Exército para a elaboração da Proposta de Orçamento do Estado para N+1. Esta proposta, após ser aprovada a 31DecN, contemplará as verbas atribuídas ao Exército para fazer face à satisfação de (apenas) parte das necessidades identificadas em N para N+1, o que obrigará a respeitar as prioridades definidas no momento do planeamento.

Como corolário, é possível, não só continuar a potenciar consideravelmente o trabalho dos colaboradores da DA mas, especialmente, os resultados decorrentes da economia de escala proporcionada por um planeamento anual cuidado e atempado, com reflexos num maior grau de satisfação das necessidades das U/E/O, para além de contribuir para uma melhoria significativa da qualidade da contratação no Exército e para a otimização dos recursos financeiros disponibilizados em cada ano.

Drone RAVEN B DDL

Metralhadora Ligeira FN Minimi 7,62 mm

Conclusões

Criada em 2006, a DA tem vindo a adaptar-se às exigências do ambiente em que opera, tanto no domínio interno, com a necessidade de concentração das aquisições, como no domínio externo, estando atenta aos ensinamentos do mercado, constituindo-se como o "motor" da implementação da generalidade das alterações relativas à contratação pública no Exército, sendo a última, a introdução da figura do Gestor do Contrato, pela importância do seu papel no procedimento aquisitivo, constituindo-se como um elemento decisivo para a boa execução contratual e para a transparência de todo o processo de despesa.

No sentido de continuar a otimizar as ferramentas já disponibilizadas na área da contratação pública e de continuarmos a aproximar-nos dos intentos do Exército, quer no que toca ao Plano de Prevenção de Riscos de Corrupção e Infrações Conexas, quer na otimização dos recursos disponibilizados, é fundamental ter um plano de necessidades anual completo e estável, o que passará sempre pela estreita colaboração e esforço de todos os intervenientes (internos e externos) no ciclo de satisfação das necessidades do Exército.

[República Centro-Africana]

Módulo PANDUR FND/QRF/MINUSCA

Aprontamento, Projeção e Missão

As PANDUR estão presentes no Teatro de Operações da República Centro-Africana desde dezembro de 2018 para reforçar a capacidade de proteção da Força

Texto : Ten Inf António **Marrana** | Cmdt Mod PANDUR/8FND/QRF/MINUSCA

As viaturas PANDUR II 8x8 estão presentes no Teatro de Operações (TO) da República Centro Africana (RCA) desde dezembro de 2018, tendo sido projetadas com o intuito de reforçar a capacidade de proteção da Força Nacional Destacada (FND), uma vez que a principal viatura em uso inicialmente era o HMMWV[1] (entretanto substituída pela viatura 4x4 URO VAMTAC[2] ST5, de produção espanhola) dotado de inferior grau de blindagem.

Atualmente, as viaturas PANDUR II 8x8 guar-

necem as duas subunidades da FND: o **Módulo PANDUR** - que recebe esta designação pelo facto de utilizar este tipo de viaturas - e o Destacamento de Apoio (DestAP). No total, a FND dispõe de oito viaturas PANDUR II 8X8, embora nem todas apresentem a mesma configuração.

O Módulo PANDUR - equipado com seis viaturas PANDUR II 8x8, duas em configuração *Infantry Carrier Vehicle* [3] e quatro em *Remote Weapon Station* (RWS) [4] - tem como missão apoiar a manobra da FND nas operações em que esta esteja envolvida.

Para além da elevada proteção assegurada pela sua blindagem, salienta-se, ainda, a boa capacidade de observação diurna e noturna apresentada pelas viaturas RWS a partir do seu interior e, também, a operação da sua arma orgânica sem necessidade de expor a tripulação ao exterior, salvaguardando desta forma a sua integridade física.

Este módulo, do ponto de vista de guarnição, é constituído por quatro chefes de viatura (um oficial-comandante de módulo e três sargentos) e seis praças (quatro condutores e dois apontadores do sistema RWS).

> "...do ponto de vista de mobilidade, a PANDUR adapta-se muito bem à natureza do terreno..."

[1] *High Mobility Multipurpose Wheeled Vehicle*: Viatura de Rodas, Multifunção, com Alta Mobilidade
[2] VAMTAC: acrónimo espanhol para *Vehículo de Alta Movilidad Táctico*
[3] *Infantry Fighting Vehicle*: Viatura de Combate de Infantaria
[4] O RWS é um sistema de armas, constituído por uma torre equipada com um canhão de 30 mm, operado a partir do interior da viatura

Interior da viatura PANDUR Ambulância

Fonte : EMGFA

No DestAp, as viaturas PANDUR II 8x8 disponíveis apresentam duas configurações distintas: **Ambulância**, que assegura os primeiros socorros e a estabilização de militares feridos decorrente de ações de combate ou acidentes; **Recuperação** e **Manutenção**, que garante apoio técnico ao efetivo do módulo PANDUR empenhado numa dada área de operações.

"Pré-Aprontamento"

Os elementos que integram o Módulo PANDUR são selecionados num universo de militares oriundos das três Unidades de Escalão Batalhão da Brigada de Intervenção (RI13[5], RI14[6] e RC6[7]) que possuem organicamente este tipo de viatura. A sua preparação para a missão começa com um **pré-aprontamento**, durante o qual todos os elementos do Módulo PANDUR interagem, ficando a conhecer-se mutuamente. Fortalecem-se laços de camaradagem e, sempre que necessário, consolida-se a formação a todos os militares com os cursos necessários para poderem desempenhar funções de condutor e apontador, mesmo que não seja essa a sua função em ordem de batalha. Neste pré-aprontamento são também praticadas algumas tarefas básicas relacionadas com a viatura PANDUR II 8x8, com o intuito de nivelar as capacidades dos elementos da subunidade.

Ponte à entrada de Bossangoa

Bangui de manhã muito cedo

Depois desta fase, os militares marcham para a unidade aprontadora a fim de iniciar o aprontamento.

Aprontamento

O aprontamento para o Módulo PANDUR, é constituído, essencialmente, por quatro partes. A primeira, de caráter documental, tem como objetivo garantir que todos os militares tenham a credenciação necessária, bem como todos os ciclos de processos fechados para estarem aptos a iniciar o aprontamento. A segunda fase, comum à grande parte das subunidades que integram a FND, tem como objetivo garantir a técnica indi-

[5] Regimento de Infantaria 13
[6] Regimento de Infantaria 14
[7] Regimento de Cavalaria 6

"Os elementos que integram o Módulo PANDUR são selecionados num universo de militares oriundos das três Unidades de Escalão Batalhão da Brigada de Intervenção..."

vidual de combate e sessões de tiro necessárias para qualquer militar que esteja no TO. A terceira parte, mais extensa que as anteriores, é já específica da subunidade em questão. Os elementos do módulo PANDUR, nesta fase, focam-se inteiramente nas viaturas que vão utilizar, aliadas aos procedimentos vertidos em Normas de Execução Permanentes da FND. Assim sendo, interessa nesta fase que os militares fiquem proficientes no manejo das viaturas, que as conheçam de forma aprofundada para que possam delas tirar o máximo rendimento. Na última fase, a quarta, os militares juntam-se à Companhia de Manobra, responsável pela condução de operações no terreno, de forma a treinarem em conjunto as táticas, técnicas e procedimentos, aumentando a sua integração ao nível operacional e assim garantir o sucesso em operações.

O aprontamento termina com o exercício final, no qual, através de um processo de avaliação (*Combat Readiness Evaluation*) são avaliadas as várias componentes da força numa perspetiva de emprego operacional no TO. Depois desta fase, dá-se a projeção dos militares para a RCA.

Projeção

Como as viaturas já se encontram no TO, este processo é realizado em duas levas. Os militares que partem primeiro têm como objetivos principais a receção do material, reconhecer pontos de interesse para cada uma das subunidades, receber informações pertinentes sobre o TO e, ainda, preparar a receção do remanescente dos militares.

É nesta fase que assume especial importância a partilha de informação entre o comandante de módulo que irá iniciar a Missão e o que cessa, relevando-se na mesma a especial atenção dada ao estado das viaturas, o apoio prestado pelo módulo PANDUR às operações que foram executadas pela FND, bem como, as principais dificuldades sentidas por esta subunidade.

Importa, também, referir o importante papel do Sargento do módulo na elaboração do plano de receção dos equipamentos para que, durante esta fase, a transferência seja o mais célere possível.

A partir do dia da chegada dos militares da segunda leva, são realizadas todas as atividades de

Viatura PANDUR na RCA

Viatura PANDUR de Recuperação e Manutenção

Fonte : EMGFA

forma a garantir que rapidamente seja atingida a totalidade da sua capacidade operacional[8]. Quando a força atinge esta capacidade, a mesma está pronta para receber e cumprir as tarefas indicadas pelo escalão superior a que se subordina.

Missão

O módulo PANDUR, no patrulhamento que se efetua frequentemente na região de Bangui, principalmente na zona periférica da cidade, tem vindo a ser empenhado com uma ou duas viaturas. Quando são feitas projeções para fora da capital, este módulo vai habitualmente na sua total capacidade de recursos humanos. A constituição desta subunidade, no que toca ao número e tipo de viaturas que são utilizadas varia consoante o tipo de operações que estão planeadas executar. Cabe ao comandante da Força, mediante proposta do comandante do módulo PANDUR, decidir que tipologia de viaturas irá empregar na Área de Operações.

Em termos operacionais, na perspetiva de um chefe de viatura PANDUR II, há dois fatores que condicionam a utilização destes meios. O primeiro prende-se com a má qualidade dos acessos. As estradas alcatroadas são praticamente inexistentes na RCA e as de terra batida podem, em certas circunstâncias, oferecer muita resistência ao deslocamento de colunas motorizadas, especialmente na época das chuvas. O segundo fator, observado nas áreas densamente habitadas, está associado à elevada densidade de transeuntes e motociclos que circulam nas vias de comunicação, que por vezes comprometem a segurança dos deslocamentos motorizados efetuados com este tipo de viatura.

Por outro lado, do ponto de vista de mobilidade, a PANDUR adapta-se muito bem à natureza do terreno pois consegue transpor com relativa facilidade a maior parte dos obstáculos que se apresentam. Para tal, os condutores destas viaturas têm de ser militares muito bem treinados

[8] Na terminologia em língua inglesa: *Full Operational Capability*

"Quando são feitas projeções para fora da capital, este módulo vai habitualmente na sua total capacidade de recursos humanos. A constituição desta subunidade, no que toca ao número e tipo de viaturas que são utilizadas varia consoante o tipo de operações que estão planeadas executar.

e conscientes. Apenas um condutor atento e que mantenha contacto permanente com o seu chefe de viatura, pode minorar o risco de acidentes quer em deslocamentos em todo-o-terreno, quer em meios urbanos.

Uma parte considerável do tempo passado no aquartelamento é utilizado em ações de manutenção e cuidados a fim de garantirem a total operacionalidade das viaturas. Igualmente, também são levados a cabo treinos que visam manter a máxima capacidade física e operacional de todos os militares. No que diz respeito ao moral e bem-estar, a FND, de uma forma permanente, dinamiza atividades desportivas e de convívio, com o objetivo de fortalecer o espírito de coesão e a camaradagem entre todos os elementos da Força.

A existência de um módulo equipado com as viaturas PANDUR II 8x8 tem vindo a ser uma mais-valia para a FND pois contribui de uma forma decisiva para o cumprimento da missão que lhe está atribuída e, em simultâneo, permite salvaguardar a integridade física dos militares bem como aumentar o seu potencial de combate. Contribui-se, assim, de uma forma notável para o sucesso da presença do Exército e de Portugal na República Centro-Africana ao serviço das Nações Unidas. ع

Fonte : EMGFA

[Beja, Odeceixe, Santa Margarida e Tancos]

Exercício *HOT BLADE* 2021

O Exército participou no exercício HOT BLADE 2021, realizado no âmbito do *Helicopter Exercise Programme*, da Agência Europeia de Defesa, nas regiões de Beja, Odeceixe, Santa Margarida e Tancos

Texto : TCor Cav Duarte **Caldeira** | G9 da BRR
Alf RC Jaime **Pereira** | Redator do JE

O exercício ***HOT BLADE* 2021** (**HB21**), organizado pela Força Aérea e realizado no âmbito do *Helicopter Exercise Programme*, da Agência Europeia de Defesa, decorreu nas regiões de Beja, Odeceixe, Santa Margarida e Tancos, entre os dias 16 e 30 de junho.

À semelhança de edições anteriores, para além da Força Aérea Portuguesa e meios aéreos de outras três nações (Áustria, Eslovénia e Países Baixos), participaram no exercício forças do

O HB21 é um exercício de grande dimensão que decorre num ambiente conjunto e combinado, cujo principal objetivo visa o treino, qualificação e certificação das várias unidades participantes, em missões de treino realistas e adequadas aos Teatros de Operações atuais.

Exército e da Armada, constituindo-se estas, do ponto de vista de treino, como uma audiência secundária em contraponto com as unidades aéreas, que foram a Audiência de Treino Primária. Neste exercício estiveram envolvidas diversas esquadras de aeronaves de asa rotativa e de asa fixa, bem como forças terrestres nacionais e estrangeiras.

O Exército participou com forças da Brigada de Reação Rápida (BrigRR), nomeadamente: Unidade de Apoio do Quartel-General (QG) da BrigRR; Regimento de Infantaria N.º 1 (RI1); 2.º Batalhão de Infantaria Paraquedista (2BIPara) do Regimento de Infantaria N.º 10; Batalhão Operacional Aeroterrestre (BOAT) do Regimento de Paraquedistas; Batalhão de Comandos do Regimento de Comandos; Força de Operações Especiais (FOE) do Centro de Tropas de Operações Especiais; e o Grupo de Artilharia de Campanha (GAC) do Regimento de Artilharia N.º4.

O **HB21** é um exercício de grande dimensão que decorre num ambiente conjunto e combinado, cujo principal objetivo visa o treino, qualificação e certificação das várias unidades participantes, em missões de treino realistas e adequadas aos Teatros de Operações atuais.

O principal objetivo foi realizar treino relacionado com as técnicas, táticas e procedimentos, relativos às tarefas táticas de assalto aéreo, ação direta e reconhecimento especial, integradas no âmbito do planeamento e execução de operações aerotransportadas e operações especiais, respetivamente.

Com centro de gravidade operacional na Base Aérea N.º 11, em Beja, onde esteve estacionado o maior volume dos meios aéreos, foi no Aeródromo Militar de Tancos que foi materializado um ponto de reabastecimento de combustível avançado ao longo de todo o exercício, bem como a base de partida em apoio ao treino das missões aeroterrestres que decorreram, respetivamente, nas regiões de:

- Beja – área orientada para a execução de heli-assaltos executados por forças do Batalhão de Comandos;
- Santa Margarida – área orientada para a atuação das FOE e operações de heli-assalto executadas pelo 2BIPara;
- Tancos – área orientada para a atuação do Destacamento de Precursores e Destacamento de Abastecimento Aéreo do BOAT no lançamento de paraquedistas e cargas.

Operação de heli-assalto

Viatura de combate a incêndios

É de salientar que nas áreas de Santa Margarida e Beja a BrigRR implementou, ainda, uma estrutura de apoio para efeitos de coordenação e sincronização do exercício.

No decorrer do HB2021, as forças do Exército participaram em diversas missões, salientando-se:

- Reconhecimento especial, no âmbito das Operações Especiais;
- Ações Diretas, no âmbito das Operações Especiais;
- Heli-assaltos;
- Lançamentos de paraquedistas através de saltos manuais a grande altitude com abertura de paraquedas efetuada quer a elevada quer a baixa altitude;
- Lançamentos de cargas de abastecimento aéreo donde se destaca o *Joint Precision Aerial Delivery System* (JPADS) com o sistema *Sherpa Ranger 700* (apresentado aos leitores na edição de setembro de 2020).

Na condução das tarefas de apoio ao exercício salienta-se a capacidade de *Hot Refueling* [1] demonstrada pelo Exército, através da Unidade de Apoio do QG/BrigRR, que assegurou durante o período do exercício a categorização CAT 5 (infraestrutura aeroportuária com serviço disponível de socorro e combate a incêndios) ao Aeródromo Militar de Tancos, conforme requerido pela Força Aérea Portuguesa.

Participação da Componente Operacional do Sistema de Forças

Nesta edição do HB21, a BrigRR fez-se participar com elementos do seu Comando de Brigada que materializaram dois centros de apoio ao exercício, localizados no RI1, em Beja, e no Campo Militar de Santa Margarida.

Inicialmente com o BOAT, que executou treino de adaptação às aeronaves e de infiltração através da técnica de *helicast* – salto para a água. Posteriormente, com um Destacamento de Precursores e outro de Abastecimento Aéreo, entre várias tarefas, organizou e executou o lançamento de Unidades paraquedistas em saltos de abertura automática, tendo para o efeito efetuado a operação, controlo e segurança de *Drop Zones* para lançamento de pessoal e/ou lançamento de cargas de abastecimento aéreo, com realce para o sistema JPADS, cuja preparação e confeção foi, também, da sua responsabilidade.

O Batalhão de Comandos, com elementos do

Lançamento de cargas, sistema SHERPA RANGER 700

[1] Reabastecimento de combustível em aeronaves com (pelo menos) um dos motores em funcionamento.

"Este exercício constituiu-se como uma importante oportunidade, com vista a treinar táticas, técnicas e procedimentos a empregar em ambiente operacional nos cenários que existem atualmente no mundo"

Pelo ambiente internacional que se viveu e pelas condições que proporcionou às subunidades da BrigRR, uma vez mais, o exercício ***HOT BLADE* 2021** constituiu-se como uma importante oportunidade, com vista a treinar táticas, técnicas e procedimentos a empregar em ambiente operacional nos cenários que existem atualmente no mundo. ЭЄ

seu Estado-Maior e através do emprego de dois Grupos de Combate, esteve envolvido na região de Beja, treinando a validação de Técnicas, Táticas e Procedimentos (TTP) relativos, entre outros, a condução de missões de assalto com recurso a meios aéreos de asa rotativa e apoio aéreo próximo com integração de equipas de controlo aéreo tático.

Relativamente aos militares da FOE, estes participaram com uma Unidade Tática de Operações Especiais e uma equipa *Sniper*, tendo como objetivos de treino a validação de técnicas, táticas e procedimentos relativas a *Top Cover*, *Sniping Shooting* e *Tactical Air Landing Operation*, tendo os mesmos sido completamente atingidos.

Para este efeito, a FOE participou com elementos do seu Estado-Maior e três Unidades Táticas na região de Santa Margarida, tendo sido estabelecida uma Base Operacional Avançada no Campo Militar de Santa Margarida (Quartel da Pucariça), conjuntamente com as forças de operações especiais holandesas. O cenário do exercício possibilitou o treino de duas das quatro missões primárias das FOE, a Ação Direta e o Reconhecimento Especial, de forma independente e em colaboração com as forças congéneres.

O 2BIPara exercitou o Comando de *Task Force* tendo por base uma estrutura organizacional (do tipo MINUSCA) e executou golpes de mão apoiados em viaturas VAMTAC, tendo para o efeito participado com elementos do seu Estado-Maior e com duas unidades de escalão pelotão.

O GAC no decorrer do HB21, integrou o treino do 2BIPara, com os Observadores Avançados.

Tropas paraquedistas a embarcar em HÉRCULES C-130

[Lisboa]

Líquidos Iónicos (LIs)

Projeto DAQUI

Descontaminação superficial de Agentes Químicos usando Líquidos Iónicos

A procura de um descontaminante inovador com baixo impacto ambiental e humano

Texto : TCor Farm Marques **Tira-Picos** | Chefe do Laboratório e Segurança e Defesa Química da UMLDBQ

Vários incidentes militares e civis decorrentes da utilização de produtos químicos tóxicos têm vindo, nos últimos anos, a demonstrar que a ameaça química continua atual. Esta ameaça pode ser minimizada através de estratégias e mecanismos de prevenção e de proteção, nomeadamente utilizando ferramentas de controlo de efeitos decorrentes da sua eventual concretização, designadamente, meios de descontaminação apropriados.

> **"A eficiência da descontaminação requer a neutralização em tempo útil dos agentes químicos, sem prejuízo da saúde humana e ambiental e, preferencialmente, sem destruição dos materiais ou equipamentos contaminados."**

A eficiência da descontaminação requer a neutralização em tempo útil dos agentes químicos, sem prejuízo da saúde humana e ambiental e, preferencialmente, sem destruição dos materiais ou equipamentos contaminados.

O projeto DAQUI, iniciado em 2019 sob a égide do Centro de Investigação da Academia Militar e resultante de uma colaboração entre a Unidade Militar Laboratorial de Defesa Biológica e Química (UMLDBQ) e a Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa, propõe a conceção de um descontaminante inovador com baixo impacto ambiental e humano. Este é desenvolvido partindo de novos materiais à base de líquidos iónicos, sendo estes, como o nome indica, líquidos à temperatura ambiente, não corrosivos e de baixa toxicidade e elevada biodegradabilidade, que apresentam grande capacidade de adsorção e absorção dos agentes químicos de guerra, permitindo posteriormente a neutralização química, por oxidação, daqueles agentes.

Análise em Cromatógrafo Gasoso Acoplado a Espetrometria de Massa, com módulo de injeção *HeadSpace*.

Preparação de Amostras em Câmara de Fluxo de Ar Laminar com 100% de extração.

O plano de trabalho do projeto DAQUI distribui-se ao longo de 36 meses, abrangendo essencialmente quatro tarefas: o desenvolvimento de líquidos iónicos; a realização de estudos de adsorção-absorção dos agentes químicos nos líquidos iónicos que vão sendo concebidos; a realização de estudos de neutralização dos agentes químicos relativamente aos líquidos iónicos mais promissores; e por fim, o estudo da aplicação daqueles sistemas (líquido iónico-neutralizante) em condições comparáveis a potenciais aplicações.

A primeira tarefa, que se prolonga até ao 32.º mês de projeto, tem vindo a ser realizada pela Faculdade de Farmácia, tendo sido já produzidos 32 líquidos iónicos, de diferentes estruturas, consistências e graus de polaridade: Cloreto de Aliquat, Aliquat de Bistriflamida, Cloreto de Fosfónio, Fosfónio de Bistriflamida, Propionato de Colina ou Acetato de Colina são alguns exemplos.

Os líquidos iónicos são depois testados nas instalações da UMLDBQ, no sentido de se avaliar em primeiro lugar a sua capacidade de adsorção-absorção quando na presença de simulantes de agentes químicos de guerra. Tratando-se de simulantes, mas ainda assim com risco tóxico assinalável, todos os testes realizados obedecem a rigorosas condições de segurança para o operador e meio envolvente.

A capacidade de adsorção-absorção é inferida colocando o líquido iónico em contacto com o vapor do simulante e verificando alterações na sua quantidade. Esta avaliação recorre à identificação

e semiquantificação do agente químico de guerra por cromatografia acoplada à espetrometria de massa, utilizando a técnica de injeção de amostra vaporizada em espaço de cabeça (*HeadSpace*).

A metodologia de análise requereu testagem e acertos até ao procedimento final, recorrendo-se inicialmente a um simulante do grupo dos neurotóxicos (grupo de agentes químicos de guerra onde se incluem o *Sarin*, o VX ou os agentes *Novichok*). Como mostram as figuras 1 e 2, de modo a evitar o contacto inicial entre os dois produtos no estado líquido (líquido iónico e simulante), foram utilizados dois *vials* (recipiente para colocação da amostra para análise cromatográfica) em simultâneo, um contendo o líquido iónico e o outro contendo o simulante.

Deste modo, e por ação de determinada temperatura, o simulante volatiliza e o seu vapor contacta com o líquido iónico em estado líquido, podendo-se então avaliar, por análise cromatográfica, o grau de adsorção-absorção do vapor de simulante pelo líquido iónico.

Figura 1 – Desenho do *Vial* externo com LI e pequeno vial interno contendo simulante

Figura 2 – *Vials* para colocação no tabuleiro de análise com injeção HS

> **"O descontaminante concebido pelo DAQUI poderá vir a ser utilizado na resolução de incidentes químicos no terreno não apenas pelo Exército e seu Elemento de Defesa Biológico Químico e Radiológico, mas igualmente pelos restantes agentes de Proteção Civil..."**

O projeto DAQUI encontra-se neste momento na fase final dos estudos de adsorção-absorção, pretendendo-se, ainda, e antes de se avançar para a 3.ª tarefa, avaliar o comportamento dos líquidos iónicos mais promissores em função do seu teor em água. Só depois se iniciarão as terceira e quarta fases do projeto, planeando-se igualmente alargar os testes a simulantes de diferentes classes de agentes químicos de guerra, de modo a alargar o espetro de aplicação do descontaminante concebido.

Perante os resultados até agora bastante satisfatórios obtidos com o projeto DAQUI, os estudos serão continuados no projeto EnZIL por um consórcio internacional, no qual a UMLDBQ se inclui. Neste projeto, patrocinado pela NATO, avaliar-se-ão neutralizantes enzimáticos associados aos líquidos iónicos, em vez dos neutralizantes químicos habituais.

O descontaminante concebido pelo DAQUI poderá vir a ser utilizado na resolução de incidentes químicos no terreno não apenas pelo Exército e seu Elemento de Defesa Biológico Químico e Radiológico, mas igualmente pelos restantes agentes de Proteção Civil, assumindo-se o DAQUI como um projeto relevante para a simplificação dos processos de descontaminação e para a minimização do impacto socioeconómico decorrente da perpetração de um ataque químico.

O Dia da Defesa Nacional

Uma atividade de caráter obrigatório em Portugal, que visa sensibilizar os jovens para as suas responsabilidades, deveres e direitos, enquanto cidadãos, dando a conhecer as missões e a organização das Forças Armadas

Texto : Alf RC Jaime **Pereira |** Redator do JE

O Dia da Defesa Nacional (DDN) foi instituído, em 2004, como dever militar e de cidadania e visa sensibilizar os jovens, através da realização de um conjunto de atividades, para a temática da Defesa Nacional, nomeadamente para a sua importância, papel e missão das Forças Armadas portuguesas e decorre nos Centros de Divulgação do Dia da Defesa Nacional (CDDN), sediados em Unidades militares dos três ramos das Forças Armadas.

O DDN permite uma maior aproximação entre a sociedade civil e a instituição militar, sendo, por vezes, atualmente a única ocasião de contac-

"Desde 2014, os jovens em território nacional têm experimentado um modelo novo do DDN. Com este novo formato reforça-se a ligação à componente militar pela sua realização numa Unidade militar, o que permite uma maior interação com o meio envolvente."

to direto da juventude com as Forças Armadas, constituindo, desse modo, um momento único na vida dos jovens portugueses.

As Unidades militares onde se realiza este Dia estão localizadas o mais próximo possível da área de residência dos jovens, sendo a alimentação fornecida pelos CDDN. Caso não seja possível chegar por meios próprios, a Direção-Geral de Recursos da Defesa Nacional (DGRDN), entidade responsável pela organização do DDN, providencia a requisição de transporte público ou disponibiliza um autocarro para que os jovens participem neste Dia.

A sua comparência é obrigatória para todos aqueles que completaram dezoito anos, em território nacional ou no estrangeiro, e a convocatória é feita *online* no portal da DGRDN e, também, através de editais afixados nas câmaras municipais, nas juntas de freguesia e nos postos consulares. Depois, os convocados precisam de estar presentes no Centro ou Núcleo de Divulgação do DDN para o qual são chamados. Quem vive há mais de seis meses fora do País ou quem nasceu e permanece no estrangeiro tem também várias opções para cumprir o dever de comparência no DDN.

Localização dos vários Centros de Divulgação do Dia da Defesa Nacional

Os jovens têm a oportunidade de conhecer a Defesa Nacional por dentro e o trabalho desenvolvido pelas Forças Armadas. Este é um momento de sensibilização para a importância da Defesa Nacional, o seu caráter multidimensional, com componentes militares e não militares, promovendo uma consciencialização no sentido de reconhecerem que a "Defesa Nacional é um dever de todos".

Em 2016, o DDN partiu ao encontro dos cidadãos portugueses residentes no estrangeiro. A primeira edição do Dia da Defesa Nacional das Comunidades Portuguesas realizou-se na cidade brasileira do Rio de Janeiro e a segunda edição em São Paulo, em 2017. Boston foi a cidade norte-americana escolhida para assinalar este dia, em 2018, enquanto a capital francesa – Paris – foi palco da edição de 2019. Esta é uma iniciativa que leva para perto dos portugueses que vivem fora do País, um conhecimento do significado da Defesa Nacional e do trabalho desenvolvido pelas Forças Armadas.

Desde 2014, os jovens em território nacional têm experimentado um modelo novo do DDN. Com este novo formato reforça-se a ligação à componente militar pela sua realização numa Unidade militar, o que permite uma maior interação com o meio envolvente. O DDN conta, ainda, com participações de entidades representativas das componentes não militares da Defesa, evidenciando o âmbito bem mais alargado e multidimensional em que este dever se insere, a que se juntam um conjunto alargado de parceiros institucionais, que vão dos municípios, às administrações regionais de saúde e Ministério da Educação, que concorrem neste Dia para aprofundar o conhecimento sobre a missão das suas instituições.

No presente ano, o Ministério da Defesa Nacional decidiu retomar as atividades do DDN, iniciadas a 3 de maio, atendendo à evolução positiva da situação epidemiológica da COVID-19 em Portugal. O caráter presencial do Dia da Defesa Nacional acautelou e acautelará todas as medidas gerais de proteção da saúde pública. A 17.ª edição do DDN, que decorre de 3 de maio a 17 de dezembro de 2021, teve início em cinco CDDN, sendo depois aberta aos restantes, espalhados pelo país. A retoma desta iniciativa irá abranger

> "A retoma desta iniciativa irá abranger um total 90 068 cidadãos e cidadãs, convocados através de edital, afixado em dezembro de 2020, para cumprirem o seu dever militar."

um total 90 068 cidadãos e cidadãs, convocados através de edital, afixado em dezembro de 2020, para cumprirem o seu dever militar.

Estes CDDN estão espalhados por todo o País, desde o Norte ao Sul do continente, incluindo também as regiões autónomas da Madeira e dos Açores. O Regimento de Infantaria n.º 19 (Chaves), o Regimento de Cavalaria n.º 6 (Braga), a Escola dos Serviços (Póvoa do Varzim), o Regimento de Infantaria n.º 13 (Vila Real), o Regimento de Transmissões (Porto), a Unidade de Apoio do Comando do Pessoal (Vila Nova de Gaia), o Regimento de Infantaria n.º 14 (Viseu), o Comando da Brigada de Intervenção (Coimbra), o Campo Militar de Santa Margarida (Santa Margarida), o Regimento de Artilharia Antiaérea n.º 1 (Queluz), o Regimento de Transportes (Lisboa), o Regimento de Artilharia n.º 5 (Vendas Novas), o Regimento de Cavalaria n.º 3 (Estremoz), o Regimento de Infantaria n.º 1 (Beja), o Regimento de Guarnição n.º 3 (Funchal) e a Unidade de Apoio da Zona Militar dos Açores (Ponta Delgada) são os CDDN que o Exército disponibilizou este ano para receberem os convocados para o DDN.

Protocolo Santander Totta

Um acordo que vale vantagens

No Santander Totta queremos ter uma relação privilegiada com os nossos clientes através dos Protocolos Colectivos. Por isso, criámos condições muito vantajosas para si!

Santander Totta

santandertotta.pt

[Santa Margarida]

1.º Cabo Ana Cristovão

"Deste curto, mas intenso percurso levarei comigo inúmeros conhecimentos, tanto a nível pessoal como profissional. Congratulo-me com as oportunidades que me foram surgindo e soube agarrar..."

[1.º Cb Ana Cristovão]

A 1.º Cabo Ana Cristóvão contou-nos a sua experiência ao serviço do Exército Português, onde cumpriu missões dentro e fora do Território Nacional

"Sou natural de Castelo Branco e ingressei no Exército Português, em 2015, no Regimento de Artilharia n.º 5, em Vendas Novas. Após ter sido colocada no Campo Militar de Santa Margarida iniciei o meu percurso como militar em regime de contrato na Secção de atiradores do Esquadrão de Reconhecimento.

No final de 2015, frequentei o curso de condutores de VBTP M113 e, no início de 2016, o curso de municiador de sistema míssil anticarro TOW2. Fiz, ainda, o curso de condutor de viaturas pesadas de rodas e, nesse âmbito, foi-me proposta a minha primeira missão fora do Território Nacional, no Afeganistão, em 2018/19. No decorrer do aprontamento para este Teatro de Operações (TO) seguimos viagem para a Alemanha, onde frequentei o curso de condutor de *Mine-Resistant Ambush Protected* (MRAP).

A nossa missão, já no TO, era assegurar a estabilidade e segurança no *North Hamid Karzai International Airport*, em Cabul, integrados, com outras Forças de outras nacionalidades, na *Quick Reaction Force*. Éramos a linha da frente na segurança do aeroporto e constituíamos também uma demonstração de presença, contribuindo para a salvaguarda da população civil. Foi um encargo difícil devido à rotina acumulada, sempre preparados 24 horas por dia, sete dias por semana, para qualquer nível de ameaça a que poderíamos estar expostos.

O desafio de voltar, em 2020/21, ao Afeganistão, no momento em que findou a participação das Forças Nacionais Destacadas neste Teatro foi um sentimento agridoce, de saudade e dever cumprido. Deste curto, mas intenso percurso levarei comigo inúmeros conhecimentos, tanto a nível pessoal como profissional. Congratulo-me com as oportunidades que me foram surgindo e soube agarrar, restando-me apenas agradecer por estes seis anos de desafios e aprendizagens inerentes ao meu posto de 1.º Cabo do Exército Português."

[Estados Unidos da América]

Veículos Militares Elétricos

Uma realidade próxima

Fonte : military.com

Veiculo Tático Leve, JLTV (*Joint Light Tactical Vehicle*)

Fonte : www.army.mil

Protótipo NGCV CFT (*Next Generation Combat Vehicles Cross Functional Team*)

Texto : Cor Cav **Marcos de Andrade**

O exército dos Estados Unidos já iniciou os estudos para que, num futuro próximo, possa dotar alguns dos seus veículos militares com motorização elétrica.

O departamento responsável pela modernização do Exército americano, o *Army Futures Command* (AFC), deu luz verde para que a *Maneuver Requirements Division*, em colaboração com a 1.ª Divisão Blindada, sediada em Fort Benning (Geórgia), iniciasse os trabalhos necessários, com vista a eletrificação de veículos de combate, num esforço para reduzir a dependência de combustíveis fosseis.

O Tenente-General Eric Wesley, subdiretor da AFC, afirmou (em abril de 2020) que os projetistas da TESLA, em Palo Alto (Califórnia), já demonstraram que a tecnologia do motor elétrico pode ser utilizada em veículos militares blindadas ligeiros de rodas, até porque já há camiões pesados da TESLA, elétricos. Neste projeto, o Exército americano, também fez uma parceria com a CALSTART, uma organização sem fins lucrativos que trabalha no desenvolvimento de meios de transporte não poluentes e de grande desenvolvimento tecnológico.

O Tenente-General afirmou ainda que a indústria de componentes para motores de combustão está a travessar uma crise, devido ao enorme aumento de veículos elétricos, com o consequente aumento dos preços dos componentes. Também do ponto de vista tático, os motores elétricos são muito mais silenciosos e de mais fácil manutenção.

A concretização deste projeto pode levar alguns anos, mas tudo indica que já não vai voltar atrás. A futura viatura blindada de combate irá substituir a famosa BRADLEY, que poderá vir a integrar esta nova tecnologia de motorização elétrica.

[França]

Tapanar III

Um cavalo, mascote num Regimento de Infantaria

Uma mascote nas instituições militares não é algo difícil de encontrar. Muitas vezes designado como animal de estimação cerimonial ou ainda mascote regimental, são animais não funcionais destinados a fortalecer o moral e a coesão das tropas, utilizados como símbolos das unidades militares e que, nos primórdios, eram trazidos por soldados para dentro das unidades militares, nas quais recebiam alimentação e abrigo.

Nas Forças Armadas Francesas, à semelhança do que acontece noutros países, existem unidades militares que possuem as chamadas mascotes militares, sendo a Legião Estrangeira um dos seus exemplos.

Há vários anos que o 2.º Regimento Infantaria da Legião Francesa (2.º REI), um dos dois Regimentos de Infantaria da 6.ª Brigada Ligeira Blindada, tem como mascote um cavalo. O seu nome é *Tapanar III* e, como o seu nome indica, já é a "terceira geração" de solípedes com esta função.

Este cavalo, com 7 anos de idade, está sempre presente em todas as grandes cerimónias da Unidade. Para o efeito, existem três militares que são responsáveis por ele, que o tratam, alimentam e o acompanham sempre que tem de estar presente numa cerimónia ou evento informal.

Durante as cerimónias, os militares do 2.º REI[1] manifestam especial carinho por este animal, a quem atribuem o poder de "reforçar o espírito de corpo e a coesão da Unidade", como refere Cabo-Chefe Alexandre, um dos militares responsáveis pela sua guarda. ع

[1] Acrónimo de 2.e *Régiment étranger d'infranterie*

Batalha do Buçaco, PT-AHM-10-A7-GR-4-6

Quando a Guerra Chegou ao Convento

O experienciar da violência num espaço de paz e sagrado, no já distante outono de 1810

Texto: TSup João Moreira **Tavares** | Redator do *JE*
Mestre em História Contemporânea

O local, aprazível e ermo, nas alturas da serra, já há muito fora escolhido para acolher os Carmelitas Descalços, mas em tantos anos de história por lá nunca se tinha vivido o que agora estava prestes a passar-se.

Conhecido por Buçaco, foi neste lugar, situado próximo de Coimbra, que esta ordem monástica encontrou, em 1626, o deserto[1] que procurou para criar, em Portugal, um espaço de recolhimento, contemplação e penitência, inspirado na vivência dos primeiros anacoretas[2] e à semelhança do já realizado noutros países. O que se veio a materializar com o início, em 1628, da edificação de um singelo con-

"Os religiosos deste mosteiro tinham recolhido e tratado com a mais profunda humanidade os feridos do nosso exército que ficaram no campo de batalha (...) Em muitos lugares de Espanha, os monges teriam acabado com eles..."

[Excerto das memórias de M. Guingret, Oficial do exército francês que invadiu Portugal em 1810]

vento (de Santa Cruz do Buçaco) e, em 1630, da vida regular desta comunidade.

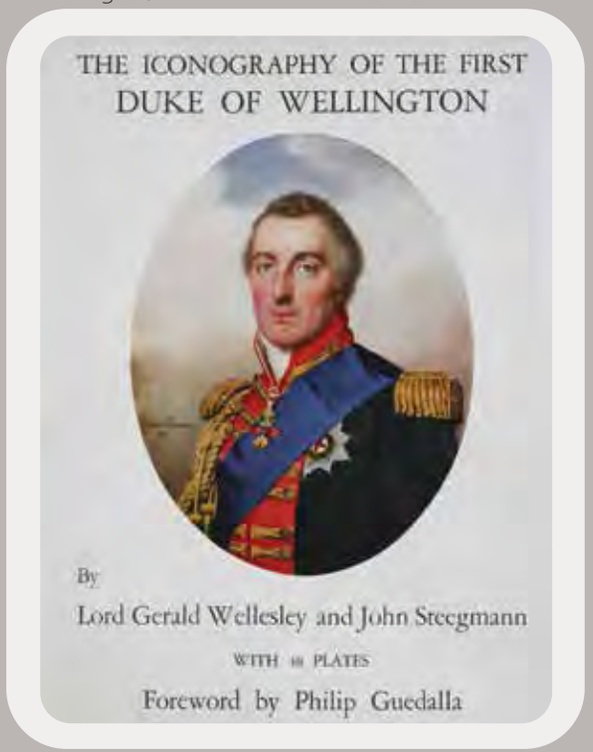
Ali estabelecidos e com a ajuda de piedosos benfeitores, os Carmelitas, nas décadas seguintes, melhoraram o espaço em busca do ideal ascético. A mata já existente foi engrandecida e murada, em quase quatro quilómetros, para sua proteção e isolamento. No interior da cerca foram abertos caminhos; erguidas fontes; 11 austeras ermidas, para uma vivência ainda mais solitária e contemplativa e 20 capelas alusivas ao martírio de Cristo. Também foram proibidos a entrada de mulheres e o corte de árvores no seu interior, o que foi anunciado, com a afixação de duas lápides, na portaria do convento, igualmente denominada de porta de Coimbra, a entrada nobre e principal da cerca e a mais próxima daquela cidade.

Porém, naquele princípio de outono de 1810, os Carmelitas dificilmente se conseguiriam alhear do mundo exterior, concretamente das desordens causadas no País por mais uma invasão francesa – a terceira num espaço de três anos –, sobretudo quando o exército invasor, depois de entrar pela Beira Alta e de tomar a praça-forte de Almeida, se encaminhou para Coimbra, para daí seguir para Lisboa, principal objetivo da incursão.

Com a aproximação dos exércitos em confronto, a guerra veio literalmente bater à porta do convento quando, a 20 de setembro, pela uma hora da tarde, um ajudante de campo de Wellington, o comandante-chefe do exército luso-britânico, ali chega e anuncia a sua vinda no dia seguinte, requisitando alojamento para ele. E com o General vêm muitos mais: o seu estado-maior que ocupa as celas do convento à exceção da do prelado, por respeito à sua função, e da pertencente a um outro frade, por ninguém a querer por estar cheia de cacos e farrapos velhos; os restantes Oficiais que se fixam nas ermidas e os Soldados que se espalham pela mata. Em suma, todo o seu exército, que, logo pelas oito horas, ali arriba, ficando o convento cheio de militares e suas bagagens no espaço de apenas uma hora.

O aboletamento, como esta prática é denominada, era comum não só em campanha, como também nas praças-fortes em que a insuficiência de quartéis obrigava os particulares, ricos e pobres, a acolher, nas suas opulentas propriedades ou humildes casas, os militares, amigos ou inimigos, mediante uma

Wellington, PT-AHM -FE - P47-III-16710



[1] Com o sentido de lugar despovoado e não de árido. Ir para o deserto significava afastar-se da vida em sociedade, para se mortificar, anular desejos e a vontade e, por fim, confrontar-se com o mal e vencê-lo.

[2] Aqueles que se retiram dos lugares habitados, procurando evitar as paixões e as tentações dos demónios.

Soldado de Caçadores,
PT-AHM-DIV-3-26-17934-1-38

retribuição pecuniária ou, tantas vezes, a troco de nada. Os conventos, pela sua dimensão e organização comunal, eram, obviamente, espaços apetecíveis para o aboletar da tropa e, muitas vezes, nem as igrejas escapavam à ocupação militar.

Uma prática que raramente agradou aos hospedeiros, pelos incómodos e gastos causados, e por eles foi sempre muito contestada. Frei José de S. Silvestre, religioso do convento e cronista daqueles dias agitados e difíceis, no seu detalhado relato[3], não o deixa de expressar, pois ele e os seus confrades têm de passar a dormir na igreja, sacristia, livraria e até na dispensa; são proibidos de tocar os sinos à noite; desaparecem quase todas as roupas de cama e os melhores atoalhados; muito vinho, pão, queijo, azeite, sal e velas são consumidos; a horta é pilhada e as árvores são cortadas para lenha pelos Soldados, mas também pelos civis em fuga; os danos na cerca são grandes com o derrube de parte do seu lado nascente e a abertura de mais quatro portas; mas pior do que tudo já dito, desde a chegada de Wellington, é quebrada a clausura para todo o género de pessoas, o que nunca havia sucedido e os religiosos são obrigados a tolerar coisas também nunca vistas no convento.

A convivência é, no entanto, cordialmente recíproca, durante os oito dias em que a tropa permanece no convento. Wellington sossega os religiosos dizendo-lhes que em caso de perigo os avisaria para saírem a tempo e no fim quer pagar o alojamento, o que é recusado pelo prelado, que lhe manda dizer "que não queria mais que a paz do reino".

Apesar do perigo rondar por perto e o medo ser omnipresente, frei José fica no convento, expectante e atento a todas as movimentações. Só os freires mais velhos e as preciosidades do cenóbio são evacuados para Coimbra, logo a 22. Neste dia e seguintes, a serra continua a encher-se de militares e de civis vindos das redondezas prestes a cair sob o jugo inimigo. A tensão cresce à medida que se aproxima o grande e inevitável embate entre os dois exércitos.

A 23 e 24 de setembro ouvem-se trocas de tiros entre a tropa Aliada que retira para o Buçaco e a vanguarda francesa que dele se aproxima e no horizonte veem-se os incêndios que lavram para os lados de Mortágua, donde vêm os franceses.

A 25, estes chegam próximo de Moura, aldeia no sopé da serra, e começam a espalhar-se pelas suas imediações. Em resposta, no cume o exército Aliado forma uma linha, posiciona baterias de artilharia e dá continuidade aos trabalhos defensivos iniciados dois dias antes.

A 26, já há franceses em Moura e nos pinhais vizinhos situados no vale, a que o exército Aliado riposta com o reforço da linha e, pelas duas horas da tarde, com fogo de artilharia e de Caçadores[4], que descem a serra, o que durou até às quatro da tarde, mas sem grande efeito.

O verdadeiro e decisivo embate tem lugar no dia seguinte, quando a coberto de um denso nevoeiro, ao raiar da manhã, os franceses avançam serra acima com um grande ímpeto, logrando, mesmo, alcançar o cume, mas já extenuados pelo esforço e vítimas do contra-ataque Aliado são repelidos, com grandes baixas[5],

[3] O "Diário Memorial dos Acontecimentos observados em o convento do Bussaco em os mezes de setembro e outubro de 1810, por occasião da guerra franceza" publicado no *Guia Histórico do Viajante no Bussaco* da autoria de Augusto Mendes Simões de Castro, 3.ª edição, Coimbra, 1896; reedição fac-similada, 2010.

[4] Infantaria ligeira e de elite portuguesa.

e retiram para o vale desmoralizados, debaixo de uma grande apupada dos nossos Caçadores.

Embora o tiroteio se prolongue até à tarde, a batalha para os franceses está perdida e é com o orgulho ferido que assistem ao triunfo Aliado, festejado com música e alarido no cume. Só a descoberta de um novo caminho, a 28, que lhes permite contornar a barreira Aliada, lhes dá novo alento para continuar a sua marcha em direção a Lisboa, levando, ao mesmo tempo, à retirada dos Aliados, também para Sul, onde a norte da capital se prepara uma nova e muito maior resistência, que se virá a revelar absolutamente intransponível e decisiva para a derrota francesa.

Ainda decorre a batalha quando Frei José tem o seu primeiro contato com a barbárie da guerra ao cruzar-se com um grupo de franceses feridos. Um tem o rosto atravessado por uma bala que lhe passou entre os queixos e o sangue escorre-lhe da boca. Quatro ou cinco estão cortados pela cintura e esvaídos em sangue, tremem de frio, e no convento está aprisionado um General francês ferido com três balas na face direita. Entre os Caçadores, os feridos são muitos. Depois de tratados começam a ser evacuados, à noite, em 80 carros para o Botão.

A 29, após a saída de ambos os exércitos para Sul, na serra e suas imediações já só permanecem piquetes de cavalaria, enquanto os derradeiros militares abandonam o campo de batalha, e alguns feridos franceses que foram deixados à sua sorte e estão, agora, à mercê dos elementos naturais e sujeitos à pilhagem e vingança dos homens ou à sua bondade, quando ela existe.

Setenta deles acabam recolhidos pela cavalaria inglesa e trazidos para a capela das Almas[6] no exterior do convento, próximo da cerca, são deixados ao cuidado dos religiosos. A sua desdita inquieta frei José, que recolhe mais alguns, mas os seus sentimentos e labor não são acompanhados pela maioria dos paisanos que por ali moram. Só a muito custo consegue deles obter auxílio.

Nem todos os feridos sobrevivem. Os resistentes recebem o amparo possível e até a visita de camaradas seus, que, a 1 de outubro, chegam ao convento para tomar os armazéns de víveres ingleses que julgam ali estarem. Pedem alimentos para levar e apoio para os feridos e, em troca, não apoquentam os religiosos; pelo contrário, comprometem-se a respeitar o convento. O que se repete no dia seguinte, com exceção de um incidente isolado provocado por três Soldados indisciplinados, logo punidos.

A partir de 2 de outubro, os franceses não voltarão mais ao convento e os feridos acabarão por ir para o hospital do Porto, já depois da retomada de Coimbra, no dia 7, pelos Aliados.

Os Carmelitas podem, então, voltar à sua antiga vida, mas o sossego, esse, perdem-no, pois o lugar de tão afamado que se irá tornar, pela batalha nele travada, já não voltará a ser o mesmo... ﻉ

A fuga da população, PT-AHM-FE-10-A7-PQ-03.B

[5] Cerca de 4600 a 5000 homens, dos quais 2000 mortos no campo de batalha. O exército Aliado teve pouco mais de 1200 baixas.

[6] Também conhecida por capela do Encarnadouro e, mais recentemente, da Nossa Senhora da Vitória e das Almas. À época não estava concluída. Posteriormente foi recuperada, finalizada e integrada no Museu Militar do Buçaco.

Linhas de Torres Vedras – Percursos
A Defesa do Tejo (Parte II)

Hércules, o herói mitológico, que os alhandrenses se habituaram a tratar por *o boneco* Fonte : RHLT

Dando seguimento ao percurso iniciado no último número, depois de passar pela Verdelha, continue pela Nacional 10, atravessando Alverca e passando ao lado do primeiro acesso ao Sobralinho. Vire à esquerda no segundo e prossiga pela Estrada do Miradouro, cujo nome antecipa o que está prestes a alcançar. Nas bifurcações que encontrar opte sempre pela direita. Ao chegar ao cume depara-se com um parque de estacionamento e outro de merendas, onde poderá fazer uma pausa.

Texto : TSup João **Moreira Tavares** | Redator do *JE*

O miradouro não é um simples miradouro. Aqui existiu outrora um dos redutos das Linhas, o n.º 3, apropriadamente chamado da Boavista, sobre o qual foi concluído, em 1883, o monumento aos Defensores das Linhas de Torres, por ordem do marquês Sá da Bandeira, ministro da Guerra e veterano da Guerra Peninsular. *O boneco*, como foi denominado pelas gentes da terra, encima, altivo, uma alta coluna e é Hércules, o herói mitológico greco-romano, facilmente reconhecido pela pele de leão e clava que ostenta. A escultura é do conhecido Simões de Almeida (tio) e representa a resistência tenaz do povo português, do exército Aliado e das Linhas ao poderoso invasor francês, reforçada e explicitada, na base do monumento, com a locução latina: *Non Ultra*, ou seja, "não mais além".

Aprecie depois, com vagar, Alhandra, o Tejo e a lezíria neste miradouro tornado, recentemente, num Observatório de Paisagem. O panorama atual difere muito daquele que podia ser visto há duzentos anos, mas com base na documentação da época e tomando como referência aquilo que hoje existe consegue-se reconstituir o cenário de então.

A povoação, espraiada entre a igreja e o Tejo, contava com cerca de 547 fogos e 1569 habitantes, situando-se no local onde terminava o sapal e começava a lezíria. À beira rio existiam telhais para o fabrico de telhas e tijolos e vinhedos e olivais rodeavam o casario.

Tudo mudou com a construção da Linhas. A vila foi evacuada, barricada, guarnecida com militares e no alto da igreja foi instalada uma bateria; as árvores foram cortadas para desobstrução dos campos de tiro e com elas foram erigidos dois extensos abatises; algumas quintas, casas, muros e telhais foram arrasados e os seus escombros aproveitados nas obras defensivas.

Inicialmente nem sequer estava pensada para Alhandra a construção de uma robusta posição defensiva, mas ali acabou por nascer o mais elaborado centro de resistência das Linhas. Do atual miradouro para a sua direita, aquela que passou a constituir a 1.ª Linha descia a serra e estendia-se até ao rio. Nas alturas começava na bateria de S. Fernando, a que se seguia o reduto da Boavista e depois a bateria do Conde, onde se iniciava o entrincheiramento

O monumento aos Defensores das Linhas de Torres, onde existiu outrora o Forte da Boavista Fonte : RHLT

da serra, que se estendia encosta abaixo e ia até quatro baterias situadas sobre e junto à Estrada Real, que foi cortada e passou a ser só transponível através de uma ponte móvel; aí, já em terreno plano, na zona onde está a cimenteira, principiava um outro entrincheiramento, mais extenso do que o anterior, que integrava uma bateria e terminava junto doutra, a do Tejo. À sua frente foram colocados abatises e duas valas foram abertas e cheias com água. No rio foi posicionada uma flotilha de 14 canhoneiras para o patrulhar e bater a margem.

Acrescia a tudo isto, a abertura de uma estrada militar e de um escarpamento na serra e o represamento da ribeira de Santo António, próxima de Alhandra, que, em conjugação com as abundantes e oportunas chuvadas do outono de 1810, alagaram parcialmente os terrenos nas imediações da vila.

Foi com tudo isto que os franceses se depararam. Ainda investiram, em ações de reconhecimento, contra Alhandra, nos dias 14 e 16 de outubro, mas foram repelidos e um dos seus mais jovens e audazes generais, Sainte-Croix, perdeu a vida ali perto, vítima dos artilheiros das canhoneiras postadas no rio.

De regresso ao presente, parta para o lugar de Subserra, ali próximo, para visitar os redutos e a quinta lá existentes. Poderá faze-lo a pé, seguindo por um trilho que se encontra, entre os pinheiros, à direita do Motoclube de Alhandra, vizinho do miradouro, ou de carro, descendo a Estrada do Miradouro até encontrar uma bifurcação. Vire nela à direita. Suba e acabará por chegar a um caminho de pedra e terra batida, mas que na toponímia se chama Rua do Marquês de Subserra, onde o trilho desemboca mais à frente. Depois das instalações da EPAL e já próximo das torres de alta tensão, do lado direito da rua, está, entre a vegetação, o pequeno Forte n.º 114. Uma placa sinaliza-o e dá informações sobre ele. Tinha por objetivo defender de flanco o ataque à bateria de S. Fernando e cruzar tiro com a bateria Nova de Subserra, que se encontra mais adiante.

Na bifurcação, o caminho da esquerda leva à bateria e o da direita conduz à quinta. Esta é um local aprazível, ideal para descansar no seu jardim. Tem a particularidade de ter sido pertença de Manuel Inácio Pamplona, valoroso Oficial português, mas que serviu Napoleão, na Legião Portuguesa e acompanhou Massena na invasão de 1810.

Se tiver tempo e oportunidade, termine este percurso em Vila Franca de Xira com um passeio a bordo do barco varino *Liberdade** e tenha uma perspetiva das Linhas a partir do rio.

Bom passeio!

Nota :
* Embarcação típica do Tejo e pertença da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira.

O Forte n.º 114 e a excelente vista que dele se tem para o vale, Alhandra (à direita), rio e lezíria a seus pés Fonte : RHLT

Heróis do Ultramar

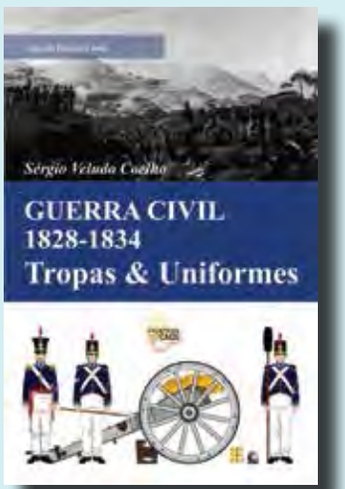
Entre 1961 e 1974 centenas de milhares de portugueses combateram em Angola, em Moçambique e na Guiné. Como acontece em todos os conflitos, só alguns combatentes se destacaram e é destes que *Heróis do Ultramar* traça um retrato, a partir dos seus vários testemunhos e memórias.
Aqui são reunidos e contados alguns dos episódios mais ousados e dramáticos vividos na guerra, mas também demonstrativos de uma extraordinária capacidade de liderança debaixo de fogo e de uma determinação inabalável perante a adversidade e o terror.

CASTRO, Nuno, *Heróis do Ultramar*, Oficina do Livro, 2012

Guerra Civil 1828-1834 Tropas & Uniformes

O movimento de 24 de Agosto de 1820, a Constituição de 1822, e a crise sucessória que levou a um confronto entre dois irmãos Braganças espoletaram um dos períodos mais complexos da História de Portugal, tendo como consequência mais marcante a Guerra Civil de 1828 a 1834, entre os denominados Liberais e Absolutistas.
Este livro traz-nos os principais momentos deste período nas suas vertentes política, diplomática e militar e é um valioso contributo para o conhecimento das principais ações militares, das armas e uniformes dos beligerantes, das principais personalidades e sobre o dramático desenrolar das operações militares.

COELHO, Sérgio Veludo, *Guerra Civil 1828-1834 Tropas & Uniformes*, Fronteira do Caos, 2021



Guerres & Histoire

Pode-se não adquirir todos os números desta revista, mas as edições especiais (*Hors*-Série), são para colecionar por todos os que gostam de história militar.
Este número é dedicado à Cavalaria. O primeiro artigo é um original glossário de termos relacionados com esta Arma, os artigos seguintes são um *caminhar* ao longo dos séculos sobre a evolução da Cavalaria na história da guerra. De assinalar, o último e excelente artigo, que é um elogio à "maneira portuguesa de fazer a guerra", com referência às Unidades de Dragões em Angola, durante o nosso último conflito no ultramar, que como refere o autor, "o sucesso tático do modelo português foi imitado pelos Rodesianos e pelos Sul-Africanos".

Guerres & Histoire, Hors-Série, n.º 11, 3000 Ans D'Histoire, La Cavalerie, L`Arme Sauvage Venue des Steppes, julho de 2021

A Guerra do Amanhã

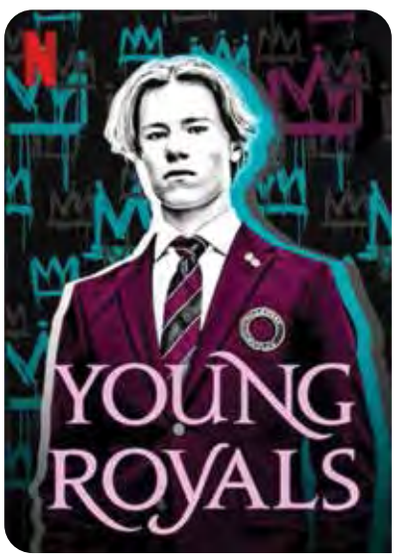
A Guerra do Amanhã é um filme pós-apocalíptico que se passa entre o futuro e o presente e conta com nomes de peso no elenco, como Chris Pratt, J. K. Simmons e Yvonne Strahovski. Na cadeira de realizador está Chris McKay, habituado às longas-metragens de animação e que aqui se estreia na realização de um filme de imagem real.
A um mundo em colapso chega um grupo de viajantes no tempo, vindos do ano de 2051 para entregar uma mensagem urgente: no futuro a humanidade está a perder uma guerra global contra uma mortífera espécie extraterrestre e a única esperança de sobrevivência é transportar os soldados e civis do presente para o futuro para se juntarem à luta.

Ficção Científica, M/12

O Último Mercenário

O Último Mercenário junta ação e humor e oferece mais uma oportunidade para Jean-Claude Van Damme (*O Mercenário 2*) recuperar o sucesso que tinha em tempos longínquos. O enredo gira à volta da personagem de Van Damme, que luta para resgatar o filho que não conhece, envolvido numa rede de mafiosos e acusado de tráfico devido a um erro burocrático e uma operação da máfia.
O filme tem guião e direção de David Charhon e o elenco inclui Alban Ivanov, Assa Sylla, Samir Decazza, Patrick Timsit, Eric Judor, Nassim Lyes, Miou-Miou e Valérie Kaprisky.

Ação, M/12



Young Royals

Young Royals é uma série de televisão, sueca, de drama, dirigida por Rojda Sekersöz e Erika Calmeyer. Foi escrita por Lisa Ambjörn, Sofie Forsman e Tove Forsman e está disponível na plataforma *Netflix*.
A história é sobre o príncipe Wilhelm, que chega ao prestigioso colégio interno Hillerska, onde ele, finalmente, tem a oportunidade de explorar o seu verdadeiro eu e de descobrir que tipo de vida realmente deseja.
Wilhelm começa a sonhar com um futuro cheio de liberdade e amor, longe das obrigações reais, apesar de estar cada vez mais perto de ser o próximo na linha de sucessão ao trono.

Drama, M/12

Pistola de Fechos de Roda *Alcácer Quibir*

Museu Militar de Lisboa

Há 443 anos, o Exército Português, comandado pelo Rei D. Sebastião (1554-1578), foi derrotado na batalha de Alcácer Quibir (Marrocos), durante a Guerra de Sucessão Marroquina (1574-1578), em 4 de agosto de 1578, após duros ataques do exército marroquino liderado pelo Rei e Sultão Abu Maruane Abdal Malique I (1576-1578).

Esta batalha, também designada por Batalha dos três Reis, resultou de um pedido de auxílio emitido pelo Rei e 4.º Sultão de Marrocos, Abu Abedalá Maomé Almotauaquil (1574-1576), contra o seu sobrinho Abu Maruane Abdal Malique I.

A intensa batalha durou cerca de quatro horas, onde o exército atacante de Malique I, tendo superioridade numérica em tropas de infantaria e de cavalaria (cerca de 3/1), executou o envolvimento do Exército Português e do exército aliado marroquino de Almotauaquil, numa região localizada entre os rios Lucos e Mocazim.

O Rei D. Sebastião recusou-se a render e conformando-se, bem como uma grande parte das figuras nobres portuguesas, a prosseguir o combate até ao último suspiro, que no seu dizer, "Morrer sim, mas devagar". A derrota militar em Alcácer Quibir foi uma inevitabilidade e geradora de consequências desastrosas para Portugal, que viria a perder a sua independência em 1580.

A peça que apresentamos neste número do *Jornal do Exército* é uma Pistola, com fechos de roda, designada *Alcácer Quibir*.

Arma de fogo de tiro simples, de carregamento pela boca, com a introdução da pólvora, bucha e projétil.

O seu elevado custo, equivalente a cerca de 17 pistolas de mecha, impediu a utilização mais generalizada, contrariamente às armas de fogo de mecha, estas amplamente usadas pelos vários exércitos.

No campo de batalha de Alcácer Quibir foram utilizadas pequenas pistolas semelhantes a esta, tanto pelos Sargentos dos artilheiros alemães-lisboetas, como pelos comandantes dos Terços de Lansquenetes[1].

Material: Ferro.

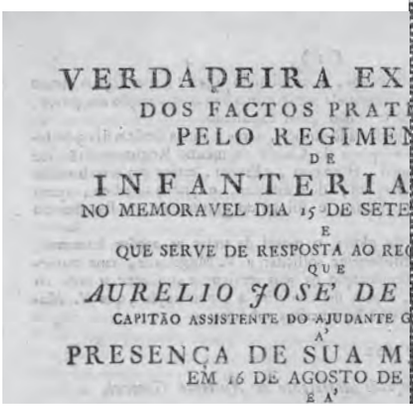
Autor: Não identificado (Manufaturada em Nuremberga, Alemanha).

Data: Cerca de 1570 (?).

Dimensão: comprimento 24 cm.

Calibre: 9 mm.

[1] Lansquenete é um Soldado de infantaria mercenária de origem alemã que combateram pelo Sacro Império Romano-Germânico e também nas hostes portuguesas em Alcácer Quibir.



D. João II,
Patrono do Arquivo
Histórico Militar

PRÉMIO ARQUIVO HISTÓRICO MILITAR 2021

ÂMBITO E VALOR

O Prémio Arquivo Histórico Militar destina-se a incentivar, divulgar e distinguir a investigação no domínio da história militar, tendo um valor de **500 euros**.

DESTINATÁRIOS

Podem candidatar-se ao Prémio os autores de trabalhos de investigação realizados durante o ano de 2021 (publicados e por publicar).

CANDIDATURAS

As candidaturas terão de ser entregues até dia **20 de Dezembro de 2021**.

REGULAMENTO

- Sala de Leitura do AHM (SILD)
- https://intranet.exercito.local/Exercito/VCEME/DHCM/AHM/Paginas/noticias/premio-arquivo-historico-militar.aspx
- https://www.exercito.pt/pt/quem-somos/organizacao/ceme/vceme/dhcm/ahm

Patrocinado por:

Santander

COMEMORAÇÕES DO

DIA DO EXÉRCITO

AVEIRO | 2021

20 A 24 DE OUTUBRO

EVENTOS CULTURAIS | CONCERTOS MUSICAIS

ENCONTRO GÍMNICO | EXPO EXÉRCITO 2021

CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA | CERIMÓNIA MILITAR

EXÉRCITO PORTUGAL

AVEIRO CÂMARA MUNICIPAL

exercito.pt

PROGRAMA

Jornal do EXÉRCITO

Corpo de Projeção Rápida da NATO - Espanha
Uma Presença Portuguesa

publicação mensal
Ano LXII – JE712 – Set21 - € 2,00

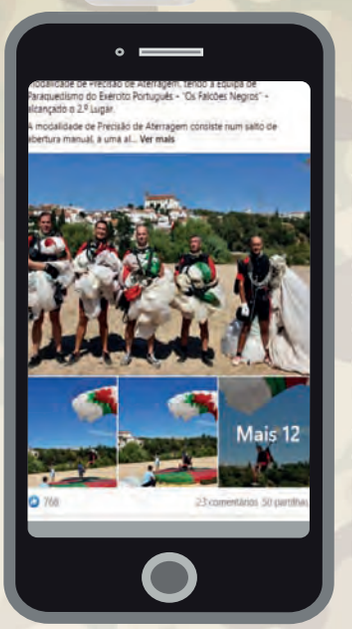
EXÉRCITO PORTUGAL

EXÉRCITO
PORTUGAL

o Exército
nas redes sociais

exercito.pt

@ExercitoPortuguesPRT
@exercitoportugues_oficial
Exército Recrutamento
@Exercito_pt
800 20 12 74



no FACEBOOK:

1,4 mil gostos
166,637 mil seguidores

Equipa de Paraquedismo do Exército alcança o pódio na Prova de Precisão de Aterragem da Federação Portuguesa de Paraquedismo. Decorreu no Areal do Tejo, em Constância, de 4 a 5 de setembro, a 3.ª Prova Nacional da Federação Portuguesa de Paraquedismo, na modalidade de Precisão de Aterragem, tendo a Equipa de Paraquedismo do Exército Português - "Os Falcões Negros" - alcançado o 2.º Lugar.

1 804 publicações
56,6 mil seguidores

no INSTAGRAM:

Os Soldados Recrutas do 6.º Curso de Formação Geral Comum de Praças juraram Bandeira. Realizaram-se nos Regimentos de Apoio Militar de Emergência, de Infantaria N.º 19, de Cavalaria N.º 6, e de Transmissões as Cerimónias de Juramento de Bandeira dos Soldados Recrutas, que constituem parte do 6.º Curso de Formação Geral Comum de Praças do Exército. O Juramento de Bandeira é um dos momentos mais marcantes da vida de um militar, momento em que os Soldados Recrutas juram, perante o Estandarte Nacional, estar sempre prontos a lutar pela liberdade e independência da Pátria, mesmo com o sacrifício da própria vida.

no TWITTER:

892 seguidores

O Exército português, deixou no seu Twitter, uma mensagem de pesar em homenagem ao Dr. Jorge Sampaio: "É com profundo pesar que o Exército Português lamenta o falecimento do Dr. Jorge Sampaio, Presidente da República e Comandante Supremo das Forças Armadas, de 1996 a 2006. O Exército enaltece a sua memória e presta-lhe sentida homenagem, apresentando condolências à sua Família."

no YOUTUBE:

784 visualizações

O Exército Português participou no Exercício Multinacional FALCON LEAP 21, que decorreu nos Países Baixos entre 6 e 19 de setembro. A Brigada de Reação Rápida através de uma Força de Paraquedistas do Batalhão Operacional Aeroterrestre participou no exercício organizado pela 11 *Air Assault Brigade* com um efetivo de 15 Operacionais. Os principais objetivos do exercício são o planeamento e condução de Operações de Assalto Aéreo por inserção no terreno de pessoal e material, através de lançamento em Paraquedas e treinar a interoperabilidade entre Forças congéneres Paraquedistas de Países Aliados.

Major-General
João Boga Ribeiro
2.º Comandante do NATO
Rapid Deployable Corps - Spain

A NATO, garantindo uma adaptação permanente aos desafios estratégicos atuais e futuros, mantém uma constante preparação e prontidão, e a incorporação de novos processos, instrumentos e conceitos. O tempo que vivemos determina a necessidade de continuar a garantir as tarefas principais da Aliança e a convivência com ameaças mais difusas e complexas, que se podem manifestar em 360º, seja numa situação de competição, crise ou conflito.

Este processo de reflexão e adaptação é igualmente aplicado pelo NATO *Rapid Deployable Corps – Spain* (NRDC-ESP), Quartel-General de Corpo de Exército, que integra a estrutura de Forças da Aliança Atlântica, preparando-se numa sequência crescente de dificuldade, para assumir diferentes funções no âmbito do *Long Term Commitment Plan*, e num ambiente operacional agora influenciado pelas *Multi Domain Operations*. Para tal, prepara-se para assumir a função de *Warfighting Corps*, constituindo-se no mais intenso desafio que pode ser colocado a uma Unidade deste escalão. Associam-se a esta exigência a aumentada incerteza do ambiente, a opacidade acrescida das ameaças, a influência das novas tecnologias e da informação e a maior velocidade dos acontecimentos. Também por estas razões, este Quartel-General tem vindo a aprofundar o seu conhecimento sobre a natureza híbrida dos conflitos, a designada *Grey Zone*, bem como a olhar com maior detalhe para o horizonte a Sul.

Portugal integra o NRDC-ESP desde a sua formação, com elementos no seu Quartel-General, mas também com a afiliação permanente e frequente participação da Brigada Mecanizada. A presença neste Quartel-General representa uma das mais fortes ligações nacionais à NATO *Force Structure*, numa evidente demonstração da coesão entre Aliados e da especial relação entre Portugal e Espanha. Mas configura também a oportunidade da preservação e aprofundamento do conhecimento militar ao mais elevado patamar tático terrestre e o acompanhamento e participação oportuna da evolução concetual estratégica, operacional e tática da Aliança Atlântica. ع

INFORMAR PARA BEM SERVIR

Coronel de Cavalaria António Marcos de Andrade, Diretor do *Jornal do Exército*

O NATO *Rapid Deployable Corps – Spain* (NRDC-ESP), localizado em Valência, Espanha, é um Quartel-General (QG) de Corpo de Exército que integra a estrutura de Forças da Aliança Atlântica. Desde a sua formação que elementos do Exército Português desempenham funções neste importante QG da NATO. Atualmente, o 2.º Comandante do NRDC-ESP, é o Major-General João Pedro Boga Ribeiro, do Exército Português.

Para este número do mês de setembro, do *Jornal do Exército*, lançámos o repto ao Major-General Boga Ribeiro para que escrevesse umas palavras sobre esta importante participação de militares portugueses no NRDC-ESP e nos explicasse a organização e principal missão deste QG. Publicamos, assim, nas páginas 14 a 19, um esclarecedor e interessante artigo da autoria do Tenente-Coronel Luís Escorrega, Diretor do Centro de Operações e Chefe das Operações Correntes do NRDC-ESP.

Os exercícios em que Forças do Exército Português participam, quer em Território Nacional, quer lá fora, é, sempre que possível, motivo de artigo nas páginas do *Jornal do Exército*. Desta vez, trazemos o exercício DONAU WARRIOR 21, que se realizou na Alemanha com Forças da Brigada Franco-Alemã e no âmbito da contribuição portuguesa para as *Very High Readiness Joint Task Force* 2022 (VJTF 22).

Durante muito anos na Tapada Militar de Mafra, contígua à então Escola Prática de Infantaria, existiu outra Unidade militar que muitos ainda se recordam, refiro-me ao CMEFED (Centro Militar de Educação Física e Desportos). As suas instalações mantêm-se, pois, a atividade desportiva continua a ser de grande importância para o Exército, estando agora na dependência da Escola das Armas.

Recentemente, o Grupo de Artilharia de Campanha da Brigada Mecanizada comemorou 40 anos de existência. Pedimos ao atual Comandante do Grupo, o Tenente-Coronel Rego, que nos escrevesse uma linhas sobre esta Unidade com uma capacidade que é única no Exército Português.

Na rubrica Cultura e Lazer, um artigo, da autoria do Coronel Barão da Cunha, presta homenagem a uma pessoa excecional, que foi mestre de Judo de gerações e gerações de Oficiais que se formaram na Academia Militar e que muito contribuiu para o desenvolvimento da modalidade em Portugal. Referimo-nos ao Mestre Kobayashi.

Continuamos com os nossos roteiros militares, ainda pelas Linhas de Torres, as habituais sugestões literárias e cinéfilas e, por fim, com mais uma Peça Icónica da Nossa História Militar, uma gigantesca e magnífica pintura, do grande mestre José Malhoa, que decora uma parede inteira de uma das salas do nosso Museu Militar de Lisboa. ع

Sumário .05

Editorial 03
Palavras do Diretor 04

Figuras e Factos

Destaque 06
Território Nacional 08
Outras Notícias 10

Atualidades

... mais que mil palavras 12

Unidades
– O NATO *Rapid Deployable Corps - Spain*, como NATO *Warfighting Corps* 14

Capacidades
– Agrupamento ISTAR 20

Exercício
– DONAU WARRIOR 21 26

Unidades
– A Escola das Armas e a Educação Física Militar 30

Capacidades
– 40 Anos da Artilharia Autopropulsionada no Exército Português 34

Testemunho
– Tenente-Coronel Rebola 39

Lá por Fora
– HX3 40
– LYNX KF 31 E KF 41 41

Cultura e Lazer

Uma Visão da História
– Judo Kodokan no Exército Português 42

Roteiros Militares 46
Livros & Revistas 48
Filmes & Séries 49
Peças Icónicas 50

Foto : PAO/NRDC-SPAIN

Imagem da sub-rubrica "... mais que mil palavras": Sessão de tiro com Bataria de Bocas de Fogo equipada com o Obus M119 105mm LG/30/m98 (**Foto :** GAC 10.5 Reb/RA4/BRR)

Imagem da Capa : NRDC-SPAIN (**Foto :** PAO/NRDC-SPAIN)

Jornal do EXÉRCITO

Órgão de divulgação e preservação da cultura militar, nos termos da alínea *a)*, do artigo 75.º, do Decreto Regulamentar n.º 11/2015, de 31 de julho

PROPRIEDADE DO ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO – Rua do Museu da Artilharia, 1149-065 LISBOA, Contactos: Tel. Civil: 218 842 300; tel. militar – 423 000; Fax civil: 218 842 527; fax militar: 423 227; e-mail: eme@exercito.pt. **Sede da Direção, Redação, Edição e Administração**: Palácio dos Condes de Resende, Campo de Santa Clara, 34, 1100-469 Lisboa. **NIPC**: 600021610. **Contactos**: tel. civil: 213 567 795; tel. militar: 414 026; fax civil: 213 567 791; fax militar: 414 091; *e-mails*: JE@exercito.pt; *site* oficial: www.exercito.pt. **Estatuto Editorial**: https://www.exercito.pt/pt/quem-somos/organizacao/ceme/gabeceme/je; **Direção – Diretor**: Cor Cav António Marcos de Andrade; **Subdiretor**: TCor Tm Carlos Pires de Sousa; **Secretária**: AssTec Joana Moita; **Condutor**: 1Cb RC Rui Pires; **Redação – Chefe**: TCor Tm Carlos Pires de Sousa; **Assistente de Redação**: SAj SGE David Custódio; 1Sarg PesSec Mónica Martins; **Colaboradores permanentes da Redação**: Alf RC Jaime Pereira; TSup João Moreira Tavares; TSup Tânia Espírito Santo; AssTec Guiomar Brito; **Serviços Administrativos – Chefe**: TCor Tm Carlos Pires de Sousa; **Secretaria e Distribuição**: SCh SGE Carlos Claudino, 1Cb RC Rui Pires; **Colaboração Fotográfica**: Centro de Audiovisuais do Exército; RCRPP/GabCEME; **Execução Gráfica**: Jorge Fernandes, Lda. – Rua Quinta Conde de Mascarenhas n.º 9, 2820-652 Charneca de Caparica, Tel: 212 548 320, *e-mail*: geral@jorgefernandes.pt; Tiragem: 4.000 exemplares. Depósito Legal n.º 1465/82 ISSN – 0871/8598. **Preço de Capa**: €2,00; **Assinatura anual** (11 números): **via superfície** – Continente, Açores e Madeira: €20,00; **via aérea** – países europeus: €45,00; restantes países: €65,00. Os artigos publicados com indicação de autor são da inteira responsabilidade dos mesmos, não refletindo, necessariamente, o pensamento do Comando do Exército Português.

Fim do comando português da Missão de Treino da União Europeia na República Centro-Africana

Os militares portugueses regressaram a Portugal, no dia 16 de setembro, após um ano ao serviço da União Europeia na República Centro-Africana

A 11 de setembro, Portugal terminou o comando da Missão de Treino da União Europeia na República Centro-Africana (EUTM-RCA), numa cerimónia que decorreu no Campo Moana M'Poko, em Bangui, onde o Brigadeiro-General Neves de Abreu, do Exército Português, passou o comando da Missão ao General de Brigada Jacques de Montgros, do exército francês.

A cerimónia foi presidida pelo Presidente da República da RCA, Faustin-Archange Touadéra, tendo contado com a presença do Primeiro-Ministro da RCA, Henri-Marie Dondra, do Ministro da Defesa da RCA, Claude Rameaux Bireau, do Ministro da Defesa Nacional de Portugal, Professor Doutor João Gomes Cravinho, do Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, Almi-

rante Silva Ribeiro, e do Chefe do Estado-Maior do Exército, General José Nunes da Fonseca, entre outras altas entidades.

O Presidente da República RCA reconheceu o trabalho do Brigadeiro-General Neves de Abreu e condecorou-o com o Grau de Comendador da Ordem Nacional, após um ano de missão como Comandante da EUTM-RCA.

No dia 16 de setembro, os militares dos três ramos das Forças Armadas que integraram, durante o último ano, o Contingente Nacional da EUTM-RCA, aterraram em Lisboa. O Contingente, composto por 39 militares do Exército, 11 militares da Marinha e cinco da Força Aérea, foi comandado pelo Brigadeiro-General Paulo Neves de Abreu e à chegada a Portugal contou com a visita e cumprimentos do Presidente da República e Comandante Supremo das Forças Armadas, Professor Doutor Marcelo Rebelo de Sousa. Na cerimónia de receção dos militares estiveram presentes o Secretário de Estado Adjunto e da Defesa Nacional, Dr. Jorge Seguro Sanches, e o Chefe do Estado-Maior do Exército, General José Nunes da Fonseca, entre outras entidades militares.

O Chefe do Estado-Maior do Exército, na sua intervenção, reconheceu e agradeceu o significativo contributo dos nossos militares para o reforço do prestígio das Forças Armadas e para o engrandecimento de Portugal.

O Secretário de Estado Adjunto e da Defesa Nacional dirigiu, aos militares, palavras de satisfação, orgulho e reconhecimento pela "coragem, abnegação e espírito de bem servir para a promoção de um mundo mais seguro".

Portugal participa desde 2016 na EUTM-RCA, tendo sido esta a segunda vez que exerceu o comando da missão. Neste último ano, a EUTM-RCA, além de ter formado mais de três mil militares das Forças Armadas centro-africanas, iniciou projetos que visam garantir o desenvolvimento sustentado destas Forças, nomeadamente os Projetos das Escolas de Oficiais e de Sargentos.

Militares da Brigada de Intervenção partiram para Missão da NATO na Roménia

A participação na missão da NATO *Tailored Forward Presence* tem a duração de três meses e visa contribuir para o reforço da postura defensiva e dissuasora da Aliança na região do Mar Negro. A Força nacional, constituída por uma Companhia de Atiradores Mecanizada (oito Oficiais, 19 Sargentos e 72 Praças), partiu a 7 de setembro rumo à Roménia e irá integrar a Brigada Multinacional Sudeste da NATO, sediada em Craiova. Durante a missão irá participar em vários exercícios multinacionais, com a finalidade de garantir a sua prontidão e potenciar a interoperabilidade com as outras Forças da NATO presentes no terreno.

A cerimónia foi presidida pelo Ministro da Defesa Nacional, Professor Doutor João Gomes Cravinho, tendo contado, igualmente, com a presença do Chefe do Estado-Maior do Exército, General José Nunes da Fonseca, do Comandante das Forças Terrestres, Tenente-General Martins Pereira, e do Chefe do Estado-Maior do Comando Conjunto para as Operações Militares, Tenente-General Paulino Serronha, entre outras entidades.

Na sua intervenção, o Chefe do Estado-Maior do Exército salientou que com a partida desta Companhia de Atiradores Mecanizada, oriunda da Brigada de Intervenção, “o Exército cumpre mais uma etapa de preparação, aprontamento e projeção de Forças, para empenhamento no exterior do território nacional".

O Ministro da Defesa Nacional saudou o: "elevado grau de preparação, de vontade e de motivação que anima estes militares e que são a garantia de mais uma missão que protegerá o País e as suas Forças Armadas."

Regimento de Artilharia Antiaérea n.º 1 evocou os 25 militares falecidos no combate ao incêndio na serra de Sintra em 1966

No dia 7 de setembro, o Regimento de Artilharia Antiaérea n.º 1 (RAAA1), herdeiro dos costumes e tradições do antigo Regimento de Artilharia Antiaérea Fixa (RAAF), homenageou os 25 militares do RAAF, que há 55 anos combateram o incêndio na serra de Sintra e nele faleceram.

A cerimónia iniciou-se com uma missa na Capela do Regimento, em memória dos militares, e terminou com a deposição de uma coroa de flores no Pico do Monge, local evocativo do trágico acidente.

A cerimónia, presidida pelo Comandante do RAAA1, Coronel Mariano Alves, contou com a presença do Vereador Eduardo Quinta Nova, da Câmara Municipal de Sintra, do Comandante do Regimento de Comandos, do Comandante Distrital de Operações de Socorro de Lisboa e do Comandante dos Bombeiros Voluntários, entre outras entidades.

Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas de Defesa de Moçambique visitou o Exército Português

O Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas de Defesa de Moçambique Joaquim Rivas Mangrasse visitou, a 15 de setembro, o Exército Português.

O Almirante Joaquim Rivas Mangrasse foi recebido pelo Chefe do Estado-Maior do Exército, General José Nunes da Fonseca, tendo a visita começado pelo Regimento de Comandos, com uma apresentação realizada pelo Comandante das Forças Terrestres, uma demonstração de meios e equipamentos e uma demonstração de capacidades da 10.ª Força Nacional Destacada para a República Centro-Africana, atualmente em fase de aprontamento.

Seguiu-se a assinatura do Livro de Honra do Exército Português e uma visita ao Museu Militar de Lisboa.

Recorde-se que o Almirante Joaquim Rivas Mangrasse foi nomeado Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas de Defesa de Moçambique em março do presente ano, após o falecimento do General Eugénio Mussa.

Assinatura do protocolo de colaboração entre o Exército Português e a Tapada Nacional de Mafra

A 17 de setembro foi celebrado, na Escola das Armas (EA), a assinatura do protocolo de colaboração entre o Exército, representado pelo Comandante da EA, Brigadeiro-General, João Luís Morgado Silveira, e a Tapada Nacional de Mafra, através do Presidente da Direção, Engenheiro Carlos Manuel Martins Pais.

A celebração deste protocolo tem como objetivo definir as atividades a desenvolver no âmbito da preservação da Tapada Nacional de Mafra e da Tapada Militar, designadamente no âmbito da florestação e manutenção de caminhos.

Segundo o Engenheiro Carlos Pais, esta cooperação "entre as valências de cada uma das entidades gestoras das Tapadas beneficiará, não só a sua preservação, como o desenvolvimento de ambas".

A Tapada, tal como o Palácio de Mafra, tem a sua gestão distribuída por várias instituições, sendo neste caso entre o Exército (Tapada Militar) e o Ministério do Ambiente (Tapada Nacional).

Exercício multinacional FALCON LEAP 21

A Brigada de Reação Rápida, através de uma Força de Paraquedistas do Batalhão Operacional Aeroterrestre, participou no exercício multinacional FALCON LEAP 21, entre 6 e 17 de setembro, organizado pela 11 *Air Assault Brigade* dos Países Baixos, com um efetivo de 15 operacionais.

Os principais objetivos do treino operacional foram o planeamento conjunto e condução de operações de Assalto Aéreo, por inserção no terreno de pessoal e material, através de lançamento em paraquedas, e o treino da interoperabilidade entre Forças congéneres paraquedistas de países aliados. Perante os meios aéreos disponíveis foi possível treinar a participação em operações de grande escala.

Esta Força de Paraquedistas projetada nos Países Baixos integrou diversas valências que lhe asseguraram a possibilidade de conduzir e participar em todas as fases de uma operação aerotransportada.

A segunda semana do exercício foi dedicada ao lançamento de pessoal em paraquedas de abertura automática a baixa altitude e queda livre operacional a grande altitude, à interoperabilidade de equipamentos e procedimentos entre os países participantes, possibilitando a troca de experiências, assim como a realização de saltos operacionais com recurso a diversos meios aéreos (aviões e helicópteros).

10.ª Força Nacional Destacada em aprontamento para a República Centro-Africana realizou o exercício ESTIO 211

O Regimento de Comandos, da Brigada de Reação Rápida, é a Unidade aprontadora da 10.ª Força Nacional Destacada para a República Centro-Africana (10FND/RCA), que é constituída por 180 militares (169 homens e 11 mulheres).

O exercício ESTIO 211 decorreu no Campo de Tiro de Alcochete, tendo possibilitado aos militares o treino de técnicas, táticas e procedimentos para o aperfeiçoamento de capacidades, conhecimentos e competências essenciais à condução de operações militares.

A 10FND/RCA irá constituir-se como a Força de Reação Rápida da Missão Multidimensional Integrada das Nações Unidas para a República Centro-Africana (MINUSCA), onde terão como missão principal ser a Força de intervenção rápida da MINUSCA, ou seja, quando existir algum incidente crítico em qualquer parte do território da RCA, a MINUSCA dispõe desta Força que pode ser projetada para qualquer ponto do Teatro de Operações.

Cadetes Alunos realizam Estágio Complementar de Operações de Apoio à Paz

Entre os dias 6 e 17 de setembro, no Regimento de Infantaria n.º 19 (RI19), em Chaves, realizou-se o Estágio Complementar de Operações de Apoio à Paz, ministrado a 67 Cadetes Alunos de todos os cursos que constituem o 2.º Ano da Academia Militar. Por razões de controlo sanitário, associadas à pandemia de COVID-19, o estágio foi dividido em dois grupos: o primeiro, na semana de 6 a 10 de setembro, com 35 Cadetes e o segundo, na semana de 13 a 17 de setembro, com 32 Cadetes.

Este estágio, além de dar a conhecer aos Cadetes Alunos a vivência no RI19 e na região de Chaves, teve como objetivo principal habilitá-los com competências do cargo de Comandante de Pelotão em Operações de Apoio à Paz (OAP).

Após a formação teórica os Cadetes Alunos aplicaram os conhecimentos adquiridos, executando diversas atividades críticas em OAP, como estabelecer e operar um *checkpoint* fixo e móvel; organizar e executar uma escolta; organizar e operar um posto de observação; estabelecer a defesa de um ponto sensível; planear e conduzir um cerco e busca. O estágio terminou com um exercício final onde os Cadete Alunos, num cenário tático, planearam e conduziram algumas das tarefas críticas ministradas durante a semana, empregando, na região de Sanjurge (Chaves), as viaturas blindadas de rodas PANDUR II 8x8.

Exército Português participa no II Campeonato Nacional Militar de BTT

Nos dias 9 e 10 de setembro decorreu no Complexo Desportivo do Jamor a Fase IV – Forças Armadas e Forças de Segurança do II Campeonato Nacional Militar de BTT. Esta prova está inserida no calendário atual das competições desportivas militares de 2021, cabendo, neste ano, à Guarda Nacional Republicana a sua organização.

Integraram a equipa do Exército quatro militares femininas e 16 masculinos, destacando-se as seguintes classificações alcançadas: no 1.º escalão feminino, a Furriel Joana Simões alcançou a terceira posição da classificativa. Dentro do 3.º escalão feminino, a Sargento-Ajudante Noémia Magalhães foi a grande vencedora, tendo obtido também o terceiro lugar na geral feminina.

12.

Sessão de tiro com Bataria de Bocas de Fogo (GAC 10.5 Reb/RA4/BRR) equipada com o Obus M119 105mm LG/30/m98

[Espanha]

O NATO *Rapid Deployable Corps - Spain* como NATO *Warfighting Corps*

Um Quartel-General em Espanha, composto por militares de doze países, que está prestes a assumir uma nova tarefa a partir de janeiro de 2022

Texto : TCor Inf Falcão Escorrega | Diretor do Centro de Operações e Chefe das Operações Correntes/NRDC-ESP

Fotografia : PAO/NRDC-SPAIN

Introdução - A Estrutura de Forças da NATO

O NATO *Rapid Deployable Corps – Spain Headquarters* (NRDC-ESP HQ) é um Quartel-General (QG) multinacional, da estrutura de Forças da NATO (NATO *Force Structure*, NFS), localizado em Bétera/Valência, Espanha. Foi criado na sequência das decisões da Cimeira de Washington, em 1999, no quadro da revisão da NFS, em que foi considerado fundamental dispor de um conjunto de Unidades, meios e, sobretudo, QG preferencialmente já estabelecidos, facilmente projetáveis, com elevado grau de disponibilidade e capazes de assumir missões em todo o espectro de atividades militares.

Desde a Cimeira de Washington, há cerca de 20 anos, em virtude das alterações do contexto

"A participação portuguesa no NATO *Rapid Deployable Corps – Spain* (NRDC-ESP) operacionaliza-se de duas formas distintas: através da ocupação de cargos internacionais do Quartel-General do NRDC-ESP e através da afiliação da Brigada Mecanizada."

estratégico, muitas mudanças operaram-se nas estruturas militares da NATO, a Estrutura de Comandos (NATO *Command Structure*, NCS) e a NFS. Após a Cimeira de Lisboa, a NCS – estrutura superior da NATO para comandar e controlar operações, missões e atividades em todo o espectro militar – foi reduzida de 33 comandos, no final da Guerra Fria, para sete [1], com uma diminuição significativa do número de militares e civis [2] que aí prestavam serviço. Acompanhando as mudanças ao nível da NCS, a NFS sofreu igualmente importantes alterações, realçando-se as implicações da Cimeira de Washington.

A NFS é constituída por Forças multinacionais e QG, de nível tático, com critérios de prontidão diferenciados, proporcionando à Aliança um conjunto de capacidades que garantem a flexibilidade necessária para atender aos requisitos de condução e sustentação de operações. Normalmente é da NFS que são provenientes as capacidades e Forças necessárias para alcançar os níveis de ambição definidos para cada operação, sendo que os contributos nacionais são disponibilizados de acordo com os graus de prontidão previamente definidos, e colocados sob autoridade do *Supreme Allied Commander Europe* (SACEUR). As Forças e QG das NFS são assim agrupados em dois tipos de Forças que refletem os níveis de prontidão: as Forças com um maior estado de prontidão e disponibilidade, as chamadas Forças de Alta Prontidão (HRF) [3], e as Forças com um menor estado de prontidão (FLR) [4]. No seu conjunto, as HRF e FLR formam as Forças de Prontidão Graduada (GRF) [5]. Os QG das GRF proporcionam a essas Forças o comando e o controlo adequados, podendo assumir tarefas de Comando e Controlo (C2) de âmbito conjunto [6] (*Joint*) ou de componente (terrestre ou marítima). Os QG das GRF terrestres (GRF-L) são os seguintes:

- *Allied Rapid Reaction Corps* HQ, Reino Unido;

[1] *Supreme Headquarters Allied Powers Europe (SHAPE), Joint Force Command (Naples), Joint Force Command (Brunssum), Communications and Information Services Group, Allied Land Command, Allied Maritime Command, Allied Air Command.*
[2] De 22 000 para 6800 militares
[3] *High Readiness Forces.*
[4] *Forces of Lower Readiness.*
[5] *Graduated Readiness Forces.*
[6] Atualmente são os QG das GRF terrestres (GRF-L) que asseguram as capacidades conjuntas, numa base rotacional, de acordo com o *Long-term Commitment Plan.*

- *Rapid Deployable German - Netherlands Corps* HQ, Alemanha;
- NATO *Rapid Deployable Corps - Italy* HQ, Itália;
- NATO *Rapid Deployable Corps - Greece* HQ, Grécia;
- NATO *Rapid Deployable Corps - Spain* HQ *in Valencia*, Espanha;
- NATO *Rapid Deployable Corps - Turkey* HQ, Turquia;
- *Rapid Reaction Corps - France* HQ, França;
- *EUROCORPS* HQ, em Estrasburgo, França (tem estatuto especial);
- *Multinational Corps* HQ *Northeast*, Polónia.

A comunidade dos QG GRF-L tem vindo a ser aumentada, com outros comandos de Unidades, nomeadamente a *Multinational Division North* (Letónia), *Multinational Division Northeast* (Polónia) e *Multinational Division Southeast* (Roménia) e, mais recentemente, com o processo de edificação em curso, do *Multinational Corps – Southeast* (Roménia) e da *Multinational Division South* (Itália). Presentemente, desenvolvem-se estudos relacionados com a adaptação desta estrutura e da sua conjugação com as Forças de reação rápida da Aliança, garantindo uma conformidade com as novas exigências estratégicas e mantendo a perspetiva de 360º.

O NATO *Rapid Deployable Corps – Spain Headquarters* (NRDC-ESP HQ)

Na sequência das decisões da Cimeira de Washington, em que foi solicitada a participação dos diversos países membros nas reformas da NFS, Espanha avançou com uma candidatura a um QG internacional de nível tático, projetável, com elevado grau de prontidão e vocacionado principalmente para o comando de Forças terrestres em todo o espectro de atividades militares, tendo para o efeito disponibilizado o *Cuartel General Terrestre de Alta Disponibilidad*, localizado em Valência. Aceite a candidatura espanhola, o NRDC-ESP HQ atingiu a Capacidade Operacional Inicial (IOC - *Initial Operational Capability*) em

maio de 2002 e, no final desse mesmo ano, a Capacidade Operacional Completa (FOC – *Full Operational Capability*), tendo sido certificado pelo SACEUR em janeiro de 2003.

O NRDC-ESP está capacitado para operar em todo o espectro de operações militares da NATO (desde baixa a alta intensidade) e pode assumir diversas funções no âmbito do comando de Forças da NFS: a) *Joint Task Force Headquarters for small Joint Operations Land Heavy*, b) *Land Component Command of a Joint Task Force*, c) NATO *Response Force* (NRF) *Land Component Command*, d) *Corps/ Warfighting Corps Headquarters* e e) *Multi-Corps Land Component Command*. Pode, ainda, ser empregado em apoio das organizações de defesa da União Europeia. Do seu historial de empenhamento realça-se a participação, em 2005, na operação de assistência humanitária às vítimas do terramoto no Paquistão (NATO *Pakistan Relief Operation*), tendo nessa altura assumido o Comando da Componente Terrestre da NRF-5; já em 2012, no quadro da *International Security Assistance Force* (ISAF), cerca de 200 militares do NRDC-ESP HQ (incluindo portugueses) foram projetados para o Afeganistão, onde integraram o ISAF *Joint Command Headquarters*, com a missão de coordenar ao nível operacional as Unidades e Comandos regionais da operação da NATO naquele país.

A sua organização elementar assenta em três estruturas principais: o Grupo de Comando, o Estado-Maior e três Unidades de apoio orgânicas - um Batalhão de Apoio, um Batalhão de Polícia Militar e um Regimento de Transmissões. Cerca de 400 militares integram o NRDC-ESP HQ, pertencendo a doze países da NATO: República Checa, França, Alemanha, Grécia, Itália, Polónia, Roménia, Turquia, Reino Unido, Estados Unidos, Espanha e Portugal.

A Participação Portuguesa no NRDC-ESP HQ

A participação portuguesa no NRDC-ESP operacionaliza-se de duas formas distintas: através da ocupação de cargos internacionais do QG do NRDC-ESP e através da afiliação da Brigada Mecanizada (BrigMec).

Desde a sua criação seis delegações/rotações compostas por Oficiais do Exército Português ocupam quatro cargos no Estado-Maior. Atualmente, a delegação portuguesa é composta pelos seguintes Oficiais; um Oficial-General, que

desempenha as funções de 2.º Comandante; um Coronel, que desempenha as funções de *Assistant Chief of Staff* G4 (Logística); um Tenente-Coronel, Diretor do Centro de Operações e Chefe das Operações Correntes e um Tenente-Coronel, Chefe da Secção de *Intel/Targeting*.

A afiliação da BrigMec ao NRDC-ESP – desde 2002 – é uma relação de tempo de paz, fundamentalmente vocacionada para efeito de treino de Forças, comando e procedimentos de Estado-Maior. Militares e/ou Forças da BrigMec têm participado de forma regular em exercícios e outras atividades do NRDC-ESP, realçando-se o contributo muito significativo que têm trazido para os exercícios de certificação do NRDC-ESP HQ, em que a forma profissional como integram as diversas estruturas tem sido alvo dos mais rasgados elogios.

O Conceito de NATO *Warfighting Corps*

No quadro do atual ambiente estratégico - fluido, global, complexo, caracterizado pela incerteza, por tecnologias emergentes disruptivas, ciberatividades, maiores alcances e letalidade dos sistemas de armas, em que os adversários potenciais incluem atores estatais e não estatais, atuando de forma sofisticada em zonas cinzentas e em domínios físicos e não físicos – os responsáveis militares da Aliança desenvolveram, em 2019, uma nova estratégia militar, que assenta em dois documentos base: o *Concept for the Deterrence and Defence of the Euro-Atlantic Area* (DDA) e o NATO *Warfighting Capstone Concept* (NWCC) [7].

A DDA define as atividades de dissuasão militar em tempo de paz e as ações de defesa em crises e conflitos, identificando a escala de ameaças e a ambição de resposta, considerando as diversas tarefas da Aliança num raio de complexidade de 360º, em larga escala e no longo prazo [8].

O NWCC caracteriza o ambiente estratégico, define uma visão integrada com base nas ameaças atuais e emergentes que a NATO enfrenta, o instrumento militar de que os Aliados entendem necessário para proteger os seus interesses e uma proposta de caminho para atingir esses objetivos.

> "Num ambiente operacional volátil, incerto, complexo e ambíguo, o Comandante do NATO *Rapid Deployable Corps – Spain* entende que existem desafios, mas também oportunidades."

Neste âmbito, é entendimento dos responsáveis que o instrumento militar da NATO pense, se organize e aja de forma diferente do que faz atualmente, sendo que o sucesso dependerá da sua capacidade para se adaptar e transformar continuamente. O NWCC postula, ainda, que a Aliança deve ser mais proativa e antecipatória na maneira como se prepara, só assim sendo possível manter a vantagem militar [9].

O NRDC-ESP como NATO *Warfighting Corps*: A Visão do Comandante

No quadro do *Long Term Commitment Plan*, o NRDC-ESP irá assumir-se como NATO *Warfighting Corps* (WFC) a partir de janeiro de 2022. Num ambiente operacional volátil, incerto, complexo e ambíguo [10], o Comandante do NRDC-ESP entende que existem desafios, mas também oportunidades. Na forma como visualiza o futuro combate considera fundamental que o WFC se adapte a este novo quadro, não só ao nível dos meios, mas também dos conceitos, doutrinas e forma de pensar; "se combatermos as batalhas de amanhã utilizando aproximações de ontem, estaremos destinados a falhar".

O WFC deve promover um combate em que as ações sejam conduzidas para criar efeitos táticos em apoio dos objetivos operacionais, sincronizando, integrando e coordenando capacidades orgânicas e externas e, dessa forma, maximizan-

---

[7] cfr. https://www.nato.int/cps/en/natohq/topics_133127.htm
[8] cfr. https://thealphengroup.home.blog/2020/10/16/the-nato-strategic-integrated-operating-concept/
[9] cfr. https://www.act.nato.int/nwcc
[10] VUCA – *Volatile, Uncertain, Complex e Ambiguous.*

do sinergias multidomínio. O futuro campo de batalha do WFC será composto por quatro espaços de combate distintos: o profundo (*deep*), o próximo (*close*), o da retaguarda (*rear*) e o controlo da narrativa, o que torna as operações militares particularmente complexas. O combate do WFC deverá ser focado na profundidade, moldando o campo de batalha e criando condições para que as Unidades subordinadas tenham sucesso no combate próximo. O espaço da retaguarda do WFC deverá ser aquele onde se centrará o combate em profundidade do adversário, razão pela qual é necessário protegê-lo e estar preparado para uma tipologia diversa de operações militares no sentido de derrotar ameaças híbridas múltiplas.

Neste quadro, vencer a batalha da narrativa é vital, não só ao nível estratégico, mas também no tático, o que permitirá moldar perceções de determinadas audiências, proporcionar liberdade de ação e melhorar efeitos que se pretendam atingir.

A filosofia de comando será baseada no comando-missão e a forma de atuar implicará necessariamente visão, compreensão, clareza e a agilidade, com recurso a táticas híbridas e com um instrumento militar adaptado a um ambiente complexo, volátil e híbrido [11].

[11] cfr. "NRDC-ESP. 2021. *Commander* NRDC-ESP: *How I understand Corps Warfighting*".

Considerações Finais

O NRDC-ESP iniciou a sua preparação para se constituir como WFC em meados de 2020. Desenvolveu um plano de implementação detalhado, devidamente calendarizado e sustentado, em que se programaram e se executaram diversas atividades de formação e treino. Envolveu a experimentação de conceitos emergentes e também mudanças organizacionais e procedimentais. Irá ser sujeito a uma *Combat Readiness Evaluation* em finais de 2021, durante o exercício STEADFAST LEDA 21, para poder assumir a tarefa de WFC, em período de *standby*, a partir de janeiro de 2022.

Os desafios são enormes; contudo, os militares das doze nações que servem no NRDC-ESP HQ têm ao longo do processo demonstrado um enorme profissionalismo, uma importante disponibilidade para aceitar e incorporar as mudanças necessárias, um compromisso com a qualidade e, acima de tudo, um forte espírito de coesão fazendo jus ao seu lema:

Twelve Nations – one Team! ع‌ج

Mensagem do Comandante do NRDC-ESP
Tenente-General Fernando García-Vaquero Pradal

Tenente-General Fernando García--Vaquero Pradal

On 31st December 2020 NATO Rapid Deployable Corps Spain handed over its responsibility as stand-by JTF HQ to the 1st German Netherlands Corps and immediately transitioned to preparing for our next assignment as Warfighting Corps in 2022. This shift called for an adapted mentality and skillset and our preparation and certification as Warfighting Corps naturally became our main focus in 2021. However, the growing importance and complexity of the Grey Zone and our effort to increase our situational awareness in NATO`s Southern Flank are two additional and important pillars of our daily work.

Consequently, preparing us as Warfighting Corps for operations in an ever more volatile, uncertain, complex and ambiguous (VUCA) environment; understanding the nature of the Grey Zone where we see an adversary highly skilled in conducting sophisticated hybrid warfare across the full spectrum of conflict and finally develop a deeper understanding in the Southern Flank and help to predict negative developments are simultaneous tasks that will challenge a Headquarters. One crucial reason why we are able to cope with these complex challenges is the close cooperation and comradery between our member nations. Therefore, it is my distinct privilege to thank the Portuguese Army for decades you granted NRDC-ESP with your unwavering support and friendship. The Portuguese Contingent is undoubtedly part of the DNA of this HQ and I am honored to have you in our team.

Twelve Nations – one Team!

[Estremoz]

Agrupamento ISTAR

A Capacidade *Intelligence*, *Surveillance*, *Target Acquisition and Reconnaissance* no Exército Português

Chegaram novos equipamentos para uma capacidade em desenvolvimento, que é uma das prioridades do Exército e está a ser materializada num Agrupamento aprontado pelo Regimento de Cavalaria n.º 3

Texto : Cor Cav Jorge da Silva Ferreira | Gestor do projeto AgrISTAR- C2 *Intel Fusion*

Introdução

No âmbito da edificação da capacidade *Intelligence*, *Surveillance*, *Target Acquisition and Reconnaissance* (ISTAR) [1], na área do C2- *Intel Fusion*, o Exército Português recebeu, em meados do corrente ano, um conjunto de quatro *Shelters* e quatro grupos geradores, equipamentos que se constituem como ferramenta principal de *hardware* do Sistema de Comando e Controlo do Agrupamento ISTAR (AgrISTAR).

É no Plano de Médio Longo Prazo do Exército

2007/2024, de 24 de julho de 2007, que se encontra a base para o que virá a ser o desenvolvimento da capacidade Informações, Vigilância, Aquisição de Objetivos e Reconhecimento, com o objetivo de "Dotar, até final de 2024, o SFN-Ex, com capacidade para a Gestão da Informação, através de um sistema ISTAR".

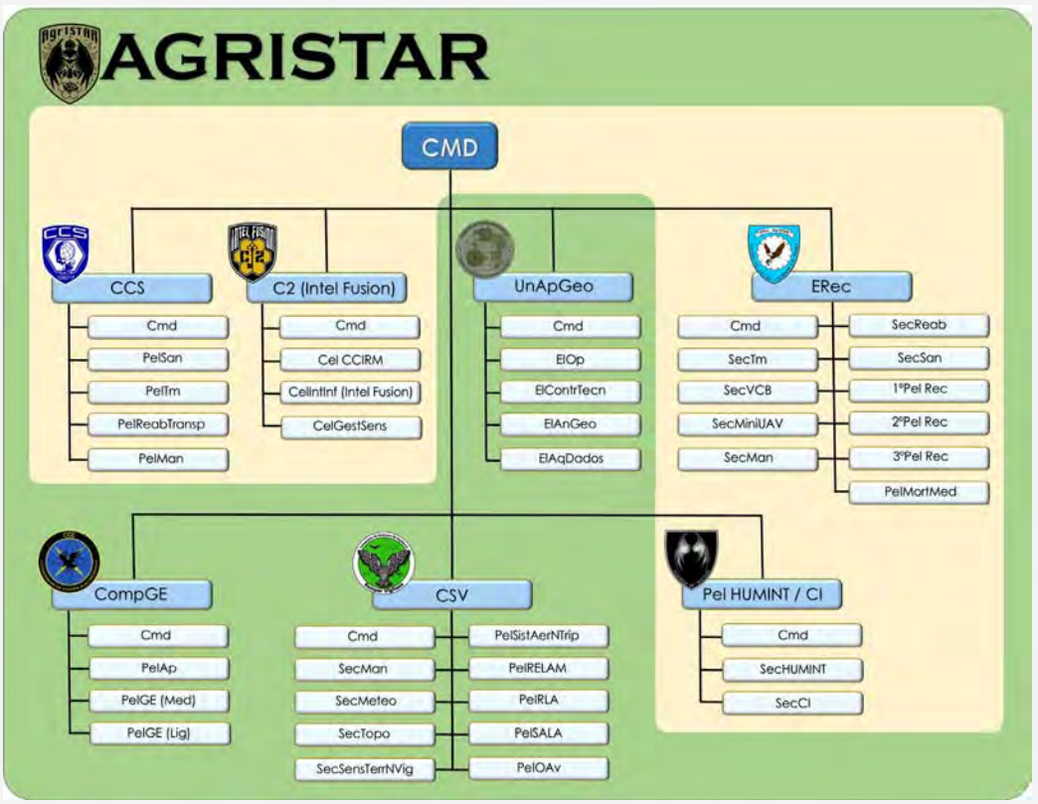
A aprovação (pelo Conselho Superior de Defesa Nacional) do Sistema de Forças, em 30 de julho de 2014, a que se seguiu a aprovação (pelo Ministro da Defesa Nacional) do Dispositivo de Forças – DIF 2014, em 24 de outubro de 2014, dita a reorganização da capacidade ISTAR, que se constitui como uma das prioridades do Exército.

A edificação da capacidade é materializada no Agr ISTAR, aprontado pelo Regimento de Cavalaria n.º 3 (RC3). Este novo fôlego para a edificação da capacidade, implica uma alteração da Unidade aprontadora[2], bem como a alteração da constituição e possibilidades da Força, como um todo, e de algumas das Subunidades que a constituem, conforme o Quadro Orgânico de 2015.

"O AgrISTAR passa, assim, a dispor dos equipamentos principais necessários à condução de operações, por parte do seu Sistema de Comando e Controlo..."

De acordo com a Publicação Doutrinária do Exército 2-60-00 (2013) ISTAR "É a aquisição coordenada, o processamento e difusão oportuna de informação e Informações precisas, relevantes e seguras, que apoiam o planeamento e a conduta das operações, o ataque a objetivos e a integração de efeitos (*Targeting*), contribuindo para atingir os objetivos definidos pelo Comandante". Visualizada como "um sistema de sistemas", atua como um catalisador de capacidades, integrando e sincronizando o planeamento e a operação de sensores e equipamentos com os sistemas de processamento e disseminação, em apoio direto às operações correntes e futuras.

[1] Informações, Vigilância, Aquisição de Objetivos e Reconhecimento.
[2] Em 2009, o Batalhão de Informações, Vigilância, Aquisição de Objetivos e Reconhecimento era da responsabilidade do Centro de Segurança Militar e de Informações do Exército.



Projeto AgrISTAR – C2 *Intel Fusion*

No âmbito da implementação da capacidade ISTAR estão em desenvolvimento um conjunto de 16 projetos associados, entre os quais se destacam: AgrISTAR - C2 *IntelFusion*, AgrISTAR - Sensores*, Guerra Eletrónica, *Unmanned Aerial Vehicle*[3] e Unidade de Apoio Geoespacial.

O projeto tem vindo a desenvolver-se de acordo com um Plano de Implementação, que tem por objetivo "a implementação da C2- *Intel Fusion*", elemento agregador das restantes valências, permitindo que seja empregue numa estrutura modular, de acordo com os níveis de ambição expressos no Conceito Estratégico Militar de 2014, dotando-a com um conjunto de equipamentos[4] que garantam a obtenção, o processamento e a difusão de informações.

Em 2019, foi autorizada a aquisição de quatro *shelters* para a "modernização da capacidade de C2 *Intel Fusion*", através do Despacho n.º 11770/2019 do Ministro da Defesa Nacional, considerando que "[...], se identifica como necessário dotar o Exército com equipamentos de pesquisa de informações para equipar o AgrISTAR", utilizando verbas contempladas na Lei de Programação Militar, sendo aprovada a despesa adicional para a sua aquisição, cujo procedimento contratual foi realizado através da NATO S*upport and Procurement Agency* (NSPA)[5], e adjudicado à empresa italiana *Lavorazioni Elletroniche* e *Meccaniche* (LEM).

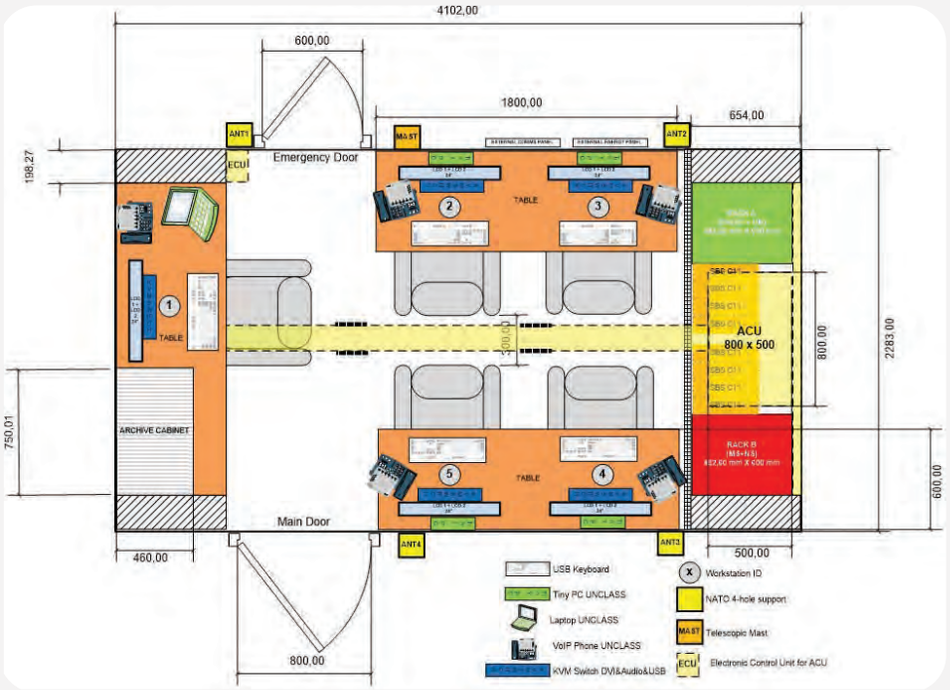
Nesse âmbito, e de acordo com os procedimentos autorizados, foram recebidos em meados do corrente ano as quatro *shelters* e os quatro grupos geradores contratualizados.

Num processo bastante célere e conduzido maioritariamente em período de confinamento, devido à pandemia da COVID-19, o processo passou por diferentes fases, das quais se destacam as inspeções técnicas (realizadas por militares do RC3, da Direção de Comunicações e Sistemas de Informação e Direção de Material e Transportes, e responsáveis da NSPA, durante o processo de fabrico, na fábrica da LEM, e em Portugal, após a entrega dos equipamentos na Unidade de Apoio Geral de Material do Exército) e as atividades de formação e treino (para utilização e manutenção das *shelters* e geradores).

O AgrISTAR passa, assim, a dispor dos equipamentos principais necessários à condução de operações, por parte do seu Sistema de Comando e Controlo, o qual se divide em quatro blocos dis-

* AWL, UGS, GSR, WLR

Vista do interior de um *shelter*



Esquema de um *shelter*

tintos: o Comando; a Célula de Interpretação da Informação (*Intel Fusion*); a Célula de Gestão de Sensores e a Célula de Interpretação dos quesitos de Informação. Cada um destes blocos encontra-se equipado com uma shelter, um subsistema de energia (atrelado gerador), cablagens, equipamentos e acessórios, viaturas[6] e sistema de gestão das informações[7].

As *shelters* que serão instaladas em viaturas táticas médias 4x4, foram projetadas com a possibilidade de serem aerotransportadas e dispõem de sistema de autonivelamento, que permite a sua autonomia operacional relativamente à viatura de transporte.

Emprego Operacional

A arquitetura genérica da C2-*Intel Fusion* divide-se em três áreas funcionais: pesquisa, processamento e difusão, devidamente articuladas e conectadas.

Os sistemas afetos ao C2 do AgrISTAR destinam-se a implementar as capacidades de recolha,

> **"No âmbito da implementação da capacidade ISTAR estão em desenvolvimento um conjunto de 16 projetos associados..."**

tratamento e disseminação de informações, em ambiente tático, permitindo (cada uma) o trabalho simultâneo de até cinco especialistas, num ambiente com proteção contra interferências eletromagnéticas e contra interferências nas frequências rádio, com alguma robustez e isolamento térmico.

O atrelado gerador permite a operação de forma independente (*off-the-grid*), sendo adaptável e rebocável por uma gama diversa de viaturas, com capacidade para ser transportável como carga, externa ou interna, de aeronaves existentes nas Forças Armadas portuguesas.

Conclusão

A aquisição destes equipamentos dá um novo alento à edificação da capacidade ISTAR, com mobilidade e capacidade de projeção, garantindo excelentes condições de trabalho para obter, processar e difundir, em tempo oportuno, informações recolhidas pelos sensores, processadas pelos analistas e difundidas a quem delas necessita, através dos sistemas de comunicação implementados. ⚔

---

[3] Veículo Aéreo não Tripulado.
[4] Os equipamentos são a face mais visível do projeto, contudo o Plano de Implementação, aborda todos os vetores de desenvolvimento (doutrina, organização, treino, material, liderança, pessoal, formação, infraestruturas e interoperabilidade).
[5] Acordo celebrado a 24 de novembro de 2014, com a NSPA, o qual veio a dar origem ao *Sales Agreement* PRT-58, assinado a 25 de junho de 2018 (Despacho n.º 11770/2019).
[6] As viaturas serão adquiridas através de um único projeto do Exército.
[7] Previsto para desenvolvimento/aquisição entre 2027 e 2030.

[Alemanha]

DONAU WARRIOR 21

Um exercício multinacional, em que participou um Agrupamento Mecanizado português, que teve como principal objetivo testar a interoperabilidade dos meios de Comunicações e Sistemas de Informação das Forças pertencentes à Brigada VJTF 22

Texto : Cap Inf João Magalhães | Adj S3 AgrMec VJTF 22
Cap Cav Sandra Amaro | Adj S3 do AgrMec VJTF 22
Ten Tm Pedro Costa | Cmdt Mod CSI do AgrMec VJTF 22
Ten Tm João Félix | SIC-T/DCSI

Enquadramento

A Brigada Franco-Alemã (BFA), uma Força multinacional constituída com base num acordo bilateral entre a França e a Alemanha, assumirá o Comando da *Very High Readiness Joint Task Force* 2022 (VJTF 22) *Land* a partir do dia 1 de janeiro de 2022. Esta Força integra o Agrupamento Mecanizado (Rodas) português, designado AgrMec VJTF 22 e mais quatro Unidades de combate dos exércitos de Espanha, da França e da Polónia.

A participação desta Força do Exército insere-se na contribuição que Portugal disponibilizou para a VJTF 22 no âmbito da *enhanced* NATO *Response Force*.

"O nosso AgrMec VJTF 22 participou neste exercício com uma representação do Comando e Estado-Maior, do Módulo CSI e do Módulo de Manutenção, tendo sido projetada, adicionalmente, uma equipa da Direção de Comunicações e Sistemas de Informação (DCSI)."

No aprontamento do AgrMec VJTF 22 português, e inserido na fase de *Stand Up* [1], a BFA organizou o DONAU WARRIOR 21 (DOWA 21), um exercício multinacional que teve como principal objetivo testar a interoperabilidade dos meios de Comunicações e Sistemas de Informação (CSI) das Forças pertencentes à Brigada VJTF 22. O exercício decorreu no Quartel-General da BFA situado em Müllheim, na Alemanha, e teve como Audiências Principais de Treino a Companhia de Transmissões da Brigada VJTF 22 e quatro das Unidades de combate (AgrMec português e espanhol e os Batalhões francês e polaco).

O nosso AgrMec VJTF 22 participou neste exercício com uma representação do Comando e Estado-Maior, do Módulo CSI e do Módulo de Manutenção, tendo sido projetada, adicionalmente, uma equipa da Direção de Comunicações e Sistemas de Informação (DCSI).

Projeção

O AgrMec VJTF 22 efetuou a projeção para o exercício em duas fases: projeção terrestre das Viaturas Blindadas de Rodas (VBR) PANDUR e aérea do pessoal.

A projeção das VBR PANDUR decorreu entre os dias 17 e 19 de junho, tendo sido percorridos cerca de 1750 quilómetros, com recurso a quatro plataformas para o transporte das quatro PANDUR (duas VBR PANDUR *Communications Vehicle*, uma VBR PANDUR *Command Post Vehicle* e uma *Recovery Vehicle*). As viaturas foram escoltadas pela Guarda Civil, durante o deslocamento por Espanha, e pela Polícia Militar Alemã aquando da entrada na Alemanha.

A projeção das viaturas é sempre uma manobra logística que requer elevados cuidados. O trajeto iniciou-se em Vila Real, tendo a coluna seguido para Espanha por Quintanilha, atravessado a fronteira para França em Irun e entrado na Alemanha por Mulhouse, tendo chegado a Müllheim três dias depois. A projeção foi acompanhada, em permanência, por três militares do AgrMec VJTF 22 (um Sargento mecânico, um Sargento Chefe de Viatura VBR PANDUR e um Condutor de VBR PANDUR).

O grosso do efetivo do Agrupamento foi projetado por via aérea no dia 21 de junho de 2021. A delegação partiu de Lisboa para a cidade de Ba-

[1] *Stand Up* é uma das fases de aprontamento (preparação) de uma Força para atingir a designada capacidade operacional completa (em língua inglesa: *Full Operational Capability*, FOC), para poder ser empregue num determinado Teatro de Operações.

> "...o exercício DOWA 21 permitiu uma consciencialização do estado dos meios e arquitetura CSI da Brigada VJTF 22 e o nível de interoperabilidade entre as Subunidades, em especial com as Unidades de Escalão Batalhão de combate..."

sileia, na Suíça, tendo de seguida efetuado um deslocamento, por via terreste, de cerca de 40 quilómetros, até à cidade alemã de Müllheim.

Testes de Interoperabilidade de Comunicações e Sistemas de Informação

A primeira atividade dos nossos militares foi verificar a interoperabilidade dos meios CSI.

No que diz respeito às comunicações rádio, uma vez que a Brigada VJTF 22 é equipada com equipamentos de transmissões distintos dos meios que atualmente equipam o Exército Português, foram realizados testes de comunicações (voz e dados) nas bandas de frequências HF e VHF com o objetivo de verificar a sua interoperabilidade. No que diz respeito aos serviços disponibilizados, conduziram-se testes de interoperabilidade, nomeadamente, no que diz respeito às aplicações do *Outlook*, *JocWatch* e de *JChat*.

Em relação aos Sistemas de Comando e Controlo, a ambição da Brigada VJTF 22 era a de obter a referenciação da posição no seu Sistema de Comando e Controlo.

Paralelamente ao exercício de interoperabilidade de CSI, foram realizadas atividades de integração por parte da Brigada VJTF 22 orientadas para o Estado-Maior do AgrMec VJFT 22.

As atividades de integração materializaram-se através de grupos de trabalho, constituidos por representantes de todos os Batalhões e de alguns elementos do Estado-Maior da Brigada VJTF 22, abrangendo as áreas da Gestão da Informação, do Centro de Operações Tático (COT) e do Planeamento.

Gestão da Informação

Este grupo de trabalho foi conduzido pela Célula G2[2] da Brigada VJTF 22 e visou clarificar os processos de Gestão de Informação, *Battle Rythm*[3], bem como os relatórios que devem ser efetuados pelas Unidades pertencentes à BFA,

em caso de empenhamento em operações ou exercícios.

Centro de Operações Táticas

O Chefe do COT elencou as possibilidades de difusão de ordens, bem como os sistemas de comando e controlo que se encontram ao seu dispor.

Foram abordadas algumas questões sobre o *Battle Rythm* previsto, tendo sido referenciado pelas diferentes Unidades os constrangimentos e as dificuldades identificadas ao nível Batalhão.

Planeamento

No âmbito dos processos de planeamento da Brigada VJTF, e para um melhor conhecimento do Processo de Decisão Militar, foram apresentados no grupo de trabalho os procedimentos adotados, identificando-se os prazos para o planeamento aos diferentes níveis.

Conclusões

O DOWA 21 foi um exercício muito importante para a interoperabilidade entre as Unidades de combate e o Comando da Brigada VJTF 22 permitindo identificar os procedimentos de ligação, utilizando os meios CSI disponíveis (dados e voz).

Os meios CSI do AgrMec VJTF 22, bem como a arquitetura definida, foram ao encontro das expetativas existentes, revelando-se adequados aos objetivos pretendidos, tendo sido identificados os vários processos e meios passíveis de melhoramento.

Pode concluir-se que o exercício DOWA 21 permitiu uma consciencialização do estado dos meios e arquitetura CSI da Brigada VJTF 22 e o nível de interoperabilidade entre as Subunidades, em especial com as Unidades de Escalão Batalhão de combate, materializando-se como o ponto de partida para a resolução dos desafios identificados até ao início da fase de *StandBy*.

A Brigada VJTF22 possui agora o conhecimento necessário para continuar o aprontamento, já iniciado, tendo em vista a obtenção de uma maior eficácia com os sistemas de CSI para conduzir os exercícios multinacionais, BRILLIANT JUMP 22 e COLD RESPONSE 22, a realizar na Noruega e planeados para o primeiro trimestre de 2022. ⚔

[2] Informações.
[3] Ciclo diário que o comandante e sua equipa usam na tomada de decisões.

[Mafra]

Travessia de curso de água com técnica de transposição *molha pés* no âmbito da prova de liderança do Curso de Formação de Sargentos da Arma de Infantaria

A Escola das Armas e a Educação Física Militar

A adaptação à nova realidade do combate moderno, adequando os processos formativos, através da incorporação de novas metodologias de formação e da recuperação e melhoria de infraestruturas

Texto : Maj Inf Hugo Monteiro | Chefe do Gabinete de Educação Física Militar e Tiro da EA

Cap Art Ruben Branco | Oficial Adjunto do Gabinete de Educação Física Militar e Tiro da EA

Com a criação da Escola das Armas (EA) e consequente desativação das Escolas Práticas das Armas de Infantaria, Artilharia, Cavalaria, Engenharia e de Transmissões e do Centro Militar de Educação Física e Desportos do Exército (CMEFD), a EA passou a assumir as responsabilidades formativas de inúmeros cursos de formação inicial e de qualificação, nomeadamente ao nível da Educação Física Militar (EFM).

Esta, dividida nas vertentes psicofísica e no

reforço do trabalho em equipa, vem procurando adaptar-se às exigências colocadas pelo contexto de atuação do combate moderno, pautado em muitos casos pelo transporte de equipamentos e sistemas de proteção individual (com considerável incremento do peso total a suportar pelo militar), ou pelo desenvolvimento de operações em áreas de terreno com múltiplas dimensões, como as áreas edificadas.

Esta relevância tem levado inúmeros exércitos a revisitar as metodologias tradicionais da EFM, predominantemente orientadas para o regime aeróbio, quase sempre sem recurso a métodos de treino da força. As novas abordagens procuram adotar vertentes formativas promotoras do desenvolvimento de componentes físicas até agora menos trabalhadas. Por exemplo, vem-se promovendo a criação de ginásios para diversificar o treino de força e de áreas destinadas ao treino físico funcional[1] e operacional[2], para que militares equipados para situações de combate possam treinar a sua destreza (força e flexibilidade). Por outro lado, os treinos de corrida vão sendo reduzidos, optando-se preferencialmente por treino com intensidades variáveis destinados a melhorar o sistema cardíaco, circulatório e recuperação pós-esforço.

Consciente dessa transformação, a EA vem procurando adequar os seus processos formativos a essa nova realidade, incorporando novas metodologias de formação, e recuperando e melhorando as infraestruturas destinadas à EFM, iniciativa sustentada recentemente na realização de um Plano de Manutenção e Modernização das Infraestruturas Desportivas para o Triénio 2021-2023. Entre outras vertentes, o plano apresenta

> **"...a Escola das Armas herdou também as responsabilidades na formação dos Quadros do Exército e na manutenção e na evolução do desporto militar."**

Técnicas de *rappel* no âmbito de um curso de formação inicial

[1] Treino físico funcional é uma metodologia de treino que visa desenvolver as componentes óssea e muscular, com o principal foco na redução das lesões e melhoria da qualidade de vida, orientando o atleta para determinadas funções específicas como os atos físicos de empurrar, puxar ou levantar.

[2] Treino físico operacional é o treino físico adaptado as necessidades fisiológicas dos militares em operações. Não se foca no desempenho desportivo, mas sim na resposta às situações de combate, maximizando a componente fisiológica dos militares, adiando a fadiga e mitigando o risco de lesões.

Transposição de obstáculo da pista de Pentatlo Militar no âmbito de uma prova desportiva

orientações claras na rentabilização de áreas desportivas devolutas, adaptando-as às reais necessidades da Escola. A requalificação de alguns espaços, destinando-os por exemplo a áreas de treino específico de força, é um claro exemplo do processo de transformação que importa implementar, nomeadamente pela importância que comportam para a formação de base dos inúmeros cursos de formação inicial ministrados na Escola.

Todavia, apesar desta evolução, a EA herdou também as responsabilidades na formação dos Quadros do Exército e na manutenção e na evolução do desporto militar. O Curso de Instrutores de Educação Física Militar, com a duração de seis meses, que comporta áreas curriculares como a Pedagogia da Educação Física, a Teoria e Metodologia do Treino ou a Biomecânica, continua a representar o curso na área da EFM com maior relevância ministrado na Escola. Tendo sido ministrado pela primeira vez em 1956, mantém a sua importância na formação de Formadores em EFM, capacitando-os com as competências necessárias para o desempenho de funções nos Gabinetes/Secções de Educação Física existentes nos quadros orgânicos da maioria das Unidades do Exército, nomeadamente no planeamento e acompanhamento adequado da formação no âmbito da EFM. Já a realização dos estágios das Equipas do Exército para os Campeonatos Desportivos Militares (CDM) com responsabilidades de seleção e treino das diversas modalidades que integram as fases desses campeonatos, a produção de doutrina, com a participação em grupos de trabalho para a elaboração de manuais, projetos de desenvolvimento e elaboração de pareceres técnicos, ou a participação nas Comissões Técnicas Permanentes para as diversas modalidades, da responsabilidade da Comissão de Educação Física e Desporto Militar do Ministério da Defesa Nacional, são outros exemplos do compromisso da Escola.

O futuro da EFM na EA continuará a determinar rigor na planificação procurando, assim, promover um crescimento sustentado. A opera-

Sessão de tiro desportivo de carabina na Carreira de Tiro n.º 1 da Escola das Armas

"Acreditar na importância da Educação Física Militar na valorização de cada militar continua a ser determinante para manter viva a aspiração comum iniciada, em 1956, com a criação do Centro Militar de Educação Física e Desportos do Exército."

cionalização do plano de modernização das infraestruturas desportivas é já um primeiro passo nessa ambição. E a análise e estudos em curso na Escola relativa à possível criação de uma Direção de Educação Física Militar, Equitação e Tiro, na dependência direta do Comandante da Escola, concentrando numa só entidade todos os assuntos relativos à EFM, à Equitação e ao Tiro, da Escola, nomeadamente nas áreas da formação, da doutrina, das competências técnicas e das competições desportivas militares, é também importante para esse desenvolvimento seguro. Porém, importa continuar a ser criativo e a explorar novas abordagens como:

- O estabelecimento de protocolos de cooperação com a comunidade científica para melhorar a resposta fisiológica dos nossos formandos;
- O reforço da ligação a federações das inúmeras modalidades representativas dos CDM, promovendo a participação dos nossos atletas nos respetivos calendários federativos, sendo inclusive um vetor essencial à sustentação interna das próprias modalidades;
- A realização de eventos desportivos abertos à sociedade civil nos desportos coletivos em que fomos pioneiros em Portugal, como a Orientação ou as Corridas de Obstáculos, crescendo também assim em termos da exigência organizativa.

Acreditar na importância da EFM na valorização de cada militar continua a ser determinante para manter viva a aspiração comum iniciada, em 1956, com a criação do CMEFD. Porém, será sempre na atitude que continuaremos a fazer a diferença. ع ج

Sessão de combate corpo a corpo no âmbito de um curso de formação inicial

[Santa Margarida]

40 Anos da Artilharia Autopropulsionada no Exército Português

Uma dupla comemoração cheia de simbolismo histórico de um Sistema de Armas tão marcante na Brigada Mecanizada e na Artilharia nacional

Texto : TCor Art Nelson Mendes Rêgo | Comandante do Quartel da Artilharia e do Grupo de Artilharia de Campanha 15.5 AP da Brigada Mecanizada

Introdução

Em 2021 comemoram-se os 40 anos da Artilharia Autopropulsionada[1] (AP) ao serviço do Exército Português (EP), evento que remete para a implantação da primeira Unidade de Artilharia em Santa Margarida, a 16 de setembro de 1981, e da subsequente receção dos primeiros obuses AP M109A2 155 mm.

A aquisição deste Sistema de Armas foi efetuada dentro do processo de reequipamento do EP no âmbito da criação, em 1976, da 1.ª Brigada

Logotipo 40 anos Artilharia AutoPropulsionada

Mista Independente (1.ª BMI), uma Grande Unidade adaptada às caraterísticas do Teatro de Operações do continente europeu dessa época.

Ainda que o EP tenha sido anteriormente equipado com um obus AP, o auto blindado lagarta obus 32 toneladas *Sexton* 8,8 cm m/1954, este não foi adquirido numa lógica genética e operacional integrada com Unidades de manobra, nem nunca esteve integrado numa Grande Unidade, como é efetivamente o caso do obus M109. Este, foi efetivamente adquirido com o objetivo de se dispor de um Sistema de Armas de Artilharia de Campanha (AC) com capacidade de mobilidade adequada às Unidades de manobra da recém-criada 1.ª BMI, às quais se pretendia assegurar o devido apoio de fogos, daí se considerando, efetivamente, a génese do conceito de Artilharia Autopropulsionada no EP.

Para celebrar os 40 anos da Artilharia AP levaram-se a cabo um conjunto de atividades, as quais envolveram a colocação de um obus AP M109A2 na Coleção Visitável da Brigada Mecanizada (BrigMec), passando a fazer parte de um conjunto restrito de viaturas icónicas do EP naquela coleção; assim como da publicação de um livro evocativo dessa efeméride, no sentido de elencar os seus principais marcos históricos, e, concorrentemente, permitir identificar subsídios para a melhoria do Sistema de AC, desde o Sistema de Armas AP ao de Comando e Controlo de AC.

O Porquê da Artilharia Autopropulsionada

A 1.ª BMI foi a primeira Grande Unidade organizada no Exército com uma estrutura orgânica quaternária, apropriada às necessidades operacionais convencionais; a manobra representada a nível de Batalhão, por quatro Unidades com diferentes graus de mobilidade (motorizadas e mecanizadas), o apoio de fogos com um Grupo de Artilharia de Campanha e também com um Batalhão de Apoio de Serviços, que lhe proporcionavam a necessária independência logística e uma autonomia tática. Foi nesta sequência que a 9 de maio de 1977 foi constituído o Grupo de Artilharia de Campanha (GAC) da 1.ª BMI, ficando o seu Comando, todavia, aquartelado no Regimento de Artilharia de Leiria (RAL) e não fisicamente em Santa Margarida[2], participando, ainda nesse ano, pela primeira vez num exercício, o ORION 77.

Com a criação desta GU em 1976, o EP reiniciou um novo ciclo de esforço de reequipamento, que foi obtido na sua maior parte com a ajuda dos países da Organização do Tratado do Atlântico Norte. No âmbito desses planos de ajuda, aprovados e aceites pelo nosso País, chegaram a Portugal, em junho de 1976, as primeiras Viaturas Blindadas de Transporte de Pessoal (VBTP) M 113 A1 e os primeiros cinco Carros de Combate (CC) M 48 A5. Nesta primeira fase, a AC da 1.ª BMI ainda não previa a aquisição de qualquer obus, recorrendo-se ao equipamento do GAC através de um obus que já se encontrava ao serviço do EP, o obus rebocado *Krupp* m/1941 105 mm[3].

Em 1978 o GAC da 1.ª BMI participou no exercício MARTE 78. Embora com algumas limitações, fundamentalmente em material, este exercício permitiu detetar e corrigir deficiências pessoais e de conjunto no desempenho do pessoal, e consciencializar sobre alguns dos graves problemas com que a Arma ainda se debatia à época, nomea-

[1] A expressão Autopropulsionado foi reintroduzida em 2017, com a aprovação do Quadro Orgânico que acrescentou esta designação ao nome da Unidade, *i.e.*, Grupo de Artilharia de Campanha 15.5 Autopropulsionado. Anteriormente, o termo comumente utilizado era o de Autopropulsado, contudo, aquando da receção dos primeiros obuses M109A2 e da criação da 4.ª Bateria, em 1981, a designação usada já era a de Autopropulsionado.
[2] À semelhança do 1.º Batalhão de Infantaria Motorizado (1.º BIMoto) aquartelado no Regimento de Infantaria de Tomar e do 2.º BIMoto no Regimento de Infantaria de Abrantes.
[3] Nomenclatura de origem: 10,5 cm *Leihte Feldhaubitze* 18 L/28. Foram adquiridas duas variantes base deste material, o K (*Krupp*) e o R (*Rheimetall*), com um alcance efetivo de 10 810 metros.

GAC na primeira Cerimónia do Dia da 1.ª BMI a 6 de abril de 1979

damente ao nível da obsolescência dos sistemas de armas que equipavam as várias Unidades de Artilharia. Ainda nesse ano, o GAC participou com uma Bateria de Bocas de Fogo (BBF) no primeiro exercício organizado pela 1.ª BMI, o ROSA BRAVA 78, marcando dessa forma o início da participação em muitos dos exercícios realizados em Santa Margarida ao longo de quase quatro décadas e meia. Este exercício marcou igualmente a última utilização operacional dos *velhinhos* obuses *Krupp*.

Em 1979, ao abrigo de acordos de ajuda militar estrangeira a Portugal, foram recebidos de Itália obuses de origem americana M101A1 105 mm, para substituir os *Krupp*. Estes novos obuses tiveram a sua estreia com a participação do GAC da 1.ª BMI, no exercício MARTE 79, realizado em Santa Margarida de 22 a 29 de julho. Este obus proporcionou uma melhoria na capacidade do apoio de fogos, nomeadamente pelo ligeiro aumento de alcance, mas principalmente pelo aumento da cadência de fogo e na fiabilidade do tiro, assim como na versatilidade, podendo ser helitransportado.

Foi com este obus que o GAC participou, em maio de 1981, no exercício ARDENT GROUND 81, destinado essencialmente a Unidades de AC. Este era um exercício da *Air Mobile Force* (AMF), levado a cabo anualmente, em diferentes países europeus pertencentes à NATO. À semelhança de outros exercícios ao nível de Forças no âmbito da Aliança Atlântica, também este tinha por finalidade conseguir um elevado grau de operacionalidade conjunta que se impunha, só por si, como fator de dissuasão, considerando o grande opositor, o Pacto de Varsóvia. Nos exercícios da série ARDENT GROUND a AMF tinha por finalidade exercitar fogos reais de Artilharia, mas também de morteiros e da aviação, conjugados por vezes com helitransporte, procurando efetivar verdadeiramente a sua definição de Força aeromóvel, fazendo convergir para uma nação aliada hospedeira, por via aérea, pessoal e armamento dos outros países aliados indispensáveis à concretização do exercício. A organização deste exercício, em coordenação entre o GAC e o Quartel-General da 1.ª BMI, viria a ser um evento de elevadíssima visibilidade para Portugal, envolvendo mais de mil militares da Bélgica, ex-RFA, Itália, Inglaterra

Primeiras Praças formadas pela 4.ª Bateria (Obus AP M109A2)

e EUA, ainda mais pelo facto de se ter constituído como o primeiro exercício internacional realizado em Santa Margarida após a criação da 1.ª BMI.

A Génese da Artilharia Autopropulsionada em Portugal

Em 1980 deu-se início ao processo aquisitivo, em que a natureza *mista* da 1.ª BMI, numa combinação mecanizada e motorizada, foi decisiva na opção por obuses AP. Deste modo, em 1981 procedeu-se à aquisição aos EUA de seis obuses M109A2 e respetivas viaturas de transporte de munições M548, com a finalidade de se constituir uma quarta BBF, passando também deste modo o GAC a assumir uma estrutura quaternária, no sentido de aumentar a sua capacidade de apoio de fogos às Unidades de manobra da Brigada.

A aquisição dos M109A2 representou, à data, um enorme salto tecnológico ao nível da AC em Portugal, considerando o período de *adormecimento* que a Artilharia enfrentou durante a Guerra Colonial, para a qual o EP teve de se readaptar para novas necessidades operacionais. Para preparar a receção deste novo sistema, em maio de 1981 deslocou-se à RFA uma delegação constituída por três Oficiais e seis Sargentos[4], para observar e recolher ensinamentos junto de uma Brigada dos EUA equipada com obuses M109A2, colocada naquele território. O EP passou, assim, a dispor de um obus dos mais recentes e com tecnologia de ponta, e que à data equipava as Unidades de AC dos exércitos mais evoluídos na NATO, incluindo as dos EUA.

O cariz autopropulsionado dos obuses M109A2 naturalmente não favorecia a sua localização no RAL, juntamente com o restante Grupo, tendo sido tomada a decisão da 4.ª Bateria ser colocada em permanência em Santa Margarida. O que viria a acontecer a 16 de setembro de 1981. Deu-se então início ao levantamento da 4.ª Bateria, procedendo-se à receção dos seis obuses AP M109A2,

> "...em 1981 procedeu-se à aquisição aos EUA de seis obuses M109A2 e respetivas viaturas de transporte de munições M548..."

seis M548 e de um M577 PCT. Na sequência da receção dos obuses e para teste dos mesmos, a primeira sessão de fogos reais viria a ser realizada a 15 de outubro desse ano. Ainda no decorrer de 1981 viria a ser ministrado, de 26 de outubro a 4 de dezembro, o primeiro Turno de Instrução na 4.ª Bateria, com a finalidade de formar os primeiros Condutores e Serventes de Campanha 15.5 AP.

Em 1987, o GAC participou pela primeira vez com Forças (sem ser somente elementos do Comando e Estado-Maior) num exercício internacional, no DISPLAY DETERMINATION (DD), realizado em Itália de 12 a 30 de setembro, com um efetivo verdadeiramente significativo, sendo que dos cerca de 400 militares projetados pela 1.ª BMI, 59 eram do GAC. Estes faziam parte do Comando, Estado-Maior e da 4.ª Bateria, num total de 15 Oficiais, 13 Sargentos e 31 Praças. A projeção

Chegada dos obuses à 4.ª Bateria a 29 de setembro de 1981

[4] Delegação chefiada pelo Capitão Bastos e Silva e que incluiu também o Capitão Manuel António Apolinário, o qual viria a ser o primeiro Comandante da 4.ª Bateria.

Secção de Obus com militares portugueses e italianos – DD 1989

foi efetuada por via férrea, mas no caso do GAC só do seu pessoal, não incluindo os seus obuses (projetados somente VBTP M113 e CC M48).

Foi neste quadro que o exercício DD 87 representou a maior representação de sempre do GAC num exercício no estrangeiro, no qual viria a usar os obuses do exército italiano, os AP M109A1, uma versão anterior à nossa, mas bastante idêntica, com exceção do tubo, que na primeira evolução da plataforma M109 era mais curto em calibre, relativamente ao do A2. O facto do GAC dispor de um obus mais moderno, assim como do efetivo da 4.ª Bateria deter conhecimentos técnicos e táticos resultantes de uma intensa atividade operacional, que era prática corrente, permitiram ao Grupo atingir um nível de desempenho bastante elevado neste exercício. Em 1989, o GAC voltaria novamente ao norte de Itália para participar em mais uma edição do DD.

Em 1994, a 1.ª BMI passou a designar-se por Brigada Mecanizada Independente (BMI), na sequência do processo de reorganização e reequipamento que visava a total mecanização de todas as suas Unidades. O GAC[5] também viria a fazer parte desta reorganização do EP, passando a ser constituído por três Baterias, de acordo com a própria constituição ternária da BMI, e a 4.ª Bateria assumiu a designação de 2.ª BBF. Neste mesmo ano, deu-se o fim de vida útil do obus M101 A1 105mm, com a desativação das 1.ª e 3.ª Baterias, ficando a aguardar pela futura aquisição de mais obuses AP, de modo a completar a total mecanização do GAC, em linha com a total mecanização implementada na Brigada.

No início de 2000, após vinte anos de utilização, urgia a substituição dos seis obuses M109A2, em função do seu contínuo estado de degradação, impedindo inclusive a sua reparação, pelos custos associados, os quais quase equivaliam à aquisição de novos obuses. Para esse efeito, a 9 de abril de 1998, o Exército fez deslocar aos EUA um Oficial do GAC, no sentido de identificar obuses M109 A2/A3 que melhor se adaptariam a um *upgrade* para a versão M109A5, no sentido de permitir avaliar da eventual vantagem de substituição dos A2 por esta versão.

Em 2001 viria, então, a ser tomada a decisão de substituição dos A2 pela versão A5, através de créditos de *Foreign Military Sales*, decorrentes de uma relação bilateral que, neste domínio, se vinha desenvolvendo com os EUA e do acordo de defesa estabelecido com este aliado. Deste modo, foram primeiramente adquiridos 14 obuses, que chegaram a Portugal em dezembro de 2001, sendo 12 entregues ao GAC e dois à Escola Prática de Artilharia (EPA). Ao contrário da versão do A2, que foi construído de raiz, o A5 é uma versão melhorada dos modelos A2 e A3, contudo, com uma franca melhoria de capacidades, com a substituição do tubo para a versão M284, que permite maior alcance, podendo atingir 24 quilómetros e trinta com munição assistida, com maior cadência de tiro, bem como da proteção Nuclear, Biológica e Química de toda a viatura. Com a aquisição da versão A5, podemos considerar que a AC portuguesa ficou ao nível da maioria dos seus congéneres, tendo até de ter em linha de conta que a grande maioria, ainda, se encontrava equipada com versões anteriores, nomeadamente do A2 e A3.

Com a chegada destes obuses a 1.ª BBF foi reativada e procedeu-se à substituição dos obuses A2

[5] Entre 1991 e 1993 já se havia procedido à transferência do Comando do GAC de Leiria para Santa Margarida, juntamente com as restantes Baterias, à exceção da 2.ª BBF. Deste modo, não só se favorecia a Unidade de Comando no Grupo, como também se assegurava uma maior capacidade de integração no seio da 1.ª BMI.

que equipavam a 2.ª BBF. Todavia, a total mecanização do GAC só viria a ser concluída a 22 de janeiro de 2007, com a receção de mais quatro obuses provenientes dos EUA e com a transferência para o GAC dos dois que se encontravam na EPA.

Epílogo

O ano de 2021 é eivado de importância para o GAC 15.5 AP, dado que se assinalam os 40 anos da implantação da primeira Unidade de Artilharia em Santa Margarida e da receção dos primeiros obuses AP M109, o qual marca, efetivamente, o início da Artilharia AP em Portugal. Entre várias atividades, destaca-se a publicação do livro *40 anos da Artilharia Autopropulsionada ao Serviço do Exército Português*, com contributos de várias entidades, desde a Cadeia de Comando do Exército, a militares que prestaram e prestam serviço no GAC 15.5 AP. Esta obra foi apresentada a 29 de setembro de 2021, data em que se perfizeram os 40 anos da receção dos seis obuses AP M109A2 na, então, 4.ª Bateria em Santa Margarida, contando com várias autoridades militares e civis, das quais se destaca o Chefe do Estado-Maior do Exército, General José Nunes da Fonseca, autor do prefácio do livro.

As comemorações dos 40 Anos da Artilharia AP constituíram-se numa oportunidade para edificar o legado histórico de um Sistema de Armas tão marcante, na BrigMec, na Artilharia e no Exército. Ao longo de quatro décadas, a valência da Artilharia AP tem sido sinónimo de modernidade e tecnicidade no âmbito do Sistema de Forças Terrestre, em concreto na sua vertente pesada.

O GAC 15.5 AP tem características únicas no panorama militar nacional: está localizado num campo militar com excelentes condições para a realização de exercícios e fogos reais de Artilharia; integra a Força Pesada e Decisiva do Exército, enquanto capacidade estruturante do Sistema de Forças, na qual a Artilharia AP é um elemento verdadeiramente distintivo, tendo como centro de gravidade o obus AP M109A5 155mm, sobre o qual importa assegurar uma continuidade enquanto sistema, quer seja preferencialmente através da sua substituição, ou como recurso, através da sua recapacitação. São quatro décadas que alicerçam uma verdadeira escola de conhecimento, que na vertente formativa, através da condução de dezenas de cursos resultou na formação especifica de Artilharia AP de 193 Oficiais, 215 Sargentos e 1205 Praças. Na vertente operacional, e considerando somente os obuses AP M109A2 e A5, a participação em centenas de exercícios resultou no disparar de 8063 granadas de 155 mm.

Hoje, tal como em 1981 e em 2001, importa assegurar a modernidade e relevância de uma capacidade singular no quadro da Artilharia, vital para a sua consolidação enquanto vertente pesada do Sistema de Forças Terrestre. ع

> "Ao longo de quatro décadas, a valência da Artilharia AP tem sido sinónimo de modernidade e tecnicidade no âmbito do Sistema de Forças Terrestre, em concreto na sua vertente pesada."

Obus M109A5

Protocolo Santander Totta

Um acordo que vale vantagens

No Santander Totta queremos ter uma relação privilegiada com os nossos clientes através dos Protocolos Colectivos. Por isso, criámos condições muito vantajosas para si!

Santander Totta

santandertotta.pt

[Lisboa]

Tenente-Coronel de Material Silva Rebola

> "Ao fim destes anos, estou agradecido pelas oportunidades profissionais que tenho tido. Continuo a sentir a mesma alegria com que iniciei a vida militar, tirando o maior prazer do trabalho por mim realizado..."
>
> [Tenente-Coronel Silva Rebola]

O Tenente-Coronel Silva Rebola contou-nos a sua experiência de 26 anos ao serviço do Exército Português

Sou o Tenente-Coronel Pedro Manuel da Silva Rebola, tenho 43 anos e sou natural de Borba, da freguesia de São Bartolomeu.

Iniciei a minha carreira militar no dia 2 de outubro de 1995, data da minha incorporação na Academia Militar (AM), onde optei pela área de Serviço de Material. Em outubro de 2002, após a conclusão do meu percurso na AM, fui colocado na Escola Prática de Serviço de Material, no Entroncamento. Esta foi a minha primeira Unidade de colocação. Aí fui Comandante do Pelotão de Reabastecimentos e também tive a função de professor/instrutor do Curso de Formação de Sargentos, na disciplina de desenho técnico.

Em outubro de 2003 fui colocado nas Oficinas Gerais de Material de Engenharia (OGME), onde estive 12 anos e desempenhei diferentes funções, como: Adjunto do Chefe da Divisão de Produção, Chefe da Divisão de Produção e também Chefe da Divisão de Técnica, em acumulação. Foi nesta altura que colaborei com projetos inovadores, considerados estruturantes para o Exército. Saliento, neste caso, a implementação do Sistema de Informações e Comunicações Tático (SIC-T). Em maio de 2011 fui o Adjunto do Chefe dos Serviços Comerciais e em janeiro de 2013 passei a Chefe desses Serviços.

Em 2015 desempenhei funções de 2.º Comandante do Destacamento da Ajuda (na integração das OGME no Depósito Geral de Material do Exército, pois só em agosto de 2015 foi criada a Unidade de Apoio Geral de Material do Exército - UAGME), passando a ser o Comandante desse Destacamento, em janeiro de 2016, até à transferência para as instalações do Centro de Manutenção, em Benavente, em janeiro de 2019. Após a transferência desempenhei funções como Chefe do Centro de Manutenção da UAGME.

Atualmente estou colocado na Direção de Material e Transportes, desde outubro de 2020, onde desempenho, em acumulação, funções de Chefe da Secção de Estudos Técnicos e Gestão da Configuração e da Secção de Catalogação, da Repartição de Gestão de Material.

Ao fim destes anos, estou agradecido pelas oportunidades profissionais que tenho tido. Continuo a sentir a mesma alegria com que iniciei a vida militar, tirando o maior prazer do trabalho por mim realizado e de poder contribuir com uma pequena parcela para o sucesso do Serviço de Material e, por conseguinte, para o sucesso do Exército, ao qual eu, com muito orgulho, pertenço."

[Alemanha]

HX3

Uma Plataforma Móvel Pesada de Emprego Tático

HX3

Texto : **Cor Cav Marcos de Andrade**

A viatura HX3, produzida pela *Rheinmetall* MAN, foi apresentada a 6 de maio de 2021. Como os seus antecessores, este modelo de viatura foi projetado com diferentes configurações motrizes, nomeadamente, 4x4, 6x6, 8x8 e 10x10, estando as duas últimas opções disponíveis com suspensão traseira ativa e opção de direção do eixo traseiro.

Existem três versões distintas, salientando-se em cada uma delas, a capacidade de poderem ter instalados em contentor sistemas específicos de natureza militar, dispondo para tal de chassis resistentes à torção longitudinal; a possibilidade de transportar carga geral em contentores ISO, dispondo para o efeito de um sistema que permite de forma autónoma manusear os contentores e, por último, na versão motriz de 10x10, operar como uma viatura de artilharia, através da instalação de um obus de 155 mm.

O HX3, à semelhança dos modelos que o antecederam, permanece baseado em componentes comerciais MAN, que, para o efeito, foram militarizados, com novos recursos de segurança que migraram do veículo civil, donde se salientam: um moderno sistema de travagem; um controlo adaptativo de velocidade e, ainda, um sistema de alerta de saída de via, podendo todas estas facilidades, em caso de necessidade, serem desligadas por imperativo operacional.

Na sua motorização utilizam-se motores que obedecem ao normativo EURO 6[1], sendo compatíveis, após modificações limitadas, com combustíveis de utilização militar.

A cabina de condução, dotada com um sistema de ar condicionado que obedece aos mais exigentes padrões militares, foi redesenhada a um nível que se considera uma evolução dos modelos anteriores. Para o efeito, na sua construção foi colocado um novo piso de proteção contra a deflagração de engenhos explosivos, constituído por uma única peça, que permite a utilização, se necessário, de bancos comerciais equipados com cinto de segurança de cinco pontos de fixação.

Esta viatura, projetada do zero, oferece, entre outros aspetos, uma melhor proteção, superior mobilidade, excelente conforto na condução e uma arquitetura inteiramente digital, que permite a instalação de aplicações futuras com vista a aumentar e a adequar o seu desempenho. ع

[1] Conjunto de normas regulamentadoras sobre emissão de poluentes para motores *diesel*.

[Alemanha]

LYNX KF 31 e KF 41

As Novas Viaturas de Combate de Infantaria da *Rheinmetall*

A empresa alemã *Rheinmetall* apresentou recentemente duas versões de uma nova Viatura de Combate de Infantaria (VCI), as LYNX KF 31 e KF 41, ambas de lagartas. São muito semelhantes, quer no que respeita ao seu perfil (desenho), quer no que respeita as suas características técnicas. A diferença está apenas na sua dimensão, já que a versão KF 31 tem capacidade para transportar seis militares e a versão KF 41, oito militares. A guarnição da viatura é, nas duas versões, de três militares.

A produção da viatura LYNX FK 41 é uma parceria a cinco. A Hungria encomendou 218 viaturas, indo receber da fábrica-mãe, na Alemanha, 46 viaturas em 2023 sendo as restantes 172 fabricadas na Hungria. Também a Austrália tem intenção de adquirir e fabricar sobre licença esta VCI na fábrica da *Rheinmetall*, situada perto da cidade de Brisbane. Outro país desta parceria é a República Checa, onde a empresa tem uma fábrica muito significativa em Chabarovice, que poderá vir a fabricar este modelo de viatura de combate. Por último, há ainda a referir a *American Rheinmetall Vehicles*, sediada em Sterling Heights (Michigan) nos Estados Unidos da América, que poderá também vir a fabricar uma versão desta viatura para equipar o exército norte-americano.

Esta viatura, que existe apenas ainda em protótipo, além da versão VCI, vai ter, ainda, mais quatro versões: Posto Comando, Blindada de Reconhecimento, de Recuperação e Ambulância. JE

Viatura de Combate de Infantaria Lynx KF41

Viatura de Combate de Infantaria Lynx Ambulância

Fonte : https://www.rheinmetall-defence.com/en/rheinmetall_defence/systems_and_products/vehicle_systems/armoured_tracked_vehicles/lynx/index.php

Judo Kodokan no Exército Português

A evocação de uma arte marcial, de um seu insigne mestre, Kioshi Kobayashi, e doutros praticantes

Texto : Coronel (Ref) Manuel Barão da Cunha | Colaborador do *Jornal do Exército*

No livro *O Judo*, de Luís Robert, Editorial Notícias, consta que: «é uma palavra japonesa que se decompõe em *ju* e *do*. *Ju* significa agilidade, não resistência, suavidade. *Do* traduz-se por via, meio ou caminho. Judo é, portanto, "a via da não resistência" ou "o meio ágil", o caminho que leva a uma vida equilibrada, utilizando um método de educação física e mental baseado numa disciplina (...)»

«Judo é, portanto, "a via da não resistência" ou "o meio ágil", o caminho que leva a uma vida equilibrada, utilizando um método de educação física e mental baseado numa disciplina (...)»

[Do livro *O Judo*, de Luís Robert]

Mestre Kiyoshi Kobayashi
1925 - 2013

Do Judo, recordo, essencialmente: Regimento de Lanceiros 2, Judo Clube de Portugal, mestres Kioshi Kobayashi e José Bastos Nunes, Dr. Sebastião de Lorena (9.º Marquês de Pombal, 3.º *dan*), José Manuel Cunha (1.º Sargento músico e 1.º *dan*), Zeca Afonso, sobrinho Miguel Barão da Cunha (2.º *kyu*) e o amigo Herbert Beaumont (3.º *dan*, nascido em Angola e a viver em Barcelona).

Em 1962/63, por indicação do Quartel-General da Região Militar de Angola, fui instrutor no Centro de Operações Especiais, incluindo o 1.º curso de Operações Especiais, tipo *Ranger*, dirigido pelo, então, Capitão Rodolfo Begonha, mais tarde, Oficial-General e autor do livro *O Primeiro Ranger Português* (Gradiva, 2018).

Mandaram-me fazer um estágio na Polícia Militar, onde conheci o mestre Kobayashi, que dava instrução numa arrecadação do quartel transformada em *dojo* (sala própria), com um *tatami* que não passava de um tapete improvisado com um pano de cobertura de uma camioneta sobre pneus velhos!

O mestre era muito apreciado e gostávamos de o ver ser duro com um outro japonês, que também foi professor de natação na Academia Militar, o mestre Iokoshy. Na primeira vez que o vimos, embora fosse *dan*, usava cinto branco, pelo que estranhámos a resistência que ofereceu ao Aspirante Pedreira, o braço direito do mestre...

Mais tarde inscrevi-me no Judo Clube da

Portugal, onde fui aluno do mestre José Bastos Nunes e colega do Sebastião de Lorena e de Zeca Afonso.

Tive o privilégio de ter estado em Tóquio, em 1987, na 6.ª Conferência Mundial Tabaco ou Saúde, em representação da Fundação Portuguesa de Cardiologia, podendo visitar a sede mundial do Judo *Kodokan*.

O mestre Kobayashi nasceu no Japão, em 1925, em Gunma. Chegara, em novembro de 1958, a Portugal e em 1959 já ensinava Judo no Regimento de Lanceiros 2. Ensinou Judo em bastantes países, mas onde mais viveu, além do Japão, foi em Portugal e nos Estados Unidos da América (EUA).

Na guerra de 1939/45, o jovem Kioshi foi *kamikaze* do Exército, tendo ficado na *lista negra* dos militares norte-americanos, pelo que, no pós-guerra, esteve refugiado numa universidade japonesa, onde se licenciou em Medicina. Mais tarde, as suas filhas viveram nos EUA...

Em 1972, Kobayashi era 7.º *dan*, trocando o cinto negro por outro mais largo, vermelho e branco. Nessa altura, a idade mínima para se obter o cinturão negro era de 17 anos em Portugal e de 15 no Japão, mas ele fora *dan* com apenas 13 anos!

Para ele, o espírito de samurai devia incluir disciplina e respeito e o Judo pode contribuir para o desenvolvimento da condição física e espírito de combate.

Entre nós, nessa altura, já havia mais de 50 *dojos*, com cerca de 5000 inscritos na Federação. Vários países generalizaram o ensino de Judo nos seus exércitos, como Espanha, EUA, Holanda e Inglaterra.

José Afonso, o cantor de *Grândola, vila morena*, muito ouvida nos últimos anos da década de 70 do século passado, era apenas *kiu*, mas simpático. Quando andávamos no Judo Clube de Portugal, cheguei a entrevistá-lo para a Radiodifusão Portuguesa, onde colaborei no programa Contra/Ponto. Viveu bastante tempo em África, incluindo em Moçambique e no planalto do Bié, em Angola, onde também estive, em 1960, quando da transferência do Grupo de Dragões, de Luanda para a sede do, então, maior distrito de Portugal, Bié-Cuando-Cubango.

Quanto ao Sebastião, como era conhecido, só ao cabo de vários anos de convívio percebi que era licenciado em Direito, que escrevia poesia e que era o atual 9.º Marquês de Pombal. Aprecio a sua obra poética.

José Manuel Cunha, 1.º Sargento músico e 1.º *dan*, concretizou a possibilidade de articular as duas coisas e inspirou-me para, mais tarde, beneficiar a apresentação de um livro meu. Nasceu em 1933, em Lisboa, começou pela música na Casa Pia, com instrumentos de sopro, e só com 31 anos se iniciou no Judo. Foi estudante do ensino noturno, chegando a frequentar a Faculdade de Letras. Identifiquei-me com ele por eu ter sido professor do ensino noturno e estudante/trabalhador na Faculdade de Letras. Referiu-me que, em 1974, no Exército só se praticava Judo na Academia Militar e no Regimento de Lanceiros 2.

Os cerca de 20 anos de Judo e o exemplo de

José Manuel Cunha levaram-me a socorrer-me de terminologia na 10.ª edição do meu livro *Longas Horas do Tempo Africano*, em articulação com conhecimentos musicais, para ajudar a definir as partes principais do livro:

- *1.º Andamento, allegro; kyu* (graduação anterior à dos *dan*) – *Angola em paz* (ainda antes da guerra começar);

- *2.º Andamento, larghissimo; ippon-seoi-nage* (projeção por cima da espádua) – *Angola em guerra*;

- *3.º Andamento, presto; sasae-tsuri-komi-ashi* (blocagem de pé levantado, técnica de pernas de pequena amplitude) – *Guiné, preparação;*

- *4.º Andamento, largo; randori* (luta com resistência) – *Guiné, intervenção;*

- *5.º Andamento, vivace; uki-goshi* (técnica de projeção, utilizando a anca e constituindo um movimento essencialmente rotativo) – *Guiné, quadrícula;*

- *6.º Andamento, allegretto; tomoe-nage* (o mais famoso dos *sutemis*, "prancheta japonesa", técnica de projetar o adversário por cima de nós, sacrificando a nossa posição vertical) – *Revisitar Angola;*

- *7.º Andamento, moderato; yoko-shiho-gatame* (imobilização por domínio lateral dos quatro cantos, do combate no solo, *katame-no-kata*) – *Recordar a Guiné;*

- *8.º Andamento, andante; dan* (cintos negros) – *Moçambique.*

Linhas de Torres Vedras – Percursos
Grandes Desfiladeiros (Parte I)

Fonte: RHLT

O roteiro proposto neste número tem início no Centro de Interpretação das Linhas de Torres (CILT) de Arruda dos Vinhos, no seio da vila, segue pelas alturas das serras limítrofes e estende-se, depois, ao concelho vizinho de Loures, concretamente a Bucelas e seus arredores, onde termina, já próximo de Alverca do Ribatejo, local que o liga ao percurso *A Defesa do Tejo*, aqui mencionado nos dois números anteriores.

O CILT, com um design gráfico apelativo e contemporâneo, prima pela interatividade, estimulando o visitante a conhecer as estruturas militares do concelho de Arruda dos Vinhos, com destaque para os fortes do Cego e da Carvalha, e sua envolvente paisagística. Está situado num palacete setecentista, de uma antiga propriedade agrícola, que agora é denominado Centro Cultural do Morgado por agregar num só espaço o auditório, a biblioteca e galeria municipais, a Oficina do Artesão e o posto de turismo. Junto do edifício existe, ainda, um jardim, resquício e evocação da quinta que ali existiu.

Aproveite, pois, para conhecer não só as Linhas de Torres, como também as artes e o artesanato locais e munir-se da informação útil ao passeio, que poderá fazer de diferentes formas.

Uma delas é através de uma visita guiada ao Circuito das Linhas de Torres, com uma duração aproximada de três horas, devendo para o efeito contactar o Serviço Educativo e Cultural do município de Arruda dos Vinhos para obter mais informações e efetuar prévia inscrição.

Outra forma, em particular para os amantes das caminhadas, é fazer o percurso pedestre *Por Serras de Al-Ruta*, que nos leva além da urbe, por caminhos rurais e florestais, ao longo de 13 quilómetros, com um nível de dificuldade médio, mas acessível a todos. Com princípio e fim no jardim do Centro Cultural do Morgado, nele história e natureza complementam-se. Conhecerá o principal edificado arquitetónico arrudense, passará por quintas e moinhos e por dois dos fortes das Linhas, cruzar-se-á com a fauna e flora da região e usufruirá das amplas vistas para o vale e mais além. Peça no turismo o folheto deste itinerário e também poderá optar por recorrer ao aluguer de um audioguia.

Há, ainda, um outro percurso pedestre que liga o Forte da Carvalha ao do Alqueidão, localizado no concelho vizinho de Sobral de Monte Agraço. Trata-se do troço de Arruda dos Vinhos da Grande Rota 30 das Linhas de Torres*, que tem 11 quilómetros.

Obviamente, também poderá de BTT ou de carro percorrer o vale e as serras que o circundam e chegar aos fortes. No segundo caso não demorará mais de dez minutos entre a vila e estes. Até ao Forte da Carvalha são cerca de seis quilómetros e ao do Cego pouco mais de três, mas tenha em conta que, apesar de próximos, os dois fortes situam-se em lados opostos do vale, defronte um do outro. Deste modo cruzavam fogos e

Texto : TSup João Moreira Tavares | Redator do JE

O CILT de Arruda dos Vinhos, Fonte: RHLT

defendiam em conjunto a passagem pelo desfiladeiro, através da estrada que ligava Arruda dos Vinhos a Lisboa, por Bucelas.

Ambos os fortes foram objeto de uma intervenção arqueológica e de trabalhos de limpeza e restauro parcial, visando o seu estudo, conservação e proporcionar aos visitantes uma melhor compreensão da sua arquitetura e significado histórico.

Sugerimos que visite primeiro o Forte do Cego, que também foi designado de São Sebastião. O itinerário mais curto é feito maioritariamente pelo caminho municipal 1226, que após passar pela Quinta de S. Sebastião terá de abandonar, virando à direita, seguindo a sinalética postada na bifurcação. O forte integrava a 1.ª Linha e tinha capacidade para 280 homens, três peças de calibre 9 e uma de calibre 12, que em 1814, ainda, o artilhavam. Com uma configuração a lembrar a pata de um dragão, tinha um paiol, fosso, través, canhoneiras e um sistema de drenagem das águas pluviais e dele partia uma cortadura**. Lá do alto contemple a ampla vista, tão ampla que em dias de céu limpo se consegue vislumbrar as serras de Montejunto, de Aires e Candeeiros, e tente detetar do outro lado do vale o Forte da Carvalha, o seu próximo destino.

Para lá chegar, siga por um trilho (na direção contrária àquela por onde chegou) que o conduzirá à estrada municipal 528 e vá na direção de Arruda dos Vinhos. No cruzamento com a Nacional 115-4 vire à esquerda, para Arranhó, e logo depois avistará a placa que indica o caminho a seguir para o forte, ou seja, para a aldeia da Carvalha, vizinha dele. Ao chegar à bifurcação vire à direita. O forte está um pouco mais acima, sobranceiro à povoação e ao vale. Em 1810 tinha uma guarnição de 400 homens, três bocas de fogo e uma construção em tudo idêntica à do Forte do Cego, mas divergindo na configuração, dimensão e na ausência de cortadura, e tal como este integrava a 1.ª Linha. Deste ponto que, com 394 metros de altitude, é o mais alto do concelho, a vista é, claro, desafogada, tanto que em dias de boa visibilidade conseguirá avistar o Castelo da Pena, em Sintra; o Cristo Rei, em Almada ou parte da serra da Arrábida e da lezíria ribatejana. Nele existe atualmente mais um atrativo, um baloiço panorâmico, que faz as delícias de pequenos e graúdos.

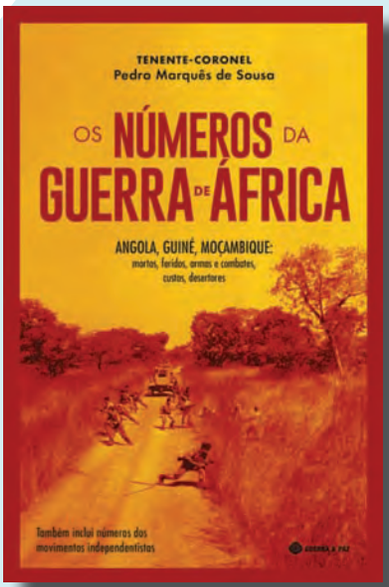
Por agora descanse e ganhe forças para a segunda parte deste percurso, que continuará no próximo número.

Notas.

* A Grande Rota 30 é composta por vários percursos pedestres, que se estendem por um vasto território entre o Tejo e o Atlântico, e dá a conhecer aos caminheiros as principais edificações das Linhas de Torres, bem como os recursos naturais, culturais e patrimoniais dos seis concelhos que constituem a Plataforma Intermunicipal das Linhas de Torres.

** Fosso localizado no exterior do forte e que dele partia, de modo a dificultar uma investida inimiga vinda do sopé da encosta sobre a qual o forte se erguia.

O Forte da Carvalha, Fonte: RHLT



Os Números da Guerra de África

Com novos dados sobre a Guerra de África (1961-1975), o Tenente-Coronel Pedro Marquês de Sousa dá-nos a realidade do que foi a mobilização dos militares portugueses e a dos movimentos independentistas, as baixas militares e civis, as despesas do Estado Português, a quantidade de armas, de aeronaves, de navios e de viaturas. Toda a logística dos três ramos das Forças Armadas, fruto de uma investigação ampla e rigorosa, enriquecida com tabelas, gráficos e mapas.
O impacto que a Guerra de África teve na sociedade, na economia e na história dos povos de quatro nações justifica esta obra, que regista dados muito fiéis da época.

SOUSA, Pedro Marquês de, *Os Números da Guerra de África. Angola, Guiné, Moçambique: mortos, feridos, armas e combates, custos, desertores*, Guerra & Paz, 2021

Cadernos Militares Lanceiro

Como já fizemos referência em outras edições do *Jornal do Exército*, a Associação de Lanceiros elabora esta edição, com periodicidade semestral, com o nome de *Cadernos Militares Lanceiro*, onde apresenta diversos artigos, factos e depoimentos relativos a antigas Unidades de Cavalaria do passado.
Esta edição dá destaque ao artigo do General Martins Barrento, que comenta a situação atual do Exército Português. Ainda nesta revista é possível ler acerca da Operação Viriato, agora que passaram 60 anos dessa epopeia, protagonizada, desde Ambriz até Nambuangongo, pelo antigo Esquadrão de Cavalaria 149.

Cadernos Militares Lanceiro, n.º 25, junho de 2021

Ponto de Reunião

A revista *Ponto de Reunião* assume-se como um elemento marcante da demonstração das capacidades das Operações Especiais. Fazendo jus à sua denominação, materializa uma coletânea de testemunhos, pensamentos e momentos onde se compila a essência da Unidade e da especialidade.
A presente edição é o resultado da sinergia estabelecida entre o passado e o presente da especialidade, que se estende desde textos alusivos à história e evolução da Unidade até às mais recentes atividades desenvolvidas no âmbito da formação, treino e aprontamento da Força de Operações Especiais.

Ponto de Reunião. Revista das Operações Especiais do Exército, 2021

EUTM-RCA

Terminou a 11 de setembro o comando português da Missão de Treino da União Europeia na República Centro-Africana (EUTM-RCA), desempenhado pelo Brigadeiro-General Paulo Neves de Abreu. Foi um ano de profícuo trabalho em proveito da criação de umas Forças Armadas (foram formados mais de 3000 militares) que possam assegurar a paz e estabilização social neste país de África.
Esta publicação é um passar em revista do empenhamento de todos os países que participaram nesta missão, sobre a formação dada aos militares da RCA, os vários eventos que ocorreram, a convivência com as pessoas deste país e, também, sobre a forma como viviam e trabalhavam todos os militares em missão na EUTM-RCA.

EUTM-RCA – 12 Months Mission, número único, setembro de 2021

A Lenda do Cavaleiro Verde

A Lenda do Cavaleiro Verde, uma épica aventura de fantasia inspirada na intemporal lenda do Rei Artur, conta a história de Sir Gawain (Dev Patel), o impulsivo e obstinado sobrinho do Rei Artur, que embarca na ousada missão de enfrentar o Cavaleiro Verde, um forasteiro gigante com pele cor de esmeralda que testa os homens até ao limite.
Gawain luta contra fantasmas, gigantes, ladrões e conspiradores, numa jornada mais profunda para definir o seu caráter e provar o seu valor aos olhos da família e do reino, enfrentando o mais temível dos adversários. O realizador David Lowery traz-nos uma nova e ousada versão de um conto clássico dos Cavaleiros da Távola Redonda.

Fantasia/Aventura, M/14

Cry Macho – A Redenção

Em 1979, Mike Milo (Clint Eastwood), antiga estrela de rodeos e criador de cavalos, aceita o trabalho proposto por um antigo patrão de trazer o seu filho, que vive no México, para casa.
Forçados a fazer o caminho até ao Texas por estradas secundárias, enfrentam uma viagem inesperada e desafiadora, durante a qual, a cansada estrela de rodeo descobre ligações inesperadas e o seu caminho para a redenção.
Aos 91 anos, Clint Eastwood realiza e contracena como se ele e o cinema americano ainda estivessem nos anos 80, e, tal como a sua personagem vive no tempo da sua idade física, submetendo-se ambos aos constrangimentos ditados pela velhice.

Drama/Western, M/12

50. Peças Icónicas da Nossa História Militar

O Sonho do Infante, óleo sobre tela, de José Malhoa

Museu Militar de Lisboa

Fonte: Museu Militar de Lisboa

O Infante D. Henrique é uma das nossas maiores figuras da História e aquela que melhor protagonizou a gesta dos Descobrimentos, o que lhe trouxe também reconhecimento internacional e o popularizou como Henrique, o Navegador.

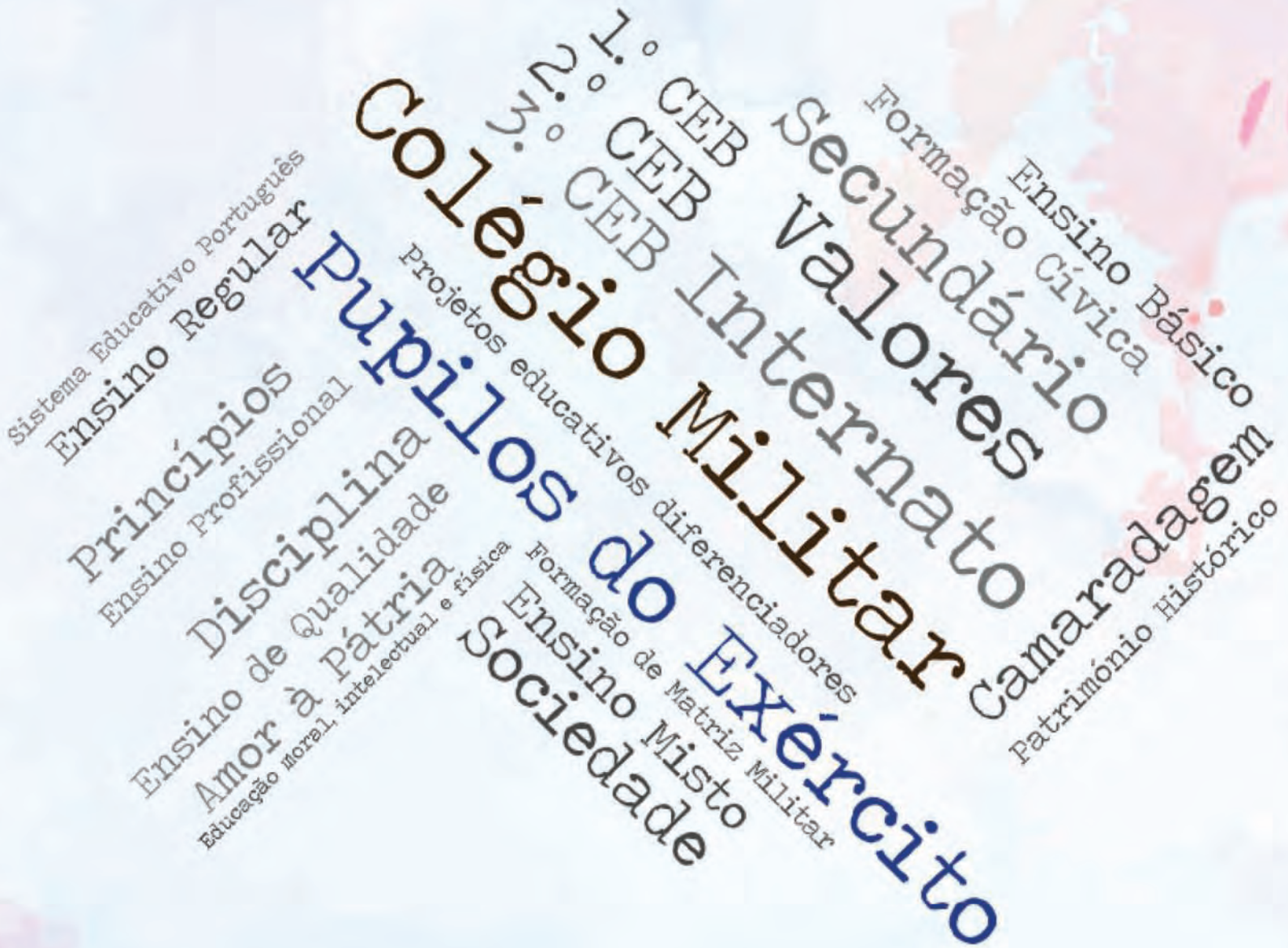
Nesta tela de José Malhoa, o Infante surge retratado com a tradicional indumentária que lhe é associada e num local também intrinsecamente ligado a ele, o Promontório de Sagres, espaço mítico e ponto de partida para aventuras além-mar e, naturalmente, propício ao sonho com a descoberta e conquista de novas paragens e gentes desconhecidas e de riquezas imensas, que tornariam Portugal grandioso e invejado aos olhos do mundo.

A tela cobre a quase totalidade de uma das paredes da sala Infante Dom Henrique, do Museu Militar de Lisboa, e foi encomendada aquando das obras realizadas que conduziram à sua ampliação, com a construção da fachada nascente do museu e seu embelezamento com obras, de pintura e escultura, de reconhecidos artistas nacionais. Tem 3,82 metros de altura e quatro de largura e foi concluída em 1905, partilhando a sala e o protagonismo com outras telas, também de José Malhoa, alusivas aos *Lusíadas* e a Luís Vaz de Camões, o seu autor.

Já sobre o pintor pode-se dizer que se trata de um dos artistas portugueses mais ilustres, tendo sido pioneiro do Naturalismo no nosso País. Nascido em 1855 e falecido em 1933, José Vital Branco Malhoa cedo se destacou na Real Academia de Belas Artes de Lisboa, onde entrou com apenas doze anos, tendo realizado diversas exposições em Portugal e no estrangeiro. São dele alguns dos quadros mais icónicos da pintura nacional e no museu com o seu nome, nas Caldas da Rainha, sua terra natal, encontra-se reunido o maior núcleo das suas obras.

EXÉRCITO
PORTUGAL
Mais informações em:
TU FAZES A DIFERENÇA
SEGUE-NOS NAS REDES SOCIAIS
800 201 274 (LINHA VERDE E WHATSAPP) | RECRUTAMENTO@EXERCITO.PT | \EXERCITORECRUTAMENTO

O Futuro Passa Por Aqui



www.colegiomilitar.pt **www.pupilos.eu**

Jornal do EXÉRCITO

Dia do Exército – 2021
Aveiro

publicação mensal
Ano LXII – JE713 – Out21 - € 2,00

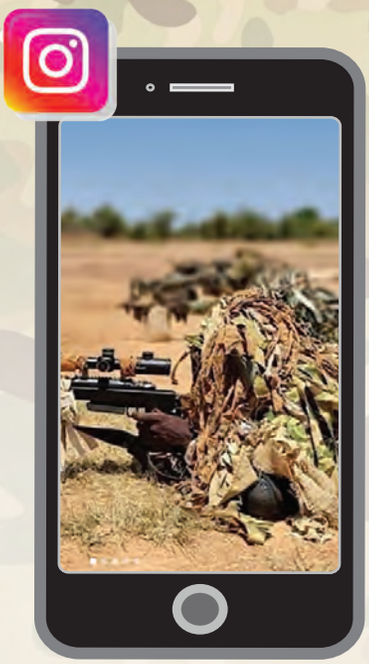
EXÉRCITO PORTUGAL

EXÉRCITO PORTUGAL

o Exército
nas redes sociais

exercito.pt

@ExercitoPortuguesPRT
@exercitoportugues_oficial
Exército Recrutamento
@Exercito_pt
800 20 12 74



no INSTAGRAM:

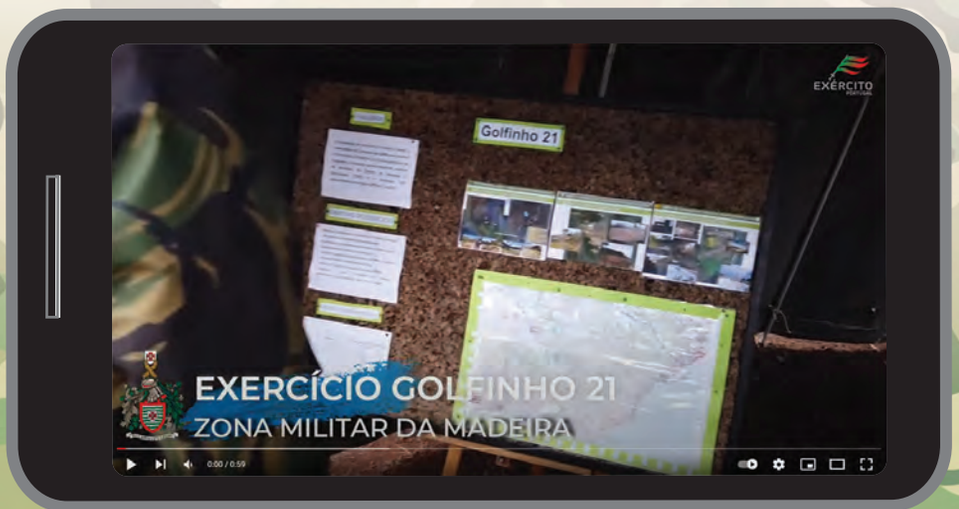
1953 publicações
57.7 mil seguidores

Dois militares de Operações Especiais do Exército Português ministraram o Curso de Atirador Especial às Forças Armadas do Burkina Faso. Estes militares integram as equipas de formação no âmbito da Missão de Treino da União Europeia no Mali, destinando-se este curso a habilitar os militares das Forças Especiais do Burkina Faso com as competências técnicas e táticas para o desempenho de funções de atiradores especiais.

no YOUTUBE:

No exercício GOLFINHO 21 foi testada a capacidade da Zona Militar da Madeira em exercer o comando e controlo de uma operação de resposta a um acidente grave ou a uma catástrofe e o emprego das capacidades previstas no Plano Auxílio, que prevê a atuação do Exército, no âmbito do apoio militar de emergência na Região Autónoma da Madeira. O cenário tem por base uma catástrofe natural, que obriga, em apoio das populações, à projeção dos módulos de intervenção para as regiões afetadas.

558 visualizações



no FACEBOOK:

A 9.ª Força Nacional Destacada na República Centro-Africana (RCA) foi distinguida com a Medalha das Nações Unidas. Os militares portugueses foram distinguidos pelo seu desempenho na Missão Multidimensional Integrada das Nações Unidas para a Estabilização da RCA. A cerimónia militar, que teve no lugar no Campo M'Poko, em Bangui, contou com a presença de diversas entidades civis e militares.

1,4 mil gostos
163,6 mil seguidores

no TWITTER:

1044 seguidores

Decorreu no dia 1 de outubro, na Escola de Sargentos do Exército, nas Caldas da Rainha, a Cerimónia de Entrega dos Cintos de Cerimónia e dos Diplomas de Curso ao 48.º Curso de Formação de Sargentos (48CFS) dos Quadros Permanentes do Exército, constituído por 67 alunos, 63 homens e 4 mulheres.

Sumário

Mensagem do CEME 04

Figuras e Factos

Destaque 06
Território Nacional 08
Outras Notícias 10

Atualidades

... mais que mil palavras 12
Comemorações
– Dia do Exército 14
Exercícios
– Participação do Exército na *tailored Forward Presence* Roménia 21 22
Exercícios
– CELULEX 21 26
Cooperação
– O Projeto de Cooperação com o Exército de Angola 32
Testemunho
– Segundo-Cabo Fábio Silva 39
Lá por Fora
– Obus Autopropulsionado CEASER 8x8 40
– A Mula 41

Cultura e Lazer

Uma Visão da História
– A Bíblia em Portugal 42
Roteiros Militares 46
Livros, Revistas & Filmes 48
Peças Icónicas 50

Imagem da sub-rubrica *"... mais que mil palavras"*: Trabalhos de desassoreamento da Ribeira de Silvalde em Espinho **(Foto :** RE3**)**

Imagem da Capa : Dia do Exército 2021 em Aveiro **(Foto :** CAVE **)**

Jornal do EXÉRCITO

Órgão de divulgação e preservação da cultura militar, nos termos da alínea *a)*, do artigo 75.º, do Decreto Regulamentar n.º 11/2015, de 31 de julho

PROPRIEDADE DO ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO – Rua do Museu da Artilharia, 1149-065 LISBOA, Contactos: Tel. Civil: 218 842 300; tel. militar – 423 000; Fax civil: 218 842 527; fax militar: 423 227; e-mail: eme@exercito.pt. **Sede da Direção, Redação, Edição e Administração**: Palácio dos Condes de Resende, Campo de Santa Clara, 34, 1100-469 Lisboa. **NIPC**: 600021610. **Contactos**: tel. civil: 213 567 795; tel. militar: 414 026; fax civil: 213 567 791; fax militar: 414 091; *e-mails*: JE@exercito.pt; *site* oficial: www.exercito.pt. **Estatuto Editorial**: https://www.exercito.pt/pt/quem-somos/organizacao/ceme/gabeceme/je; **Direção – Diretor**: Cor Cav António Marcos de Andrade; **Subdiretor**: TCor Tm Carlos Pires de Sousa; **Secretária**: AssTec Joana Moita; **Condutor**: 1Cb RC Rui Pires; **Redação – Chefe**: TCor Tm Carlos Pires de Sousa; **Assistente de Redação**: SAj SGE David Custódio; 1Sarg PesSec Mónica Martins; **Colaboradores permanentes da Redação**: Alf RC Jaime Pereira; TSup João Moreira Tavares; TSup Tânia Espírito Santo; AssTec Guiomar Brito; **Serviços Administrativos – Chefe**: TCor Tm Carlos Pires de Sousa; **Secretaria e Distribuição**: SCh SGE Carlos Claudino, 1Cb RC Rui Pires; **Colaboração Fotográfica**: Centro de Audiovisuais do Exército; RCRPP/GabCEME; **Execução Gráfica**: Jorge Fernandes, Lda. – Rua Quinta Conde de Mascarenhas n.º 9, 2820-652 Charneca de Caparica, Tel: 212 548 320, *e-mail*: geral@jorgefernandes.pt; Tiragem: 4.000 exemplares. Depósito Legal n.º 1465/82 ISSN – 0871/8598. **Preço de Capa**: €2,00; **Assinatura anual** (11 números): **via superfície** – Continente, Açores e Madeira: €20,00; **via aérea** – países europeus: €45,00; restantes países: €65,00. Os artigos publicados com indicação de autor são da inteira responsabilidade dos mesmos, não refletindo, necessariamente, o pensamento do Comando do Exército Português.

Mensagem do Chefe do Estado-Maior do Exército no âmbito das comemorações do Dia do Exército

Oficiais, Sargentos, Praças e Trabalhadores Civis do Exército

É com subida satisfação e destacado orgulho que o Comandante do Exército se dirige a todos vós e à Família Militar, por ocasião do Dia do Exército.

Comemorar o Exército é celebrar a sua história, o seu presente e prospetivar o seu futuro. É perpetuar a sua identidade institucional enquanto pilar basilar do Estado no seu propósito de servir.

Em 2020, não foi possível realizar esta efeméride, no seu conceito tradicional, fruto das circunstâncias impostas pela COVID-19. Contudo, também com o contributo do Exército, foi possível ao País superar os desafios sanitários impostos e concretizar, neste ano de 2021, na cidade de Aveiro as comemorações do Dia do Exército.

Os últimos 18 meses foram indelevelmente pautados por uma abrupta mudança na nossa vida individual e coletiva, que impeliram o Exército e as Forças Armadas a intervir de modo atempado, decisivo e mesmo inovador.

O contributo do Exército para o esforço nacional de prevenção e combate à COVID-19 traduziu-se, desde março de 2020 até ao presente, no apoio a mais de três mil entidades de variada natureza, presentes em 279 municípios, cobrindo a maioria do território nacional.

De forma pronta, abnegada, sólida e versátil, o Exército reforçou, em Lisboa e no Porto, o Hospital das Forças Armadas com pessoal e material; distribuiu medicamentos, equipamentos de proteção individual, dispositivos médicos e gel desinfetante; sensibilizou e descontaminou lares de idosos, escolas e estabelecimentos prisionais; montou e cedeu estruturas temporárias de saúde; realizou testes de diagnóstico da infeção; realizou rastreios e inquéritos epidemiológicos; agendou presenças, montou e operou pontos de vacinação; georreferenciou estabelecimentos de saúde para a respetiva gestão integrada; disponibilizou instalações e alojamento; distribuiu refeições a pessoas carenciadas.

No âmbito das estruturas de saúde do Exército, é justo mencionar o apoio direto que foi garantido ao Serviço Nacional de Saúde, através do Centro de Apoio Militar COVID-19, levantado nas instalações do antigo Hospital Militar de Belém, bem como das unidades de saúde de Coimbra e de Évora.

Neste domínio, é com satisfação que assistimos, no passado dia 15 de outubro, ao ato formal de criação do Laboratório Nacional do Medicamento, produto da reestruturação do Laboratório Militar de Produtos Químicos e Farmacêuticos.

Quanto ao emprego de Forças, o Exército prosseguiu o aprontamento, a projeção e o emprego de Elementos e Forças Nacionais Destacadas. 919 militares estiveram empenhados na República

Centro-Africana, no Afeganistão, no Mali, na Somália, no Iraque, no Kosovo, em Moçambique, na Roménia e em Espanha, durante 2021. Foi particularmente notado o fim da presença militar portuguesa no Teatro de Operações do Afeganistão, que culminou com a notável e arriscada operação de resgate de cidadãos afegãos, até território nacional, prontamente participada por quatro militares do Exército.

Adicionalmente, cerca de meia centena de militares do Exército mantêm o contributo para 13 projetos de cooperação no domínio da defesa, em países de língua oficial portuguesa.

Também em território nacional, o Exército continuou a responder com ações de apoio ao desenvolvimento e bem-estar das populações, que envolveram proteção biológica, química e radiológica, apoio sanitário, beneficiação e manutenção de infraestruturas locais, bem como mitigação de consequências de catástrofes naturais.

No âmbito do patrulhamento, vigilância, prevenção, deteção e rescaldo de incêndios rurais, nos últimos doze meses, o Exército empenhou mais de 5250 militares, num total de 2339 missões, designadamente no apoio à Autoridade Nacional de Emergência e Proteção Civil, ao Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas e a diversos municípios.

Por cada militar em operações, muitos houve a quem competiu planear, instruir, equipar, transportar e sustentar. São elementos que desenvolvem tarefas de forma quase anónima, mas indispensáveis para o sucesso coletivo.

Enquanto corolário do esforço desenvolvido por todos, podemos afirmar que o Exército cumpre hoje melhor. No final de 2020, invertemos a tendência regressiva de militares nos regimes de voluntariado e de contrato verificada na última década.

De igual modo, foi acrescido o esforço em torno da melhoria das condições infraestruturais das Unidades, Estabelecimentos e Órgãos, com efeitos na motivação e na coesão.

No âmbito dos recursos materiais, avultam os projetos de reequipamento, também preponderantes na modernização do Exército. Neste capítulo, no ano decorrido foram determinantes a implementação do novo fardamento em missões no exterior, a continuação da receção do novo armamento ligeiro, das viaturas táticas ligeiras blindadas VAMTAC ST5, e de equipamentos do Sistema do Combate do Soldado, de comunicações e de vigilância eletrónica.

Na realidade, as capacidades e as atividades do Exército estão hoje mais divulgadas e, por isso, são mais percecionadas, compreendidas e aceites. Apraz-nos, por exemplo, relembrar um recente inquérito de âmbito nacional sobre a aceitabilidade pública das instituições portuguesas, onde o Exército surgiu destacado nos lugares cimeiros.

Não obstante, os desafios mantêm-se, pelo que importa prosseguir o esforço global do Exército, norteado pelos objetivos estratégicos estabelecidos.

Procurar a inovação, acompanhando a modernidade, o progresso e a rápida evolução dos sistemas e procedimentos.

Fomentar a atratividade, fator essencial de perenidade e de regeneração do elemento humano.

Agir com prontidão, para emprego onde, quando e do modo necessário.

Oficiais, Sargentos, Praças e Trabalhadores Civis do Exército.

Uma palavra de forte estímulo e reconhecimento é devida a todos vós, Mulheres e Homens, que no desempenho da vossa missão, têm trabalhado com afinco no propósito de que o Exército de hoje consolide o valor instituído pelos seus antepassados e seja refletida na memória coletiva.

Exortamos todos e a cada um ao esforço de promoção e manutenção da união, solicitude, generosidade e espírito de bem servir, atributos, essenciais para que possamos prosseguir com inteligência, firmeza, rigor, disciplina e coesão, cumprindo melhor, para prestígio das Forças Armadas e em honra de Portugal!

José Nunes da Fonseca
General

Foi assinalada, no dia 15 de outubro, a criação do Laboratório Nacional do Medicamento, tendo a cerimónia contado com a presença do Ministro da Defesa Nacional, João Gomes Cravinho, entre outras entidades, civis e militares

Cerimónia de criação do Laboratório Nacional do Medicamento

A cerimónia de inauguração do Laboratório Nacional do Medicamento (LNM) decorreu no dia 15 de outubro, em Lisboa, e foi presidida pelo Ministro da Defesa Nacional, Professor Doutor João Gomes Cravinho, tendo contado com a presença do Secretário de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, Professor Doutor João Sobrinho Teixeira; do Secretário de Estado da Saúde, Dr. Diogo Serras Lopes; do Chefe do Estado-Maior do Exército (CEME), General José Nunes da Fonseca, entre outras entidades militares e civis.

Após o descerramento da placa de criação do LNM decorreu a Sessão Solene, que teve início com a apresentação de um filme evocativo dos 103 anos da história do Laboratório Militar de Produtos Químicos e Farmacêuticos (LMPQF) – mais conhecido por Laboratório Militar (LM) – agora extinto e que em muito prestigiou o Exército e a Defesa Nacional. Finda a apresentação teve lugar a tomada de posse do Diretor do novo Laboratório, Coronel Ramalho da Silva.

O estatuto do LNM especifica que é um órgão do Exército, dotado de autonomia administrativa e financeira e património próprio, funcionando na

dependência do CEME. Herda todos os direitos e obrigações do LMPQF, sendo-lhe acrescidas outras responsabilidades, enquanto laboratório do Estado, nomeadamente uma maior intervenção pública no setor do medicamento e a promoção da investigação e do conhecimento científico, mantendo a marca LM.

O LMPQF, nos seus apreciáveis 103 anos de existência, serviu o País ininterruptamente e de modo notável. Teve a sua origem na Farmácia Central do Exército, criada em 1918, essencialmente em resultado das experiências recolhidas na Flandres, durante a 1.ª Guerra Mundial.

O LMPQF foi-se progressivamente consolidando como um esteio de médicos, enfermeiros e socorristas, militares e civis, na respetiva incumbência de prestação de apoio logístico nas áreas do medicamento e material sanitário às Forças Armadas, em particular às Forças destacadas para o exterior do Território Nacional, assim como de cooperação com os mais relevantes organismos e entidades nacionais da área da saúde.

O agora LNM dispõe, por isso, atualmente das melhores condições, possíveis e suficientes, para o seu arranque, quer em termos de pessoal como ao nível das instalações, equipamentos, materiais e matérias-primas essenciais. A criação deste Laboratório insere-se numa aposta na produção nacional no setor do medicamento, garantindo a produção estratégica de medicamentos essenciais, suprindo as necessidades não cobertas pela indústria farmacêutica e permitindo, ainda, o incremento do desenvolvimento económico. Insere-se, também, na promoção do sistema científico e tecnológico nacional no setor do medicamento, incentivando a investigação pública e a inovação terapêutica.

211.º Aniversário da Batalha do Buçaco

O Exército, através da Direção de História e Cultura Militar, participou na cerimónia comemorativa do 211.º aniversário da Batalha do Buçaco, que teve lugar junto ao monumento evocativo da batalha, no Terreiro do Monumento, na Mata do Buçaco, no dia 27 de setembro.

A cerimónia, presidida pelo Diretor de História e Cultura Militar, Major-General Aníbal Alves Flambó, contou com a presença dos Presidentes das Câmaras Municipais da Mealhada e de Penacova e dos Adidos de Defesa do Reino Unido e de França, entre outras entidades militares e civis.

A Batalha do Buçaco foi travada, a 27 de setembro de 1810, entre as Forças anglo-lusas e as tropas francesas, terminando com a vitória aliada sobre as Forças invasoras.

O programa da cerimónia incluiu a celebração de uma missa campal, concelebrada pelo Major Capelão José Marcelino Pereira e pelo Pároco da freguesia do Luso; uma evocação histórica da batalha, pelo Sargento-Chefe Jorge Sousa Gomes, da Direção de História e Cultura Militar e a cerimónia de homenagem aos mortos, com a deposição de coroas de flores junto ao monumento evocativo da batalha.

A Força que constituiu a Guarda de Honra integrou uma Secção do Regimento de Infantaria n.º 14, um Terno de Clarins do Destacamento da Fanfarra do Exército em Coimbra e elementos da Associação Napoleónica Portuguesa.

Comandante da MINUSCA visita o Exército Português

No dia 29 de setembro, o Comandante da Missão Multidimensional Integrada das Nações Unidas para a Estabilização da República Centro-Africana (MINUSCA), Tenente-General Daniel Sidiki Traoré, visitou o Exército Português, tendo sido inicialmente recebido no Regimento de Comandos, pelo Comandante das Forças Terrestres, Tenente-General António Martins Pereira e pelo Comandante da Brigada de Reação Rápida, Brigadeiro-General Gonçalves Soares.

Após a sessão de apresentação de cumprimentos teve lugar um brífingue sobre o Exército Português, pelo Brigadeiro-General Gonçalves Soares, seguindo-se a visita a uma exposição de equipamento, armamento e viaturas que equipam o Batalhão de Comandos.

O programa integrou, ainda, uma demonstração de capacidades, com a execução de sessões de treino físico operacional e combate corpo a corpo e uma demonstração tática com recurso a fogo real.

O Comandante da MINUSCA reuniu, ainda, com o Tenente-Coronel Comando Simões Pereira, Comandante da 10.ª Força Nacional Destacada para a República Centro-Africana, e dirigiu algumas palavras aos militares da Força, que será brevemente projetada para aquele Teatro de Operações.

A terminar a visita, o Comandante da MINUSCA foi recebido pelo Chefe do Estado-Maior do Exército, General José Nunes da Fonseca.

Entrega das espadas aos Oficiais que ingressaram nos Quadros Permanentes

A 1 de outubro, na Academia Militar, em Lisboa, realizou-se a cerimónia da entrega das espadas aos 61 Oficiais (50 homens e 11 mulheres) que ingressaram nos Quadros Permanentes do Exército Português.

A cerimónia, presidida pelo Ministro da Defesa Nacional (MDN), Professor Doutor João Gomes Cravinho, contou com a presença do Chefe do Estado-Maior do Exército (CEME), General José Nunes da Fonseca, e do Comandante-Geral da Guarda Nacional Republicana, Tenente-General Rui Clero, entre outras entidades militares e civis.

Na sua intervenção, o CEME congratulou os novos Oficiais "pela opção tomada, de abraçar e prosseguir a carreira das armas, e pela consequente conclusão de uma exigente formação inicial", tendo dirigido também uma palavra de deferência aos seus familiares e amigos, enaltecendo que "tal como no dia do Juramento de Bandeira", a sua presença reflete apoio incondicional às opções, vontades e aspirações dos Oficiais.

O MDN, no seu discurso, destacou que "a espada representa não só a autoridade como também a vida militar. É entregue, solenemente, como símbolo material da autoridade, que deve ser usada na aplicação dos mais legítimos princípios da honra cultivados e praticados ao longo da carreira. A espada simboliza e enaltece a aplicação dos princípios e valores caracterizadores do Oficial, no uso da autoridade militar de que é investido, para cumprir e fazer cumprir os deveres e obrigações militares".

48.º Curso de Formação de Sargentos do Exército ingressa nos Quadros Permanentes

Decorreu no dia 1 de outubro, na Escola de Sargentos do Exército, nas Caldas da Rainha, a cerimónia de entrega dos cintos de cerimónia e dos diplomas de curso ao 48.º Curso de Formação de Sargentos (48CFS) dos Quadros Permanentes do Exército, constituído por 67 alunos, 63 homens e 4 mulheres.

A cerimónia, presidida pela Secretária de Estado de Recursos Humanos e Antigos Combatentes (SERHAC), Professora Doutora Catarina Sarmento e Castro, contou com a presença do Chefe do Estado-Maior do Exército, General José Nunes da Fonseca; do Vice-Chefe de Estado Maior do Exército, Tenente-General Rui Davide Guerra Pereira; dos Diretores Honorários das Armas e dos Serviços do Exército e do Bispo das Forças Armadas e das Forças de Segurança, D. Rui Valério, entre outras entidades militares e civis.

A SERHAC, na sua alocução, congratulou os alunos do 48CFS pelo que "conseguiram atingir, após dois anos de formação intensa e desafiante, onde por certo desenvolveram as capacidades para abraçar a missão de vida que significa ser Sargento dos Quadros Permanentes do Exército".

Na parada D. Afonso Henriques, seguiu-se a bênção e a entrega dos cintos pelo Bispo das Forças Armadas e das Forças de Segurança, juntamente com o diploma de curso, aos alunos: 30 de Infantaria, 14 de Artilharia, 15 de Cavalaria, dois de Engenharia, dois de Administração Militar e quatro músicos.

Exército Português participa no exercício GREEN SCORPIONS 21.3

Decorreu de 20 de setembro a 1 de outubro, na Roménia, o exercício multinacional GREEN SCORPIONS 21.3, que contou com a participação da Companhia de Atiradores Mecanizada, do Regimento de Infantaria n.º 14, que integra o Agrupamento *Very High Readiness Joint Task Force* 2022, no âmbito da missão da NATO *Tailored Forward Presence*.

Este exercício contou com a participação de 99 militares do Exército Português, decorrente da cooperação da Companhia portuguesa com o 22.º Batalhão de Infantaria romeno da Brigada Multinacional Sudeste.

Este exercício, que reuniu 400 militares aliados de nacionalidades portuguesa, romena, polaca e norte-americana, teve como finalidade facilitar a interoperabilidade entre os estados-membros da NATO, estabelecendo técnicas, táticas e procedimentos comuns, para garantir as condições necessárias ao cumprimento conjunto das missões atribuídas.

Exercício conjunto BETA 21

O Exército Português participou, através da *Task Force* ALFA (TF ALFA) da Brigada Mecanizada, no exercício BETA 21, que teve lugar no campo de manobras de São Gregório, em Saragoça, entre 27 de setembro e 3 de outubro.

A TF ALFA foi incorporada na estrutura de Forças da Brigada espanhola *Extremadura* XI e treinou e executou tarefas orientadas para as operações ofensivas e de combate urbano, com a integração de Unidades de Apoio de Combate, onde se destaca a Unidade de Sapadores (constituída por Forças portuguesas e espanholas), e de Apoio de Serviços, garantido por Forças nacionais integradas na área de apoio implementada.

O planeamento pormenorizado e rigoroso da projeção e retração da TF ALFA, equipada com viaturas blindadas de transporte de pessoal M113 e carros de combate *Leopard* 2 A6, permitiu treinar o planeamento logístico inerente à projeção e retração de Forças mecanizadas para fora do Território Nacional, a longas distâncias.

Esta participação revelou-se uma oportunidade singular para o treino operacional combinado de Forças pesadas, permitindo, num ambiente com características táticas muito próprias, a troca de conhecimentos e o aprofundamento da interoperabilidade entre Forças portuguesas e espanholas.

Primeiro-Ministro preside à cerimónia de receção do Estandarte Nacional da última Força Nacional Destacada no Afeganistão

Presidida pelo Primeiro-Ministro, Dr. António Costa, decorreu no dia 29 de setembro, no Campo Militar de Santa Margarida a cerimónia de receção do Estandarte Nacional da última Força Portuguesa no Teatro de Operações (TO) do Afeganistão, a 6.ª Força Nacional Destacada, que cumpriu a sua missão no âmbito da missão da NATO *Resolute Support*.

A cerimónia contou igualmente com a presença do Ministro da Defesa Nacional, do Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, do Presidente da Câmara Municipal de Constância, do Secretário de Estado Ajunto e da Defesa Nacional, da Secretária de Estado de Recursos Humanos e Antigos Combatentes, do Chefe do Estado-Maior do Exército e do Chefe do Estado-Maior da Força Aérea, entre outras entidades militares e civis.

Na sua intervenção, o Primeiro-Ministro recordou, honrou e agradeceu a todos os militares portugueses empenhados no TO do Afeganistão, destacando as "excecionais qualidades dos militares portugueses, que demonstram da parte das nossas Forças Armadas o extraordinário espírito de serviço e o inabalável compromisso em defesa dos valores e dos interesses nacionais".

Orquestra Ligeira do Exército atuou no âmbito da 67.ª Sessão Anual da Assembleia Parlamentar da NATO

No âmbito da 67.ª Sessão Anual da Assembleia Parlamentar da NATO, a Orquestra Ligeira do Exército atuou no Antigo Picadeiro Real, em Lisboa, no dia 9 de outubro, tendo o evento sido presidido pelo Presidente da Assembleia da República, Dr. Eduardo Ferro Rodrigues.

Este evento contou com cerca de 250 pessoas, tendo estado presentes o Presidente da Comissão de Defesa Nacional e o Presidente da Delegação Portuguesa da Assembleia Parlamentar da NATO, entre outras entidades.

A Orquestra Ligeira do Exército interpretou um conjunto de temas dos mais diversos géneros musicais, como *Wind Machine* de Sammy Nestico, *Bang Bang* de Jessie J, num repertório onde dominou a música portuguesa.

A terminar o evento, a audiência foi presenteada com a atuação da jovem fadista Sara Correia.

12.

Trabalhos de desassoreamento da Ribeira de Silvalde em Espinho

[Aveiro]

Dia do Exército 2021

Em Aveiro, junto do Jardim da Fonte Nova, o Exército foi recebido pelos aveirenses entre os dias 20 e 24 de outubro, tendo a população participado de forma entusiasta nas comemorações

Texto : Alf RC Jaime Pereira | Redator do JE

O Dia do Exército é comemorado tradicionalmente a 24 de outubro, evocando a conquista de Lisboa aos Mouros, no ano de 1147, pelas tropas de D. Afonso Henriques. Atualmente, em estreita colaboração com as autarquias, o Exército tem vindo a comemorar em diferentes cidades do País o seu dia festivo.

As comemorações do Dia do Exército são um conjunto de eventos, de celebrações e atividades de natureza militar, cultural e recreativa que, ao longo de cerca de cinco dias, revelam ao País, em particular às populações da região onde se con-

"A história do Exército Português é indissociável das grandes transformações do nosso País."

[Ministro da Defesa Nacional, Professor Doutor João Gomes Cravinho]

centram, uma instituição ao serviço de Portugal e dos Portugueses.

Este ano, em Aveiro, mais concretamente junto do Jardim da Fonte Nova, o Exército foi recebido pelos aveirenses entre os dias 20 e 24 de outubro, tendo a população participado de forma entusiasta nas atividades e demonstrações que o Exército trouxe a Aveiro.

Do programa das comemorações do Dia do Exército destaca-se, a 20 de outubro, a apresentação do livro *O Exército e o Condestável D. Nuno Álvares Pereira – O Combatente na Arte*, de Augusto Moutinho Borges, e a inauguração oficial da Expo Exército 2021, no Jardim da Fonte Nova.

No dia 22 de outubro, na Praça Marquês de Pombal, teve lugar o concerto da Orquestra Ligeira do Exército, com a participação de Rita Guerra. No dia 23 de outubro foi o dia da evocação e homenagem a D. Afonso Henriques, na Igreja de Santa Cruz, em Coimbra, ocorrendo também o encontro gímnico com a participação do Colégio Militar, Instituto dos Pupilos do Exército, Escola Gímnica de Aveiro e Clube Atlético Póvoa Pacense, na Praça Marquês de Pombal. Por último, às 18h00, decorreu o concerto da Banda Sinfónica do Exército, com a participação de Sofia Escobar, no Teatro Aveirense.

O ponto alto das comemorações do Dia do Exército foi a 24 de outubro, com a missa de Ação de Graças e Sufrágio, concelebrada pelo Bispo das Forças Armadas e das Forças de Segurança, D. Rui Manuel Sousa Valério, e pelo Bispo de Aveiro, D. António Moiteiro Ramos, na Sé Catedral, e a cerimónia militar, no Cais da Fonte Nova.

O Ministro da Defesa Nacional (MDN), Professor Doutor João Gomes Cravinho, presidiu à

cerimónia militar, acompanhado pelo Chefe do Estado-Maior do Exército (CEME), General José Nunes da Fonseca; pelo Presidente da Câmara Municipal de Aveiro, Engenheiro José Ribau Esteves; pelo Presidente da Comissão de Defesa Nacional, Dr. Marcos Perestrello, entre outras entidades, civis e militares. A cerimónia militar terminou com o desfile das Forças em Parada, de uma Força Ligeira da Brigada de Reação Rápida equipada para combate e das Forças motorizadas. Seguiram-se ainda demonstrações de atividades operacionais e das capacidades de apoio militar de emergência, assim como o salto em queda livre de cinco militares paraquedistas da equipa Falcões Negros.

O MDN, na sua intervenção, enalteceu o papel excecional desempenhado pelo Exército no último ano e meio de pandemia, desafio a que respondeu "com enorme determinação, empenho, dinamismo, flexibilidade e pragmatismo", tendo apontado diversos exemplos dos vários apoios prestados. O MDN assinalou também que o Exército empenhou neste ano 919 militares nas Forças Nacionais Destacadas, que se distinguiram "pela sua proficiência, pelo seu treino e capacidade de atuação, mas também pela sua coragem, empenho e bravura, dando continuidade ao trabalho de excelência dos militares portugueses, e honrando a sua reputação".

> **"O ponto alto das comemorações do Dia do Exército foi a 24 de outubro, com a missa de Ação de Graças e Sufrágio (...) e a cerimónia militar, no Cais da Fonte Nova."**
>
> **[Alferes RC Jaime Pereira, Redator do Jornal do Exército]**

O CEME, na sua alocução, enalteceu o trabalho dos militares e civis que servem no Exército Português e dirigiu a todos os presentes palavras de apreço e de contentamento pelo facto de terem correspondido ao convite para testemunharem as comemorações do Dia do Exército. No balanço que fez do ano de 2021, destacou o auxílio ao combate à COVID-19, assim como a presença dos nossos militares nos vários Teatros de Operações. No próximo ano, com o retorno à normalidade, o Exército tem como objetivo otimizar as capacidades militares terrestres, otimizar a obtenção e gestão de recursos e potenciar a formação, o ensino e o desenvolvimento de lideranças.

No Jardim da Fonte Nova, no final da tarde, teve lugar a cerimónia do arriar da Bandeira Nacional e das bandeiras da Câmara Municipal de Aveiro e do Exército Português, momento que marcou o fim das comemorações do Dia do Exército de 2021. Esta cerimónia foi presidida pelo Chefe do Gabinete do Chefe do Estado-Maior do Exército, Major-General José Feliciano, acompanhado pelo Chefe do Gabinete do Presidente da Câmara Municipal de Aveiro, Engenheiro Guilherme Carlos.

Nestes cinco dias de comemorações destaque, ainda, para a moldura humana presente, em especial na cerimónia militar, o que demonstra bem a abertura e a cooperação entre a população e a instituição militar. ع

Mensagem do Presidente da República e Comandante Supremo das Forças Armadas

"Comemora-se hoje o Dia do Exército Português.

Trata-se de evocar um dos mais subidos feitos de armas do nosso País, a Conquista de Lisboa, em 1147, por D. Afonso Henriques, Patrono do Exército.

As qualidades do primeiro rei de Portugal têm sido, por isso, uma referência constante e um estímulo permanente para quem abraçou a carreira das armas. Os valores legados pelo Conquistador continuam bem presentes nos tempos atuais.

Confrontado com a ainda atual situação de pandemia, o Exército soube adaptar-se rapidamente para fazer face a esta ameaça inusitada, desempenhando um papel essencial na contenção da mesma. Nunca regateando esforços, o Exército soube estar sempre em ação, soube dizer presente, soube, enfim, fazer melhor, na missão de contribuir para a melhoria da qualidade de vida das populações, demonstrando a sua credibilidade junto dos Portugueses.

Neste dia festivo, o Presidente da República e Comandante Supremo das Forças Armadas presta, desta forma, rendida homenagem a todos os que serviram e servem no muito prestigiado Exército Português.

Uma palavra especial de apreço a todos os militares do Exército que atualmente, nos mais diversos Teatros de Operações onde estão destacados, prosseguem o desígnio de cumprir Portugal.

Foi assim, em Aljubarrota e em La Lys, no Kosovo e em Timor-Leste, tem sido assim no Afeganistão e na República Centro-Africana. Será sempre assim, onde e quando Portugal precisar do seu Exército! "Em perigos e guerras esforçados". Desde São Mamede!

Ontem, como amanhã:

"Que farei eu com esta espada?

Ergueste-a, e fez-se."

24 de outubro de 2021
Marcelo Rebelo de Sousa
Presidente da República

Comemorações do Dia do Exército

Atividades de 20 a 24 de outubro

20 de outubro
Apresentação do livro *O Exército e o Condestável D.Nuno Alvares Pereira - O Combatente na Arte*, na Biblioteca Municipal de Aveiro

20 de outubro
Inauguração oficial da Exposição do Exército, no Jardim da Fonte Nova

22 de outubro
Evocação e Homenagem a D.Afonso Henriques, na Igreja de Santa Cruz em Coimbra

22 de outubro
Concerto da Orquesta Ligeira do Exército com a participação de Rita Guerra, na Praça de Marquês de Pombal

23 de outubro
Encontro Gímnico do Colegio Militar, Púpilos do Exército, Escola Gímnica de Aveiro e Centro Atlético Povoa Pacence, na Praça Marquês de Pombal

23 de outubro
Concerto da Banda Sinfónica do Exército com a participação de Sofia Escobar, no Teatro Aveirense

24 de outubro
Missão de Ação de Graças e Sufrágio, na Sé Catedral em Aveiro

24 de outubro
Cerimónia Militar, no Cais da Fonte Nova

Testemunhos

Alferes Duarte Gomes, 31 anos, Viseu

Direção de Produção do Laboratório Nacional do Medicamento

"No Dia do Exército nós estamos a divulgar a atividade envolvente do Laboratório Nacional do Medicamento. O feedback geral que temos obtido das pessoas é que estas ficam impressionadas com a variedade de valências do Exército. A opinião geral é que as exposições como esta são de extrema importância para a aproximação da população e para o conhecimento das pessoas acerca de todos os meios que o Exército dispõe."

Furriel Costel Borcan, 24 anos, Aveiro
Regimento de Transmissões

"Estamos aqui com a tenda do Battlefield Management System, que permite acompanhar movimentos das nossas Forças em tempo real e reagir de acordo com os incidentes que possam ou não acontecer. As pessoas, principalmente as mais idosas, são mais curiosas em relação a este sistema. É engraçado que façam a comparação entre o tempo delas na tropa e a atualidade."

Soldado Magda Ferreira, 23 anos, Aveiro

Regimento de Paraquedistas

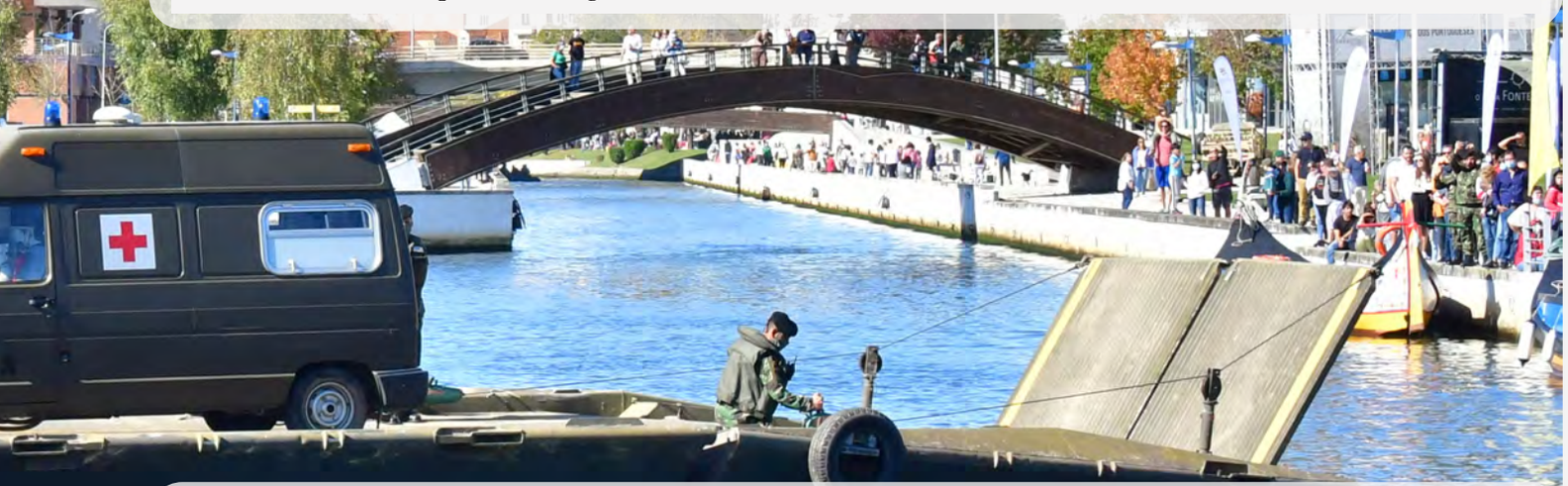
"Sou de Comunicações, mas atualmente estou a trabalhar como condutora. Vim para cá com a missão de conduzir o pessoal da cinotecnia para participar no desfile. As pessoas estão a achar o Dia do Exército muito engraçado, gostam principalmente de manusear as armas, entrar nas viaturas, saber o que se passa no Exército e como é o dia a dia dos militares."

Alfredo Pinto, 77 anos, Aveiro

"Não vim matar saudades, mas ver. Fiz 47 meses de tropa e estive 27 meses em Angola, perto da zona da Belavista e arredores. Fui Alferes miliciano. Confesso que gostei de ver esta exposição, a curiosidade das crianças nas armas e viaturas, no entanto acho que a arma só é necessária quando é utilizada para o bem. A cidade de Aveiro recebeu bem o Exército e isso deixa-me feliz."

José Costa, 89 anos, Aveiro

"Servi o Exército, servi os Bombeiros. Em 1953 apresentei-me como Praça, em Queluz. Depois fui para a Figueira da Foz, de lá para Santa Margarida. Hoje já estou reformado. Gostei muito, vim aqui todos os dias. Ouvi na rádio de manhã, na quarta-feira, e passei cá quando ia visitar a minha mulher ao cemitério. Foi uma bonita coincidência. Gostei muito de confraternizar com estes militares, foram todos muito simpáticos comigo."



António Teixeira, 69 anos, Coimbra

"Tenho gostado muito de aqui estar. Fui militar em Moçambique. Felizmente fui e voltei, não tive doenças, não tive azares como outros camaradas meus. Gostei muito desta iniciativa. É evidente que a guerra nunca é boa, a guerra é para fazer a paz, mas eu acho que era preferível fazer a paz e não a guerra. Vivo aqui em Aveiro há quarenta anos e acho que a cidade soube responder e receber bem o nosso Exército."

[Roménia]

Participação do Exército na *tailored Forward Presence* – Roménia 21

A Força nacional, composta por uma Companhia de Atiradores Mecanizada do 2.º Batalhão de Infantaria Mecanizado de Rodas, cumprirá uma missão de 90 dias com outras Forças da NATO, para aperfeiçoar a interoperabilidade entre os países da Aliança

Texto : Cap Inf Luís Silva | Comandante da Companhia de Atiradores Mecanizada da *tailored Forward Presence* na Roménia - 2021

O projeto da *tailored Forward Presence* (tFP) é uma iniciativa da NATO que visa desenvolver uma estrutura de treino integrado, a fim de proporcionar uma postura defensiva e dissuasora da Aliança na região do Mar Negro. Com a afiliação do 2.º Batalhão de Infantaria Mecanizado de Rodas à *Multinational Brigade South-East* (MNBde-SE), surgiu a oportunidade de uma Companhia de Atiradores Mecanizada participar numa missão de 90 dias na Roménia, constituindo-se, assim, a designada CAtMec/tFP/ROU21, com a finalidade de garantir

> "A Força é constituída por 99 militares, dos quais 82 pertencem à Unidade de Manobra e 17 militares constituem o Módulo de Apoio."

a prontidão e competência técnico-tática, e potenciar a interoperabilidade com as outras Forças da NATO presentes no Teatro de Operações da Roménia. A Companhia está integrada no 22.º Batalhão de Infantaria romeno (22BI ROU), aquartelado em Caracal, que por sua vez se encontra sob o comando da MNBde-SE, sediada em Craiova.

A Força é constituída por 99 militares, dos quais 82 pertencem à Unidade de Manobra e 17 militares constituem o Módulo de Apoio. A Unidade de Manobra possui três Pelotões de Atiradores (um destes proveniente do Regimento de Infantaria n.º 13) e a Secção de Comando. O Módulo de Apoio tem a seguinte constituição: Módulo de Reabastecimento e Transportes, Módulo Sanitário, Módulo de Transmissões e Módulo Financeiro, integrando militares dos Regimentos de Infantaria n.º 13 e n.º 14, Regimento de Transmissões e do Hospital das Forças Armadas – Polo do Porto.

O aprontamento da Força iniciou-se a 28 junho e nele foram realizadas as tarefas necessárias para preparar a projeção e sustentação da Companhia. Inicialmente foram executadas tarefas de cariz administrativo-logístico, sanitário e de formação, orientadas para a obtenção de qualificações e proficiências individuais. No decorrer do aprontamento foram elaborados vários planos, destacando-se o de treino operacional, que discrimina os conteúdos gerais de formação e treino a realizar durante o aprontamento, visando dotar e aperfeiçoar a Força com os índices psíquicos, físicos e técnicos imprescindíveis ao cumprimento da missão. Inicialmente foi assegurado o treino individual, seguindo-se o nivelamento coletivo, através de atividades de treino integradas. O aprontamento sanitário constitui-se como a tarefa mais desafiante, pois com o tempo de aprontamento bastante reduzido, com as normais alterações da Ordem de Batalha, e muito especialmente condicionado pela situação pandémica que se vive, levou a um redobrado esforço para que todos os militares projetados estivessem com a sua situação clínica verificada, incluindo a vacinação contra a COVID-19.

De modo a facilitar a receção da Companhia na Roménia, foi nomeado um destacamento avançado com seis militares, com a responsabilidade de verificar e validar o constante na *Statement of Requirements*. O destacamento avançado partiu de Lisboa no dia 3 de setembro, num voo civil com destino a Bucareste, e efetuou posteriormente um deslocamento rodoviário até à cidade de Caracal, no sul do país, com a tarefa de enquadrar o Contingente português.

O grosso da Força, juntamente com todo o material e armamento, foi projetado no dia 7 de setembro, num voo fretado com destino a Buca-

Logotipo da Companhia de Atiradores Mecanizada na *tailored Foward Presence* Roménia 2021

Treino cruzado

reste. Seguiram-se dias de organização e de reformulação do *battle rhythm* tendo em vista a ajustar o horário de treino da CAtMec/tFP/ROU21 ao calendário e rotinas do 22BI ROU, nomeadamente para garantir a preparação da Força portuguesa com vista à participação nos exercícios programados para os três meses do período de missão.

A 13 de setembro decorreu a cerimónia de receção da CAtMec/tFP/ROU21, na sede do 22BI ROU, em Caracal, tendo sido presidida pelo Comandante do 22BI ROU, Tenente-Coronel Liviu Vasilca, e contou também com a presença da Vice-Presidente da Câmara Municipal de Caracal, Dra. Samiee Marina, do *Senior National Representative* português na Roménia, Tenente-Coronel Paulo Alves, entre outras entidades. Este momento marcou o início oficial dos três meses de treino combinado entre o Contingente português, Unidades das Forças Terrestres romenas, e demais Contingentes estrangeiros presentes na Roménia, nomeadamente da Polónia e Estados Unidos da América.

Terminada a primeira semana de treino cruzado na Roménia, a CAtMec/tFP/ROU21 levou a cabo diversas atividades combinadas com militares do 22BI ROU e do Contingente polaco. Com vista à preparação do exercício GREEN SCORPIONS 21.3 foram treinadas tarefas inerentes a operações de estabilização e ofensivas. Em simultâneo, deu-se início ao plano de treino físico integrando militares portugueses e romenos a fim de manter um elevado nível de interoperabilidade entre os militares do Batalhão.

O exercício GREEN SCORPIONS 21.3 decorreu no *Joint National Training Center*, em Cincu, na região histórica da Transilvânia, de 20 de setembro a 1 de outubro, contando com a participação de 400 militares, de nacionalidades portuguesa, romena, polaca e norte-americana. Foram executadas tarefas inerentes a operações de estabiliza-

"Esta tipologia de exercícios tem contribuído para o aperfeiçoamento da interoperabilidade entre os países da Aliança, bem como para o desenvolvimento de sinergias, no âmbito da partilha do esforço de defesa e segurança das Forças da MNBde-SE."

ção e ofensivas, culminando com um exercício de tiro real. Esta tipologia de exercícios tem contribuído para o aperfeiçoamento da interoperabilidade entre os países da Aliança, bem como para o desenvolvimento de sinergias, no âmbito da partilha do esforço de defesa e segurança das Forças da MNBde-SE. A experiência em ambiente multinacional permite aos militares ultrapassarem a barreira linguística, trocando experiências com militares de outros países.

Atualmente, a Companhia encontra-se na fase de preparação para o exercício GREEN SCORPIONS 21.4, no qual participarão novamente Forças de várias nacionalidades. A CAtMec/tFP/ROU21 encontra-se motivada, concentrada e determinada em continuar a promover a boa imagem do Soldado Português além-fronteiras, fazendo jus ao lema do Regimento de Infantaria n.º 14, sua Unidade mobilizadora: "Cuja Fama Ninguém Virá que Dome". ⚔

Exercício GREEN SCORPIONS 21.3

[Lisboa, Viseu e Porto]

CELULEX 21

Uma centena de militares e civis, de diversas entidades nacionais e estrangeiras, participaram neste exercício, que decorreu em três distritos, de norte a sul de Portugal, onde foram treinadas diferentes capacidades nos domínios biológico, químico e radiológico

Texto e Fotografia : TCor Eng Almeida Ramalho | 2.º Comandante do RE1 e Diretor do exercício CELULEX 21

O Exército conduziu o exercício CELULEX 21, realizado entre os dias 10 e 15 de outubro nos distritos de Lisboa, Viseu e Porto, com a finalidade de contribuir para a manutenção das aptidões técnicas do Elemento de Defesa Biológica, Química e Radiológica (ElDefBQR) do Exército e para exercitar o emprego do Elemento com outras entidades nacionais e Forças militares estrangeiras.

O planeamento do CELULEX 21 iniciou-se em agosto, com o desenvolvimento do conceito e das especificações do exercício, as quais foram aprovadas pelo Chefe do Estado-Maior do Exército,

"...foi também testado um sistema inovador na descontaminação de viaturas de emergência, ainda em fase de investigação e desenvolvimento, utilizando uma tecnologia desenvolvida pela Empresa Delox, pela Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e pelo Centro de Investigação, Desenvolvimento e Inovação da Academia Militar..."

General José Nunes da Fonseca (*Officer Scheduling the Exercise*), a 7 de setembro. Foram definidos quatro objetivos para a edição de 2021 do exercício, nomeadamente:

1. Exercitar as tarefas atribuídas no âmbito dos planos e protocolos aprovados;

2. Exercitar Técnicas, Táticas e Procedimentos (TTP), de reconhecimento, vigilância e gestão de perigos, ao nível de pequenas equipas e ao nível do indivíduo;

3. Exercitar a projeção e sustentação da Força-tarefa em Território Nacional (TN) para múltiplas áreas de operações não contíguas;

4. Promover o desenvolvimento das capacidades Nuclear, Biológica, Química e Radiológica (NBQR) nacionais, envolvendo entidades com competências NBQR, explorando sinergias e divulgando capacidades.

Além do treino das tarefas e das TTP (objetivos 1 e 2), inerentes a qualquer exercício, foi decidido exercitar a projeção em TN (objetivo 3). Para tal, o exercício decorreu em três distritos, de norte a sul de Portugal, onde foram treinadas diferentes capacidades. Concretamente, a 11 de outubro, na região da Amadora foi exercitada a reação a um incidente provocado por um agente químico; a 13 de outubro, em Mangualde, foi testada a capacidade de resposta ante um evento de natureza radiológica; por sua vez, a 15 de outubro, no Porto, o treino incidiu sobre a resposta a um evento biológico.

No âmbito da exploração de sinergias e na divulgação de capacidades envolvendo diferentes entidades com competências NBQR (objetivo 4) o CELULEX 21, além dos militares do Exército, contou com a participação da Agência Portuguesa do Ambiente, do Batalhão de Sapadores Bombeiros do Porto, da Guarda Nacional Republicana, da Inspeção-Geral da Agricultura, do Mar, do Ambiente e do Ordenamento do Território, do Instituto Superior Técnico, da Polícia de Segurança Pública, da Polícia Judiciária e do Regimento de Sapadores de Bombeiros de Lisboa. Participaram, igualmente, no exercício CELULEX 21, militares da Marinha e do exército espanhol (Companhia Nuclear, Biológica e Química 11 da Brigada Mecanizada XI, sediada em Badajoz). Os efetivos empenhados, ao longo do exercício, ascenderam a 100 participantes, entre civis e militares, das diversas entidades nacionais e estrangeiras.

Desde a fase de planeamento, o exercício foi sempre caracterizado por uma dimensão conjunta e combinada, procurando manter os padrões de referência das edições anteriores. Na *Main*

Planning Conference, realizada no dia 28 de setembro, o Chefe do Controlo do Exercício apresentou o cenário desenvolvido para as diferentes entidades participantes, que confirmaram os efetivos e os meios a empregar na *Final Coordination Conference*, ocorrida a 6 de outubro.

O ElDefBQR é parte da resposta do Exército, permanentemente pronta, para apoiar em situações de catástrofe ou outras emergências complexas. Neste sentido, o exercício CELULEX 21 foi desenvolvido para serem exercitadas todas as valências dos diversos Destacamentos do Elemento, na execução de operações envolvendo ações integradas de reconhecimentos, deteção, identificação, descontaminação de agentes Biológicos, Químicos e Radiológicos (BQR), inativação de engenhos explosivos improvisados em ambiente ativo BQR, apoio sanitário especializado para perigos BQR, custódia de amostras e delimitação de áreas contaminadas, em apoio à Autoridade Nacional de Emergência e Proteção Civil e outras autoridades nacionais competentes. Os Destacamentos que integram o Elemento constituíram-se, assim, como audiências primárias de treino, nomeadamente:

- O Comando do EfDefBQR (do Comando das Forças Terrestres);
- O Destacamento de Defesa BQR (do Regimento de Engenharia n.º 1);
- O Destacamento do Laboratório de Bromatologia e Defesa Biológica (da Unidade Militar Laboratorial de Defesa Biológica e Química);
- O Destacamento EOD – *Explosive Ordnance Disposal* (do Regimento de Engenharia n.º 1);
- O Destacamento Sanitário (da Direção de Saúde);
- O Destacamento de Segurança (do Regimento de Lanceiros n.º 2).

Na qualidade de audiências secundárias de treino participaram o Comando das Forças Terrestres e o Centro de Operações de Apoio Militar de Emergência (do Regimento de Apoio Militar de Emergência) para exercitar a ativação do ElDefBQR, bem como o fluxo de informações.

Em termos de execução, no dia 11 de outubro foi treinada a reação a um incidente provocado por um agente químico. Neste âmbito, na região da Amadora, nomeadamente no Regimento de Lanceiros n.º 2, foram criadas cinco estações onde as equipas, formadas pelas diferentes entidades participantes, tiveram oportunidade de testar as suas TTP e os seus equipamentos com

agentes químicos reais, nos três estados físicos, o que implicou a utilização de diferentes detetores e identificadores pelas várias entidades. No caso das amostras líquidas, os procedimentos foram executados num ambiente controlado, recorrendo a um isolador para o manuseamento dos agentes. O Destacamento EOD teve oportunidade de realizar uma estação onde utilizou um *robot* controlado à distância, para a verificação de um engenho explosivo que poderia ter acoplado um agente químico, o que não se veio a verificar. Tal como em todo o exercício, o Destacamento de Segurança garantiu o permanente isolamento e controlo das entradas e saídas das diferentes entidades intervenientes na área de operações e o Destacamento Sanitário garantiu o apoio *play* e *no-play*, através de um médico, um enfermeiro e dois socorristas. Três entidades tiveram a oportunidade de montar e operar linhas de descontaminação, nomeadamente o ElDefBQR, a Companhia Nuclear, Biológica e Química espanhola e o Regimento de Sapadores Bombeiros de Lisboa, onde foram verificados os equipamentos que cada entidade utiliza, bem como os respetivos procedimentos.

No dia 13 de outubro foi conduzido o treino de tarefas técnicas no âmbito da resposta a perigos radiológicos. Atendendo às características radiológicas existentes na antiga área mineira da Quinta do Bispo, na região de Mangualde, o Exército, em coordenação com a Agência Portuguesa do Ambiente e com a Empresa de Desenvolvimento Mineiro, S.A., elegeu aquele espaço para conduzir treino num ambiente natural com nível de radiação de fundo acima da média nacional, o que constituiu um desafio adicional para o exercício.

Neste local foram criadas cinco estações de treino técnico no âmbito da deteção, identificação e caracterização de substâncias radioativas, com diferentes intensidades de radiação. Além do ElDefBQR, participaram neste treino a Agência Portuguesa do Ambiente; a Inspeção-Geral da Agricultura, do Mar, do Ambiente e do Ordenamento do Território; o Instituto Superior Técnico e os militares do exército espanhol.

No dia 15 de outubro, o cenário idealizou uma explosão numa instalação laboratorial de agentes biológicos, que causou baixas e obrigou ao socorro das vítimas, reconhecimento às infraestruturas e descontaminação do local e do material utilizado, tendo sido criadas cinco estações para a execução destas tarefas. O local escolhido para o efeito foi o Quartel do Batalhão de Sapadores Bombeiros do Porto, onde foi utilizado o edifício normalmente reservado para os simulacros, bem como uma parte da parada do quartel. Neste dia foi também testado um sistema inovador na descontaminação de viaturas de emergência, ainda em fase de investigação e desenvolvimento, utilizando uma tecnologia desenvolvida pela Empresa Delox, pela Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e pelo Centro de Investigação, Desenvolvimento e Inovação da Academia Militar, que utiliza peróxido de hidrogénio em estado gasoso. Trata-se de um sistema de descontaminação que permite a compatibilidade com material eletrónico, como acontece, por exemplo, em ambulâncias equipadas com rádios e outros sistemas de comunicação.

Tal como em edições anteriores, a conduta do exercício permitiu às entidades participantes desenvolver as atividades de planeamento, tomada de decisão e execução. A veracidade dos incidentes e os diferentes locais de treino possibilitaram que o exercício fosse encarado de uma forma bastante realista. Efetivamente, a utilização de agentes reais no CELULEX 21 originou a elevação do nível de segurança e, consequentemente, uma melhor preparação das várias audiências de treino, nomeadamente na seleção e ajuste do equipamento de proteção individual às diferentes ameaças. O uso de agentes reais em diferentes estados físicos, efetuado em ambiente controlado (isolador) ou em concentrações não nocivas para a saúde humana, permitiu explorar e testar capacidades de resposta a incidentes químicos, nomeadamente de reconhecimento, de colheita de amostras, de descontaminação e, sobretudo, de deteção e identificação dos agentes. Também

a escolha de uma antiga área mineira, onde foi criado um cenário com uma radiação de fundo natural acima da média nacional e que constituiu um desafio adicional, permitiu a deteção, identificação e caraterização de material radioativo real.

Com este exercício ficou bem patente o valor do Exército, enquanto instituição militar do Estado, que advém do seu contributo para a segurança e defesa de Portugal e dos Portugueses. Esta contribuição afirma-se nas missões em que os militares e as Forças do Exército participam, sejam elas as missões de segurança, humanitárias e de paz, no âmbito internacional, as missões destinadas a garantir a salvaguarda da vida e dos interesses dos Portugueses, e ainda, as ações de Proteção Civil e de apoio em situações de catástrofes, no âmbito nacional. Recorrendo às capacidades militares terrestres, desenvolvidas para serem usadas em todas as tipologias de operações, o Exército emprega e mantém em prontidão Forças e meios disponíveis para serem usados na resposta a catástrofe ou outras emergências complexas, em colaboração com as autoridades e entidades competentes, explorando sinergias. Neste campo, a participação do Exército não se limita às mais rotineiras missões de vigilância de espaços florestais e deteção de incêndios florestais, mas engloba também missões mais complexas e diferenciadas como seja a resposta a incidentes/acidentes biológicos, químicos e/ou radiológicos, com recurso a pessoal qualificado, motivado e competente, materializando uma estrutura equilibrada e otimizada de meios modernos e tecnologicamente avançados, bem como uma presença efetiva junto da sociedade. ع

"Recorrendo às capacidades militares terrestres, desenvolvidas para serem usadas em todas as tipologias de operações, o Exército emprega e mantém em prontidão Forças e meios disponíveis para serem usados na resposta a catástrofe ou outras emergências complexas..."

Nota : Este exercício foi divulgado através da comunicação social e das entidades participantes, destacando-se as seguintes publicações:

https://24.sapo.pt/atualidade/artigos/o-que-fazer-perante-uma-ameaca-biologica-no-porto-o-exercito-preparou-se-para-quando-tudo-corre-mal

https://observador.pt/2021/10/15/exercito-testou-resposta-a-ameaca-biologica-e-uso-de-novas-solucoes-tecnologicas-no-porto/

https://www.porto.pt/pt/noticia/exercito-e-sapadores-treinam-com-espanhois-resposta-a-ameaca-biologica

https://apambiente.pt/index.php/destaque2/apa-participou-no-exercicio-celulex2021-do-exercito-portugues

[Angola]

Assessores portugueses na AMEX (TCor Nunes Silva, TCor Carlos Gabriel, Maj Ribeiro Cardoso) juntos com o Cmdt TGen José Alberto Veiga e estrutura diretiva da AMEX (setembro 2021)

O Projeto de Cooperação com o Exército de Angola

Um balanço da atividade realizada pela assessoria técnico-militar portuguesa do Projeto n.º 2 no domínio da Defesa

Texto : Cor Inf João Mendes da Silva Caldeira | Diretor Técnico do Projeto n.º 2

Introdução

Transmitir a intensa experiência deste último ano, enquanto militar cooperante com o Exército de Angola, é uma tarefa que desafia a sintetizar ideias, sentimentos e emoções que estávamos longe de poder imaginar vivenciar há um ano. Esta tem sido uma atividade intensamente vivida *ombro a ombro* com os camaradas angolanos, sendo uma oportunidade única que tivemos, possibilitada que foi, pelo Exército Português, a nossa participação num

> **"A participação de Oficiais portugueses é bastante ativa, contribuindo grandemente na aquisição de valências para o harmonioso funcionamento da Academia Militar do Exército de Angola."**
>
> ***[General José Alberto Veiga, Comandante da Academia Militar do Exército de Angola]***

projeto de Cooperação no Domínio da Defesa[1] (CDD). Pese embora estarmos em ambiente COVID e existindo em Angola rigorosas limitações à circulação individual e ao convívio social, todos os interlocutores, com quem interagimos, têm procurado superar os obstáculos à comunicação e à ligação, assegurando um clima de permanente empatia e boa vontade.

O Projeto n.º 2 (Apoiar o Exército) de CDD com a República de Angola foi estabelecido, sob a égide dos Ministérios da Defesa de Portugal e de Angola, no Programa-Quadro 2018-2021. O Projeto n.º 2 tem como objetivo global apoiar o Exército de Angola e como Objetivos Específicos (OE) apoiar tecnicamente quer o Comando e Estado-Maior do Exército (OE 1), quer a organização e funcionamento da Academia Militar do Exército (AMEx) de Angola (OE 2). A assessoria portuguesa é constituída por um Coronel, Diretor Técnico do Projeto[2], que desempenha as suas funções no Quartel-General do Comando do Exército, em Luanda, e por dois assessores[3], um Tenente-Coronel e um Major (provenientes da nossa Academia Militar), que desempenham funções na AMEx, na cidade do Lobito, província de Benguela. Tenha-se presente que, em Angola, há também militares do Exército noutros dois projetos, nomeadamente no Projeto n.º 1 (cinco Oficiais) – Apoiar a Estrutura Superior de Defesa Nacional e das Forças Armadas, que também inclui os objetivos específicos Apoiar a Direção de Forças Especiais (três Oficiais da Brigada de Reação Rápida) e Apoiar a Capacitação de Forças para Operações de Apoio à Paz (um Oficial da Escola das Armas) e no Projeto n.º 5 (um Oficial do Instituto Universitário Militar) – Apoiar a Escola Superior de Guerra. O Núcleo de Apoio Logístico, localizado em Luanda, inclui, presentemente, dois militares do Exército (um Oficial e um Sargento).

Angola está em paz há 20 anos e o Exército angolano vive, no presente, uma dinâmica de reestruturação, redimensionamento e renovação, que envolve também o Ministério da Defesa Nacional e o Comando Superior das Forças Armadas angolanas. Deste modo há oportunidade para, neste tempo de mudança e que por sinal coincide com a elaboração de um novo Programa-Quadro de Cooperação, redimensionar a cooperação na defesa, podendo este singelo testemunho vir, quem sabe, a contribuir para esse desiderato.

As Atividades Realizadas no Programa-Quadro 2018/2021

De acordo com o estabelecido pelas autoridades angolanas cabe à Direção de Instrução e Ensino (DIE) do Exército[4] a concretização dos objetivos específicos e das correspondentes ati-

---

[1] A Cooperação no Domínio da Defesa (anteriormente designada Cooperação Técnico-militar) entre Portugal e os Países de Língua Oficial Portuguesa (PLOP) constitui-se, como é sabido, como um vetor estratégico de reforço do relacionamento entre Portugal e os PLOP, constituindo um importante fator de afirmação de Portugal.

[2] Diretores Técnicos do Programa-Quadro 2018/2021: Coronel de Artilharia Borges da Fonseca, Coronel de Material Pereira da Silva, Coronel de Infantaria Morais Queijo, Coronel de Infantaria Silva Caldeira.

[3] Assessores na Academia Militar do Exército do Programa-Quadro 2018/2021: Tenente-Coronel de Infantaria Bonita Velez, Tenente-Coronel de Infantaria Martins Mariano, Tenente-Coronel de Infantaria Vasconcelos Cipriano, Tenente-Coronel de Artilharia Nunes Silva, Tenente-Coronel de Cavalaria Costa Gabriel, Major de Artilharia Almeida Rodrigues, Major de Infantaria Rosa de Brito, Major de Artilharia Ribeiro Cardoso.

[4] A DIE tem na sua dependência hierárquica e funcional 19 Unidades. Destas 15 têm uma dependência hierárquica e funcional e destas, três Unidades são comandadas por Oficiais-Generais – Instituto Superior do Exército (Tenente-General Eugénio Figueiredo), Academia Militar (Tenente-General Alberto Veiga) e Centro de Formação de Operações de Apoio à Paz (Brigadeiro José Catumbela).

vidades do Projeto n.º 2 (Apoiar o Exército). É desse modo que o Diretor Técnico português trabalha em permanente ligação com o Chefe da DIE, Tenente-General Simão Carlitos Wala e o seu Estado-Maior. Assim, no apoio técnico ao Comando e Estado-Maior do Exército destacaram-se, neste quadriénio, o apoio à DIE na elaboração de Estudos, Normas e Regulamentos, a assessoria à Direção de Pessoal e Quadros do Exército e a assessoria ao Museu do Exército. No âmbito da Formação assegurada pela assessoria, em Luanda, destacaram-se palestras a quadros, tendo também sido dado apoio na elaboração de Planos Curriculares de diversos cursos. No âmbito da revisão do Curso de Sargentos, que decorre em Angola, foi disponibilizada à DIE, uma pasta contendo os Planos de Estudo dos 14 Cursos Técnicos Superiores Profissionais de Tecnologias Militares Terrestres, iniciados no presente ano letivo na Escola de Sargentos do Exército.

Na AMEx assinale-se o trabalho feito pelos nossos assessores na elaboração de Estudos e Regulamentos, bem como no apoio ao Planeamento e Coordenação Escolar. É no apoio à Formação Militar dos Cadetes que também se tem focado a assessoria portuguesa, aconselhando alterações na metodologia e no plano de estudos e disponibilizando um acervo de publicações, manuais, fichas de instrução e aulas preparadas. No âmbito do Treino Físico apresentaram-se propostas de alterações à metodologia de treino, destacando-se a proposta de construção dum complexo desportivo para a prática de treino físico geral/base e de ginástica de aplicação militar, no destacamento da Tola da AMEx[5], e nas palestras dirigidas aos professores da Cátedra de Preparação Física e Desporto. A assessoria tem prestado também apoio à realização das cerimónias de Juramento de Bandeira, no planeamento e acompanhamento da instrução e dos exercícios e nas palestras de Preparação Combativa[6]. Na assessoria à Cátedra de Inteligência Militar Operativa destacou-se a análise dos conteúdos programáticos, no levantamento das capacidades e potencialidades do emprego de UAV (veículos aéreos não tripulados) em operações militares. Na assessoria à Cátedra de Educação Patriótica destacou-se a formação em operações psicológicas e na preparação das aulas do Curso de Educação Patriótica.

Refira-se também o intenso trabalho feito, pela assessoria portuguesa em 2021, em apoio à elaboração dos Projetos Pedagógicos dos 15 cur-

> **"Em suma, esta cooperação fortalece a relação entre ambos os países, incluindo no domínio das Ciências Militares."**
>
> **[Coronel Jacobs Chandley Viongo, Diretor de Ensino da Academia Militar do Exército de Angola]**

Palestra à Escola Preparatória de Quadros do Centro de Formação Geral "Heróis de Kangama"- Huambo. Cor Caldeira, (outubro de 2021)

[5] Onde estão aquartelados o 2.º e o 3.º anos.

[6] Designadamente: Modelo de Avaliação Escolar da Academia Militar, Processo de Decisão Militar e Liderança, Agrupamento de Armas Combinadas nas Operações Ofensivas e nas Operações Defensivas, Emprego da Engenharia e Evolução Histórica do Armamento.

Entrega de publicações à AMEX (2.º Cmdt BGen Jacinto Graciano e TCor Nunes Silva) (junho 2021)

sos para ingresso nos Quadros Permanentes ministrados na AMEx, visando obter a certificação, pelo Ministério de Educação, para que aos mesmos também corresponda um curso civil.

A assessoria à instalação do Centro de Informática da AMEx tem incluído a análise e levantamento da infraestrutura de rede existente na AMEx, bem como a análise das funcionalidades e limitações da página da *Internet*, que culminou numa proposta para o novo *site*.

Por seu lado, a assessoria ao Centro de Investigação da AMEx tem vindo a incluir o acompanhamento das diversas jornadas científicas, o apoio ao levantamento de temas a explorar nas monografias, aconselhando-se linhas de investigação e metodológicas, disponibilizando-se material bibliográfico aos alunos e orientadores. Por fim, a assessoria à transformação da Biblioteca da AMEx tem visado o apoio à reorganização do espaço e melhorar as condições de funcionamento geral, a análise e o levantamento dos sistemas de informação alocados às atividades desenvolvidas, o levantamento e a identificação dos manuais doutrinários existentes na biblioteca e apoio ao processo de recolha bibliográfica de suporte.

No âmbito da cooperação com a AMEx foram também entregues mais de uma centena de livros, ofertas da Academia Militar à sua congénere angolana, de diferentes áreas do saber, destacando-se um conjunto de manuais militares e vários outros para a aprendizagem da língua inglesa e publicações científicas.

Atividades em Que Participámos Integrados em Comissões do Exército

Além do trabalho de assessoria atrás enunciado, o Diretor Técnico teve a oportunidade de acompanhar o Chefe da DIE, em representação do Comandante do Exército, em Comissões do Exército que no terreno interagiram com a realidade das Unidades, na dependência da DIE, e em que se destaca o rigor e o profissionalismo dos líderes e das tropas do Exército angolano.

Foi dessa forma que na Região Militar Centro, no corrente ano, trabalhámos: no Huambo, no Quartel-General e no Instituto Superior do Exército, na Escola de Condução Auto e Blindados (ECAB), na Chipipa/Huambo, no Quartel-General da 41.ª Brigada de Infantaria (Sawilala), na AMEx (Lobito) e no Destacamento da AMEx (Tola/Bocoio), na Escola de Especialistas de Lo-

gística (EEL), no Lobito, no Centro de Instrução de Tropas Heróis de Kangamba, na província do Huambo; na Região Militar Sul, no Quartel-General (no Lubango), na 6.ª DivInfMoto (Matala), na 60.ª BrigInf (Matala), na Escola Interarmas de Sargentos (Lubango) e no Centro de Instrução de Tropas (Matala).

Também, no corrente ano, já participámos em cerimónias de encerramento de cursos, das quais se destacam: na ECAB, do XV Curso de Carro de Combate T55 AM-2 (1 de abril); na EEL, do III Curso de Oficiais de Logística (31 de maio), do XII Curso de Formação de Sargentos e do XVII Curso de Praças de Logística (6 de agosto); na Escola de Armamento e Técnica de Eletromecânica, do XVI Curso de Formação de Especialistas (4 de junho).

Temos participado em diversas conferências, acompanhando a Comissão do Exército, como a que foi feita pelo Capitão de Infantaria João Carlos Leiria Gando, colocado na AMEx, sobre o tema *Sistema de Controlo e Garantia da Qualidade do Processo Docente Educativo numa Academia Militar do Exército Angolano*, ou a conferência académica em que foi palestrante o Brigadeiro Jacinto Graciano Dumbo, 2.º Comandante da Academia Militar do Exército, subordinada ao tema: *O Papel Social das Igrejas Cristãs, Instituições de Ensino e a Segurança Nacional*, promovida pela AMEx, que decorreu no Instituto Superior Politécnico Católico de Benguela.

Trabalho conjunto no novo Regulamento de Educação Física da AMEX (Maj Cardoso e Maj João) (outubro 2021)

Além das visitas protocolares a autoridades militares têm também sido privilegiados os contatos com as autoridades civis, onde se destacam: o encontro com a Vice-Governadora de Benguela, visitas aos Municípios da Ganda (Benguela), do Chongoroi (Benguela), ao Município da Matala (Huíla) e do Quipungo (Huíla).

Perspetivas para a Cooperação com o Exército de Angola

A formação constitui um eixo fundamental para o Exército de Angola, sendo o novo sistema de formação e a nova estrutura do sistema de Forças, a implementar em Angola, um sinal de modernidade, inspirado nos melhores modelos de referência. É desta forma que o Exército angolano, além de ministrar aos seus formandos as competências militares necessárias, tem vindo também a assegurar, a quem passa nas fileiras, competências que possam ser reconhecidas no meio civil. A ligação do Projeto n.º 2 (Apoiar o Exército) à DIE e a uma das suas Subunidades (AMEx) traduz a relevância que o sistema de formação tem na cooperação entre ambos os exércitos. Salienta-se, neste âmbito, a mudança em curso na formação de Oficiais, com a instituição e consolidação da AMEx, que já dispõe, como referido, de um novo Plano de Estudos. O Comando do Exército de Angola destaca o papel desempenhado pelo Exército Português e pelos seus diversos assessores, que ao longo dos anos têm vindo a apoiar a AMEx. É um apoio persistente e que se mantém atual, devido à excelente e continuada preparação técnica dos assessores portugueses destinados à AMEx.

Presentemente surge a necessidade de também reestruturar o Curso de Sargentos dos Quadros Permanentes (devendo passar de um para dois anos de formação inicial). Assim, de acordo com o que nos tem sido transmitido, há a necessidade de alargar a assessoria do Exército, in-

cluindo uma assessoria permanente do Exército Português na Escola Interarmas de Sargentos, inscrita no próximo Programa-Quadro de CDD. A continuação da participação do Projeto de Cooperação no Domínio da Defesa com o Exército angolano, apoiado na componente de assessoria à AMEx e à Escola Interarmas de Sargentos, poderá constituir uma opção de futuro, criadas que sejam as necessárias condições ao nível da Política de Defesa Nacional de Portugal e de Angola.

A Continuidade da Cooperação com o Exército de Angola

Entrevista ao Comandante da AMEx, General José Alberto Veiga

P: Qual a avaliação que faz às atividades que decorrem na AMEx no âmbito do atual Programa-Quadro (PQ)?

R: A avaliação das atividades que decorrem na AMEx no âmbito do PQ 2018/21 é muito positiva, tanto na formação dos nossos Cadetes, como na construção e aperfeiçoamento de polígonos de instrução, bem como na elaboração de manuais. A participação de Oficiais portugueses é bastante ativa, contribuindo grandemente na aquisição de valências para o harmonioso funcionamento da AMEx.

Entrevista ao Diretor de Ensino da AMEx, Coronel Jacobs Chandley Viongo

P: Qual a avaliação que faz às atividades que decorrem na AMEx no âmbito do atual PQ?

R: A avaliação é muito positiva visto que Portugal tem uma longa experiência no processo de ensino e aprendizagem no âmbito das Ciências Militares em instituições de ensino superior. É desta experiência que vamos beneficiando, procurando vias para adaptar à real situação das Forças Armadas angolanas e em particular na AMEx, de modo a que os nossos Cadetes saibam responder futuramente aos diversos problemas em tempo de paz ou de guerra. De igual modo, a cooperação tem fortalecido as formas de investigação dos problemas sociais e militares. Em suma, esta cooperação fortalece a relação entre ambos os países, incluindo no domínio das Ciências Militares.

P: Qual a mais-valia para a AMEx da assessoria portuguesa?

R: A mais-valia para a AMEx da assessoria portuguesa é a ajuda que a assessoria assegura ao desenvolvimento das atividades do processo de ensino e aprendizagem, desde a organização, planificação, gestão e controlo. Também o fortalecimento do desempenho da AMEx nos três níveis de formação da licenciatura em Ciências Militares, nomeadamente na área científica principal, e na complementar (ciências exatas, naturais e sociais) e, por último, na formação militar. ⁂

Oferta do livro "Viver Academia" ao CMDT da AMEx. TGen José Alberto Veiga e TCor Costa Gabriel, (setembro 2021)

Protocolo Santander Totta

Um acordo que vale vantagens

No Santander Totta queremos ter uma relação privilegiada com os nossos clientes através dos Protocolos Colectivos. Por isso, criámos condições muito vantajosas para si!

Santander Totta

santandertotta.pt

[Santa Margarida]

2.º Cabo Fábio Silva

> "O meu percurso no Exército, em particular as funções desempenhadas em missões, ajudaram-me a crescer mais como pessoa, a ganhar mais responsabilidade e a aumentar as minhas competências enquanto militar."
>
> [2.º Cb Fábio Silva]

O 2.º Cabo Fábio Silva contou-nos a sua experiência ao serviço do Exército Português, onde cumpriu missões dentro e fora do Território Nacional

"O meu nome é Fábio Silva, sou 2.º Cabo, ingressei a 16 de outubro de 2016 nas fileiras do Exército Português e estou há quatro anos e sete meses a prestar serviço no Grupo de Carros de Combate (GCC) da Brigada Mecanizada, em Santa Margarida. Desde sempre pretendi ingressar nas Forças Armadas, pelo que atualmente encontro-me onde queria estar, a desempenhar as funções que sempre desejei. Sou condutor do Carro de Combate (CC) *Leopard* 2 A6 no 1.º Esquadrão de Carros de Combate do GCC.

A adrenalina que se tem ao conduzir um CC destes não tem explicação, só mesmo experienciando o seu poder de choque, de mobilidade e de fogo se pode compreender.

Antes de tirar a formação de condutor, comecei por fazer a de municiador. Esta formação tem como objetivo ministrar valências comuns do CC, para possibilitar ao militar realizar manutenções, operar o armamento secundário do CC e municiar a peça de 120 mm. Concluída esta formação com aproveitamento, fui para o curso de condutor porque o que mais me fascina num CC é a sua condução. Além de ter de saber conduzir, um condutor tem de conhecer todos os sistemas do carro, para caso apareça algum problema o conseguir resolver, até certo nível.

A minha passagem pelo Exército permitiu-me realizar duas missões, as duas em Cabul, no Afeganistão. Na primeira missão fui como condutor de viaturas blindadas no Pelotão *Quick Reation Force*, que tinha como principal missão garantir a proteção das pessoas nas instalações do aeroporto e a vigilância do mesmo. Tínhamos de estar sempre prontos a agir, caso algo acontecesse.

Já na segunda missão, desempenhei funções diferentes, enquanto condutor, no *Pelotão Flight Line Security*, na medida em que a nossa principal missão era garantir a segurança da pista do aeroporto.

O meu percurso no Exército, em particular as funções desempenhadas em missões, ajudaram-me a crescer mais como pessoa, a ganhar mais responsabilidade e a aumentar as minhas competências enquanto militar."

[França]

Obus Autopropulsionado CAESAR 8x8

Um sistema de artilharia sobre rodas

Texto : Cor Cav Marcos de Andrade

Obus Auto Propulsionado CEASAR 8x8 **Fonte :** military.com

Referência : http://www.military-today.com/artillery/caesar_8x8.htm

O obus autopropulsionado CAESAR 8x8 foi desenvolvido pela empresa francesa NEXTER, que anteriormente era designada por Indústrias GIAT. Por ser uma evolução do anterior sistema é amiúdas vezes designado por CAESER 2, acrónimo que traduz a contração em língua francesa da expressão ***C**âmion **E**quipe d'un **S**ysteme d'**AR**tillerie* que, em tradução livre, significa "camião equipado com um sistema de artilharia". É baseado no sistema CAESAR original, que apareceu pela primeira vez em 1994 e foi o primeiro sistema de artilharia produzido industrialmente instalado em viatura. O protótipo do CAESAR com configuração 8x8 foi apresentado à imprensa em 2015 e surge mais de 20 anos após a primeira versão. Na evolução deste sistema de artilharia salienta-se a atualização dos seus sistemas de controlo, que permitem disparar com uma cadência mais rápida e com impactos nos alvos substancialmente mais precisos do que o seu antecessor.

Em 2017, a Dinamarca selecionou estes sistemas de artilharia para substituir os seus antigos obuses M109 que estão ao serviço desde 1965. O pedido inicial foi de 15 unidades, posteriormente, aumentado para 19 unidades, tendo as entregas para este país começado em 2019.

Em 2021, a República Checa encomendou 52 destes sistemas, com entregas planeadas para começar em 2024 e conclusão em 2026. A maioria dos sistemas de artilharia adquiridos pela República Checa (48 unidades de 52) será montada em unidades fabris deste país, ao abrigo das contrapartidas contratualizadas. Uma vez ao serviço, estes sistemas, agora adquiridos, irão substituir os antigos sistemas DANA[1] que se encontram obsoletos. ع

[1] Acrónimo resultante da contração em língua checa de ***D**ělo **A**utomobilní **N**abíjené **A**utomaticky* (obus carregado automaticamente em viatura.

[Estados Unidos da América]

A Mula

Um animal (ainda) com emprego militar

Fonte : https://www.defensemedianetwork.com/stories/the-virtues-of-stubbornness-mules-at-war/
https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/45/Mule_%281%29.jpg

Mula, mulo, burro-mulo, muar, besta ou, até mesmo, mu são as inúmeras designações pelas quais este animal é conhecido, pela esmagadora maioria dos portugueses.

Desde sempre associado ao transporte de pessoas e cargas, tem na sua génese a mão do homem e o querer de Deus. Trata-se de um animal híbrido, resultante do cruzamento entre espécies diferentes (burro e égua) e, por regra, é estéril, embora ao longo dos tempos tenham existido exceções.

Ainda hoje, em pleno século XXI, este animal é utilizado no meio militar como um exímio transportador de pequenas cargas - material sanitário, alimentos, armamento, munições, etc. - em zonas de terreno consideradas inacessíveis para viaturas, mesmo sendo ligeiras e dotadas de motricidade adequada para todo-o-terreno. Ganha a mobilidade e adaptabilidade do animal em detrimento dos muitos cavalos de potência apresentados pelas máquinas.

Comparar este animal com viaturas dotadas de poderosas motorizações poderá parecer, numa primeira abordagem, estarmos a comparar algo completamente dispensável com o muito útil. Mas a verdade é que a mula merece em certos exércitos, nomeadamente no norte-americano, uma atenção especial, sendo a sua utilização merecedora de um Manual de Campo[1], onde se transmite informação relativa aos cuidados na manutenção do seu bem-estar e, ainda, ao seu emprego doutrinário.

O interesse pela utilização da mula no exército norte-americano em determinados Teatros operacionais não se fica apenas pela existência de documentação técnica. Existe, inclusive, um centro de treino[2] localizado na Floresta Nacional de Toiyabe, perto de Bridgeport, Califórnia, onde militares de Forças especiais são treinados a operar com animais de carga em condições severas, como as encontradas, por exemplo, no Afeganistão ou em outros ambientes montanhosos hostis, com amplitudes térmicas anuais de -30 °C a +30 °C. Estas condições adversas lembram as da Itália, na Segunda Guerra Mundial, e da Guerra da Coreia, Teatros onde em certas circunstâncias apenas animais de carga foram considerados elementos suficientemente robustos e de confiança, para assegurar o transporte de bens e pessoas em condições de extrema severidade ambiental. ع ج

[1] FM 3-05.213 (FM 31-27) - *Special Forces Use of Pack Animals* (https://irp.fas.org/doddir/army/fm3-05-213.pdf).
[2] *Marine Corps Mountain Warfare Training Center* (MCMWTC).

BIBLIA 1794 [2800-8-4 BEP], Frontispício e folha de rosto da tradução em português, segundo a Vulgata Latina, ilustrada com prefações por António Pereira de Figueiredo

A Bíblia em Portugal

(6 volumes) na Biblioteca do Exército

Uma coletânea que mostra que Portugal tem um património bíblico nada desprezível

Texto· Frei Herculano Alves | Ordem dos Frades Menores Capuchinhos

A Direção do *Jornal do Exército* (JE) teve a gentileza de me pedir algumas informações sobre a obra que ofereci, com todo o gosto, à biblioteca do Exército Português.

No presente número do JE, apresentamos, pois, grata notícia de mais uma obra que fica a pertencer ao espólio desta grande biblioteca. Seu autor é Frei Herculano Alves, da Ordem dos Franciscanos Capuchinhos, que publicou outras obras e muitas dezenas de artigos de tipologia bíblica.

A obra em epígrafe teve a sua génese na investigação para uma tese de doutoramento,

"E esta obra em seis volumes constitui, a partir de agora, o livro dos livros sobre a Bíblia em Portugal."

[Professor Doutor José Eduardo Franco]

há quase 20 anos, precisamente, sobre a primeira tradução completa da Bíblia para a língua portuguesa: *A Bíblia de João Ferreira Annes d'Almeida*, livro que foi reeditado nesta coletânea (4.º volume). Na altura, a Biblioteca do Exército foi também um espaço de investigação, pelo que se encontram nalguns destes volumes muitas Bíblias e outras obras de tipologia bíblica com a cota BEP. São, ao todo, umas 40 obras recenseadas, que se encontravam nas antigas instalações da Biblioteca do Exército, onde fui sempre bem acolhido pelo senhor Carlos Henrique Cide Faustino.

A investigação foi, entretanto, retomada em 2015 e foram sendo editados os seis volumes até fim de junho deste ano de 2021. Os volumes seguem uma ordem cronológica, por séculos, sendo o primeiro uma espécie de introdução geral, sobre as grandes traduções da Bíblia ao longo de 23 séculos. Para uma informação mais concreta sobre cada um dos volumes, apresentamos o respetivo número de páginas, de autores e de obras aí recenseadas.

O título geral em todos eles é *A Bíblia em Portugal* e com os subtítulos seguintes, que definem os séculos a que se referem:

Vol. 1· *As Línguas da Bíblia – 23 séculos de traduções*. 1.ª edição 2016; 2.ª edição, 2019: 358 páginas; 71 autores; 208 obras.

Vol. 2· *A Bíblia na Idade Média*, 2017: 838 páginas; 118 autores; 1500 obras.

BIBLIA 1794 [2800-8-4 BEP], Ilustração gravada em chapa de aço pelo retratista Gaspar Fróis Machado e desenhada pelo ilustrador joaquim Carneiro da Silva

44.

BIBLIA 1794 [2800-8-4 BEP], Frontispício ilustrado com o retrato do Príncipe D. João, desenhado e gravado pelo retratista Gaspar Fróis Machado

Vol. 3. *A Bíblia nos séc. XVI-XVII*, 2019: 1175 páginas; 1500 autores; 6600 obras.

Vol. 4. *A Bíblia de João Ferreira Annes d'Almeida*, 2019: 877 páginas; 60 autores; 142 obras.

Vol. 5. *A Bíblia nos séc. XVIII-XIX*, 2021: 1490 páginas; 1905 autores; 8290 obras.

Vol. 6. *A Bíblia nos séc. XX-XXI*, 2021: 1152 páginas; 2296 autores; 7418 obras.

Total· 5890 páginas; 5950 autores; 24 158 obras recenseadas (ver vol. 6, p. 1056).

Um intelectual e professor universitário muito conhecido no ambiente cultural português escreveu o seguinte:

"Esta obra de perfil enciclopédico era uma obra que faltava à cultura portuguesa. A partir de agora, não se pode estudar, investigar e perorar sobre a Bíblia em Portugal sem ter em conta esta obra, que, se tornou, desde a primeira hora, uma obra de referência assinada por este intelectual que é, sem dúvida, o príncipe dos estudiosos bíblicos no nosso país. E esta obra em seis volumes constitui, a partir de agora, o livro dos livros sobre a Bíblia em Portugal".

(Professor Doutor José Eduardo Franco, em *Apresentação* do volume 6, p. 23)

Esta coletânea sobre a Bíblia no nosso País quis mostrar que – apesar do atraso cultural crónico, pelo menos neste aspeto e em relação a outros países europeus – Portugal tem um património bíblico nada desprezível. É certo que a coletânea não trata apenas de Bíblias, muito menos de traduções da Bíblia. Trata, sim, da receção da Bíblia na cultura portuguesa. Assim, folheando o índice de qualquer um dos cinco últimos volumes (o 1.º trata das traduções bíblicas ao longo de 23 séculos), encontramos sempre capítulos sobre a Bíblia na Europa; a Bíblia na catequese, na liturgia, na pregação, na literatura, nas missões portuguesas, etc. Trata, ainda, com grande destaque da Bíblia no Brasil, especificamente, no 4.º 5.º e 6.º volumes.

Seguindo o evoluir da cultura em Portugal, que se manifesta pela ordem dos volumes, notamos que foi apenas no século XX que houve uma certa explosão de traduções de Bíblias completas em Portugal, tanto protestantes como católicas. Antes apareciam apenas a protestante de João Ferreira d'Almeida (séc. XVII) e a católica do Padre António Pereira de Figueiredo (séc. XVIII).

A propósito da primeira, é de notar que foi a obra que teve mais edições na língua portuguesa (entre 150 e 200 milhões), o que aparece

no *Catálogo* das edições de Almeida (vol. 4), que pude encontrar pessoalmente ou em catálogos, em várias bibliotecas dos Estados Unidos da América, do Brasil, da Inglaterra, da Holanda, em Copenhaga e noutros países europeus, sem excluir, naturalmente, as muitas bibliotecas portuguesas, sobretudo a Biblioteca Nacional de Lisboa. Nessas bibliotecas recolhi todo o material português que me interessava e, por isso, muitos desses apontamentos se encontram noutros volumes e não apenas no quarto. Apesar disso, houve sempre uma investigação específica para cada um dos volumes, ao longo destes sete anos, isto é, desde que a investigação foi iniciada.

Sobre outros valores culturais de *A Bíblia em Portugal*, prefiro, mais uma vez, dar a palavra ao já citado Doutor Eduardo Franco:

"Nesta verdadeira obra enciclopédica, observamos que, ao longo dos séculos da cultura portuguesa, a Bíblia e o seu conhecimento estiveram presentes acima de tudo de forma mediada, tendo o acesso à sua leitura sido obstaculizada, em grande medida, pela ausência de traduções, de publicações, pelo controlo

BIBLIA N. T. 1773 [11237-19-4 BEP], Folha de rosto do Novo Testamento, traduzido em português pelo Padre João Ferreira de Almeida, em Batávia. A versão do Novo Testamento do Padre João Ferreira de Almeida foi a primeira em língua portuguesa

BIBLIA N. T. 1712 [11236-19-4 BEP] e 1773 [11237-19-4 BEP], Volumes do Novo Testamento encadernados, com nervos e ferros a ouro nas pastas e nas lombadas

eclesiástico que temia ser a leitura direta da Bíblia fonte de heresias e desvios doutrinais e pela iliteracia da maioria da população, que permaneceu em grande medida analfabeta até ao século XX.

Não quer dizer que não tenha havido projetos realizados de tradução e edição, mas foram escassos e de circulação limitada nos preponderantes meios católicos, em comparação com o que se observou noutros países da Europa, nomeadamente os de influência protestante" (*ibidem*).

Fica, assim, apresentada esta obra, que o benévolo leitor pode consultar na Biblioteca do Exército, assim como noutras bibliotecas do nosso País. ⅀

Linhas de Torres Vedras – Percursos
Grandes Desfiladeiros (Parte II)

O Forte da Ajuda Grande. Uma das suas três entradas e parte do fosso Fonte: RHLT

Este percurso prossegue, agora, no concelho de Loures, para o qual deverá seguir pela Nacional 115-4, no sentido de Bucelas. Pelo caminho, depois de percorridos poucos quilómetros irá encontrar, à esquerda, uma placa indicando serra de Alrota, vire e suba até chegar à povoação com o mesmo nome, atravessa-a e prossiga, pela rua do Forte e depois por estrada de terra batida, e acabará por alcançar os dois redutos da Ajuda, o Grande e o Pequeno.

Estes estão num planalto donde se avistam as posições de Calhandriz, Montachique, Ribas, da Carvalha e do Alqueidão e dali se controla a estrada Sobral-Arruda-Bucelas. Ambos constituíam uma posição militar avançada da 2.ª Linha, com um grande valor estratégico, ao estabelecerem uma articulação com os fortes da 1.ª Linha, tendo o propósito de retardar o inimigo caso este lograsse penetrar no vale de Arruda dos Vinhos.

Texto · TSup João Moreira Tavares | Redator do JE

O Reduto da Ajuda Grande, na verdade, é composto por dois redutos interligados, circundados por um fosso e tinha capacidade para 300 homens e quatro peças de calibre 12. Alvo de trabalhos de recuperação e limpeza, apresenta um bom estado de conservação, permitindo uma muita boa leitura do seu traçado e estruturas que o compõem, nomeadamente o fosso, canhoneiras e muros de terra e pedra.

O Forte da Ajuda Pequeno, a pouca distância do seu vizinho, fica na extremidade norte da serra e a ele se chega por um pequeno trilho. Menos bem conservado do que o primeiro, nele ainda se consegue descortinar o fosso escavado na rocha, o paiol e as canhoneiras. A vista, essa mantém-se inalterável, ampla e dominante sobre o vale e a estrada que o atravessa, como há duzentos anos.

Este é também um espaço com um valor geo-histórico. No solo, como nos muros dos fortes, se procurar com atenção irá encontrar fósseis de vária flora e fauna marítimas, vestígios de um muito longínquo passado da Terra, que ajudam a contar e perceber a sua atual fisionomia e que por aqui abundam fruto da natureza calcária da pedra.

Prossiga para Bucelas. Pelo caminho irá passar por vinhas, que recordam ao viajante mais distraído que se aproxima de um lugar há muito conhecido pelos seus vinhos, maioritariamente da casta Arinto, e que constitui uma região demarcada desde 1911. O próprio Wellington, quando por cá andou, os apreciou e deu-os a conhecer no seu país. Não estranhe, pois, que o Centro de Interpretação das Linhas de Torres (CILT) de Bucelas partilhe casa com o Museu do Vinho e da Vinha, bem no centro da localidade.

No CILT, naturalmente, poderá recolher informação útil sobre o período das Invasões Francesas, nomeadamente do grande esforço feito pela população para a edificação das Linhas. Não muito distante dele está a Igreja Matriz, junto da qual, num cerejal já desaparecido, esteve acampado um Corpo de tropas do exército anglo-luso.

O paiol do Forte do Arpim Fonte RHLT

Para ver os restantes fortes deste percurso é necessário sair da povoação e percorrer mais alguns quilómetros e, já no final, passar para o concelho de Vila Franca de Xira; mas antes, ainda dentro do território lourense, conheça o Forte do Arpim. Tome a Nacional 116 no sentido de Alverca do Ribatejo e vire à esquerda quando encontrar as indicações para Calhandriz/Santiagos dos Velhos. Já na estrada municipal 1250, procure à esquerda a placa Casal do Forte para lá chegar. Nele se destaca o paiol de alvenaria, que depois de ter sido recuperado, constitui um excelente exemplar deste tipo de estrutura que embora tão presente nos fortes, na maioria das vezes pouco resta dela. Neste caso, ainda são perfeitamente visíveis os locais onde encaixavam as estruturas de madeira e o sistema de drenagem das águas pluviais. O forte foi construído para ligar a posição de Calhandriz, diante dele, que tinha quatro fortes pertencentes à 1.ª Linha, à da serra da Aguieira, na sua retaguarda, onde foram erguidos três fortes que integram a 2.ª Linha defensiva. E é para estes três últimos redutos que deverá seguir, voltando ao cruzamento com a Nacional 116 e daí partindo na direção de Alverca do Ribatejo, mas antes de iniciar a descida da serra, vire à direita no acesso à Quinta da Portela (Morgado Lusitano), passe à sua porta e siga em frente pelo caminho rural até ao topo.

Os fortes – o Grande, o Pequeno e o Avançado – têm o topónimo que dá nome à quinta, embora o terceiro seja também conhecido por forte da Aguieira, um dos poucos redutos das Linhas que não tinha bocas de fogo.

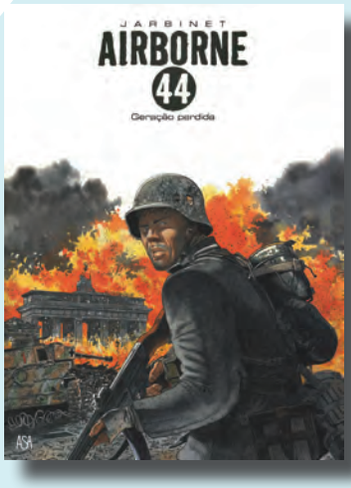
740 homens e 11 canhões, distribuídos de forma desigual pelos três fortes, guarneciam esta posição que funcionava com um todo, batendo com o fogo as frentes este e oeste da serra e vigiando a estrada vinda de Bucelas para Alverca.

Os fortes da Portela têm uma característica única que é a cobertura do paiol ser de pedra, em vez da tradicional de madeira, e por isso hoje é visível apesar da degradação destas construções. Os fossos e muros de pedra também perduram.

Neste local dizer que a vista é ampla e deslumbrante seria banal e redutor. Aqui sentirá, mesmo, ter o mundo a seus pés de tão alto e do tanto que daqui se vê e tem, ainda, um bónus, a vista do Tejo que, lá bem no fundo, começa a empurrar as margens para mostrar toda a grandeza do seu vasto estuário. E com esta vista, que certamente não esquecerá, termina este roteiro.

Bom passeio!

O Forte da Portela Grande, vendo-se ao longe o rio e a ponte Vasco da Gama. Fonte RHLT



Airbone 44 - Volumes 7 e 8

Já passaram quatro anos desde que fizemos referência aos primeiros seis álbuns desta coleção *Airborne 44*. Na verdade, cada dois volumes contam uma história passada na 2.ª Guerra Mundial.
Estes dois últimos, publicados em língua portuguesa pelas Edições ASA, em 2020, com os títulos *Geração Perdida* e *Sobre as Nossas Ruínas*, completam a coleção. A história passa-se numa Alemanha nazi já perto do fim e conta as deserções e as tentativas de *salvar a pele* de vários personagens, antigos fervorosos defensores deste terrível regime.

JARBINET, Philippe, *Airborne 44*, Edições ASA, 2020

Amor & Saudade – Fados e outros Poemas

Ao longo da História do Exército Português, com principal incidência a partir do seculo XIX até aos nossos dias, podemos encontrar centenas de militares que, além do seu desempenho profissional, têm a arte de saber escrever, pintar e/ou esculpir.
Felizmente são muitos os exemplos. Já houve tempos em que podíamos encontrar mais militares com esta veia artística. Isto a propósito da recente publicação deste livro de histórias e poemas (alguns já musicados para Fado) da autoria do Coronel José Geraldo, ex-diretor do *Jornal do Exército*, com fotografias ilustrativas de outro Oficial, artista na arte de fotografar, o Coronel Conde Falcão.

GERALDO, José, *Amor & Saudade – Fados e outros Poemas*, Edições Modocromia, setembro de 2021

Guerres & Histoire

É certo que temos uma preferência especial por esta revista e que frequentemente divulgamos alguns dos seus números.
Desta vez temos uma razão acrescida, pois ela traz uma excelente entrevista a um Oficial-General português. Trata-se do Major-General Avelar de Sousa, Comandante da Brigada Aerotransportada (2000 a 2003), que relata a sua experiência de jovem Tenente combatente, por terras da Guiné-Bissau, em 1968.
Desta forma, mais uma vez, se revela o interesse que os editores da G&H têm pelo nosso último conflito em África, pois ainda recentemente publicaram um artigo (por nós referido na nossa revista n.º 711) sobre os Dragões em Angola.

Guerres & Histoire, n.º 62, Le Témoin: La Guinée-Bissau Un Mini-Viêtnam pour le Portugal, agosto de 2021

Dune

Inspirado na série de livros de Frank Herbert, *Dune* passa-se num futuro longínquo. O Duque Leto Atreides governa o planeta deserto de Arrakis, também conhecido como Dune, lugar da única fonte da substância rara chamada de melange, usada para prolongar a vida humana, movimentar-se à velocidade da luz e ter poderes sobre-humanos.
Para isso, ele manda o filho, Paul Atreides, os seus servos e a sua companheira, Lady Jessica, para Dune, para garantir o futuro da família e do seu povo.
Porém, uma traição amarga pela posse da melange faz com que Paul e Jessica fujam para os Fremen, nativos do planeta que vivem nos cantos mais longe do deserto.

Fantasia, M/12

Terra Nova

Terra Nova acompanha a viagem de um navio bacalhoeiro pelas águas geladas do Labrador, ao longo de um mau ano de pesca. Como o bacalhau é escasso, o Capitão Silva, interpretado por Virgílio Castelo, decide navegar até à Gronelândia, numa rota nunca antes navegada.
Enquanto a tripulação luta contra tempestades e o frio do Atlântico Norte, o filme segue o drama de Albino, um pescador que já foi primeira-linha, mas caiu em desgraça após um naufrágio. Com as dificuldades crescentes da viagem, o conflito intensifica-se e Albino receia que se o mar não o matar, talvez um deles o faça, se ele não os matar primeiro.

Drama, M/14

Fátima

Em 1917, Lúcia, uma pastora de apenas dez anos e os seus dois primos mais novos, Jacinta e Francisco, afirmam terem tido visões da Virgem Maria, que lhes terá surgido com uma mensagem de paz.
As alegadas revelações inspiraram dezenas de milhares de católicos a deslocarem-se até Fátima, na esperança de testemunhar um milagre, mas não agradaram à Igreja, nem ao governo republicano de Portugal, que tentaram forçá-los a recontar a sua história.
Fátima é o filme mais recente do cineasta italiano Marco Pontecorvo, diretor de fotografia em obras como *Guerra dos tronos*, *Firewall* e *Cartas para Julieta*.

Drama, M/12

Zorra, de Bartolomeu da Costa

Museu Militar de Lisboa

À esquerda: a zorra original exposta no museu
À direita: réplica da zorra, em miniatura, onde se vê a forma de transporte das colunas
Fonte: Museu Militar de Lisboa, 1Sarg Magro

Nas denominadas Caves Manuelinas, no Museu Militar de Lisboa (MML), por entre inúmeros e diversos canhões, encontra-se um objeto que pelo seu tamanho, forma rude e aparente despropósito desperta a atenção de qualquer visitante, mesmo do mais distraído.

Trata-se de uma zorra feita de madeira, ferro e corda com mais de duzentos anos. O nome, também ele estranho, talvez não esclareça bem o que é, mas ao observá-la facilmente se depreende, pelas suas quatro rodas e cabeçalho, tratar-se de um veículo de tração animal, que pode igualmente ser chamado de galera, ou seja, uma carroça grande para o transporte de cargas pesadas e neste caso incomuns.

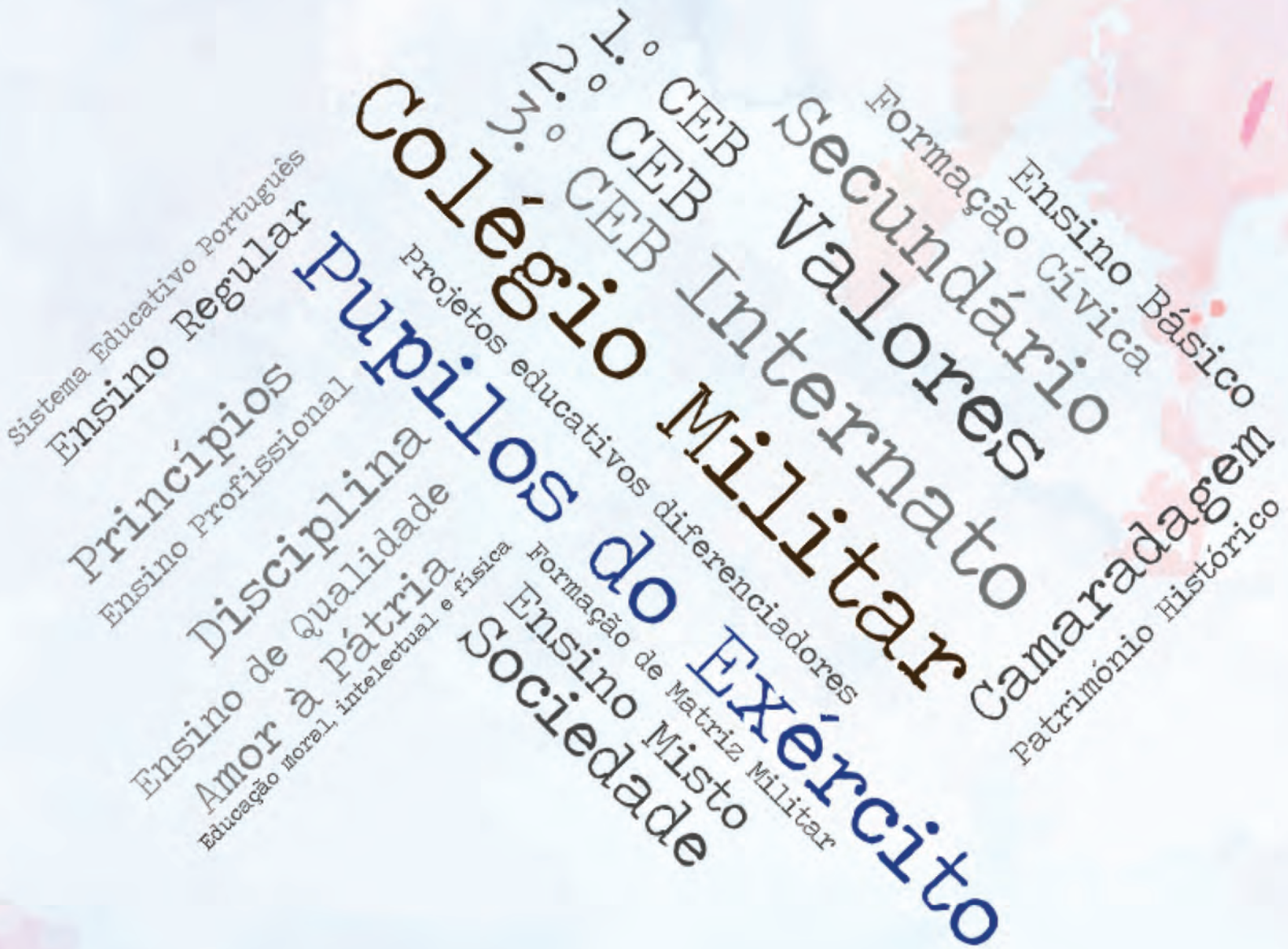
O que hoje nos parece uma coisa estranha, no seu tempo foi, porém, bem conhecida dos Lisboetas que a viram passar pelas ruas da capital carregando as colunas destinadas ao famoso Arco da Rua Augusta e para o Convento dedicado ao Santíssimo Coração de Jesus, a atual majestosa Basílica da Estrela.

Esta zorra é fruto do génio de Bartolomeu da Costa – engenheiro militar e diretor do Arsenal Real do Exército, celebrizado pela fundição, a um só jato, da estátua equestre de D. José colocada na Praça do Comércio, em Lisboa – e do trabalho dos carpinteiros do dito Arsenal, o que explica o paradeiro deste carro no MML, onde outrora existiu aquele estabelecimento fabril, perpetuando-se, assim, a memória das armas e dos muitos outros apetrechos militares nele fabricados e depositados.

Ao transporte de volumosa carga, como eram as altas e maciças colunas de pedra, tinha de corresponder um veículo de grandiosa dimensão e necessária aptidão. Logo, não se estranhe os seus dez metros de comprimento e os três de diâmetro das suas rodas traseiras, bem como as seis roldanas suspensas na parte inferior do carro e os quatro mecanismos manuais no seu topo destinados ao levantamento e carrego do pesado fardo.

Mais informações em:
EXÉRCITO
PORTUGAL
PREPARA
O TEU FUTURO
SEGUE-NOS NAS REDES SOCIAIS
800 201 274 (LINHA VERDE E WHATSAPP) | RECRUTAMENTO@EXERCITO.PT | \EXERCITORECRUTAMENTO

O Futuro Passa Por Aqui



www.colegiomilitar.pt

www.pupilos.eu

Jornal do EXÉRCITO

Açores
Um pedaço de terra defendido

publicação mensal
Ano LXII – JE714 – Nov/Dez21 - € 2,00

EXÉRCITO PORTUGAL

02. Sumário

Mensagem de Natal do CEME 03
Editorial 04
Comandante da ZMA 05
Figuras e Factos 06

Atualidades

... mais do que mil palavras 12
Unidades
– Zona Militar dos Açores 15
Exercícios
– Exercício CACHALOTE 21 20
Capacidades
– O Aprontamento do Agrupamento Mecanizado da *Very High Readiness Joint Task Force* 2022 24
Exercícios
– CIBER PERSEU 21 30
Doutrina
– Seminário de Segurança Militar 2021 34
Testemunho
– Segundo-Sargento Cláudia Azevedo 39
Por Outros Exércitos
– Exercício ZAPAD 2021 40
– "Ganhar a Guerra antes da Guerra" 41

Cultura e Lazer

Uma Visão da História
– Dragões de Angola - Tropas a Cavalo 42
Roteiros Militares 46
Livros & Revistas 48
Filmes & Séries 49
Apresentação do Diretor JE 50

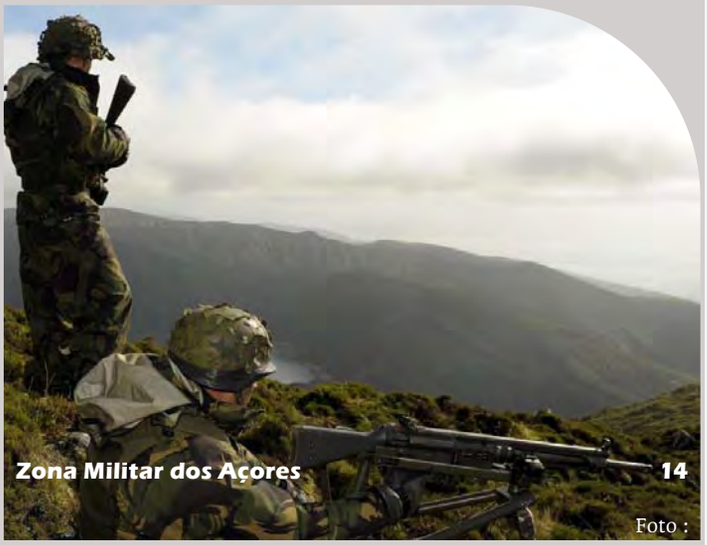


Imagem da sub-rubrica *"... mais que mil palavras"*: Instrutores portugueses no Iraque a ministrar formação **(Foto :** CAVE**)**

Imagem da Capa : Cerimónia militar alusiva ao dia festivo da Zona Militar dos Açores **(Foto :** ZMA**)**

Retificação :

No JE n.º 713 na pág. 35 **onde se lê:** "Entrega de publicações à AMEX (2.º Cmdt BGen Jacinto Graciano e TCor Nunes Silva) (junho 2021)", **deve-se ler:** "FOTO DE FAMÍLIA" na apresentação de cumprimentos ao Comandante da Região Militar Centro durante missão ao Huambo (abril 2021). Da esquerda para a direita: TCor Júlio [Oficial de Pessoal da Direção de Instrução e Ensino (DIE)], Cor Nioca [CEM da DIE], Cor Caldeira (Diretor Técnico do Projeto n.º 2). Em segundo plano: Maj Épangui – chefe da segurança), TGen Wala (Chefe da DIE), TGen Dinis (Cmdt da RMC), BGen Hipólito (Chefe Adjunto da DIE), BGen Tozé (2.º Cmdt da RMC).

Jornal do EXÉRCITO

Órgão de divulgação e preservação da cultura militar, nos termos da alínea *a)*, do artigo 75.º, do Decreto Regulamentar n.º 11/2015, de 31 de julho

PROPRIEDADE DO ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO – Rua do Museu da Artilharia, 1149-065 LISBOA, Contactos: Tel. Civil: 218 842 300; tel. militar – 423 000; Fax civil: 218 842 527; fax militar: 423 227; e-mail: eme@exercito.pt. **Sede da Direção, Redação, Edição e Administração:** Palácio dos Condes de Resende, Campo de Santa Clara, 34, 1100-469 Lisboa. **NIPC:** 600021610. **Contactos:** tel. civil: 213 567 795; tel. militar: 414 026; fax civil: 213 567 791; fax militar: 414 091; *e-mails*: JE@exercito.pt; *site* oficial: www.exercito.pt. **Estatuto Editorial**: https://www.exercito.pt/pt/quem-somos/organizacao/ceme/gabeceme/je; **Direção – Diretor**: Cor Art José Costa dos Reis; **Subdiretor**: TCor Tm Carlos Pires de Sousa; **Secretária**: AssTec Joana Moita; **Condutor**: 1Cb RC Rui Pires; **Redação – Chefe**: TCor Tm Carlos Pires de Sousa; **Assistente de Redação**: SAj SGE David Custódio; 1Sarg PesSec Mónica Martins; **Colaboradores permanentes da Redação**: Alf RC Jaime Pereira; TSup João Moreira Tavares; TSup Tânia Espírito Santo; AssTec Guiomar Brito; **Serviços Administrativos – Chefe**: TCor Tm Carlos Pires de Sousa; **Secretaria e Distribuição**: SCh SGE Carlos Claudino, 1Cb RC Rui Pires; **Colaboração Fotográfica**: Centro de Audiovisuais do Exército; RCRPP/GabCEME; **Execução Gráfica**: Jorge Fernandes, Lda. – Rua Quinta Conde de Mascarenhas n.º 9, 2820-652 Charneca de Caparica, Tel: 212 548 320, *e-mail*: geral@jorgefernandes.pt; Tiragem: 4.000 exemplares. Depósito Legal n.º 1465/82 ISSN – 0871/8598. **Preço de Capa:** €2,00; **Assinatura anual** (11 números): **via superfície** – Continente, Açores e Madeira: €20,00; **via aérea** – países europeus: €45,00; restantes países: €65,00. Os artigos publicados com indicação de autor são da inteira responsabilidade dos mesmos, não refletindo, necessariamente, o pensamento do Comando do Exército Português.

Mensagem de Natal do Chefe do Estado-Maior do Exército

Militares e Funcionários Civis do Exército,

O ano de 2021 caracterizou-se por vários desafios ao Exército, que implicaram a prontidão e o emprego das suas forças em diversificadas tipologias de operações. Desafios que foram superados com determinação, flexibilidade e pragmatismo.

Não obstante as circunstâncias pandémicas que ainda perduram, a quadra que vivemos é sempre de grande simbolismo e tradição, impelindo à lembrança dos valores que caraterizam a "Família Militar" e que, permanentemente, constituem bases essenciais da identidade castrense.

Esta é, também, época de recordar os que já nos deixaram e os que se encontram ausentes, bem como de gratificar os presentes. É momento para fortalecer os laços de amizade, reforçar a fraternidade e fomentar a solidariedade. É, também, a oportunidade para nos orgulharmos dos valores da honra, da coragem física e moral, da disciplina e da lealdade, firmes constituintes da condição militar e alavancas fundamentais da nossa prontidão e competência.

Tais atributos foram evidentes no amplo contributo do Exército para o esforço nacional de prevenção e combate à COVID-19. No ano que finda, estendeu-se a cerca de 441 entidades apoiadas, destacando-se as mais de 2.800 ações de sensibilização, entre muitas outras intervenções.

O Exército continuou, com discrição e sentido do dever, a apoiar o desenvolvimento e bem-estar das populações, em estreita articulação com as autoridades competentes e, em especial, com o poder local. Ações que assentaram no empenhamento de um amplo conjunto de capacidades edificadas e consolidadas nos últimos anos, com maior relevo na proteção biológica, química e radiológica, no apoio sanitário, na beneficiação e manutenção de infraestruturas locais, bem como na mitigação e no patrulhamento, vigilância, prevenção, deteção e rescaldo de incêndios rurais.

Externamente, o Exército prosseguiu o empenhamento, no quadro dos compromissos internacionais assumidos, com respaldo na República Centro-Africana, no Afeganistão, no Mali, na Somália, no Iraque, no Kosovo, em Moçambique, na Roménia e em Espanha, envolvendo um total de 1.108 militares.

Interna e externamente, a prestação dos nossos militares granjeia um capital de prestígio, que decorre do planeamento cuidado, do treino exigente, das competências intrínsecas dos nossos Soldados e do seu espírito de bem cumprir.

Todos são merecedores de gratidão e de reconhecimento pelo seu esforço proficiente e dedicado.

Nesta quadra, é igualmente ajustado assinalar o papel essencial da família, em particular a "Família Exército". É nos militares e funcionários civis do Exército, no seu arreigado sentido de missão e espírito de serviço, bem como na sua abnegação, competência e adaptabilidade, que radicam a nossa força do dia-a-dia e a confiança nos dias vindouros.

Volvido mais um ano, em que o Exército prosseguiu cumprindo melhor, importa encarar o futuro que se aproxima com suficiente motivação, mitigando os riscos e superando as adversidades. Fortalecendo-se os recursos e aproveitando as oportunidades. Demonstrando prontidão e determinação. Potenciando a formação, o conhecimento e a liderança. Estimulando o desenvolvimento, a modernização e a transformação digital. Reafirmando, continuadamente, o seu compromisso para com a Nação.

A todos os Oficiais, Sargentos, Praças e Funcionários Civis que servem no Exército, aos que lhes são mais próximos, e demais "Família", votos sinceros de Boas Festas e de um Feliz Ano de 2022, pleno de saúde e realizações, exortando todos e cada um a prosseguir com coesão e cumprindo melhor, em nome de Portugal.

O Chefe do Estado-Maior do Exército

José Nunes da Fonseca
General

04. Editorial

Coronel de Artilharia José Costa dos Reis, Diretor do *Jornal do Exército*

Caros leitores,

A edição 714 do *Jornal do Exército* encerra o ano de 2021 com a mensagem de Natal do Chefe do Estado-Maior do Exército, General José Nunes da Fonseca, dirigida a todos os que servem Portugal no Exército, num final do ano, ainda, marcado pela luta contra a COVID-19.

Dirigindo-me pela primeira vez aos estimados leitores, comprometidos com o desígnio de continuarmos a honrar o legado dos que nos antecederam nas últimas seis décadas, estimulados pelo objetivo de disseminarmos conhecimento sobre o Exército, e contribuindo ainda para a manutenção do reportório histórico das atividades levadas a cabo por este Ramo.

Na presente edição da revista *Jornal do Exército* damos a palavra ao Brigadeiro-General Fausto Vale do Couto, Comandante da Zona Militar dos Açores, revisitando esta Zona Militar, onde a presença secular do Exército é marcante neste arquipélago, bem como o treino operacional nesta região no âmbito da segurança militar e apoio militar a emergências civis.

Temos neste número um artigo sobre o aprontamento do Agrupamento Mecanizado *Very High Readiness Joint Task Force* 2022, no contexto do contributo de Portugal para a NATO, com o propósito de ser empregado em missões de defesa coletiva ou operações de resposta a crises, demonstrando a capacidade do Exército para mobilizar Forças de elevada prontidão.

Atendendo à pertinência dos desafios e dos riscos que emanam de uma sociedade digital, publicamos um artigo sobre o exercício CIBER PERSEU 21, que testou o emprego da capacidade tática de ciberdefesa em operações. Este exercício internacional, organizado pelo Exército Português, já na sua décima edição, avaliou a capacidade de resposta a incidentes, concorrendo para melhorar e testar a cibersegurança e as competências de ciberdefesa, o trabalho de equipa e de planeamento, a comunicação, o pensamento crítico e a tomada de decisão. No mesmo, participaram 51 organizações nacionais, 12 delegações militares estrangeiras e 30 equipas na competição *Capture the Flag*.

Na parte da revista dedicada à Cultura e Lazer, concretamente na Visão da História, destaca-se o excelente artigo do Dr. João Costa Ferreira, no qual revisita as tropas em Angola. Adicionalmente, sugerimos-lhe, nos Roteiros Militares, mais um desafiante percurso pelas Linhas de Torres Vedras, porventura uma excelente atividade nos tempos que vivenciamos. Nas habituais sugestões cinéfilas e literárias, assinala-se, neste mês, em tempo de pandemia, o livro *O Exército e a Saúde Militar na Primeira Guerra Mundial: Memórias e Progressos*, em que é retratada a vertente da saúde militar durante a guerra, por via do desempenho das Forças do Exército.

Boas leituras! ع ت

Brigadeiro-General
Comandante da Zona Militar dos Açores
Fausto Manuel Vale do Couto

"Não sei se faz sentido falar dos Açores como de ilhas perfeitas; mas nelas mora um povo que descende de toda a memória portuguesa, e cuja experiência de insularidade lhe confere uma identidade anímica e cultural muito própria. Ela vem tanto da história dos séculos e do povoamento, como dos seus mitos de sempre: a solidão marítima e a visão da ilha em frente, a unidade a diversidade de uma paisagem em confronto ou em síntese de grandeza, o tempo que entra na alma, a fé numa eternidade feita à medida de cada homem."

João de Melo - *Açores: O Segredo das Ilhas (Narrativa de viagem)*

Com origem remontando à organização geral do Exército de 1836, prevendo a criação da 10.ª Divisão Militar, com sede em Ponta Delgada, a Zona Militar dos Açores adotou a sua atual designação em 1977.

A sua missão primária consiste em assegurar o comando e controlo terrestre na sua área de responsabilidade, bem como a preparação, treino e emprego dos Elementos da Componente Operacional do Sistema de Forças colocados na sua dependência, atualmente constituídos pelo Comando da Zona Militar dos Açores e por dois Batalhões de Infantaria.

A sua área de responsabilidade atinge cerca de 650 quilómetros na sua maior dimensão, distribuindo-se por nove ilhas, inseridas numa região atlântica cuja elevada importância geoestratégica foi sendo, sucessivamente, confirmada pelas diferentes conjunturas internacionais, a partir do século XV.

À enorme riqueza natural e às paisagens bucólicas e tranquilizadoras dos Açores, que dificilmente geram indiferença a quem com elas toma contacto, contrapõe-se, no entanto, um conjunto de caraterísticas geológicas e climáticas que tornam o arquipélago propenso a eventos extremos, que não sendo obviamente desejados, não podem nem devem ser ignorados. A elevada prontidão e capacidade de projeção das suas Forças, bem como a proximidade da população constituem-se, assim, como princípios orientadores da atividade da Zona Militar dos Açores, visando a execução de operações de apoio militar de emergência, sempre que tal se revele necessário.

Mantendo o apoio à Secretaria Regional de Saúde dos Açores no combate à pandemia da COVID-19 e cumprindo os normativos que a mesma impõe, continuamos fortemente empenhados no desenvolvimento da nossa atividade, prevendo a execução de operações de defesa militar, apoio militar de emergência e satisfação dos compromissos externos do Estado, desta forma contribuindo para a existência de um Exército credível, moderno, atrativo e de elevada prontidão e competência.

10.ª Força Nacional Destacada parte rumo à República Centro-Africana

O Presidente da República despediu-se desta Força, que tem por base o Batalhão de Comandos, integrando militares de várias Unidades do Exército e três militares da Força Aérea Portuguesa

A cerimónia de despedida dos 110 militares da 10.ª Força Nacional Destacada para a República Centro-Africana (10FND/RCA) decorreu na madrugada de 16 de novembro, no Aeródromo de Trânsito n.º 1, em Lisboa, e foi presidida pelo Presidente da República e Comandante Supremo das Forças Armadas, Professor Doutor Marcelo Rebelo de Sousa.

Estiveram presentes nesta cerimónia, a Secretária de Estado dos Recursos Humanos e Antigos Combatentes, Professora Doutora Catarina Sarmento e Castro; o Chefe do Estado-Maior da Armada, Almirante Mendes Calado; o Chefe do Estado-Maior do Exército (CEME), General José Nunes da Fonseca, e o Chefe do Estado-Maior da Força Aérea, General Nunes Borrego, entre outras entidades militares.

O CEME, na sua intervenção, destacou "a rigorosa preparação, esforçado treino e exigente certificação" que habilitou os militares da 10FND/

RCA com as qualificações necessárias para execução das respetivas tarefas, "reconhecidamente exaustivas e decorrentes do árduo ambiente operacional onde estarão inseridos". Dirigindo-se aos familiares e amigos dos militares, o CEME referiu que, numa visão ampla, materializam a Família Militar, pilar importante e decisivo para a estabilidade emocional de todos os que servem no Exército.

O Presidente da República, na sua alocução, enalteceu que "a reputação dos militares portugueses nos países africanos vem da nossa capacidade, profissionalismo, competência, preparação, conhecimento do terreno, sensibilidade em relação às populações, bravura, entreajuda e solidariedade", afirmando que foi assim que se fez Portugal. "Vós sois o orgulho de Portugal", mencionou o Presidente da República.

A 10FND/RCA tem por base o Batalhão de Comandos, integrando militares de várias Unidades do Exército e três militares da Força Aérea Portuguesa, e constituirá a Força de Reação Rápida da Missão Multidimensional Integrada das Nações Unidas para a Estabilização da RCA.

08.

7th Forum of the Commanders of European Land Forces
Grécia

O Chefe do Estado-Maior do Exército, General José Nunes da Fonseca, participou no *7th Forum of the Commanders of European Land Forces*, que decorreu nos dias 10 e 11 de novembro, em Atenas. De acordo com informação do Estado-Maior do Exército grego, o evento contou com a presença de 28 Chefes dos Estados Europeus e do Comandante do Comando EUA-Europa-África (USAREUR-AF), incluindo, ainda, o comandante da Guarda Nacional do país anfitrião, Tenente-General Demócrito Zervakis.

Este fórum foi subordinado ao tema geral *Os Desafios dos Exércitos Europeus nos Tempos Modernos e as Oportunidades de Segurança Cooperativa*.

Os principais temas do fórum, realizado pela primeira vez na Grécia, foram os desafios enfrentados pelos exércitos europeus e as formas de lidar com eles, nomeadamente: o rápido avanço da tecnologia e o seu impacto na capacidade de combate e sobrevivência das Forças terrestres; as crises humanitárias como fluxos de imigração/refugiados e os seus desafios à estabilidade e segurança; a ameaça das mudanças climáticas; o desenvolvimento de doutrinas e táticas militares; o impacto demográfico e cultural no recrutamento de pessoal altamente qualificado e o efeito desses fatores no desdobramento das Forças terrestres, bem como o impacto da pandemia de COVID-19 nos campos da Defesa e Segurança.

Cooperação cultural entre a Direção de História e Cultura Militar e a Diretoria do Património Histórico e Cultural do Exército Brasileiro

No período de 22 a 26 de novembro de 2021, uma delegação da Diretoria do Património Histórico e Cultural do Exército (DPHCEx) do Brasil, chefiada pelo seu Diretor, o General de Brigada Carlos Augusto Ramires Teixeira, visitou a Direção de História e Cultura Militar (DHCM) e os municípios de Almeida e Lourinhã. Na manhã do dia 22, a comitiva brasileira foi recebida no Palácio dos Marqueses do Lavradio, pelo Major-General Aníbal Alves Flambó, Diretor da DHCM, e na ocasião ficou a conhecer a organização, competências e atividades desenvolvidas pelos diferentes órgãos da DHCM. No período da tarde, teve lugar a 1.ª sessão dos Ciclos de Conferências: *Os Exércitos e a Independência do Brasil – 2021 a 2023*, uma organização conjunta da DHCM e da DPHCEx, e foi feita a pré-apresentação da obra *200 Anos 200 Obras*, uma iniciativa do Palácio Nacional de Mafra, da Biblioteca do Exército e da Direção de Infraestruturas, que dos seus vastos acervos selecionaram livros e cartografia alusivos ao Brasil.

No dia 23 de novembro, no Centro de Estudos de Arquitetura Militar de Almeida, realizou-se uma reunião de cooperação cultural entre a DHCM, a DPHCEx, o Município de Almeida e a Associação Nacional do Turismo Militar de Portugal, onde foram abordados os projetos culturais desenvolvidos em 2021 e o desenvolvimento de novas parcerias no âmbito das várias instituições presentes.

Distinguished Visitors Day do exercício FÉNIX 21

No dia 25 de novembro decorreu, na região de Vila Velha de Ródão, o *Distinguished Visitors Day* (DVD) do exercício FÉNIX 21.

Estiveram presentes no DVD o Secretário de Estado Adjunto da Defesa Nacional, Dr. Jorge Seguro Sanches; o Chefe do Estado-Maior do Exército, General José Nunes da Fonseca, e o Presidente da Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão, Dr. Luís Ferro Pereira, entre outras entidades civis e militares.

A abertura do DVD foi realizada pelo Comandante das Forças Terrestres, Tenente-General Martins Pereira, e a apresentação do exercício pelo Major-General Xavier de Sousa. Seguiu-se uma demonstração de capacidades: de uma operação de resgate em zonas remotas, de uma operação de descontaminação e de uma ação de purificação de água, assim como uma visita às capacidades do Exército no âmbito do Apoio Militar de Emergência.

O exercício FÉNIX 21 visa testar a capacidade de resposta das diferentes valências do Sistema Integrado de Apoio Militar de Emergência do Exército no contexto de uma emergência complexa, que neste exercício é o da ocorrência de um sismo.

Dia do Comando do Pessoal

As comemorações do Dia do Comando do Pessoal (CmdPess) foram realizadas no dia 26 de novembro, com a presença de um número restrito de convidados, mas representativo das relações institucionais deste Comando com o meio militar e organismos públicos.

O programa comemorativo teve início com uma Alvorada Festiva, seguida do hastear da Bandeira Nacional e da celebração da Eucaristia de Ação de Graças, na Igreja da Nossa Senhora da Lapa, seguindo-se uma Sessão Solene, presidida pelo Vice-Chefe do Estado-Maior do Exército (VCEME), Tenente-General Guerra Pereira, que integrou uma palestra subordinada ao tema *A Formação, no caminho da excelência*.

O VCEME, na sua intervenção, reconheceu a elevada dedicação, notório profissionalismo e acrescida competência, que todos os militares e trabalhadores civis do CmdPess têm colocado no respetivo desempenho.

Ainda no âmbito das comemorações do Dia do CmdPess, realizou-se a 24 de novembro, no Quartel da Serra do Pilar, a Jornada da Direção de Serviços de Pessoal, subordinada ao tema *Prevenção dos Riscos, Promoção da Igualdade e Apoio Social no Exército*.

Decorreu, também, na Casa da Música, um concerto comemorativo, que contou com a atuação da Banda do Exército - Destacamento do Porto e com a participação especial do músico Pedro Abrunhosa e do coro *Ensemble Pro Musica*.

Estiveram presentes a Secretária de Estado de Recursos Humanos e Antigos Combatentes, Professora Doutora Catarina Sarmento e Castro e o Chefe do Estado-Maior do Exército, General José Nunes da Fonseca, entre outras entidades militares e civis.

Cerimónia de receção da Força Nacional Destacada *Tailored Forward Presence* da NATO na Roménia

A cerimónia de receção da Força Nacional Destacada na *Tailored Forward Presence* da NATO na Roménia decorreu, a 3 de dezembro, no Aeródromo de Trânsito n.º 1, em Lisboa, tendo sido presidida pelo Ministro da Defesa Nacional, Professor Doutor João Gomes Cravinho.

O Chefe do Estado-Maior do Exército, General José Nunes da Fonseca; o Comandante Aéreo, Tenente-General Eurico Craveiro; o 2.º Comandante das Forças Terrestres, Major-General Xavier de Sousa, e o Subchefe do Estado-Maior do Comando Conjunto para as Operações Militares, Major-General Dias Lopes, marcaram presença neste momento da chegada a Território Nacional da Companhia de Atiradores Mecanizada, constituída por 99 militares (93 homens e seis mulheres).

A Brigada de Intervenção foi designada como a Unidade organizadora e o Regimento de Infantaria n.º 14 a Unidade aprontadora desta Força, que integrou, por um período de três meses, o 22.º Batalhão de Infantaria romeno pertencente à Brigada Multinacional Sudeste, tendo desenvolvido treino em ambiente multinacional com Forças romenas, polacas e norte-americanas, participando em vários exercícios multinacionais, planeados e conduzidos para maximizar o treino cruzado entre os militares das diferentes nações.

Dia da Arma de Artilharia

As comemorações do Dia da Arma de Artilharia, presididas pelo Diretor Honorário da Arma de Artilharia, Tenente-General Cóias Ferreira, decorreram no dia 7 de dezembro, em Vendas Novas, tendo contado com um número restrito de convidados devido à atual situação pandémica.

As atividades do programa comemorativo incluíram o hastear da Bandeira Nacional, uma cerimónia de Homenagem aos Mortos em Combate e uma Sessão Solene em auditório, com uma alocução alusiva ao Dia da Arma de Artilharia, pelo seu Diretor Honorário, e uma reflexão sobre os *Desafios Futuros da Artilharia Portuguesa*, pelo Tenente-Coronel Sousa Jacinto.

A Sessão Solene terminou com o momento *Revista de Artilharia*, em que se procedeu à entrega dos prémios *Melhor Artigo do Ano 2021* e *Coronel Zephyrino Brandão*, tendo na circunstância o Presidente da Comissão Executiva da Revista, Major-General Morgado Baptista, proferido uma alocução alusiva ao ato.

Comando da Logística comemorou o seu 27.º Aniversário

A Sessão Solene do 27.º aniversário do Comando da Logística e do 15.º aniversário do Regimento de Transportes foi realizada no dia 14 de dezembro, com a presença de um número restrito de convidados, mas representativo das relações institucionais deste Comando com o meio militar, o poder local e demais organismos públicos, tendo sido presidida pelo Quartel-Mestre-General (QMG), Tenente-General João Manuel Lopes Nunes dos Reis.

O programa comemorativo teve início com uma alvorada festiva, seguida do hastear da Bandeira Nacional e da cerimónia de Homenagem aos Militares Mortos em Defesa da Pátria, seguindo-se a Sessão Solene, que integrou uma alocução do QMG, a imposição de condecorações, uma palestra subordinada ao tema *Consolidação da Manutenção de Nível III* e a apresentação da edição de 2021 da *Revista Logística* e do vídeo do Comando da Logística.

O QMG, na sua intervenção, evocou e relevou a obra realizada pelos militares e trabalhadores civis do Comando da Logística.

Primeiro-Ministro visita os militares portugueses em missão na RCA

O Primeiro-Ministro, Dr. António Costa, visitou os militares portugueses em missão na República Centro-Africana (RCA), no dia 19 de dezembro, acompanhado pelo Ministro da Defesa Nacional, Professor Doutor João Gomes Cravinho, e pelo Chefe de Estado-Maior-General das Forças Armadas, Almirante Silva Ribeiro.

A comitiva foi recebida no aeroporto militar de M'Poko, em Bangui, pelo 2.º Comandante da Missão Integrada das Nações Unidas para a Estabilização da República Centro-Africana (MINUSCA), Major-General Paulo Maia Pereira, do Exército Português, acompanhado pelos representantes nacionais das missões.

Antes de se reunir com os militares portugueses, o Primeiro-Ministro foi recebido pelo seu homólogo centro-africano, Henri-Marie Dondra, pelo Representante Especial do Secretário-Geral da ONU na RCA, Mankeur Ndiaye, e pelo Representante da União Europeia, Serge Panaget, onde reafirmou às autoridades centro-africanas, das Nações Unidas e da União Europeia o compromisso de Portugal com a paz e estabilidade na RCA.

O Primeiro-Ministro, na sua intervenção, enalteceu o trabalho de elevado valor que tem sido desenvolvido, afirmando a sua convicção na dedicação e empenho que os portugueses colocam no seu trabalho diário. A finalizar, desejou a todos umas Boas Festas e uma excelente continuação de missão.

12.

Instrutores portugueses no Teatro de Operações do Iraque a ministrar formação a uma Brigada da Polícia Federal Iraquiana

EXÉRCITO PORTUGAL

o Exército
nas redes sociais

exercito.pt

@ExercitoPortuguesPRT
@exercitoportugues_oficial
Exército Recrutamento
@Exercito_pt
800 20 12 74

no FACEBOOK:

1,4 mil gostos
169,7 mil seguidores

Os militares da Equipa de Tiro do Exército conquistaram lugares no pódio do Campeonato Nacional de Tiro de Pistola de Ar Comprimido. O Coronel Godinho Santos alcançou o título de Vice-Campeão Nacional e o Primeiro- Sargento Daniel Rodrigues a Medalha de Bronze. Os resultados obtidos pelos militares da Equipa de Tiro do exército garantiram o 3.º lugar na Classificação por Equipas.

Parabéns a todos os participantes pelo seu empenho e dedicação que possibilitaram os excelentes resultados alcançados!

2036 publicações
58,6 mil seguidores

no INSTAGRAM:

Realizou-se no dia 25 de novembro, no Regimentos de Comandos, a Cerimónia Comemorativa do 46.º Aniversário da Operação Militar do 25 de novembro de 1975.

A homenagem foi prestada junto do monumento "Ao Esforço Comando", onde está perpetuada a memória de todos os que ao serviço dos Comandos e pela Pátria sacrificaram a sua própria vida.

No quadro das medidas sanitárias restritivas em vigor, a cerimónia teve um carácter interno e reservado.

no TWITTER:

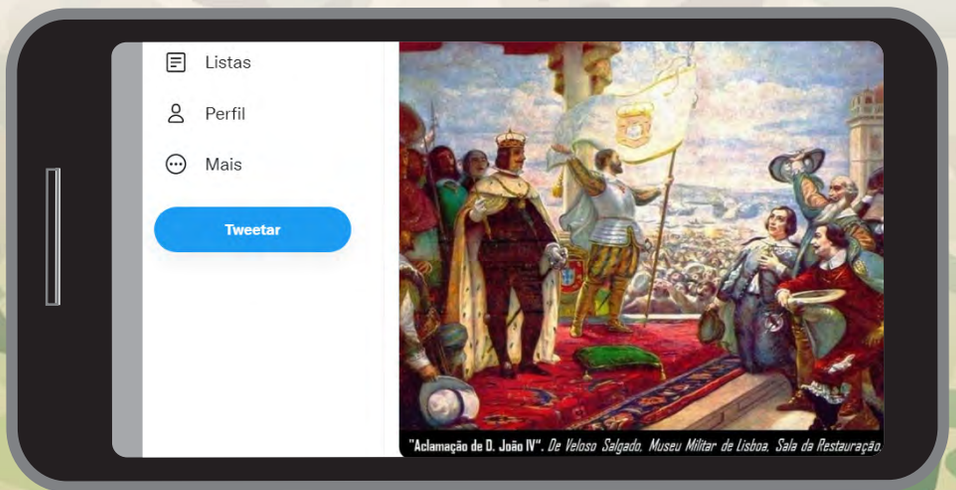
1115 seguidores

O Exército celebrou, no dia 1 de dezembro, os 381 anos da Restauração da Independência de Portugal. A 1 de dezembro de 1640, D. João IV era aclamado Rei de Portugal, dando-se início à Guerra da Restauração, que durou até 13 de fevereiro de 1668. À memória de todos aqueles que combateram por Portugal.

no YOUTUBE:

648 visualizações

De 22 a 26 de novembro, cerca de três centenas de militares do Exército Português participaram, em Vila Velha de Ródão e Abrantes, no Exercício FÉNIX 21. O Exercício FÉNIX 21 visa treinar e testar a capacidade de planeamento e resposta do Exército a uma hipotética situação de emergência, que coloque em causa a proteção e salvaguarda de pessoas e bens, tendo por base os potenciais pedidos de apoio da estrutura de Proteção Civil, no âmbito dos Planos de Emergência de Proteção Civil aplicáveis.



Zona Militar dos Açores

Antecedentes e Enquadramento Histórico

"Sá Nogueira partiu numa escuna inglesa, que foi tomada por um dos navios realistas do cruzeiro, e teve de esconder-se, juntamente com um dos seus irmãos, debaixo do carvão de pedra da carga, e ali se conservou sete dias, sem mudar de posição, sendo protegido pelo capitão do navio. Chegando à ilha de S. Miguel, até onde o navio cruzador os escoltou, Sá Nogueira, enquanto se fez a descarga, esteve escondido debaixo duma vela, e desembarcando enfim a ocultas esteve dois meses refugiado na casa do cônsul inglês, até que teve ensejo de seguir para a ilha Terceira, onde chegou a 12 de dezembro de 1829. Já se havia dado a batalha da Vila da Praia, tão gloriosamente ganha pelo conde de Vila Flor, e os miguelistas mantinham ainda o bloqueio, mas muito menos apertado, o que deu ocasião a que Sá Nogueira pudesse desembarcar, sendo logo no dia 11 nomeado ajudante de ordens do conde de Vila Flor, então governador e capitão-general dos Açores. Quando este valoroso militar preparou em 1831 a expedição para tomar as restantes ilhas do arquipélago, Sá Nogueira prestou-lhe valioso auxílio nos combates das ilhas do Pico, S. Jorge, Faial, S. Miguel, que conquistou depois da batalha da Ladeira Velha, em que os miguelistas foram postos em debandada."

(*In Portal da História*)

"Os exilados, após reunirem-se na Ilha Terceira, sob os auspícios de D. Pedro, seguiram para o norte do País. Desembarcaram no Pampelido em 8 de julho de 1832, e daí seguiram para o Porto, onde sofreriam um longo e penoso cerco. Tinha assim início uma guerra civil que se prolongaria por dois anos (1832-1834) e que levaria ao trono D. Maria II."

(*In infopédia* – Lutas Liberais)

Texto : TCor Cav Emanuel Umbelino | Gab Cmdt ZMA

16.

Um Comando caracterizado por uma elevada disponibilidade e prontidão do seu produto operacional e proximidade à população

A Génese

O Comando da Zona Militar dos Açores tem a sua origem na organização provisória do Exército do território continental e ilhas adjacentes em dez divisões militares. Esta organização, elaborada pelo Visconde Sá da Bandeira, tinha como principais objetivos fazer respeitar a inviolabilidade do território português e manter o País em tranquilidade pública para o conveniente desenvolvimento do sistema constitucional e a estabilidade do reino.

Os Açores, com os distritos administrativos de Ponta Delgada, Angra e Horta, englobavam a 10.ª Divisão Militar, criada por decreto régio de 26 de novembro de 1836, ficando o Quartel-General (QG) situado no distrito administrativo de Ponta Delgada.

A 10.ª Divisão Militar, que compreendia as Forças militares estacionadas nos Açores, teve como primeiro Comandante, nomeado por portaria de 14 de dezembro de 1836, o Brigadeiro João Pedro Soares Luna, Oficial-General do Exército Português e político que se distinguiu durante a Guerra Civil portuguesa e no período inicial da Monarquia Constitucional. Esteve exilado em Londres, comandou o Corpo Académico desde a ilha Terceira à tomada de Lisboa, sendo compulsivamente reformado como Marechal de Campo.

Durante o período de 1868 a 1939, o Comando da Zona Militar foi exercido a partir de Angra do Heroísmo, na ilha Terceira, e na sequência das medidas de reforço militar do arquipélago, perante o eclodir da II Grande Guerra, por determinação do Ministério da Guerra, o QG foi transferido para Ponta Delgada, naquela que é a sua localização atual.

Os Açores - Caracterização

Os Açores situam-se em pleno oceano Atlântico Norte, numa faixa limitada pelos paralelos 36º 55' 43'' e 39º 43' 02'' N e pelos meridianos 24º 46' 15'' e 31º 16' 02'' W. A sua posição oceânica manifesta-se no forte isolamento geográfico da região (insularidade), uma vez que se encontra, *grosso modo*, a cerca de 1430 quilómetros do continente europeu e a mais de 3900 quilómetros da América do Norte.

O arquipélago é formado por nove ilhas, reunidas em três grupos distintos (Ocidental, Central e Oriental), e por diversos ilhéus. O afastamento máximo entre as ilhas ultrapassa 340 milhas náuticas (630 quilómetros), distância que separa o Corvo de Santa Maria.

A superfície do arquipélago (2334 quilómetros quadrados) corresponde a cerca de 2,6 % do Território Nacional. No entanto, as ilhas revelam dimensões muito desiguais, sendo a maior São Miguel, com 745,8 quilómetros quadrados, e a mais pequena o Corvo, com 17,2 quilómetros quadrados.

São Miguel e Terceira são as ilhas que apresentam maior densidade populacional e onde residem quase 80 % dos habitantes dos Açores. A distribuição da população, de acordo com dados do Serviço Regional de Estatística dos Açores, reportados a 2020, é como a seguir se apresenta:

AÇORES (População Total)	**242497**
Santa Maria	5614
São Miguel	137220
Terceira	54998
Graciosa	4193
São Jorge	8252
Pico	13643
Faial	14482
Flores	3628
Corvo	467

"É seguro dizer que a Zona Militar dos Açores, à sua dimensão, esteve envolvida na projeção de Forças e de Elementos Nacionais Destacados em grande parte dos Teatros de Operações com participação nacional."

O clima dos Açores depende da posição do arquipélago no contexto da circulação atmosférica e oceânica do Atlântico Norte. A região situa-se na zona de transição entre as massas de ar, quentes e húmidas, com origem subtropical e as massas de ar com características mais frescas e secas de proveniência subpolar. A temperatura média anual varia regularmente, oscilando entre 16,8 °C em Angra do Heroísmo e 17,7 °C em Santa Cruz das Flores. A amplitude térmica anual é pouco acentuada, não ultrapassando 10 °C. No período de inverno, a temperatura média permanece nos 14 °C e no verão aproxima-se dos 23 °C. Os valores mínimos médios não descem abaixo dos 10 °C, enquanto os máximos ficam aquém dos 26 °C.

Regista-se um quantitativo desigual da pluviosidade entre os extremos do arquipélago, com o aumento da precipitação de Oriente para Ocidente. A precipitação média oscila entre os 748 mm em Santa Maria/Aeroporto e 1479 mm em Santa Cruz das Flores. O semestre mais chuvoso estende-se de outubro a março, concentrando cerca de 75 % do quantitativo anual.

A humidade relativa do ar é sempre muito elevada, com médias anuais compreendidas entre 76 % em Santa Maria/Aeroporto e 80 % em Ponta Delgada.

Quem Somos

· A Missão

A Zona Militar dos Açores (ZMA) tem como missão assegurar a preparação, o treino e o emprego das Forças existentes no arquipélago. Através do Comando da ZMA são garantidos o comando e controlo terrestre, bem como a preparação, o treino e o emprego das Forças colocadas na sua direta dependência. Através do QG da ZMA são asseguradas a administração e direção das Unidades e Órgãos (U/O) sediados no arquipélago.

· A Organização e Dispersão das U/O da ZMA

Na ilha de São Miguel, designadamente em Ponta Delgada, estão localizados o Comando e o QG da ZMA, com o primeiro instalado no Forte de São Brás, paredes meias com o Museu Militar dos Açores, e a Unidade de Apoio (UnAp) localizada no Campo Militar de São Gonçalo. São ainda resi-

dentes no Campo Militar de São Gonçalo a Banda Militar dos Açores e o Gabinete de Atendimento ao Público. Também em São Miguel, desta feita na freguesia dos Arrifes, encontra-se o Regimento de Guarnição n.º 2 (RG2), casa-mãe do 2.º Batalhão de Infantaria.

Em Angra do Heroísmo, na ilha Terceira, podemos encontrar na Fortaleza de São João Baptista, envolvente do Monte Brasil, o Regimento de Guarnição n.º 1 (RG1), onde está sediado o 1.º Batalhão de Infantaria.

Ambos os regimentos contam cada um com um destacamento. O RG1 com o Destacamento da ilha do Faial, na cidade da Horta, e o RG2 com o Destacamento da ilha de Santa Maria, em Vila do Porto.

O Que Fazemos

A ZMA caracteriza-se pela elevada disponibilidade e prontidão do seu produto operacional e pela proximidade que goza junto da população. A conjugação destes dois princípios permite, com sucesso, o desenvolvimento do treino e realização dos exercícios necessários com vista ao desenvolvimento e consolidação das tarefas inerentes às operações de defesa militar, das atividades em contexto de apoio militar a emergências civis, bem como a preparação e o emprego de Forças no âmbito dos compromissos externos do Estado.

• **Operações de Defesa Militar**

O treino focado nesta tipologia de operações, garante da soberania de um povo e do seu território, compreende: as operações terrestres de defesa imediata do arquipélago (marcado por uma acentuada descontinuidade territorial); a vigilância de áreas e pontos sensíveis; e a participação na defesa terrestre do território continental.

Anualmente, na ZMA são levados a cabo uma série de exercícios, quer do Ramo, quer, por via da insularidade, conjuntos com a Marinha e Força Aérea, no sentido de validar as capacidades militares em operações desta natureza, bem como a projeção das mesmas. O ciclo anual de exercícios encerra no corrente ano com o AÇOR 21, que tem lugar na ilha de São Jorge, envolvendo cerca de 200 militares dos três Ramos das Forças Armadas.

• **Operações de Apoio Militar a Emergências Civis**

A exposição dos Açores a eventos meteorológicos extremos conduz necessariamente ao treino e emprego de Forças (valência dual) em tarefas de apoio militar de emergência junto das populações locais. As operações de apoio militar a emergências civis, na Região Autónoma dos Açores (RAA), acontecem em coordenação com o Serviço Regional de Proteção Civil e Bombeiros dos Açores e é através do Plano Solidário/ZMA que são identificadas, levantadas e aprontadas as diferentes capacidades e valências a colocar no terreno.

Os Açorianos e as autoridades/entidades regionais, sempre que se verificam situações de emergência ou calamidade, veem com especial

Apoio COVID-19

APOIO/ATIVIDADE	EFETIVO	INÍCIO	TOTAIS	
Trace COVID-19			*Inquéritos*	*Contatos*
São Miguel	02/06/02 **(10)**	15JAN21	**1480**	**22126 (*)**
Convocação			Contatos efetuados	Agendamentos
São Miguel	00/10/13 **(23)**	21MAI21	**108606 (*)**	**39316 (*)**
Terceira	00/02/08 **(10)**			
Vacinação			Vacinas administradas	
São Miguel	02/00/00 **(2)**	31MAI21	**3929**	

(*) Dados referidos a 13 de dezembro de 2021.

interesse o envolvimento dos seus militares na prestação de auxílio à comunidade local. Nos últimos anos essas situações têm estado associadas sobretudo a enxurradas provocadas pela forte precipitação.

É neste contexto que os 1.º e 2.º Batalhões de Infantaria se organizam em Agrupamentos Militares de Apoio Civil, AMAC 1 e AMAC 2 respetivamente, sendo a sua composição de geometria variável, modular e sobretudo flexível para enfrentar os mais diversos cenários. A ilustrar isso mesmo, de referir a recente participação das equipas de Busca, Salvamento e Remoção de Escombros do AMAC 2, durante o período de 29 de junho a 4 de julho, na região da Povoação/São Miguel, e que envolveu 63 militares na busca de duas pessoas desaparecidas.

Especial apontamento no combate à pandemia COVID-19, onde estiveram empenhados de forma permanente na RAA, entre janeiro e setembro de 2021, 55 militares do Exército. Com maior relevo em São Miguel e na Terceira, os militares da ZMA estiveram diretamente envolvidos no provimento das linhas Trace COVID-19 e de convocação para vacinação; na administração de vacinas nas Portas do Mar, em Ponta Delgada, e noutras atividades de apoio direto à vacinação nas ilhas Terceira e Santa Maria.

A par das atividades acima referidas, o Posto de Vacinação da UnAp/QG da ZMA foi responsável, entre 10 de março e 2 de agosto, pela administração de 860 doses de vacinas a militares e civis das Forças Armadas.

No decorrer do ano de 2020, também em contexto de pandemia, a ZMA desenvolveu ações de sensibilização em cerca de 12 escolas da RAA e nos estabelecimentos prisionais de Ponta Delgada e de Angra do Heroísmo, bem como procedeu à prestação de apoios diversos através da cedência, instalação e/ou montagem de material e equipamento diferenciado nos hospitais, unidades de saúde e cercas sanitárias regionais. Foram ainda preparados dois centros de acolhimento (UnAp/São Miguel e RG1/Terceira) com capacidade para 155 pessoas no total.

"Os Açorianos e as autoridades/entidades regionais, sempre que se verificam situações de emergência ou calamidade, veem com especial interesse o envolvimento dos seus militares na prestação de auxílio à comunidade local."

• **Participação em Missões Fora do Território Nacional**

De referir ainda, o contributo operacional da ZMA no âmbito dos compromissos internacionais. É seguro dizer que a ZMA, à sua dimensão, esteve envolvida na projeção de Forças e de Elementos Nacionais Destacados em grande parte dos Teatros de Operações com participação nacional. Desde Timor-Leste, passando pelas Balcãs, Líbano, Mali, Iraque e, mais recentemente, no Afeganistão e na República Centro-Africana, o efetivo da ZMA empenhado desde 2000 conta com a participação de 450 militares.

Que Desafios

O cumprimento da missão cometida à ZMA, quer pela sua natureza, quer pela sua diversidade, requer uma gestão cuidada e integrada dos seus recursos, bem como a programação oportuna das suas atividades.

É nesta conformidade que a manutenção da capacidade de recrutamento, a retenção dos recursos humanos, a modernização e capacitação dos Elementos da Componente Operacional do Sistema de Forças do Exército se constituem, a montante, como os principais desafios da atividade corrente e futura da ZMA. Deste desiderato decorre naturalmente a manutenção da capacidade operacional das Forças estacionadas na RAA, e a viabilização do emprego dessas mesmas Forças, seja em operações militares em Território Nacional, seja na projeção das mesmas para satisfação dos compromissos internacionais assumidos.

CACHALOTE 21

O Comando da Zona Militar dos Açores, como preparação para enfrentar uma eventual ameaça volátil, difusa e multifacetada, realizou um exercício, nas ilhas de S. Miguel e da Terceira, abordando duas facetas de treino distintas: Segurança Militar e Apoio Militar a Emergências Civis

Texto : Maj Tms Martingo Coelho | Oficial-Adjunto para as Operações/ZMA

O Comando da Zona Militar dos Açores (ZMA) realizou o exercício CACHALOTE 21, nas ilhas de S. Miguel e da Terceira, durante o período de 27 a 31 de maio de 2021, abordando duas facetas de treino distintas: Segurança Militar e Apoio Militar a Emergências Civis.

O exercício iniciou-se com a implementação de um cenário fictício, vocacionado para o treino da Segurança Militar, representando uma sociedade globalizada, com uma ameaça associada de caráter volátil, difuso e multifacetado, num ambiente caraterizado pela ocorrência de ações de terrorismo, espionagem, crime organizado e extremismo violento.

A resposta aos incidentes, suscitados por este cenário, obrigou a alterar os estados de alerta das Unidades da ZMA, de acordo com as diretivas em vigor, a par do desencadeamento dos procedimentos, técnicos e táticos, previstos para as diferentes fases dos planos de segurança das Unidades, testando a segurança das instalações contra ações perpetradas por Forças hostis.

Atingida esta fase do exercício, as Unidades da ZMA receberam uma indicação de aumento progressivo da ameaça que, numa fase inicial, foi implementado através dos meios digitais de comunicação, de ataques informáticos e difusão de desinformação, com o objetivo de desestabilizar as condições de segurança e estabilidade na região.

Perante a crescente probabilidade de ações violentas contra as instalações militares da ZMA foram novamente alterados os estados de alerta das Unidades, com ativação das Forças neles previstas, para restabelecer os níveis de segurança adequados, após resolução dos incidentes injetados pela célula de controlo do exercício e pelas Forças de cenário.

Finalizada a fase do exercício dedicada à Segurança Militar foi implementado um cenário de ocorrência de catástrofe natural, simulando uma situação de condições atmosféricas adversas, resultantes da aproximação à região de AÇORIUM de uma depressão cavada, associada a um sistema frontal, causadora de condições meteorológicas extremamente gravosas, responsáveis por um elevado número de desalojados. Esta situação originou um pedido de apoio, por parte das Forças da ZMA, ao Serviço Regional de Proteção Civil e Bombeiros de AÇORIUM (SRPCBA), entretanto também acionado. Neste novo contexto, a ZMA acionou o seu Plano para Apoio Militar a Emergências Civis (Plano SOLIDÁRIO).

> **"Esta evolução do cenário permitiu treinar o Apoio Militar a Emergências Civis, de acordo com o preconizado pelo referido plano, nomeadamente a instalação e operação de Postos de Reunião e Irradiação de Desalojados, testando simultaneamente os níveis de prontidão e a capacidade de intervenção das equipas dos Agrupamentos Militares de Apoio Civil."**

Esta evolução do cenário permitiu treinar o Apoio Militar a Emergências Civis, de acordo com o preconizado pelo referido plano, nomeadamente a instalação e operação de Postos de Reunião e Irradiação de Desalojados (PRID), testando simultaneamente os níveis de prontidão e a capacidade de intervenção das equipas dos Agrupamentos Militares de Apoio Civil (AMAC). Neste contexto, foram instalados dois PRID, um na ilha de São Miguel, no interior das instalações do Regimento de Guarnição n.º 2 (RG2), nos Arrifes, e outro, na ilha Terceira, no Estádio João Paulo II, em Angra do Heroísmo.

Na ilha Terceira, o 1.º Batalhão de Infantaria (BI), encargo operacional do Regimento de Guarnição n.º 1 (RG1), constituiu o Agrupamento Mi-

Operação de segurança – inspeção a viaturas

Ação da equipa sanitária no Posto de Reunião e Irradiação de Desalojados

litar de Apoio Civil n.º 1 (AMAC 1). Das várias solicitações que lhe foram dirigidas, pelo SRPCBA, decorreram missões e/ou tarefas que implicaram a utilização de parte das equipas do Grupo de Intervenção do AMAC 1, designadamente as Equipas de Transporte de Desalojados, as Equipas de Busca, Salvamento e Remoção de Escombros, bem como a montagem de um PRID numa área designada para o efeito.

O cenário previa uma situação de inexistência de alojamento imediato para todos os desalojados, provocados por enxurradas e desabamentos de terra, decorrentes de condições atmosféricas extremamente gravosas. Para enfrentar a situação, o AMAC 1 montou um PRID com todas as valências previstas, em seis horas, permitindo o reforço da capacidade de alojamento temporário, para um efetivo máximo de cem pessoas. Atendendo ao ambiente pandémico atual, foi acrescentado um ponto de controlo para testagem COVID-19 à entrada do PRID, assegurando, caso necessário, capacidade de isolamento para eventuais casos positivos. Já no interior das instalações do PRID, foi acionada a equipa sanitária, testando a sua capacidade para tratamento de escoriações, bem como de apoio psicológico.

Na ilha de São Miguel, o 2.º BI, encargo operacional do RG2, constituiu o AMAC 2, com capacidade para apoiar cinquenta desalojados, podendo também executar tarefas de receção, alojamento, alimentação e prestação de cuidados sanitários, tendo sido simuladas diversas situações destinadas a validar a sua operação, bem como as competências do efetivo que lhe está atribuído.

Apesar da sua diferente capacidade máxima, os PRID instalados em ambas as ilhas possuíam uma configuração genérica semelhante, de acordo com o previsto pelo Plano SOLIDÁRIO:

Destacam-se os seguintes serviços, que foram disponibilizados aos seus utilizadores:

• Comunicações: garantia de comunicações com o Comando da ZMA;

• Reabastecimento de água: gestão do fornecimento de água potável;

• Posto de Socorros: apoio em cuidados básicos de saúde, avaliação do estado geral de saúde, encaminhamento hospitalar de situações mais graves, execução de tratamentos básicos de saúde, diagnóstico médico e aconselhamento sobre medidas de higiene;

• Alimentação: transporte e armazenamento de géneros, para confecionar e servir até 200 refeições diárias;

• Manutenção: apoio em reparações mecânicas;

• Transporte de desalojados: coordenação da utilização dos meios de transporte disponíveis, para recolha e encaminhamento de desalojados, bem como para transporte de cargas;

• Reabastecimento: assegurar a ligação com a Unidade que presta o apoio logístico;

• Serviços Gerais: montagem de tendas e cobertos necessários para o bom funcionamento do PRID, garantia de boas condições de higiene, instalação dos sistemas de iluminação e sanitários, assim como de um espaço para troca de roupa (masculino/feminino);

• Patrulhas de Segurança: garantia da segurança e controlo dos desalojados dentro do PRID, montagem de um Ponto de Fiscalização de Circulação, realização de rondas ao perímetro e apoio ao funcionamento do local de receção.

> **"Finalizada a fase do exercício dedicada à Segurança Militar foi implementado um cenário de ocorrência de catástrofe natural, simulando uma situação de condições atmosféricas adversas..."**

Os constrangimentos impostos pela atual situação pandémica, obrigaram, durante todo o exercício, à implementação das medidas em vigor, para mitigação do contágio e propagação do vírus SARS-CoV-2, tomando em consideração os níveis de transmissão nas ilhas Terceira (RG1) e de São Miguel (RG2). No entanto, tal facto de forma alguma impediu que fossem atingidos os objetivos propostos para o exercício CACHALOTE 21. ع

Cozinha de campanha na área da alimentação e água

O Aprontamento do Agrupamento Mecanizado *Very High Readiness Joint Task Force* 2022

Uma Força que, em 2022, estará em elevado estado de prontidão, no âmbito da *North Atlantic Treaty Organization*, para executar missões de Defesa Coletiva ou Operações de Resposta a Crises

Texto : TCor Inf Pedro Cavaleiro | Comandante do AgrMec VJTF 22

Introdução

A partir de 1 de janeiro de 2022, o Agrupamento Mecanizado da *Very High Readiness Joint Task Force* 2022 (AgrMec VJTF 22) irá encontrar-se em elevado estado de prontidão, pronto para ser empregado no âmbito da *North Atlantic Treaty Organization* (NATO), em missões de Defesa Coletiva ou Operações de Resposta a Crises.

O contributo do Exército com um Agrupamen-

to Mecanizado para a *Very High Readiness Joint Task Force* 2022 decorre da decisão de Portugal contribuir com uma Unidade de escalão Batalhão para as Forças da Brigada VJTF LAND 2022, constituída a partir da Brigada Franco-Alemã, que integram a Força de elevada prontidão da NATO designada por *enhanced* NATO *Response Force* (eNRF), resultado da reformulação do conceito inicial da NRF, após a Cimeira da NATO realizada no País de Gales, em 2014.

O contributo do Exército baseia-se na estrutura orgânica do 1.º Batalhão de Infantaria Mecanizado de Rodas (1BIMecRodas) da Brigada de Intervenção (BrigInt), reforçado com um Esquadrão de Carros de Combate da Brigada Mecanizada (BrigMec).

O aprontamento desta Força decorreu no período de 4 de janeiro a 26 de dezembro de 2021.

A Mobilização do AgrMec VJTF 22

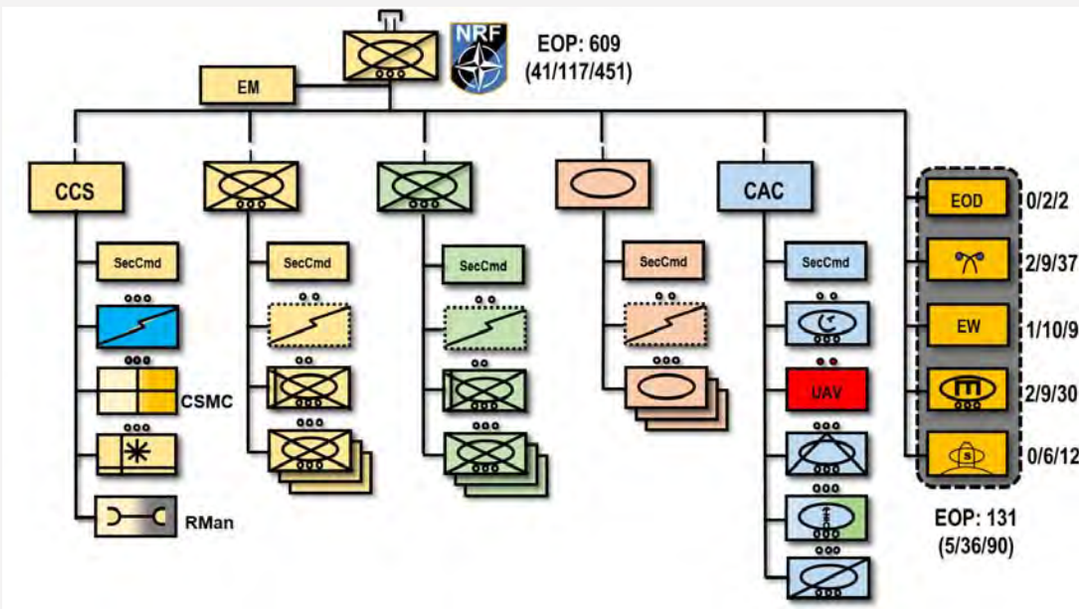
A missão de mobilizar o Comando, Estado-Maior e a Companhia de Comando e Serviços (CCS) do AgrMec VJTF 22 foi atribuída ao Regimento de Infantaria n.º 13 (RI13), tendo este atribuído a missão ao 1BIMecRodas. Coube, adicionalmente, ao RI13 mobilizar a 1.ª Companhia de Atiradores Mecanizada de Rodas (1CAtMecRodas), ao Regimento de Infantaria n.º 14 (RI14) mobilizar a 2CAtMecRodas, ao Regimento de Cavalaria n.º 6 (RC6) mobilizar a Companhia de Apoio de Combate (CAC) e ao Regimento de Transmissões (RTm) mobilizar o Módulo de Comunicações e Sistemas de Informação da CCS.

À semelhança do desafio que seria a mobilização de um Agrupamento num só Regimento, a mobilização da CCS do AgrMec VJTF 22 era igualmente um repto considerável para qualquer um dos Regimentos da BrigInt. Assim, o modelo de mobilização desta Unidade Escalão Companhia (UEC) foi um pouco mais longe, sendo o Pelotão de Reabastecimento e Transportes mobilizado a partir do RI13, RI14, RC6 e BrigMec, mobilizando estas Unidades equipas com base num conceito de apoio de serviços genérico, mobilizando cada uma a parte que se poderá designar como a "parte proporcional do apoio" a cada UEC. No entanto, nos arranjos de Comando e Controlo, uma vez mobilizada para exercícios ou operações, o comando completo das Equipas e Módulos, mobilizados de forma descentralizada, é atribuído ao Comandante da Companhia. Adicionalmente, de acordo com o definido no Quadro Orgânico do 1BIMecRodas, o Módulo Sanitário é mobilizado pelo Centro de Saúde Militar de Coimbra da Direção de Saúde (CSMC/DS) e o Módulo de Manutenção é mobilizado pelo Regimento de Manutenção (RMan), este último através dos efetivos da Companhia de Manutenção da BrigInt.

Este modelo de mobilização, assumindo uma forma mais descentralizada do que o normal, tornou possível mobilizar e inscrever em Ordem de Batalha, a 4 de novembro de 2021, aquando do brífingue da *Combat Readiness Evaluation*, ocorrido durante o exercício de certificação LA LYS 214, 95 % do efetivo do AgrMec VJTF 22.

A organização do AgrMec VJTF 22 prevê um efetivo de 609 militares, sendo mobilizado a partir de sete Unidades (BrigMec, RI13, RI14, RC6,

Organização do AgrMec VJTF 22



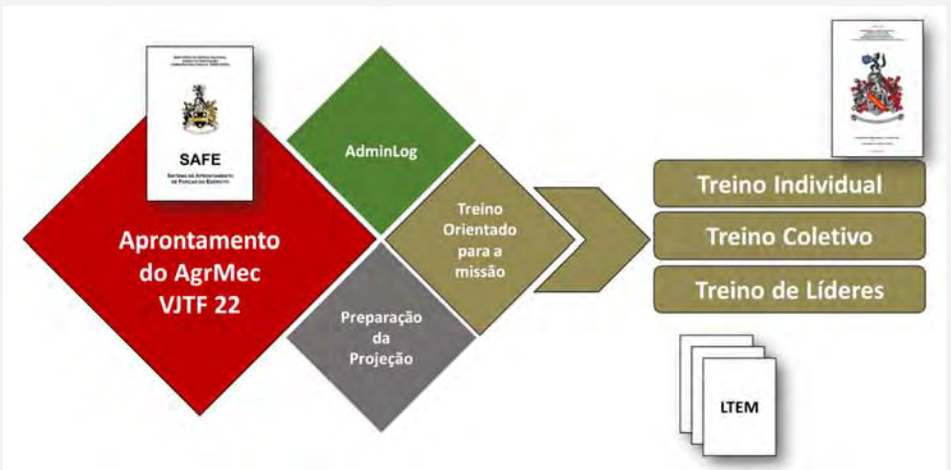
RTm, CSMC, RMan). Incluído no projeto do AgrMec VJTF 22, o Exército decidiu mobilizar cinco Módulos de Apoio de Combate (ModApComb), cuja finalidade é "contribuir para o esforço de edificação de Capacidades" [1] . Estes ModApComb têm um efetivo total de 131 militares, distribuídos pelos cinco módulos: Explosive Ordnance Disposal; Multifuncional Nuclear, Biológico, Químico e Radiológico; Defesa Antiaérea; Guerra Eletrónica e Engenharia de Combate Média.

O Aprontamento do AgrMec VJTF 22

O modelo de mobilização do AgrMec VJTF 22 obrigou também a uma adaptação da execução do Programa de Aprontamento, considerando que a execução das tarefas de aprontamento foi descentralizada nas UEC, com apoio dos Elementos da Componente Operacional do Sistema de Forças (ECOSF) aos quais pertencem. O Comando e Estado-Maior do AgrMec definiu as tarefas a executar pelos militares e pelas Subunidades, aos vários escalões.

O aprontamento do AgrMec VJTF 22 seguiu as fases normais de preparação da Força, definidas no Sistema de Aprontamento de Forças do Exército (SAFE): Fase I - Aprontamento Administrativo-Logístico; Fase II - Treino Orientado para a Missão; Fase III - Preparação da Projeção.

Programa de Aprontamento do AgrMec VJTF 22



Exercício JUPITER 21 CFX

[1] Diretiva n.º 109/CEME/20, Contributos do Exército no âmbito dos Mecanismos de Resposta Rápida – *Very High Readiness Joint Task Force* 2022 (VJTF 22).

O SAFE constitui-se como uma excelente referência no âmbito do Aprontamento Administrativo-Logístico e da Preparação para a Projeção, podendo, contudo, ser melhorado, em nosso entender, na resposta às necessidades de Treino Orientado para a Missão, para uma Unidade de escalão Batalhão, sobretudo ao nível do treino coletivo.

A Fase I decorreu de 4 a 31 de janeiro. Esta fase, pela sua natureza e decorrente da situação pandémica que se vive no nosso País, decorreu em simultâneo com as restantes fases do aprontamento e a sua execução esteve muito condicionada até ao final da primeira quinzena de abril.

A Fase II decorreu de 1 de fevereiro a 26 de dezembro e subdividiu-se em treino: individual, coletivo e de líderes. Nesta fase foram também executados os planos de tiro e o treino físico militar.

A Fase IIA, que decorreu de 4 a 31 de janeiro, de nivelamento, correspondeu à fase de treino individual do AgrMec e teve como objetivo principal nivelar e uniformizar os conhecimentos e capacidades essenciais, para assegurar que todos os militares estavam aptos a proceder individual-

"O contributo do Exército baseia-se na estrutura orgânica do 1.º Batalhão de Infantaria Mecanizado de Rodas da Brigada de Intervenção reforçado com um Esquadrão de Carros de Combate da Brigada Mecanizada."

mente de acordo com a situação e ameaça com que pudessem vir a ser confrontados, fazendo uso correto do seu armamento e equipamentos. Esta fase terminou com uma prova designada de *Team Spirit*, executada de forma descentralizada nas Subunidades, em que os militares foram sujeitos a cinco provas de avaliação individual, nas quais se avaliaram as tarefas que validassem a Fase IIA, e que garantissem o nivelamento geral dos militares do AgrMec.

O treino coletivo do AgrMec dividiu-se em quatro fases: Fase IIB - treino operacional de nível Secção; Fase IIC – treino operacional de nível Pelotão; Fase IID – treino operacional de nível Companhia; e Fase IIE – treino operacional de nível Batalhão. À semelhança das tarefas da fase individual, as tarefas de treino coletivo, nas várias fases, foram executadas com base em Listas de Tarefas Essenciais para a Missão (LTEM) e controladas com base num sistema de monitorização das tarefas de aprontamento. As LTEM foram elaboradas considerando o nível respetivo e a tipologia de Secção, Pelotão ou Companhia/Esquadrão e considerando a tipologia de operações que enquadram as tarefas em treino.

A avaliação das várias fases do treino coletivo foi feita numa série de exercícios, criada especificamente para o treino e avaliação do AgrMec VJTF 22, designada por LA LYS, que foi inscrita no Plano Integrado de Treino Operacional e na Diretiva do Plano de Treino Operacional da BrigInt para o ano de 2021. Os exercícios da série LA LYS visaram avaliar o treino operacional aos vários níveis, de acordo com os seguintes objetivos de avaliação:

- LA LYS 211 - avaliação do treino operacional de nível Secção;
- LA LYS 212 - avaliação do treino operacional de nível Pelotão;
- LA LYS 213 - avaliação do treino operacional de nível Companhia;
- LA LYS 214 - avaliação do treino operacional de nível Agrupamento e exercício final de certificação.

Treino Coletivo do AgrMec VJTF 22

Exercícios Nacionais

Além dos exercícios listados no ponto anterior, da série LA LYS 21, o AgrMec VJTF 22 participou como Audiência Primária de Treino (APT) nos exercícios da série JUPITER 21 do 1BIMecRodas, na qual executámos o JUPITER 212 *Command Field Exercise* (CFX), na região de Vila Real, em que participaram os Postos de Comando das Unidades subordinadas e dos Pelotões da CAC.

Adicionalmente, o AgrMec VJTF 22 participou, também como APT, nos exercícios da série DRAGÃO 21 da BrigInt nas várias modalidades: DRAGÃO 211 *Battle Staff Training*, DRAGÃO 212 CFX e DRAGÃO 21 *Field Training Exercise* (FTX).

No âmbito dos exercícios nacionais de nível Exército, o AgrMec VJTF 22 participou como APT no ORION 21 nas modalidades de *Command Post Exercise* (CPX), exercício realizado no Laboratório de Simulação Tática da Academia Militar e no ORION 21 FTX, exercício no qual o Comando e Estado-Maior do AgrMec VJTF 22 foi certificado pelo Chefe do Estado-Maior do Exército (CEME) como *Mission Capable*, correspondendo à certificação nacional da fase de *Stand Up*.

Exercício DONAU WARRIOR 21

Exercício LA LYS 214

Exercícios Internacionais

Ao nível dos exercícios internacionais, o AgrMec participou, logo em dezembro de 2021, com uma Célula de Resposta, no exercício CITADEL KLEBER 20, realizado na cidade de Lille, em França, e que teve como principal finalidade a certificação do comando da Brigada Franco-Alemã.

No decorrer do ano de 2021, o AgrMec VJTF 22 participou ainda no exercício DONAU WARRIOR 21, que decorreu no Quartel-General da Brigada Franco-Alemã, na cidade alemã de Müllheim, na modalidade de CPX e que teve como principal objetivo a interoperabilidade dos meios de Comunicações e Sistemas de Informação das Forças pertencentes à Brigada VJTF 22 e sobre o qual o

AgrMec escreveu já um artigo no *Jornal do Exército* (n.º 712, setembro de 2021).

Conclusões

O projeto de edificação e mobilização do AgrMec VJTF 22 é um projeto estruturante para a BrigInt, para o Comando das Forças Terrestres e para o Exército. Constitui-se como uma oportunidade de demonstrar a capacidade do Exército para mobilizar Forças de elevada prontidão, envolvendo capacidades existentes nas Forças Médias e Pesadas (Unidades de Carros de Combate) e combinar as plataformas mais modernas existentes no Exército, as Viaturas Blindadas de Rodas PANDUR II 8x8 e os Carros de Combate *Leopard* 2A6.

O modelo de mobilização desta Unidade de elevada prontidão mostra, de forma inequívoca, as vantagens do modelo de implantação territorial escolhido para o Exército, baseado em Unidades tipo Regimento que geram ECOSF, que por sua vez mobilizam Subunidades do AgrMec VJTF 22.

Este modelo tem, no entanto, desafios que se colocam, fundamentalmente, nas dificuldades na concentração para treino de nível Agrupamento, de projeção em caso de ativação, desafios que poderão ser superados com planeamento detalhado, fortalecimento das relações de cooperação entre os vários ECOSF da BrigInt e da BrigMec e através da definição clara de uma prioridade de treino, de afetação de meios materiais e recursos humanos atribuídos ao AgrMec VJTF 22, prioridade essa que tem vindo a ser sentida.

O AgrMec VJTF 22 pretende constituir-se como uma referência na capacitação operacional das suas Subunidades e uma escola de liderança aos vários escalões, através de programas inovadores que se tornem numa experiência enriquecedora para os militares que integram a Ordem de Batalha desta Força, sobretudo nos anos de aprontamento e manutenção da prontidão. JE

> **"O projeto de edificação e mobilização do Agrupamento Mecanizado da *Very High Readiness Joint Task Force* 2022 é um projeto estruturante para a Brigada de Intervenção, para o Comando das Forças Terrestres e para o Exército."**

Exercício LA LYS 214

CIBER PERSEU 21

De 8 a 12 de novembro teve lugar a 10.ª edição deste exercício internacional que tem como objetivos treinar e avaliar anualmente a capacidade de resposta do Exército ante a ocorrência de ciberataques, que afetem as comunicações e sistemas de informação que suportam a capacidade de Comando e Controlo

Texto : Cor Tm Rui Bettencourt | Comandante do CTE/DCSI
TCor Tm Paulo Branco | Chefe do Departamento de Ciber Defesa e Segurança da Informação do CTE/DCSI

O CIBER PERSEU é um exercício de ciberdefesa e cibersegurança do Exército, contemplado no seu Plano Integrado de Treino Operacional, inserido no planeamento anual dos exercícios conjuntos e combinados do Estado-Maior-General das Forças Armadas (EMGFA) e inscrito no NATO *Military Training and Exercise Program*.

O exercício tem o objetivo de exercitar e avaliar anualmente a capacidade de resposta do Exército ante a ocorrência de ciberataques, de âmbito nacional ou internacional, que afetem as comunicações e sistemas de informação (CSI) que supor-

tam a capacidade de Comando e Controlo, pondo em causa a missão das Forças terrestres. Assente em três princípios, nomeadamente a Segurança do Ciberespaço, Integração e a Não Avaliação Mútua, visa proporcionar ao Exército condições de treino especializado, de teste e de validação de técnicas, táticas e procedimentos, como pilares principais, no âmbito da condução de operações no e através do ciberespaço.

O Exército reforçou em 2021 o pilar tático do CIBER PERSEU, colocando ênfase no treino operacional em operações no ciberespaço, com maior frequência de emprego dos meios de ciberdefesa em ambiente tático e incremento do envolvimento da componente operacional do Sistema de Forças, em particular ao nível das funções de combate: Informações; Comando Missão; Movimento e Manobra, e Fogos.

Através do Comando das Forças Terrestres foi assegurando o emprego de meios táticos no âmbito do exercício, assim como treino cruzado com outros Elementos da Componente Operacional do Sistema de Forças, escalão Batalhão ou superior, num cenário de ciberataque a uma rede de missão.

Reconhecendo que a eficácia das ações de defesa do ciberespaço, em particular de ataques dirigidos a infraestruturas críticas nacionais, depende da capacidade de atuação sinérgica da sociedade portuguesa globalmente, envolvendo não apenas as Forças Armadas, mas também as Forças e serviços de segurança, a comunidade académica, os sectores público e privado e a base industrial de defesa.

A 10.ª edição do CIBER PERSEU procurou igualmente continuar a contribuir decisiva e ativamente para o incremento da segurança do ciberespaço nacional, proporcionando uma estrutura de treino alargada e possibilitando mais uma oportunidade de exercitar procedimentos para a comunidade de entidades que participaram no exercício.

Após a realização da edição anterior ter sido condicionada pela pandemia COVID-19, tendo sido inteiramente efetuada por via de acesso remoto e através de sessões telemáticas, o Comando do Exército decidiu e transmitiu na conferência de planeamento inicial, em junho, que o CIBER PERSEU previa participação remota e presencial, mas, existindo condições sanitárias adequadas no último trimestre de 2021, a conferência final de coordenação em outubro e a fase

Missões para o exercício CIBER PERSEU 21

de execução (LIVEX), entre 8 e 12 de novembro, decorreriam maioritariamente em modo presencial, como veio a acontecer.

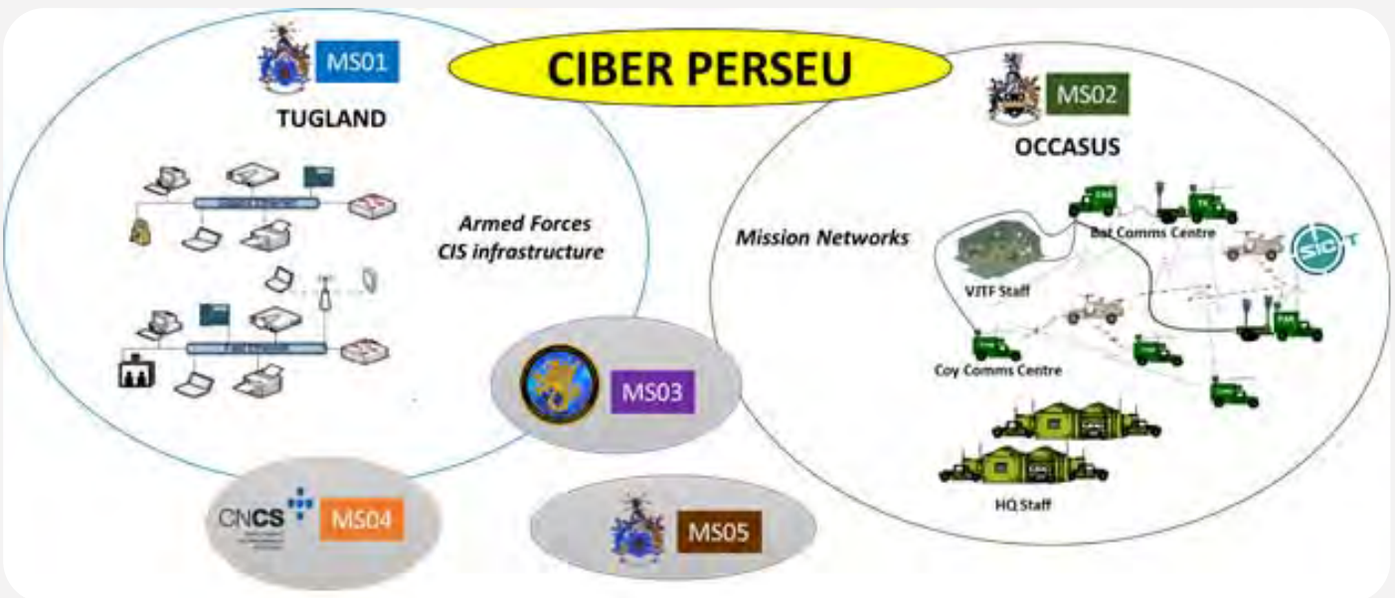
Desde 2016 que o CIBER PERSEU conta com a participação de militares de países aliados e amigos, da NATO, da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, da Iniciativa 5+5 Defesa e do Fórum Ibero-Americano de Ciberdefesa, tendo este ano sido registado o mais elevado número de participantes, de 12 países: cinco delegações presentes fisicamente, oriundas da Argélia, Brasil, Marrocos, Tunísia e Espanha e as restantes por acesso remoto, de Angola, Guiné-Bissau, India, Moçambique, Roménia, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste.

O CIBER PERSEU incluiu as seguintes missões de treino:

- MS01 Ciberataque à infraestrutura CSI das Forças Armadas;
- MS02 Ciberataque a rede de missão da componente terrestre;
- MS03 Resposta, análise e investigação de ciberincidentes;
- MS04 Ciberataque ao sector público e privado;
- MS05 Competição *Capture The Flag*.

[1] Plataforma tecnológica em ambiente virtual controlado, destinado a possibilitar a formação e treino no âmbito da deteção e mitigação de ameaças provenientes do ciberespaço.

Em função do desafio colocado pela prioridade atribuída em 2021 à MS02 identificou-se a oportunidade para procurar um maior envolvimento de duas entidades participantes no exercício, que desde logo aceitaram, tendo integrando a *Core Planning Team*: o Centro de Ciberdefesa do EMGFA, que liderou com a Direção de Comunica-



Cenário, audiência de treino

ções e Sistemas de Informação (DCSI) do Exército a MS03, assentando esta missão no *Cyber Range*[1] das Forças Armadas, e o Centro Nacional de Cibersegurança do Gabinete Nacional de Segurança, que liderou com a DCSI a MS04.

A 10.ª edição do exercício contou igualmente com o apoio dos parceiros *Armed Forces Communications & Electronics Association* Portugal e Fundação para a Ciência e Tecnologia, bem como o generoso patrocínio das empresas CISCO e *Check Point*, em colaboração com a empresa *CybExer Technologies*, para a realização da competição *Capture The Flag*, e da empresa *Warpcom*, para os prémios do respetivo pódio.

A fase LIVEX desenvolveu-se em duas localizações, no Campo Militar de Santa Margarida, com o emprego da componente tática de ciberdefesa no exercício DRAGÃO 21, enquadrado na MS02, e nas instalações cedidas pela Academia Militar no seu Destacamento da Amadora, para as restantes missões.

O *Distinguished Visitors Day* decorreu na Academia Militar - Destacamento da Amadora, a 11 de novembro, tendo sido presidido pelo Tenente-General Rui Davide Guerra Pereira, Vice-Chefe do Estado-Maior do Exército, que na sua intervenção reforçou a importância do empenhamento da capacidade tática em operações terrestres, um dos principais pilares do CIBER PERSEU, destacando a inovação e a cooperação entre as nações e os parceiros, desenvolvendo relações de confiança e construindo sinergias, e concluiu agradecendo a participação de todas as entidades envolvidas, nomeadamente das delegações estrangeiras, das empresas privadas e do setor público, salientando que são atividades como o CIBER PERSEU que permitem criar o *networking* e o treino necessário para, numa situação de calamidade a nível global que possa vir a ocorrer no ciberespaço de interesse nacional, permitir responder adequadamente, de forma assertiva e eficaz. ✍

> **"O Exército reforçou em 2021 o pilar tático do CIBER PERSEU, colocando ênfase no treino operacional em operações no ciberespaço..."**

Seminário de Segurança Militar 2021

A Segurança Militar – Normas para atuação

O que fazer perante uma quebra ou violação da segurança, à luz do atual enquadramento legal, levou o Comando das Forças Terrestres, na qualidade de entidade detentora da autoridade técnica e funcional da segurança militar no Exército, a juntar, num só fórum, 155 especialistas, militares e civis, para debater esta questão

Texto : TCor Inf José Carvalho | G2/CFT

No dia 14 de outubro decorreu, no Auditório Marquês de Sá da Bandeira, no Aquartelamento da Amadora da Academia Militar, o Seminário de Segurança Militar 2021, organizado pelo Comando das Forças Terrestres, na qualidade de entidade detentora da autoridade técnica e funcional da segurança militar no Exército, subordinado ao tema geral *A Segurança Militar – Normas para atuação*.

O seminário teve como objetivo juntar, num só fórum, especialistas que permitissem identificar, dar respostas ou indicar caminhos, no quadro da segurança militar, a uma das questões que atualmente preocupa as Unidades, Estabele-

cimentos e Órgãos (U/E/O) do Exército: "o que fazer perante uma quebra ou violação da segurança, à luz do atual enquadramento legal."

A sessão de abertura foi presidida pelo Vice-Chefe do Estado-Maior do Exército, Tenente-General (TGen) Rui Davide Guerra Pereira, que destacou, na sua intervenção, a relevância do seminário como um contributo para a melhoria da mentalidade de segurança e que esta deve estar presente a todos os níveis, desde o General mais antigo ao militar mais moderno. Além da cadeia de comando do Exército, estiveram presentes o Diretor da Polícia Judiciária Militar (PJM), o Diretor do Centro de Informações e Segurança Militar (CISMIL) do Estado-Maior-General das Forças Armadas (EMGFA), os Comandantes, Elementos Coordenadores de Segurança e Oficiais de Segurança das diferentes U/E/O do Exército, tendo o evento contado com a participação de 155 militares e civis, de forma presencial ou por via telemática.

O programa do seminário incluiu dois painéis, o primeiro dedicado ao "enquadramento legal, normas de atuação e desafios para a segurança militar" e o segundo à "caracterização da ameaça e aos desafios colocados à Marinha, ao Exército e à Força Aérea, na execução das tarefas de segurança militar".

A primeira intervenção, a cargo do CISMIL, apresentou o *estado da arte* relativamente ao processo de desenvolvimento das *Normas Orientadoras para as Regras de Empenhamento e Postura das Forças Armadas*. Esta comunicação, além de apresentar este processo, transmitiu à audiência que os trabalhos se encaminham para a produção de um diploma legal que enquadre o uso da força, pelos militares das Forças Armadas, no cumprimento das suas missões de proteção e segurança. Com o referido documento, ainda em desenvolvimento, pretende-se criar condições para o incremento da proteção das instalações militares, locais de serviço e outros, nos quais os militares estejam autorizados a circular ou permanecer com material militar, de modo a salvaguardar a sua segurança na execução de missões em Território Nacional (TN).

Na segunda intervenção, do primeiro painel, a cargo do Departamento de Assessoria Jurídica e Contencioso do Gabinete do Chefe do Estado-Maior do Exército, foi efetuada a apresentação do enquadramento legal em vigor. Nesta intervenção foi enfatizado que este enquadramento legal, além do que decorre dos diplomas legais, se materializa, também, através das disposições adotadas em sede de doutrina militar, designadamente através das Instruções de Segurança Militar, aprovadas por despacho conjunto do Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas e dos Chefes dos Estados-Maiores dos Ramos, ou seja, por diplomas sem força de lei, ao contrário do que se observa em outros domínios da segurança nacional. Foi, ainda, apresentado, em jeito de conclusão, que o tendencial aumento, em complexidade, dos assuntos relativos à segurança nacional e o inerente incremento de potenciais colisões com a esfera de direitos, liberdades e garantias, bem como a exigência de atuação concertada entre diversas entidades, obrigará, à luz dos princípios constitucionais, à sua regulação por via de diplomas com força de lei.

Na intervenção seguinte, a cargo da PJM, foi referido que a mesma possui jurisdição em todo o TN e nos Teatros de Operações (TO) onde estejam presentes Unidades militares portuguesas. Foi igualmente referido que a PJM tem competência específica para a investigação dos crimes de natureza estritamente militar e competência reservada para a investigação de crimes comuns cometidos no interior das U/E/O militares. Foi ainda salientado que, pese embora o primeiro contacto possa ser efetuado com outro órgão de polícia criminal, tendo em vista a adequada avaliação da situação ou a mediação do procedimento, qualquer ocorrência deverá ser sempre comunicada à PJM, por força da possibilidade de concursos de crimes não detetados inicialmente, mas que tenham enquadramento no normativo em vigor.

A última comunicação, do primeiro painel, ficou a cargo da Divisão de Cooperação, Operações, Informações e Segurança do Estado-Maior do Exército, que expôs os desafios à adequada im-

plementação das normas em vigor, referindo que tais desafios são entendidos parcialmente, fruto da identificada falta de abrangência dos atuais normativos enquadrantes, justificando assim a necessidade das suas revisões. Desta forma, apresentou-se como compreensível que só através da readequação das medidas, dos processos e procedimentos, definidos naquilo que pode ser classificado como "um normativo de segurança militar", é que serão criadas as condições necessárias para atingir a globalidade dos objetivos da segurança militar.

O Centro de Segurança Militar e Informações do Exército deu início às comunicações do segundo painel. Na sua apresentação referiu que a segurança militar se materializa na implementação de medidas para fazer frente a uma ameaça (que incorpora os vetores da intenção, da capacidade e da oportunidade) e que essa deve ser reduzida ao mínimo, através da implementação das medidas de segurança adequadas. Cientes que a análise da evolução da ameaça, ao longo dos últimos cinco anos, permite concluir que o impacto dos mesmos para a Instituição Militar (IM) acaba por ter uma expressão reduzida, no entanto, não significa que a IM não esteja exposta aos riscos associados a formas de ameaça como o terrorismo, a espionagem, a subversão, a sabotagem, o crime organizado e a agitação social. Em jeito de conclusão foi salientado que continua a constituir-se como essencial, que os relatórios dos incidentes de segurança militar sejam correta e oportunamente elaborados, transmitindo com rigor "quem fez o quê, quando, onde e como".

As últimas comunicações do seminário foram efetuadas pelos representantes das polícias Naval, do Exército e Aérea, nomeadamente da Unidade de Polícia Naval, do Grupo de Polícia do Exército e do Gabinete Coordenador de Segurança Militar da Força Aérea. De uma forma global e após terem sido apresentados os desafios, com que se confrontam diariamente estas Unidades militares, dos três Ramos, pese embora as diferenças na conduta do dia a dia, tornou-se possível identificar um elemento comum entre todas. Este elemento é a inexistência de um corpo normativo – *Rules of Engagement*/Regras de Empenhamento/Normas de Conduta –, subordinado à avaliação da *necessidade* e da adoção da *proporcionalidade*, acompanhadas de uma restabelecida *postura orientada para a missão*. Embora esse corpo normativo não constitua uma solução global foi reconhecido que permitirá contribuir para colmatar algumas lacunas ou limitações de atuação, com que as Unidades militares ainda se deparam em TN, sob o ponto de vista da execução no terreno e do quadro legal de atuação das Forças Armadas. No entanto, as mesmas encontram respaldo em normativos, quando essas mesmas Forças militares se deslocam para TO, em missões humanitárias e de paz, ou mesmo em TN, em situações particulares, em que foram produzidas normas próprias, como quando foi decretado o Estado de Emergência em Portugal.

Nas conclusões, a cargo do 2.º Comandante do Comando das Forças Terrestres, o Major-General Francisco Xavier Ferreira de Sousa salientou alguns dos conteúdos que derivaram dos períodos de debate entre os palestrantes e a audiência. Desse período destacam-se os desafios

apresentados, centrados na existência ou no surgimento de novos normativos enquadradores, que poderão implicar revisões de outros normativos atualmente em vigor no Exército, bem como a possibilidade da existência de áreas de dupla responsabilidade, envolvendo entidades do Ramo e estranhas a este. Salientou que as propostas de legislação, que se encontram em elaboração no EMGFA, tiveram em conta como os outros países europeus lidam com os desafios já referidos e quais os mecanismos que implementaram, para lhes fazer frente e que contemplam a atuação dos militares nas novas missões, no quadro do Apoio Militar de Emergência, mas que não irão dar resposta a todas as situações. Replicou, ainda, a convicção, comum aos diferentes oradores, de que uma atuação mais confiante e segura por parte das polícias militares estará dependente da existência de normas, com força de lei, que lhes confira autoridade e as orientem na sua ação.

Na sessão de encerramento, o Comandante das Forças Terrestres, TGen António Martins Pereira, colocando em perspetiva todo o conteúdo das comunicações, debate e conclusões, enfatizou que a finalidade e os objetivos do seminário tinham sido atingidos, permitindo, no mínimo, adensar as dúvidas, originar a reflexão e a revisitação de um conjunto de regras e normativos que enquadram as possibilidades de atuação no domínio da segurança. Reforçou, ainda, que este fórum possibilitou identificar as linhas fundamentais a considerar para a adequabilidade das atuações nos diversos contextos de operação das Forças Armadas, nomeadamente os que configuram situações que possam envolver o uso da força.

O TGen Martins Pereira, sublinhou que a eventual colisão com direitos, liberdades e garantias exigem uma atuação coordenada entre as várias entidades. Considerando que a regulação com diplomas com força de lei poderá melhorar os normativos em vigor no Exército, relembrou que existem no Código de Justiça Militar algumas prescrições que podem ajudar a enquadrar situações de intrusão ou perturbação das atividades militares em curso. Relevou a evolução dos trabalhos tendentes à produção de um diploma legal, conducente a clarificar as diversas dimensões da segurança militar, mas destacou que esse diploma não conseguirá resolver todas as situações, fruto da difícil construção das mesmas, num ambiente de complexidade crescente, que envolve a segurança nacional e, em particular, a segurança militar. Complementou, anunciando a continuação desta tipologia de eventos, numa base anual, importantes na promoção do incremento contínuo da sensibilização na área da segurança. Destacou, ainda, a realização do próximo exercício de segurança do Exército, o ALERTA 21, que possuirá uma vertente de pesquisa da informação, cujo objetivo será aumentar a previsibilidade, e uma outra vertente, na área da segurança, que se pretende que permita a prática das boas soluções anteriormente identificadas. ✍

Protocolo Santander Totta

Um acordo que vale vantagens

No Santander Totta queremos ter uma relação privilegiada com os nossos clientes através dos Protocolos Colectivos. Por isso, criámos condições muito vantajosas para si!

Santander Totta

santandertotta.pt

[Queluz]

2.º Sargento Cláudia Azevedo

(na situação de Reserva de Disponibilidade)

> **"Em 2014, após a conclusão da minha licenciatura, senti que necessitava de um desafio pessoal que me fizesse sair da minha zona de conforto e crescer emocionalmente."**
>
> [2.º Sargento Cláudia Azevedo]

A 2.º Sargento Cláudia Azevedo narrou-nos a sua experiência ao serviço do Exército Português, agora que passou à Disponibilidade

"Sou a 2.º Sargento Cláudia Sofia Magina Azevedo, na situação de Reserva de Disponibilidade, tenho 28 anos e sou natural de Rio Mau, em Penafiel.

Em 2014, após a conclusão da minha licenciatura, senti que necessitava de um desafio pessoal que me fizesse sair da minha zona de conforto e crescer emocionalmente.

Perante as dificuldades do mercado de trabalho, vi na abertura do concurso para o 1.º Curso de Formação de Sargentos Regime de Voluntariado/Regime de Contrato (CFS RV/RC) de 2015 um conjunto de oportunidades que não poderia perder e prontamente me inscrevi. Após realizar as Provas de Classificação e Seleção, iniciei o curso na Escola de Sargentos do Exército, a 4 de maio de 2015 e, de seguida, a especialidade de Transmissões na Escola das Armas.

Ao longo do período de formação foram diversos os desafios com que me deparei. Camaradagem, entreajuda e espírito de sacrifício são três virtudes bastante presentes nessa fase.

Em outubro de 2015, fui colocada no Regimento de Artilharia Antiaérea n.º 1. Desempenhei funções na Secção de Comunicações e Sistemas de Informação, trabalho bastante desafiante, com necessidade de aprendizagem e desembaraço constante. Nesse período estive maioritariamente focada na implementação e administração da plataforma de Gestão Documental *Gesdoc*.

Posteriormente e até términus do contrato, desempenhei também funções na Secretaria de Comando, Secção de uma maior responsabilidade, que exige elevada atenção e organização.

Paralelamente, realizei várias cerimónias militares e atividades no âmbito do Plano de Apoio Militar de Emergência.

Recentemente na situação de Reserva de Disponibilidade, são grandes as memórias que guardo do Exército Português e vejo que nestes últimos seis anos cresci bastante emocionalmente. Todas as tarefas que nos colocam à prova são bagagem que guardamos para o futuro."

[Rússia]

ZAPAD 2021

Um Exercício para Refletir

Fonte : Vitaly Nevar/TASS

As principais manobras ZAPAD-2021 (Oeste 2021) decorreram em 2021, no período de 10 a 16 de setembro. Tratou-se de um exercício planeado e conduzido pelo Estado-Maior Estratégico das Forças Armadas russas que envolve o Distrito Militar Ocidental Russo, a Bielorrússia e áreas sob o Comando Estratégico Conjunto da Frota do Norte.

Todos os anos, desde 2009, manobras em grande escala têm vindo a ocorrer em rotação por diferentes regiões da Rússia: Zapad (Oeste), Vostok (Leste), Tsentr (Centro) e Kavkaz (Cáucaso).

Estes exercícios – que ocorrem a cada quatro anos - permitem ao Estado-Maior russo desenvolver novos conceitos, testar a integração civil-militar, experimentar novas organizações de Forças, mobilizar reservistas e, ainda, testar a sua organização logística.

Embora se tenham tornado relativamente rotineiras, estas manobras militares continuam a ser uma demonstração de poder que ajuda a manter a credibilidade operacional russa, sobretudo, diante da NATO.

De facto, mesmo que se possa considerar que Forças militares russas são inferiores às da NATO, este tipo de exercícios permite retirar ilações sobre as perdas que se possam vir a registar num presumível conflito regional ou de alta intensidade.

Na sua última edição, o foco do exercício foi colocado na defesa dos interesses de Moscovo na Bielorrússia. Com efeito, este país ocupa uma posição geográfica estratégica importante porque é o ponto de passagem obrigatório para a conquista da área de Smolensk e, por conseguinte, de Moscovo.

O exercício ZAPAD-2021 apresentou duas fases. Nos primeiros três dias, as Forças russas simularam uma intervenção da NATO na Bielorrússia, à qual os dois países responderam em conjunto. Desta forma proporcionou-se às Forças Armadas russas testarem as suas capacidades de mobilização, convocando reservistas para, de seguida, projetá-los para um Teatro (nove campos de manobra na Rússia e cinco na Bielorrússia) fora das suas áreas de guarnição. O *ataque* da NATO foi acompanhado por significativa atividade ar-terra.

A segunda fase consistiu em estabilizar a situação e degradar as capacidades ofensivas do inimigo, arrastando-o para zonas de morte, para ser diminuído/enfraquecido por fogos convencionais – e, eventualmente, nucleares táticos - antecedendo uma contraofensiva vigorosa. Ao mesmo tempo, foram simuladas ações de desestabilização (*e.g.* a fim de fomentar greves laborais) nos países agressores para infligir-lhes o máximo de perdas e fazê-los compreender o custo de sua atitude hostil.

Referências :
https://raids.fr/2021/09/10/les-grandes-manoeuvres-qui-font-peur-a-leurope/

[França]

"Ganhar a Guerra antes da Guerra"

O Grande Objetivo nas Forças Armadas Francesas

As Forças Armadas enquanto atores essenciais na estratégia de defesa e segurança nacionais, permanentemente prontas para enfrentar grandes conflitos, atuando em todos os cenários e tipologias de confrontação, devem conseguir "ganhar a guerra antes da guerra"[1]. É com esta expressão que o General Thierry Burkhard[2] inicia a comunicação da sua visão estratégica para as Forças Armadas francesas, apresentada em outubro passado.

Documento enquadrador e pleno de orientações, a visão estratégica para as Forças Armadas francesas está norteada por valores militares e de ética, traduzindo um compromisso em servir os Franceses, satisfazendo as reais necessidades da França com eficiência, eficácia e sem despesismo.

Com preocupações que decorrem da atual situação mundial, nomeadamente, a competição entre grandes potências, o rearmamento e a desinibição de certas potências regionais, a proliferação de focos de crise – cujo corolário é o aumento dos fluxos migratórios – e a crescente ameaça terrorista, este responsável militar indica ser necessário abraçar as mudanças contra as quais não podemos agir e aproveitar todas as oportunidades para defender os interesses estratégicos do seu país e, por acréscimo, da Europa.

Concretamente para o exército francês, a visão estratégica, estratificada em diferentes horizontes temporais (julho de 2021, 2022, 2025 e 2030), encontra-se materializada no mapa apresentado na figura, onde se regista a existência de um grande objetivo a atingir (Exército FORTE[3]), através do desenvolvimento de dezasseis projetos[4] diferentes, distribuídos por quatro eixos de esforço: pessoal, capacidades, treino e simplificação de processos.

Mapa Estratégico do Exército Francês

Referências :
https://www.defense.gouv.fr/ema/chef-d-etat-major-des-armees/actualite/la-vision-strategique-du-chef-d-etat-major-des-armees/

[1] *Gagner la guerre avant la guerre.*
[2] General Thierry Burkhard, *Chef d'état-major des armées*, França, *in* Visão Estratégica.
[3] "… Exército endurecido, pronto para enfrentar os choques mais duros, até um grande confronto e capaz de vencer…", ambição manifestada pelo General Thierry Burkhard.
[4] Incluem-se quatro novos projetos associados aos eixos de esforço do pessoal (2) e das capacidades (2).

Dragões de Angola
Tropas a Cavalo

A Cavalaria clássica e a sua homónima aérea, em 1970, no leste de Angola
Foto: Fernando Farinha

Um testemunho, vivo e próximo, sobre uma invulgar e lendária Unidade do Exército Português que serviu em África no crepúsculo do império

Texto: Dr. João Costa Ferreira | Médico veterinário, antigo Alferes miliciano dos Dragões de Angola, Colaborador do *Jornal do Exército*

A guerra faz-se conforme o inimigo. Em Angola, se havia metralhadora não fazia parte da tática do inimigo ficar agarrado a ela, resistindo a uma Força que, com mais ou menos baixas, o vai envolver retirando-lhe a possibilidade de fuga e especificamente nas matas do Leste não havia arame farpado. O terreno que tínhamos pela frente, suavemente ondulado, de piso macio, possibilitava que os cavalos não usassem ferraduras e, com um arvoredo ralo, era propício a uma boa galopada, salvo em afloramentos de mata cerrada e linhas de água de margens atascadiças, circunstâncias que nos obrigavam, por vezes, a assumir a nossa dupla vocação, apear e atuar como Força de Infantaria.

A maneira como o passámos a fazer, se não foi invenção nossa, foi talvez a descoberta do já descoberto, mas para nós foi uma invenção. Atrevo-me a dizer nós, porque, aquando das primeiras operações que efetuámos a nível de Esquadrão, colaborei entusiasticamente na busca da solução, em momentos inolvidáveis, quando nas marchas itinerárias de regresso a Silva Porto, fora da zona de intervenção, no relaxe de uns quantos dias de forte tensão, com as rédeas no pescoço dos cavalos e estes a perceberem para onde iam, sem precisarem de serem empurrados (faziam mais um quilómetro por hora, passando dos seis para os sete), e nos altos para pernoita, à volta de uma generosa fogueira, saboreávamos o que restava da ração de combate, agora menos má porque aquecida, fazíamos a avaliação da operação.

Confrontávamos os saberes da experiência, do até ali Pelotão a Cavalo do Tenente Manuel Veloso, com o que aconteceu e podia ter acontecido *versus* o que gostaríamos que tivesse acontecido. Tudo isto na perspetiva de que iríamos brevemente deixar de estar colocados em quadrícula, mas a ser considerados como tropa especial de intervenção, em proveito de um comando de escalão superior, e como tal iríamos passar a atuar em zonas onde o contacto com grupos armados seria de alta probabilidade.

Foram essas reflexões – fruto da sólida cultura militar do Capitão Vasco Ramires e da sua grande identidade com o cavalo, no confronto com uma realidade, que aquelas primeiras operações nos davam do inimigo que tínhamos pela frente, do terreno que pisávamos, do equipamento que dispúnhamos e do que não dispúnhamos e, muito importante, da qualidade humana das Nossas Tropas (NT), presentes e futuras – que definiram um modo de atuação, passado ao papel, constituindo o manual de instrução, a que o Capitão Vasco Ramires chamou: *Tática do Pelotão a Cavalo – Estudo da atuação do Pelotão em diversas situações de campanha*.

Definiu-se o trio como o elemento base de organização do Pelotão e foi-se concebendo a formação tática de base para atuação na mata. Passávamos do tudo em linha, para uma formação mais elaborada. Perdia-se em extensão de frente, mas ganhávamos em poder ofensivo e de manobra, com a formação de uma segunda e terceira linhas.

O Pelotão orgânico tinha 42 homens e 43 cavalos organizados em Esquadra de comando: Alferes, clarim (elemento de ligação), ferrador, radiotelegrafista, enfermeiro, baste; e três Secções, cada uma a duas Esquadras e estas a dois trios, chefe de fila, guarda cavalos e cerra-fila.

À ordem de apear, cada Esquadra libertava para combater, como se de Infantaria se tratasse, uma Equipa de quatro homens, seis equipas no total, integrando-se o Alferes na 1.ª Equipa da 3.ª Secção, substituindo o seu comandante que ficava a comandar o estacionamento com os sete homens restantes.

A manutenção das posições relativas de cada um na formação era coisa sagrada, para obviar a que, inadvertidamente, alguém ficasse para trás ou nas pontas se desviasse e se perdesse. Todos tinham de saber quem estava à sua frente, à direita, à esquerda e atrás, e com eles estar em permanente ligação. Em zonas de mata mais densa, onde não se tinha a visão do conjunto, progredir com uma frente de grande elasticidade e inevitáveis inflexões de direção ditadas pelas condições do terreno ou por uma situação de reação e perseguição, alguém se perder era muito fácil de acontecer e para quem comandava era uma preocupação permanente.

Transporte de militar ferido

Força de Cavalaria, "À carga"

Mas o que trazia de novo à luta antiguerrilha a ação das tropas a cavalo? Além de mais área batida, de uma ação de presença mais impactante e de uma maior eficácia nas medidas de deceção, o que verdadeiramente distinguia estas tropas, o que fazia a diferença, era a sua capacidade de perseguição pondo em causa o princípio do guerrilheiro de não se deixar apanhar.

A nossa missão era bater a mata na procura de populações fugidas, voluntariamente ou coagidas, e que proporcionavam pontos de apoio à guerrilha, sempre na iminência de tropeçar num dos grupos armados que as enquadravam. Tanto quanto julgávamos saber, esses grupos eram constituídos por oito a dez guerrilheiros muitos deles armados, já com armas automáticas, com uma reação imprevisível num contacto connosco, que podia ir do largar a arma para melhor fugirem, o que normalmente aconteceu, ou reagir a tiro, o que não era muito espectável que acontecesse, mas aconteceu.

Enquanto uma Força apeada num contacto preparado pelo Inimigo (In), numa emboscada, em que previamente e com o maior cuidado, este planeou as rotas de fuga, não temia a perseguição, tinha mais rapidez a fugir que as NT a perseguir e, por isso, a perseguição nunca acontecia; com as tropas a cavalo a coisa era diferente e a capacidade de perseguição existia, e de que maneira. Pelo que fica dito e pela imprevisibilidade do nosso itinerário, nunca os Dragões, os propriamente ditos, a tropa a cavalo, foram emboscados e nos encontros inopinados com grupos armados levaram sempre a melhor, sem baixas por morte e com armas e guerrilheiros apanhados.

Como exemplo, veja-se o texto do louvor que deu origem a uma Cruz de Guerra do Soldado Frederico Capinha Ramos: "...apercebeu-se da existência de um acampamento, do qual se aproximou em companhia de um seu camarada, e a curta distância verificou tratar-se do acampamento em que se encontrava o grupo In perseguido. Então, lançou o seu cavalo à carga sobre este, fazendo ao mesmo tempo fogo. Tendo sido alvejado com rajadas de pistola-metralhadora, feitas pelo único elemento In que não debandou, foi atingido por um projétil no carregador da sua arma e por dois o seu cavalo, que quase caiu. No entanto, esporeando a sua montada fê-la erguer-se e lançando-se de novo sobre o elemento In que o alvejara, provocou também a sua fuga."

Na dita guerra clássica, com o In identificado e localizado pela frente, a ordem "À carga" é precedida pelas de "Ao trote" e de "Ao galope". É a última ordem que o comandante da Força de Cavalaria dá. Daí para a frente é um: *seja o que Deus quiser!* No turbilhão desencadeado, cada um fica entregue a si próprio, ao controlo maior ou menor da explosão da adrenalina que, com a gritaria e aos tiros ou à espadeirada, procura descarregar no In, ultrapassando-o a caminho do ponto de reunião, voltando a formar para nova carga se for o caso.

Não era assim connosco nas matas do Leste, nem podia ser. O In surgia-nos inopinadamente, a reação tinha de ser imediata e a voz de carregar era dada pelo primeiro que se confrontasse com a situação, só por mero acaso seria dada pelo comandante da Força.

O apear, para depois reagirmos, estava totalmente fora de questão, por completamente inadequado. Assim sendo, a nossa formação tinha de estar preparada para a reação imediata, opção tática que possibilitava uma carga de três vagas. A primeira executada pela 1.ª linha iria destroçar o In, que ou tinha grande coração e continuava a fazer fogo ou fugia para escapar à 2.ª linha que lhe caía em cima, sendo certo que a fuga era cada vez mais problemática porque já estavam entalados entre a 1.ª e a 3.ª linha.

Na fase da guerra que enfrentávamos, o In (o guer-

"Mas o que é isso do espírito cavaleiro? Será o que faz a diferença, condescende, mas, de onde vem? É alguma unção? São tocados por alguma varinha mágica? Como se cria esse espírito?"

rilheiro), a última coisa que podia pôr em risco era a sua vida. Ele estava ali para molestar, para fazer prova de existência e só com isso cumpria em grande parte a sua missão.

Mas como fazer intuir ao cavaleiro que, ao invés do que era para a Infantaria o procedimento instintivo, recomendado e treinado, de se atirar para o chão como reação primeira ao fogo inimigo, procurando desaparecer como alvo e, só a partir dessa posição, reagir sob comando, para os cavaleiros a solução era carregar como reação imediata, atirarmo-nos para cima de quem nos está a alvejar, de peito feito em cima de um cavalo, constituindo um grande alvo, tendo como armamento a G3, excelente como espingarda de assalto da Infantaria, mas para nós, um trambolho que não se podia manusear com uma só mão, tínhamos de apoiá-la no antebraço esquerdo, fazendo um tiro enviesado com o sentido da marcha. Com o tempo passei a pôr a minha G3 no cavalo de baste e a levar na mão somente a pistola *Walther*, solução mais tarde generalizada quando todos iam armados de G3 e pistola.

Como levar o cavaleiro a adotar este comportamento?

Ao Fernando Farinha - uma lenda daquela guerra, como repórter na altura ao serviço da revista *Noticia*, desde Nambuangongo até à guerra civil que deixámos em Angola e que foi quem mais rações de combate comeu, mais quilómetros fez, a pé e connosco a cavalo, quem mais de perto (leia-se debaixo de fogo) e, durante mais tempo, viveu a Guerra do Ultramar - intrigou profundamente o comportamento das tropas a cavalo, quando confrontadas com fogo inimigo.

Ele confrontou o Capitão Vasco Ramires (eu também estava presente) com a questão:

- Como era possível a partir do recrutamento geral, com muito pouca seleção e em pouco tempo, preparar uma tropa capaz de assumir como normal semelhante comportamento?

Lembro-me do Capitão Vasco Ramires olhar para ele atónito e dizer:

- Mas que raio de pergunta, então não se está mesmo a ver, é o espírito cavaleiro.

Fernando Farinha não se deu por achado e insiste:

- Mas o que é isso do espírito cavaleiro? Será o que faz a diferença, condescende, mas, de onde vem? É alguma unção? São tocados por alguma varinha mágica? Como se cria esse espírito?

Percebia perfeitamente as dúvidas do Fernando Farinha. Para ele era claro como se criava, em tropas como os *Comandos*, uma mística própria, mas isso pressupunha uma alta taxa de seleção, o que não acontecia nas tropas a cavalo: dos recrutas poucos eram dados como inaptos, não havia muito por onde escolher.

Eu estava refletindo na matéria, era questão que já me tinha colocado... e, pouco a pouco, lá fomos construindo uma explicação.

Afinal, pouco ou mais nada há a dizer das causas e consequências do espírito cavaleiro. A diferença não está no homem... está no cavalo. É um caso típico em que a resultante é maior que a soma das partes.

Uma pausa, algures no leste de Angola
Foto: António Alves Monteiro

Linhas de Torres Vedras – Percursos

O Nó das Linhas (Parte I)

Fonte: RHLT

Este é o mais central de todos os percursos, do ponto de vista geográfico e também viário, e faz-se por terras de Mafra e Loures, entre a Malveira e Bucelas. A passagem nesta região de um dos principais acessos a Lisboa, vindo de Torres Vedras, e sua ligação com as vias para: Mafra, em direção ao mar; Bucelas, rumo ao rio; Montachique, no caminho para a capital; bem como o acentuado relevo conduziram à edificação de um conjunto assinalável de fortificações nesta zona. Nem todas são hoje perfeitamente visíveis, mas algumas delas foram intervencionadas e é sobre elas que escrevemos e convidamos a visitar.

O Centro de Interpretação das Linhas de Torres de Bucelas, que foi já objeto de menção no último roteiro desta rubrica, poderá ser o ponto de partida ou de chegada do presente percurso, ficando ao critério do viajante esta escolha. Se acabou de concluir o último roteiro e pretende de seguida realizar o atual, e até depois passar ao sexto percurso (*Do Palácio ao Atlântico*), a opção mais lógica, e por isso recomendada, é seguir na direção Bucelas-Malveira, dado que ao terminar um percurso ficará muito próximo do início do seguinte.

Texto : TSup João Moreira Tavares | Redator do JE

Se não é esse o caso, experimente começar este passeio na Malveira, povoação do concelho de Mafra, célebre, entre outras coisas, pela sua feira semanal, de existência anterior às Linhas e que dá nome a um dos seus fortes. A obra n.º 66, como também este reduto é denominado, não dista muito da estrada nacional 8 (a antiga Estrada Real vinda de Torres Vedras). A ela se chega a partir do cruzamento da estrada com a Alameda Professor Doutor Leite Pinto e depois pela Rua do Forte. São apenas cerca de 350 metros e encontrará sinalização ao longo do caminho.

O Forte da Feira controlava a estrada para onde apontam as suas seis canhoneiras e localiza-se no centro de um complexo que totaliza 19 redutos, dos quais dois – o do Matoutinho e o de Santa Maria - dele se avistam, por entre as casas e árvores que o rodeiam, com a ajuda de pontos de observação marcados no solo.

Porém, é a reedificação quase total do paiol que sobressai neste forte, depois dos trabalhos arqueológicos, realizados em 2010/11, o terem resgatado de debaixo do solo e permitido a sua reconstituição. Situado no centro da fortificação está semienterrado entre muros de pedra, sobre os quais assenta uma estrutura de madeira que o cobre, que por sua vez é coberta por terra, reforçando a sua proteção e ajudando também

O paiol do Forte da Feira Fonte: RHLT

à sua dissimulação. O acesso era feito por uma porta e no seu interior um estrado de madeira protegia a pólvora da humidade presente no chão. No exterior quatro traveses de terra rodeavam o paiol e um outro, em formato de cotovelo, defendia a entrada do forte, cuja defesa se fazia também por um fosso escavado na rocha, ainda perfeitamente visível.

Após terminar a visita deverá seguir para o Casal do Andrade, já no concelho de Loures, entroncamento que lhe permitirá aceder a quase todos os restantes pontos deste percurso. Do Forte da Feira até lá são cerca de nove quilómetros, optando pela Nacional 116. Ao chegar à Nacional 8 vire à direita e, um pouco mais à frente, na rotunda siga para a Venda do Pinheiro e, depois, vá na direção de Bucelas até ao cruzamento com a Nacional 374-2 e vire, novamente, à direita, para Lousa/A8 e tome a direção para Cabeço de Montachique, virando à esquerda.

Em 1810, esta localidade, no sopé do cabeço rochoso que lhe dá o nome, tinha 158 fogos que albergavam cerca de 700 habitantes e ali foi instalado um importante bivaque para sustento das tropas e apoiar a resistência no caso de um hipotético rompimento da 1.ª Linha em Torres Vedras por parte do exército francês.

O Casal do Andrade fica já fora da povoação, no sentido de Loures, e não está identificado. Saberá que chegou lá quando vir na estrada indicações para o parque municipal e para o miradouro de Montachique.

Comece por subir ao cabeço rochoso, vestígio de uma muito antiga chaminé vulcânica e o ponto mais elevado do concelho de Loures, cujos 409 metros de altitude lhe dão uma ampla panorâmica sobre toda a região envolvente e até para o Tejo e ponte Vasco da Gama. O local foi por isso também escolhido, em 1810, para acolher um posto de sinais, vital para a comunicação nas Linhas. De Montachique se comunicava para norte através da serra do Socorro, onde estava a estação central das Linhas, e também para sul, com Lisboa, através dos postos de sinais instalados nas serras de Serves e de Monsanto e no castelo de S. Jorge. Nos dias de hoje, no cabeço ergue-se uma torre de vigia e recentemente passou a contar com um baloiço panorâmico, o que é mais um atrativo para o visitar.

Retorne ao Casal do Andrade. Ao chegar à estrada principal siga em frente e vire para o parque municipal. Não demorará muito até avistar à sua direita um caminho de terra batida paralelo à estrada e que dela se vai progressivamente afastando. O Forte do Mosqueiro, o próximo ponto a visitar, está escondido entre as árvores, um pouco mais acima e à direita desse caminho. Parta à sua descoberta e dos restantes redutos no próximo número…

O Forte do Mosqueiro Fonte: RHLT

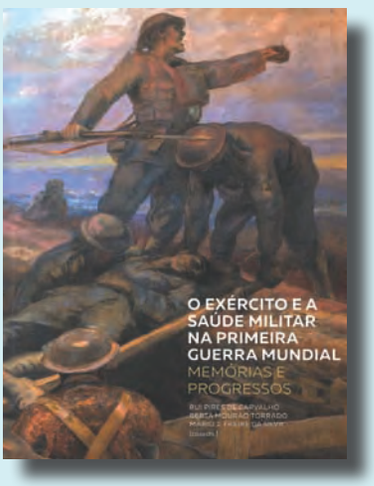
Exército Português 1974-2019: 45 Anos em Democracia

O mais recente trabalho do General Rovisco Duarte retrata "com cuidada pesquisa histórica, honestidade e, até, elegância, tudo o que se reporta ao Exército em democracia, de 1974 a 2019, tudo o que poderá ser relevante, designadamente o relacionamento político-militar, levantamento de capacidades militares, reestruturações e transformações, gestão de recursos, leis de programação".
No prefácio do livro, o General Ramalho Eanes refere que o autor deixa "um legado extensivo de informação e análise que possibilita, além do mais, a sua utilização em posteriores trabalhos que possam vir a ser realizados".

DUARTE, Rovisco, *Exército Português 1974-2019: 45 Anos em Democracia*, Seda Publicações, 2021

O Exército e a Saúde Militar na Primeira Guerra Mundial: Memórias e Progressos

Na Primeira Guerra Mundial, a participação de Portugal teve lugar nos Teatros de Operações da Europa, assim como nos territórios de Angola e Moçambique. Nesta publicação é retratada a vertente da saúde militar durante a guerra, por via do desempenho das Forças do Exército. O livro materializa um importante passo na preservação e divulgação do que foi a saúde militar na época, graças a uma vasta e detalhada investigação, levada a cabo por um conjunto alargado de personalidades que contribuíram para a elaboração desta obra.



CARVALHO, Ruis Pires de, SILVA, Mário Freire e TORRADO, Berta Mourão (Coord.), *O Exército e a Saúde Militar na Primeira Guerra Mundial: Memórias e Progressos*, Biblioteca do Exército, 2021

Brigada de Intervenção

A revista da Brigada de Intervenção (BrigInt) é publicada anualmente e tem como objetivo a divulgação das suas atividades, sejam elas do âmbito da atividade operacional, da formação, das missões de apoio ao desenvolvimento e bem-estar das populações ou da história e cultura militares.
Neste vigésimo número, a revista aborda diversas temáticas, evidenciando a atividade operacional da BrigInt, a formação militar e o papel das Forças em treino e em prontidão; assim como o apoio que foi dado no combate à pandemia e os futuros desafios desta Brigada.

Brigada de Intervenção: Força Blindada de Rodas, n.º 20, junho de 2021

The French Dispatch

O filme dá vida a um conjunto de histórias da última edição de uma revista americana, publicada numa cidade francesa fictícia, Ennui-sur-Blasé, no século XX. Por ocasião da morte do editor da revista, Arthur Howitzer Jr., a sua equipa reúne-se para escrever o seu obituário.
The French Dispatch é um filme que serve como uma carta de amor aos jornalistas. O filme conta com artistas como Timothée Chalamet, Léa Seydoux, Jeffrey Wright, Saoirse Ronan, Tilda Swinton, Willem Dalfoe e outros grandes nomes de Hollywood.

Comédia/Drama, M/12

Glória

Glória é uma produção da SPi, o braço internacional da produtora nacional responsável pela série *Conta-me Como Foi*, e conta também com a RTP como parceira de produção.
Aborda a realidade da espionagem, nos anos sessenta, na pequena aldeia de Glória do Ribatejo, mas onde se situa o RARET, o centro de transmissões norte-americano que emite propaganda ocidental para o Bloco de Leste, no auge da Guerra Fria.
É a primeira série original portuguesa na *Netflix*, tendo sido filmada no Ribatejo e em Lisboa, escrita e pesquisada durante a pandemia. A sua autoria é de Pedro Lopes e a realização foi feita por Tiago Guedes.

Drama/Mistério, M/16

House of Gucci

House of Gucci é baseado na história de Patrizia Reggiani, ex-mulher de Maurizio Gucci, membro da família fundadora da marca italiana *Gucci*.
Patrizia conspirou para matar o marido, em 1995, e foi considerada culpada e condenada a 29 anos de prisão. O filme revela a importância e poder que o nome Gucci carrega e o quanto a família faz para ter o controlo dos acontecimentos, retratando quase três décadas de amor, traição, decadência, vingança e, por fim, assassinato.
O filme é protagonizado por Lady Gaga e Adam Driver e conta com atuações de Jared Leto, Jeremy Irons, Jack Huston, Salma Hayek e Al Pacino em papéis coadjuvantes.

Crime/Drama, M/12

Jornal do Exército tem novo Diretor

O Coronel de Artilharia José Augusto Oliveira Costa dos Reis é, desde 5 de novembro, o décimo nono Diretor do *Jornal do Exército.*
Nascido em 8 de outubro de 1964, em Luanda, Angola, ingressou em 1983 na Academia Militar e foi promovido ao atual posto em 2 de junho de 2014.

O *Jornal do Exército* é um órgão de comunicação social, cuja origem remonta a 7 de dezembro de 1959, quando, reunidos numa dependência do Colégio Militar, o Brigadeiro David dos Santos, os Majores Pinto Coelho, Balula Cid, Eduardo Fernandes e Tavares Figueiredo e, ainda, o Capitão José Marques redigiram a proposta de criação do *Jornal do Exército*.

Pouco depois, a 11 de janeiro de 1960, foi publicado o despacho do Ministro do Exército, Brigadeiro Afonso de Almeida Fernandes, que constituiu o ponto de partida para a materialização desta sugestão.

Finalmente, a 14 de julho de 1960, por portaria do Ministério do Exército, foi criado, formalmente, o *Jornal do Exército*, definindo-o como o "órgão de informação, cultura e recreio do Exército Português", que está prestes a completar já 62 anos de existência.

Siga o Exército
nas redes sociais

exercito.pt
@ExercitoPortuguesPRT
@exercitoportugues_oficial
Exército Recrutamento
@Exercito_pt
800 20 12 74

EXÉRCITO
PORTUGAL

EXÉRCITO
PORTUGAL
Mais informações em:
AO SERVIÇO DOS
PORTUGUESES
SEGUE-NOS NAS REDES SOCIAIS
800 201 274 (LINHA VERDE E WHATSAPP) | RECRUTAMENTO@EXERCITO.PT | \EXERCITORECRUTAMENTO

Concurso de Admissão

Colégio Militar & Instituto dos Pupilos do Exército

UMA ESCOLA PARA A VIDA

COLÉGIO MILITAR

Instituto dos Pupilos do Exército
Querer é Poder
desde 1911